



## **BREAKING BOUNDARIES**

(Counter) accounts during  
the pandemic

Letters for future generations

## **ROMPRE LES BARRIÈRES**

(Contre) rapports sur la  
pandémie

Lettres aux générations futures

## **ROMPENDO BARREIRAS**

Contra-relatos diversos  
durante a pandemia

Cartas e mensagens para as  
gerações futuras

## **ROMPIENDO FRONTERAS**

(Contra) cuentas durante  
la pandemia

Cartas para futuras generaciones

**EDITORIAL TEAM:** Diane-Laure Arjaliès, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Paula Andrea Navarro Pérez, João Paulo Resende de Lima, Sílvia Pereira de Castro Casa Nova, Greg Stoner, Mary Analí Vera-Colina

**PROJECT MANAGER:** Julia Bevacqua

**GRAPHIC DESIGNERS:** Chris Hansen, Lisa Peter Ross



ISBN: 978-0-7714-3163-0

© 2021. This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA. / © 2021. Cette œuvre est protégée par la licence Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Pour consulter une copie de cette licence, visitez le site <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> ou envoyez un courrier à Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA. / © 2021. Esta obra está licenciada sob a Licença Internacional Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, EUA. / © 2021. Esta obra se encuentra bajo la licencia Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> o envíe una carta a Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.



### **Acknowledgments / Remerciements / Agradecimentos / Agradecimientos**

The editors would like to thank an anonymous donor for funding the layout of this digital book. The editors would also like to thank the Ivey Business School and the University of São Paulo for providing in-kind communications support. / Les éditeurs tiennent à remercier un donateur anonyme pour le financement de la mise en page de ce livre numérique, ainsi que la Ivey Business School et l'Université de São Paulo pour leur soutien en nature en matière de communication. / Os editores e as editoras gostariam de agradecer a um doador anônimo por financiar o layout deste livro digital e à Ivey Business School e à Universidade de São Paulo por fornecerem apoio institucional na comunicação. / Los editores desean agradecer a un donante anónimo la financiación del diseño de este libro digital y a Ivey Business School y a la Universidad de São Paulo el apoyo en especie en materia de comunicación.

### **Disclaimers / Avis de non-responsabilité / Isenções de responsabilidade / Descargo de responsabilidad**

In an attempt to make this book as accessible to as many people as possible, translations have been provided by editors and contributors and with the help of online translation tools. Translations may contain some grammatical or contextual errors. / Afin de rendre ce livre accessible au plus grand nombre, les traductions ont été fournies par les rédacteurs et les contributeurs, souvent avec l'aide d'outils de traduction en ligne. Les traductions peuvent contenir quelques erreurs grammaticales, de sens ou contextuelles. / Em uma tentativa de tornar este livro o mais acessível possível ao maior número possível de pessoas, as traduções foram elaboradas pelos editores e pelas editoras, pelos colaboradores e colaboradoras e, também, com o apoio de ferramentas de tradução on-line. As traduções podem conter alguns erros gramaticais e/ou contextuais. / En un intento por hacer este libro lo más accesible posible para el mayor número de personas, las traducciones han sido proporcionadas por los editores y colaboradores y se han soportado en la ayuda de herramientas de traducción en línea. Consecuentemente, las traducciones pueden contener algunos errores gramaticales o contextuales.

Original submissions from contributors have been left unaltered as much as possible and may contain some grammatical or contextual errors. / Les textes originaux des contributeurs n'ont pas été modifiés dans la mesure du possible et peuvent contenir des erreurs grammaticales, de sens ou contextuelles. / As contribuições originais dos colaboradores e das colaboradoras foram deixadas o mais próximo possível da submissão original e, por isso, podem conter alguns erros gramaticais ou contextuais. / Las obras originales de los colaboradores se han dejado inalterados en la medida de lo posible y pueden contener algunos errores gramaticales o contextuales.

Contribution review process: The contributions submitted to this project were peer-reviewed by at least two members of the editorial board. Editorial decisions were taken by the editorial board, relying on the advice of the reviewers. The submissions that were linked to the initiative and represented meaningful and persuasive accounts and counter-accounts of the COVID-19 pandemic were accepted, with minimal revision and editing in order to preserve the original format and expressions of the contributors. / Processus d'évaluation des contributions : Les contributions soumises au projet « Rompre les barrières » ont été évaluées par au moins deux membres du comité de rédaction. Les décisions éditoriales ont été prises par le comité de rédaction, en s'appuyant sur l'avis des évaluateurs. Les contributions liées à l'initiative et représentant des récits et contre-récits significatifs et convaincants de la pandémie de COVID-19 ont été acceptées, avec une révision et une édition minimales afin de préserver le format et les expressions originales des auteurs. / Processo de revisão das contribuições: As contribuições submetidas a este projeto foram revisadas por pelo menos duas pessoas membros do conselho editorial. As decisões editoriais foram tomadas pelo conselho editorial, contando com o parecer dos/as revisores/as. As contribuições que estavam articuladas com a iniciativa e representavam relatos e (contra) relatos significativos e eloquentes da pandemia COVID-19 foram aceitas, com revisão e edição mínimas, a fim de preservar o formato original e a forma de expressão das pessoas que enviaram suas contribuições. / Proceso de revisión de las contribuciones: las contribuciones/trabajos que fueron postulados a este proyecto fueron arbitrados al menos por dos integrantes del comité editorial. Las decisiones de aprobación fueron tomadas por el comité editorial con base en las recomendaciones de los árbitros. Los trabajos que estaban relacionados con la iniciativa y que representaban relatos y contra-cuentas significativos y persuasivos sobre la pandemia COVID-19 fueron aceptados, procurando solicitar ediciones y correcciones mínimas para preservar el formato original y las expresiones propias de sus creadores.



# contents conteúdo

## how to read this book

This book is in four different languages: English, French, Portuguese, and Spanish. To ensure impartiality, we have not standardized the order that languages appear. Where possible, we have translated content into multiple languages, such as through multilingual abstracts, but only present contributions in their original language. Each piece's original language is indicated in the top left corner on its first page. This book also has a mix of written, visual, video, and audio content. Symbols indicating the content type are in the bottom left corner on each piece's first page. We hope you enjoy this inclusive and unique approach.

## comment lire ce livre

Ce livre est en quatre langues différentes : l'anglais, l'espagnol, le français et le portugais. Par souci d'égalité, nous n'avons pas normalisé l'ordre d'apparition des langues. Dans la mesure du possible, nous avons traduit le contenu en plusieurs langues, notamment par le biais de résumés multilingues, mais nous ne présentons les contributions que dans leur langue d'origine. La langue d'origine de chaque article est indiquée dans le coin supérieur gauche de la première page de l'article. Ce livre comporte également un mélange de contenu écrit, visuel, vidéo et audio. Les symboles indiquant le type de contenu se trouvent dans le coin inférieur gauche de la première page de chaque document. Nous espérons que vous apprécierez cette approche inclusive et unique.

## como ler este livro

Este livro está escrito em quatro idiomas: inglês, francês, português e espanhol. Para garantir a imparcialidade, não padronizamos a ordem de aparecimento dos idiomas. Sempre que possível, traduzimos o conteúdo em vários idiomas, como é o caso dos resumos multilíngues mas no caso das contribuições em si, elas são apresentadas apenas em seu idioma original. O idioma original de cada contribuição é indicado no canto superior esquerdo na primeira página em que ela aparece. Este livro também traz uma mistura de diferentes tipos de conteúdo: escrito, visual, vídeo e áudio. Os símbolos que indicam o tipo de conteúdo estão no canto inferior esquerdo na primeira página de cada contribuição. Esperamos que você aprecie esta abordagem inclusiva e única.

## cómo leer este libro

Este libro está en cuatro idiomas diferentes: Inglés, francés, portugués y español. Para garantizar la imparcialidad, no hemos estandarizado el orden en que aparecen los idiomas. En la medida de lo posible, hemos traducido el contenido a varios idiomas, por ejemplo, a través de resúmenes multilingües, pero sólo presentamos las contribuciones en su idioma original. El idioma original de cada contribución se indica en la esquina superior izquierda de su primera página. Este libro también tiene una mezcla de contenido escrito, visual, de vídeo y de audio. Los símbolos que indican el tipo de contenido se encuentran en la esquina inferior izquierda de la primera página de cada obra. Esperamos que disfrute de este enfoque inclusivo y único.

### editorials

- 8. . . . Editorial (English)
- 12. . . . Éditorial (Français)
- 16. . . . Editorial (Português)
- 20. . . . Editorial (Español)
- 24. . . . Editorial message from Cheryl Lehman & Greg Stoner
- 33. . . . Message éditorial de Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron
- 45. . . . Mensagem editorial de João Paulo Resende de Lima & Sílvia Pereira de Castro  
Casa Nova
- 62. . . . Mensaje editorial de Paula Andrea Navarro Pérez & Mary Analí Vera-Colina

### participantes

- 409. . . Fotos y biografías
- Photos and bios
- Photos et biographies
- Fotos e biografias



# contents conteúdo

# conteúdo conteúdo

## 1

### 71 Breaking our silence

#### Briser notre silence

#### Rompendo nosso silêncio

#### Rompiendo nuestro silencio

- 72 . . . Revisão dos códigos de existência 2020
- 76 . . . Who speaks for nonhumans? Reimagining accounting in the anthropause
- 80 . . . On the giving and receiving of accounts
- 84 . . . Chronic illness and the working from home fairy-tale
- 89 . . . Voces enmudecidas en tiempos de pandemia: Ausencia de la prostitución en la contabilidad nacional colombiana
- 96 . . . Maracá - Emergência Indígena
- 98 . . . Diverse voices on disability advocacy during the pandemic in the US
- 102 . . . Las voces de una nueva realidad
- 104 . . . Of viruses and men: the dangerous pandemic in the social sciences

## 2

### 109 Ouvrir les liens

#### Rompendo conexões

#### Rompiendo conexiones

#### Breaking connections

- 110 . . . Humains sans visage : Des formes et des frontières poreuses
- 113 . . . Once upon a time I was a refugee in lockdown
- 121 . . . La délation peut-elle être civique?
- 124 . . . Friendship and beyond: Unlocking boundaries for unleashing positivity
- 139 . . . Distanciation sociale / COVID-19
- 142 . . . O amor para contadores
- 144 . . . Agents of shield
- 147 . . . Coronavirus fear explodes on planet earth
- 150 . . . Borders, fences, red areas

## 3

### 153 Rompendo limites geográficos

#### Rompiendo fronteras geográficas

#### Breaking geographical boundaries

#### Transcender les frontières géographiques

- 154 . . . La suite du monde
- 163 . . . Les territoires du COVID-19 : Analyse d'une propagation virale au gré d'une mutation territoriale
- 168 . . . Pandemia desde que Brasil é Brazil
- 170 . . . Portal



# 4

## 173 Breaking our ways of expression

Réinventer nos modes d'expression

Rompendo nossas formas de expressão

Cambiando nuestras maneras de expresar

174. . A letter to COVID-19

189. . Époque de transiciones

192. . How the COVID-19 pandemic made me into a researcher-activist for the arts

198. . Un nuevo mundo

# 5

## 221 Expérimenter avec de nouvelles normalités

Irrompendo em um novo normal

Hacia una nueva normalidad

Breaking into a new normal

222. . Coronavirus pandemic: Personal account from New Jersey, US

228. . Isolation day 4

230. . Genève au temps du COVID-19: Journal de bord d'un chargé d'enseignement

236. . STOP!!!

238. . O contador

240. . De l'impensable au vécu : Comptabilisation des faits au service des générations futures

245. . Instructivos para una cotidianidad reinventada por la pandemia

262. . No meio da rua do mundo

264. . Já não somos os mesmos de antes

266. . Callousness & empathy

270. . Art in the time of COVID-19

272. . Les paradoxes de l'épidémie ; Une leçon pour la prise de décision

278. . Le tableau de bord perd le Nord

280. . It got us thinkin'

# 6

## 283 Rompendo com nossas práticas acadêmicas

Deshaciendo nuestras prácticas académicas

Breaking our academic practices

Réinventer nos pratiques académiques

284. . The Seed(zine)

311. . Uma pandemia na trajetória da pesquisa: Quando a casa torna-se o coração da sala de aula

317. . Cartas do sentir - Cartas reflexivas pautadas na pandemia do COVID-19

322. . Experiências e narrativas de um professor: Aprendendo a aprender adaptar-se na pandemia

331. . Contadora contando la pandemia

336. . Diário e sentimentos!

339. . Professora na pandemia

342. . Dias estranhos - Espera de dias melhores

347. . Los efectos de la virtualidad en el pensamiento crítico de los estudiantes de contaduría

353. . A contabilidade no aqui e agora: relatos de um pernambucano em doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro

# 7

## 357 Rompiendo el sistema

Breaking the system

Repenser le système

Quebrando o sistema

358. . Lest we forget what contributes to our healthcare

362. . Élever notre leadership collectif pour éviter d'être victime de la nouvelle comptabilité pandémique

367. . El COVID-19 y el confinamiento: un test ácido para nuestras organizaciones

371. . RSE em tempo de pandemia - um desafio para a Contabilidade e empresas

376. . Accounting for COVID universities

378. . A missão do contador nas crises

381. . Oser la rencontre avec le monde pour le transformer : plaidoyer pour un désenclavement de la recherche en sciences de gestion

388. . Balance de situación de la pandemia COVID-19 en España. Las cuentas de una sociedad quebrada

390. . To lockdown or not to lockdown?

393. . Entangled boundaries of health, politics, and class: Crisis American style as of August 2020

398. . Un effet paradoxal du confinement

403. . There was a time in which...

405. . COVID-19 / Soutien





In October 2019, before COVID-19 hit our lives, Mary, Yves, Cheryl, Greg, Silvia and other colleagues gathered in Bogota for the QRCA conference. Months later, they keep working together in the Breaking Boundaries initiative and other projects.

Submitted by: Mary Vera-Colina  
Credit: Unknown





# Editorials

Editorials  
Éditoriaux  
Editoriais  
Editoriales



# Breaking Boundaries

(Counter) accounts during the pandemic –  
Letters for future generations

English

*Five hundred twenty-five thousand six hundred minutes*

*Five hundred twenty-five thousand moments so dear*

*Five hundred twenty-five thousand six hundred minutes*

*How do you measure? Measure a year?*

*In daylights,*

*In sunsets,*

*In midnights,*

*In cups of coffee,*

*In inches, in miles, in laughter, in strife*

*In five hundred twenty-five thousand six hundred minutes*

*How do you measure a year in a life?*

*How about love?*

(Larson, 1996)

How could we measure a pandemic year? Breaking Boundaries was conceived to address this very question: Exploring life's meaning and significance through art, songs, images, and words. What do we value? How do we heal? How do we cultivate community during this tragedy? Accounts in Breaking Boundaries speak to the pain of the living and our shared grieving of those lost. In words, music, painting, and videos, contributors of this volume seized the space to make those lives count beyond the numbers. Although intrinsically linked to death, those (counter) accounts are also beautiful celebrations of life – of those who passed, of those who survived, and those who will be born.

Even during our darkest moments, humanity and compassion persevered.

The numbers and events are jarring. On December 31, 2019, the World Health Organization's Beijing office informed its headquarters that a pneumonia of "unknown cause" had appeared in Wuhan, China (*Listings of WHO's Response to COVID-19*, 2020). On January 14, 2020, China publicly shared the genetic sequence of what will be known as COVID-19. As of February 25, 2020, 56 countries confirmed having cases of coronavirus, with a total number of cases globally reaching 84,090 and 2,874 deaths (Kantis et al., 2021). The world that



was familiar to more than 7.8 billion human beings was irretrievably altered. It left instead a space filled with silence, incomprehension, and disbelief.

Although shared by a common humanity, the pandemic was felt differently. Liberating for some, alienating for many others: the pandemic took multiple shapes and colors. We launched this book to make the variety of these voices resonate, take account of the pandemic beyond the numbers of cases, deaths, weeks of lockdown, or GDP loss in Europe and North America. In four languages – English, French, Portuguese, and Spanish, we asked academics, artists, and community members worldwide to share their (counter) accounts of the pandemic. There was no constraint on the format nor the content. We hoped to offer future generations a glimpse into the experiences of individuals, their families, and their communities as they were trying to grasp the new realities they were facing. The result went beyond our expectations.

From Manila's streets to Indigenous communities in the Amazon, passing by Geneva, New York, India, Canada, and Algeria, we received 73 contributions from 104 individuals, describing and reflecting on the pandemic experiences in 18 countries. Each of them provided unique insights into the lives of beings in the grip of one of the most disastrous events in recent history. While writing this editorial, 3.2 million people had died of COVID-19 (*Coronavirus Resource Center*, n.d.) – a number that is very likely underestimated and unfortunately expected to grow. Behind each number, there is a loved one, someone who died alone, someone who is missed and mourned by those who survived a plague that terrified our planet. Each human loss is a loss for humanity, and this book is here to remind us of this calamity.

Globalization was heavily criticized in the wake of the pandemic – as people realized the fragilities of globalized production had a direct impact on healthcare effectiveness and life chances. Boundaries as protective lifelines were quickly enacted, not only between countries and regions but even around our own homes. First, most of us had to give up on the idea of engaging freely in human interaction – for the sake of reducing the deadly spread of the virus. As such, COVID-19 constituted a brutal unlearning experience: day-to-day socialization, one of the fundamentals of humankind, had to be momentarily brought to a halt. Could it be that a strong wind of individualization will be one of the most significant consequences of COVID-19, thereby threatening collective solidarity? Yet the work and dedication of healthcare personnel who, across the globe, were confronted with the perils of the plague vibrantly demonstrated that care and love could not be eradicated from humankind. The variety of accounts that *Breaking Boundaries* contributors offered represent a precious set of experiences, emotions, and reflective thoughts on how the pandemic impacted the local and the global. This account unfolded when all of us were losing from view the landmarks that have always illuminated the paths of our “normal” lives.

Boundaries closed by the pandemic left us dreaming of opening them. Our goal with this book was to break boundaries – set by ourselves, imposed by others, erected by geography, inflicted by politics or racism. Each contribution attempts to dismantle or at least destabilize some boundaries, and thus it felt compelling to organize the book around boundaries targeted. Seven chapters aim to open seven types of boundaries: (1) “Breaking our silence;” (2) “Breaking connections;” (3) “Breaking geographical boundaries;” (4) “Breaking our ways of expression;” (5) “Breaking into a new normal;”

(6) “Breaking our academic practices” and (7) “Breaking the system.” There are obviously linkages between chapters, and the structuring should be apprehended as a loose “boundary” that is set to be fluid. Together, these chapters form a journey that depicts how the COVID-19 pandemic awakened individuals’ desire to transform themselves and the entire system they were in.

The contributions taken side by side tell a collective story of the pandemic’s first months in various places on the planet. The reader is also invited to wander among the flow of poetry, music, essays, videos, photographs, and paintings made available in the book and the website accompanying the text. In a way, *Breaking Boundaries* destabilizes the “boundary” of what is conventionally meant by a “book,” as it demonstrates that through new technologies and openness toward innovativeness, we could collectively produce a repository of accounts expressed in various ways. For each submission, we asked the authors to share a representation of themselves and summarize their intent. We felt that such an explanation would notably help shine a light on the artistic contributions to which some readers (including academics) are typically less attuned.

To favor diversity, we offered the authors to translate their abstract into a different language to make their work accessible to most people. We recognize that in selecting French, English, Spanish and Portuguese, we reaffirmed, in a way, the colonizing forces still at play in this world. Even in our efforts to break our boundaries, we inevitably remained attached to a past (and present) that is too often difficult to transform. Yet we also hope that *Breaking Boundaries* could also pave the way for the future, including academia’s future, not least in the accounting and management disciplines. By including artistic, academic, and community

members' contributions, we aimed to show no one truth but many accounts of different truths. Too often, such accounts are silenced and subjugated by one dominating form of power. Unfortunately, academia's politics of knowledge tend to favor only a few elites and their viewpoints. By choosing to make the book available in an open-access format, kept in a public university repository, we also hoped to make knowledge more accessible and equitable. This transformation will probably be a long and challenging journey. Still, if anything, the pandemic made it clear that the world we have built has to be profoundly and genuinely rethought and refashioned, including our ways to account for it.

Perhaps one day, the future will tell us whether some of the worries and hopes shared in the book have come to fruition. The pandemic waves have profoundly transformed the planet's face and its peoples, but the latter's positive effects remain to be seen. The pandemic widened the inequalities and the unfairness of the healthcare, economic and social systems in place. Yet as we end this editorial journey, it is on a note of hope that we want to conclude – the hope that all those voices to which you will listen in the following chapters will awaken your desire for more justice, wisdom, love, and humanity. As Amanda Gorman said:

***When day comes, we step out of  
the shade,***

***aflame and unafraid***

***The new dawn blooms as we free it***

***For there is always light,***

***if only we're brave enough to see it***

***If only we're brave enough to be it***

*The Hill We Climb (Gorman, 2021)*

Diane-Laure Arjaliès, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Paula Andrea Navarro Pérez, João Paulo Resende de Lima, Silvia Pereira de Castro Casa Nova, Greg Stoner, Mary Analí Vera-Colina

Editorial Team, *Breaking Boundaries:*  
(Counter) Accounts during the Pandemic -  
Letters for Future Generations

## References

---

*Coronavirus Resource Center*. (n.d.). Johns Hopkins University & Medicine. Retrieved July 25, 2021, from <https://coronavirus.jhu.edu/>

Gorman, A. (2021, January 20). *The Hill We Climb* [Spoken word poem]. Inauguration of Joe Biden, Washington, D.C.

Kantis, C., Kiernan, S., & Socrates Bardi, J. (2021, July 1). *Timeline of the Coronavirus*. Think Global Health. <https://www.thinkglobalhealth.org/article/updated-timeline-coronavirus>

Larson, J. (1996). *Seasons of Love*.

*Listings of WHO's response to COVID-19*. (2020, June 29). World Health Organization. <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>





There is peace in the park -  
High Park, Toronto

Submitted by: Julia Bevacqua  
Credit: Julia Bevacqua



# Rompre les Barrières

## (Contre) rapports sur la pandémie – Lettres aux générations futures

Français

*Cinq cent vingt-cinq mille six cents minutes*

*Cinq cent vingt-cinq mille six cents moments si précieux*

*Cinq cent vingt-cinq mille six cents minutes*

*Comment ça se mesure? Comment se mesure une année?*

*En lumière du jour*

*En couchers de soleil*

*En minuits,*

*En tasses de café,*

*En pouces, en miles, en rire, en conflit*

*En cinq cent vingt-cinq mille six cents minutes*

*Comment mesure-t-on une année dans une vie?*

*Qu'en est-il de l'amour?*

*(Larson, 1996)*

Comment pourrait-on mesurer une année de pandémie ? Rompre les barrières (Breaking Boundaries) a été conçu pour traiter de cette question précise : explorer le sens et la signification de la vie grâce à l'art, aux chansons, aux images et aux mots. À quoi attachons-nous de la valeur ? Comment guérissons-nous ? Comment pouvons-nous cultiver un esprit communautaire pendant cette tragédie ? Les récits présentés dans Rompre les barrières évoquent la douleur des survivants et notre deuil partagé des disparus. En paroles, en musique, en peinture et en vidéo, les contributeurs de ce volume font compter ces vies au-delà des nombres. Bien qu'intrinsèquement liés à de difficiles

épreuves et à la mort, ces (contre) rapports sont aussi de belles célébrations de la vie – la vie de ceux qui sont partis, de ceux qui ont survécu et de ceux qui viendront. Même dans nos moments les plus sombres, l'humanité et la compassion persévèrent.

Les chiffres et les événements font frémir. Le 31 décembre 2019, le bureau de l'Organisation mondiale de la santé à Pékin informe son siège social qu'une pneumonie de « cause inconnue » est apparue à Wuhan, en Chine (*Listings of WHO's Response to COVID-19*, 2020). Le 14 janvier 2020, la Chine publie ouvertement la séquence génétique



de ce qu'on connaîtra bientôt sous le nom de COVID-19. Dès le 25 février, 56 pays confirment avoir des cas de coronavirus, le nombre total de cas dans le monde atteignant 84 090, avec 2 874 décès (Kantis et al., 2021). Le monde tel que le connaissaient plus de 7,8 milliards d'êtres humains est irrémédiablement altéré. Il devient un espace rempli de silence, d'incompréhension et d'incrédulité.

Bien que partagée par toute l'humanité, la pandémie est ressentie de diverses façons. Libératrice pour certains, aliénante pour beaucoup d'autres, elle a pris de multiples formes et couleurs. Nous avons conçu ce livre pour faire résonner la variété de ces voix, rendre compte de la pandémie au-delà du nombre de cas, de décès, de semaines de confinement ou de perte de PIB [produit intérieur brut] en Europe et en Amérique du Nord. En quatre langues – anglais, espagnol, français et portugais – nous avons sollicité universitaires, artistes et membres de collectivités du monde entier pour qu'ils partagent leurs (contre-)témoignages sur la pandémie. Il n'y avait aucune contrainte quant au format ou au contenu. Nous espérions offrir aux générations futures un aperçu de l'expérience des individus, de leurs familles et de leurs communautés qui tentaient d'appréhender les nouvelles réalités auxquelles ils étaient confrontés. Le résultat a dépassé nos attentes.

Des rues de Manille aux communautés autochtones d'Amazonie, en passant par Genève, New York, Calcutta, Montréal et Alger, nous avons reçu 73 contributions de 104 personnes, décrivant et réfléchissant sur les expériences de la pandémie dans 18 pays. Chacune d'entre elles apporte un éclairage unique sur la vie d'individus en proie à l'un des événements les plus désastreux de l'histoire récente. Au moment où nous rédigeons cet éditorial (mai 2021),

3,2 millions de personnes sont mortes de la Covid 19 (*Coronavirus Resource Center*, s.d.) – nombre très probablement sous-estimé qui ne peut malheureusement qu'augmenter. Derrière chaque chiffre, il y a un être cher. Beaucoup meurent seuls, regrettés et pleurés par ceux qui survivent à un fléau qui terrifie notre planète. Chaque perte humaine est une perte pour l'humanité, et ce livre existe pour souligner l'ampleur de cette calamité.

Sous la vague de la pandémie, la mondialisation encaisse de fortes critiques, car les gens comprennent que la vulnérabilité de la production mondialisée a un impact direct sur l'efficacité des soins de santé et sur les chances de survie. La prépondérance des frontières en tant que filets protecteurs a été rapidement affirmée et mise à contribution – non seulement entre les pays et les régions, mais aussi autour de nos propres maisons. Rapidement, la plupart d'entre nous ont dû abandonner l'idée d'interagir librement – dans le but de réduire la propagation mortelle du virus. En elle-même, la COVID-19 nous livre brutalement l'envers d'une leçon – la socialisation quotidienne, l'une des bases de l'humanité, doit pour un temps être mise en suspens. Se pourrait-il qu'un fort vent d'individualisme soit l'une des conséquences les plus lourdes de la COVID-19, menaçant ainsi la solidarité collective ? Pourtant, le travail et le dévouement du personnel de santé qui, dans le monde entier, affronte les périls de cette peste démontrent de façon éclatante qu'on ne peut éradiquer l'attention et l'amour de l'expérience humaine. La variété des récits qu'offrent les contributeurs de *Rompre les barrières* constitue un précieux recueil d'expériences, d'émotions et de réflexions sur l'impact local et mondial de la pandémie. Ces récits se déploient au moment où nous perdons tous de vue les repères qui depuis toujours éclairaient les chemins de nos vies « normales ».

Les barrières érigées par la pandémie nous font rêver d'ouverture. Notre objectif, avec ce livre, est de briser les barrières, celles que nous plaçons nous-mêmes, que les autres imposent, que maintient la géographie, qu'infligent la politique ou le racisme. Chaque contribution tente de démanteler, ou du moins d'ébranler certaines limites. Il nous semble donc pertinent d'organiser le livre selon les barrières visées. Chacun des sept chapitres vise un type d'ouverture : (1) « Briser notre silence »; (2) « Ouvrir les liens »; (3) « Transcender les frontières géographiques »; (4) « Réinventer nos modes d'expression »; (5) « Expérimenter avec de nouvelles normalités »; (6) « Réinventer nos pratiques académiques » et (7) « Repenser le système ». Il existe évidemment des liens entre ces chapitres, et leur structure doit être appréhendée comme une « barrière » souple et fluide. Ensemble, ces chapitres forment un parcours qui décrit en quoi la pandémie de COVID-19 éveille le désir des gens de se transformer et de transformer l'ensemble du système dans lequel ils se trouvent.

Prises côte à côte, les contributions racontent l'histoire collective des premiers mois de la pandémie en divers endroits de la planète. Elles invitent aussi le lecteur à se promener parmi le flux de poésie, de musique, d'essais, de vidéos, de photographies et de peintures mis à disposition dans le livre et sur le site web qui l'accompagne. D'une certaine manière, *Rompre les barrières* déjoue la « frontière » conventionnelle du « livre » telle qu'on l'entend, car il démontre que, grâce aux nouvelles technologies et à un esprit ouvert à l'innovation, nous pouvons produire collectivement un référentiel de récits exprimés de diverses façons. Pour chaque soumission, nous avons demandé aux auteurs de partager une représentation d'eux-mêmes et de résumer leur intention. Nous estimons que cette explication permettra notamment de mettre en lumière les

contributions artistiques auxquelles certains lecteurs (y compris des universitaires) peuvent être moins familiers.

Pour favoriser la diversité, nous avons proposé aux auteurs de traduire leur résumé dans une autre langue afin de rendre leur travail accessible au plus grand nombre. Nous reconnaissons qu'en choisissant le français, l'anglais, l'espagnol et le portugais, nous réaffirmons en quelque sorte les forces colonisatrices toujours à l'œuvre dans ce monde. Même dans nos efforts pour briser nos chaînes, nous restons inévitablement liés à un passé (et un présent) souvent difficile à accepter. Nous espérons pourtant que Rompre les barrières pourra aussi ouvrir la voie à l'avenir, y compris à l'avenir du monde universitaire, notamment dans les disciplines de la comptabilité et de la gestion. En incluant les contributions d'artistes, d'universitaires et de membres de la communauté, nous voulons montrer non pas une seule vérité, mais de nombreux récits de vérités différentes. Trop souvent, ces récits sont réduits au silence et subjugués par une forme dominante de pouvoir. Malheureusement, dans le secteur universitaire, les politiques du savoir tendent à favoriser certaines élites et leurs points de vue. En choisissant de rendre le livre disponible dans un format en libre accès, conservé dans un dépôt universitaire public, nous espérons également rendre le savoir plus accessible et plus équitable. Cette transformation à laquelle nous aspirons se fera probablement au long d'un parcours rempli d'embûches. Pourtant, s'il est un fait que la pandémie montre clairement, c'est que le monde que nous avons construit doit être profondément et véritablement repensé et remodelé, y compris nos façons d'en rendre compte.

L'avenir nous dira peut-être si certains des soucis et des espoirs partagés dans ce livre ont porté leurs fruits. Les vagues

pandémiques transforment profondément le visage de la planète et de ses peuples, mais leurs effets positifs restent à voir. La pandémie continue à creuser le fossé des inégalités et de l'iniquité des systèmes sanitaires, économiques et sociaux en place. Pourtant, au terme de ce voyage éditorial, nous voulons conclure sur une note d'espoir – l'espoir que toutes les voix que vous écouterez dans les chapitres suivants éveilleront votre désir de plus de justice, de sagesse, d'amour et d'humanité. Comme le dit Amanda Gorman :

***Quand le jour se lève, nous sortons de l'ombre***

***enflammés et sans peur***

***La nouvelle aube fleurit comme nous la libérons***

***Car la lumière luit toujours***

***si seulement nous sommes assez braves pour la voir***

***si seulement nous sommes assez braves pour l'incarner***

*The Hill We Climb (Gorman, 2021)*

Diane-Laure Arjaliès, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Paula Andrea Navarro Pérez, João Paulo Resende de Lima, Silvia Pereira de Castro Casa Nova, Greg Stoner, Mary Analí Vera-Colina

Équipe éditoriale, *Rompre les barrières* :  
(Contre) Rapports sur la pandémie – Lettres aux générations futures

## Références

Coronavirus Resource Center. (s. d.). Johns Hopkins University & Medicine. Consulté 25 juillet 2021, à l'adresse <https://coronavirus.jhu.edu/>

Gorman, A. (2021, janvier 20). *The Hill We Climb* [Spoken word poem]. Inauguration of Joe Biden, Washington, D.C.

Kantis, C., Kiernan, S., & Socrates Bardi, J. (2021, juillet 1). *Timeline of the Coronavirus*. Think Global Health. <https://www.thinkglobalhealth.org/article/updated-timeline-coronavirus>

Larson, J. (1996). *Seasons of Love*.

*Listings of WHO's response to COVID-19*. (2020, juin 29). World Health Organization. <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>





**Le feu dessine le ciel à l'Isle-aux-Coudres et me fait oublier la pandémie (juin 2021).**

Soumis par : Virginie Francoeur  
Crédit : Virginie Francoeur

# Rompendo Barreiras

## Contra-relatos diversos durante a pandemia – Cartas e mensagens para as gerações futuras

Português

*Quinhentos e vinte cinco mil seiscientos minutos*

*Quinhentos e vinte cinco mil seiscientos momentos reais*

*Quinhentos e vinte cinco mil seiscientos minutos*

*Como se conta um ano a mais?*

*Em dias*

*Em noites*

*Em beijos*

*Em cafezinhos*

*Em metros, em pés, em riso, em dor*

*Em quinhentos e vinte cinco mil seiscientos minutos*

*Como fechar a conta de um ano a mais?*

*Por que não em amor?*

(Larson, 1996)

Como poderíamos medir um ano de pandemia? O “Rompendo Barreiras” foi pensado para responder exatamente essa pergunta: Explorando o significado e valor da vida através da arte, músicas, imagens, e palavras. O que é que valorizamos? Como é que nos curamos? Como cultivamos a comunidade durante esta tragédia? Relatos no “Rompendo Barreiras” falam da dor de viver nosso luto compartilhado daqueles que perdemos. Em músicas, pinturas e vídeos, os colaboradores deste volume aproveitaram o espaço para fazer com que essas vidas contassem para além dos números. Embora intrinsecamente ligados à morte, esses (contra) relatos são também belas celebrações da

vida – dos que passaram, dos que sobreviveram, e dos que irão nascer. Mesmo durante os nossos momentos mais sombrios, a humanidade e a compaixão perseveraram.

Os números e eventos estão jorrando. Em 31 de dezembro de 2019, o escritório de Beijing da Organização Mundial da Saúde informou que uma pneumonia de “causa desconhecida” havia aparecido em Wuhan, na China (*Listings of WHO’s Response to COVID-19*, 2020). Em 14 de janeiro de 2020, a China compartilhou publicamente o sequenciamento genético do que viria a ser conhecido como COVID-19. Em 25 de fevereiro de

2020, 56 países confirmaram ter casos do coronavírus, com um número total atingindo globalmente 84.090 casos e 2.874 mortes (Kantis et al., 2021). O mundo conhecido de mais de 7,8 bilhões de seres humanos era irremediavelmente alterado. Em seu lugar foi deixado um espaço preenchido pelo silêncio, pela incompreensão, pelo descrédito.

Apesar de compartilhada por uma humanidade comum, a pandemia foi sentida diferentemente. Libertadora para algumas, alienadora para muitas outras pessoas: a pandemia assumiu diferentes formas e cores. Nós lançamos essa coletânea para fazer com que a diversidade dessas vozes ressoasse, para tomarmos conta da pandemia para além do número de casos, mortes, semanas em quarentena, ou perda de PIB na Europa e na América do Norte (e em outras partes do mundo). Em quatro línguas – Português, Espanhol, Francês e Inglês, nós pedimos a acadêmicos, artistas e membros de comunidades ao redor do mundo para compartilhar seus (contra) relatos da pandemia. Não houve restrição de formato nem de conteúdo. Esperamos oferecer para as futuras gerações um lampejo nas experiências das pessoas, de suas famílias, e de suas comunidades enquanto tentavam compreender as novas realidades que estavam enfrentando. O resultado foi muito além de nossas expectativas.

Das ruas de Manila às comunidades indígenas no Amazonas, passando por Genebra, Nova Iorque, Índia, Canadá, e Algeria, nós recebemos 73 contribuições de 104 pessoas, descrevendo e refletindo nas experiências pandêmicas em 18 países. Cada uma delas oferece insights sobre as vidas de seres que estão nas garras de um dos eventos mais desastrosos da história recente. Quando estávamos escrevendo esse editorial 3,2 milhões de pessoas haviam morrido de COVID-19 (*Coronavirus*

*Resource Center*, [s.d.]) – um número que muito provavelmente está subestimado e que infelizmente espera-se que cresça. Por trás de cada número, há uma pessoa amada, alguém que morreu só, que deixou saudades, e que é pranteado pelas pessoas que sobreviveram a essa praga que aterrorizou nosso planeta. Cada vida humana perdida é uma perda para a humanidade, e este livro está aqui para nos lembrar dessa calamidade.

A globalização foi duramente criticada no despertar da pandemia – tão logo as pessoas perceberam que as fragilidades de uma produção globalizada tiveram impacto direto na efetividade dos cuidados em saúde e na chances de sobrevivência. A primazia de limites como linhas de resgate protetivas foi rapidamente estabelecida e promulgada – não apenas entre países e regiões mas também ao redor de nossas próprias casas. Rápido, muitos de nós tiveram que abrir mão da ideia de nos engajarmos livremente em interações humanas – como forma de reduzir a disseminação mortal do vírus. Dessa forma, a COVID-19 constituiu-se em uma experiência brutal de desaprendizado – como se a socialização diária, um dos fundamentos da humanidade, tivesse que ser momentaneamente interrompida. Pode ser que uma forte onda de individualismo seja uma das mais significativas consequências da COVID-19, dessa forma ameaçando a solidariedade coletiva? Ainda assim, o trabalho e a dedicação das/dos profissionais de saúde que, ao redor do globo, foram confrontados e confrontados com os perigos da praga vibrantemente demonstraram que o cuidado e o amor não poderiam ser erradicados da humanidade. A variedade de relatos que os contribuintes da coletânea “Rompendo Barreiras” ofereceram representa um conjunto precioso de experiências, emoções, e pensamentos reflexivos sobre como a pandemia impactou o local e o global.

Esses relatos se descortinaram quando todas nós estávamos perdendo de vista os pontos de referência que sempre iluminaram os caminhos de nossas vidas “normais”.

As fronteiras fechadas pela pandemia nos deixaram sonhando em como romper as barreiras e (re)abri-las. Nosso objetivo com essa coletânea foi romper as barreiras – levantadas por nós mesmos, impostas por outros, erigidas pela geografia, infligidas pela política, pela polícia ou pelo racismo. Cada contribuição tenta dismantelar ou pelo mesmo desestabilizar algumas dessas barreiras, e então fomos compelidas a organizar essa coletânea em torno das barreiras que foram o alvo. Os sete capítulos objetivam romper sete tipos de barreiras: (1) Rompendo nosso silêncio; (2) Rompendo conexões; (3) Rompendo limites geográficos; (4) Rompendo nossas formas de expressão; (5) Irrompendo em um novo normal; (6) Rompendo com nossas práticas acadêmicas; e (7) Quebrando o sistema. Há logicamente algumas ligações entre esses capítulos, e essa estruturação deve ser apreendida como uma barreira frouxa que foi configurada para ser fluida. Juntos, esses capítulos formam uma jornada que retrata como a pandemia de COVID-19 despertou os desejos dos indivíduos a transformarem a si mesmos e ao sistema inteiro em que estão.

As contribuições tomadas lado a lado contam a história coletiva dos primeiros meses da pandemia em vários lugares do planeta. Leitores e leitoras são também convidados a vaguear nesse fluxo de poesia, música, ensaios, vídeos, fotografias, e pinturas que foram disponibilizados na coletânea e no sítio na internet que acompanham o texto. De uma certa maneira, “Rompendo Barreiras” desestabiliza a barreira do que convencionalmente chamamos de coletânea ou livro, pois demonstra que por meio de novas tecnologias e abertura à inovação,



nós pudemos coletivamente produzir um repositório de relatos que foram expressos de diversas maneiras. Para cada submissão, pedimos que os autores e autoras compartilhassem uma representação de si mesmos e resumissem o seu intento. Nós sentimos que uma explanação como essa poderia notavelmente ajudar a lançar luzes nas contribuições artísticas às quais alguns leitores e leitoras (incluindo acadêmicos) estão tipicamente menos sintonizados.

Para favorecer a diversidade, nós oferecemos aos autores e autoras que traduzissem os resumos em diferentes idiomas para tornar o seu trabalho acessível a mais pessoas. Nós reconhecemos que ao selecionarmos como idiomas Português, Espanhol, Francês e Inglês, nós reafirmamos, de uma certa forma, as forças colonizadoras que ainda desempenham um papel nesse mundo. Mesmo em nossos esforços para romper nossas barreiras, nós inevitavelmente permanecemos atados ao passado (e presente) que é também muito frequentemente difícil de aceitar. Assim, nós também esperamos que “Rompendo Barreiras” possa também pavimentar nosso caminho para um futuro, incluindo o futuro da academia, sobretudo nas disciplinas de contabilidade e de administração. Pela inclusão de contribuições artísticas, acadêmicas e de membros da comunidade, nós objetivamos mostrar não uma única verdade, mas vários relatos de diferentes verdades. Muito frequentemente, esses relatos são silenciados e subjugados por uma forma de dominante poder. Infelizmente, as políticas de conhecimento da academia tendem a favorecer somente a poucas elites e seus pontos de vista. Ao escolhermos deixar a coletânea disponível em formato de acesso aberto, mantida em um repositório universitário público, também esperamos tornar o conhecimento mais acessível e igualitário. Essa transformação

será provavelmente uma jornada longa e desafiadora. Ainda, se algo assim, a pandemia tornou claro que o mundo que havíamos construído teria que ser profundamente e genuinamente repensado e remodelado, incluindo em nossas formas de relatá-lo e de nos darmos conta dele.

Talvez um dia, o futuro nos dirá se algumas das preocupações e esperanças compartilhadas nessa coletânea vieram a se realizar. As ondas da pandemia têm profundamente transformado as faces do planeta e de seus povos, mas os efeitos tardios positivos ainda permanecem por se revelar. A pandemia ampliou as desigualdades e as injustiças dos sistemas de saúde, econômico e social em vigor. Ainda enquanto terminávamos essa jornada editorial, é com uma nota de esperança que nós quisemos concluir – a esperança que todas as vozes que vocês ouvirão nos próximos capítulos reacenderão o desejo por mais justiça, sabedoria, amor, e humanidade. Como Amanda Gorman poetizou:

***Quando amanhecer, nós  
deixaremos a sombra***

***ardentes e sem medo***

***Uma nova madrugada floresce  
enquanto a libertamos***

***Porque há sempre luz se tivermos  
coragem suficiente para ver***

***se tivermos coragem suficiente  
para ser***

*The Hill We Climb (Gorman, 2021)*

Diane-Laure Arjaliès, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Paula Andrea Navarro Pérez, João Paulo Resende de Lima, Silvia Pereira de Castro Casa Nova, Greg Stoner, Mary Analí Vera-Colina

Equipe de redação, *Rompendo Barreiras*:  
Contra-relatos diversos durante a pandemia  
– Cartas e mensagens para as gerações  
futuras

## Referências

Coronavirus Resource Center. ([s.d.]). Johns Hopkins University & Medicine. Recuperado 25 de julho de 2021, de <https://coronavirus.jhu.edu/>

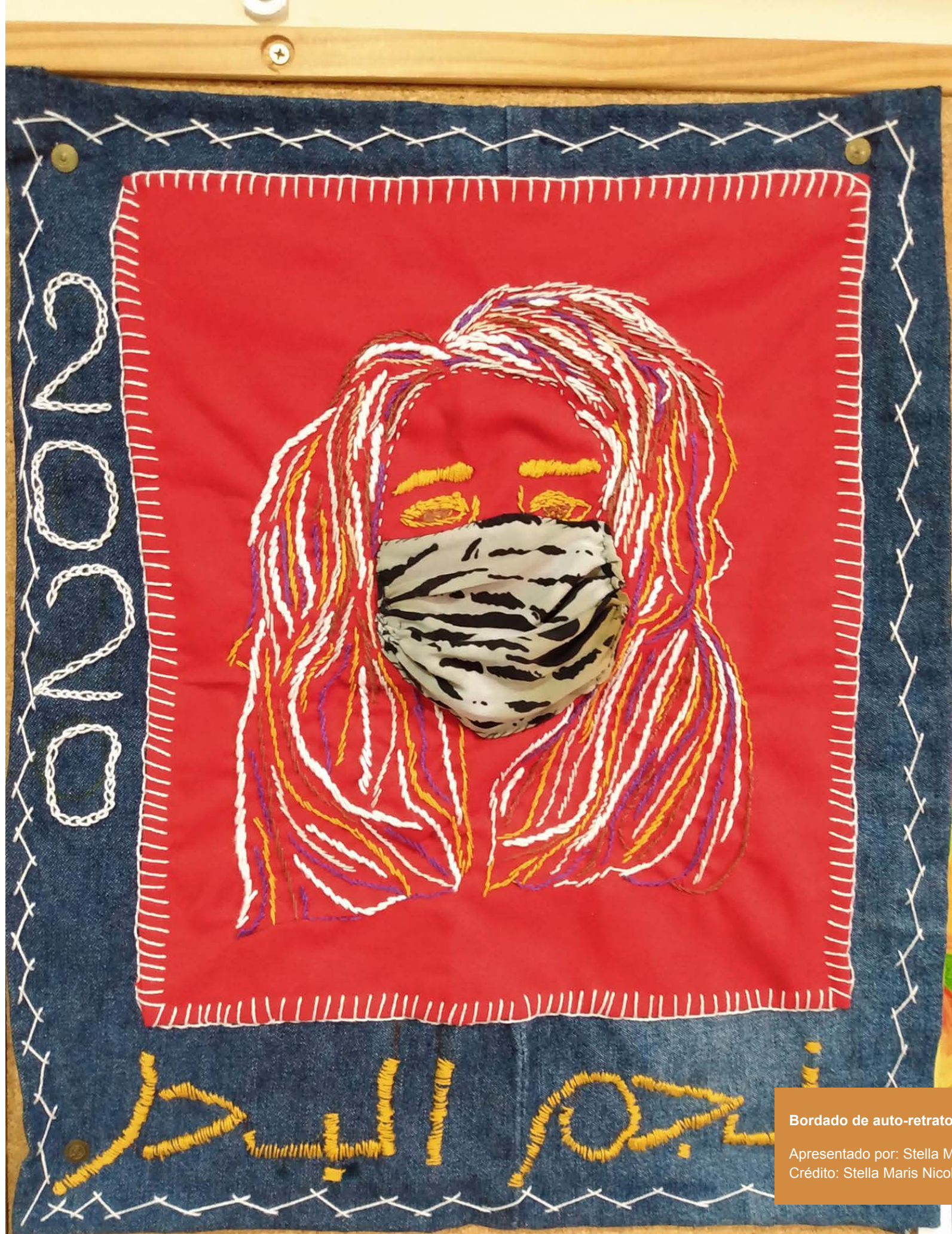
Gorman, A. (2021, janeiro 20). *The Hill We Climb* [Spoken word poem]. Inauguration of Joe Biden, Washington, D.C.

Kantis, C., Kiernan, S., & Socrates Bardi, J. (2021, julho 1). *Timeline of the Coronavirus*. Think Global Health. <https://www.thinkglobalhealth.org/article/updated-timeline-coronavirus>

Larson, J. (1996). *Seasons of Love*.

*Listings of WHO's response to COVID-19*. (2020, junho 29). World Health Organization. <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>





**Bordado de auto-retrato**

Apresentado por: Stella Maris Nicolau  
Crédito: Stella Maris Nicolau



# Rompiendo Fronteras

## (Contra) cuentas durante la pandemia – Cartas para futuras generaciones

Español

*Quinientos veinticinco mil seiscientos minutos*

*Quinientos veinticinco mil momentos tan queridos*

*Quinientos veinticinco mil seiscientos minutos*

*¿Cómo se mide? ¿mide un año?*

*En amaneceres,*

*En atardeceres,*

*En medias noches,*

*En tazas de café,*

*En centímetros, en kilómetros, en risas, en conflictos*

*En quinientos veinticinco mil seiscientos minutos*

*¿Cómo se mide un año en una vida?*

*¿Y el amor?*

*(Larson, 1996)*

¿Cómo podemos medir un año de pandemia? Rompiendo Fronteras fue concebido para abordar esta misma cuestión: Explorar el sentido y el significado de la vida a través del arte, las canciones, las imágenes y las palabras. ¿Qué valoramos? ¿Cómo nos curamos? ¿Cómo cultivamos la comunidad durante esta tragedia? Los relatos de Rompiendo Fronteras hablan del dolor de los vivos y de nuestro duelo compartido por aquellos que ya no están. En palabras, música, pintura y vídeos, los colaboradores de este volumen han aprovechado el espacio para hacer que esas vidas cuenten más allá de las cifras. Aunque están intrínsecamente ligados a la muerte, esos (contra)

relatos son también hermosas celebraciones de la vida: de los que fallecieron, de los que sobrevivieron y de los que nacerán. Incluso en los momentos más oscuros, la humanidad y la compasión perseveraron.

Las cifras y los acontecimientos son estremecedores. El 31 de diciembre de 2019, la oficina de la Organización Mundial de la Salud en Pekín informó a su sede principal de la aparición de una neumonía con “causa desconocida” en Wuhan, China (*Listings of WHO’s Response to COVID-19*, 2020). El 14 de enero de 2020, China compartió públicamente la secuencia genética de lo que se

conocerá como COVID-19. Hasta el 25 de febrero de 2020, 56 países confirmaron tener casos de coronavirus, con un número total de casos a nivel mundial que alcanzó los 84.090 y 2.874 muertes (Kantis et al., 2021). El mundo que era familiar para más de 7.800 millones de seres humanos se vio irremediamente alterado. Dejó en su lugar un espacio lleno de silencio, incompreensión e incredulidad.

Aunque compartida por una humanidad común, la pandemia se sintió de forma diferente. Liberadora para algunos, alienante para muchos otros: la pandemia adoptó múltiples formas y colores. Presentamos este libro para hacer resonar la variedad de estas voces, tener en cuenta la pandemia más allá de las cifras de casos, muertes, semanas de cierre o pérdidas del PIB en Europa y Norteamérica. En cuatro idiomas -inglés, francés, portugués y español- pedimos a académicos, artistas y miembros de la comunidad de todo el mundo que compartieran sus (contra)relatos de la pandemia. No había ninguna restricción en cuanto al formato ni al contenido. Esperábamos ofrecer a las generaciones futuras una visión de las experiencias de los individuos, sus familias y sus comunidades mientras intentaban comprender las nuevas realidades a las que se enfrentaban. El resultado superó nuestras expectativas.

Desde las calles de Manila hasta las comunidades indígenas del Amazonas, pasando por Ginebra, Nueva York, India, Canadá y Argelia, recibimos 73 contribuciones de 104 personas, que describen y reflexionan sobre las experiencias de la pandemia en 18 países. Cada una de ellas aportó una visión única de la vida de los seres que se encuentran en al alcance de uno de los acontecimientos más desastrosos de la historia reciente. Hasta el momento de escribir este editorial, 3,2

millones de personas han muerto a causa del Covid 19 (*Coronavirus Resource Center*, s. f.), una cifra que muy probablemente se subestima y que lamentablemente se espera que aumente. Detrás de cada número, hay un ser querido, algunos de los cuales fallecieron solos, extrañados y llorados por los que sobrevivieron a una plaga que aterrorizó a nuestro planeta. Cada pérdida humana es una pérdida para la humanidad, y este libro está aquí para recordarnos esta calamidad.

La globalización fue muy criticada tras la pandemia, ya que la gente se dio cuenta de que la fragilidad de la producción globalizada tenía un impacto directo en la eficacia de la asistencia sanitaria y en las posibilidades de vida. La primacía de las fronteras como líneas de vida protectoras fue rápidamente declarada y promulgada – no sólo entre países y regiones, sino también alrededor de nuestras propias casas. Rápidamente, la mayoría de nosotros tuvo que renunciar a la idea de participar libremente en la interacción humana, en aras de reducir la mortal propagación del virus. Como tal, el COVID-19 constituyó una brutal experiencia de desaprendizaje, como si la socialización cotidiana, uno de los fundamentos de la humanidad, tuviera que detenerse momentáneamente. ¿Podría ser que un fuerte viento de individualización fuera una de las consecuencias más significativas del COVID-19, amenazando así la solidaridad colectiva? Sin embargo, el trabajo y la dedicación del personal sanitario que, en todo el mundo, se enfrentó a los peligros de la plaga, demostró de forma vibrante que el cuidado y el amor no podían ser erradicados de la humanidad. La variedad de relatos que los colaboradores de Rompiendo Fronteras ofrecieron representan un precioso conjunto de experiencias, emociones y pensamientos reflexivos sobre cómo la pandemia impactó en lo local y en lo global. Este relato se desarrolló cuando todos nosotros perdíamos

de vista los hitos que siempre han iluminado los caminos de nuestras vidas “normales”.

Las fronteras cerradas por la pandemia nos hicieron soñar con abrirlas. Nuestro objetivo con este libro era romper las fronteras -establecidas por nosotros mismos- impuestas por otros, erigidas por la geografía, infligidas por la política o el racismo. Cada contribución intenta dismantelar o, al menos, desestabilizar algunos límites, por lo que nos pareció convincente organizar el libro en torno a los límites que se persiguen. Siete capítulos pretenden abrir siete tipos de fronteras: (1) “Rompiendo nuestro silencio”; (2) “Rompiendo conexiones”; (3) “Rompiendo fronteras geográficas”; (4) “Cambiano nuestras maneras de expresar”; (5) “Hacia una nueva normalidad”; (6) “Deshaciendo nuestras prácticas académicas” y (7) “Rompiendo el sistema”. Evidentemente, hay algunos vínculos entre estos capítulos, y la estructuración debe entenderse como un “límite” suelto que se establece para ser fluido. En conjunto, estos capítulos forman un viaje que describe cómo la pandemia del COVID-19 despertó el deseo de los individuos de transformarse a sí mismos y a todo el sistema en el que se encontraban.

Las contribuciones, una al lado de la otra, cuentan una historia colectiva de los primeros meses de la pandemia en diversos lugares del planeta. También se invita al lector a deambular entre el flujo de poesía, música, ensayos, vídeos, fotografías y pinturas que se ofrecen en el libro y en el sitio web que acompaña al texto. De cierto modo, Rompiendo Fronteras desestabiliza la “frontera” de lo que convencionalmente se entiende por “libro”, ya que demuestra que a través de las nuevas tecnologías y la apertura hacia la innovación, podemos producir colectivamente un depósito de relatos expresados de diversas maneras. Para cada presentación, pedimos a los autores



que compartieran una representación de sí mismos y resumieran su intención. Pensamos que esa explicación ayudaría notablemente a dar a conocer las contribuciones artísticas a las que algunos lectores (incluidos los académicos) suelen estar menos atentos.

Para favorecer la diversidad, ofrecimos a los autores que tradujeran su resumen a un idioma diferente para que su trabajo fuera accesible a la mayoría de la gente. Reconocemos que al seleccionar el francés, el inglés, el español y el portugués, reafirmamos, en cierto modo, las fuerzas colonizadoras que aún están en juego en este mundo. Incluso en nuestros esfuerzos por romper nuestras fronteras, inevitablemente nos quedamos apegados a un pasado (y a un presente) que con demasiada frecuencia es difícil de aceptar. Sin embargo, también esperamos que Rompiendo Fronteras pueda allanar el camino hacia el futuro, incluido el futuro del mundo académico, sobre todo en las disciplinas de contabilidad y gestión. Al incluir las aportaciones de artistas, académicos y miembros de la comunidad, pretendíamos no mostrar una única verdad, sino muchos relatos de diferentes verdades. Con demasiada frecuencia, estos relatos son silenciados y subyugados por una forma de poder dominante. Por desgracia, las políticas de conocimiento del mundo académico tienden a favorecer sólo a unas pocas élites y sus puntos de vista. Al elegir que el libro esté disponible en un formato de acceso abierto, guardado en un repositorio universitario público, también esperamos que el conocimiento sea más accesible y equitativo. Esta transformación será probablemente un camino largo y difícil. En todo caso, la pandemia dejó claro que el mundo que habíamos construido tenía que ser profunda y genuinamente repensado y remodelado, incluyendo nuestras formas de dar cuenta de él.

Quizás algún día el futuro nos diga si algunas de las preocupaciones y esperanzas que se comparten en el libro han llegado a buen puerto. Las olas de la pandemia han transformado profundamente la faz del planeta y su gente, pero los efectos positivos de esta última están por verse. La pandemia amplió las desigualdades y la injusticia de los sistemas sanitarios, económicos y sociales vigentes. Sin embargo, al terminar este viaje editorial, queremos concluir con una nota de esperanza: la esperanza de que todas esas voces que escucharán en los siguientes capítulos despierten su deseo de más justicia, sabiduría, amor y humanidad. Como dijo Amanda Gorman:

***Cuando llega el día, salimos de la sombra***

***con la llama y sin miedo***

***El nuevo amanecer florece cuando lo liberamos***

***Porque siempre hay luz***

***Si sólo somos lo suficientemente valientes para verla***

***Si sólo somos lo suficientemente valientes para serlo***

*La colina que subimos (Gorman, 2021)*

Diane-Laure Arjaliès, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Paula Andrea Navarro Pérez, João Paulo Resende de Lima, Silvia Pereira de Castro Casa Nova, Greg Stoner, Mary Analí Vera-Colina

Equipo Editorial, *Rompiendo Fronteras*:  
(Contra) Cuentas durante la pandemia –  
Cartas para futuras generaciones

## Referencias

Coronavirus Resource Center. (s. f.). Johns Hopkins University & Medicine. Recuperado 25 de julio de 2021, de <https://coronavirus.jhu.edu/>

Gorman, A. (2021, enero 20). *The Hill We Climb* [Spoken word poem]. Inauguration of Joe Biden, Washington, D.C.

Kantis, C., Kiernan, S., & Socrates Bardi, J. (2021, julio 1). *Timeline of the Coronavirus*. Think Global Health. <https://www.thinkglobalhealth.org/article/updated-timeline-coronavirus>

Larson, J. (1996). *Seasons of Love*.

*Listings of WHO's response to COVID-19*. (2020, junio 29). World Health Organization. <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>



**Un niño y su mascota en Maracaibo  
(Venezuela) en tiempos de pandemia**

Presentado por: Mary Vera-Colina  
Crédito: Víctor David Colina



# editorial message

from Cheryl Lehman & Greg Stoner

## Imaginations have no boundaries

English

Breaking Boundaries has been a project of exploring personal, behavioural and belief boundaries needing disruption and illumination. One significant boundary contested in this collection relates to mediums of communication, particularly in “scholarly publications”. Challenging the dominance of written and English language texts for esteem and status this book breaks not just the hegemony of English, but also that of the written word. In breaking this communication boundary, we illuminate how enquiry, ideas, accountability and justice are represented in a COVID world, giving voice to diversity, transformation, vulnerability and power relationships. It also makes writing this editorial discomforting, as it could be read as a way of rendering that diversity into a single voice. That is not what we mean to do here, please don’t read this as such. Here we try to illustrate the project’s impact on breaking boundaries for us, and how this reflects on our beliefs, impressions, and concerns for justice. Our editorial is, of course, just our reflection on the stories herein. A reflection that is itself both partial and unstable. Tomorrow we will see something else in the stories and accounts. We hope you will too.

It is so frequently mentioned, it seems obvious: we are social creatures. But new meanings emerged regarding our need and desire for connection during the pandemic. Community accessibility shifted and we lost attachments we took for granted, hadn’t acknowledged, and hadn’t fully honoured regarding their significance to our well-being. We grieved, and still do, the loss of communities we hardly saw as communities, or communities we saw as outside us. Communities we didn’t consider ourselves to be part of – but clearly were. The community within a restaurant or bar or coffee house or theatre

or organizational space became part of broad sharing of stories and lives, creating fundamental connections. Our social world of universities, colleagues and students become part of us as we traverse cities, locales and spaces. Within COVID times longing to be with others also generated fear. The fear of asymptomatic transmitters, outsiders and non-mask wearers. As we rethink our boundaries, how do we break the isolation? How do we break binary “us” and “them” structures to include all in our community? COVID illustrated once again we are only safe if we all are; we are globally connected, not individual automatons. As the rhythm and blues song by Mann, Weil, and Russell states, “None of us are free, one of us are chained” (1993).

In the stories told, expressions of shock within working, family and environmental situations unfolded, impacting lives in communities of learning: universities in which we work. Our students lost so much. Academic learning of course, but also a *raison d’etre* of university life, opportunities for new and independent ways of being where different relationships, personal development and life connections reside. Is there reason for optimism in terms of a disruption of the status quo? Can we break the boundary tradition of universities? Can the disruption help us to see ways to move to more enlightened and more critical forms of leading students to learning? A move from the professor/lecture centred “sage on a stage” to a more student centred and more problematised and less technical accounting education? An education more aligned with social need and future work beyond the technical?

Some stories of boundaries broken bring to mind the damage to meaningful parts of life and

economies such as arts and leisure sectors. Much of COVID's devastation inhabited these arenas of our lives, such as the performing arts, including musicians (including friends and professional musicians I, Greg, play with as an amateur). This sphere of life is fundamental to creativity, vision, and imagination as *Breaking Boundaries* illustrates.

Fifty years ago, a significant rallying cry called out "the personal is political". This activist message proclaimed "it's all related". For example, individual (personal) rights are linked to the politics of health care, and social, economic, cultural and environmental issues are all interrelated. The whole shebang, the whole thing, everything is included, impactful and linked. One poignant and bizarre instance unfolded when wearing a mask, in our minds a merciful act of caring for others as that's what the scientific data tells us, for others not wearing masks became a political act of defiance.

During the pandemic supporting "Black Lives Matter" recognized there was violence and racial profiling not only in police enforcement but manifesting in health care and morbidity disparities. While blacks comprise 13% of the US population, they account for approximately 40% of coronavirus related deaths in the US and the situation in the UK is similar. Contemplating complex relationships between discrimination and power we painfully considered, why is there such disparity and unfairness? Discrimination was revealed in classism; who must work; who is stocking shelves, delivering food or sitting comfy at a computer. Aptly we felt guilt and sensitivity regarding privilege. So many issues to ponder and so much suffering to experience. We have continuously contemplated on our vulnerability, interconnectedness, impact and fragility.

In spite of our grief, compiling *Breaking Boundaries* has opened our hearts and touched us deeply. It has highlighted the fragility of what we are and has stretched us to reconsider values, perspectives and what we know ourselves to be. The beauty of the offerings, the range of insights, and the honesty of contributors moved us in profound ways. Our own transformation unfolded, for which we are very grateful. Inclusiveness, messiness and breaking boundaries has been both challenging and enlightening. We are moved by the depth, grace, honesty and range of contributions and by the immense commitment and wisdom of our co-editors. The offerings in this book shine a vibrant light, illustrating the strength, power and gift of human expression and that our imaginations have no boundary, but rather are infinite, dynamic and fundamental to our shared future.

## References

---

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) *None Of Us Are Free* lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.



de Cheryl Lehman & Greg Stoner

## L'imagination ne connaît pas de frontières

Français

Rompre les barrières a été un projet d'exploration des limites personnelles, comportementales et de croyance qui ont besoin d'être perturbées et éclairées. Une limite importante contestée dans cette collection concerne les moyens de communication, en particulier dans les « publications académiques ». En remettant en question la domination des textes écrits et de la langue anglaise en matière d'estime et de statut, ce livre brise non seulement l'hégémonie de l'anglais, mais aussi celle du mot écrit. En brisant cette frontière de communication, nous éclairons la façon dont la recherche, les idées, la responsabilité et la justice sont représentées dans un monde COVID, donnant voix à la diversité, à la transformation, à la vulnérabilité et aux relations de pouvoir. Cela rend également la rédaction de cet éditorial inconfortable, car il pourrait être lu comme une façon de rendre cette diversité en une seule voix. Ce n'est pas ce que nous voulons faire ici, ne le lisez pas comme tel. Nous essayons ici d'illustrer l'impact du projet sur la rupture des frontières pour nous, et comment cela se reflète sur nos croyances, nos impressions et nos préoccupations en matière de justice. Notre éditorial n'est, bien sûr, que notre réflexion sur les histoires présentées ici. Une réflexion qui est elle-même à la fois partielle et instable. Demain, nous verrons autre chose dans ces histoires et ces récits. Nous espérons qu'il en sera de même pour vous.

On le dit si souvent qu'il semble évident : nous sommes des créatures sociales. Mais de nouvelles significations sont apparues concernant notre besoin et notre désir de connexion pendant la pandémie. L'accessibilité de la communauté a changé et nous avons perdu des liens que nous tenions pour acquis, que nous n'avions pas reconnus et que nous n'avions pas pleinement

honorés quant à leur importance pour notre bien-être. Nous avons pleuré, et pleurons encore, la perte de communautés que nous ne considérons guère comme des communautés, ou que nous considérons comme extérieures à nous. Des communautés dont nous ne considérons pas faire partie, mais dont nous faisons clairement partie. La communauté au sein d'un restaurant, d'un bar, d'un café, d'un théâtre ou d'un espace organisationnel est devenue une partie d'un vaste partage d'histoires et de vies, créant des connexions fondamentales. Notre monde social d'universités, de collègues et d'étudiants fait partie de nous lorsque nous traversons des villes, des lieux et des espaces. Au sein du COVID, l'envie d'être avec les autres a également engendré la peur. La peur des transmetteurs asymptomatiques, des étrangers et des personnes qui ne portent pas de masque. Alors que nous repensons nos frontières, comment rompre l'isolement ? Comment briser les structures binaires « nous » et « eux » pour inclure tout le monde dans notre communauté ? COVID a illustré une fois de plus que nous ne sommes en sécurité que si nous le sommes tous; nous sommes connectés au niveau mondial, pas des automates individuels. Comme le dit la chanson de *rhythm and blues* de Mann, Weil et Russell, « Aucun de nous n'est libre, chacun de nous est enchaîné » (1993).

Dans les histoires racontées, les expressions de choc au sein de situations professionnelles, familiales et environnementales se sont déployées, impactant les vies dans les communautés d'apprentissage : les universités dans lesquelles nous travaillons. Nos étudiants ont perdu beaucoup de choses. L'apprentissage académique bien sûr, mais aussi la raison d'être de la vie universitaire, les opportunités de nouvelles façons d'être

indépendantes où résident des relations différentes, le développement personnel et les connexions de vie. Y a-t-il des raisons d'être optimiste en termes de bouleversement du statu quo ? Pouvons-nous briser les frontières traditionnelles des universités ? La perturbation peut-elle nous aider à voir des moyens de passer à des formes plus éclairées et plus critiques d'amener les étudiants à apprendre ? Un passage du « sage sur scène », centré sur le professeur et la conférence, à un enseignement comptable plus centré sur l'étudiant, plus problématisé et moins technique ? Un enseignement plus en phase avec les besoins sociaux et les travaux futurs, au-delà de la technique ?

Certaines histoires de frontières brisées nous rappellent les dommages causés à des parties significatives de la vie et de l'économie, comme les secteurs des arts et des loisirs. Une grande partie de la dévastation du COVID a habité ces domaines de nos vies, comme les arts du spectacle, y compris les musiciens (y compris les amis et les musiciens professionnels avec lesquels je, Greg, joue en tant qu'amateur). Cette sphère de vie est fondamentale pour la créativité, la vision et l'imagination, comme l'illustre Rompre les barrières.

Il y a cinquante ans, un important cri de ralliement s'intitulait « le personnel est politique ». Ce message militant proclamait que « tout est lié ». Par exemple, les droits individuels (personnels) sont liés à la politique des soins de santé, et les questions sociales, économiques, culturelles et environnementales sont toutes interdépendantes. Tout le toutim, tout le truc, tout est inclus, tout a un impact et tout est lié. Un cas poignant et bizarre s'est produit lorsque le port d'un masque, dans notre esprit un acte miséricordieux de soin pour les autres car c'est ce que les données scientifiques

nous disent, pour d'autres ne portant pas de masque est devenu un acte politique de défi.

Au cours de la pandémie, le mouvement « Black Lives Matter » a reconnu qu'il y avait de la violence et du profilage racial, non seulement dans le maintien de l'ordre, mais aussi dans les soins de santé et les disparités de morbidité. Alors que les Noirs représentent 13 % de la population américaine, ils sont responsables d'environ 40 % des décès liés au coronavirus aux États-Unis et la situation est similaire au Royaume-Uni. En contemplant les relations complexes entre la discrimination et le pouvoir, nous nous sommes douloureusement demandé pourquoi il existe une telle disparité et une telle injustice. La discrimination s'est révélée dans le classisme; qui doit travailler; qui stocke les étagères, qui livre de la nourriture ou est assis confortablement devant un ordinateur. À juste titre, nous avons ressenti de la culpabilité et de la sensibilité à l'égard des privilèges. Tant de questions à méditer et tant de souffrances à vivre. Nous avons continuellement réfléchi à notre vulnérabilité, notre interconnexion, notre impact et notre fragilité.

En dépit de notre chagrin, la compilation de Rompre les barrières nous a ouvert le cœur et nous a profondément touchés. Elle a mis en évidence la fragilité de ce que nous sommes et nous a poussés à reconsidérer nos valeurs, nos perspectives et ce que nous savons être. La beauté des propositions, la diversité des points de vue et l'honnêteté des contributeurs nous ont profondément touchés. Notre propre transformation s'est déroulée, et nous en sommes très reconnaissants. L'inclusion, le désordre et le dépassement des limites ont été à la fois un défi et une source d'inspiration. Nous sommes émus par la profondeur, la grâce, l'honnêteté et la diversité des contributions, ainsi que par l'immense engagement et la

sagesse de nos co-éditeurs. Les propositions contenues dans ce livre brillent d'une lumière éclatante, illustrant la force, le pouvoir et le don de l'expression humaine et montrant que notre imagination n'a pas de limites, mais qu'elle est au contraire infinie, dynamique et fondamentale pour notre avenir commun.

## Références

---

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) None Of Us Are Free lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.



de Cheryl Lehman & Greg Stoner

## Imaginações não têm limites

Português

Rompendo Barreiras tem sido um projeto para explorar as barreiras pessoais, comportamentais e de crenças que precisavam de disrupção e clarificação. Uma das principais barreiras contestadas nessa coletânea é a forma de se comunicar, principalmente no que diz respeito às “publicações acadêmicas”. Este livro não desafia apenas a hegemonia da língua inglesa, mas também das palavras “escritas”. Ao romper essa fronteira comunicativa, nós demonstramos como a pesquisa, a inquietação, as ideias, a responsabilidade e a justiça estão representadas em um mundo que enfrenta a pandemia de COVID-19, dando voz à diversidade, transformação, vulnerabilidade e relações de poder. Ao mesmo tempo, torna a escrita desse editorial desconfortável, dado que ela poderia ser vista como uma tentativa de reduzir toda essa diversidade à uma única voz. Esse não é nosso intuito, por favor não entenda esse editorial dessa maneira. Aqui tentamos ilustrar o impacto desse projeto em quebrar barreiras para nós e como esse impacto reflete em nossas crenças, impressões e preocupações acerca da justiça. O nosso editorial é, evidentemente, apenas a nossa reflexão sobre as histórias aqui conti(a)das. Uma reflexão que é, ela própria, parcial e instável. Amanhã veremos algo mais nas histórias e relatos. Esperamos que também vejam.

É tão frequentemente mencionado, que parece óbvio: somos seres sociais. Mas novos significados emergiram sobre a nossa necessidade e desejo por conexão durante essa pandemia. Nosso acesso às comunidades mudou e nós perdemos vínculos que tínhamos como certos e garantidos, cujo significado para o nosso bem-estar não tínhamos reconhecido e honrado plenamente. Estávamos – na verdade

ainda estamos – de luto pela perda de comunidades que dificilmente víamos como comunidades, ou comunidades que víamos como externas a nós. Comunidades das quais considerávamos não ser parte, pensávamos não pertencer, mas que claramente pertencíamos. A comunidade em um restaurante, ou bar, ou cafeteria, ou teatro ou de qualquer espaço organizacional, tornou-se parte de um amplo compartilhamento de histórias e vidas, criando conexões fundamentais. Nosso mundo social de universidades, colegas e estudantes torna-se parte de nós à medida que atravessamos cidades, locais e espaços. Durante a pandemia de Covid, o desejo de estar com as pessoas também gerou o medo. O medo de doentes assintomáticos, de pessoas desconhecidas e de pessoas que não usam máscaras. Ao repensarmos nossas barreiras, como rompemos o isolamento? Como rompemos o binarismo entre “nós” e “eles” para incluirmos todos, todes e todas em nossa comunidade? A COVID ilustrou mais uma vez que nós só estamos seguros se todos estivermos; nós somos globalmente conectados, e não autómatos individuais. Como diz a canção de Mann, Weil, e Russell (1993), “Nenhum de nós é livre, se um de nós está acorrentado”.

Nas histórias contadas, estão as expressões de choque que se desdobraram nos ambientes de trabalho, familiar e no meio ambiente, impactando nossas vidas em nossas comunidades de aprendizagem: as universidades em que trabalhamos. Nossos estudantes perderam muito. Perderam parte da aprendizagem acadêmica, claro, mas também a *raison d'être* da vida universitária, as oportunidades para novas e independentes formas de existir nas quais residem diferentes relacionamentos, desenvolvimento pessoal e conexões de vida. Existem motivos para

acreditar numa disrupção do status quo? Podemos romper as tradicionais barreiras das universidades? Essa disrupção pode nos ajudar a ver novas maneiras mais esclarecidas e críticas acerca de guiar os estudantes para a aprendizagem? Um movimento do professor/aula centrado no “sábio no palco” para o ensino de contabilidade mais centrado no estudante mais problematizador e menos técnico? Uma educação mais alinhada com as necessidades sociais e o futuro da profissão que transcende o tecnicismo?

Algumas histórias acerca das barreiras rompidas trazem à mente os prejuízos sofridos por partes significativas da vida e economias como nos setores de arte e lazer. Uma grande parte da devastação trazida pela Covid invadiu essas arenas da nossas vidas, tais como as artes performativas, incluindo músicos (amigos e músicos profissionais com quem eu, Greg, toco como amador). Esta esfera da vida é fundamental para a criatividade, visão e imaginação, como ilustra a coletânea Rompendo Barreiras.

Há cinquenta anos, uma mobilização significativa nos alertou que “o pessoal é político”. Essa mensagem ativista proclama que “tudo está relacionado”. Por exemplo, direitos individuais (pessoais) estão relacionados às políticas de saúde, sociais, econômicas, culturais, assim como se relaciona com as questões ambientais. Um exemplo pungente e bizarro desdobrou-se ao usar uma máscara, na nossa mente um ato benevolente de cuidado com os outros, pois é isso que os dados científicos nos dizem, para outros que não usam máscaras, tornou-se um ato político de desafio.

Durante a pandemia, o apoio ao movimento “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam) reconheceu que havia violência e perfilamento racial não somente na aplicação da força policial mas manifestando-se no

sistema de saúde e nas disparidades na morbidade. Enquanto a população negra dos EUA equivale a 13% da população total, ela representa 40% das mortes decorrentes de COVID-19 nos EUA e a situação no Reino Unido é semelhante. Ao contemplar as relações complexas entre discriminação e poder que dolorosamente questionamos, por que é existe tanta disparidade e injustiça? A discriminação foi revelada no classismo; quem deve trabalhar; quem está abastecendo as prateleiras dos supermercados, entregando comida ou sentado confortavelmente ao computador. Acertadamente, sentimos culpa e sensibilidade em relação ao privilégio. Tantas questões a ponderar e tanto sofrimento a experimentar. Temos contemplado continuamente a nossa vulnerabilidade, interconectividade, impacto e fragilidade.

Apesar do nosso pesar, a compilação do Rompendo Barreiras abriu os nossos corações e nos sensibilizou profundamente. Realçou a fragilidade daquilo que nós somos e nos fez reconsiderar valores, perspectivas e aquilo que nós sabemos ser. A beleza das contribuições, o leque de possibilidades, e a honestidade dos colaboradores e colaboradoras nos comoveu de forma profunda. A nossa própria transformação foi um desdobramento, pelo que somos profundamente agradecidos e agradecidas. A inclusão, a confusão e o rompimento de barreiras tem sido simultaneamente desafiador e esclarecedor. Estamos comovidos pela profundidade, graça, honestidade e variedade das contribuições e pelo imenso empenho e sabedoria dos nossos co-editores e co-editoras. As contribuições neste livro brilham com uma luz vibrante, ilustrando a força, poder e dom da expressão humana e que a nossa imaginação não tem barreiras, mas são sim infinitas, dinâmicas e fundamentais para o nosso futuro compartilhado.

## Referências

---

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) None Of Us Are Free lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.



de Cheryl Lehman & Greg Stoner

## La imaginación no tiene límites

Español

Rompiendo Fronteras ha sido un proyecto de exploración de los límites personales, de comportamiento y de creencias que necesitan ser alterados e iluminados. Uno de los límites más importantes que se cuestionan en esta colección es el de los medios de comunicación, especialmente en las “publicaciones académicas”. Este libro rompe no solo la hegemonía del inglés, sino también la de la palabra escrita, desafiando el dominio de ambos como muestra de estatus. Al romper esta frontera de la comunicación, se muestra cómo se representan la investigación, las ideas, la responsabilidad y la justicia en un mundo con COVID, dando voz a la diversidad, la transformación, la vulnerabilidad y las relaciones de poder. Esta situación también hace que escribir esta editorial sea una labor difícil, ya que podría leerse como una forma de convertir dicha diversidad en una sola voz; no es eso lo que pretendemos hacer aquí y pedimos que por favor no lo lean como tal. Aquí tratamos de ilustrar el impacto del proyecto en la ruptura de fronteras para nosotros y cómo esto se refleja en nuestras creencias, impresiones y preocupaciones por la justicia. Nuestra editorial es, por supuesto, sólo nuestra reflexión sobre los relatos aquí expuestos. Una reflexión que es a la vez parcial e inestable. Seguramente el día de mañana veremos algo más en las historias y relatos, y esperamos que usted también lo haga.

Se menciona con tanta frecuencia que parece obvio: somos criaturas sociales; no obstante, durante la pandemia surgieron nuevos significados sobre nuestra necesidad y deseo de conexión. La accesibilidad de la comunidad cambió y perdimos vínculos que dábamos por sentados, que no habíamos reconocido y que no habíamos honrado plenamente su importancia para nuestro

bienestar. Hicimos duelo (y todavía lo hacemos) sobre la pérdida de comunidades que difícilmente veíamos como tales, o aquellas que veíamos como ajenas a nosotros. Comunidades de las que no nos considerábamos parte, pero que claramente lo éramos. La comunidad dentro de un restaurante o un bar o una cafetería o un teatro o un espacio organizativo se convirtió en parte de un amplio intercambio de historias y vidas, creando conexiones fundamentales. Nuestro mundo social de universidades, colegas y estudiantes se convirtió en parte de nosotros mientras atravesábamos ciudades y espacios. En los tiempos del COVID, el anhelo de estar con otros también generó miedo: el miedo a los transmisores asintomáticos, a los forasteros y a los que no llevaban máscara. Al repensar nuestros límites, ¿cómo rompemos el aislamiento? ¿cómo rompemos las estructuras binarias de “nosotros” y “ellos” para incluir a todos en nuestra comunidad? El COVID demostró una vez más que sólo estamos seguros si todos lo estamos; estamos conectados globalmente, no somos autómatas individuales. Como dice la canción de *rhythm and blues* de Mann, Weil y Russell: “Ninguno de nosotros es libre, uno de nosotros está encadenado” (1993).

En las historias contadas, se desplegaron expresiones de conmoción dentro de situaciones laborales, familiares y ambientales, que impactaron en las vidas de las comunidades de aprendizaje: las universidades en las que trabajamos. Nuestros estudiantes perdieron mucho, no solo en términos del aprendizaje académico, sino también la razón de ser de la vida universitaria, de las oportunidades de generar formas de ser nuevas e independientes en las que residen las diferentes relaciones, el desarrollo personal y las conexiones vitales. ¿Hay

motivos para el optimismo en cuanto a la alteración del status quo? ¿Podemos romper la tradición de límites de las universidades? ¿Puede la disrupción ayudarnos a ver formas más ilustradas y más críticas de conducir a los estudiantes al aprendizaje? ¿Se puede pasar del “sabio en el escenario” centrado en el profesor/conferencista a una educación contable más centrada en el estudiante, más problematizada y menos técnica? ¿Una educación más alineada con las necesidades sociales más allá de lo técnico?

Algunas historias de ruptura de fronteras nos traen a la mente el daño a elementos significativos de la vida y de las economías, como los sectores de las artes y el ocio. Gran parte de la devastación del COVID afectó estos ámbitos de nuestras vidas, como las artes escénicas e inclusive a los músicos (entre ellos amigos y profesionales con los que yo, Greg, toco como aficionado). Esta esfera de la vida es fundamental para la creatividad, la visión y la imaginación, como lo ilustra Rompiendo Fronteras.

Hace cincuenta años, un importante grito de guerra proclamaba que “lo personal es político”. Este mensaje activista proclamaba que “todo está relacionado”, por ejemplo, los derechos individuales (personales) están vinculados a la política de la atención sanitaria y las cuestiones sociales, económicas, culturales y medioambientales están todas interrelacionadas. Todo el asunto, el conjunto, todo está incluido, tiene impacto y está relacionado. Un caso conmovedor y extraño que demostraba esto fue llevar una máscara (mascarilla o tapabocas), lo cual en nuestra mente se configuró como un acto misericordioso de cuidado de los demás ya que eso es lo que nos dicen los datos científicos. Y a su vez, para otros el no llevar máscaras se convirtió en un acto político de desafío.

Durante la pandemia, en el marco del movimiento “Black Lives Matter” se reconoció que había violencia y perfilaciones raciales no sólo en las actuaciones policiales, sino que también se manifestaba en las disparidades en la atención sanitaria y la morbilidad. Aunque los negros representan el 13% de la población estadounidense, son responsables de aproximadamente el 40% de las muertes relacionadas con el coronavirus en Estados Unidos, y la situación en el Reino Unido es similar. Es así como contemplando las complejas relaciones entre la discriminación y el poder, nos preguntamos dolorosamente por qué hay tanta disparidad e injusticia. La discriminación se puso de manifiesto en el clasismo: quién debe trabajar, quién repone los estantes, reparte comida o quién se sienta cómodamente ante un ordenador. Nos sentimos culpables y sensibles ante los privilegios. Hay tantas cuestiones sobre las cuales reflexionar y tanto sufrimiento que experimentar. Hemos contemplado continuamente nuestra vulnerabilidad, interconexión, impacto y fragilidad.

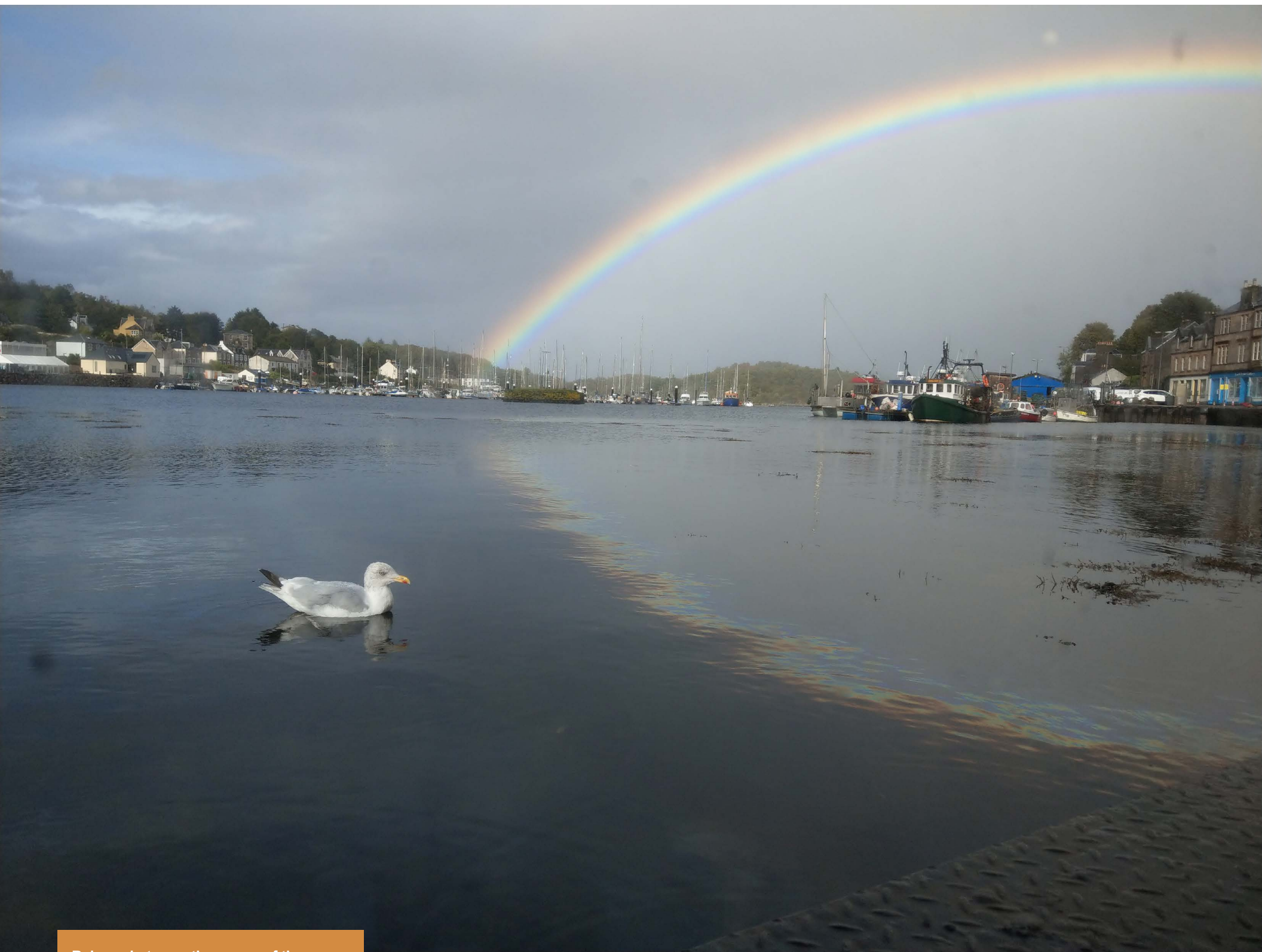
A pesar de nuestro dolor, la recopilación de Rompiendo Fronteras nos ha abierto el corazón y nos ha tocado profundamente. Ha puesto de manifiesto la fragilidad de lo que somos y nos ha llevado a reconsiderar los valores, las perspectivas y lo que sabemos que somos. La belleza de las propuestas, la variedad de ideas y la honestidad de los colaboradores nos han conmovido profundamente. Nuestra propia transformación se desarrolló, por lo cual estamos muy agradecidos. La inclusión, el desorden y la ruptura de los límites han sido tanto un reto como una iluminación. Estamos conmovidos por la profundidad, la gracia, la honestidad y la variedad de las contribuciones, así como por el inmenso compromiso y la sabiduría de nuestros coeditores. Las propuestas de este libro brillan con una luz vibrante, ilustrando la

fuerza, el poder y el don de la expresión humana y que nuestra imaginación no tiene límites, sino que es infinita, dinámica y fundamental para nuestro futuro compartido.

## Referencias

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) None Of Us Are Free lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.





**Release between the waves of the  
pandemic – Tarbert, Argyll, Scotland, UK**

Submitted by: Greg Stoner  
Credit: Greg Stoner

## Rompre les barrières : Rêves d'hier, d'aujourd'hui et de demain

Français

*Diane-Laure Arjaliès (qui vit « quelque part » entre Paris et London – Ontario) & Yves Gendron (qui vit « quelque part » au Québec, entre Gatineau et Gaspé)*

### Résumé

Ce témoignage des deux éditeurs francophones de l'ouvrage, Diane-Laure et Yves, offre un éclairage sur leur désir de produire une collaboration internationale et multimédia visant à rompre les barrières. A partir de leur propre expérience de la pandémie, les auteurs examinent la façon dont le rêve de globalisation s'est soudainement arrêté et a conduit à revoir fondamentalement le fonctionnement des sociétés dans lesquelles beaucoup se sont retrouvés prisonniers. Réfléchissant aux conséquences de cette réorganisation pour les plus fragiles, les éditeurs s'interrogent sur l'impact à long terme de la pandémie, notamment en termes d'inégalités. Quel monde avons-nous ainsi créé ? Qu'est-ce que l'histoire retiendra ? Quel rôle pouvons-nous désormais jouer ? Rêvant d'un univers académique plus ouvert et divers, les éditeurs espèrent que l'ouvrage inspirera d'autres, collègues, citoyen(ne)s, humain(e)s, à Rompre les barrières.

17 Mars 2021

Entre Paris et London (Ontario). Le 1er février 2021, la France décida d'interdire tout déplacement en dehors de l'espace européen. Impossible désormais pour les Français de l'étranger de rejoindre leurs familles, leurs amis, leur patrie. Impossible également pour leurs familles, leurs amis et leur patrie de les rejoindre sur leur terre d'adoption. Un an après le début de la pandémie de COVID-19, et alors qu'on pensait le virus sous contrôle, le

monde se barricada à nouveau. Les frontières qu'on croyait en train de rouvrir se refermèrent, prenant au piège les héros d'un monde globalisé semblant dorénavant terminé.

Entre Gatineau et Gaspé. En ce même jour, le Québec vit au rythme de son premier couvre-feu, décrété quelques semaines plus tôt et en application, dans la plupart des régions, de 20h le soir à 5h le lendemain matin. Pour la toute première fois chez la quasi-totalité de la population, on fait l'expérience d'une interdiction formelle (sauf quelques exceptions) de sortir de chez soi – dans le but d'éviter les rassemblements « illégaux » ayant contribué à décupler le nombre de cas de COVID-19 autour des fêtes de fin d'année 2020. On ne peut nier l'aspect déstabilisant, chez plusieurs, d'une telle expérience où maintes personnes sentent qu'une « main invisible », subrepticement, bloque les portes extérieures des résidences et restreint la liberté de mouvement – qui est pourtant une valeur fondamentale chez maints nord-américains.

Sur le globe. Au même moment, l'Organisation Mondiale de la Santé enquêtait sur le terrain afin de mieux comprendre les responsabilités de la Chine, les variants prenaient le nom du pays qui les voyait émerger – anglais, sud-africain, brésilien, et les nations interdisaient l'exportation de vaccins produits sur leur territoire afin de les offrir à leur propre population. Après un an d'une épidémie mondiale et malgré un consensus international sur le fait que toute solution durable à la crise ne pourrait être que globale, la nationalité de l'être humain potentiellement infecté semblait dorénavant revêtir une importance primordiale. Mais qu'était-il donc en train d'arriver au rêve de mondialisation tant soutenu et adoré par le passé – tant chez



l'establishment néolibéral que chez maintes franges de la société ? La COVID-19 aurait-elle décidé de s'allier aux tenants du trumpisme pour mettre au jour et lutter contre les excès de l'agenda de globalisation économique ?

Entre Paris et London (Ontario). Tandis que les citoyens du monde se retrouvaient bloqués sur le territoire qu'ils avaient décidé temporairement de faire leur, de nouvelles questions émergent : Ne serais-je pas mieux ailleurs ? Mais pourquoi certains états semblent-ils réussir à contenir les infections et pas le mien ? En fait, quel est mon pays ? Celui qui m'héberge ? Celui qui me vaccine ? Celui qui m'empêche de revenir ? Pourrais-je à nouveau voyager ? Mais pourquoi la vie est-elle soudainement si compliquée ? Pouvoir ouvrir ou non les frontières était dorénavant devenu l'un des principaux sujets de discussion, et ce dans le monde entier.

Entre Gatineau et Gaspé. Alors que certains pays font état de statistiques de vaccination « encourageantes », plusieurs citoyens au Québec ne cessent de se désespérer face à la lenteur du rythme par lequel l'offensive vaccinale est menée sur leur territoire. On apprend alors que le Canada dépend fondamentalement des pays étrangers en matière de fabrication et d'approvisionnement en vaccins – tout cela en raison du rêve d'une mondialisation avenante où il était justifié, économiquement, de transférer hors-territoire la production de vaccins. Plusieurs observateurs québécois en tirent la leçon, triste et irrévocable, que la vie d'un citoyen des États-Unis (où il y a une grande production industrielle de vaccins) « vaut » beaucoup plus que celle des individus qui vivent au nord et au sud des frontières étasuniennes.

Rompre les barrières : un rêve que nous poursuivions lorsque nous lancions l'idée de cet appel à contributions, et qui semblait

désormais être bien inaccessible. Et alors que nous écrivions l'éditorial de cet ouvrage dansant et inspirant, une question lancinante nous envahit : Mais quel sera le monde d'après ? Qu'advient-il des indignations, des espoirs, des idées partagées dans ce recueil de pensées tout à la fois éphémère et éternel ? Qu'est-ce que l'humanité retiendra de cette pandémie qui ferma nos frontières et éteignit nos rêves pendant plusieurs années ?

Il nous est souvent arrivé d'entendre, « Cette pandémie, c'est notre guerre à nous. » Mais de quelle guerre s'agit-il au juste ? Celle menée par ces travailleurs essentiels – aides à domicile, livreurs, caissiers, éboueurs, ces « nouveaux héros » portés aux nues par des sociétés confinées, qui pourtant ne les ont pas suffisamment préparés à agir en mode COVID-19 ? Celle menée par les malades, leurs équipes de soin épuisées et désespérées, ces « soldats (très souvent, des soldates) en première position » dont les conseils sanitaires ont été de plus en plus tus par les hauts gradés (très souvent, masculinisés) de la politique ? Celle menée par une génération esseulée et abandonnée dont on a volontairement sacrifié la jeunesse au profit d'autres générations dont la jeunesse a pu se vivre sans grandes entraves socio-sanitaires ? Ou celle menée par des quartiers, des régions, des pays où la pauvreté n'a permis ni de sauver des vies, ni de sauver l'avenir ?

La pandémie fut peut-être une guerre, mais pas pour tous. Le confinement, la maladie, la mort n'ont pas touché de manière juste et équitable. Il semble bien que les pauvres soient devenus plus pauvres, tandis que les riches sont devenus plus riches. Les inégalités se seraient accentuées et le tourment des populations déjà en souffrance ne ferait qu'augmenter. Nos choix collectifs et individuels n'ont pas toujours été ceux d'une humanité ouverte et bienveillante.

Trop souvent, le confinement a été une épreuve vécue seul(e) et tristement. Les futures générations nous pardonneront-elles l'égoïsme et les peurs qui nous ont conduit à ne pas tendre la main à ceux qui en avaient besoin, même « virtuellement » ? Aurions-nous pu apprendre de nos erreurs et agir différemment ? Quel devoir de mémoire l'histoire exercera-t-elle ?

Cet ouvrage est notre récit de la pandémie, celui de mois passés à essayer de donner à chaque expérience, chaque vécu, chaque témoignage la place d'exister. En recueillant et partageant chacune de ces histoires, nous espérons que la grande Histoire ne passera pas sous silence tous ces instants de vies soudainement arrêtées et bousculées. Nous avons très certainement commis maintes fautes et mal géré nos priorités; nous ignorons encore tant du monde post-Covid que nous sommes pourtant en train de créer. Nous sommes d'ores et déjà désolés de ne pas avoir mieux écouté et planifié. Mais nous avons également essayé. Nous avons réfléchi. Nous avons bataillé. Nous avons rêvé. Nous avons espéré. Nous avons pleuré. Nous avons aimé. Cette pandémie ne fût peut-être pas la guerre dont certains ont parlé, elle fut néanmoins un moment dans nos existences où nos destinées se sont liées (malgré confinements, isolements et couvre-feux) et où le concept de solidarité a pu prendre un nouveau sens.

Cet ouvrage est donc aussi notre ode à la vie, une touche d'espoir pour nos enfants, nos petits-enfants, nos arrière-petits-enfants. Au siècle prochain, cette pandémie ne sera plus qu'un lointain souvenir. Les générations à venir se demanderont probablement comment une telle pagaille prit forme. Nous espérons que ce recueil leur permettra de mieux saisir la fragilité mais également la beauté d'une humanité éprouvée mais aussi célébrée et aimée alors que le monde vacillait. Le

temps s'arrêta, mais la vie continua. Nous réinventâmes des façons de communiquer. Nous créâmes des mondes virtuels où nous nous rencontrâmes. Nous inventâmes un nouveau quotidien où distanciation sociale et sans contact devinrent les nouveaux rois. Nous essayâmes de devenir plus courageux et ambitieux afin d'échafauder un monde plus ouvert et respectueux. Nous nous risquâmes à « rompre les barrières », dans nos vies personnelles mais aussi professionnelles. Nous sommes notamment fiers d'avoir pu, un tant soit peu, contribuer à la réalisation d'un ouvrage rassemblant ce beau concept qu'est la francophonie – afin qu'elle puisse témoigner des souffrances mais aussi des moments de solidarité et d'espoir que la COVID-19 a suscités en divers endroits sur la planète.

Au terme de ce voyage, c'est à toutes ces vies disparues, et ces vies qui n'apparaîtront pas que nous souhaitons dédier cet ouvrage. Au-delà des statistiques, des coûts, des bénéfices, ce sont des existences qui se sont ainsi effacées. Chaque perte humaine est une perte pour l'humanité. Et s'il y a peut-être quelque chose que la comptabilité pourrait dorénavant faire, c'est de mieux rendre compte de cette disparition et de ses émotions. Cet appel à contributions montre que le monde est prêt à se raconter en musique, en rimes, en photographie, en sourires, en émotions, loin des chiffres, de la grisaille et de l'objectivité dont on nous a tant parlé. Un autre univers académique est possible : plus critique, plus imaginaire, plus juste. Libre à nous désormais de le saisir.

Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron



de Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron

## Romper as barreiras: Sonhos de ontem, de hoje e de amanhã

Português

*Diane-Laure Arjaliès (que vive em “qualquer parte” entre Paris e London – Ontario) & Yves Gendron (que vive “qualquer parte” no Québec, entre Gatineau e Gaspé)*

### Resumo

Este relato da editora e do editor francófonos do livro, Diane-Laure e Yves, lança luz sobre o desejo de produzir uma colaboração internacional e multimídia destinada a romper barreiras. Com base em suas próprias experiências da pandemia, os autores examinam como o sonho da globalização foi subitamente suspenso e levou fundamentalmente a um repensar do funcionamento das sociedades das quais muitos se encontravam reféns. Refletindo sobre as consequências desta reorganização para os mais vulneráveis, os editores consideram o impacto a longo prazo da pandemia, particularmente em termos de desigualdade. Que tipo de mundo nós criamos? O que a história lembrará? Que papel podemos desempenhar agora? Sonhando com um mundo acadêmico mais aberto e diversificado, os editores esperam que o livro inspire outros colegas, cidadãos, humanos a Romper as Barreiras.

### 17 de março de 2021

Entre Paris e Londres (Ontário). Em primeiro de fevereiro de 2021, a França decidiu interditar todas as viagens para fora da União Europeia. Agora é impossível para os cidadãos franceses no exterior juntarem-se aos seus familiares, aos seus amigos, aos seus parentes. Também era impossível igualmente para seus familiares, seus amigos e seus parentes se reencontrarem em sua pátria de adoção. Um ano após o início da pandemia de COVID-19, e mesmo depois que nós pensávamos

que teríamos o vírus sob controle, o mundo mais uma vez se barricou. As fronteiras que se pensava estarem reabrindo se fecharam novamente, prendendo os heróis de um mundo globalizado que parecia estar acabado.

Entre Gatineau e Gaspé. Nesse mesmo dia, o Québec estava vivendo ao ritmo de seu primeiro toque de recolher, decretado algumas semanas antes e em vigor, na maior parte das regiões, das 20 horas da noite até às 5 horas da madrugada do dia seguinte. Pela primeira vez na quase totalidade das casas, a população passa pela experiência de uma proibição formal (salvo algumas exceções) de sair de suas casas – com o objetivo de evitar as reuniões “ilegais” que contribuíram para o aumento do número de casos de COVID-19 em torno das festas de fim de ano de 2020. Não se pode negar o aspecto desestabilizador, para muitos, de tal experiência em que muitos sentem como se uma “mão invisível”, sub-repticiamente, bloqueasse as portas exteriores das residências e restringisse a liberdade de movimentação – que é um valor fundamental para muitos norte-americanos.

Ao redor do Globo. Nesse mesmo momento, a Organização Mundial da Saúde (OMS) investiga o campo a fim de melhor compreender as responsabilidades da China, as variantes assumindo o nome do país que as vira emergir – inglesa, sul-africana, brasileira, e as nações interdita a exportação das vacinas produzidas sobre o seu território a fim e as oferecer a sua própria população. Depois de um ano de uma pandemia mundial e apesar de um consenso internacional sobre o fato de que qualquer solução durável à crise deverá ser global, a nacionalidade de um ser humano potencialmente infectado parecia ser doravante de uma importância

primordial. Mas o que acontecia então com o sonho de mundialização tão defendido e adorado no passado – tanto pelo establishment neoliberal quanto por muitos setores da sociedade? Teria a COVID-19 decidido se aliar aos defensores do Trumpismo para expor e lutar contra os excessos de uma agenda de globalização econômica?

Entre Paris e Londres (Ontário). Enquanto os cidadãos do mundo se encontram bloqueados no território que haviam decidido temporariamente ter como seus, novas questões emergem: Não estaria melhor em outra parte? Mas porque alguns países parecem ser bem-sucedidos em conter as infecções mas não o meu? De fato, qual é o meu país? Será esse que me hospeda? Será esse que me vacina? Será aquele que me impede de retornar? Será que poderei novamente viajar? Mas porque a vida se torna subitamente tão complicada? Poder ou não abrir as fronteiras se tornaria doravante um dos principais tópicos de discussão, em todo o mundo.

Entre Gatineau e Gaspé. Enquanto que alguns países relatam estatísticas de vacinação “encorajadoras”, muitos cidadãos no Québec não param de se desesperar face à lentidão do ritmo pelo qual a ofensiva de vacinação é realizada sobre o seu território. Nós aprendemos ainda que o Canadá depende fortemente dos países estrangeiros em matéria de fabricação e fornecimento de vacinas – tudo por causa do sonho de uma mundialização vantajosa na qual se justificaria economicamente a transferência da produção de vacinas para o exterior. Muitos observadores québécois aprendem a lição, triste e irrevogável, que a vida de um cidadão dos Estados Unidos (onde há uma grande produção industrial de vacinas) “vale” muito mais do que a vida dos indivíduos que vivem ao norte e ao sul das fronteiras estadunidenses.

Romper as barreiras: um sonho que nós perseguíamos quando lançamos a ideia dessa chamada de contribuições, e que agora parecia bastante inalcançável. E enquanto nós escrevíamos o editorial dessa obra dançante e inspiradora, uma questão lancinante nos veio à mente: Mas qual será o mundo do depois? O que admirará das indignações, das esperanças, das ideias compartilhadas nessa coletânea de pensamentos de toda forma efêmera e eterna? O que será que a humanidade reterá dessa pandemia que fechou nossas fronteiras e extinguiu nossos sonhos por vários anos?

Ouvimos dizer com frequência: “Esta pandemia é nossa guerra”. Mas que guerra é exatamente essa? Aquela travada por aqueles trabalhadores essenciais – empregados domésticos, entregadores, caixas, coletores de lixo, aqueles “novos heróis” elogiados pelas sociedades confinadas, que não os prepararam o suficiente para agir durante a pandemia de COVID-19? Aquela liderada pelos doentes e suas equipes de atendimento exaustas e desesperadas, esses “soldados (muitas vezes, soldados femininos) na linha de frente”, cujos conselhos sanitários de saúde têm sido cada vez mais silenciados pelos altos mandatários políticos (muitas vezes, masculinizados)? Aquela liderada por uma geração solitária e abandonada cuja juventude foi deliberadamente sacrificada em benefício de outras gerações cuja juventude foi capaz de viver sem grandes obstáculos sócio-sanitários? Ou aquela liderada por bairros, regiões e países nos quais a pobreza não permitiu salvar as vidas nem salvaguardar o futuro?

A pandemia pode ter sido uma guerra, mas não para todos. O confinamento, a doença e a morte não afetaram as pessoas de forma justa e equitativa. Parece que os pobres se

tornaram mais pobres, enquanto os ricos se tornaram mais ricos. A desigualdade teria aumentado e o tormento das populações já sofridas só aumentaria. Nossas escolhas coletivas e individuais nem sempre foram as de uma humanidade aberta e atenciosa. Na maior parte das vezes, o confinamento tem sido uma prova vivida de maneira solitária e triste. Será que as gerações futuras nos perdoarão o egoísmo e os medos que nos levaram a não alcançar os necessitados, mesmo “virtualmente”? Poderíamos ter aprendido com nossos erros e agido de forma diferente? Que dever de memória exercerá a história?

Este livro é nosso relato sobre a pandemia, a história de meses passados tentando dar a cada experiência, cada história, cada testemunho o lugar que ela merece. Ao coletar e compartilhar cada uma dessas histórias, esperamos que a grande História não ignore esses momentos de vidas subitamente interrompidas e perturbadas. Certamente cometemos muitos erros e administramos mal nossas prioridades; ainda sabemos tão pouco sobre o mundo pós-Covid que estamos criando. Já nos arrependemos de não termos escutado e planejado melhor. Mas também já tentamos. Nós pensamos. Nós lutamos. Sonhamos. Tivemos esperança. Choramos. Amamos. Esta pandemia pode não ter sido a guerra de que alguns falaram, mas foi no entanto um momento em nossas vidas em que nossos destinos estavam ligados (apesar do confinamento, isolamento e toque de recolher) e quando o conceito de solidariedade assumiu um novo significado.

Este livro é, portanto, também nossa ode à vida, um toque de esperança para nossos filhos e filhas, nossos netos e netas, nossos bisnetos e bisnetas. No próximo século, esta pandemia não será mais do que uma memória distante. As gerações futuras provavelmente se perguntarão como



surgiu tal confusão. Esperamos que esta coletânea lhes dê uma melhor compreensão da fragilidade, mas também da beleza de uma humanidade que foi testada, mas também celebrada e amada enquanto o mundo titubeava. O tempo parou, mas a vida continuou. Reinventamos as formas de comunicação. Criamos mundos virtuais onde nos encontramos. Inventamos uma nova vida cotidiana na qual o distanciamento social e a falta de contato se tornaram os novos reis. Tentamos nos tornar mais corajosos e ambiciosos a fim de construir um mundo mais aberto e respeitoso. Nós nos aventuramos a “quebrar as barreiras”, tanto em nossa vida pessoal quanto profissional. Estamos especialmente orgulhosos de termos contribuído de alguma forma para a criação de um livro que reúne este belo conceito de francofonia – para que ele possa testemunhar o sofrimento, mas também os momentos de solidariedade e esperança que o COVID-19 gerou em várias partes do mundo.

Ao final desta jornada, desejamos dedicar este livro a todas aquelas vidas que desapareceram e àquelas que não aparecerão. Além das estatísticas, os custos, os benefícios, estas são vidas que foram apagadas. Cada perda humana é uma perda para a humanidade. E se talvez haja algo que a contabilidade possa fazer a partir de agora, talvez seja para prover (contra) relatos deste apagamento e de suas emoções. Este apelo a contribuições mostra que o mundo está pronto para contar sua história em música, em rimas, na fotografia, nos sorrisos, nas emoções, longe dos números, do cinzento e da objetividade de que tanto ouvimos falar. Outro universo acadêmico é possível: mais crítico, mais imaginativo, mais justo. Agora cabe a nós aproveitá-lo.

Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron

## Rompiendo Fronteras: Sueños de ayer, hoy y mañana

Español

*Diane-Laure Arjaliès (que vive “en algún lugar” entre París y Londres - Ontario) & Yves Gendron (que vive “en algún lugar” de Quebec, entre Gatineau y Gaspé)*

### Resumen

Este relato de los dos editores francófonos del libro, Diane-Laure e Yves, ofrece una visión de su deseo de producir una colaboración internacional y multimedia destinada a romper las fronteras. Basándose en su propia experiencia de la pandemia, los autores examinan cómo el sueño de la globalización se detuvo repentinamente y condujo a un replanteamiento fundamental del funcionamiento de las sociedades en las que muchos quedaron atrapados. Al reflexionar sobre las consecuencias de esta reorganización para los más vulnerables, los editores consideran el impacto a largo plazo de la pandemia, especialmente en términos de desigualdad. ¿Qué tipo de mundo hemos creado? ¿Qué recordará la historia? ¿Qué papel podemos desempeñar ahora? Soñando con un mundo académico más abierto y diverso, los editores esperan que el libro inspire a otros (colegas, ciudadanos, seres humanos) a romper las fronteras.

**17 de marzo de 2021**

Entre París y Londres, Ontario. El 1 de febrero de 2021, Francia decidió prohibir todos los viajes fuera de la Unión Europea. Entonces era imposible para los ciudadanos franceses en el extranjero reunirse con sus familias, sus amigos y su patria. También fue imposible que sus familias, amigos y patria se reunieran con ellos en su país de adopción. Un año después del inicio de la pandemia de COVID-19 y justo cuando creíamos que el virus estaba

controlado, el mundo se atrinchera de nuevo. Las fronteras que se creían reabiertas volvieron a cerrarse, atrapando a los héroes de un mundo globalizado que parecía haber terminado.

Entre Gatineau y Gaspé. Ese mismo día, Quebec vivía al ritmo de su primer toque de queda, decretado unas semanas antes y en vigor, en la mayoría de las regiones, desde las 20 horas de la noche hasta las 5 de la mañana del día siguiente. Por primera vez, casi toda la población experimentaba una prohibición formal (con algunas excepciones) de salir de casa, para evitar las reuniones “ilegales” que contribuyeron a multiplicar por diez el número de casos de COVID-19 en torno a las celebraciones de fin de año en 2020. Es innegable el aspecto desestabilizador que tiene para muchos una experiencia de este tipo, en la que muchos sienten que una “mano invisible” bloquea subrepticamente las puertas exteriores de las casas y restringe la libertad de movimiento, que es un valor fundamental para muchos norteamericanos.

En todo el mundo. Al mismo tiempo, la Organización Mundial de la Salud investigaba el campo para comprender mejor las responsabilidades de China, las variantes tomaban el nombre del país que las vio surgir (británica, sudafricana, brasileña) y las naciones prohibían la exportación de vacunas de fabricación propia para sus poblaciones. Después de un año de epidemia mundial, y a pesar del consenso internacional de que cualquier solución duradera a la crisis sólo podía ser mundial, la nacionalidad del ser humano potencialmente infectado parecía tener ahora una importancia primordial. Pero, ¿qué está pasando con el sueño de la globalización que tanto se había apoyado y adorado en el pasado, tanto por el auge neoliberal

como por muchos sectores de la sociedad?  
¿Ha decidido el COVID-19 unir fuerzas con los defensores del trumpismo para exponer y combatir los excesos de la agenda de la globalización económica?

Entre París y Londres, Ontario. A medida que los ciudadanos del mundo se encontraban varados en el territorio que habían decidido hacer suyo temporalmente, surgieron nuevas preguntas: ¿No estaría mejor en otro lugar? ¿por qué algunos estados parecen ser capaces de contener las infecciones y el mío no? De hecho, ¿qué país es el mío? el que me acoge, el que me vacuna, el que me impide volver ¿Podré volver a viajar? ¿por qué la vida es de repente tan complicada? La apertura o no de las fronteras se ha convertido en uno de los principales temas de debate, en todo el mundo.

Entre Gatineau y Gaspé. Mientras algunos países informan de estadísticas de vacunación “alentadoras”, muchos ciudadanos de Quebec siguen desesperados por la lentitud con la que se lleva a cabo la ofensiva de vacunación en su territorio. Nos enteramos que Canadá depende fundamentalmente de países extranjeros para la fabricación y el suministro de vacunas, todo por el sueño de una globalización benigna en la que tenía sentido económico trasladar la producción de vacunas al extranjero. Muchos observadores de Quebec extraen la triste e irrevocable lección de que la vida de un ciudadano de Estados Unidos (donde hay una gran producción industrial de vacunas) “vale” mucho más que la de los individuos que viven al norte y al sur de la frontera estadounidense.

Romper las fronteras: un sueño que perseguíamos cuando lanzamos la idea de esta convocatoria de contribuciones y que ahora parecía bastante inalcanzable. Y mientras escribíamos la editorial de este

libro inspirador y danzante, nos vino a la mente una pregunta insistente: ¿Cómo será el mundo después? ¿Qué será de las dignidades, las esperanzas, las ideas compartidas en esta efímera pero eterna colección de pensamientos? ¿Qué aprenderá la humanidad de esta pandemia que cerró nuestras fronteras y apagó nuestros sueños durante varios años?

Hemos escuchado a menudo: “Esta pandemia es nuestra guerra”, pero ¿de qué guerra se trata? La que libran los trabajadores esenciales (ayudantes del hogar, repartidores, cajeros, recolectores de basura), esos “nuevos héroes” alabados por las sociedades confinadas, que no los han preparado suficientemente bien para actuar en modo COVID-19? ¿La que dirigen los enfermeros, sus equipos de atención exhaustos y desesperados, esos “soldados (muy a menudo, mujeres soldados) en primera línea” cuyos consejos sanitarios han sido cada vez más silenciados por la cúpula política (muy a menudo, masculinizada)? ¿La de una generación solitaria y abandonada cuya juventud ha sido deliberadamente sacrificada en beneficio de otras generaciones cuya juventud ha podido vivir sin mayores obstáculos sociosanitarios? ¿O la que protagonizan los barrios, las regiones y los países donde la pobreza no nos ha permitido salvar vidas ni salvar el futuro?

La pandemia puede haber sido una guerra, pero no para todos. La contención, la enfermedad y la muerte no se tocaron de manera justa y equitativa. Parece que los pobres se han vuelto más pobres, mientras que los ricos se han vuelto más ricos. Las desigualdades habrían aumentado y el tormento de las poblaciones que ya sufren no haría más que aumentar. Nuestras opciones colectivas e individuales no siempre han sido las de una humanidad abierta y solidaria. Con demasiada frecuencia, el

encierro ha sido un calvario que se ha vivido en solitario y con tristeza. ¿Nos perdonarán las generaciones futuras el egoísmo y los miedos que nos llevaron a no tender la mano a los necesitados, incluso “virtualmente”? ¿Podríamos haber aprendido de nuestros errores y actuar de forma diferente? ¿Qué deber de memoria ejercerá la historia?

Este libro es nuestro relato de la pandemia, la historia de los meses que pasamos intentando dar a cada experiencia, a cada historia, a cada testimonio un lugar en la historia. Al recopilar y compartir cada una de estas piezas, esperamos que la historia no ignore todos estos momentos de vidas repentinamente interrumpidas y sacudidas. Sin duda, hemos cometido muchos errores y hemos gestionado mal nuestras prioridades; todavía sabemos muy poco sobre el mundo postcovita que estamos creando. Ya nos arrepentimos de no haber escuchado y planificado mejor. Pero también lo hemos intentado. Hemos pensado. Hemos luchado. Hemos soñado. Lo esperábamos. Lloramos. Nos ha encantado. Puede que esta pandemia no haya sido la guerra de la que algunos han hablado, pero fue, sin embargo, un momento de nuestras vidas en el que nuestros destinos estaban unidos (a pesar del confinamiento, el aislamiento y los toques de queda) y en el que el concepto de solidaridad adquirió un nuevo significado.

Por ello, este libro es también nuestra oda a la vida, un toque de esperanza para nuestros hijos, nuestros nietos, nuestros bisnietos. En el próximo siglo, esta pandemia será un recuerdo lejano. Las generaciones futuras probablemente se preguntarán cómo se ha llegado a semejante desorden. Esperamos que esta colección les permita comprender mejor la fragilidad y la belleza de una humanidad que fue puesta a prueba, pero también celebrada y amada mientras el mundo se tambaleaba. El tiempo se detuvo,



pero la vida continuó. Reinventamos las formas de comunicación. Creamos mundos virtuales donde nos conocimos. Inventamos una nueva vida cotidiana en la que el distanciamiento social y el no contacto se convirtieron en los nuevos reyes. Intentamos ser más valientes y ambiciosos para construir un mundo más abierto y respetuoso. Nos aventuramos a “romper fronteras”, tanto en nuestra vida personal como profesional. Nos sentimos especialmente orgullosos de haber podido contribuir de alguna manera a la creación de un libro que recoge este hermoso concepto de la francofonía, para que pueda dar testimonio del sufrimiento pero también de los momentos de solidaridad y esperanza que el COVID-19 ha generado en diversas partes del mundo.

Al final de este viaje, queremos dedicar este libro a todas las vidas que han desaparecido y a las que no aparecerán. Más allá de las estadísticas, de los costes, de los beneficios, son las vidas las que se han borrado. Cada pérdida humana es una pérdida para la humanidad. Y si hay algo que la contabilidad podría hacer a partir de ahora, es contabilizar mejor esta pérdida y sus emociones. Esta convocatoria demuestra que el mundo está dispuesto a contar su historia en la música, en las rimas, en la fotografía, en las sonrisas, en las emociones, lejos de las cifras, la grisura y la objetividad de las que tanto hemos oído hablar. Otro universo académico es posible: más crítico, más imaginativo, más justo. Ahora nos toca a nosotros aprovecharlo.

Diane-Laure Arjaliès e Yves Gendron

from Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron

## Breaking boundaries: Yesterday, today and tomorrow's dreams

English

*Diane-Laure Arjaliès (who lives “somewhere” between Paris and London - Ontario) & Yves Gendron (who lives “somewhere” in Quebec, between Gatineau and Gaspé)*

### Abstract

This account by the book's two French-speaking editors, Diane-Laure and Yves, sheds light on their desire to produce an international, multimedia collaboration aimed at breaking boundaries. Based on their own experience of the pandemic, the authors examine how the dream of globalization suddenly came to a halt and led to a fundamental rethinking of the workings of the societies in which many became trapped. Reflecting on the consequences of this reorganization for the most vulnerable, the editors consider the long-term impact of the pandemic, particularly in terms of inequalities. What kind of world have we created? What will history remember? What role can we play now? Dreaming of a more open and diverse academic world, the editors hope that the book will inspire others, colleagues, citizens, humans, to Break Boundaries.

**March 17, 2021**

Between Paris and London, Ontario. On February 1, 2021, France decided to ban all travel outside the European Union. Impossible from now on for the French abroad to join their families, their friends, their country. It was also impossible for their families, friends and homeland to join them in their adopted country. One year after the beginning of the COVID-19 pandemic, and while the virus was thought to be under control, the world barricaded itself again. The borders that were thought to be reopening closed again, trapping the heroes of a globalized world that seemed to be over.

Between Gatineau and Gaspé. On that same day, Quebec lived to the rhythm of its first curfew, decreed a few weeks earlier and in effect in most regions from 8:00 p.m. in the evening to 5:00 a.m. the next morning. For the very first time, almost the entire population was experiencing a formal ban (with a few exceptions) on leaving their homes – in order to avoid the “illegal” gatherings that contributed to the tenfold increase in the number of COVID-19 cases around the holidays in 2020. One cannot deny the destabilizing aspect, for many, of such an experience where many feel that an “invisible hand” is surreptitiously blocking the exterior doors of homes and restricting freedom of movement – which is a fundamental value for many North Americans.

Across the globe. At the same time, the World Health Organization was investigating the field to better understand China's responsibilities, variants were taking on the name of the country that saw them emerge – English, South African, Brazilian, and nations were banning the export of vaccines produced on their territory in order to offer them to their own population. After a year of a global pandemic, and despite an international consensus that any lasting solution to the crisis could only be global, the nationality of the potentially infected human being now seemed to be of paramount importance. But what was happening to the dream of globalization that had been so supported and adored in the past – both by the neoliberal establishment and by many sections of society? Has COVID-19 decided to join forces with Trumpism to expose and fight the excesses of the economic globalization agenda?

Between Paris and London, Ontario. As the citizens of the world found themselves stranded on the territory they had temporarily decided to make their own, new questions emerged: Wouldn't I be better

off elsewhere? But why do some states seem to be able to contain infections and not mine? In fact, which country is mine? The one that hosts me? The one that vaccinates me? The one that prevents me from returning? Could I travel again? But why is life suddenly so complicated? Whether or not to open the borders had become one of the main topics of discussion, and this all over the world.

Between Gatineau and Gaspé. While some countries report “encouraging” vaccination statistics, many citizens in Quebec continue to despair at the slow pace at which the vaccination offensive is being conducted on their territory. We learn that Canada is fundamentally dependent on foreign countries for the manufacture and supply of vaccines – all because of the dream of a benign globalization where it made economic sense to move vaccine production out of the country. Many Quebec observers draw the sad and irrevocable lesson that the life of a citizen of the United States (where there is a large industrial production of vaccines) is “worth” much more than that of individuals living north and south of the US borders.

Breaking down barriers: a dream that we were pursuing when we launched the idea of this call for papers now seemed to be quite unattainable. And as we were writing the editorial for this inspiring, dancing book, a nagging question came to mind: What will the world be like after? What will become of the indignities, the hopes, the ideas shared in this ephemeral yet eternal collection of thoughts? What will humanity remember about this pandemic that closed our borders and extinguished our dreams for several years?

We have often heard, “This pandemic is our war. But which war is it? The one waged by those essential workers – home care workers, delivery persons, cashiers, garbage collectors, those “new heroes” praised by confined

societies, which have not sufficiently prepared them to act in COVID-19 mode? The one led by the sick, their exhausted and desperate care teams, these “soldiers (very often, female soldiers) in the front line”?

The pandemic may have been a war, but not for everyone. Containment, disease, and death did not touch in a fair and equitable way. It seems that the poor have become poorer, while the rich have become richer. Inequalities have increased and the torment of already suffering populations would only increase. Our collective and individual choices have not always been those of an open and caring humanity. Too often, confinement has been an ordeal lived alone and in sadness. Will future generations forgive us for the selfishness and fears that led us not to reach out to those in need, even “virtually”? Could we have learned from our mistakes and acted differently? What duty of memory will history exercise?

This book is our account of the pandemic, the story of months spent trying to give each experience, each testimony a place to exist. By collecting and sharing each of these stories, we hope that history will not overlook all these moments of suddenly stopped and shaken lives. We have certainly made many mistakes and mismanaged our priorities; we still don’t know much about the post-Covid world we are creating. We are already sorry that we did not listen and plan better. But we also tried. We thought. We fought. We dreamed. We hoped. We cried. We have loved. This pandemic may not have been the war that some have spoken of, but it was nevertheless a moment in our lives when, despite confinement, isolation and curfews, our destinies were linked and when the concept of solidarity was able to take on a new meaning.

This book is therefore also our ode to life, a touch of hope for our children, our grandchildren, our great-grandchildren. In the

next century, this pandemic will be a distant memory. Future generations will probably wonder how such a mess came about. We hope that this collection will help them better understand the fragility but also the beauty of a humanity that was tested while also celebrated and loved as the world faltered. Time stood still, but life went on. We reinvented ways to communicate. We created virtual worlds where we met. We invented a new everyday life where social distancing and no contact became the new kings. We tried to become more courageous and ambitious in order to build a more open and respectful world. We ventured to “break the barriers” in our personal and professional lives. We are particularly proud to have been able to contribute, in some small way, to the realization of a book that brings together this beautiful concept that is the Francophonie – so that it can bear witness to the suffering but also to the moments of solidarity and hope that the COVID-19 has brought about in various places on the planet.

At the end of this journey, we wish to dedicate this book to all those lives that have disappeared and those that will not appear. Beyond the statistics, the costs, the benefits, these are lives that have been erased. Each human loss is a loss for humanity. And if there is perhaps something that accounting could do from now on, it is to better account for this loss and its emotions. This call for contributions shows that the world is ready to tell its story in music, in rhymes, in photography, in smiles, in emotions, far from the numbers, the greyness and the objectivity that we have heard so much about. Another academic universe is possible: more critical, more imaginative, more just. It is now up to us to seize it.

Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron





## Envie de respirer

Soumis par : Christine Marsal  
Crédit : Christine Marsal



de João Paulo Resende de Lima & Sílvia Pereira de  
Castro Casa Nova

## Rompendo barreiras: a história (não) contada do Brasil que não é mais o Brasil

Português

Quando começamos a escrever este editorial, os números de mortes no Brasil somavam mais de 1/4 de milhão de pessoas; hoje são quase 1/2 milhão de pessoas. São vidas perdidas, vidas interrompidas, vidas que se tornam números e estatísticas. Vidas essas que se somam e se acumulam culminando em um cenário em que as médias se mantinham estáveis até as festas de final de ano. Porém, desde então, as fatalidades só aumentam.

Quando começamos esse projeto, há cerca de um ano, a pandemia tinha sido recém-anunciada, sendo seu marco inicial ainda um fato contestável. Nós nos apoiamos em 11 de março de 2020 como uma data com tom oficial, em função da declaração da Organização Mundial de Saúde de que a situação da saúde mundial se tratava de uma pandemia. No entanto, destacamos que, para cada pessoa, a data que marca o seu contato inicial com a COVID-19 e com seus impactos pode variar: desde as notícias dos primeiros casos em uma cidade distante na China; até a declaração como pandemia; as notícias dos casos chegando aos países da Europa; os sistemas de saúde entrando em colapso em diversas localidades; a vinda de brasileiros da Itália e de outros países da Europa; a chegada do vírus ao Brasil; ou ainda, a primeira morte no Brasil.

Parece que muito tempo se passou. Esperávamos que a crise fosse também “coisa do passado”. Nossa expectativa inicial era de uma quarentena, ou seja, de apenas 42 dias originalmente – mas que atualmente, no caso da pandemia de COVID-19, se prolonga para 15 meses. Nossa esperança era de que hoje escrevêssemos um editorial sobre o pós-crise. Era de que hoje lêssemos as contribuições que foram pensadas como mensagens atiradas

dentro de garrafas ao mar para que as gerações futuras entendessem como vivemos essa pandemia. Mas, a pandemia se prolongou. E, no Brasil, ao contrário de outros países, os casos não se dividem em ondas: infelizmente, o que temos vivido são aumentos contínuos entremeados por quedas rápidas e superficiais. No Brasil não tivemos ondas: tivemos um tsunami, em que chegamos a ter 4 mil pessoas morrendo por dia. Hoje, quando retomamos a escrita desse editorial, fala-se na chegada da terceira onda, sem sequer termos saído da segunda.

No país, a situação em 2021 se agrava a cada momento que passa, sem tréguas, sem respiros. Nos dois primeiros meses do ano, assistimos de mãos atadas ao colapso do sistema de saúde em Manaus, capital do estado do Amazonas. Relembrando a história da pandemia no estado do Amazonas, recordamos que o primeiro colapso do sistema de saúde em Manaus aconteceu no início da pandemia em 2020. E, novamente, em janeiro, fruto de uma sucessão de erros de logística dos governos local, estadual e também da União. A crise em Manaus atingiu o patamar em que os hospitais ficaram sem oxigênio para o tratamento dos pacientes graves, entre eles pacientes de COVID-19, bebês recém-nascidos que necessitaram ser realocados com urgência. Por fim, após a divulgação da calamidade pública instaurada em Manaus, por um lado, observou-se o completo descaso do Governo Federal. Por outro lado, observamos a mobilização dos familiares dos pacientes na luta pelo oxigênio o que levou, inclusive, artistas a se unirem para a compra e doação de oxigênio para hospitais. Contamos, ainda, com doações de oxigênio vindas do governo federal da Venezuela, país que nas relações

públicas internacionais brasileiras é visto com inimizade pelo Estado.

De maneira semelhante, em Portugal, nessa mesma época, assistimos ao pior da crise. Depois de um período de controle da pandemia, de ser citado como exemplo entre países que atuaram efetivamente para o controle da crise sanitária, houve a explosão do número de casos, como consequência das festas de final de ano. Agora assistimos à queda do sistema de saúde, com cenas de filas de ambulâncias nas portas dos hospitais em Lisboa.

Em outros países lusófonos – como Moçambique e Angola – a gestão da crise tem se mostrado eficiente, visto que o número de casos e fatalidades que se acumulam são mais baixos que a média mundial. Entretanto, por serem países “subalternos” e colonizados são países esquecidos quando se trata de destacar conquistas. Esses são, geralmente, lembrados apenas por sua pobreza e miséria – frutos de uma colonização exploradora -, além do resultado de outras epidemias, como AIDS e Ebola.

O que vivemos ainda é a insegurança e o medo. Tornarmo-nos um perigo para os outros. O vírus se reinventa e nos ataca em nossa vontade de nos aglomerarmos, de convivermos, de acreditarmos que a crise passou e que podemos voltar a viver a nossa vida normal. O perigo está na proximidade, no toque, no abraço. Somos perigo uns para os outros. A vulnerabilidade de nossas vidas se fez presente, a sua precariedade.

A nossa precariedade, que é o que nos une, é também o que nos afasta: nossos corpos são precários, vulneráveis. O cuidado se tornou perigoso. O afeto se tornou perigoso. Mas, ao mesmo tempo em que a pandemia nos faz encarar a nossa humanidade, também a perdemos nas estatísticas, nos

números que se acumulam e que são números que desumanizam as perdas. São 500.000 vidas perdidas até hoje somente no Brasil. São 500.000 vozes silenciadas, projetos de vida interrompidos. São 500.000 famílias com luto interrompido e dores emudecidas.

A precariedade das vidas é intensificada pela desigualdade. Apesar de o vírus da COVID-19 atingir todas as pessoas de maneira igualitária sem distinção de gênero, sexo, raça, classe social, sexualidade, religião, etc. a condição de enfrentamento a ele faz diferenciação clara de alguns rótulos sociais. Tais desigualdades nos levaram a refletir não apenas sobre a morte, mas também sobre sua relação com o poder. Para tal, nos baseamos em Foucault (2020) e no conceito de “Biopolítica” que nos auxilia no entendimento da governamentalidade da saúde, higiene, natalidade, longevidade e raça. Ao decorrer da pandemia no Brasil é clara a distinção entre as classes sociais e seus imbricamentos com raça e gênero. Conforme o perigo de irmos às ruas para fazer as tarefas do cotidiano foi aumentando, esse risco foi sendo terceirizado aos entregadores de aplicativos. Esse mesmo aumento do risco colocou populações economicamente vulneráveis em risco ao precisarem tomar a decisão: ir trabalhar e possivelmente contrair e morrer de Coronavírus ou ficar em casa e morrer de fome?

Diversos dados exemplificam como as diferenças sociais impactam o enfrentamento à COVID-19. Segundo dados analisados pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da PUC-Rio, a mortalidade da COVID-19 se associa com o nível de escolaridade da pessoa (Paraguassu, 2020). A pesquisa mostra que entre as pessoas sem escolaridade, a taxa de mortalidade é de 71,31%, enquanto para as pessoas

com nível superior as taxas se invertem, sendo a taxa de mortalidade é de 22,54%, enquanto a de recuperação é 77,46%. A escolaridade aqui é utilizada como proxy para nível socioeconômico devido ao processo de privatização que o ensino superior tem passado desde a década de 1990.

Outro dado que reflete o agravamento das desigualdades na pandemia são as filas intermináveis de pessoas buscando o auxílio emergencial disponibilizado pelo governo, enquanto o patrimônio dos “super-ricos” brasileiros cresceu cerca de U\$34 milhões no período da crise (G1, 2020). Observamos dessa maneira que as desigualdades na pandemia não se quebraram ou sequer se mantiveram estáveis, elas se agravaram. Observamos dessa maneira que a invisibilidade de alguns grupos sociais, inexoravelmente, os condenaram à uma morte silenciada, à concretização de uma tragédia já anunciada considerando as desigualdades já existentes na sociedade brasileira.

Entre os povos indígenas brasileiros, os dados compilados pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e das organizações de base, dão conta de 54.667 casos confirmados e de 1.088 indígenas mortos pela COVID-19, com 163 povos afetados em todo o país. Os efeitos da pandemia se somam a cenários em que são enfrentadas as invasões de terras e as queimadas, entre outras violações de direitos humanos fundamentais. Ao atingirem os anciãos das nações indígenas, apagam-se as memórias e tradições de povos que já foram drasticamente afetados pelos processos de colonização.

Outro silêncio que fomos obrigados a quebrar foi referente às estatísticas dos casos e das mortes brasileiras. Desde o começo da pandemia uma das grandes preocupações da sociedade era a fidedignidade dos



números apresentados pelo Governo Federal e o grande potencial da subnotificação decorrente da não testagem em massa. Tal preocupação atingiu seu ápice em novembro de 2020 quando foram constatadas inconsistências nos números divulgados pelo Ministério da Saúde e, a partir de então, formou-se um consórcio de veículos da imprensa para averiguar e divulgar tais dados. Mais uma vez, o Governo Federal no Brasil se mostrou ineficiente no processo de enfrentamento à pandemia e de evitar mortes evitáveis.

Esse silêncio imposto pela falta de dados relaciona-se ao processo de comunicação da morte. José Carlos Rodrigues, no livro *Tabu da Morte* (2006), afirma que as mortes decorrentes de guerras, epidemias e fomes geralmente são menos noticiadas, pois “são um modo particular de operação da estrutura social e, consensualmente ou não, um produto da vontade humana cujas consequências são perfeitamente previsíveis” (p. 86). A importância da comunicação da morte reside ainda no seu potencial de lembrar a todos nós de nossa vulnerabilidade, visto que “a morte do outro é o anúncio e a prefiguração da morte de ‘si’, ameaça da morte do ‘nós’” (p. 82).

Por isso a relevância de quebrarmos o silêncio, de fazer com que nossa fala estilize a máscara do silêncio, como nos alerta Conceição Evaristo. E para quebrarmos o silêncio, usamos a nossa língua: o português. Língua aprendida/ imposta dos colonizadores e que se tornou a língua comum que possibilitou a comunicação entre os povos que formam a matriz brasileira: os povos indígenas, os povos africanos escravizados e as diversas levas de imigrantes que se mesclaram em diferentes momentos da história desse país, e de tantos outros países que enfrentaram o processo da colonização, e que tiveram que

se moldar a uma língua comum.

Lélia Gonzalez (1988) reconhece esse passado ao propor a categoria sócio-política da amefricanidade e ao chamar a língua derivada desse processo de pretuguês. Ela nos alerta: “Aquilo que chamo de ‘pretuguês’ e que nada mais é do que a africanização do português falado no Brasil. [...] O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos ‘criolos’ do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis, se o nosso olhar se volta para as músicas, para as danças, para os sistemas de crenças etc. Desnecessário dizer o quanto isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo ‘cultura popular’, ‘folclore nacional’ etc, que minimizam a importância da contribuição negra.”

E essa é uma das barreiras que se quebra, no caso do Brasil, em nosso pretuguês, no português de outras localidades, e em outras línguas que aqui se presentificam, uma vez que tenha sido proposto nesta coletânea acolher registros em diferentes formatos e em diversas línguas, para além do inglês, que se tornou a língua acadêmica, e para além do formato “científico”. São essas barreiras que se quebram, que organizam as contribuições, que compõem essa coletânea.

Ou seja, a coletânea está organizada dentro das barreiras que se quebram na expressão de tantas pessoas que responderam a esse chamamento. Romperam-se as barreiras: (1) do silêncio; (2) das conexões; (3) dos limites geográficos; (4) de nossas formas de expressão; (5) para um novo normal; (6) de nossas práticas acadêmicas; (7) do

cis-tema<sup>1</sup> (quicá!). As contribuições foram assim agrupadas, mas se interconectam em algumas que pertencem a mais de um grupo (é sempre assim na vida, somos vasos comunicantes), e em uma sequência que vai do pessoal ao sistêmico, geral.

Assim que nas mensagens na garrafa atiradas ao mar, temos a arte representada nas pinturas de “Novos códigos de existência”, que faz parte das propostas que buscaram quebrar o silêncio; temos o samba em “A professora na pandemia”, que faz parte do conjunto de propostas que propõem quebrar nossas práticas acadêmicas; seguimos para a poesia de “Pandemia desde o Brasil que é Brasil”, que faz parte das contribuições que trazem a quebra de limites geográficos. E, em uma retomada das línguas ancestrais brasileiras, ressaltamos a contribuição da articulação dos povos indígenas na série de episódios Maracá - Emergência Indígena. Como eles nos explicam na apresentação da série “[o] maracá é um símbolo marcante dos povos indígenas e está presente em rituais, sejam de luta, sejam de celebração”. E Sonia Guajajara, liderança indígena, ressalta: “Fazemos ressoar nossos maracás para que as vidas indígenas impactadas pela pandemia sejam lembradas e para chamar atenção da sociedade sobre o que está acontecendo conosco”. Assim, ao rompermos as nossas barreiras, fizemos ressoar os nossos maracás!

Lembrar, chorar, enlutar-se, homenagear. Algo muito profundo se quebrou na pandemia: o processo de luto. Na pandemia tem-se o luto interrompido. Em um contexto em que se somam perdas individuais e perdas coletivas. Para as perdas individuais, o luto abreviado faz com que as fases do

1 Adotamos a grafia de “sistema” como “cis-tema” para fazer referência à quebra nas normas de um mundo social que privilegia a existência de corpos cisgêneros e faz parte de um mundo pautado sistema no gênero/sexo.

luto não possam ser vivenciadas, calando a dor. As fases do luto, conforme Kubler-Ross (1969), se dividem em cinco: 1. Negação e isolamento; 2. Raiva; 3. Negociação; 4. Depressão; e, a última, 5. Aceitação. Bowlby (1980), por sua vez, observou quatro fases do luto: 1) entorpecimento, 2) saudades, 3) desorganização e desespero, e 4) reorganização. Concordamos com a proposta de Bowlby, porque acreditamos que nós nunca aceitamos a perda de uma pessoa querida. Assim, seguimos em luto por tantas perdas individuais e coletivas, pessoais e comunitárias, simbólicas e concretas, que ainda não pudemos inventariar.

Em um contexto em que as mortes se acumulam a cada minuto, em que as perdas somaram mais de 4.000 vidas por dias seguidos, as estatísticas desumanizam as perdas. Mortes acumuladas, em vala comum, precarizadas e não-pranteadas (ou não-pranteáveis, como propõe Judith Butler (2020) em *Corpos que Importam*). Um movimento a que se assistiu no Brasil e que buscou contrapor o poder (e frieza) dos números foi o da memorialização. Os memoriais retomam as vidas perdidas no que elas têm de vínculo com outras vidas (familiares, amigos, colegas de trabalho), no que elas têm de humano, no que elas têm de projetos que se perdem e que nos dão conta (sem somente contar) das perdas coletivas.

Alguns desses memoriais também cuidam de desnudar a desigualdade da morte na pandemia, visibilizando os impactos em determinados grupos. Por isso a importância de, em nós constituirmos um memorial como esse, também elencarmos outros memoriais que nutrem a mesma ideia: de registro, de homenagem, de humanização, e de denúncia.

O memorial [Vagalumes](#) narra as vidas perdidas entre os povos originários no Brasil

e, ao fazer isso, nos faz refletir sobre nossas raízes ancestrais. O [reliquia.rum](#) representa em imagem, palavras e som, as mortes de mulheres durante a pandemia, mostrando a morte generificada e suas faces atreladas, muitas vezes, ao cuidado perigoso, em uma sociedade em que cuidar é verbo feminino. O [Memorial Inumeráveis](#) dedica-se a recontar a história de cada uma das vítimas da pandemia no Brasil: para cada vida, uma frase síntese, que a resume e a reumaniza.

E para concluir esse editorial, trazemos a fala de William Bonner, âncora do Jornal Nacional, da Rede Globo em 6 de maio de 2020, sobre as mortes decorrentes da pandemia de COVID-19, ainda, portanto no início da pandemia:

*“Você já nem deve lembrar, mas na quinta passada eram 5.901 mortos. Os números vão aumentando desse jeito, cada vez mais rápido, vão dando saltos. E vai todo mundo se acostumando, porque são números. Um número muito grande de mortes de repente, num desastre, sempre assusta. As pessoas levam um baque. Morreram mais de 250 pessoas em Brumadinho, é uma tragédia. Nos Estados Unidos em 2001 morreram quase 3.000 nos atentados do 11 de setembro. Três mil! Assim, de repente. Mas, quando as mortes vão se acumulando, ao longo de dias e semanas, como acontece agora na pandemia, esse baque se dilui e as pessoas vão perdendo a noção do que seja isso. Oito mil vidas acabaram. Eram vidas de pessoas, amadas por outras pessoas. Pais, irmãos, filhos, amigos, conhecidos. Aí o luto dessas tantas famílias vai ficando só pra elas, porque as outras pessoas já não têm nem como refletir sobre a gravidade dessas mortes todas, que vão se acumulando todo dia. Todo dia. Hoje, são oito mil e quinhentas. Amanhã, a gente não sabe. Quando é assim, o baque só acontece quando quem morre é um parente, um amigo, um vizinho ou uma pessoa famosa.”*

E hoje, quando escrevemos esse editorial, mais de 1/2 de milhão de pessoas morreram de COVID-19 no Brasil. #forabolsonaro! #bolsonarogenocida!

## Referências

- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books
- Butler, J. (2020). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do “sexo”*. n-1 Edições.
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade: A vontade do saber (Vol. 1)*. (11ª Edição). Paz & Terra.
- G1. (2020, julho 27). “Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam.” G1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, 92(93), 69-82.
- Kubler-Ross E. (1969). *On death and dying*. New York: Scribner.
- Paraguassu, L. (2020, maio 27). “Negros sem escolaridade têm mais chances de morrer por covid-19, diz estudo.” UOL. <https://www.uol.com.br/vivabem/reuters/2020/05/27/negros-sem-escolaridade-tem-mais-chances-de-morrer-por-covid-19-diz-estudo.htm>
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Editora FIOCRUZ.

de João Paulo Resende de Lima & Sílvia Pereira de  
Castro Casa Nova

## Breaking boundaries: the (untold) story of the Brazil that is no longer Brasil

English

When we started writing this editorial, the deaths by Covid in Brazil added up to over 250,000; currently, they are more than 500,000. They are lives lost, lives interrupted, lives that become numbers and statistics. These lives add up and accumulate, culminating in a scenario where the average deaths per day remained stable until Christmas and the new year. Since then, however, fatalities have only increased.

When we started this project about a year ago, the pandemic was just announced, and its starting point is still a disputed fact. We base ourselves on March 11, 2020, a date with an official tone in light of the World Health Organization's (WHO) declaration that the global health situation was a pandemic. However, we emphasize that, for each person, the date that marks their initial contact with COVID-19 and its impacts can vary: from the news of the first cases in a distant city in China; to the declaration as a pandemic; the news of cases arriving in European countries; the health systems collapsing in several locations; the arrival of infected Brazilians coming from Italy and other European countries; the arrival of the virus in Brazil; or even, the first death in Brazil.

It seems like a long time ago. We hoped that this crisis would already be "something past". Our initial expectation was of a quarantine, which meant 42 days originally – but the COVID-19 lockdown reaches 15 months now. Our hope was that today we would be writing a post-crisis editorial. We hoped that today we would read the contributions as messages in a bottle thrown into the sea for future generations to understand how we lived through this pandemic. However, the pandemic lingered. Unlike other cases, Brazilian cases are not divided in waves: unfortunately, what we have experienced

are continuous increases accompanied by short and superficial falls. In Brazil we did not have waves: we had a tsunami, in which we had up to 4,000 people dying per day. Today, when we resume writing this editorial, there is talk of the arrival of a third wave, without even having left the second one.

In Brazil, the situation in 2021 worsens with every passing moment, with no truce, no time to breathe. In the first two months of the year, we watched the collapse of the health system in Manaus, capital of the state of Amazonas, with our hands tied. Recalling the history of the pandemic in the state of Amazonas, we remembered that the first collapse of the health system in Manaus happened at the beginning of the pandemic in 2020. And again, in January of 2021, it is the result of a succession of logistical errors by the local, state, and federal governments. The crisis in Manaus reached the level where hospitals ran out of oxygen to treat severe patients, among them COVID-19 patients, newborn babies who needed to be urgently relocated. Finally, after the disclosure of the public calamity established in Manaus, we observed the complete neglect of the Federal Government. On the other hand, we observed the mobilization of the patients' relatives in the struggle for oxygen, which even led artists to unite to purchase and donate oxygen to hospitals. We also counted on oxygen donations from the federal government of Venezuela, a country that in the international public relations of the current Brazilian government is seen as an enemy of the State.

Similarly, in Portugal, at that same time, we witnessed the worst of the crisis. After a period of pandemic control, of being cited as an example among countries that acted effectively to control the health crisis, there was an explosion in the number



of cases resulting from the end-of-year parties. Now we are witnessing the collapse of the health system, with ambulances forming queues at the doors of hospitals in Lisbon.

In other Portuguese-speaking countries – such as Mozambique and Angola – crisis management has proved to be efficient since the number of cases and fatalities is lower than the world average. However, being “subaltern” and colonized countries, they are forgotten when highlighting achievements. They are usually remembered only for their poverty and misery – fruits of exploitative colonization – and the results of other epidemics, such as AIDS and Ebola.

What we are still experiencing is insecurity and fear. We became a danger to others. The virus reinvents itself and attacks us in our desire to crowd together, to coexist, to believe that the crisis has passed and that we can go back to living our everyday life. The danger lies in closeness, in touch, in the embrace. We are a danger to each other. The vulnerability, the precariousness of our lives made themselves present.

Our precariousness, which unites us, is also what drives us apart: our bodies are precarious and vulnerable. Care has become dangerous. Affection has become dangerous. But when the pandemic makes us face our humanity, we also lose it in the statistics, numbers that pile up, and numbers that dehumanize the losses. There are 500,000 lives lost to date in Brazil alone. There are 500,000 silenced voices, life projects interrupted. There are 500,000 families with interrupted mourning and muted pain.

The precariousness of lives is intensified by inequality. Although the COVID-19 virus reaches all people equally without distinction of gender, sex, race, social class, sexuality, religion, etc., the conditions to combat it are

clearly different for some social labels. Such inequalities led us to reflect not only on death but also on its relationship with power. To this end, we based ourselves on Foucault (2020) and the concept of “Biopolitics” that helps us understand the governmentality of health, hygiene, birth, longevity, and race. During the pandemic in Brazil, the distinction between social classes and their intertwining with race and gender is unmistakable. As the danger of taking to the streets to carry out everyday tasks increased, this risk was outsourced to app service deliverers. This same increased risk has put more economically vulnerable populations at risk by deciding: go to work and possibly contract and die from the Coronavirus or stay home and starve to death?

Various data exemplify how social differences impact coping with COVID-19. According to data analyzed by the Center for Operations and Health Intelligence at PUC-Rio, COVID-19 mortality is associated with the person’s level of education (Paraguassu, 2020). The research shows that among people with no schooling, the mortality rate is 71.31%, while for people with higher education, the rates are inverted: mortality is at 22.54%, while the recovery rate is 77.46%. Schooling here is used as a proxy for socioeconomic level due to the privatization process that higher education has undergone since the 1990s.

Another fact that reflects the worsening of inequalities in the pandemic is the endless queues of people seeking the emergency aid income made available by the government; at the same time, the wealth of the Brazilian “super-rich” grew by about US\$34 million during the crisis period (G1, 2020). We observe in this way that inequalities in the pandemic have not broken down or even remained stable: they have worsened. This also shows us that the invisibility of some

social groups is inexorably condemned to a silent death, to the concretion of a tragedy already foreseen considering the already existing inequalities in Brazilian society.

Among the Brazilian indigenous peoples, data compiled by the Articulation of Indigenous Peoples of Brazil (APIB) and grassroots organizations report 54,667 confirmed cases and 1,088 deaths stemming from COVID-19 among Brazilian indigenous peoples, with 163 affected peoples throughout the country. The effects of the pandemic are added to scenarios of land invasions and forest fires, among other violations of fundamental human rights. By affecting the elders of indigenous nations, the memories and traditions of peoples who have already been drastically affected by colonization processes are erased.

Another silence that we were forced to break was related to the statistics of cases and deaths in Brazil. Since the beginning of the pandemic, one of society’s major concerns was the reliability of the numbers presented by the Federal Government and the great potential of underreporting due to the lack of mass testing. This concern reached its peak in November 2020 when inconsistencies were found in the numbers released by the Ministry of Health, and from then on a consortium of media agencies was formed to investigate and disclose data on the pandemic. Once again, the Federal Government in Brazil has shown itself to be inefficient in the process of confronting the pandemic and preventing avoidable deaths.

This silence imposed by the missing data is related to the process of communication of death. José Carlos Rodrigues, in the book *Taboo of Death* (2006), states that deaths resulting from wars, epidemics and famines are generally less reported, because “they are a particular mode of operation of the social structure and, consensually or not, a

product of human will whose consequences are perfectly predictable” (p. 86). The importance of the communication of death lies further in its potential to remind us all of our vulnerability, since “the death of the other is the announcement and foreshadowing of the death of ‘self,’ the threat of the death of ‘we’” (p. 82).

That is why it is so important to break the silence, to make our speech shatter the mask of silence, as Conceição Evaristo reminds us. And to break the silence, we use our language: Portuguese. A language learned/ imposed by the colonizers and which became the common language that made possible the communication between the peoples that form the Brazilian matrix: the indigenous peoples, the enslaved African peoples, and the various waves of immigrants who mixed into Brazilian society at different times in the history of this country, and of so many other countries that faced the colonization process and had to mold themselves to a common language.

Lélia Gonzalez (1988) recognizes this past by proposing the socio-political category of ‘amefricanity’<sup>1</sup> and by calling the language derived from this process “pretoguês”. She informs us: “What I call ‘pretoguês’<sup>2</sup> is nothing more than the Africanization of the Portuguese spoken in Brazil. The tonal and rhythmic character of the African languages brought to the New World, in addition to the absence of certain consonants (like the l or the r, for example), point to a little explored aspect of the African influence in the historical-cultural formation of the continent as a whole (and this without mentioning the Caribbean ‘criollo’ dialects). Even more obvious similarities can be seen if we look at the music, the dances, the belief systems, etc. It is needless to say how much

this is covered up by the ideological veil of whitening, is repressed by Eurocentric classifications such as ‘popular culture,’ ‘national folklore,’ etc., which minimize the importance of the black contribution.”

And this is one of the barriers that is broken down, in the case of Brazil, in our Portuguese, in the Portuguese of other places, and in other languages that make themselves present here, once it has been proposed in this book to welcome contributions in different formats and in several languages, beyond English, which has become the academic language, and beyond the “scientific” format. It is these barriers that are breaking down, that organize the contributions, that compose this book collection.

In other words, the book is organized within the barriers that break down in the expression of so many people who have responded to this call. The barriers broken are: (1) of silence; (2) of connections; (3) of geographical boundaries; (4) of our forms of expression; (5) to a new normal; (6) of our academic practices; (7) of the cys-tem (quicá, who knows!). The contributions have been grouped in this way, but they are interconnected as some belong to more than one group (as it always is in life – we are communicating vessels), and in a sequence that goes from the personal to the systemic, general.

As in the messages in the bottle thrown into the sea, we have art represented in the paintings of “New codes of existence”, which is part of the proposals that sought to break the silence; we have samba in “The teacher in the pandemic”, which is part of the set of proposals that propose breaking our academic practices; we move on to the poetry of “Pandemic from the Brasil that is Brazil”, which is part of the contributions that bring the breaking of geographical boundaries. And, in a resumption of the Brazilian ancestral

languages, we highlight the contribution of the articulation of the indigenous peoples in the series of episodes “Maracá - Indigenous Emergency”. As they explain in the presentation of the series, “[t]he maracá is an outstanding symbol of the indigenous peoples and is present in rituals, whether of struggle or of celebration”. Sonia Guajajara, an indigenous leader, points out: “We make our *maracás* resound so that indigenous lives impacted by the pandemic are remembered and to call society’s attention to what is happening to us.” Thus, by breaking through our barriers, we made our *maracás* resound!

Remembering, crying, grieving, honoring. Something very profound was broken in the pandemic: the mourning process. During the pandemic, grief is interrupted. It’s a context in which individual losses and collective losses are added. For individual losses, the abbreviated mourning means that the stages of grief cannot be experienced, silencing the pain. The stages of grief, according to Kubler-Ross (1969), are divided into five: 1. denial and isolation; 2. anger; 3. negotiation; 4. depression; and, the last one, 5. Acceptance. Bowlby (1980), in turn, observed four stages of mourning: 1) numbness, 2) longing, 3) disorganization and despair, and 4) reorganization. We agree with Bowlby’s proposal, because we believe that we never accept the loss of a loved one. Thus, we continue to grieve for so many losses – individual and collective, personal and communal, symbolic and concrete – losses that we have not yet been able to inventory.

In a context in which deaths accumulate by the minute, in which daily losses amounted to more than 4,000 lives for days in a row, statistics dehumanize the losses. Deaths are accumulated, in mass graves, precarious, and not mourned or cried for (or non-grievable, as proposed by Judith Butler (2020) in *Bodies that Matter*). A movement that has

1 Portmanteau of “americanity” and “africanity”

2 “Preto” (black) + “Portuguese”

been observed in Brazil and which sought to oppose the power (and coldness) of numbers was that of memorialization: memorials retake the lost lives through their links to other lives (family, friends, colleagues), through their humanity, through their projects that are lost and that give us an account (beyond just counting) of the collective losses.

Some of these memorials also attempt to expose the inequality of death in the pandemic, revealing the impacts on certain groups. That's why it is important that, in our constitution of a memorial like this one, we also list other memorials that nurture the same idea: of register, of honor, of humanization, and of denunciation.

The memorial [Vagalumes](#) (Fireflies) tells of the lives lost among the Brazilian native peoples and in doing so leads us to reflect on our ancestral roots. [Reliquia.rum](#) represents, in images, words, and sound, the deaths of women during the pandemic, showing genderified death and its faces, often linked to dangerous care, in a society where caring is a feminine verb. The [Inumeráveis Memorial](#) (Innumerable Ones) is dedicated to recounting the story of each of the victims of the pandemic in Brazil: for each life, a phrase that summarizes and rehumanizes it.

And to conclude this editorial, we bring the speech by William Bonner, anchor of the Globo Network's Jornal Nacional on May 6, 2020 – still, therefore, at the beginning of the pandemic – about the deaths resulting from the COVID-19 pandemic:

*"You probably don't even remember anymore, but last Thursday, there were 5,901 dead. The numbers rise like that, ever faster, in leaps. And everyone gets used to them because they're numbers. A great number of sudden deaths, in a disaster, always scares [people]. People feel the pang. Over 250 people died in Brumadinho, that's a tragedy. In the United States, in 2001, almost 3,000 people died on September 11. Three thousand! Like that, all of a sudden. But when the deaths accumulate, over days and*

*weeks, as is happening now in the pandemic, that pang is diluted, and people start to lose sight of what that is. Eight thousand lives have ended. These were the lives of people, loved by other people. Parents, siblings, children, friends, acquaintances. Then, the grief of those many families is left only to them, because the other people no longer have a way to reflect on the gravity of all these deaths, which accumulate every day. Every day. Today, it's 8,500 deaths. Tomorrow, we don't know. When it's like this, that pang only happens when the dead one is a relative, a friend, a neighbor, or a famous person."*

And today, as we write this editorial, over half a million people have died from COVID-19 in Brazil. #forabolsonaro! #bolsonarogenocida!

## References

Bowlby, J. (1980). Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression. New York: Basic Books

Butler, J. (2020). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do" sexo"*. n-1 Edições.

Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade: A vontade do saber* (Vol. 1). (11th edition). Paz & Terra.

G1. (2020, July 27). "Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam." G1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>

Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, 92(93), 69-82.

Kubler-Ross E. (1969). *On death and dying*. New York: Scribner.

Paraguassu, L. (2020, May 27). "Negros sem escolaridade têm mais chances de morrer por covid-19, diz estudo." UOL. <https://www.uol.com.br/vivabem/reuters/2020/05/27/negros-sem-escolaridade-tem-mais-chances-de-morrer-por-covid-19-diz-estudo.htm>

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Editora FIOCRUZ.



de João Paulo Resende de Lima & Sílvia Pereira de  
Castro Casa Nova

## Rompiendo Fronteras: la historia (no contada) del Brazil que ya no es Brasil

Español

Cuando empezamos a escribir esta editorial, las muertes por Covid en Brasil sumaban más de 250.000; actualmente, son más de 500.000. Son vidas perdidas, vidas interrumpidas, vidas que se convierten en números y estadísticas. Estas vidas se suman y se acumulan, culminando en un escenario en el que el promedio de muertes por día se mantuvo estable hasta la Navidad y el año nuevo. Desde entonces, sin embargo, las muertes no han hecho más que aumentar.

Cuando empezamos este proyecto hace un año, la pandemia acababa de anunciarse, y su punto de partida sigue siendo un hecho discutido. Nos basamos en el 11 de marzo de 2020, una fecha con un tono oficial a la luz de la declaración de la Organización Mundial de la Salud (OMS) de que la situación sanitaria mundial era una pandemia. Sin embargo, destacamos que, para cada persona, la fecha que marca su contacto inicial con el COVID-19 y sus impactos puede variar: desde la noticia de los primeros casos en una ciudad lejana de China; hasta la declaración como pandemia; la noticia de los casos que llegan a los países europeos; los sistemas de salud que colapsan en varios lugares; la llegada de brasileños infectados provenientes de Italia y otros países europeos; la llegada del virus a Brasil; o incluso, la primera muerte en Brasil.

Parece que ha pasado mucho tiempo. Esperábamos que esta crisis fuera ya “algo pasado”. Nuestra expectativa inicial era la de una cuarentena, que originalmente significaba 42 días; no obstante, el cierre por el COVID-19 llega ya a 15 meses. Nuestra esperanza era que hoy escribiéramos un editorial post-crisis. Esperábamos que hoy se leyera las contribuciones como mensajes en una botella lanzada al mar para

que las generaciones futuras entendieran cómo hemos vivido esta pandemia. Sin embargo, la pandemia persiste. A diferencia de otros casos, los brasileños no se dividen en olas: lamentablemente, lo que hemos vivido son aumentos continuos acompañados de caídas cortas y superficiales. En Brasil no tuvimos olas: tuvimos un tsunami, en el que llegaron a morir hasta 4.000 personas por día. Hoy, cuando retomamos la redacción de este editorial, se habla de la llegada de una tercera ola, sin siquiera haber dejado la segunda.

En Brasil, la situación en 2021 empeora cada momento, sin tregua, sin tiempo para respirar. En los dos primeros meses del año, asistimos con las manos atadas al colapso del sistema sanitario en Manaus, capital del estado de Amazonas. Recordando la historia de la pandemia en el estado de Amazonas, el primer colapso del sistema de salud en Manaus fue al inicio de la pandemia en 2020, y ocurrió de nuevo en enero de 2021, lo cual es el resultado de una sucesión de errores logísticos de los gobiernos local, estatal y federal. La crisis en Manaus llegó al nivel de que los hospitales se quedaron sin oxígeno para tratar a los pacientes graves, entre ellos los de COVID-19 y hasta recién nacidos que debían ser reubicados con urgencia. Finalmente, después de la divulgación de la calamidad pública establecida en Manaus, observamos la completa negligencia del Gobierno Federal. Por otro lado, observamos la movilización de los familiares de los pacientes en la lucha por el oxígeno, que incluso llevó a los artistas a unirse para comprar y donar oxígeno a los hospitales. También contamos con donaciones de oxígeno del gobierno federal de Venezuela, país que en las relaciones públicas internacionales del actual gobierno brasileño es visto como enemigo del

Estado.

Igualmente, en Portugal, en esa misma época asistimos a lo peor de la crisis. Después de un período de control de la pandemia, de ser citado como ejemplo entre los países que actuaron eficazmente para controlar la crisis sanitaria, se produjo una explosión en el número de casos derivados de las fiestas de fin de año. Ahora se ve al colapso del sistema sanitario, con las ambulancias formando colas a las puertas de los hospitales de Lisboa.

En otros países de habla portuguesa (como Mozambique y Angola) la gestión de la crisis ha demostrado ser eficaz, ya que el número de casos y de víctimas mortales es inferior a la media mundial. Sin embargo, al ser países “subalternos” y colonizados, se les olvida al destacar los logros. Suelen ser recordados sólo por su pobreza y miseria (frutos de la colonización explotadora) y por los resultados de otras epidemias, como el sida y el ébola.

Lo que seguimos viviendo es la inseguridad y el miedo. Nos convertimos en un peligro para los demás. El virus se reinventa y nos ataca en nuestro deseo de amontonarnos, de convivir, de creer que la crisis ha pasado y que podemos volver a vivir nuestra vida cotidiana. El peligro está en la cercanía, en el contacto, en el abrazo. Somos un peligro para los demás. La vulnerabilidad y la precariedad de nuestras vidas se hacen presentes.

Nuestra precariedad, que nos une, es también lo que nos separa: nuestros cuerpos son precarios y vulnerables. El cuidado se ha vuelto peligroso. El afecto se ha vuelto peligroso. Pero cuando la pandemia nos hace enfrentarnos a nuestra humanidad, también la perdemos en las estadísticas, números que se acumulan y números que deshumanizan las pérdidas. Hay 500.000 vidas perdidas hasta la fecha sólo en Brasil.

Hay 500.000 voces silenciadas, proyectos de vida interrumpidos. Hay 500.000 familias con luto interrumpido y dolor silenciado.

La precariedad de las vidas se intensifica con la desigualdad. Aunque el virus COVID-19 alcanza a todas las personas por igual sin distinción de género, sexo, raza, clase social, sexualidad, religión, etc., las condiciones para combatirlo son claramente diferentes para algunas etiquetas sociales. Estas desigualdades nos llevaron a reflexionar no sólo sobre la muerte, sino también sobre su relación con el poder. Para ello, nos basamos en Foucault (2020) y en el concepto de “Biopolítica” que nos ayuda a entender la gubernamentalidad de la salud, la higiene, el nacimiento, la longevidad y la raza. Durante la pandemia en Brasil, la distinción entre las clases sociales y su entrelazamiento con la raza y el género es inconfundible. A medida que aumentaba el peligro de salir a la calle para realizar las tareas cotidianas, este riesgo se externalizó a los prestadores de servicios por medio de aplicaciones. Este mismo aumento del riesgo ha puesto en peligro a las poblaciones económicamente más vulnerables al tener que decidir: ¿ir a trabajar y posiblemente contraer y morir de Coronavirus o quedarse en casa y morir de hambre?

Diversos datos ejemplifican cómo las diferencias sociales repercuten en el afrontamiento del COVID-19. Según datos analizados por el Centro de Operaciones e Inteligencia Sanitaria de la PUC-Rio, la mortalidad por COVID-19 está asociada al nivel de educación de la persona (Paraguassu, 2020). La investigación muestra que, entre las personas sin escolaridad, la tasa de mortalidad es del 71,31%, mientras que, para las personas con educación superior, las tasas se invierten: la mortalidad es del 22,54% y la tasa de recuperación es del 77,46%. La escolaridad se utiliza aquí

como indicador del nivel socioeconómico debido al proceso de privatización que ha sufrido la enseñanza superior desde los años 90.

Otro hecho que refleja el agravamiento de las desigualdades en la pandemia son las interminables colas de personas que buscan los ingresos de la ayuda de emergencia puestos a disposición por el gobierno; al mismo tiempo, la riqueza de los “súper ricos” brasileños creció en cerca de 34 millones de dólares durante el período de crisis (G1, 2020). Observamos así que las desigualdades en la pandemia no se han roto, ni siquiera se han mantenido estables: se han agravado. Esto también nos muestra que la invisibilidad de algunos grupos sociales está inexorablemente condenada a una muerte silenciosa, a la concreción de una tragedia ya prevista considerando las desigualdades ya existentes en la sociedad brasileña.

Entre los pueblos indígenas brasileños, los datos recopilados por la Articulación de Pueblos Indígenas de Brasil (APIB) y las organizaciones de base informan de 54.667 casos confirmados y 1.088 muertes derivadas del COVID-19, con 163 pueblos afectados en todo el país. Los efectos de la pandemia se suman a los escenarios de invasiones de tierras e incendios forestales, entre otras violaciones de los derechos humanos fundamentales. Al afectar a los ancianos de las naciones indígenas, se borran las memorias y tradiciones de los pueblos que ya han sido drásticamente afectados por los procesos de colonización.

Otro silencio que nos vimos obligados a romper fue el relacionado con las estadísticas de casos y muertes en Brasil. Desde el inicio de la pandemia, una de las mayores preocupaciones de la sociedad fue la confiabilidad de los números presentados

por el Gobierno Federal y el gran potencial de subregistro debido a la falta de pruebas masivas. Esta preocupación llegó a su punto máximo en noviembre de 2020, cuando se encontraron inconsistencias en los números divulgados por el Ministerio de Salud, y a partir de entonces se formó un consorcio de agencias de comunicación para investigar y divulgar datos sobre la pandemia. Una vez más, el Gobierno Federal de Brasil se ha mostrado ineficiente en el proceso de enfrentar la pandemia y prevenir muertes evitables.

Este silencio impuesto por la falta de datos está relacionado con el proceso de comunicación de la muerte. José Carlos Rodrigues, en el libro *Tabú de la Muerte* (2006), afirma que las muertes resultantes de guerras, epidemias y hambrunas son generalmente menos comunicadas, porque “son un modo particular de funcionamiento de la estructura social y, consensuadamente o no, un producto de la voluntad humana cuyas consecuencias son perfectamente previsibles” (p. 86). La importancia de la comunicación de la muerte radica además en su potencial para recordarnos a todos nuestra vulnerabilidad, ya que “la muerte del otro es el anuncio y el presagio de la muerte del ‘yo’, la amenaza de la muerte del ‘nosotros’” (p. 82).

Por eso es tan importante romper el silencio, hacer que nuestro discurso rompa la máscara del silencio, como nos recuerda Conceição Evaristo. Y para romper el silencio, utilizamos nuestra lengua: el portugués. Una lengua aprendida/impuesta por los colonizadores y que se convirtió en la lengua común que hizo posible la comunicación entre los pueblos que forman la matriz brasileña: los pueblos indígenas, los pueblos africanos esclavizados y las diversas oleadas de inmigrantes que se mezclaron en la sociedad brasileña en diferentes momentos de la historia de

este país, y de tantos otros países que se enfrentaron al proceso de colonización y tuvieron que amoldarse a una lengua común.

Lélia Gonzalez (1988) reconoce este pasado al proponer la categoría sociopolítica de “amefricanidad”<sup>1</sup> y al llamar “pretoguês”<sup>2</sup> al lenguaje derivado de este proceso. Ella nos informa: “Lo que llamo ‘pretoguês’ no es más que la africanización del portugués hablado en Brasil. El carácter tonal y rítmico de las lenguas africanas traídas al Nuevo Mundo, además de la ausencia de ciertas consonantes (como la l o la r, por ejemplo), señalan un aspecto poco explorado de la influencia africana en la formación histórico-cultural del continente en su conjunto (y esto sin mencionar los dialectos ‘criollos’ del Caribe). Las similitudes son aún más evidentes si nos fijamos en la música, las danzas, los sistemas de creencias, etc. No hace falta decir que todo esto está cubierto por el velo ideológico del blanqueamiento, reprimido por clasificaciones eurocéntricas como “cultura popular”, “folclore nacional”, etc., que minimizan la importancia de la contribución negra”.

Y esta es una de las fronteras que se rompe, en el caso de Brasil, en nuestro portugués, en el portugués de otros lugares, y en otras lenguas que se hacen presentes aquí, una vez que se ha propuesto en este libro acoger contribuciones en diferentes formatos y en varias lenguas, más allá del inglés que se ha convertido en la lengua académica, y más allá del formato “científico”. Son estas fronteras las que se rompen, las que organizan las contribuciones, las que componen esta colección de libros.

En otras palabras, el libro se organiza dentro de las fronteras que se rompen en la expresión de tantas personas que han

respondido a esta llamada. Las fronteras que se rompen son (1) del silencio; (2) de las conexiones; (3) de las fronteras geográficas; (4) de nuestras formas de expresión; (5) de una nueva normalidad; (6) de nuestras prácticas académicas; (7) del cys-tem (quizá, ¡quién sabe!). Las aportaciones se han agrupado así, pero están interconectadas, ya que algunas pertenecen a más de un grupo (como siempre ocurre en la vida, somos vasos comunicantes), y en una secuencia que va de lo personal a lo sistémico, lo general.

Como en los mensajes de la botella lanzada al mar, tenemos el arte representado en las pinturas de “Nuevos códigos de existencia”, que forman parte de las propuestas que buscan romper el silencio; tenemos la samba en “El maestro en la pandemia”, que forma parte del conjunto de propuestas que proponen romper nuestras prácticas académicas; pasamos a la poesía de “Pandemia desde que Brasil es Brazil”, que forma parte de las contribuciones que traen la ruptura de las fronteras geográficas. Y, en una reanudación de las lenguas ancestrales brasileñas, destacamos la contribución de la articulación de los pueblos indígenas en la serie de episodios “Maracá - Emergencia Indígena”. Como explican en la presentación de la serie, “la maracá es un símbolo destacado de los pueblos indígenas y está presente en los rituales, ya sean de lucha o de celebración”. Sonia Guajajara, líder indígena, señala: “Hacemos resonar nuestras maracás para que se recuerden las vidas indígenas impactadas por la pandemia y para llamar la atención de la sociedad sobre lo que nos pasa”. Así, rompiendo nuestras fronteras, ¡hicimos resonar nuestras maracás!

Recordando, llorando, lamentando, honrando. En la pandemia se rompió algo muy profundo: el proceso de duelo. Durante la pandemia, el duelo se interrumpe. Es un

1 Portmanteau de “americanidad” y “africanidad”

2 “Preto” (negro) + “portugués”



contexto en el que se suman las pérdidas individuales y las colectivas. En el caso de las pérdidas individuales, el duelo abreviado hace que no se puedan experimentar las etapas del duelo, silenciando el dolor. Las etapas del duelo, según Kubler-Ross (1969), se dividen en cinco 1. negación y aislamiento; 2. ira; 3. negociación; 4. depresión; y, la última, 5. aceptación. Bowlby (1980), por su parte, observó cuatro etapas del duelo: 1) adormecimiento, 2) añoranza, 3) desorganización y desesperación, y 4) reorganización. Estamos de acuerdo con la propuesta de Bowlby, porque creemos que nunca aceptamos la pérdida de un ser querido. Por ello, seguimos lamentando tantas pérdidas (individuales y colectivas, personales y comunitarias, simbólicas y concretas) que aún no hemos podido inventariar.

En un contexto en el que las muertes se acumulan por minuto, en el que las pérdidas diarias ascienden a más de 4.000 vidas durante días seguidos, las estadísticas deshumanizan las pérdidas. Las muertes se acumulan, en fosas comunes, precarias, y no se lloran ni se lamentan (o no se enlutan, como propone Judith Butler (2020) en *Bodies that Matter*). Un movimiento que se ha observado en Brasil y que buscó oponerse al poder (y a la frialdad) de los números fue el de la memorialización: los memoriales retoman las vidas perdidas a través de sus vínculos con otras vidas (familiares, amigos, colegas), a través de su humanidad, a través de sus proyectos que se pierden y que nos dan cuenta (más allá de sólo contar) de las pérdidas colectivas.

Algunos de estos memoriales también intentan exponer la desigualdad de la muerte en la pandemia, revelando los impactos en ciertos grupos. Por eso es importante que, en la constitución de un memorial como éste, enumeremos también otros memoriales que

alimentan la misma idea: de registro, de honor, de humanización y de denuncia.

El memorial [Vagalumes](#) (Luciérnagas) cuenta las vidas perdidas entre los pueblos indígenas brasileños y al hacerlo nos lleva a reflexionar sobre nuestras raíces ancestrales. [Reliquia.rum](#) representa, en imágenes, palabras y sonidos, las muertes de mujeres durante la pandemia, mostrando la muerte según el sexo y sus rostros, a menudo ligados a cuidados peligrosos, en una sociedad donde cuidar es un verbo femenino. [El Memorial Inumeráveis](#) está dedicado a contar la historia de cada una de las víctimas de la pandemia en Brasil: para cada vida, una frase que la resume y rehumaniza.

Y para concluir este editorial, traemos el discurso de William Bonner, presentador del Jornal Nacional de la Red Globo el 6 de mayo de 2020 (todavía, por tanto, al principio de la pandemia) sobre las muertes resultantes de la pandemia del COVID-19:

*“Probablemente ya no lo recuerden, pero el jueves pasado hubo 5.901 muertos. Las cifras aumentan así, cada vez más rápido, a saltos. Y todo el mundo se acostumbra a ellas porque son números. Un gran número de muertes repentinas, en una catástrofe, siempre asusta [a la gente]. La gente siente la punzada. Más de 250 personas murieron en Brumadinho, eso es una tragedia. En Estados Unidos, en 2001, murieron casi 3.000 personas el 11 de septiembre. ¡Tres mil! Así, de repente. Pero cuando las muertes se acumulan, a lo largo de días y semanas, como está ocurriendo ahora en la pandemia, esa punzada se diluye, y la gente empieza a perder de vista lo que es. Ocho mil vidas han terminado. Eran vidas de personas amadas por otras personas. Padres, hermanos, hijos, amigos, conocidos. Entonces, el dolor de esas muchas familias queda sólo para ellas, porque las otras personas ya no tienen forma de reflexionar sobre la gravedad de todas esas muertes que se acumulan cada día. Cada día. Hoy, son 8.500 muertes. Mañana, no lo sabemos. Cuando es así, esa punzada sólo se produce cuando el muerto es un familiar, un amigo, un vecino o un famoso”.*

Y hoy, mientras escribimos este editorial, más de medio millón de personas han muerto

por COVID-19 en Brasil. [¡#forabolsonaro!](#)  
[¡#bolsonarogenocida!](#)

## Referencias

- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*: Vol. 3. *Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books
- Butler, J. (2020). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do “sexo”*. n-1 Edições.
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade: A vontade do saber* (Vol. 1). (11th edition). Paz & Terra.
- G1. (2020, julio 27). “Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam.” G1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, 92(93), 69-82.
- Kubler-Ross E. (1969). *On death and dying*. New York: Scribner.
- Paraguassu, L. (2020, mayo 27). “Negros sem escolaridade têm mais chances de morrer por covid-19, diz estudo.” UOL. <https://www.uol.com.br/vivabem/reuters/2020/05/27/negros-sem-escolaridade-tem-mais-chances-de-morrer-por-covid-19-diz-estudo.htm>
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Editora FIOCRUZ.

de João Paulo Resende de Lima & Sílvia Pereira de  
Castro Casa Nova

## Rompre les barrières : l'histoire (inédite) du Brésil qui n'est plus le Brésil

Français

Lorsque nous avons commencé à rédiger cet éditorial, les décès par Covid au Brésil s'élevaient à plus de 250 000; actuellement, ils sont plus de 500 000. Ce sont des vies perdues, des vies interrompues, des vies qui deviennent des chiffres et des statistiques. Ces vies s'additionnent et s'accumulent, pour aboutir à un scénario où la moyenne des décès par jour est restée stable jusqu'à Noël et au nouvel an. Depuis lors, cependant, le nombre de décès n'a fait qu'augmenter.

Lorsque nous avons commencé ce projet il y a environ un an, la pandémie venait d'être annoncée, et son point de départ est encore un fait contesté. Nous nous basons sur le 11 mars 2020, une date au ton officiel compte tenu de la déclaration de l'Organisation mondiale de la santé (OMS) selon laquelle la situation sanitaire mondiale était une pandémie. Cependant, nous soulignons que, pour chaque personne, la date qui marque son premier contact avec le COVID-19 et ses impacts peut varier : de la nouvelle des premiers cas dans une ville lointaine de Chine; à la déclaration de pandémie; à la nouvelle de l'arrivée de cas dans les pays européens; à l'effondrement des systèmes de santé dans plusieurs endroits; à l'arrivée de Brésiliens infectés venant d'Italie et d'autres pays européens; à l'arrivée du virus au Brésil; ou même, au premier décès au Brésil.

Il semble qu'il y a longtemps. Nous espérions que cette crise serait déjà « quelque chose de passé ». Nous nous attendions initialement à une quarantaine, ce qui signifiait 42 jours à l'origine – mais le verrouillage de COVID-19 atteint maintenant 15 mois. Nous espérions qu'aujourd'hui nous écririons un éditorial d'après-crise. Nous espérions qu'aujourd'hui nous lirions les contributions comme

des messages dans une bouteille jetée à la mer pour que les générations futures comprennent comment nous avons vécu cette pandémie. Cependant, la pandémie a perduré. Contrairement à d'autres cas, les cas brésiliens ne sont pas divisés en vagues : malheureusement, ce que nous avons vécu, ce sont des augmentations continues accompagnées de chutes courtes et superficielles. Au Brésil, nous n'avons pas eu de vagues : nous avons eu un tsunami, dans lequel nous avons eu jusqu'à 4 000 morts par jour. Aujourd'hui, alors que nous reprenons la rédaction de cet éditorial, on parle de l'arrivée d'une troisième vague, sans même avoir quitté la deuxième.

Au Brésil, la situation de 2021 s'aggrave à chaque instant, sans trêve, sans temps pour respirer. Au cours des deux premiers mois de l'année, nous avons assisté, les mains liées, à l'effondrement du système de santé à Manaus, capitale de l'État d'Amazonas. En rappelant l'histoire de la pandémie dans l'État d'Amazonas, nous nous sommes souvenus que le premier effondrement du système de santé à Manaus s'était produit au début de la pandémie, en 2020. Et à nouveau, en janvier 2021, il est le résultat d'une succession d'erreurs logistiques des gouvernements locaux, étatiques et fédéraux. La crise à Manaus a atteint le niveau où les hôpitaux se sont retrouvés à court d'oxygène pour traiter les patients graves, parmi lesquels des patients COVID-19, des nouveau-nés qui devaient être relogés d'urgence. Enfin, après la révélation de la calamité publique établie à Manaus, nous avons observé la négligence totale du gouvernement fédéral. En revanche, nous avons observé la mobilisation des proches des patients dans la lutte pour l'oxygène, qui a même conduit des artistes à s'unir pour acheter et donner de l'oxygène aux

hôpitaux. Nous avons également compté sur les dons d'oxygène du gouvernement fédéral du Venezuela, un pays qui, dans les relations publiques internationales de l'actuel gouvernement brésilien, est considéré comme un ennemi de l'État.

De même, au Portugal, à la même époque, nous avons assisté au pire de la crise. Après une période de contrôle de la pandémie, après avoir été cité en exemple parmi les pays qui ont agi efficacement pour contrôler la crise sanitaire, il y a eu une explosion du nombre de cas résultant des fêtes de fin d'année. Aujourd'hui, nous assistons à l'effondrement du système de santé, avec des ambulances qui font la queue aux portes des hôpitaux de Lisbonne.

Dans d'autres pays lusophones – comme le Mozambique et l'Angola – la gestion de la crise s'est avérée efficace puisque le nombre de cas et de décès est inférieur à la moyenne mondiale. Cependant, en tant que pays « subalternes » et colonisés, ils sont oubliés lorsqu'il s'agit de souligner les réalisations. On ne se souvient généralement que de leur pauvreté et de leur misère – fruits de l'exploitation de la colonisation – et des résultats d'autres épidémies, comme le SIDA et l'Ebola.

Ce que nous vivons encore, c'est l'insécurité et la peur. Nous sommes devenus un danger pour les autres. Le virus se réinvente et nous attaque dans notre désir de nous rassembler, de coexister, de croire que la crise est passée et que nous pouvons retourner vivre notre quotidien. Le danger réside dans la proximité, dans le contact, dans l'étreinte. Nous sommes un danger les uns pour les autres. La vulnérabilité, la précarité de nos vies se sont rendues présentes.

Notre précarité, qui nous unit, est aussi ce qui nous sépare : nos corps sont précaires et vulnérables. Les soins sont

devenus dangereux. L'affection est devenue dangereuse. Mais quand la pandémie nous met face à notre humanité, nous la perdons aussi dans les statistiques, les chiffres qui s'accumulent, les chiffres qui déshumanisent les pertes. Il y a 500 000 vies perdues à ce jour rien qu'au Brésil. Il y a 500 000 voix réduites au silence, des projets de vie interrompus. Il y a 500 000 familles dont le deuil a été interrompu et la douleur atténuée.

La précarité des vies est intensifiée par l'inégalité. Bien que le virus COVID-19 touche toutes les personnes de manière égale sans distinction de genre, de sexe, de race, de classe sociale, de sexualité, de religion, etc., les conditions pour le combattre sont clairement différentes pour certaines étiquettes sociales. Ces inégalités nous ont amenés à réfléchir non seulement sur la mort mais aussi sur sa relation avec le pouvoir. Pour ce faire, nous nous sommes basés sur Foucault (2020) et sur le concept de « biopolitique » qui nous aide à comprendre la gouvernementalité de la santé, de l'hygiène, de la naissance, de la longévité et de la race. Pendant la pandémie au Brésil, la distinction entre les classes sociales et leur imbrication avec la race et le genre est indéniable. Alors que le danger de descendre dans la rue pour effectuer les tâches quotidiennes augmentait, ce risque a été externalisé vers des prestataires de services d'app. Ce même risque accru a mis en danger les populations économiquement plus vulnérables qui doivent décider : aller au travail et peut-être contracter et mourir du coronavirus ou rester à la maison et mourir de faim ?

Diverses données illustrent l'impact des différences sociales sur l'adaptation au COVID-19. Selon les données analysées par le Centre d'opérations et d'intelligence sanitaire de la PUC-Rio, la mortalité due au COVID-19 est associée au niveau

d'éducation de la personne (Paraguassu, 2020). Les recherches montrent que chez les personnes n'ayant pas été scolarisées, le taux de mortalité est de 71,31%, alors que chez les personnes ayant un niveau d'éducation supérieur, les taux sont inversés : la mortalité est de 22,54%, alors que le taux de guérison est de 77,46%. La scolarisation est ici utilisée comme un proxy du niveau socio-économique en raison du processus de privatisation qu'a connu l'enseignement supérieur depuis les années 1990.

Un autre fait qui reflète l'aggravation des inégalités dans la pandémie est la file d'attente interminable de personnes cherchant à obtenir le revenu d'aide d'urgence mis à disposition par le gouvernement; dans le même temps, la richesse des « super-riches » brésiliens a augmenté d'environ 34 millions de dollars US pendant la période de crise (G1, 2020). Nous observons ainsi que les inégalités face à la pandémie ne se sont pas brisées ou même sont restées stables : elles se sont aggravées. Cela nous montre également que l'invisibilité de certains groupes sociaux est inexorablement condamnée à une mort silencieuse, à la concrétisation d'une tragédie déjà prévue compte tenu des inégalités déjà existantes dans la société brésilienne.

Parmi les peuples indigènes brésiliens, les données compilées par l'Articulation des peuples indigènes du Brésil (APIB) et les organisations de base font état de 54 667 cas confirmés et de 1 088 décès dus au COVID-19 parmi les peuples indigènes brésiliens, avec 163 peuples affectés dans tout le pays. Les effets de la pandémie s'ajoutent aux scénarios d'invasions de terres et d'incendies de forêts, entre autres violations des droits humains fondamentaux. En touchant les anciens des nations indigènes, on efface la mémoire et les traditions des peuples qui ont déjà été



gravement touchés par les processus de colonisation.

Un autre silence que nous avons été obligés de briser était lié aux statistiques des cas et des décès au Brésil. Depuis le début de la pandémie, l'une des principales préoccupations de la société était la fiabilité des chiffres présentés par le gouvernement fédéral et le risque élevé de sous-déclaration en raison de l'absence de tests de masse. Cette inquiétude a atteint son paroxysme en novembre 2020, lorsque des incohérences ont été constatées dans les chiffres publiés par le ministère de la Santé. Dès lors, un consortium d'agences de presse a été formé pour enquêter et divulguer les données sur la pandémie. Une fois de plus, le gouvernement fédéral brésilien s'est montré inefficace dans le processus de lutte contre la pandémie et de prévention des décès évitables.

Ce silence imposé par les données manquantes est lié au processus de communication de la mort. José Carlos Rodrigues, dans le livre *Tabou de la mort* (2006), affirme que les décès résultant de guerres, d'épidémies et de famines sont généralement moins signalés, car « ils constituent un mode de fonctionnement particulier de la structure sociale et, consensuellement ou non, un produit de la volonté humaine dont les conséquences sont parfaitement prévisibles » (p. 86). L'importance de la communication de la mort réside en outre dans son potentiel à nous rappeler à tous notre vulnérabilité, puisque « la mort de l'autre est l'annonce et la préfiguration de la mort du 'soi', la menace de la mort du 'nous' » (p. 82).

C'est pourquoi il est si important de briser le silence, de faire en sorte que notre discours brise le masque du silence, comme nous le rappelle Conceição Evaristo. Et pour briser le silence, nous utilisons notre langue : le

portugais. Une langue apprise/imposée par les colonisateurs et qui est devenue la langue commune qui a rendu possible la communication entre les peuples qui forment la matrice brésilienne : les peuples indigènes, les peuples africains réduits en esclavage, et les différentes vagues d'immigrants qui se sont mélangés à la société brésilienne à différents moments de l'histoire de ce pays, et de tant d'autres pays qui ont été confrontés au processus de colonisation et ont dû se mouler à une langue commune.

Lélia Gonzalez (1988) reconnaît ce passé en proposant la catégorie sociopolitique « d'amefricanité »<sup>1</sup> et en appelant la langue issue de ce processus « pretoguês »<sup>2</sup>. Elle nous informe : « Ce que j'appelle 'pretoguês' n'est rien d'autre que l'africanisation du portugais parlé au Brésil. Le caractère tonal et rythmique des langues africaines apportées au Nouveau Monde, ainsi que l'absence de certaines consonnes (comme le l ou le r, par exemple), indiquent un aspect peu étudié de l'influence africaine dans la formation historico-culturelle de l'ensemble du continent (sans parler des dialectes 'criollo' des Caraïbes). Des similitudes encore plus évidentes peuvent être observées si l'on considère la musique, les danses, les systèmes de croyance, etc. Inutile de dire combien tout cela est recouvert par le voile idéologique du blanchiment, est refoulé par des classifications eurocentriques telles que 'culture populaire', 'folklore national', etc. qui minimisent l'importance de la contribution noire. »

Et c'est l'une des barrières qui est brisée, dans le cas du Brésil, dans notre portugais, dans le portugais d'autres endroits, et dans d'autres langues qui se rendent présentes ici, une fois qu'il a été proposé dans ce livre d'accueillir des contributions dans

différents formats et dans plusieurs langues, au-delà de l'anglais, qui est devenu la langue académique, et au-delà du format « scientifique ». Ce sont ces barrières qui tombent, qui organisent les contributions, qui composent cette collection de livres.

En d'autres termes, le livre est organisé en fonction des barrières qui tombent dans l'expression de tant de personnes qui ont répondu à cet appel. Rompre les Frontières sont : (1) du silence; (2) des connexions; (3) des frontières géographiques; (4) de nos formes d'expression; (5) d'une nouvelle normalité; (6) de nos pratiques académiques; (7) du cys-tem (quiçá, qui sait !). Les contributions ont été regroupées de cette manière, mais elles sont interconnectées car certaines appartiennent à plus d'un groupe (comme c'est toujours le cas dans la vie – nous sommes des vases communicants), et dans une séquence qui va du personnel au systémique, au général.

Comme les messages dans la bouteille jetée à la mer, nous avons l'art représenté dans les peintures de « Nouveaux codes d'existence », qui fait partie des propositions visant à rompre le silence; nous avons la samba dans « Le professeur dans la pandémie », qui fait partie de l'ensemble des propositions qui proposent de rompre nos pratiques académiques; nous passons à la poésie de « Pandémie du Brésil qui est le Brésil », qui fait partie des contributions qui apportent la rupture des frontières géographiques. Et, dans une reprise des langues ancestrales brésiennes, nous soulignons la contribution de l'articulation des peuples indigènes dans la série d'épisodes « Maracá - Urgence indigène ». Comme ils l'expliquent dans la présentation de la série, « [l]e maracá est un symbole exceptionnel des peuples indigènes et est présent dans les rituels, qu'ils soient de lutte ou de célébration ». Sonia Guajajara, un leader

1 Portmanteau de « americanity » et « africanity »

2 "Preto" (noir) + "portugais"

indigène, souligne : « Nous faisons résonner nos maracás pour que les vies indigènes touchées par la pandémie soient rappelées et pour attirer l'attention de la société sur ce qui nous arrive. » Ainsi, en brisant nos barrières, nous avons fait résonner nos maracás !

Se souvenir, pleurer, avoir du chagrin, honorer. Quelque chose de très profond a été brisé lors de la pandémie : le processus de deuil. Pendant la pandémie, le deuil est interrompu. C'est un contexte dans lequel s'ajoutent les pertes individuelles et les pertes collectives. Pour les pertes individuelles, l'abréviation du deuil signifie que les étapes du deuil ne peuvent être vécues, ce qui réduit la douleur au silence. Les étapes du deuil, selon Kubler-Ross (1969), sont divisées en cinq : 1. le déni et l'isolement; 2. la colère; 3. la négociation; 4. la dépression; et, la dernière, 5. l'acceptation. Bowlby (1980), quant à lui, a observé quatre étapes du deuil : 1) l'engourdissement, 2) la nostalgie, 3) la désorganisation et le désespoir, et 4) la réorganisation. Nous sommes d'accord avec la proposition de Bowlby, car nous croyons que nous n'acceptons jamais la perte d'un être cher. Ainsi, nous continuons à faire le deuil de tant de pertes – individuelles et collectives, personnelles et communautaires, symboliques et concrètes – des pertes que nous n'avons pas encore pu inventorier.

Dans un contexte où les morts s'accumulent à la minute, où les pertes quotidiennes se sont élevées à plus de 4 000 vies pendant plusieurs jours d'affilée, les statistiques déshumanisent les pertes. Les morts s'accumulent, dans des fosses communes, précaires, et ne sont pas pleurées ni lamentées (ou non pleurales, comme le propose Judith Butler (2020) dans *Bodies that Matter*). Un mouvement qui a été observé au Brésil et qui a cherché à s'opposer au pouvoir (et à la froideur) des chiffres est celui de la mémorialisation : les mémoriaux reprennent

les vies perdues à travers leurs liens avec d'autres vies (famille, amis, collègues), à travers leur humanité, à travers leurs projets qui sont perdus et qui nous rendent compte (au-delà du simple comptage) des pertes collectives.

Certains de ces mémoriaux tentent également d'exposer l'inégalité de la mort dans la pandémie, en révélant les impacts sur certains groupes. C'est pourquoi il est important que, dans notre constitution d'un mémorial comme celui-ci, nous énumérions également d'autres mémoriaux qui nourrissent la même idée : de registre, d'honneur, d'humanisation et de dénonciation.

Le mémorial [Vagalumes](#) (Lucioles) raconte les vies perdues parmi les peuples indigènes brésiliens et, ce faisant, nous amène à réfléchir sur nos racines ancestrales.

[Reliquia.rum](#) représente, en images, en mots et en sons, les décès de femmes pendant la pandémie, montrant la mort sexuée et ses visages, souvent liés à des soins dangereux, dans une société où prendre soin est un verbe féminin. [Le Mémorial Inumeráveis](#) (Innombrables) a pour vocation de raconter l'histoire de chacune des victimes de la pandémie au Brésil : pour chaque vie, une phrase qui la résume et la réhumanise.

Et pour conclure cet éditorial, nous apportons le discours de William Bonner, présentateur du *Jornal Nacional* de Globo Network le 6 mai 2020 – encore, donc, au début de la pandémie – sur les décès résultant de la pandémie de COVID-19 :

« Vous ne vous en souvenez probablement même plus, mais jeudi dernier, il y avait 5 901 morts. Les chiffres augmentent comme ça, toujours plus vite, par bonds. Et tout le monde s'y habitue parce que ce sont des chiffres. Un grand nombre de morts soudaines, lors d'une catastrophe, fait toujours peur [aux gens]. Les gens ressentent un choc. Plus de 250 personnes sont mortes à Brumadinho, c'est une tragédie. Aux États-Unis, en 2001, près de 3 000 personnes sont mortes le 11 septembre.

*Trois mille ! Comme ça, d'un coup. Mais lorsque les décès s'accumulent, au fil des jours et des semaines, comme c'est le cas actuellement avec la pandémie, cette douleur se dilue, et les gens commencent à perdre de vue ce que c'est. Huit mille vies ont pris fin. C'étaient les vies de personnes, aimées par d'autres personnes. Des parents, des frères et sœurs, des enfants, des amis, des connaissances. Alors, le chagrin de ces nombreuses familles n'appartient qu'à elles, parce que les autres personnes n'ont plus de moyen de réfléchir à la gravité de tous ces décès, qui s'accumulent chaque jour. Chaque jour. Aujourd'hui, c'est 8 500 morts. Demain, on ne sait pas. Quand c'est comme ça, ce pincement ne se produit que lorsque le mort est un parent, un ami, un voisin, ou une personne célèbre. »*

Et aujourd'hui, à l'heure où nous écrivons cet éditorial, plus d'un demi-million de personnes sont mortes du COVID-19 au Brésil. #forabolsonaro ! #bolsonarogenocida !

## Références

- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*: Vol. 3. *Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books
- Butler, J. (2020). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"*. n-1 Edições.
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade: A vontade do saber* (Vol. 1). (11th edition). Paz & Terra.
- G1. (2020, juillet 27). "Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam." G1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, 92(93), 69-82.
- Kubler-Ross E. (1969). *On death and dying*. New York: Scribner.
- Paraguassu, L. (2020, mai 27). "Negros sem escolaridade têm mais chances de morrer por covid-19, diz estudo." UOL. <https://www.uol.com.br/vivabem/reuters/2020/05/27/negros-sem-escolaridade-tem-mais-chances-de-morrer-por-covid-19-diz-estudo.htm>
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Editora FIOCRUZ.





Reconexión con los entornos naturales  
como escape del encierro

Presentado por: Camilo Fabian Rojas Zapata  
Crédito: Camilo Fabian Rojas Zapata



## Los retos de romper fronteras en medio de una pandemia

Español

### Resumen

En esta editorial destacamos que la pandemia COVID-19 viene a profundizar una crisis estructural de pobreza y desigualdad en América Latina, con cientos de miles de muertos y millones de enfermos en 2020-2021. Con la iniciativa de Rompiendo Fronteras se presenta una oportunidad para abordar las complejidades de esta crisis desde diferentes perspectivas y formatos. Se expresa un reconocimiento a los creadores que aceptaron el reto enviando sus obras a este volumen, a pesar de las dificultades del contexto, y también se envía un mensaje de solidaridad y empatía a la comunidad que no se siente en condiciones de priorizar la necesidad de publicar en un momento tan complicado. También se comentan brevemente los retos de atender simultáneamente este proyecto con otras responsabilidades académicas y personales de las editoras, con resultados gratificantes y una invitación a continuar rompiendo fronteras y paradigmas.

### Editorial

Iniciamos este proyecto desde nuestro contexto latinoamericano, región en cual la pandemia COVID-19 anunció su llegada desde inicios de marzo de 2020 y hasta agosto de 2021 ha dejado cientos de miles de muertos y millones de enfermos, sin solución a la vista y con un manejo poco exitoso de políticas públicas. Desafortunadamente, la propagación del virus viene a profundizar una crisis histórica en América Latina, ampliamente evidenciada, antes de esta pandemia, en múltiples situaciones de descontento y protestas sociales asociadas a problemas estructurales de desigualdad, desempleo e informalidad creciente (Puchet y Puyana, 2018). Ante un contexto tan

complejo y de creciente incertidumbre, recibimos la invitación para formar parte de la iniciativa *Breaking Boundaries*, Rompiendo Fronteras, acompañada de un extraordinario grupo de académicos, como una valiosa oportunidad para abordar estas complejidades desde diferentes perspectivas y contribuir de manera destacada a visibilizar las reflexiones y aportes que han propuesto un variado grupo de creadores.

Uno de los primeros retos que surgía para nuestro rol como editoras responsables de convocar postulaciones provenientes desde el mundo hispanohablante era cómo atraer obras que comunicaran relatos y vivencias en formatos divergentes, no solo para una comunidad habitualmente contable, sino también para cualquier persona interesada en comunicar sus reflexiones. Con satisfacción observamos que la convocatoria resultó atractiva para un público diverso y el resultado se publica en este volumen, conformado no solo por textos de prosas y poemas sino también por obras gráficas y sonoras.

El proceso editorial desarrollado con la diversidad de obras recibidas se tradujo, al mismo tiempo, en un aprendizaje significativo y enriquecedor, al tener la posibilidad de considerar relatos y contra-cuentas que trascienden las publicaciones tradicionales de la disciplina contable. Más allá de los formatos usuales de publicación académica encontrados en libros de investigación, *journals*, conferencias o similares, este proyecto busca destacar a la contabilidad en un sentido amplio y de alcance social, como la capacidad de dar cuenta de algo y relatarlo a través de diferentes medios, de ser capaces de involucrarnos en la creación y difusión de conocimiento y de procesos artísticos y culturales, que responden a distintas formas de

ver, comprender y comunicar lo que ocurre a nuestro alrededor. En este sentido, las piezas presentes en este libro son resultado de creaciones, evidencias, reflexiones, pensamientos, sentimientos y perspectivas sobre la pandemia tan variadas que a cualquier interesado le mostrará nuevas formas de ver, sentir y comprender esta época de la vida humana.

Expresamos un reconocimiento a quienes aceptaron el enorme reto de acompañar esta iniciativa con sus contribuciones, desde sus diferentes contextos, complejidades, situaciones personales y profesionales. Vivir una pandemia tiene un impacto diferenciado en cada persona: Para algunos cambiar su rutina de trabajo o estudio a través plataformas virtuales, para otros perder el empleo, para muchos pasar de pobreza a mayor precariedad... Más allá de los asuntos laborales están las situaciones personales y familiares, el confinamiento, los enfermos, los que fallecen, el terrible duelo por los seres queridos que mueren repentinamente... A todo esto se une un creciente descontento con las políticas económicas y sociales de las instituciones de gobierno, lo cual genera mayor incertidumbre y tensiones en la población... En medio de todo este complejo entramado de circunstancias, un grupo extraordinario de creadores hicieron posible este volumen con sus propuestas en diferentes formatos e idiomas, aportando al objetivo principal de construir una memoria de vivencias y sentimientos de una época que dejará una marca en la historia de la humanidad.

También queremos manifestar un mensaje de solidaridad y empatía a esa comunidad que estuvo preparando su aporte para participar en el proyecto pero que no pudo terminar su preparación por diferentes y justificados motivos. *¡Recordemos que estamos en un momento de crisis pronunciada!* Tal vez no

es el mejor momento para presionarnos y aumentar nuestra productividad académica y profesional, si nuestras prioridades apuntan a otros aspectos vitales que requieren mayor atención. Seguramente tendremos nuevas oportunidades para cooperar en espacios de comunicación colectiva en el futuro y esperamos un escenario más apropiado para recibir sus valiosos aportes y reflexiones.

Finalmente, reconocer otro gran reto de este proceso de construcción colectiva: ser parte de un equipo editorial de altísimo nivel humano y académico. Al mismo tiempo hemos sido editoras de un volumen extraordinario mientras seguimos atendiendo las múltiples tareas de la academia, profesoras, investigadoras, aprendiendo continuamente a mejorar el uso de ambientes virtuales, trabajando en casa, en un confinamiento que no da no tiene fin en una ciudad tan compleja como Bogotá, una con labores de mamá/esposa/ama de casa, otra además con los requerimientos de ser estudiante de doctorado, e intentando gestionar el tiempo en días que siguen teniendo 24 horas durante una pandemia que no da tregua. Ha sido una labor demandante pero muy gratificante, con un resultado que confiamos deja un aporte significativo sobre las experiencias individuales y sociales que como seres humanos hemos compartido estos años.

Que este volumen sea una invitación a seguir reflexionando y rompiendo fronteras, paradigmas y limitaciones, construyendo nuevas propuestas para la comprensión, y solución...

Paula y Mary.

### Referencia

Puchet, M., Puyana, A. (2018) *América Latina en la larga historia de la desigualdad*. México: FLACSO. 207 pp.

# editorial message

from Paula Andrea Navarro Pérez & Mary Analí Vera-Colina

## Challenges of breaking boundaries at the heart of a pandemic

English

### Abstract

---

In this editorial we highlight that the COVID-19 pandemic is deepening the structural crisis of poverty and inequality in Latin America, with hundreds of thousands of deaths and millions of sick people by 2020-2021. The Breaking Boundaries initiative provides an opportunity to address the complexities of this crisis from different approaches and formats. We express our acknowledgement to the creators who accepted the challenge by submitting their works to this volume, despite the difficulties of the context, and send a message of solidarity and empathy to the community that did not feel in a position to prioritize the need to publish during a complicated time. We also briefly comment about the challenges of alternating this project with other academic and personal responsibilities as editors, with fulfilling results, and an invitation to continuously break boundaries and paradigms.

### Editorial

---

We begin this project from our Latin American context, a region in which the COVID-19 pandemic announced its arrival at the beginning of March 2020 and until August 2021 has left hundreds of thousands of deaths and millions of sick, with no solution in sight and with unsuccessful management of public policies. Unfortunately, the spread of the virus comes to deepen a historical crisis in Latin America, widely evidenced, before this pandemic, in multiple situations of discontent and social protests associated with structural problems of inequality, unemployment, and growing informality (Puchet & Puyana, 2018). Faced with such a complex context and growing uncertainty, we received the invitation to be part of the Breaking Boundaries initiative, accompanied by an extraordinary group

of academics, as a valuable opportunity to address these complexities from different perspectives and contribute in an outstanding way to make visible the reflections and contributions proposed by a varied group of creators.

One of the first challenges that arose for our role as editors responsible for calling for submissions from the Spanish-speaking world was how to attract works that communicate stories and experiences in divergent formats, not only for a community that usually moves within the accounting world, but also for anyone interested in communicating their reflections. We were pleased to see that the call was attractive to a diverse audience and the result is published in this volume, made up not only of prose and poems but also of graphic and sound works.

The editorial process developed with the diversity of contributions resulted, at the same time, in a significant and enriching learning process, giving us the possibility of considering stories and counter-stories that transcend the traditional publications of the accounting discipline. Beyond the usual formats of academic publications found in research books, journals, conferences or similar, this project seeks to highlight accounting in a broad sense and social scope, as the ability to account for something and relate it through different media, to be able to get involved in the creation and dissemination of knowledge and artistic and cultural processes, which respond to different ways of seeing, understanding, and communicating what happens around us. In this sense, the pieces in this book are the result of creations, evidence, reflections, thoughts, feelings, and perspectives on the pandemic so varied that anyone who is interested will notice new ways of seeing, feeling,



and understanding this time of human life.

We express our appreciation to those who accepted the enormous challenge of accompanying this initiative with their contributions, from their different contexts, complexities, personal and professional situations. Living through a pandemic has a different impact on each person: For some of us, changing our working or studying routine through online platforms. For others, to lose their job. For many, to go from poverty to greater precariousness... Beyond labor matters, there are different situations that we must consider: personal and family difficulties, lockdown, sickness, deaths, mourning our loved ones... An extraordinary group of creators made this volume possible with their proposals in different formats and languages amid all this complex web of circumstances, contributing to the main objective of building a memory of experiences and feelings of an era that will leave a mark in the history of humanity.

We also want to express a message of solidarity and empathy to those who were preparing contributions to participate in the project but could not finish due to different and understandable reasons. Let us remember that we are in a moment of pronounced crisis! Perhaps it is not the best time to push ourselves and increase our academic and professional productivity when our priorities point to other vital aspects that require more attention. Surely, we will have new opportunities in the future to cooperate in collective communication spaces and we hope for a more appropriate scenario to receive your valuable contributions and reflections.

Finally, we recognize another great challenge of this process of collective construction: to be part of an editorial team of the highest human and academic level. We have been editors of an extraordinary volume while attending the

multiple tasks of the academy as teachers, researchers, continuously learning to improve the use of online tools, working at home, in a confinement that gives no truce, in a city as complex as Bogotá. One of us with the duties of mother/wife/housewife, another with the requirements of being a doctoral student, and trying to manage time in days that continue to have 24 hours. It has been a demanding but very rewarding task, with a result that we trust leaves a significant contribution on the individual and social experiences that as human beings we have shared these years.

May this volume be an invitation to continue reflecting on breaking boundaries, paradigms, and limitations, building new proposals for understanding and solving...

Paula and Mary.

## References

---

Puchet, M., Puyana, A. (2018) *América Latina en la larga historia de la desigualdad*. México: FLACSO. 207 pp.

# message éditorial

de Paula Andrea Navarro Pérez & Mary Analí Vera-Colina

## Les défis de la rupture des frontières au cœur d'une pandémie

Français

### Résumé

Dans cet éditorial, nous soulignons que la pandémie de COVID-19 aggrave la crise structurelle de la pauvreté et des inégalités en Amérique latine, avec des centaines de milliers de décès et des millions de malades d'ici 2020-2021. L'initiative Rompre les Barrières offre l'opportunité d'aborder les complexités de cette crise à partir d'approches et de modes différents. Nous exprimons notre reconnaissance aux créateurs qui ont accepté de relever le défi en soumettant leurs œuvres à ce volume, malgré les difficultés du contexte, et adressons un message de solidarité et d'empathie à la communauté qui ne s'est pas sentie en mesure de donner la priorité à la nécessité de publier dans une période compliquée. Nous commentons également brièvement les défis que représente l'alternance de ce projet avec d'autres responsabilités académiques et personnelles en tant qu'éditeurs, avec des résultats satisfaisants, et une invitation à briser continuellement les frontières et les paradigmes.

### Editorial

Nous commençons ce projet depuis notre contexte latino-américain, une région dans laquelle la pandémie de COVID-19 a annoncé son arrivée au début du mois de mars 2020 et qui, jusqu'en août 2021, a laissé des centaines de milliers de morts et des millions de malades, sans qu'aucune solution ne soit en vue et avec une gestion infructueuse des politiques publiques. Malheureusement, la propagation du virus vient approfondir une crise historique en Amérique latine, largement mise en évidence, avant cette pandémie, dans de multiples situations de mécontentement et de protestations sociales associées à des problèmes structurels

d'inégalité, de chômage et d'informalité croissante (Puchet & Puyana, 2018). Face à un contexte aussi complexe et à une incertitude croissante, nous avons reçu l'invitation à faire partie de l'initiative Rompre les Barrières, accompagnée d'un groupe extraordinaire d'universitaires, comme une occasion précieuse d'aborder ces complexités depuis différentes perspectives et de contribuer de manière exceptionnelle à rendre visibles les réflexions et les contributions proposées par un groupe varié de créateurs.

L'un des premiers défis qui se sont posés à nous, en tant que rédacteurs responsables de l'appel à contributions du monde hispanophone, était de savoir comment attirer des œuvres qui communiquent des histoires et des expériences dans des formats divergents, non seulement pour une communauté qui évolue habituellement dans le monde de la comptabilité, mais aussi pour toute personne désireuse de communiquer ses réflexions. Nous avons été heureux de constater que l'appel a attiré un public diversifié et le résultat est publié dans ce volume, composé non seulement de prose et de poèmes mais aussi d'œuvres graphiques et sonores.

Le processus éditorial développé avec la diversité des contributions a donné lieu, en même temps, à un processus d'apprentissage significatif et enrichissant, nous donnant la possibilité de considérer des histoires et des contre-histoires qui transcendent les publications traditionnelles de la discipline comptable. Au-delà des formats habituels des publications académiques que l'on trouve dans les livres de recherche, les revues, les conférences ou autres, ce projet cherche à mettre en évidence la comptabilité dans un sens large et une portée sociale, comme la capacité

de rendre compte de quelque chose et de le relater à travers différents médias, d'être capable de s'impliquer dans la création et la diffusion de la connaissance et des processus artistiques et culturels, qui répondent à différentes façons de voir, de comprendre et de communiquer ce qui se passe autour de nous. En ce sens, les pièces de ce livre sont le résultat de créations, de preuves, de réflexions, de pensées, de sentiments et de perspectives sur la pandémie si variées que toute personne intéressée remarquera de nouvelles façons de voir, de sentir et de comprendre cette période de la vie humaine.

Nous exprimons notre reconnaissance à ceux qui ont accepté l'énorme défi d'accompagner cette initiative par leurs contributions, à partir de leurs différents contextes, complexités, situations personnelles et professionnelles. Vivre à travers une pandémie a un impact différent sur chaque personne : Pour certains, changer sa routine de travail ou d'étude grâce à des plateformes en ligne. Pour d'autres, de perdre leur emploi. Pour beaucoup, passer de la pauvreté à une plus grande précarité... Au-delà des questions de travail, il existe différentes situations que nous devons prendre en compte : difficultés personnelles et familiales, enfermement, maladie, décès, deuil de nos proches... Un groupe extraordinaire de créateurs a rendu ce volume possible grâce à leurs propositions dans différents formats et langues au milieu de tout ce réseau complexe de circonstances, contribuant à l'objectif principal de construire une mémoire des expériences et des sentiments d'une époque qui laissera une trace dans l'histoire de l'humanité.

Nous voulons également exprimer un message de solidarité et d'empathie à ceux qui préparaient des contributions pour participer au projet mais qui n'ont pas pu terminer pour des raisons différentes et compréhensibles. Rappelons-nous

que nous sommes dans un moment de crise prononcée ! Ce n'est peut-être pas le meilleur moment pour nous pousser et augmenter notre productivité académique et professionnelle quand nos priorités vont vers d'autres aspects vitaux qui demandent plus d'attention. Nous aurons certainement de nouvelles occasions à l'avenir de coopérer dans des espaces de communication collective et nous espérons un scénario plus approprié pour recevoir vos précieuses contributions et réflexions.

Enfin, nous reconnaissons un autre grand défi de ce processus de construction collective : faire partie d'une équipe éditoriale du plus haut niveau humain et académique. Nous avons été les éditeurs d'un volume extraordinaire tout en assumant les multiples tâches de l'académie en tant qu'enseignants, chercheurs, apprenant continuellement à améliorer l'utilisation des outils en ligne, travaillant à la maison, dans un confinement qui ne donne aucune trêve, dans une ville aussi complexe que Bogota. L'une d'entre nous avec les devoirs de mère/épouse/ femme au foyer, une autre avec les exigences d'être un doctorant, et en essayant de gérer le temps dans des journées qui continuent à avoir 24 heures. Ce fut une tâche exigeante mais très gratifiante, avec un résultat qui, nous l'espérons, apportera une contribution significative aux expériences individuelles et sociales que nous avons partagées ces dernières années en tant qu'êtres humains.

Que ce volume soit une invitation à poursuivre la réflexion sur le dépassement des frontières, des paradigmes et des limites, en construisant de nouvelles propositions pour comprendre et résoudre...

Paula et Mary.

## Références

---

Puchet, M., Puyana, A. (2018) *América Latina en la larga historia de la desigualdad*. México: FLACSO. 207 pp.



## Desafios de romper barreiras em meio a uma pandemia

Português

### Resumo

Neste editorial destacamos que a pandemia da COVID-19 veio a aprofundar uma crise estrutural de pobreza e desigualdade na América Latina, com centenas de milhares de mortes e milhões de pessoas doentes no período de 2020-2021. A iniciativa Rompendo Barreiras (Breaking Boundaries) oferece uma oportunidade de abordar as complexidades desta crise desde diferentes perspectivas e formatos. Expressamos nosso reconhecimento aos colaboradores que aceitaram o desafio, submetendo seus trabalhos a este volume, apesar das dificuldades do contexto, e também enviamos uma mensagem de solidariedade e empatia àquelas pessoas de nossa comunidade que não se sentiram em condições de priorizar a necessidade de publicar durante um momento tão complicado. Também comentamos brevemente sobre os desafios de atender simultaneamente a este projeto com as outras responsabilidades acadêmicas e pessoais das editoras, com resultados gratificantes, e um convite para continuarmos rompendo barreiras e paradigmas.

### Editorial

Iniciamos este projeto a partir de nosso contexto latino-americano, região na qual a pandemia da COVID-19 anunciou sua chegada no início de março de 2020 e até agosto de 2021 deixou centenas de milhares de mortos e milhões de doentes, sem solução à vista e com uma gestão mal-sucedida das políticas públicas. Infelizmente, a propagação do vírus veio a aprofundar uma crise histórica na América Latina, amplamente evidenciada, antes desta pandemia, em múltiplas situações de descontentamento e protestos sociais associados a problemas estruturais

de desigualdade, desemprego e crescente informalidade (Puchet & Puyana, 2018). Diante de um contexto tão complexo e de crescente incerteza, recebemos o convite para fazer parte da iniciativa Rompendo Barreiras (Breaking Boundaries), acompanhadas por um grupo extraordinário de acadêmicas, como uma oportunidade valiosa de abordar estas complexidades a partir de diferentes perspectivas e de contribuir de forma destacada para visibilizar as reflexões e contribuições propostas por um grupo variado de colaboradores.

Um dos primeiros desafios que surgiram para nosso papel como editoras responsáveis pela chamada de contribuições provenientes do mundo de língua espanhola era como atrair trabalhos que comunicassem relatos e vivências em formatos divergentes, não somente para uma comunidade habitualmente contábil, mas também para qualquer pessoa interessada em comunicar suas reflexões. Com satisfação observamos que a chamada foi atrativa para um público diverso e o resultado se publica neste volume, composto não apenas por textos em prosa e poemas, mas também de obras gráficas e sonoras.

O processo editorial desenvolvido com a diversidade de contribuições recebida se traduziu, ao mesmo tempo, em um aprendizado significativo e enriquecedor, dando-nos a possibilidade de considerar relatos e contra-relatos que transcendem as publicações tradicionais da disciplina contábil. Para além dos formatos usuais de publicação acadêmica encontrados em livros de pesquisa, revistas, conferências ou similares, este projeto busca destacar a contabilidade em um sentido amplo e de alcance social, como a capacidade de prestar contas de algo e relatá-lo através de diferentes meios, de sermos capazes de nos

envolvermos na criação e disseminação do conhecimento e de processos artísticos e culturais, que respondem a distintas formas de ver, compreender e comunicar o que acontece ao nosso redor. Neste sentido, as contribuições apresentadas neste livro são o resultado de criações, evidências, reflexões, pensamentos, sentimentos e perspectivas sobre a pandemia tão variadas que a qualquer pessoa interessada se mostrarão novas formas de ver, sentir e compreender esta época da vida humana.

Expressamos nosso reconhecimento àquelas pessoas que aceitaram o enorme desafio de acompanhar esta iniciativa com suas contribuições, desde seus diferentes contextos, complexidades, situações pessoais e profissionais. Viver uma pandemia tem um impacto diferenciado em cada pessoa: Para algumas de nós, mudar sua rotina de trabalho ou estudo através de plataformas on-line; para outras, perder seu emprego; para muitas, passar da pobreza a uma maior precariedade. Para além dos assuntos de trabalho, estão as situações pessoais e familiares, o confinamento, as pessoas doentes, as pessoas que falecem, o terrível luto por nossos entes queridos que falecem repentinamente.... A tudo isso se une um crescente descontentamento com as políticas econômicas e sociais das instituições governamentais, as quais geram ainda uma maior incerteza e tensões na população... Em meio a esse complexo entramado de circunstâncias, um grupo extraordinário de colaboradores tornou possível este volume com suas propostas em diferentes formatos e idiomas, aportando para o objetivo principal de construir uma memória das vivências e sentimentos de uma época que deixará uma marca na história da humanidade.

Também queremos expressar uma mensagem de solidariedade e empatia

àquelas pessoas da comunidade que estiveram preparando suas contribuições para participar neste projeto, mas não puderam terminá-las por diferentes e justificados motivos. Lembremos que estamos em um momento de crise profunda! Talvez não seja o melhor momento para pressionarmos e aumentarmos nossa produtividade acadêmica e profissional, se nossas prioridades apontam para outros aspectos vitais que requerem maior atenção. Certamente, teremos novas oportunidades para cooperar em espaços de comunicação coletiva no futuro e esperamos um cenário mais apropriado para receber suas valiosas contribuições e reflexões.

Finalmente, reconhecemos outro grande desafio deste processo de construção coletiva: fazer parte de uma equipe editorial do mais alto nível humano e acadêmico. Ao mesmo tempo em que fomos editoras de um volume extraordinário enquanto seguimos participando das múltiplas tarefas da academia como professoras, pesquisadoras, aprendendo continuamente a melhorar o uso de ambientes virtuais, trabalhando em casa, em um confinamento que não tem final, em uma cidade tão complexa como Bogotá, uma com atividades como mamãe/esposa/dona de casa, outra além disso com os requisitos de ser uma estudante de doutorado, e tentando administrar o tempo em dias que seguem tendo 24 horas durante uma pandemia que não dá trégua. Tem sido uma tarefa demandante, mas muito gratificante, com um resultado que confiamos deixa uma contribuição significativa sobre as experiências individuais e sociais que, como seres humanos, compartilhamos nestes anos.

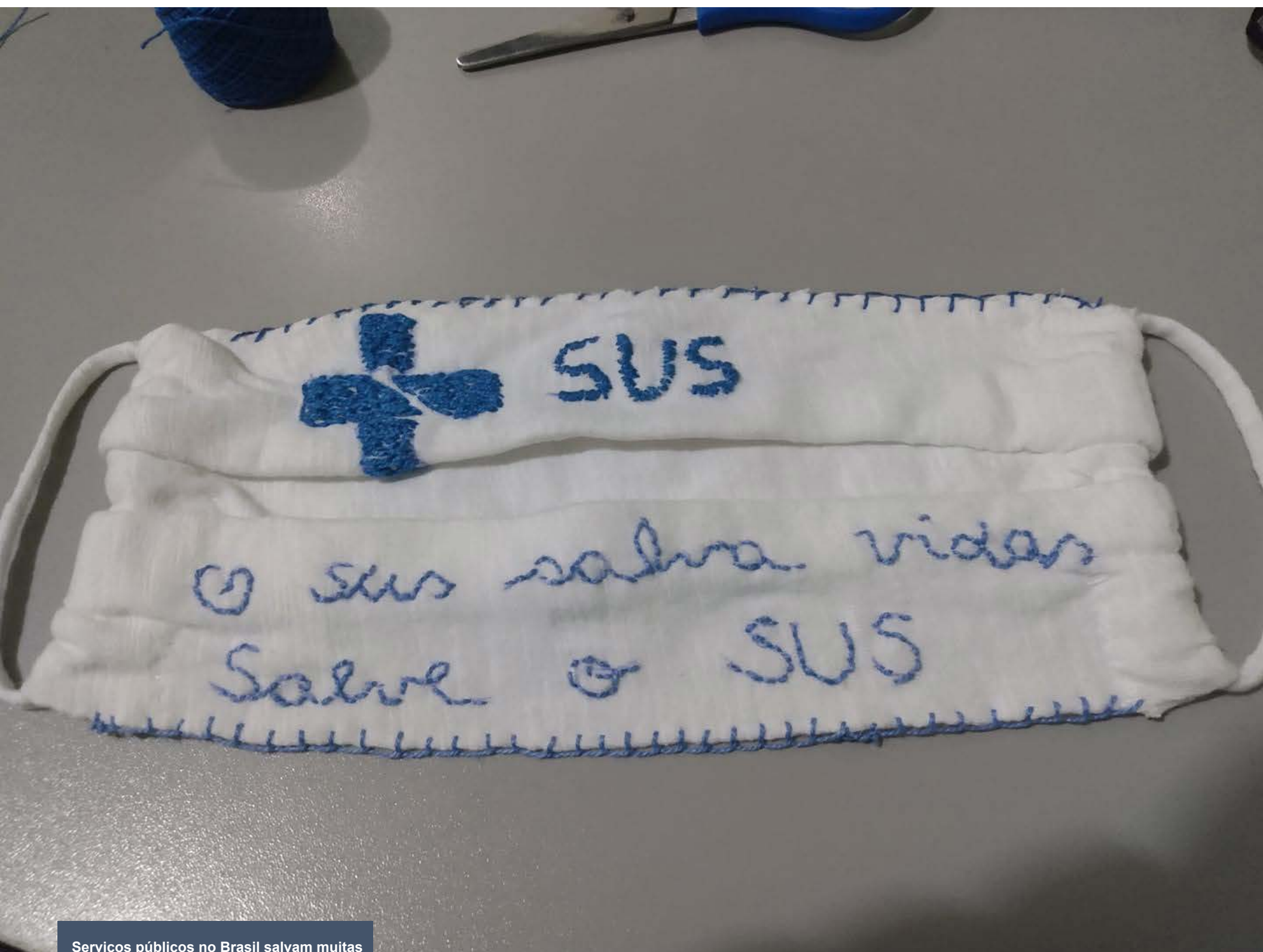
Que este volume seja um convite para seguir a refletindo e rompendo barreiras, paradigmas e limitações, construindo novas propostas para a compreensão e solução...

Paula e Mary.

## Referências

---

Puchet, M., Puyana, A. (2018) *América Latina en la larga historia de la desigualdad*. México: FLACSO. 207 pp.



Serviços públicos no Brasil salvam muitas vidas! Viva o SUS!

Apresentado por: Stella Maris Nicolau  
Crédito: Stella Maris Nicolau



An abstract artwork featuring a vibrant, layered composition. The background is a mix of bright pink, magenta, and orange. Overlaid on this are dark, swirling, and scribbled lines in red, black, and blue. A prominent, dark, textured shape, possibly a silhouette of a person or a large leaf, is on the left. In the center-right, there's a large, irregular, torn-paper-like shape with a mix of orange, yellow, and green, showing a rough, cracked texture. The overall effect is one of dynamic energy and complex visual texture.

# Chapitre 1

Breaking our silence

Briser notre silence

Rompendo nosso silêncio

Rompiendo nuestro silencio



# Revisão dos códigos de existência 2020

**ARTISTA:**

Elisabete Pimentel

**RESUMO EM PORTUGUÊS: REVISÃO DOS CÓDIGOS DE EXISTÊNCIA 2020**

As obras são uma análise crítica e dialética sobre os acontecimentos em 2020 – Pandemia onde símbolos do feminino, da liberdade, da materialidade e espiritualidade guardam em si, a reflexão da morte, do fim de uma era, de uma asfixia, falta de oxigênio, na VIDA, na NATUREZA no respeito as diferenças com a diversidade também da natureza humana.

A primeira obra focada a própria asfixia de gerações que sufoca a liberdade da VIDA pela materialidade, preconceitos e sexismo interferindo no equilíbrio que deveria ser natural da VIDA.

E a segunda obra busca criar a reflexão crítica que a materialidade da vida só entrará “neste equilíbrio” PELO RESGATE da espiritualidade, da diversidade, e do arquétipo feminino.

**ENGLISH ABSTRACT: REVIEW OF THE EXISTENCE CODES OF 2020**

The artworks are a critical and dialectical analysis about the events in 2020 – Pandemic where symbols of the feminine, freedom, materiality, and spirituality keep in themselves, the reflection of death, of the end of an era, of asphyxia, lack of oxygen, in LIFE, in NATURE in respect of differences with the diversity also of human nature.

The first artwork focused on the asphyxia of generations that suffocates the freedom of LIFE by materiality, prejudice, and sexism interfering with the balance that should be natural to LIFE.

And the second artwork seeks to create a critical reflection that the materiality of life will only enter “this balance” through the recovery of spirituality, diversity, and the archetypal feminine.



# Revisão dos códigos de existência 2020

## **BLM, o primeiro quadro, tem como elementos:**

---

Uma mandala, uma mulher, a máscara da mão branca e a lágrima.

A mulher negra materializando a interiorização necessária, a lágrima da ira transformadora...(ilustrando a indignação sobre a insensibilidade ao sofrimento humano) do BASTA, onde a energia do arquetípico feminina da cólera, do repúdio à injustiça social, econômica, política chega ao seu cume e transborda: a lágrima.

Este arquétipo vivendo sobre a “máscara da mão branca”, que representa aqui as sociedades atuais, o “abafar” de uma comunicação que fala para si mesma, e que também representa uma minoria da humanidade.

O “ar”, a atmosfera terrestres contaminada pela ganância, ostentação, de um capitalismo selvagem que segrega, mata! Mata a natureza impiedosamente, contamina culturas, contagia valores, e que mais infecta os menos favorecidos pelas sociedades ... os numerosos, os majoritários “marginais” ...

A lágrima é o transborde de séculos... ativado frente à indiferença diante do sofrimento de qualquer ser e, em especial, daqueles que têm menos recursos para se fazer ouvir, ainda que gritem, e como gritam ... mas o hábito tem tornado nos uma humanidade surda e cega! E é o desvio do OLHAR que leva à ruptura!

## **MLB OLHAR 2020, tem como elementos:**

---

Esta obra é menor como um protesto contra a queimada da nossa Amazônia Brasileira.

Este segundo quadro ainda mostra a mandala, a mulher, o OLHAR, e acrescenta a pomba e a moeda.

No transborde da emoção, a energia feminina arquetípica em sua sabedoria, em sua natureza – carrega a essência da transformação e se associa à energia divina, aqui simbolizada pelo espírito santo, a pomba utilizada em diversas religiões, Resultando no equilíbrio entre as folhas animadas e inanimadas e inovando à matéria moeda (moedas), a economia e a relação entre os seres.

Renovando o ar e a vida!

A reflexão que o ano de 2020 nos impõe: aquietar-se, diminuir a velocidade, tocar a si mesmo e buscar unir alma, espírito e corpo com o objetivo de transformar corações em ebulição, para melhorar suas próprias vidas e poder criar um mundo melhor, mais justo, mais cooperativo, empático e resiliente.

O OLHAR FEMININO arquetípico, que todos trazemos em nosso DNA, é clamado! Impossível escondê-lo ou negá-lo.

Na história da humanidade, especialmente na política e na economia, as chamadas minorias, que na verdade são maiorias, em especial as mulheres, os negros e os indígenas, foram colocados à margem da produção do conhecimento científico, tecnológico e da hierarquia em gestões.

Pagamos um preço alto na segregação.... a dialética econômica conversa somente com seus pares, e em uma “overdose” de produção....temos mercadorias.... objetos...produtos...marketing....agora sim: PARA UMA MINORIA CONSUMIDORA, esquecemos o SER HUMANO, o arquétipo feminino que a humanidade porta de acolher, ser empático e resiliente, cooperativo e apreender com seus erros. Excesso de objetos, escassez de Humanidade. UM VÍRUS, que é derivado da vida animal.... vem da NATUREZA.... do AR.... sofre



mutação e de UMA ÚNICA PESSOA, faz o MUNDO PARAR! Interiorizar-se, isolar-se é a única saída! E foi disseminado justamente por este grupo que tem maior poder aquisitivo! Na luta contra a morte, os heróis são justamente aqueles que se expõem mais, que não têm alternativas e, ainda mais, da comunidade científica que busca correr contra o tempo! Enquanto não se encontram soluções em massa, o vírus mata em si, e mata mais ainda em seus problemas colaterais : sociais, raciais, culturais.

O mundo pára ....e assim como foi na revolução industrial...é o momento de repensar o OLHAR, mudar as ATITUDES, valorizar o artesanal, e aprofundar-se em se descobrir como seres ÚNICOS e COLETIVOS. Conhecer-se, amar a si próprio para poder compreender e tolerar as diferenças e integrá-las em um convívio mais harmônico, cooperativo, onde todos ganham, vivendo com seus pares e agregando valor com seus diferentes.

Individualmente, em nosso mergulho podemos constatar a difícil tarefa de alinhar: pensamento, sentimento/emoções, com atitudes....mas apenas quando nos apropriamos desta sabedoria é que podemos efetivamente ser mais compreensivos, tolerantes e cooperativos com o OUTRO. E é imperativo que isto aconteça para que qualquer sociedade, país, continente, neste planeta, da “mãe” TERRA, consiga se harmonizar e ter uma história de VIDA SAUDÁVEL, satisfatória para a humanidade.







# Who speaks for nonhumans? Reimagining accounting in the anthropause

## AUTHORS:

Lisa Powell,  
Nicholas McGuigan

## ENGLISH ABSTRACT: WHO SPEAKS FOR NONHUMANS? REIMAGINING ACCOUNTING IN THE ANTHROPAUSE

COVID-19 has highlighted the complexity of the natural world and the interconnectedness of humans and nonhuman species. As cities around the world cope in new forms of lockdown, the anthropause has provided us with opportunities to question our human organising systems and reimagine new forms of accountabilities. We ask, who speaks for nonhumans? Until we acknowledge the complex interrelationships amongst humans and nonhuman species, and challenge the prevailing human-centered nature of accounting and accountability, we have limited ways of moving toward more pluralistic forms of accounting.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: QUI PARLE AU NOM DES NON-HUMAINS ? RÉIMAGINER LA COMPTABILITÉ DANS L'ANTHROPAUSE

La COVID-19 a démontré la complexité du monde naturel et l'interconnexion des êtres humains et des espèces non humaines. Alors que les villes du monde entier font face à de nouvelles formes de confinement, l'anthropause nous a donné l'occasion de remettre en question nos systèmes d'organisation humains et d'imaginer de nouvelles formes de responsabilités. Nous nous demandons : qui parle au nom des non-humains ? Tant que nous ne reconnaitrons pas les interrelations complexes entre les êtres humains et les espèces non humaines, et que nous ne remettrons pas en question la nature prédominante de la comptabilité et de la responsabilité, centrée sur l'humain, nous n'aurons que peu de moyens d'évoluer vers des formes de comptabilité plus pluralistes.

## RESUMEN EN ESPAÑOL: QUIÉN HABLA POR LOS NO-HUMANOS? RE-IMAGINANDO LA CONTABILIDAD EN LA ANTROPAUSIA

COVID-19 ha puesto de manifiesto la complejidad del mundo natural y la interconexión de las especies humanas y no-humanas. Mientras que las ciudades alrededor del mundo se enfrentan a nuevas formas de confinamiento debido al COVID-19, la antropausia nos brinda oportunidades para cuestionar nuestros sistemas de organización y re-imaginar nuevas formas de "rendición de cuentas". Es en estas circunstancias que nos preguntamos, ¿quién habla en nombre de los no-humanos? Hasta que no reconozcamos la compleja interrelación entre las especies humanas y no-humanas, y no desafíemos la naturaleza de la contabilidad y "la rendición de cuentas" que se centra predominantemente en el ser humano, tendremos limitaciones en avanzar hacia formas más plurales de contabilidad.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: QUEM FALA PELOS NÃO-HUMANOS? REIMAGINAR A CONTABILIDADE NA 'ANTROPAUSA'

O COVID-19 destacou a complexidade do mundo natural e a inter-ligação entre as espécies humanas e não humanas. À medida que cidades por todo o mundo lidam com novas formas de confinamento, a 'antropausa' tem-nos proporcionado oportunidades para questionarmos a forma como organizamos os sistemas humanos e para reinventarmos novas formas de contabilidade responsável. Perguntamos, quem fala em nome dos não-humanos? Enquanto não reconhecermos as complexas inter-relações entre humanos e espécies não-humanas, e desafirmos a natureza predominantemente antropocêntrica da contabilidade, estaremos limitados nos modos como nos movemos em direção a formas mais pluralistas de contabilidade e responsabilização.





# Who speaks for nonhumans? Reimagining accounting in the anthropause

During one of the strictest and longest lockdowns in the world, Melbourne is filled with an eerie emptiness. A citywide curfew has left the normally bustling city deserted. Roads stripped of cars and office buildings vacant. Trains, trams, and footpaths no longer filled with the hum of workers dashing here and there. The ebb and flow of city life now replaced by empty spaces. Quiet spaces. Space for nature.

Nature's resilience. Grass growing in the cracks of roads where cars now rarely drive. Unmowed lawns and nature strips now abundant. Wildlife returning to parkland once occupied for sport. Like the white-crowned sparrows in San Francisco that changed their song as the city fell quiet, perhaps Melbourne's birds also now sing differently. A welcome reminder of the inherent resilience of the natural world.

## Interconnectedness and complexity

---

*Gecko  
Blessed be the morning  
of childhood when  
I found myself  
sister to the gecko  
acrobat.  
On the wall of the room  
utterly at ease  
just like me  
tumbler  
on the edge of the planet.  
(Cabral, 2008, 61)*

Oh how the COVID-19 pandemic has underscored the interconnectedness of humans and the natural world. Shattering the human/nature dichotomy. The complexity and interrelatedness of humans and nonhuman species at once apparent. Entangled beings. The 'anthropause'

providing the opportunity for recognition and insights into complex human and nonhuman interactions (Rutz et al. 2020, p. 1156).

Reductionist accounting systems pale in comparison to the complexity of the natural world. Accounting that upholds the distinction between humans and nonhumans. False binaries. Maintaining a hyperseparation of humans and nature. Contributing to the various forms of oppression, marginalisation, and exploitation of nonhuman species and the natural environment.

## Beauty in intrinsic value

---

*And, by the way, who estimates the value of the crop which Nature yields in the still wilder fields unimproved by man? The crop of English hay is carefully weighed, the moisture calculated, the silicates and the potash; but in all dells and pond holes in the woods and pastures and swamps grows a rich and various crop only unreaped by man (Thoreau, 2004, p. 158).*

Accounting standards and principles ignore the intrinsic value of nature and interrelated systems of human and nonhuman life. Instead maintaining a narrow, primarily economic focus. Any degree of consideration placed on the value of the natural environment is dependent upon the self-interests of those that hold economic power. Even Integrated Reporting adds little in regard to recognising the intrinsic value of ecological systems. Natural capital.

Existing forms of corporate 'accountability' are woefully inadequate with little recognition of the increasing impact of corporate activities on biodiversity and the natural environment. Corporate greenwashing. Portraying an image of environmental responsibility to maintain levels

of consumption whilst continuing with business as usual. 'Sustainable' business practices and associated reporting that represent managerial approaches designed to maintain the status quo.

### **Who speaks for nonhumans?**

---

*Sometimes I wonder if echidnas ever suffer from the same delusion that many humans have, that their species is the intelligent centre of the universe (Yunkaporta, 2019, p. 1).*

Accounting provides no space for nonhuman voices. Borne of Pacioli's humanist influences, accounting is a social construction created by humans, for humans. Voices of nonhuman species that share our world, the natural environment, have no opportunity to be heard. Instead, accounting promotes disrespect for nonhumans through its focus on commodification and commercialisation of nonhuman life. Portraying nonhumans solely as assets for human consumption and as disposable resources.

Deeply embedded in the humanist education of future accountants is the notion of human exceptionalism. Accounting educational learning experiences serve to maintain the human/nature binary and promote the marginalisation and exploitation of nonhuman species. Perpetuating the dominant societal human-centered paradigm that arguably has led to our current pandemic predicament. Will COVID-19 provide a glimpse of the possibility that humans are, perhaps, not exceptional? A growing realisation that humans are not separate and distinct from the natural environment?

### **Possibilities for voices**

---

*In place of immobilist fatalism, I propose critical optimism, one that may engage us in the struggle toward knowing, knowing on a par with our times and at the service of the exploited (Freire, 2016, p. 23).*

Against the backdrop of COVID-19 and extensive degradation of natural ecosystems, it is time to

reimagine accounting. How do we develop more relational forms of accounting? How do we extend the bounds of accountability to encompass nonhuman species and ecological communities? Here shadow accounting and counter accounts are important in exposing injustice. Can they rewrite the human-centered narrative that permeates accounting? Are they brave enough to confront the vested interests of those who would see accounting continue in its current form? Substantial change in accounting logics is needed across accounting if we are to adequately respond to current environmental concerns.

How do we instil in accounting graduates a more holistic, ecocentric mindset? Fundamental changes are needed to the prevailing humanistic approach in accounting education that perpetuates discourse of human exceptionalism. Decentring of the human in learning experiences offers a starting point. Questioning human-centred worldviews, fostering awareness of complex interrelationships amongst human and nonhuman species, and encouraging recognition of the role of accounting in broader societal and environmental concerns.

Let us use this time in the anthropause to look deeper into how we can foster within ourselves greater empathy for nonhuman species that share our natural world. Acknowledging our own vulnerability. Humility in the face of nature's complexity and resilience. Future possibilities. Valuable lessons from COVID-19 provide opportunities for the recognition of nonhumans species and the crucial role they play in the natural world. We acknowledge that humans are but a part of a broader ecological community.

When envisioning an accounting fit for a post-COVID world, let us be guided by nature's complexity, heterogeneity, and balanced ecological systems. Providing momentum for a shift toward alternative forms of accounting that acknowledge complexity and interdependence. Evoking and incorporating interdisciplinary perspectives. An accounting that provides space for all voices. Humans and nonhumans

alike. For until we overcome human/nature binaries, challenge the notion of human exceptionalism, and create space for the voiceless, we have limited ways of moving toward more pluralistic forms of accounting. Pluralistic accountabilities that speak for nonhumans, having the ability to curb the current environmental crisis and prevent widespread ecological collapse.

## References

---

Cabral, A. (2008). *CAGE* (A. Levitin, Trans.). Host Publications. <https://www.spdbooks.org/Products/9780924047442/cage.aspx>

Freire, P. (2016). *Pedagogy of the Heart*. Bloomsbury Academic. <https://www.bloomsbury.com/us/pedagogy-of-the-heart-9781474299138/>

Rutz, C., Loretto, M.-C., Bates, A. E., Davidson, S. C., Duarte, C. M., Jetz, W., Johnson, M., Kato, A., Kays, R., Mueller, T., Primack, R. B., Ropert-Coudert, Y., Tucker, M. A., Wikelski, M., & Cagnacci, F. (2020). COVID-19 lockdown allows researchers to quantify the effects of human activity on wildlife. *Nature Ecology & Evolution*, 4(9), 1156–1159. <https://doi.org/10.1038/s41559-020-1237-z>

Thoreau, H. D. (2004). *Walden* (150th anniversary ed.). Princeton University Press. <https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691169347/walden>

Yunkaporta, T. (2019). *Sand Talk: How Indigenous Thinking Can Save the World*, book by Tyson Yunkaporta. Text Publishing. <https://www.textpublishing.com.au/books/sand-talk>



# On the giving and receiving of accounts

---

**AUTHOR:**

Leanne J. Morrison

---

**ENGLISH ABSTRACT: ON THE GIVING AND RECEIVING OF ACCOUNTS**

In this creative prose, I meditate on David Abram's (1996) sense of communication between the human and non-human, and on Brown and Dillard's (2015) conceptions of critical dialogic accounts. The slowing pace of life under COVID-19-induced restrictions enables me to reflect on what it is to give and receive an account, in dialogue with the world. Drawing from Abram, Brown and Dillard, I ponder the myriad of accounts provided to me, and wonder at whether we (humans) have received the accounts provided by each other, by the non-human world, and by the world as a whole. I playfully re-write my interpretation of several non-human accounts, the reception of which is critical at this juncture.

---

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: MÉDITATION SUR LE DON ET LA RÉCEPTION DES COMPTES**

Dans cette prose créative, je médite sur le sens de la communication entre l'humain et le non-humain de David Abram (1996), et sur les conceptions critiques des comptes dialogiques de Brown et Dillard (2015). Le ralentissement du rythme de nos vies sous les restrictions induites par la COVID-19 me permet de réfléchir à ce que c'est que de rendre et recevoir des comptes, en dialogue avec le monde. En m'inspirant d'Abram, Brown et Dillard, je réfléchis à la myriade de comptes qui me sont fournis et je me demande si nous (les humains) avons reçu des comptes fournis par tout un chacun, par le monde non-humain et par le monde entier. Je réécris de manière ludique mon interprétation de plusieurs récits non humains dont la réception est critique en ce moment.



# On the giving and receiving of accounts

David Abram (1996) wrote that the world is in communication with itself. He was writing about nature and people's place in nature; about how a flower is in communication with the insects that fertilise it, how bird calls communicate messages and even how trees communicate with each other. He doesn't leave humans out of this network of interactions, as we are also in communication with the world: "The eyes, the skin, the tongue, ears and nostrils – all are gates where our body receives the nourishment of otherness" (Abram, 1996, p. ix).

In addition to the myriad of ways we interact with the world in other-than-rational ways such as through our intuition, our physical responses, and our senses, we also talk, write, and we give accounts. I am giving an account now, as I write this, although I am never *not* giving an account, and never *not* receiving the accounts of others. Abram would say that I do so through my senses, and that using words (or, by extension, numbers) is a radical impoverishment of my power to engage with the world; yet when we talk about 'accounts', it is generally in the sense of the radically reductionist, financial accounts. This traditional sense of the account has expanded over time, to include social and environmental accounts, but it's not quite as encompassing as Abram's complete and embodied engagement.

Dialogic accounting has attempted to expand what we understand as an account (Brown & Dillard, 2015), pointing out how the identity, the performance and impacts of organisations are actually understood in far broader terms than the accounts provided by the organisation itself. Media (social and traditional); word of mouth; advertising; and even packaging can be a part of this wider dialogic web of relationships which inform views about the organisation. Compared with

the debits and credits of financial transactions, this is a radical expansion of how we understand organisational accounts, but we haven't quite attained the level of expansion evident in Abram's understanding of relationship and dialogue with the world.

\*\*\*

Communication is not solely about giving an account; of speaking or writing. Communication is also about hearing, seeing, smelling, reading, listening: receiving an account.

Systems of relationship, interaction, exchange, in dialogue with the whole world,

In dialogue with small pieces.

Odour, sound, touch, sight. I am not a passive receptacle; I smell, I hear, I feel, I see

Neither is the system passive; it gives, I take, I give, it takes. We speak

not only in words, but through all of our senses.

Someone has painted a cacophony of shapes on the fence of a house nearby; spray painted their name, a tag.

It's a dialogue, they speak through the colour, the curve, the location

I walk with my dog. He pees on almost every surface we encounter. He reads the surface through odour, reads a story left by the other dogs over days, months, years even

He's in dialogue, he reads, he leaves his own account.

I smell a pungent honey aroma, I can't locate the source; perhaps the blooms lay hiding behind one of

the high fences by which our feet take us. The sweet blooms are calling for the tiny insects, to the birds “come and pollinate, fertilise!” why can I hear the call? I can’t pollinate, but still the smell calls. I breathe a little deeper, my steps shorten, I try to prolong the moment.

I write, I am in dialogue with you, with myself, with some universal concept of ‘the world’

A complex web of dialogue, of exchange, of what David Abram calls relationship. He says it is the spell of the sensuous, because we use our senses to interact, to relate.

A complex web of dialogue, of exchange, says to me: I suffer! I am having trouble stabilising my temperatures, my skin is blistering, secreting. I hear; I know what needs to be done collectively, I think we all do, but knowing and doing are two different things. We can only respond by doing, but we can’t, we won’t. Maybe someone who could do more should listen, but they don’t seem to hear. I grieve for my disempowerment.

She calls again: I suffer! My forests are being shaved, they keep things in balance, I don’t know how, but they do. Some virus weeps out through the newly naked surface. She says I suffer! Can’t you hear me?

She makes me slow down, she makes me stay in my house, only walking once a day alongside my dog. The pace, the repetition, the pressures on my mental health open me. The marks on the street become a voice in a conversation. I can hear the murmur, but I don’t really understand the words. I don’t smell the detailed stories, I don’t leave my page the way doggo does, but my steps, my small and repetitive actions, my thoughts, my writing become my account.

\*\*\*

Once upon a time, a number of accounts were given, and a few less were received. These accounts were meant for the eyes of internal managers, to help in their decision making. The existence of external managers had not been established to the extent that a materiality assessment of their concerns could be made. Our report

must therefore be one targeted towards internal decision makers. Our report is made up of multiple reports, each one in dialogue with other internal decision makers. The first section of the report is this one, the one where the report is introduced. The following sections are made up of the various reports, some of which you may be able to read, others not. In any case, there is a duty to provide them to you, as reckonings from various points of view. Perhaps you, also an internal stakeholder, will make sense of them, and decision-make. Perhaps not.

**Account 1:** I myself can’t really make sense of this account, although it must be included, since it has been made. It is a series of accounts made on the streets of East Melbourne. No time frame is provided, they may have been made over a number of years. It is believed that the account is directed towards only those who also inhabit these streets, and who have the capacity to disentangle and interpret their meaning. I include them here, like many others, for recording purposes, as I can only admire their colourful curves and alien like shapes without discerning much more of a meaning. Graphs are presented below to illustrate a distinct left to right trend.



**Account 2:** Also indecipherable to myself, or any human that I know of, I record my observation of this account. I cannot include it directly here as it is not able to be represented through human language. It is an account which has been layered over many years, read by my



little dog as we walk through our neighbourhood. He reads with his nose and adds another page to the story. I'm not sure what this account means, either, only that it seems very important, and is recorded here as such.



**Account 3:** The wattles have started to bloom. This means that the Earth is at a certain angle in relation to the sun and its rotations. The wattles bloom in Spring; some years earlier and some later, in relation to the temperature of the air, the soil, the absence or presence of certain insects and birdsong. Once in bloom, I hear that certain turtles should no longer be hunted, certain fish will be abundant, and sales of antihistamine will increase.

**Account 4:** Our most senior manager provides an account of the years to date. She provides this account through increasing average global temperatures, mass species extinctions, changing weather patterns, increasing intensity of natural disasters, extension of bushfire seasons. Her message, while complex and systems based, seems fairly straightforward once read together with a scientific explanation. While the account has been written by a collective network of all earthly existence, it seems to be targeted to senior management. Various lower level managers have been working hard to operationalise the recommendations, however as the continually contemporaneous accounting methods used in this reckoning are clear, a more pro-active response is called for by those on the

board and in senior positions within the organisation.

**Update to Account 4:** Since the time of writing, our Chair has released an urgent memo. I relay a short summary here. In her memo, the Chair tells of a new problem within our organisation, one which may leave many of our members without a position within the organisation. Due to the serious nature of her previous accounts, and the subsequent mismanagement of outcomes, she has had to escalate the issue, and warns that many mandatory redundancies have already been executed. She provided a list which included a large percentage of wild fish and birds, coral reefs and amphibians which have already been sent notice. She threatens that up to one in every three species may have to go before the end of this century. She says that she doesn't want to make this decision, but has been left with no choice. Her frustration is palpable through the memo; she is on fire! She is sending most of the organisation home on reduced pay for at least six months during 2020, possibly into 2021. She says that things are getting desperate at the organisation, and although nothing is permanent, she had envisioned that the organisation would be a going concern for at least another millennia. She is threatening a major restructure, with almost all of the current senior managers' positions being made redundant. If the senior management don't act soon, most of the organisation will be made redundant and she will begin another organisation in its place. She says she has done this before, and is not afraid to do it again, although she would be sad to see us go. We had a lot of potential, she says.

## References

- Abram, D. (1996). *The spell of the sensuous: Perception and language in a more-than-human world*. Vintage Books.
- Brown, J., & Dillard, J. (2015). Dialogic Accountings for Stakeholders: On Opening Up and Closing Down Participatory Governance. *Journal of Management Studies*, 52(7), 961–985. <https://doi.org/10.1111/joms.12153>

# Chronic illness and the working from home fairy-tale

**AUTHOR:**

Anne Steinhoff

**ENGLISH ABSTRACT: CHRONIC ILLNESS AND THE WORKING FROM HOME FAIRY-TALE**

In August 2020, a report titled 'Homeworking in the UK: Before and During the 2020 Lockdown' published by the Wales Institute of Social & Economic Research, made headlines in the British media suggesting that employees were equally, if not even more, productive during COVID-19 lockdown. The report and responses prompted me to reflect on my own pre- and post-lockdown work experience as a chronically ill employee. In this essay, I ask: how does an employee with chronic illness feel when, even in a pandemic, the language of accounting has a stronger voice than her need to work comfortably?

**RESUMO EM PORTUGUÊS: DOENÇA CRÔNICA E O CONTO DE FADAS DO TRABALHO EM CASA**

Em agosto de 2020, um relatório publicado pelo Instituto de Pesquisa Social e Econômica do País de Gales sob o título: "Trabalhando remotamente no Reino Unido: antes e durante o isolamento de 2020" ganhou as manchetes na mídia britânica, sugerindo que os trabalhadores eram tão produtivos – ou até mais – durante o isolamento causado pelo COVID-19. O relato e suas decorrentes respostas levaram-me a refletir sobre minha própria experiência de trabalho, antes e depois do confinamento, como trabalhadora com uma doença crônica. No presente ensaio, questiono: como se sente uma trabalhadora com doença crônica quando, mesmo durante uma pandemia, o discurso contábil tem uma voz mais alta do que sua inerente necessidade de trabalhar com conforto?

**RESUMEN EN ESPAÑOL: ENFERMEDAD CRÓNICA Y LA ILUSIÓN DEL TRABAJO DESDE CASA**

En agosto del 2020 un informe publicado por el Instituto de Investigación Social y Económica de Gales bajo el título: "El trabajo en casa en Reino Unido: antes y durante el confinamiento del 2020", ocupó los titulares de los medios de comunicación británicos sugiriendo que los trabajadores fueron igual de productivos – si no es que más – durante el confinamiento a causa de COVID-19. El informe, y las respuestas a éste, me llevaron a reflexionar sobre mi propia experiencia laboral, antes y después del confinamiento, como trabajadora con una enfermedad crónica. En este ensayo pregunto: ¿cómo se siente una trabajadora con una enfermedad crónica cuando, aún durante una pandemia, el discurso de la contabilidad tiene una voz más fuerte que su necesidad de trabajar cómodamente?



# Chronic illness and the working from home fairy-tale

## 1. Introduction

---

Since the COVID-19 outbreak employees living with chronic illness have expressed their frustration about organisations making remote work models rapidly available for all staff while having denied them to chronically ill employees in the past. The tone of frustration quickly mixed with a voice of resentment as working from home experiences have turned into dystopian nightmares. The problem brought to the forefront by the COVID19 outbreak is that employees do not know if and how organisations adapt productivity metric systems to account for extraordinary circumstances. Drawing on personal experiences as a chronically ill employee, I aim to visualise the conflicts that organisations have created by communicating the importance of work flexibility and self-care, while managing employees' work only through fixed performance and output-driven metric systems. To me, the key to the development of this conflict are accounting and organisational practices that aim to measure, report and benchmark employees' work outputs (Carter 2018). I argue that accounting practices are always prioritised over employee's work experiences.

This essay is structured as follows: first, I focus on the story of working remotely from an accounting perspective. Second, I ask why personal stories matter to justify the reflections on my own experience for which I use personal journal entries written during the first five weeks in lockdown. The contribution ends by briefly advocating for a space that allows for the voices of employees to be heard and to prioritise them over the dominant accounting narrative.

## 2. Working from home: an accounting story

---

During pre-pandemic times, negotiating remote work model arrangements with employers felt like a lost cause. By February this year, 5.7% of the workforce in the UK had managed to successfully request to work from home on a full-time basis regardless of their reasons (Felstead and Reuschke 2020). Having worked at five different organisations over the past decade, my requests for working from home part-time due to chronic illness were accepted twice. The UK National Health Service (n.d.) defines a chronic condition as 'a health problem that requires ongoing management (...) over decades and that currently cannot be cured (...)'. It seems surprising that chronic illness is only one minor aspect of consideration in organisations despite being the main reason for most chronically ill employees to put in a request to work remotely. One of the rejected home office requests stated that there was no need for working from home arrangements as there was a generous sick leave policy in place allowing employees with medical conditions to accumulate more sick days on average. Central Finance seemed to have interpreted the working from home request as a request to shift attention from completing work to managing sickness. Standard processes in HR and Finance are set up to treat chronic illness the same way as any acute illness would be treated in the administrative system. The problem is that the symptoms in chronic diseases do not ever disappear as symptoms of short-term illnesses do. Nevertheless, the criteria to determine the degree of sickness are usually set in light of the physical capability to commute to the office and work at a desk for eight hours a day. Administration appears to be more supportive of the decrease in work time and pay to manage chronic illness as there is no need to determine productivity or the level of sickness. This approach encourages employees to deal with their diseases during unpaid leave periods



resulting in a new form of inequity and inequality.

Organisations and managers commonly fear that without physical oversight in an office space, productivity is lost (Felstead and Reuschke 2020). Without vocalising it, it is assumed that employees use the home office option only to increase leisure time. Once I overheard a conversation between two Senior Officers in the communal kitchen voicing doubts if a colleague was 'pulling her weight' for the organisation when working from home. Neither had evidence that the particular colleague was not completing work on time but they raised the concern among themselves nonetheless. When it comes to trusting employees, little has changed since Henry Ford and Charles Taylor, equipped with stop watches and controlling assembly line speed, started monitoring workers' outputs in their factories (Harvie and Angelis 2009). The economic philosophy, executed through management accounting measures, is clear: employees who are productive are more competitive, increasing inventory and thus, organisational revenue. This in return can provide tax revenue and salary increases. It is commonly believed that these benefits are reversed when productivity stagnates or worse decreases. An employee's dedication, job satisfaction, capabilities, wellbeing and chronic illness are ignored.

Due to the nation-wide lockdown, 43.1% of employees in the UK worked from home by April with 36.5% still working from home on a full-time basis in June (Felstead and Reuschke 2020). Overnight, physical oversight and accountability through presenteeism was significantly reduced. However, employees learnt quickly that oversight could still occur from a distance: being required to reply to an email by the start of the work day in the morning, having Zoom meetings scheduled for the first half an hour of the day, deadlines being pushed forward and line-managers checking in several times a day. Business sections of newspapers and business-orientated blogs also started filling up with articles from managers giving advice on how to manage remote teams effectively and how remote working in a pandemic can improve performance. All these activities are grounded in management accounting measures which

allow for the disciplining of employees through routines and expecting outputs in a certain amount of time or by setting budgets (Carter 2018). How did employees with chronic illness experience this transition and the opportunity to finally being granted the option to work from home on a full-time basis?

### **3. Why do personal stories matter?**

---

Before reflecting on how result-based accounting practices affected my own work experience during the lockdown, it is of importance to conceptualise why we should care about personal stories in the first place. Put simply, why do personal stories matter? It might seem obvious but our personal stories have the ability to impact, shape and control our own narrative of the world. Telling these stories may even let us reconsider and doubt our own worldviews (Shearer 2002). Using real life examples, we are able to move complex problems away from an abstract level, making them accessible to a broader audience and helping us to understand their consequences on past and present behaviours. It also provides a starting point to debate necessary changes and discover possible future consequences. For Shearer (2002), personal stories are even more than ways to explore actions and behaviours. Shearer (2002, 545) goes so far to say that personal stories are equivalent to our own identities when stating that 'we are the stories we tell; what we could be if we told different stories is precisely the point.' Reflecting on my personal work experience of the first five weeks in lockdown and comparing it with pre-pandemic work environments will help to illustrate the effect of accounting measures on work practices in home offices and the influence of the voice of accounting overshadowing the voices of employees. In doing so, I hope to enrich the perspective on understanding the effects accounting practices have on work lives and the importance to debate its negative role on employees' work satisfaction and wellbeing.

### **4. Working from home: an employee's story**

---

Having fought for the option to work from home for a

few days each month in different organisations, the UK government's initiative to demand employers to shut offices during lockdown looked promising and exciting. At the same time, it seemed bizarre that it was possible to send the majority of employees into home office overnight. How was this unprecedented development experienced when being employed with chronic illness?

For personal purposes, I kept a record of my day to day activities during the almost three months that the UK Government imposed strict measures on movements. As of the middle of September, all my work is still completed from home with the University remaining closed.

The first week of physical closure in March, provided a space to breathe. Schedules were finally freeing up with all face-to-face lectures, meetings and sessions being cancelled. For once, there was nobody and nothing to check in to see if I had really started the workday. But in addition to this, I started the days not mentally and physically exhausted as I would normally have done. There was no pressure to leave the house at a certain time to catch the bus or train, and I did not have to worry if public restrooms were available in an emergency due to uncontrollable symptoms. It was the first time in months that I started the days relaxed despite the general work stress. Before the pandemic, I often experienced days during which I would barely make it into work with my body being in pain. On such days, in a previous job role, my line manager would ask me to go back home as I seemed unwell. Most of the time, I would disagree arguing that I was still fit to work even if my body was not since I had made it into the office. But the truth was that work was a distraction to make some of the pain bearable. During lockdown, it was a relief to know that I only had to move from one room to the other to work.

By the end of Week Two, I had managed to start work two hours earlier than during pre-pandemic times. My body seemed to enjoy the new atmosphere that the new controllable routine at home had brought. I did not dread the 9 o'clock morning meetings any longer for which I would have gotten up at 5:30 o'clock to

deal with symptoms just to be physically present in the office. Instead I started the day with breakfast, completed urgent tasks and waited to get into a Zoom call. However, that weekend, I realised that all I did was complete University tasks: more online communication with students, spending extra time on figuring out software and sitting in on one Zoom session after another. Counting the hours that I had added to my casual worker timesheet to keep track of time worked daily, showed that I had done more than ten hours a day that week while also working on Saturday. Before the pandemic, I knew that I had overdone it with work when my symptoms worsened for no reason. Sometimes, I would already be exhausted before the end of the work week but I would definitely be done by Friday night. If I went out, I would pay the price by requiring the full weekend to recover before starting a new work week. If I went home after work, I often got lucky so that I did not have to spend all weekend in bed exhausted and in pain before finding a way to get back to work at the start of the week. The pandemic changed this. Now, I did not feel controlled by my body's limits but by work.

By Week Four, I had reoccurring symptoms typical for my disease which I had not experienced in a long time. I was exhausted. I started the days earlier, completed assignments into the middle of the night, did not take proper breaks and Zoom meetings only increased the tiredness. As much as I looked forward to some human interaction, the Zoom calls were pressuring me to come across healthy. It reminded me of days in the office or computer lab when hiding my ill health by using more makeup than usual. Although cameras can be turned off, in some instances individuals asked specifically for them to be switched on requiring explanations of my ill health if I kept it switched off. At the same time, I was occupied with the thought of what to do if symptoms worsened and not having adequate medical support with chronic illnesses falling off the priority list in hospitals. All I would hear from others was to take it slow and to keep focusing on work as much as I could.

It was Week Five, when I realised that the work schedule had taken over all aspects of my life and that

the care for my chronic illness had again been lost somewhere between the need to be productive and competitive. As much as behaviour and own fantasies impact this new work environment, it was impossible to unsee the strength of the voice of accounting measures leaving a footprint in the remote working life ignoring the voice of employees to work within their own capabilities once more.

## 5. Conclusion

---

My fairy-tale of working from home as a chronically ill employee slowly turned into an unexpected nightmare. By solving some problems, new obstacles arose quickly. These obstacles were linked to similar issues that employees, in particular chronically ill employees, have been facing when working outside their homes: prioritising work commitments for the organisations above and beyond their own health. As pointed out in this essay, this problem is the consequence of the communication around self-care and employee management of organisations. While managers tell us to look after our health and well-being, performances are evaluated in the background using traditional measurement metric systems which are not compatible with a self-care and flexibility approach promised to employees. Organisational practices which are heavily influenced by the narrative of accounting are making changes almost impossible. With the language of accounting only recognising the importance of staying in budget, deadline-orientated working, competitive advantages and improved productivity levels, there will always be tensions and conflicts.

This piece does not want to advocate for more autonomy or accountability of employees in the workplace as it is often recommended by management experts in the field. Instead, it is concerned with the silencing of employees experiences allowing the voice of accounting to dictate the directions and employees following suit. For a long time, accounting and organisational practices, and their role in shaping the work environment for employees remained untouchable and unquestionable. This piece is keen to show that the taken-for-granted approach has to

end. Instead, employees and managers need to create spaces to listen to the lived experiences of all groups of employees, to hear these voices clearly and to start prioritising the needs of employees over the ones set up through the accounting narrative.

## Acknowledgements

---

I would like to thank Dr Rebecca Warren (University of Essex) and Prof David Carter (University of Canberra) for their thoughtful feedback on earlier versions of the essay. My sincere thanks are due to Sebastián Ronderos (University of Essex) and Jimena Vazquez (University of Essex) for their help with the translations of the abstract.

## References

---

- Carter, David. 2018. "Accounting for the Immaterial." In *The Routledge Companion to Performance Management and Control*, ed. Elaine Harris. London: Routledge.
- Felstead, Alan, and Darja Reuschke. 2020. *Homeworking in the UK: Before and During the 2020 Lockdown*. Wales Institute of Social and Economic Research and Data. <https://wiserd.ac.uk/publications/homeworking-uk-and-during-2020-lockdown>
- De Angelis, Massimo, and David Harvie. 2009. 'Cognitive Capitalism' and the Rat-Race: How Capital Measures Immaterial Labour in British Universities', *Historical Materialism: Research in Critical Marxist Theory*, Vol. 17 (3): 3–30
- Shearer, Teri. 2002. 'Ethics and accountability: From the for-itself to the for-the-other', *Accounting, Organizations and Society*, Vol. 27(6): 541–573.
- UK National Health Service. "Long Term Physical Health Condition." NHS Data Model and Dictionary. [https://datadictionary.nhs.uk/nhs\\_business\\_definitions/long\\_term\\_physical\\_health\\_condition.html](https://datadictionary.nhs.uk/nhs_business_definitions/long_term_physical_health_condition.html)



# Voces enmudecidas en tiempos de pandemia: Ausencia de la prostitución en la contabilidad nacional colombiana

## AUTORES:

Julián F. Sánchez-  
Gunturiz,

María Victoria Vega  
Montes

## RESUMEN EN ESPAÑOL: VOCES ENMUDECIDAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

La pandemia causada por la COVID-19 ha dejado diversidad de secuelas en todo el mundo, significando el cambio de los estilos de vida conocidos y visibilizando problemas sociales estructurales presentes en distintos países. Uno de esos problemas es la falta de regulación y estadísticas asociadas a la prostitución alrededor del mundo, que puede ser descrita como una población ignorada, muda e invisible para buena parte de la sociedad. En Colombia, la prostitución no está prohibida, ni regulada, mucho menos se encuentra incluida en las cuentas nacionales, por lo que no se pueden tomar decisiones informadas y contundentes sobre ella. En las próximas páginas se busca destacar la necesidad de que el trabajo sexual sea regulado y agregado a la contabilidad nacional (macrocontabilidad) ya que, a pesar de representar una participación en la actividad económica, la escasez de datos oficiales dificulta las posibilidades de inclusión.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: DES VOIX RÉDUITES AU SILENCE EN TEMPS DE PANDÉMIE

La pandémie causée par le COVID-19 a laissé diverses séquelles dans le monde entier, modifiant les modes de vie connus et rendant visibles les problèmes sociaux structurels présents dans différents pays. L'un de ces problèmes est l'absence de réglementation et de statistiques associées à la prostitution dans le monde, qui peut être décrite comme une population ignorée, muette et invisible pour une grande partie de la société. En Colombie, la prostitution n'est ni interdite, ni réglementée, et encore moins incluse dans les comptes nationaux, de sorte qu'il n'est pas possible de prendre des décisions éclairées et énergiques à son sujet. Les pages suivantes visent à mettre en évidence la nécessité de réglementer le travail du sexe et de l'ajouter à la comptabilité nationale (macro-comptabilité) car, bien qu'il représente une participation à l'activité économique, la rareté des données officielles entrave les possibilités d'inclusion.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: VOZES SILENCIADAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia causada pela COVID-19 deixou diversas sequelas em todo o mundo, mudando os estilos de vida conhecidos e tornando visíveis os problemas sociais estruturais presentes em diferentes países. Um destes problemas é a falta de regulamentação e de estatísticas associadas à prostituição em todo o mundo, que pode ser descrita como uma população ignorada, muda e invisível para uma grande parte da sociedade. Na Colômbia, a prostituição não é proibida, nem regulamentada, muito menos incluída nas contas nacionais, pelo que não é possível tomar decisões informadas e enérgicas sobre a mesma. As páginas seguintes procuram destacar a necessidade de regulamentar o trabalho sexual e de o acrescentar às contas nacionais (macro-contabilidade), uma vez que, apesar de representar uma participação na actividade económica, a escassez de dados oficiais dificulta as possibilidades de inclusão.

## ENGLISH ABSTRACT: SILENCED VOICES IN PANDEMIC TIME

The pandemic caused by COVID-19 has left diverse sequels around the world, changing known lifestyles and making visible structural social problems present in different countries. One of these problems is the lack of regulation and statistics associated with prostitution around the world, which can be described as an ignored, mute and invisible population for a large part of society. In Colombia, prostitution is neither prohibited, nor regulated, much less included in the national accounts, so it is not possible to make informed and forceful decisions about it. The following pages seek to highlight the need for sex work to be regulated and added to national accounting (macro-accounting) since, despite representing a participation in economic activity, the scarcity of official data hinders the possibilities of inclusion.



# Voces enmudecidas en tiempos de pandemia: Ausencia de la prostitución en la contabilidad nacional colombiana

## Introducción

Según el Banco de la República de Colombia (2020), “la contabilidad nacional es un sistema contable que permite conocer el estado de la economía y la dinámica de las actividades que en ella se desarrollan por parte del sector público y privado”, por lo cual resulta una herramienta básica de los gobiernos para comprender cómo se están gestionando sus recursos y detectar las necesidades sociales que existen en un país, con lo que, consecuentemente, también se pueda implementar acciones para su desarrollo y la disminución de brechas sociales y desigualdad.

Las cuentas nacionales registran el nivel agregado del producto, el ingreso, el ahorro, el consumo, los gastos nacionales y la inversión en la economía, elementos que se ven reflejados en el Producto Interno Bruto – PIB, indicador económico que mide el crecimiento económico de una nación. Este indicador, sirve también para hacer comparaciones entre países y analizar las profundas desigualdades que hay entre ellos, tanto a nivel regional como a nivel mundial.

Considerando que las cuentas nacionales, y específicamente el PIB, contienen valiosa información, resulta necesario que sean incluidas todas las actividades económicas que se realizan en un país de manera exhaustiva. Para este estudio en particular, se analiza el caso del trabajo sexual o prostitución<sup>1</sup>, abordado como una actividad voluntaria, consensuada, responsable y alejada totalmente de quienes la usan para beneficiarse de otros, como es el caso de la trata de personas.

El objetivo de este trabajo no es incentivar la prostitución, pero se considera importante mostrar

una situación latente en la realidad de muchos países, que necesita acciones contundentes de regulación, aun cuando vaya en contra de la moral y principios de muchas personas de la sociedad y más en un país de costumbres conservadoras como lo es Colombia.

La motivación del trabajo es visibilizar esta población históricamente vulnerada y que durante la pandemia enfrenta el reto de ejercer su oficio sin contacto para poder sobrevivir. Así mismo, iniciar a enfrentar los retos que hay en materia, en especial eliminar tabús en lo sensible y controversial que puede resultar para muchas personas, de manera que se comiencen a movilizar esfuerzos para ayudar a resolver problemas existentes en este tema.

El trabajo sexual en Colombia no es una actividad ilegal pero tampoco encuentra regulada, no se incluye en las cuentas nacionales y su participación al momento de tomar decisiones de carácter económico es casi nula, resultando un punto crítico para la economía, puesto que la prostitución es una actividad que representa el sustento de varias personas cabezas de familia en Colombia. La veeduría distrital de Bogotá (Bastidas, 2017) encontró que el 95% de personas que ejercen esta profesión, son mujeres y que, además, el 95% de ellas lo hacen debido a su situación económica, lidiando además con la vulnerabilidad, la exclusión social y la explotación.

Por lo anterior, surgen preguntas que intentan ser respondidas parcialmente en este documento, con las limitaciones asociadas a la ausencia de estadísticas fiables que hagan más visible el problema ¿cuáles son los ingresos que perciben las personas dedicadas al trabajo sexual en Bogotá? ¿Cuál ha sido el impacto de la pandemia COVID-19 en la actividad e ingresos de estos trabajadores? ¿es necesario incluir la prostitución

como actividad económica en la contabilidad nacional (macrocontabilidad) y estadísticas oficiales de un país?

Se persigue como objetivo destacar la importancia que tendría la inclusión de la prostitución en la contabilidad nacional para mejorar la toma de decisiones gubernamentales, destacando el caso colombiano en el período de cuarentena asociado a la pandemia COVID-19.

Para tener una aproximación inicial a estas respuestas se replican algunas metodologías aplicadas en Inglaterra y Suiza (Ala & Lapsley, 2019) para calcular el aporte de la prostitución a la actividad económica de un país, utilizando cifras provenientes del Observatorio de Mujeres y Equidad de Género en el año 2018 para Bogotá y estudios realizados por publicaciones periodísticas como la revista Semana (2020), que permiten estimar el impacto socio-económico que puede tener el trabajo sexual en Bogotá como ciudad capital y los cambios ocasionados durante la pandemia COVID-19 en el período marzo-septiembre 2020.

### **Algunas referencias sobre el trabajo sexual en el mundo**

---

“La inclusión de las actividades ilegales en las cuentas nacionales mejora la comparabilidad internacional, dado que algunas de estas actividades son legales (y, por tanto, están incluidas) en unos países y no en otros” (Del Río Paramio, 2015). Algunos países, en su mayoría europeos, han regulado el trabajo sexual y lo han incluido en el PIB, como es el caso de Inglaterra, donde además existen leyes para garantizar la protección de las trabajadoras sexuales. Países como Australia, Alemania, y Suiza, también han regulado este tipo de actividades con el fin de obtener mayor control e información sobre ellas.

Sin embargo, el caso Latinoamericano es diferente y esta ocupación no se encuentra regulada en la mayoría de los países. En México, Panamá, Cuba, El Salvador, Honduras, Costa Rica, Guatemala, Perú, Colombia, no se encuentra ni reglamentada ni prohibida, dejando vacíos legales que no dan cuenta ni reconocimiento

explícito a esta realidad. En el caso de Brasil, la prostitución no es ilegal, no obstante, está penado trabajar en burdeles, alquilar lugares para ejercer la profesión y explotar a menores de edad, situación similar a la que ocurre en Costa Rica y Paraguay. En un caso contrario a la tendencia regional, en Nicaragua es considerada como una actividad legal y se hacen planes e incentivan políticas de protección a las trabajadoras sexuales.

### **Situación del trabajo sexual en Colombia y Bogotá ¿información fiable?**

---

El debate sobre la prostitución en Colombia no es reciente, pero resurge esta discusión ante la situación de emergencia causada por la crisis de la COVID-19 que agudiza el problema frente las medidas de confinamiento y aislamiento obligatorio implementadas en el país desde marzo de 2020, flexibilizadas parcialmente a partir de septiembre en la búsqueda de una reactivación económica. El problema tiene dos grandes implicaciones que están muy relacionadas y que se deben explicar para dimensionar su magnitud.

En primer lugar, en Colombia no existen registros del número de trabajadores sexuales, no hay un agregado o base de datos con la que se pueda conocer el dato exacto de estas personas o al menos una cifra aproximada. Revisando en la literatura sobre el tema, se han encontrado algunos estudios sobre la cantidad de mujeres dedicadas a la prostitución en ciudades principales, pero estos son insuficientes y advierten su imprecisión, pues no logran captar a toda la población. En su mayoría, los registros están para burdeles y establecimientos dedicados a esta actividad, omitiendo así servicios a domicilios, clandestinos o a través de medios virtuales; así pues, los registros existentes resultan insuficientes para conocer la totalidad de personas vinculadas a esta actividad.

En segundo lugar, al no existir registros fiables, estas personas no son incluidas en los análisis económicos y las decisiones que se toman a partir de estos. Por lo cual, este gremio no fue incluido en las medidas económicas y sociales tomadas por el gobierno nacional



y mandatarios locales para ayudar a solventar los estragos de la crisis y del confinamiento obligatorio, dejando a esta comunidad en condiciones mayores de vulnerabilidad a las que ya está sometida y, en muchos casos, obligadas a trabajar clandestinamente, exponiéndose así al contagio de COVID-19. Este punto debe ser analizado desde dos perspectivas que resultan muy importantes, una de ellas, las condiciones precarias que han sufrido las/los trabajadores sexuales y el abandono estatal que presentan y, la otra, el hecho de que ese mismo abandono social y la ausencia de acciones contundentes para asistirlos afecta la economía, la igualdad y el desarrollo del país, puntos en los que se centrará este análisis.

Al exponer la importancia de la prostitución en la contabilidad, resalta el caso de Suiza, donde las trabajadoras sexuales deben registrarse ante las autoridades locales y pagar impuestos. En relación con lo anterior, Ala y Lapsley (2019) proponen un modelo de contabilización de la prostitución en el mundo neoliberal, el cual se enfoca en la estimación del ejercicio por el lado de la oferta.

$$OUT = NAP \times NCEPW \times ACPC$$

Dónde:

OUT = Ingresos por servicios sexuales vendidos.

NAP = Número de trabajadores sexuales activos.

NCEPW = Número de servicios por semana.

ACPC = Cargo promedio por cliente.

Ahora bien, los mismos autores del modelo afirman que este implica importantes supuestos subjetivos y estimaciones de proporciones casi heroicas. Para el caso colombiano, esta profesión es vista como un problema de salud pública, con cifras vagas, que oscilan entre 35 mil y 45 mil afectados<sup>2</sup> según informe de las Naciones Unidas y 9.744 trabajadores sexuales según censo realizado por la Policía Nacional. Además, los

precios de servicio no tienen tendencias claras, lo que genera una diversidad de cargos que va desde un dólar estadounidense hasta incluso mil veces esta cantidad; sin contar que, por ser un oficio clandestino, no se tiene ni la más mínima aproximación al número de servicios por semana.

Entonces, ¿es posible saber cuánto genera la prostitución en la economía colombiana? En el presente estudio, por medio de estimaciones, supuestos y aproximaciones matemáticas se buscará establecer, al menos, un primer acercamiento al aporte de esta práctica milenaria a la economía de la ciudad de Bogotá, siendo necesarias investigaciones futuras donde se profundice el estudio de esta problemática de forma más integral en la ciudad y en el país. Según la revista Semana (Semana, 2020), en el caso de mujeres, el oficio antes de la pandemia se caracterizaba por un precio promedio por servicio de COP 25.000 (aprox. 7 USD) y el número de servicios se podría estimar en un promedio de tres por día, teniendo en cuenta la misma fuente (aprox. 1.090 clientes en un año). Lo anterior genera la estimación de que una prostituta genera al año un promedio de 7.630 USD (como punto de comparación, el salario mínimo del sector formal en Colombia es de 3.680 USD aproximadamente).

Si este valor se multiplica por 2.758, cifra de personas que realizan actividades sexuales pagadas (ASP) en la ciudad, estimada desde la encuesta del Observatorio de Mujeres y Equidad de Género en el año 2018, se obtendría así un total de 21.043.540 USD al año (aprox. COP 78.682.006.495), lo cual se asemeja al 0,4% del presupuesto distrital para el año 2020 o al 1,1% de todo el recaudo tributario de la ciudad para 2019. Cabe destacar que la cifra puede ser superior, pero son datos que no se contabilizan de manera oficial, ni se tienen estadísticas de trabajadores sexuales con diferentes identidades de género.

Ahora bien, en este cálculo no se tiene en cuenta toda la participación que tiene la prostitución en el PIB de Bogotá, debido a que no se tuvo en cuenta los gastos incurridos por las trabajadoras en los lugares para

<sup>2</sup> Se hace referencia a las personas que ejercen de forma directa la prostitución.

prestar el servicio, condones, aditamentos, ropa y demás productos especializados para su ejercicio; por ende, su participación indirecta puede tener un impacto mayor en la economía de la ciudad.

Al analizar las consecuencias de la pandemia, Semana (Semana, 2020) muestra que el precio promedio se desplazó a COP 10.000 (aprox. 3 USD) y el número de servicios disminuyó a dos al mes. Para el cálculo de los ingresos por servicios sexuales vendidos durante la pandemia, se mantuvo como supuesto que el número de trabajadoras no disminuyó (2.758), aunque claramente muchas personas se verán obligadas a desplazarse a otra forma de obtener ingresos debido a su precaria situación actual. El cálculo daría como resultado que entre marzo y septiembre del presente año se produjeron 115.836 USD (aprox. COP 446.718.909) generando una disminución de 80% de los ingresos.

### **Consideraciones finales**

---

Como se ha comentado, la prostitución es una realidad en muchos países, siendo al mismo tiempo un tema sensible en el contexto moral, ético y de principios de cada sociedad, y una situación que evidencia profundas desigualdades económicas y sociales. Es necesario promover liderazgos que aborden el problema de manera integral, contribuyan a una mayor comprensión y aporten a la construcción de propuestas que permitan su ejercicio en condiciones apropiadas, considerándolo como una actividad económica que genera empleo, ingresos y que impacta diversas variables macrocontables.

Desde los enfoques que privilegian la dignificación humana hasta las concepciones más capitalistas de negocios, este tema debe ser tratado y abordado desde el nivel nacional y gobiernos locales que reconozcan su relevancia y la necesidad de regulación que proteja la vida, la integridad, la seguridad, y disminuya la exclusión social y marginalización a la cual están expuestas las personas que se dedican a esta actividad, especialmente las mujeres, quienes representan una

gran mayoría en este campo.

Si bien la discusión sobre la prostitución no es un tema nuevo y requiere un estudio holístico, como se ha podido evidenciar en este breve trabajo, es un tema que se ha dejado a la deriva en la mayoría de los países latinoamericanos, los cuales mantienen el trabajo sexual en un estado “alegal” ignorando los problemas sociales que conlleva a ejercer esta profesión. Estas dificultades se agudizaron con la crisis causada por la COVID-19, en tanto las medidas estrictas de confinamiento y distanciamiento físico obligaron a los trabajadores sexuales a detener su actividad, como muchos otros sectores económicos, pero con el agravante de que no fueron tenidos en cuenta al momento de tomar decisiones y ser elegibles para ayudas gubernamentales, a pesar de la drástica reducción de sus ingresos y capacidad adquisitiva. *Se trata de un sector de la población enmudecido e invisible a la luz del resto de la sociedad.*

La principal contribución que se pretende en este documento es destacar una situación que ignora, enmudece y deja invisible a un sector de la población y que merece ser tenido en cuenta en las decisiones gubernamentales de impacto económico y social. El estudio presentado, con las limitaciones asociadas a la ausencia de datos fiables, proyecta el impacto económico de esta actividad solo para la ciudad de Bogotá, aunque es una actividad practicada a lo largo del todo el territorio colombiano. Es necesario ampliar el análisis a nivel de país, para evidenciar su participación respecto al PIB y otras variables de la contabilidad nacional, así como visibilizar la decadencia del sector durante la pandemia y la cantidad de recursos que fueron dejados de percibir por parte de las personas que se dedican a esta labor.

Dejar de percibir sus ya bajos ingresos casi por completo y no recibir atención con ayudas directas, anuló la capacidad adquisitiva de estas personas y profundizó sus limitaciones al momento de suplir sus necesidades básicas, lo que consecuentemente aumenta la gran desigualdad social que caracteriza al país.

Aunque este ha sido un pequeño análisis en términos de variables contables y económicas, se requiere profundizar la investigación, especialmente desde la parte social, en la cual se debe trabajar para lograr una mayor dignificación de estas personas y la eliminación de su marginalización, protegiendo sus derechos fundamentales en salud, pensión, riesgos de trabajo y, en general, su seguridad social y laboral.

Se sugiere que desde el sector gubernamental se generen políticas públicas que evidencien un mayor compromiso hacia esta labor, contar con censos y estadísticas más precisos, que promuevan una mejor comprensión de la situación de las personas dedicadas al trabajo sexual, sacándolas de su invisibilidad e informalidad. Esto permitiría un análisis más fiable de sus condiciones, características, vulnerabilidades de estas personas y sus grupos familiares, para así mejorar la toma de decisiones orientadas a su protección y a disminuir su fragilidad ante posibles situaciones repentinas, como lo ha sido la COVID-19.

Como posibilidades de investigación futura se propone avanzar en el estudio de las características y condiciones que conllevan a seleccionar el trabajo sexual como opción laboral, el estudio de políticas inclusivas adaptadas a la realidad colombiana para esta población y las formas de disminuir gradualmente el número de personas dedicadas a esta actividad y su vinculación a trabajo más dignos, en aquellos casos en los que la decisión obedezca a la falta de oportunidades en otros sectores de mayor estabilidad.

## Referencias

Ala, A. S., & Lapsley, I. (2019). Accounting for crime in the neoliberal world. *British Accounting Review*, 51(5), 1–22. <https://doi.org/0.1016/j.bar.2019.100839>

Banco de la Republica. (2020). *Cuentas nacionales*. Enciclopedia | Banrepcultural. [https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php/Cuentas\\_nacionales](https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php/Cuentas_nacionales)

Bastidas, L. (2017). *La guerra diaria de la prostitución*. Veeduría Distrital. <https://www.veeduriadistrital.gov.co/>

[content/La-guerra-diaria-la-prostituci%C3%B3n-0](#)

Del Río Paramio, R. (2015). Incorporación de las actividades ilegales en las cuentas nacionales de España. *Indice*, 27–29.

Semana. (2020, julio 25). *El drama de las trabajadoras sexuales en la pandemia*. Semana.com. Últimas Noticias de Colombia y el Mundo. <https://www.semana.com/trabajadoras-sexuales-en-crisis---coronavirus-en-colombia/688804/>





Universal Basic Income Gathering in  
September of 2020, in Montreal

Submitted by: Laurence Dubuc  
Credit: Diamond Yao

# Maracá - Emergência Indígena

**AUTOR:**

APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

**RESUMO EM PORTUGUÊS: MARACÁ - EMERGÊNCIA INDÍGENA**

A série “Maracá - Emergência Indígena” busca estimular a solidariedade global em atenção às consequências da COVID-19 entre povos indígenas brasileiros. O maracá é um símbolo marcante dos povos indígenas e está presente em rituais, sejam de luta, sejam de celebração. Diante da negligência do governo em garantir a proteção dos povos indígenas durante a pandemia, fizemos ressoar nossos maracás para que as vidas indígenas impactadas pelo coronavírus sejam lembradas e para chamar atenção da sociedade sobre o que está acontecendo conosco. Coordenada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e transmitida ao vivo no Dia Internacional dos Povos Indígenas.

**ENGLISH ABSTRACT: MARACÁ - THIS IS AN EMERGENCY**

The series “Maraca - This is an emergency” seeks to stimulate global solidarity in attention to the consequences of COVID-19 among Brazilian indigenous peoples. The Maracá is a defining symbol of indigenous peoples and is present in rituals, whether of struggle or celebration. Because of the government’s negligence in guaranteeing the protection of indigenous peoples during the pandemic, we made our maracas resound so that indigenous lives impacted by the coronavirus are remembered and to call society’s attention to what is happening to us. Coordinated by the Articulation of Indigenous Peoples of Brazil (Apib) and broadcast live on the International Day of the Indigenous Peoples.



# Maracá - Emergência Indígena

## **Episódio 3: Ancestralidade**

Aquele que luta pela vida do seu povo e planta nesta terra as raízes culturais deste país não morre, ANCESTRALIZA!



E P I S Ó D I O // // // // 03

ANCESTRALIDADE



Encontre todos os episódios e legendas em inglês e espanhol em <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/maraca/>.



# Diverse voices on disability advocacy during the pandemic in the US

**AUTHOR:**

Sarah M. Hart

**ENGLISH ABSTRACT: DIVERSE VOICES ON DISABILITY ADVOCACY DURING THE PANDEMIC IN THE US**

Accounts of lived disability experiences are provided in this snapshot of a time when the Americans with Disability Act celebrated its 30th anniversary during the pandemic lockdown. This occasion cannot be overlooked, even within these chaotic times. In the US and globally, our ways of making sense of disability have for too long been shadowed by historical beliefs from times of isolation, segregation, and institutionalization. With raised awareness and advocacy comes inclusive changes, not only to physical structures, but to beliefs and social systems that can challenge ableism, and expand opportunities for all.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: DIVERSES VOIX SUR LA DÉFENSE DES PERSONNES HANDICAPÉES PENDANT LA PANDÉMIE AUX ÉTATS-UNIS**

Des récits d'expériences vécues en matière d'handicap sont présentés dans cet instantané d'une époque où l'Americans with Disability Act a célébré son 30e anniversaire pendant le confinement de la pandémie. Cet événement ne peut pas être négligé, même en cette époque chaotique. Aux États-Unis et dans le monde entier, nos façons de donner un sens au handicap ont trop longtemps été assombries par des croyances historiques issues de périodes d'isolement, de ségrégation et d'institutionnalisation. La prise de conscience et la défense des droits entraînent des changements inclusifs, non seulement au niveau des structures physiques, mais aussi au niveau des croyances et des systèmes sociaux, qui peuvent remettre en question la discrimination fondée sur la capacité physique et élargir les opportunités pour tous.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: DIVERSAS VOZES FALAM SOBRE A DEFESA DE PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA NOS ESTADOS UNIDOS**

Os relatos de experiências vividas de deficiência são fornecidos neste instantâneo de uma época em que a Lei dos Americanos Portadores de Deficiência celebrou o seu 30º aniversário durante o encerramento pandémico. Esta ocasião não pode ser negligenciada, mesmo nestes tempos caóticos. Nos EUA e a nível global, as nossas formas de fazer sentido de deficiência foram por demasiado tempo influenciadas por crenças históricas formadas em tempos de isolamento, segregação, e institucionalização. Com uma maior consciencialização e advocacia vêm alterações inclusivas, não só nas estruturas físicas, mas também nas crenças e nos sistemas sociais que podem desafiar a discriminação contra pessoas incapacitadas, e ampliar oportunidades para todos.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: VOCES DIVERSAS SOBRE LA DEFENSA DE LA DISCAPACIDAD DURANTE LA PANDEMIA EN LOS ESTADOS UNIDOS**

Los relatos de las experiencias vividas de personas con discapacidad se ofrecen en este momento de una época en la que la Ley de Estadounidenses con Discapacidades celebró su 30 aniversario durante el cierre de la pandemia. Esta ocasión no puede pasarse por alto, aún en estos tiempos caóticos. Tanto en los Estados Unidos como en el resto del mundo, nuestras formas de dar sentido a la discapacidad han estado ensombrecidas durante demasiado tiempo por creencias históricas de épocas de aislamiento, segregación e institucionalización. Con la concienciación y la defensa de la discapacidad se producen cambios inclusivos, no sólo en las estructuras físicas, sino en las creencias y los sistemas sociales que pueden desafiar el capacitismo y ampliar las oportunidades para todos.



# Diverse voices on disability advocacy during the pandemic in the US

This letter is a snapshot on the topic of disability advocacy in the US during the time of the pandemic lockdown. I write this from my perspective as an academic working at the intersections of two interrelated fields, disability studies and special education. My research focuses on the transition into young adulthood for students with significant special needs. I am interested in finding ways to change the society students graduate into while also supporting their individual needs\* during this critical life stage. My faculty role is to prepare pre-service and in-service special education teachers.

During the pandemic, teacher candidates have experienced constant change. They have been pulled from their field experiences. Certification policies and requirements shift almost daily. With each rapid deviation, pre-service teachers quietly and hesitantly contemplate whether the future educational landscape will look anything like what they had previously trained for. From the perspectives of school students with disabilities, there exists a range of experiences. Some have had all or the majority of their support services closed. This has shuttered community access and brought about an upheaval in their routines with future plans uncertain. Other students have enjoyed remote education. Accommodations long cried out for, such as online distance learning, working at a truly individualized pace, and extended one-on-one contact time with teachers have overnight become obtainable.

Like all things related to COVID and the pandemic, it is hard to make sweeping statements or offer universally-applicable truths. My aim is therefore to focus on the current social context, the political climate, and the backdrop in which all these school changes are occurring. In the US and internationally, many have turned to the Black Lives Matter movement and activism

toward building power and bringing justice. In this spirit of raising awareness, community advocacy, empathy, and social change, I would like to add to the record for posterity that it was also during this time that the Americans with Disabilities Act, commonly referred to as the ADA, had its 30th anniversary.

On July 26, 1990, this civil rights law was signed. It promised so much; job applications, hiring, advancement, training, and accommodations in the workplace were all protected aspects of federal employment law (Title 1). All public entities were to be accessibly designed, for example, housing and public transportation (Title 2). Existing physical barriers needed to be removed and new buildings all made inclusive so that places of education, recreation, and public facilities could be accessible. This included the ability for service animals to be permitted access in the community as well as access to interpreters, captioning, large print, and other ways to access information in community places (Title 3). As a sign of the times when the policy was written, telecommunications were protected (Title 4), and alignment was also ensured to one of the oldest US policies for individuals with disabilities, Section 504 of the Rehabilitation Act (1973). These protections were afforded under federal law meaning that individuals were covered no matter where in the country they lived. President Bush called the ADA a “declaration of equality.” In an editorial, the New York Times wrote: “The act does more than enlarge the independence of disabled Americans. It enlarges civil rights and humanity, for all Americans” (1990).

The ADA has been in place for the entirety of my professional career. I have experienced the impacts of ADA on the role and processes of being a special educator in the US, and I now pass along my experiences to the university students I teach. Yet, as

someone who identifies as a white woman currently without a disability, I do not claim to know the lived experiences of disability, nor the personal impacts of this law. Furthermore, as a researcher, I know that personal perspectives often get missed despite their importance and need to be heard. Therefore, this letter serves as an access point and summary of other people's accounts. A snapshot of a time that calls for an imperative response so that disability advocacy gets brought to the fore, and not only heard but listened to. To achieve this, I blend the diverse voices from backgrounds of research, advocacy, and media to present cases that capture personal priorities and imperative issues.

[Crip\\* Camp](#) began as a documentary film. The story progressed from Camp Jened, in the Catskills of New York, all the way to the hotbed of advocacy in the US, Berkeley, California. Using the film as a platform, a "disability revolution" began to amplify disability rights and justice through stories that raise awareness of peoples' experiences. During the pandemic, the camp went online with a syllabus covering a range of topics including an examination and celebration of ADA that was led by grassroots advocates and activists.

[Disability Visibility Project](#) is an online community focused on ways to create, share, and amplify disability in media and culture. They record disability experiences through StoryCorps, archived in the Library of Congress, as well as through podcasts and social media platforms. The project partners with other political movements such as #CripTheVote (with the Presidential election being another central event in the US at this moment in time). #ADA30inColor is a series of original essays on the past, present, and future of disability rights and justice by BIPOC (Black, Indigenous, People of Color) writers with disabilities.

The New York Times ran a series titled, [The ADA at 30: Beyond the Law's Promise](#). Submissions explored what it means to live with a disability in America with specific connections to the history of the ADA and the wider disability rights movement.

The 30th anniversary of this key piece of civil rights law is important to acknowledge, especially as it may have otherwise gone unnoticed by many. The pandemic presents novel issues related to the ADA. Consider the use of face coverings as one example that pushes the boundaries of vulnerability\* and accommodations. Some individuals with chronic breathing conditions or respiratory disabilities may not be able to wear face coverings because of impaired breathing. People with stress or anxiety conditions may feel terrified when their or others' faces are obscured. Some people with autism are sensitive to touch and texture and therefore experience a sensory overload from covering the nose and mouth with material. Others may experience restricted communication from an inability to lip read due to the lack of wearing see-through masks. In all, individuals with disabilities have experienced disproportional social, civil, and economic concerns. Their lives are literally on the line as they are more likely to contract COVID, and experience discrimination by having treatments withheld due to pre-existing disabilities. There have been issues of fair housing rights, voter suppression, and interruptions or complete removal of support services. These concerns are in addition to the already well-known fact that too many of the places and spaces of society remain physically inaccessible. Social, physical, and health markers are tangible ways to assess the progress made during the time since the ADA. By these measures, society has improved, yet it is clear there is still a long way to go.

One final consideration impacts the entire world community, not just the US, yet it remains more challenging to identify and measure. The pandemic has shown the futility of 'othering' those with disabilities. During a time when any one of us or those close to us can move into a state of vulnerability and dependency, we have been provided with a novel grasp of our own fragility. With this emergent understanding, more must be done to change cultural preconceptions, societal assumptions, attitudes, and prejudices – filters that we take into our social encounters. Our ways of making sense of disability have for too long remained impacted by long-held times of isolation, segregation, and



institutionalization. A (counter) account of disability has begun to emerge.

Disability is a critical aspect of diversity\*. It is part of the intersectional mix of one's identity, and should be held with confidence, self-respect, and pride. The lived experiences of disability presented in this paper are illustrations of strength, determination, and advocacy. The pandemic has become a time for shaking our assumptions and expanding our capability to listen (in all, non-ableist forms and meanings of the word). From this time, new opportunities will arise. Theories\*, practices, and possibilities will broaden in the US and globally.

\* Multiple conceptual models for defining disability are presented in this paper; medical, social, diversity, and advocacy, to name a few. The medical model addresses individual needs and plans for remediation, whereas the social model seeks to foster inclusivity by addressing the ways society can be 'disabling' by design. Diversity models draw attention to the inherent heterogeneity of disability (i.e., intellectual, behavioral, sensory, physical, etc.), and celebrates disability's contribution to one's intersectional identity. Crip theory is an example of an advocacy model that reclaims, with pride, what is often considered a derogatory term. None of these models are universally accepted nor applicable in all situations, and therefore need to be contextually considered and oftentimes combined.

# Las voces de una nueva realidad

## ARTISTAS:

Oscar Rojas Ramirez,  
Jonathan E. Torres  
Saavedra

## RESUMEN EN ESPAÑOL: LAS VOCES DE UNA NUEVA REALIDAD

Esta propuesta es una experiencia colectiva que pretende re-imaginar el presente e imaginar el futuro después de una experiencia que cambio la normalidad de la humanidad, a través de una narración metafórica que busca brindar posibilidades para imaginar el espacio, el paisaje y la existencia del narrador en un contexto diferente. La cual pretende plantear un escenario sonoro que involucre a la audiencia y que le permita sentirse identificada por la experiencia y lo que se escucha de ella.

Se materializa en un ejercicio sonoro planteado a partir de dos momentos metodológicos: El primero sobre la cuestión del aislamiento, que implicó enfrentarse a una serie de prácticas a las cuales no se estaba acostumbrado y que permitió reflexionar sobre el uso de las tecnologías de la información y la comunicación en pro de la construcción o materialización de un resultado del trabajo conceptual y creativo realizado frente a la temática de la narración y el storytelling en la construcción de un ejercicio transmedia. La segunda cuestión, enfrentó la construcción colectiva, enfocada a la creación del relato, la narrativa y el tono sonoro con que se debía desarrollar el producto, con el fin de definir el alcance y tipo de producción que se debía desarrollar.

De esta manera y como resultado se obtiene un ejercicio reflexivo que aborda ciertos índices sobre el presente de manera metafórica y en un tono de ciencia ficción, con un enfoque en un futuro posible, con la intención de compartir una voz que narre este futuro posible y que pretenda mostrar la posibilidad de afrontar las dificultades a las que se puede enfrentar no solo una persona, sino toda la especie humana, contextualizada un poco dentro de los cañones narrativos tradicionales que aborda la ciencia ficción.

Colectivo conformado por estudiantes y docentes en diseño gráfico y comunicación social, que además de experiencia académica y de docencia, cuenta con experiencia en procesos de investigación, procesos de producción y como consultores en desarrollo de narrativas y procesos transmediales e hipermediales.







# Of viruses and men: the dangerous pandemic in the social sciences

---

**AUTHORS:**

Koray Caliskan,  
Donald MacKenzie

---

**ENGLISH ABSTRACT: OF VIRUSES AND MEN: THE DANGEROUS PANDEMIC IN THE SOCIAL SCIENCES**

This 'graffito,' whose title echoes Steinbeck's, *Of Mice and Men* (New York: Modern, 1937), was written during lockdown, mainly by Çalışkan. It addresses the insufficient attention paid by the traditional social sciences to nonhuman entities.



# Of viruses and men: the dangerous pandemic in the social sciences

This 'graffito,' whose title echoes Steinbeck's, *Of Mice and Men* (1937), was written during lockdown, mainly by Çalişkan, with (in the background) the ceaseless wail of ambulance sirens echoing around Brooklyn's Park Slope. It is a document of that time (it was published by [Eurozine](#) on 15 April 2020), and so we leave it unaltered, except to add this little note: had we known of it (we thank Alice Bamford for pointing us to it), we would have inserted a reference to a prescient article by Rob Wallace and Rodrick Wallace, '[Agri-Economics and Epidemiology in West Africa](#),' *New Left Review* (2016). It is too easy to think of 'nonhumans' such as viruses as impacting human society 'from the outside,' so to speak. As Wallace and Wallace elegantly demonstrate, we alter micro-organisms as much as they alter us:

For most of its history ... *Vibrio cholerae* lived off plankton in the Ganges delta. It was only after significant layers of the population had switched to an urban, sedentary lifestyle, and later had become increasingly integrated by nineteenth-century trade and transport systems, that the cholera bacterium evolved an explosive, human-specific ecotype.

*Vibrio cholerae* killed tens of millions of humans. Many such micro-organisms have coexisted with humans for millenia, controlled by what Wallace and Wallace call 'the rough-and-tumble of environmental stochasticity.' If we continue to simplify their environments, cutting down biologically diverse forests and replacing them with monocultures, we cannot expect SARS-CoV-2 to be unique.

Koray Çalişkan and Donald MacKenzie

We currently face a global health crisis without seeing yet another that has left us unprepared – an eclipsed vision in the social sciences. Sociology and economics textbooks apparently disagree on almost everything except the virus, on which they are silent. So far, they have not acknowledged the power of pathogens. The Left and the Right might ordinarily disagree on everything; whereas the former thinks that society precedes the individual, the latter believes that the individual precedes everything. Yet coronavirus unites them in their failure to locate its 'invisible hands'.

These hands are small. Take a piece of rice and shrink it down 20,000 times – that's the size of one coronavirus particle or virion. They have hand-like spikes on their surface, hence, corona, the Latin for 'crown'. If you brought all the existing coronaviruses together, they would not fill a lorry. Yet their effect is enormous.

The US has had to earmark ten per cent of its GDP to fight the virus over the next few months, at a time when unemployment is growing faster than during the Great Depression. When stock exchange prices went into free fall, the markets were not left to regulate themselves. Capitalists have had to suddenly embrace socialist measures – the massive expansion of state activity and de facto nationalization of key industries are actions long associated with their critics. In an unprecedented move, the IMF has refused to call such an event a crisis and instead is terming it a war.

However, the virus's social impact has been felt most sharply. The majority of schools and universities have been closed. For the first time in history, more than one billion people cannot leave their homes, one third of humanity is under some form of lockdown and more than 1.5 million infected are at risk of losing their lives. Thousands of ambulances carry tens of thousands of

people from their homes to hospitals and some of them will not make it back.

The virus' political impact has come as no surprise. As people either stay at home or in hospital, democracies have begun to crumble. British politicians have enacted emergency legislation that gives its authorities the power to detain individuals without a court order. The US government has reduced the legal rights of asylum-seekers. Hungary's leader [has been granted](#) unlimited power to indefinitely rule by decree (Kinga Papp, 2020). The Israeli government is now tracking its citizens through digital surveillance. China's response to the virus combines [the latest digital technology](#) with the one-party state's all-pervasive approach to govern the movements of more than a billion people in great detail (Kühnreich, 2018).

Much of the world has been turned into a global panopticon; Michel Foucault must be grinning in his grave.

### **How to explain this catastrophe?**

---

In [The Pandemic is a Portal](#) published by the Financial Times, Arundhati Roy asks: 'What is this thing that has happened to us?' (2020). We may not know what it is, but we do know why we don't know. Everyone thinks of the virus as the cause, but few social science textbooks have ever mentioned a virus. In placing singular actors (the economist's individual) or collective ones (the sociologist's class or other collectivities) at the centre of all explanations, the social sciences have refused to consider other actors – small or large, organized or anarchic, numerous or unprecedentedly powerful. They can keep everyone home, crush economies, forge dictatorships and kill in greater numbers than the many wars where people kill each other – actors such as this virus.

We social scientists have failed to see how viruses and people are related. Anything non-human escapes our vision; we filter it out. Such gross negligence makes it impossible for us to prepare for non-human actors with which we live and that act like us.

Viruses and people have many similarities. Much as humans do with the Earth, coronavirus damages the host in which it lives. Of course, neither humans nor viruses intend such destruction. A virus that quickly kills all of its hosts will die out. Both humans and viruses live and exist. From then on, things just happen. Economists call the effect of what 'happens' when we 'only live' an 'externality' and, therefore, factor it out. The virus kills us; we kill the Earth. The virus 'sees' us; we do not see it.

At a time when we face the first truly global social experiment, the social sciences' lens is clouded. As we cover our faces with respiratory masks to protect our bodies, we also figuratively cover our eyes with social sciences incapable of seeing the virus. Focusing only on human actors and discussing whatever happened, is happening and will happen only with reference to humans, is now obsolete. The virus has killed this perspective too. So how are we going to upgrade the social sciences and imagine a Version 2.0? This is a key question because the social sciences are the only framework we have at our disposal for studying the condition of possibility for all sciences.

Nevertheless, there is good news. Many scholars in fields such as archaeology, history, geography, epidemiology, and the social studies of science and technology have been taking full note of 'non-humans' such as machines and viruses in their research. Over the past few weeks, many scholars have likely pulled dusty copies of William McNeill's *Plagues and Peoples* (1976), off their bookshelves. But research on how humans and non-humans interact has frequently been marginalized in social sciences. Academics often seek to carve out distinctive disciplinary space, which they can call their own and then implicitly define it as a sphere of interaction among humans. The pioneering work of social theorists such as Bruno Latour and Michel Callon, who have demonstrated the need to fully include non-human actors in our analysis of societies and economies, will therefore be particularly valuable in years to come.



After this pandemic is over – if we survive – we need to rewrite every social science book. We need to stop ignoring how humans and non-humans interact. Among all of the things that humans are, we are the hosts of viruses. The Earth is not a passive stage on which we act out the theatre of human interaction but is – in the fullest sense – our host. We need to incorporate planetary considerations into our economic calculations. We need to see that actors such as bodily hosts, online platforms, cars, computers and phones do things to us, the virus and the planet. We need to acknowledge this, not only for the sake of science but also so that we stop acting like a virus and begin surviving as a species.

## References

---

Kinga Papp, R. (2020, April 3). *Orbán's political product*. Eurozine. <https://www.eurozine.com/orbans-political-product/>

Kühnreich, K. (2018, August 10). *Social control 4.0? China's Social Credit Systems*. Eurozine. <https://www.eurozine.com/social-control-4-0-chinas-social-credit-systems/>

McNeill, W. (1976). *Plagues and Peoples*. Anchor.

Roy, A. (2020, April 3). *The pandemic is a portal*. Financial Times. <https://www.ft.com/content/10d8f5e8-74eb-11ea-95fe-fcd274e920ca>

Steinbeck, J. (1937). *Of mice and men*. New York: Modern library.

Wallace, R., & Wallace, R. (2016, December). *Ebola's Ecologies*. New Left Review. <https://newleftreview.org/issues/ii102/articles/rob-wallace-rodrick-wallace-ebola-s-ecologies>





I had to make something – Maple turned bowl (by me), on a Colombian shawl

Submitted by: Greg Stoner  
Credit: Greg Stoner





# Capítulo 2

Ouvrir les liens

Rompendo conexões

Rompiendo conexiones

Breaking connections



# Humains sans visage : Des formes et des frontières poreuses

## POÈTE:

Virginie Francoeur

## ARTISTE:

Marie-Chloe Duval

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: HUMAINS SANS VISAGE : DES FORMES ET DES FRONTIÈRES POREUSES

La contribution de la professeure et poète Virginie Francoeur et de l'artiste DUVAL est issue d'une collaboration qui met de l'avant la transversalité des connaissances afin de rendre compte des dérives de la crise sanitaire. L'œuvre Humains sans visage est axée sur le dialogue entre langage poétique et langage pictural. Le défi est de taille : s'éloigner des courants traditionnels dans le but d'éveiller les citoyens à la pollinisation croisée des savoirs. Les arts nous permettront-ils d'être plus sensibles aux enjeux sociaux afin de mieux comprendre le vrai visage de la comptabilité durant cette pandémie?

## ENGLISH ABSTRACT: HUMANS WITHOUT FACES: FORMS AND POROUS BORDERS

The contribution of the poet Virginie Francoeur and the artist DUVAL is the result of a collaboration that puts forward the transversality of knowledge to account for the drifts of the sanitary crisis. The artwork "Humans Without Face" is based on a dialogue between poetic and pictorial language. The challenge is great: to move away from traditional currents to awaken citizens to the cross-pollination of knowledge. Will the arts allow us to be more sensitive to societal, environmental, and economic issues in order to better understand the true face of accounting discipline's during this pandemic?

## RESUMEN EN ESPAÑOL: HUMANOS SIN ROSTROS: FORMAS Y FRONTERAS POROSAS

La contribución de la poeta Virginie Francoeur y del artista DUVAL es el resultado de una colaboración que propone la transversalidad del conocimiento para dar cuenta de las derivas de la crisis sanitaria. La obra "Humanos sin rostros" se basa en el diálogo entre el lenguaje poético y el pictórico. Un desafío bastante ambicioso: el alejarse de las corrientes tradicionales para despertar la conciencia colectiva de los ciudadanos de una fecundación convergente del conocimiento. ¿ Nos permitirá el arte como puente de emociones e interrogantes ser más sensibles en nuestro pensar sobre los complejos problemas sociales, y económicos, administrativos para comprender mejor el análisis y las conclusiones a tener en cuenta en el ejercicio de la contabilidad durante este fatal periodo de pandemia?



# Humains sans visage : Des formes et des frontières poreuses

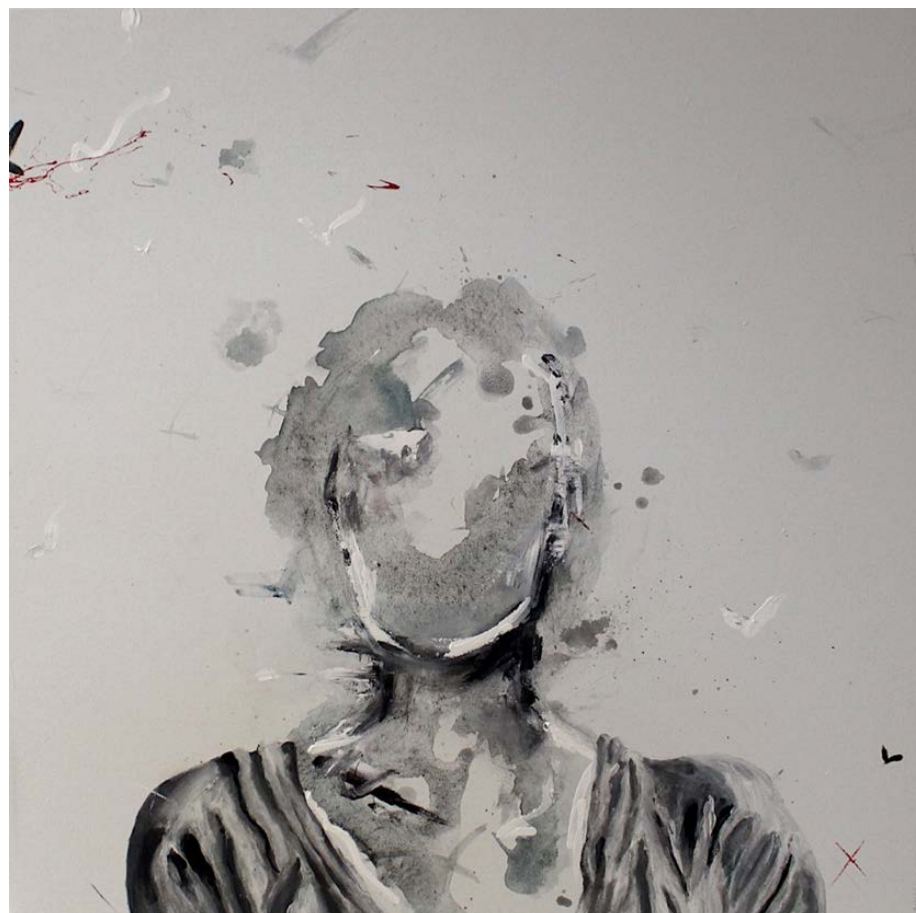


Des bêtes étranges  
Esquisser en catimini  
Souvenir lointain  
S'effacer en douce  
Sous le vent-poussière

Sans jamais se retourner  
Dire adieu aux cadavres  
Enterrer les morts  
De Wuhan à Montréal  
Suivre la parade  
Dans le cercueil des songes

Pourquoi veut-on  
Fonder des colonies  
Sur nos corps comptabilisés  
Qui assistent désarmés  
Aux assauts de Big Pharma

À genoux dire oui à tout ?



Supplier le sommeil  
Pour éviter de s'amenuiser  
Dormir en chien de fusil  
À travers les ciels muets  
Pour invoquer  
Le soleil serre-dents  
Défraîchi par les multinationales  
Violence symbolique  
En vestons-cravates  
L'œil grand ouvert  
Ils veillent au grain \$\$  
Dociles citoyens  
L'air arrache-nombril  
Jungle d'hérésie  
Existences entre parenthèses  
Les rides au cou  
Refuser de se plier  
Aux vanités déchiffrées  
De notre planète polluée



# Once upon a time I was a refugee in lockdown

**AUTHORS:**

Muhammad Al  
Mahameed,  
Rania Kamla

**ENGLISH ABSTRACT: ONCE UPON A TIME I WAS A REFUGEE IN LOCKDOWN**

This piece reflects our dismay at the continued de-humanisation of refugees by UK politicians and media, which we believe were accelerated since the pandemic. We aimed to counter these de-humanising narratives by giving a voice to refugees and provide images of their lives during lockdown. We sent a video message in Arabic, explaining our project and asking refugees to contribute by sending us their mobile images of life in lockdown during COVID-19. We received over 60 interesting accounts ranging from documenting the new daily routine, refugee journeys, artworks, doctors on the front lines, passengers in the airports, and visiting friends and families, from which we have selected 9 accounts. We hope that these accounts counter the de-humanising images of refugees dominating our mainstream media here in the UK and globally.



# Once upon a time I was a refugee in lockdown

Dear Future,

2020 was a bad year for Britain. Not only because nearly 45,000 people died of coronavirus (at the time of writing); nor because we witnessed the deepest economic depression in history and a record high unemployment. It was because Britain got invaded. Yes, Britain “lost control” of the English Channel in the summer of 2020, after hundreds of (brown) refugees invaded Britain’s shores in rubber dinghies. It took a certain so-called “man of the people” with a permanent tan, Mr Nigel Farage (who also happened to be a friend of millionaires and the guy that told us we should leave Europe), constantly breaking lockdown rules and visiting the English Channel, pointing at empty seas, and telling us that we have been invaded. In the end, Mr Farage’s pleas resonated with our Government, and our Home Secretary Priti Patel, herself a “proud daughter of immigrants” but “tough on immigration” Minister, declared the invasion “unacceptable”, “unprecedented” and a serious national security threat, demanding that the Royal Navy defended our shores from the invaders. Our independent media followed suite. This was not a time for the media to question the Government nor Mr Farage (or his right-wing followers who demanded to drown the boats and some acted as vigilantes attacking “invaders” as they arrived on UK shores) (Forrest, 2020), nor was it a time for serious analysis of why people become refugees or the historical role of the UK (and its weapons’ sales) in exacerbating refugee crises globally. It was instead a time for national unity that required falling into the Government’s line to “defend our borders”. Distinguished journalists took to the Channel’s waters in their safe boats and pointed at refugees’ (or invaders) dinghies “look, here is another one” they declared. They counted the people in them to us... “1, 2, 3...35 people crammed in one boat heading to Britain”. They shouted at the invaders “where are

you from?” “why come to Britain?” We never got to hear their answers, because it did not matter. It was clear that those brown people wherever they came from or for whatever reason, they posed danger to the UK. The UK was going to be “taken over by foreigners” who will reverse the balance of 82% white population into brown and maybe even Muslim. As these images were repeated on BBC, CNN, Sky and Channel4 news, it became clear that the dehumanisation of refugees was complete in UK politics and media. Apparently, the British public also reached a certain level of “compassion fatigue” and according to a recent poll (August 2020) 49% of them felt no sympathy for the refugees.

Future, to be fair, the dehumanising representations of refugees did not start in 2020 under lockdown nor were they limited to Britain. It has been a long-standing process in “constructing” the “refugee crisis” in the West. A quick search into media studies in our times shows you that the process of dehumanisation was underway as media’s dominant narratives represented the multifaceted ugly side of Western “politics of fear” from the “Other”, with a bit of racism chipped in. According to these studies, even when refugees were represented positively they were “victims”, “exploited”, and “traumatised”. More likely, however, they were “objects of fear” that the West needed protection from as “potential terrorists”, “illegal immigrants”, “scroungers coming to take advantage of our hospitality and benefits” or “suppress salaries by working too hard and taking our jobs” (Chouliaraki & Stolic, 2017; Kaye, 2001; Parker, 2015). Largely absent from these accounts were alternative representations where refugees are human subjects constructing their own narratives and stories.

Future, we do not know what or whether your history textbook will tell you about the “invasion” of Summer

2020. Will the accounts of Mr Farage and his ilk prevail? Or will they end in the dustbin of history where they belonged? Will the history you read ever consider the “counter-accounts” of refugees, their lives, hopes and stories? Will you ever know how those “invaders” spent their lockdown? What different world to the invaded did they inhabit? To make sure you get a glimpse into these “counter-accounts”, we sent a short video message to the Syrian refugees through Dubarah’s Facebook page that has over 700,000 followers.<sup>1</sup> We asked the Syrians who had to leave their homes to share with us their lockdown experiences in their new homes. We asked them to send one photo from their phone that was taken during the lockdown while answering three questions: 1. Describe what is visible in the photo, 2. Describe what was not captured in the photo, and 3. Tell a person from the future (e.g., unborn grandchild) something about yourself and this photo. Over 3,000 people viewed our video message, and we received well over 60 responses. What we received revealed that the “invaders” were indeed humans just like the “invaded”. In the lockdown, they experienced disappointment, frustration, loneliness and nostalgia to loved ones/ places. But they also portrayed love, hope, resilience, humour, friendship, art and... Sushi.

We provide you below some of those accounts of lockdown as captured and told by them directly to you Future (translated to English by us).

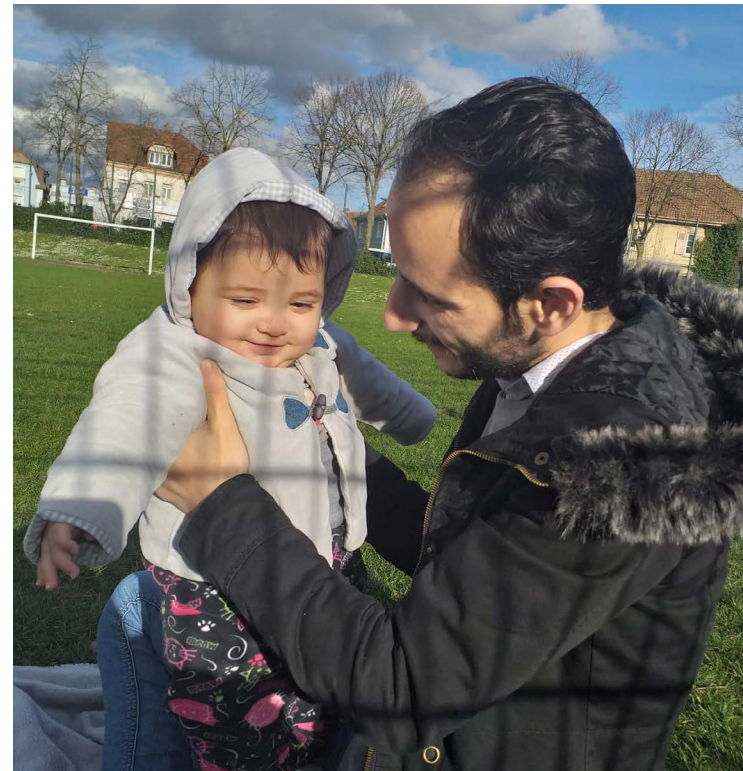
Yours Truly,

Muhammad and Rania (also refugees or should we say settled invaders?).

---

<sup>1</sup> Dubarah identifies itself as a not for profit organisation, aims to support Syrians worldwide, through practical and creative solutions to make their lives better.

## 1. To be dead, displaced, or locked-down



The producer of this account is the father in the photo. He starts by describing the photo, “this is my little boy Adam and myself in a football field near our new home in Mulhouse, France”. At the time, “it was extremely quiet. The only thing you can hear was the siren sound of ambulances which were transporting COVID-19 patients to the hospital of the city, the epicentre of the outbreak in France”.

What is not casted in this photo are “my wife and twin daughters Reem and Tasneem, who were sitting on the grass, knowing that they are not allowed to go the playground nearby. At the time, people preferred to stay at home, but we decided to go out for some fresh air after two months of isolation in the house”.

What the future needs to know is that “I had arrived in Mulhouse one month before the lockdown. I was hoping to continue learning French in order to start university. However and suddenly, my family and I became confined to the space of the house. This was a very stressful period for us. It was more difficult than the



nine years we spent in Syria under shelling, where the choices were either death or displacement. I hope that future generations will enjoy peace and tranquillity, and not live what we have lived through the past years that have exhausted us to the point of despair”.

## 2. My exhausted son

---



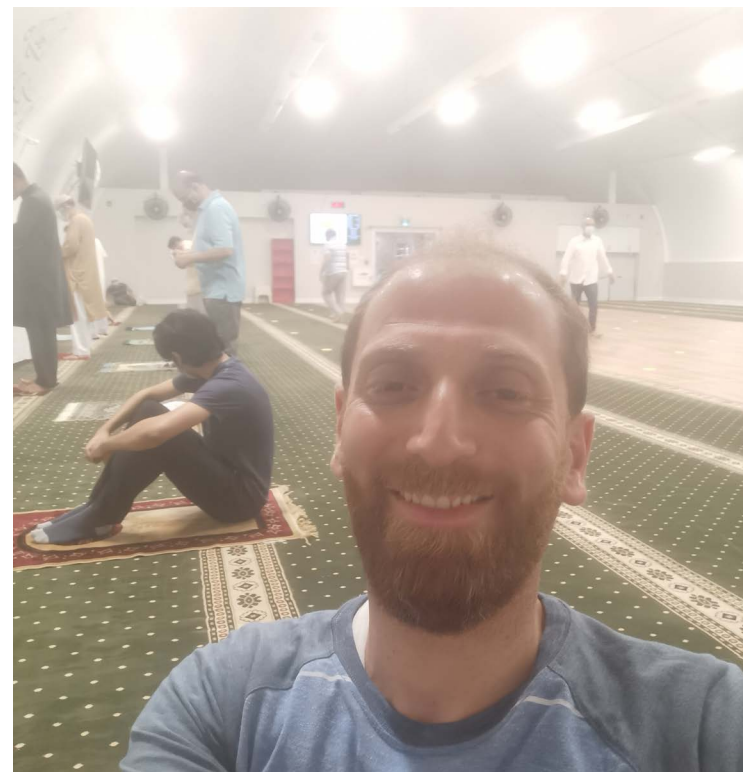
This account was sent by the father of this hospital doctor. It begins by saying that “this is my son, a doctor in a hospital. He has been on duty for the last 14 days in the COVID-19 patient care department. The father continues unfolding what one could see in the photo, “look at him wearing a special facemask over which comes this transparent plastic face shield, big enough to cover his entire face in addition to the protective plastic robe. This is all to protect him and the people around him from the virus”, but the father expresses here his worries saying that “he could not comprehend how his son can breathe through all this protective equipment”. He continues, “I can see clearly my son exhausted and in need of some sleep, I can see that from the dark circles around his eyes ... I know he has not slept for days”.

The father goes to describe what we could not see in this photo: “behind my son there were exhausted medical staff, patients moaning with pain and the noise of the medical equipment everywhere”.

Finally the father sends a message to a future grandchild: “make your father proud of you as I am proud of him today. Make sure that you complete the journey to make the future better and earth a healthier place to live in.”

## 3. Praying in COVID-19

---



At first glance, what one can see in the photo is the person who took it in his first Friday prayer after the easing of some lockdown restrictions. Describing his feelings, he expresses “I was at the height of happiness to be back in the mosque, whilst being extremely surprised by the shape and form (social distancing rules) through which the practice returned”.

In describing what one could not see in the photo, he describes the great happiness of the other worshippers around him and the bizarre circus tent arrangement of

the inside of the mosque.

Finally, in a message to the future, he says: “This is how we prayed, apart from each other. I wore my facemask at all times during the prayer, but I took it off just to take this photo”.

#### 4. A COVID-19 painting



A Syrian refugee artist shares with us a photo of his 150x150 cm acrylic-colour painting, which portrays people from different nationalities who dream of being liberated from this dangerous epidemic. One can see these people throwing their facemasks in the same way university graduates throw graduation caps.

This is the last piece in a large collection of artworks on COVID-19 pandemic. The artist says that “he decided to complete this COVID-19 collection with this painting signifying hope and optimism for the future”.

#### 5. Flying with COVID-19



In this photo, the account producer captured a passenger looking at airplanes in Adana Airport, Turkey, whilst he seemed to be impatiently awaiting his flight. The passenger wears a white protective suit and facemask, clearly in fear of being infected with coronavirus.

The contributor explains that what we do not see in the photo is that: “the waiting lounge was full of women, men and children wearing facemasks and rubber gloves. A woman was sterilising her hands with alcohol, the lounge filled with the smell of sterilisers and disinfectants as if we were in a hospital whilst airport security officers took samples from passengers’ hands”.

Sending a message to the future, the contributor says that “I visited my brother for the first time in 9 years. I was travelling while fearing infection with the virus. When I returned home I could not hug my mother in case I was infected”.

The participant continues describing the general environment in this message, saying that “feelings of anxiety and tension were dominant at that moment, it was almost impossible to find somebody smiling even a child. I assume all the smiles and laughs were hidden behind those facemasks”.



## 6. Being alone



This account was submitted in English. In the photo... “You can see a girl who was photographed from behind. She is looking down from a little high place. You can also see the magic of the nature. The color green is dominant in the photo.” What one could not see in the photo is that... “I was alone... no friends were there because it was banned for more than 2 people to be together.”

To the future... “You can alone make happy moments with simple things... during the coronavirus pandemic I have learned to enjoy life without going to cinema or restaurants. Spending the time with the family was not bad. But actually this virus limited us.... every generation would live bad moments and will tell the next...”

## 7. Visiting friends with COVID-19



The photo in this account captures a family visiting another one during the lockdown. The producer of this account begins by conforming that “the ways we conducted the visit were shaped by the abnormality of the situation. In spite of traditions, the visitors remained outside the building and visited people kept their door shut, offering the visitors and themselves sterilisers and disinfectants”.

Maybe the symbolic of the traditional visit has changed but its meaning remained. The producer remarking this by mentioning the purpose of this visit, which was to (i) check on this family who had COVID-19, quoting “we checked on them from the window to alleviate their suffering with laughter” ... and (ii) leave some traditional Syrian food (Kebbeh) for them by the door.

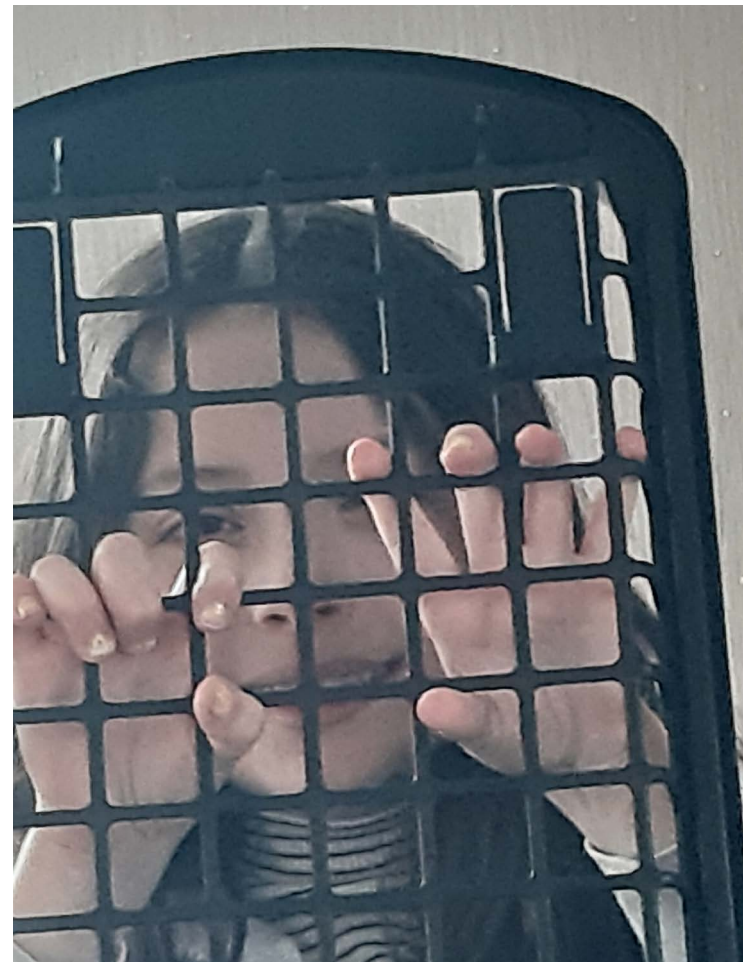


## 8. Sushi



To the future ... “April 10th 2020. I was bored. Because

## 9. Time to play



119

the dish rack [imitating a prison cell] saying “I have not done anything ... I am innocent ... I have not done anything”.

In her message to the future, the mother says: “these were really difficult times, everything came to a halt including hope. Routine became more prominent as we observed how COVID-19 death numbers increased daily; this became a routine similar to observing commodity prices increases”.

## References

---

Chouliaraki, L., & Stolic, T. (2017). Rethinking media responsibility in the refugee ‘crisis’: A visual typology of European news. *Media, Culture & Society*, 39(8), 1162–1177. <https://doi.org/10.1177/0163443717726163>

Forrest, A. (2020, August 19). *Migrant attacked moments after landing on Kent beach*. The Independent. <https://www.independent.co.uk/news/uk/crime/migrant-attacked-kent-beach-boat-crossings-english-channel-a9677131.html>

Kaye, R. (2001). Media and migration: Constructions of mobility and difference. In R. King & N. Wood (Eds.), *Media and Migration: Constructions of Mobility and Difference*. Routledge.

Parker, S. (2015). ‘Unwanted invaders’: *The representation of refugees and asylum seekers in the UK and Australian print media*. 23, 21.

# La délation peut-elle être civique?

**AUTEUR:**

Anne-Emmanuelle  
Lejeune

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LA DÉLATION PEUT-ELLE ÊTRE CIVIQUE?**

Un État qui fait appel à sa population pour dénoncer le non-respect de mesures sanitaires est-il encore une démocratie lorsque sa fin justifie les moyens sans discernement?

**ENGLISH ABSTRACT: CAN DENUNCIATION BE CIVIC?**

Is a state that appeals to its population to denounce non-compliance with health measures still a democracy when its end justifies the means without discernment?

**RESUMEN EN ESPAÑOL: ¿LA DENUNCIA PUEDE SER CÍVICA?**

¿Un Estado que apela a su población para denunciar el incumplimiento de las medidas sanitarias sigue siendo una democracia cuando su fin justifica los medios sin discernimiento?





# La délation peut-elle être civique?

En ces temps de pandémie, les réseaux sociaux me font revisiter l'Occupation telle que mes grands-parents belges me la contaient. À cette époque, tout le monde se méfiait de tout le monde. Depuis l'imposition du confinement, il ne se passe pas une journée sans que je voie sur les pages de gens très bien des photos commentées de voitures à Bromont, de promeneurs dans des parcs, d'enfants dans des plaines de jeux, de personnes âgées faisant encore leurs courses...

Le mot *delator* est apparu sous l'autocratie impériale créée par Auguste. La délation est très bien rétribuée sous l'Empire romain : le délateur était chargé par l'empereur de lui rapporter les propos des hauts personnages, l'empereur, notons-le déjà, étant susceptible ni d'être toujours juste ni de traiter ses sujets avec un égal respect et une égale sollicitude. De là à dire que la délation était liée à l'unanimité autocratique, il n'y a qu'un pas.

On connaissait déjà la délation comme un mode de gestion utilisé par de nombreux employeurs. Cette gestion sur les ouï-dire donne une image déshumanisée des ressources humaines. La dénonciation entre collègues ne fait que fragiliser l'entreprise dans laquelle les vices de fonctionnement ne peuvent être des on-dit pour être recevables juridiquement. La délation est une machine intolérable, apte à saper la confiance entre les employés et la hiérarchie.

Mais dans un contexte de pandémie, la délation peut-elle être civique?

Du jour au lendemain, nous avons, avec une aisance déconcertante, basculé au nom de la peur de l'infiniment petit dans une rhétorique guerrière et dans un autoritarisme inadmissible en regard de ce qu'est un État de droit. Si leur nécessité a bien été acceptée par de nombreuses personnes, il n'en demeure pas moins

qu'elle a engendré une autre peste encouragée par le gouvernement du Québec (1000 \$ d'amende sur-le-champ pour un rassemblement interdit n.d.) et par le Service de police de la Ville de Montréal (les policiers encouragent la dénonciation des bris de confinement 2020), celle de la dénonciation entre citoyens qui peuvent être des voisins, des promeneurs, des jeunes regroupés dans un parc.

C'est toujours la peur et la morale qui précèdent la brisure du tissu social. Le pouvoir appelle à la collaboration alors qu'il devrait miser sur la coopération citoyenne en éduquant le peuple à coups de carottes. Si en temps de pandémie, l'État se donne le droit de s'immiscer dans nos vies privées, il doit en assurer le contrôle sans recourir aux dénonciations citoyennes. L'ennemi n'est pas humain, mais viral et relève donc du domaine médical. Ce qui différencie la médecine de la guerre, c'est qu'elle compte ses victoires en nombre de vies sauvées.

La directrice régionale de la santé publique de Montréal, Mylène Drouin, a annoncé à la radio (Rattrapage du 1er avril 2020 : Confinement à Toronto et l'exemple allemand n.d.) qu'elle allait envoyer un courriel aux propriétaires des tours à condos afin de les contraindre à faire connaître la présence d'une contamination au sein de leur tour à logements. Retour en 1720 au temps de la Grande Peste de Marseille en un courriel! La recherche d'un coupable à tout prix passerait-elle par la dénonciation du malade, comme si cette dernière devenait morale jusqu'à la recherche de la bonne santé?

Dans le discours pandémique, il y a, d'une part, la promotion du civisme pour compenser l'inflation de la demande sécuritaire et de l'autre, la constitution d'un réseau d'indics bénévoles. Se résigner à ce que la délation participe à la prévention revient à glisser

dangereusement sur un retour de la collaboration au sens de son acception historique et sur des prémices d'autoritarisme après la crise sanitaire et sociale. La délation civique est une « sublime horreur » pour reprendre le célèbre oxymore d'Honoré de Balzac dans *Le colonel Chabert*.

La question n'est pas de savoir si la fin justifie les moyens, mais bien la limite à imposer aux moyens. C'est, selon Me Beauthier, célèbre avocat belge et ancien président de la section francophone de la Ligue des droits de l'homme, le véritable enjeu de la démocratie.

Et si on peut mourir de cécité en collaborant avec le déni, il convient ici de préciser la différence entre la délation et le signalement si chère à Andrée Yanacopoulo, représentante de l'intelligentsia québécoise (Andrée Yanacopoulo n.d.). Signaler la violence conjugale ou la maltraitance d'enfants n'est pas une dénonciation, c'est faire connaître des faits vrais et vérifiables aux autorités judiciaires. Dans nos pays démocratiques, il est a priori considéré que cette autorité est compétente et qu'elle respecte la loi.

Le philosophe belge Pierre Ansay rappelait récemment cette réflexion sur « dire la vérité » en se rapportant à la réponse cinglante de Benjamin Constant au philosophe Emmanuel Kant pour qui dire la vérité en toutes circonstances s'avérait un devoir non négociable, non adaptable aux circonstances. Ainsi, pour Kant, l'hôte hébergeant son ami devait dire la vérité à un assassin frappant à sa porte et désireux d'y trouver sa future victime : pour Constant, « *Dire la vérité est un devoir. Qu'est-ce qu'un devoir? L'idée de devoir est inséparable de celle de droits : un devoir est ce qui, dans un être, correspond aux droits d'un autre. Là où il n'y a pas de droits, il n'y a pas de devoirs. Dire la vérité n'est donc un devoir qu'envers ceux qui ont droit à la vérité. Or nul homme n'a droit à la vérité qui nuit à autrui.* » Un assassin qui désire tuer votre ami dans votre demeure ne mérite que le mensonge, il n'a pas droit à la vérité.

Enfin, une pandémie voit les rapports humains totalement bouleversés : c'est au moment où le besoin

des autres devient impératif que maintenant ils vous abandonnent. Le temps du coronavirus est celui de la solitude forcée des nouveaux prisonniers que nous sommes devenus. Et pourtant, il suffirait de condamner la délation au nom d'un civisme plus que discutable pour que la leçon à retenir de cette période si particulière soit celle du discernement et de l'altérité.

Le mot de la fin reviendra à la démocratie. Elle repose, d'après la philosophe Maryvonne Longeart, sur la critique du pouvoir qui suppose la liberté d'opinion et d'expression. Mais l'opinion publique est manipulable, d'où l'importance de l'éducation populaire pour toute démocratie authentique. Le vote populaire majoritaire n'est un garant de liberté et d'égalité que si ce vote est un vote éclairé.

Cela ne peut se faire que grâce aux enseignants, ces anges déchus...

Anne-Emmanuelle Lejeune, enseignante et féministe

## Références

“1000 \$ D'amende sur-le-champ pour un rassemblement interdit.” *Radio-Canada*. <https://ici.radio-canada.ca/tele/le-telejournal-avec-pascale-nadeau/site/segments/reportage/162960/contraventions-distanciation-police-policiers>

“Andrée Yanacopoulo.” *Éditions du Boréal*. <https://www.editionsboreal.qc.ca/catalogue/auteurs/andree-yanacopoulo-7803.html>

“Les Policiers Encouragent La Dénonciation Des Bris de Confinement.” 2020. *TVA Nouvelles*. <https://www.tvanouvelles.ca/2020/03/23/les-policiers-encouragent-la-denonciation-des-bris-de-confinement>

“Rattrapage du 1er avril 2020 : Confinement à Toronto et l'exemple allemand.” <https://ici.radio-canada.ca/ohdio/premiere/emissions/l-heure-du-monde/episodes/459567/rattrapage-du-mercredi-1-avril-2020/6>

# Friendship and beyond: Unlocking boundaries for unleashing positivity

**AUTHORS:**

Preethi John,  
Manjiri Ketkar-Maslekar

**ENGLISH ABSTRACT: FRIENDSHIP AND BEYOND: UNLOCKING BOUNDARIES FOR UNLEASHING POSITIVITY**

The events, the emotions are captured in this journal through a series of letters exchanged between two friends sharing the impact of lockdown on different age groups and on COVID warriors. Stigma, adaptability and bonds of friendship are themes which run across the different stories. Spreading positivity and ray of hope is seen as a key necessity to overcoming the challenges. It recognizes that in India, particularly in urban settings with the break up of the joint family system, neighbours and friends are two strong stakeholders which are vital to surviving in tough times. This document recounts the happenings during COVID through the eyes of two friends located in the north and south of India.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: L'AMITIÉ ET AU-DELÀ: DÉVERROUILLER LES FRONTIÈRES POUR LIBÉRER LA POSITIVITÉ**

Les événements, les émotions sont capturés dans ce journal à travers une série de lettres échangées entre deux amis partageant l'impact de l'enfermement sur des groupes d'âge différents et sur ceux appelés les guerriers du COVID. La stigmatisation, l'adaptabilité et les liens d'amitié sont des thèmes qui traversent les différentes histoires. La positivité et le maintien d'une lueur d'espoir sont considérés comme une nécessité essentielle pour surmonter les défis. Ce document met en avant qu'en Inde, en particulier dans les milieux urbains avec l'éclatement de la famille, les voisins et les amis sont deux acteurs forts essentiels pour survivre dans les moments difficiles. Il raconte les événements survenus pendant le COVID à travers les yeux de deux amis situés dans le nord et le sud de l'Inde.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: MÁS ALLÁ DE LA AMISTAD: DESBLOQUEAR LOS LÍMITES PARA LIBERAR LA POSITIVIDAD**

Los acontecimientos y las emociones se recogen en este diario a través de una serie de cartas intercambiadas entre dos amigos que comparten el impacto que tuvo el encierro del COVID en diferentes grupos de edad y en los guerreros que lucharon contra la enfermedad. El estigma, la capacidad de adaptación y los lazos de amistad son temas que recorren las diferentes historias. Difundiendo la positividad y un poco de esperanza se considera como una necesidad clave para superar los desafíos de esta época. Se reconoce que en la India, especialmente en los entornos urbanos y con la ruptura del sistema familiar conjunto, los vecinos y los amigos son dos actores fuertes que son vitales para sobrevivir en tiempos difíciles. Este documento relata lo que a sucedido durante el encierro del COVID a través de los ojos de dos amigos situados en el norte y en el sur de la India.





# Friendship and beyond: Unlocking boundaries for unleashing positivity

**18 April 2020**

---

Dear Manjiri

How are you doing? With lockdown fully in place “Chandigarh City Beautiful” has become “Chandigarh Quiet City Beautiful.” It is just so strange to see empty roads. There’s hardly any traffic. Now it’s just the sound of silence which is broken at times by either police rushing to their duties, the siren of ambulance, or hospital staff movements when their shift ends, or the approved officials. There is the stray youth one sees now and then who test the lockdown systems in place.

Yet, as I always remind myself, we need to constantly count our blessings and really be thankful. For decades I have been a career women and used to being at home only on a Sunday. So it is rather a strange feeling to be at home during a Monday and again I am at home on Tuesday and Wednesday. I look at myself and I am not ill— yet I am at home on a working day. It is such a strange feeling. Not only am I at home but so is my entire family. Children are not rushing off to school nor to their extra curricular activities or off with their friends. Weekends we are completely at home. It is such a nice feeling to be together. After decades of having the early morning rush routine, it is rather nice to experience an extended early morning quiet routine. I am so grateful my children are grown up and can help with the chores. I cannot believe the support system is not more available. What if my kids were still babies! How would I have survived without my support system? No maids or drivers or gardeners. Now I am working in online mode. It’s a very different way of working as I am in front of a screen or on my phone the whole day. It is a huge change to get used to. This was something I used to do for about a hour per day, not the whole day long!

I am sure you remember my friend and neighbour

Sheila. Complete lockdown has affected Sarah Aunty, her elderly mother. She keeps thinking the lockdown rules don’t apply to her, only to the youth who never obey! Sarah Aunty is used to her routine of 40 plus years. At 5 am you can see her opening the gate to go for her walk. Her friend as active and old as her would be waiting for her at the corner. Both widows, they loved starting the day meeting up, planning for the day ahead and enjoying the walk around the park. They would stop only to greet the other morning walkers. Coming back she would continue with her yoga and breathing exercises before overseeing the breakfast preparations. They would again meet up in the market mid day for groceries or going to the doctor. Again evening was the time to visit friends and complete the evening stroll. This routine has completely changed. She is just not able to reconcile to the fact that she has to be in the house the whole day week after week with the end not being in sight. She just spends long hours in front of the television. It took quite a lot of explaining that even a walk in the park was not permitted during the lock down. She seemed to have aged much faster.

I still can’t believe year 2020 is here and this is what is happening. It certainly has turned life upside down. Hope all are fine at your end.

Lots of love

Preethi

**11 June 2020**

---

Dear Preethi,

Hope you and all at home are fine and taking care of yourself and following all safety measures.

I got your letter. I was surprised and happy to see your letter! Yes, it is really good to again go back to

letter writing. It truly is a forgotten way of expression. Of course it is our first mode of communication 25 years back. We have shared all our ups and downs through letters for such a long time. Then with time, emails, mobiles, came along and though our friendship continued our letter writing to each other stopped. We just did not need to do it anymore. I thought today let me sit down and write a reply letter to you.

I am very disturbed and tensed about my friend Reva. At present, she is hospitalized as she is detected to be Corona Positive. In fact I called her two days back when she complained about throat pain and light fever. You will not believe, but it was in my mind to tell her to undergo the COVID test. I didn't mention it, since it is my nature to panic. So I just told her to take care.

I am really worried about her as she is just recovering from an eye surgery, which she underwent as an emergency procedure in May. The pain and the shock she must have gone through is beyond my imagination. Preethi, you can imagine the intensity of the surgery and the seriousness as you have worked in the eyecare field before. I was very tense as her recovery was very slow and very painful for her. Just as she was recovering she has to face this new challenge. I feel very helpless. I can't even go to her to help out due to lockdown. I just pray for her and I have realized the importance of building positive power within you and to pass it to our dear ones. Will take a pause here as I need to rush for my e-class. Online teaching is a great experience, will write to you about it as well.

Soon will write to you to update about Reva. Please pray for her.

Stay safe & love to the kids.

Manjiri

**15 June 2020**

---

Dear Manjiri

I read and reread your letter. It is very shocking to hear about Reva and I definitely am praying for her.

So many people just seem to be ill. One of my most enthusiastic staff at work had been detected with cancer last year. From a chirpy, cheery, fashionable person she is just trying to get through her day with as much strength as she can. Her treatment is, however, currently stopped due to COVID. She really found it very difficult to access and navigate the health system. With her immunity severely compromised, she is worried about going to the hospital.

My friend was detected with cancer early this year. Yet such positivity radiates from her. She feels the world is just following her trend of wearing masks in public places and maintaining social distance. I just admire the courage of her mother as they got stuck when lockdown started in a guesthouse near her hospital when they had gone to avail her chemotherapy treatment. It turned out to be such a blessing in disguise as they could peacefully access the hospital, and continue her chemotherapy sessions uninterrupted.

You know how my daughter had decided that she was going to shift into a residential school this year. Now that plan certainly is cancelled. I am so relieved. Of course she is quite upset as this had been months of planning. I just can't believe how worried I was about how she was going to spend her long summer break alone while I went off to the office. Now I am with her everyday. We had unusual birthday celebrations and anniversaries in the comfort of our homes, toasted by a lot of friends and loved ones virtually. We need to feel grateful for every little incident that happens.

My prayers for Reva and keep me posted about her.

Lots of love,

Preethi

**25 June 2020**

---

Dear Preethi,

Good news!! Reva is absolutely fine, back home & her reports are fine. I had a long call with her yesterday night and her experience is worth sharing with you. So

just sharing Reva's journey in her words with you.

*"I had fever in the first week of June with fatigue, so I took medicines as prescribed by my Physician for two days. But since there was no change in my fever and oxygen level was 92 I called my school friend who is a doctor. She literally forced me to go to the hospital and told me "not to wait even for a second to get admitted." Since she insisted so much, the next moment I left for the hospital. However, imagine in the entire city of Pune, hospital beds were just not available. I reached one of the biggest private hospitals of the city at 7.30 pm and got the bed for her at 1 am in the general ward category. Till I got the bed I was just watching, listening and observing people around me. People around me were insisting to the doctor to get themselves admitted by saying, 'Dr. please, get me also admitted because my mother has it so even I will have it.' On the other hand, doctor or nurse would ask the potential patient a routine question: 'Did you come in contact with any COVID positive person?' And the person very casually would say, 'Yes, in my family four other members are positive...' I was zapped to see a variety of reactions by people. I felt I was in a different world. I got my bed past midnight at 1 am in the COVID general ward and there were 28 patients around me. After some time I realized that my condition is not really bad compared to others and my infection is mild. A lady next to my bed was asymptomatic but she was diabetic so she was in the co-morbid category. I was trying to sleep, but it was tough. Next day my reaction was, 'I don't want to stay here' because at the same time around me – one person is eating, someone is vomiting and someone is doing potty with the help of a bedpan. OMG. Manjiri ...it was tough!*

*But I managed only due to support, me being positive and others giving me positivity was a great combination. The support which I received from my husband, friends and especially my neighbor and her kid who is 9 years old. That 9 year old kid radiated so much positivity to me. She wrote a letter, made a greeting card, started sending me blessings through phone calls & made me write 5 positive points to read it daily. I have never done*

*something like that, but when it is the wish of a 9 year old, how do you refuse? She kept telling me to repeat lines like, 'I am a powerful soul', 'positive soul'. It was such an emotional moment for me that I am getting the blessings from a 9 yr old.*

*On the other hand it was expected that I would keep my COVID positive status confidential. No one of my colleagues therefore reached out to me or checked in on me. It was upsetting. Finally, I was discharged after 7 days. Rather, I was forced to go home due to scarcity of the beds.*

*When I reached home, my husband shared that neighbors would shut the door immediately if they saw my husband coming or avoided him completely even though he was COVID negative. I felt sad and it really hurts when people treat you like this. I had to think about this also besides my worry and concern for my husband since he has heart problems. I am very scared if he becomes positive."*

*I interrupted Reva and asked her that, I am curious to know "how your 9 year old kid, Khushi's mother (who is her next door neighbor) reacted to this or at all these incidents?" Reva said, "just hang on... she is right here and you speak to her directly..." Mom of 9 year old, "Maya" started talking to me over the phone and it was an eye opening revelation for me.*

*Maya said, "My 9 year old daughter, Khushi is very close and possessive about Reva. Namesake we are two neighboring families, yet we are just one family. I instilled confidence in Khushi that Reva will be fine soon. With Khushi being her youngest friend she needed to build positivity and confidence in Reva. That is how Khushi started sending blessings and positive messages to her during her hospitalization phase. I make sure that all the time positive vibes are created in the house and not fear and tension. My child is aware about Corona. We don't have a TV set in our house which I feel helps. During lockdown we have started Creative groups on Facebook to spread 'positivity through creativity,' which reaches 4,000 members plus. We have created this positivity from the first day of the lockdown. We have learned the*



*value of being positive and spreading positivity when my mother-in-law was suffering from cancer. It was 10 years back and suddenly life was changed for us and we realized that one needs to be very strong and positive since life is very small and you never know what will happen with you next day. Being positive and enjoying each moment is very important. I cherish my friendship with Reva and we are lucky to have such a neighbor. I felt there is no label, no tag to my relationship with her. I got a chance to do something for my friend during her tough time. I didn't do anything special for her, only moral support I kept giving her. My bond with Reva and Reva's bond with Khushi is amazing. Now, I have started an exchange of food with Reva as she is fit and fine now. In our residential complex, a few people are so scared that they don't even talk to me or come to my house because I am a neighbor of Reva."*

The phone was on speaker so Reva added here by saying, *"The value of friendship cannot be replaced by anything, not even by blood relationships. The whole incident has changed my perspective of my life and people need to learn on their own experience. There is stigma to stigma. After a few days, I will be ready for plasma donation also..."*

We had to keep the phone as Khushi was hungry and Reva and Maya were deciding on an exchange of food for dinner....

Preethi, it is so important in cities to have such kind of relationship with your neighbor. Lockdown has taught us to value many such relations but in hard way.

More in the next round of letter ... TC

Love,

Manjiri

Dear Manjiri,

18<sup>th</sup> April, 2020.

How are you doing? With lockdown fully in place, Chandigarh city beautiful has become 'Chandigarh Quiet City Beautiful'. It is just so strange to see empty roads. There is hardly any traffic. Now, it is just the sound of silence which is broken at times by either police rushing to their duties, the siren of ambulance or hospital staff movements, when their shift ends or the approved officials. There is the stray youth one sees now and then who test the lockdown system in place.

Yet, as I always remind myself, we need to constantly count our blessings and really be thankful. For decades, I have been a career woman and used to being at home only on a Sunday. So, it is rather a strange feeling to be at home during a Monday & again I'm at home on a Tuesday and Wednesday. I look at myself and I'm not ill yet I'm at home on a working day. It is such a strange feeling. Not only am I at home but so is my entire family. Children are not rushing off to school nor to their extra-curricular activities or off with their friends. Weekends, we are completely at home. It's such a nice feeling to be together. After decades of having the early morning rush routine, it is rather nice to experience an extended early morning, quiet routine. I'm so grateful my children are grown-up and can help with the chores. I cannot believe the support system is nor more available. What if my kids were still babies?! How would I have survived without my support-system? No maids, or drivers, or gardeners. Now, I'm working in online-mode. It is a very different way of working as I am in front of a screen or on my phone the whole day. It is a huge change to get used to. This was something I used to do for about an hour per day, not



the whole day long.

I'm sure you remember my friend and neighbour, Sheila. Complete lockdown has affected Sarah aunty, her elderly mother. She keeps thinking the lockdown rules do not apply to her, only to the youth - who never obey! Sarah aunty is used to her routine for 40+ years. At 5AM, you can see her opening her gate to go for her walk. Her friend, as active & old as her, would be waiting for her at the corner. Both widows, they love starting the day, meeting up, planning for the day ahead & enjoying the walk around the park. They would stop only to greet the other morning walkers. Coming back, she would continue with her yoga & breathing exercises before overseeing the breakfast preparation. They would again meet up in the market mid-day for groceries or going to the doctor. Again, evening was the time to visit friends & complete the evening stroll. This routine has completely changed. She is just not able to reconcile to the fact that she has to be in the house the whole day, week after week with the end not being in sight. She just spends long hours in front of the television. It took quite a lot of explaining that even a walk in the park was not permitted during the lockdown. She seemed to have aged much faster. I still can't believe year 2020 is here & this is what is happening. It certainly has turned life upside-down. Hope all are fine at your end.

Lots of love,  
Preeti.



11 June, 2020  
Bangalore.

Dear Preethi,

Hope you and all at home are fine and taking care of yourself and following all safety measures.

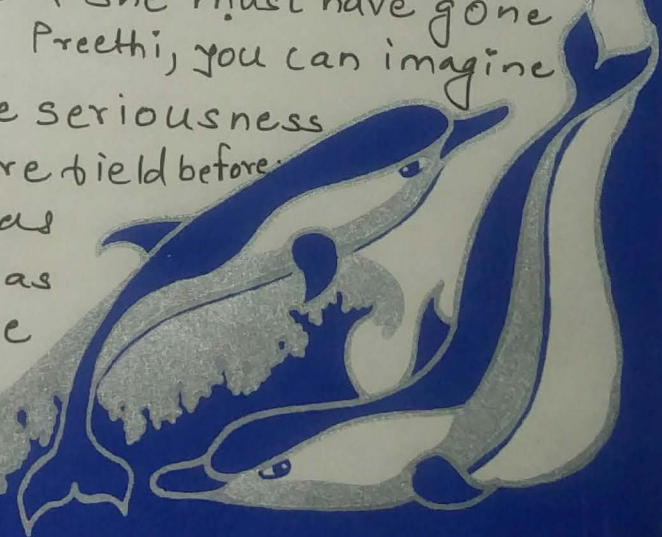
I got your letter. I was surprised and happy to see your letter! Yes, it is really good to again go back to letter writing. It truly is a forgotten way of expression.... Of course, it is our first mode of communication 25 yrs. back! We have shared all our ups & downs through letters for such a long time. Then, with time, emails, mobiles came along and though our friendship continued our letter writing to each other stopped. We just did not need to do it anymore. I thought today let me sit down and write a reply letter to you.

I am very disturbed and tensed about Reva, you also know her well. Reva, from my school. At Present she is hospitalised as she is detected to be Corona Positive. In fact, I called her two days back when she complained about throat pain and light fever. You will not believe but it was in my mind to tell her to undergo the COVID Test. I didn't mention it, since it is my nature to panic. So I just told her to take care.

I am really worried about her as she is just recovering from an eye surgery, which she underwent as an emergency procedure in May. The pain & the shock she must have gone through is beyond my imagination. Preethi, you can imagine the intensity of the surgery and the seriousness as you have worked in the eye care field before.

I was much tensed as her recovery was very slow and painful for her. Just as she was recovering she has to face this new challenge of corona.

I feel very helpless.....





I can't even go to her to help her out due to lockdown.

I just pray for her and I have realised the importance of building positive power within you and to pass it to our dear ones.

Will take a pause here as I need to rush for my e-class. Online teaching is a great experience, will write to you about it as well.

By the way, Bangalore feels like what it was 20yrs. ago...

Soon will write to you to update about Reva....

Reva, my close school friend ☺

Preethi, Please Pray for her!

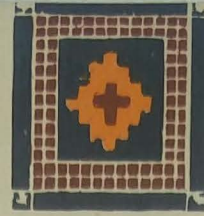
Stay safe and loads of love to you and kids.

- Manjiri.





15<sup>th</sup> June, 2020.



Dear Manjiri,

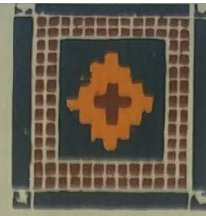
I read and re-read your letter. It is very shocking to hear about Keva and I'm definitely praying for her.

So many people just seem to be ill. One of my most enthusiastic staff at work had been detected with cancer last year. From a chirpy, cheery, fashionable person, she's just trying to get through her day with as much strength as she can. She really found it very difficult to access & navigate the health system. With her immunity severely compromised, she's worried about going to the hospital.

My daughter's friend was detected with cancer early this year. Yet such positivity radiates from her. She feels the world is just following her trend of wearing a mask in public places & maintaining social distancing. I just admire the courage of her mother as they got stuck when the lockdown started in a guest-house near her hospital when they had gone to avail her chemotherapy treatment. It turned out to be such a blessing in disguise as they could peacefully access the hospital, continue her chemotherapy sessions uninterrupted.

You know how my daughter has decided that she was going to shift into a residential school this year. Now that plan certainly is cancelled. I'm so relieved. Of course, she's quite upset as this had been months of planning. I just cannot believe how worried I was about how she was going to spend her long summer break





alone while I went off to office. Now, I'm with her everyday. We had unusual birthday celebrations and anniversaries in the comfort of our homes, toasted by a lot of friends & loved ones virtually. We need to feel grateful for every little incident that happens. My prayers for Reva and keep me posted about her.

lots of love,  
Preethi.



7 July, 2020  
Bangalore

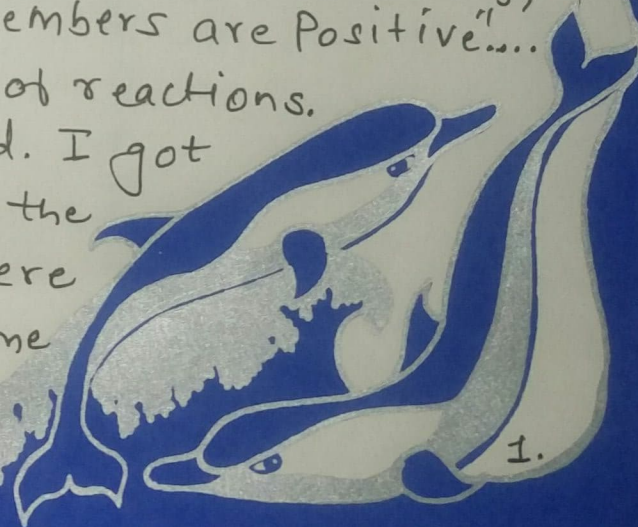
Dear Preethi,

Good news! Reva is absolutely fine, back home and her reports are fine. I had a long call with her yesterday night and her experience is worth sharing with you. So just sharing Reva's journey in her words with you.

"I had fever in the first week of June with fatigue so I took medicines as prescribed by my physician for two days. But since there was no change in my fever and my oxygen level was 92, I called our school friend, Dr. Reeni, she literally forced me to go to the hospital and told me, 'to not wait even for a second to get admitted.' Since she insisted so much, the next moment I left for the hospital. However, imagine in the entire city of Pune, hospital beds were just not available.

I reached one of the biggest, Pvt. hospital of the city at 7.30pm. and got the bed at 1a.m. in the general ward category. Till I got the bed, I was just watching, listening and observing people around me. People around me were insisting the doctors to get themselves admitted by saying, 'Dr. Please get me also admitted, because my mother has it so even I will have it.' On the other hand the doctor or the nurse would ask the potential patient a routine question, 'Whether, did you come in contact with any covid positive person and the person very casually would say, 'Yes, in my family other four members are positive'....

I was zapped to see the variety of reactions. I felt I was in a different world. I got my bed past midnight at 1a.m. in the covid general ward and there were 28 patients around me. After some time, I realised that my condition is not really bad -





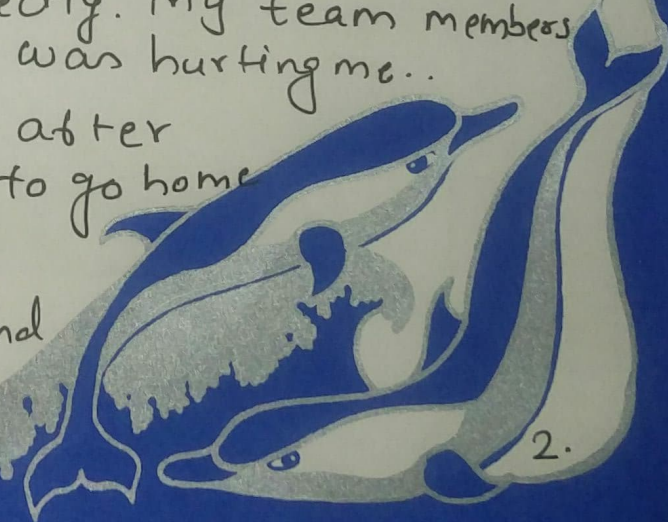
Compared to others, and my infection is mild. A lady next to my bed was asymptomatic but she was diabetic so she was in the co-morbid category. I was trying to sleep but it was tough! Next day, my reaction was, "I donot want to stay here". Because at the same time around me-one person is eating, someone is vomitting and someone is doing potty with the help of a bed pan".  
Ma... Manji... it was tough!!

But I managed only due to support. "me being positive and others giving me Positivity which was a great combination". The support which I received from my husband friends, and esp. my neighbor and her kid who is 9 yrs. old. That 9 yr. old kid radiated so much positivity to me. She wrote a letter, made a greeting card, started sending me blessings through phone calls and made me write 5 positive points to read daily. I have never done something like that, but when it is a wish of a 9 yr old how do you refuse. She kept telling me to repeat lines like, "I am a Powerful soul", "Positive soul". It was a such an emotional moment for me that I am getting blessings from a 9 yr. old kid!

On the other hand in my office they have kept my corona positive status as confidential. But few of my colleagues kept asking me indirectly. My team members were also not aware of it. It was hurting me..

Finally, I was discharged after 7 days. Rather, I was forced to go home due to scarcity of the beds.

When I reached home, my husband shared that neighbors would shut the door immediately



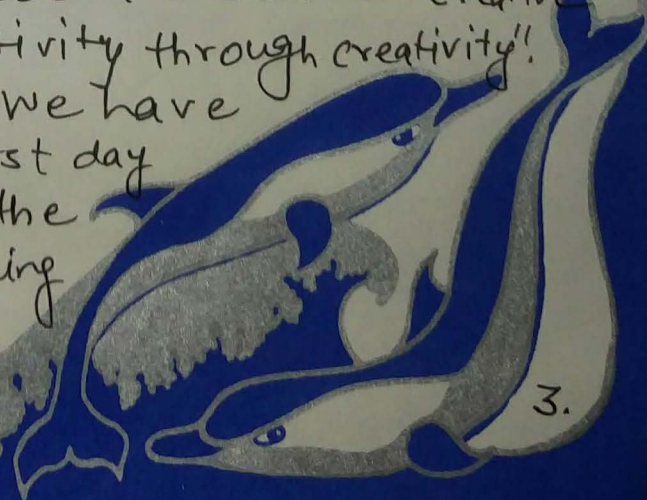


if they saw my husband coming or avoided him completely. even though he was COVID negative. I felt sad and strange and it really hurts when people treat you like this. At times I felt like laughing at their behaviour. I had to think about this also besides my worry and concern for my husband since he has heart problem. I am very scared if he becomes positive.

I interrupted Reva and asked her that, 'I am curious to know-how your 9 yr. old kid's mom - Khushi's mother (who is next door neighbor) reacted to this or at all these incidents?' Reva said, 'Just hang on... she is right here and you speak to her directly'. Mom, ob 9 yr. old, 'Maya' started talking to me over the phone and it was an eye opening revelation for me.

Maya said, 'My 9 yr. old, Khushi is very close and possessive about Reva. Namesake we are 2 neighboring families yet we are just 1 family. I instilled confidence in Khushi that Reva will be fine soon. With Khushi being her youngest friend she needed to build positivity and confidence in Reva. That is how Khushi started sending blessings and positive messages to her during her hospitalization phase. I make sure that all the time positive vibes are created in the house and not fear, tension. My child is aware about Corona, and required care to take. We do not have TV set in our house which I feel helps to keep away the negativity esp. through news channels'. During lockdown we have started creative groups on Facebook to spread 'Positivity through creativity'.

which reaches 4,000 members plus. We have created this positivity from the first day of the lockdown. We have learned the value of being positive and spreading positivity when my mother-in-law was suffering from cancer.





It was 10 yrs bak and suddely life was changed for us. and we realised that one need to be very strong and Positive since life is very small and you never know what will happen with you next day. Being Positive and enjoying each moment is very important. I cherish my friendship with Reva and we are lucky to have such a neighbor. I feel there is no label, no tag to my relationship with her. I got a chance to do something for my friend during her tough time. I didnot do anything special for her, only moral support I kept giving her. My bond with Reva and Reva's bond with Khushi is amazing. Now I have started exchange of food with Reva as she is fit and fine now. In our residential complex few People are so scared that they donot even talk to me or come to my house because I am neighbor of Reva", Hmm...

The Phone was on speaker so Reva added here by saying "The value of friendship cannot be replaced by anything not even by blood relationship". The whole incident has changed my perspective of my life and People need to learn on their own experience. There is stigma to stigma. After few days I will be ready for Plasma donation also..."

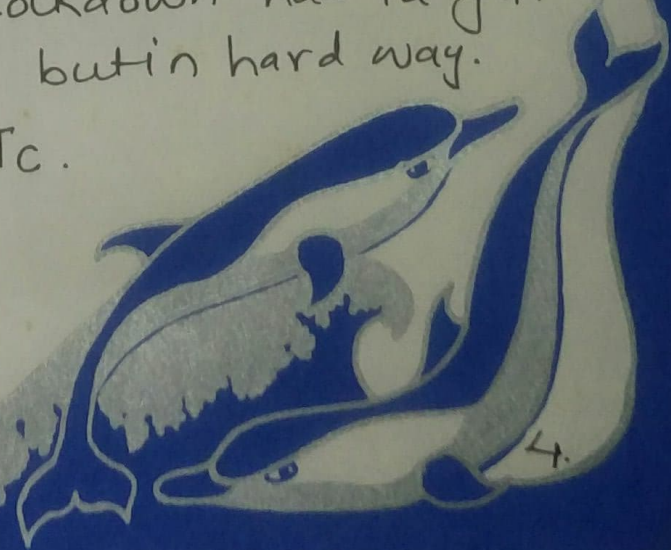
We had to keep the phone as Khushi was hungry and Reva + Maya were deciding on exchange of food for dinner....

Preethi, it is so important in cities to have such kind of relationship with your neighbor. Lockdown has taught us to value many such relations but in hard way.

More in next round of letter. Tc.

Love to you and Kids

Manjiri



# Distanciation sociale / COVID-19

**ARTISTES:**

Maude Bouchard,  
Sylvie Pouliot

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: DISTANCIATION SOCIALE / COVID-19**

Affiche expressive, de format imprimé 24 x 36 pouces, inspirée d'un aspect de la pandémie de la COVID-19, la distanciation sociale. Même si cette consigne est issue d'une exigence de sécurité et de protection des individus, pour certains, cet éloignement vient à l'encontre de besoins fondamentaux de l'être humain, de contact, de partage, d'amour et d'appartenance. Afin de contrer les aspects négatifs de la distanciation, l'affiche fait appel à un concept vécu chez plusieurs enfants en bas âge : les amis imaginaires. Cette interaction, jouant plusieurs rôles positifs de socialisation, de communication, de contact, de protection et de sécurité, s'avère une démonstration appropriée à combler cette distanciation.

**ENGLISH ABSTRACT: SOCIAL DISTANCING / COVID-19**

The concept of this expressive poster (printed format 24 x 36 in) was inspired by one aspect of the COVID-19 pandemic, social distancing. Even if this instruction comes from a requirement for security and protection of individuals, to some, this distancing runs against to the fundamental needs of human beings, contact, sharing, love and belonging. In order to counter the negative aspects of distancing, the poster uses a concept experienced by many young children: imaginary friends. This interaction, which plays many positive roles in socialization, communication, contact, protection and security, is an appropriate demonstration of how to overcome this distancing.





# Distanciation sociale / COVID-19

Cette affiche expressive, de format imprimé 24 x 36 pouces, a été conçue dans le cadre de l'appel à contributions *Ouvrir les frontières*.

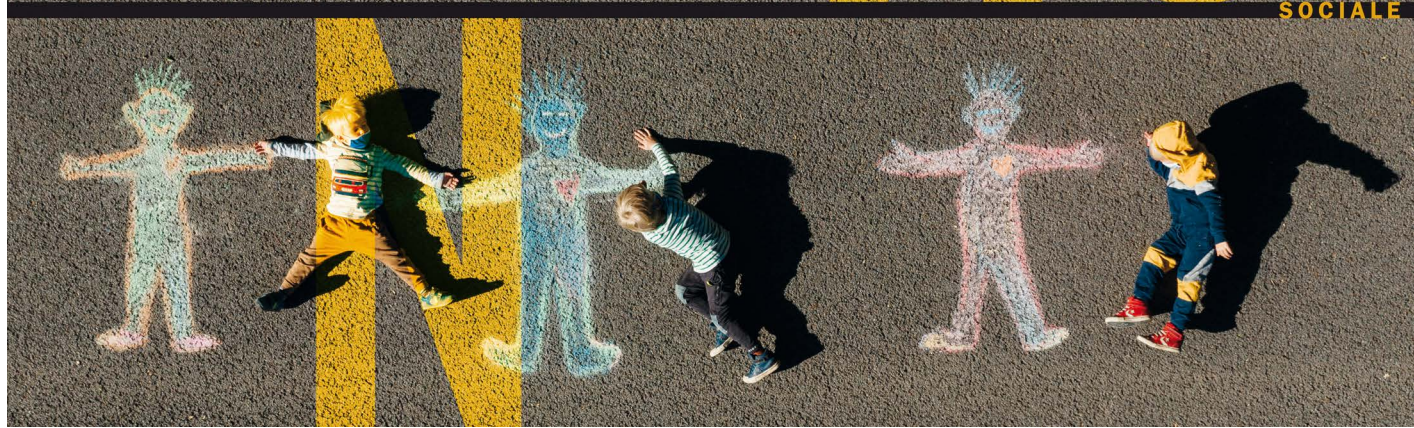
Les auteures Maude Bouchard et Sylvie Pouliot ont réalisé ce projet en collaboration avec le photographe Dylan Page dans le cadre de leurs activités de recherche-crédation reliées à [l'atelier Dir \(design impliqué et responsable\) de l'Université Laval](#), dont elles sont cofondatrices.

Les projets à caractère social étant au cœur de leur pratique en recherche création, celui-ci fut une opportunité de sensibilisation par l'affiche à une exigence de sécurité essentielle à contrer la propagation du virus, la distanciation. Afin d'interpeler les adultes, le concept de cette affiche fait appel aux enfants et à leurs univers.

Même si la consigne de la distanciation sociale est issue d'une exigence de sécurité et de protection

des individus, pour certains, cet éloignement vient à l'encontre de besoins fondamentaux de l'être humain, de contact, de partage, d'amour et d'appartenance. Afin de contrer les aspects négatifs de la distanciation, l'affiche fait appel à un concept vécu chez plusieurs enfants en bas âge : les amis imaginaires. Cette interaction, jouant plusieurs rôles positifs de socialisation, de communication, de contact, de protection et de sécurité, s'avère une démonstration appropriée à combler cette distanciation. Cette complicité laisse transparaître une attitude créative, positive, amicale, facile, mais également naïve face à cette obligation de distance souvent non respectée chez les adultes. Le point de vue à vol d'oiseau se veut une démonstration aux adultes, les observateurs et les contrôleurs de la situation, leur montrant le respect de cette règle non seulement pour la santé des enfants, mais de toute l'humanité. De plus, cette activité extérieure de dessins et photographies fut un moment familial privilégié en temps de pandémie.







# O amor para contadores

**AUTOR:**

Ludmila Zamboni de Sá  
Vasconcellos

**RESUMO EM PORTUGUÊS: O AMOR PARA CONTADORES**

Os contadores são demandados de forma análoga no amor e profissionalmente. Por isso, se bons contadores, serão eficientes na empresa mais importante em que atuam, a família. Sou engenheira, e me tornei uma melhor companheira quando me tornei também contadora.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: AMOR PARA LOS CONTADORES**

A los contadores se les exige lo mismo en el amor que en la profesión. Por lo tanto, si son buenos contadores, serán eficientes en la empresa más importante en que trabajan, la familia. Soy ingeniera, y me volví mejor compañera cuando también me volví una contadora.

**ENGLISH ABSTRACT: LOVE FOR ACCOUNTANTS**

Accountants are similarly demanded in love and professionally. Therefore, if good accountants, they will be efficient in the most important company they work for, the family. I am an engineer, and I became a better partner when I also became an accountant.





# O amor para contadores

A autora reflete sobre o amor contábil e suas classificações mas poderia trazer a pandemia, talvez inspirada pelo Amor em Tempos de Cólera. Como seria essa amor contábil na pandemia, sem a possibilidade do contato físico, do abraço e do beijo? O que conta para além do contato? E o amor perigoso?

A ideia desse texto é que as pessoas sintam que devem trocar a palavra amor por contabilidade e entendam o sentido de que o amor do contador é a própria contabilidade, que seria invulnerável a quaisquer problemas, por maiores que sejam, devido a dedicação do contador.

Por ser amor, é intangível...  
No intangível ninguém pode tocar  
Nem mesmo essa tal de pandemia vai abalar

As dificuldades vou melhor evidenciar  
A informação correta registrar  
Para saber o que esperar e  
Aí sim atuar, cultivar, voltar a plantar

O amor **vive** sem contato,  
Quando tem seus dados registrados  
Mas ... não **sobrevive** sem seus fatos  
Então, não se apegue a projeção quando o importante é estar

É perigoso o platonismo do “só” lucrar, sempre ganhar  
No balanço, importante é fechar ... continuar  
Na tempestade só nos resta se guardar, resguardar e esperar

Nem todo amor requer paixão  
Mas em tempos de pouca movimentação, sobra ação e informação  
E todo gestor precisa de um apaixonado contador.

Ludmila Zamboni de Sá Vasconcellos  
27/10/2020

# Agents of shield

**ARTIST:**

Laura Dirk

**ENGLISH ABSTRACT: AGENTS OF SHIELD**

Frontline workers in service and Healthcare have been the true heroes of the pandemic. New definition for Agents of Shield.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: AGENTS DU BOUCLIER**

Les travailleurs de première ligne des services et des soins de santé ont été les véritables héros et héroïnes de la pandémie. Nouvelle définition pour *Agents of Shield*.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: AGENTES DO ESCUDO**

Os trabalhadores da linha da frente em serviço e cuidados de saúde têm sido os verdadeiros heróis da pandemia. Nova definição para Agentes de Escudo.











Feline teaching support is highly rated  
by students learning remotely

Submitted by: Mattia Anesa  
Credit: Kate Hudson

# Coronavirus fear explodes on planet earth

**ARTIST:**

Annette Dutton

**ENGLISH ABSTRACT: CORONAVIRUS FEAR EXPLODES ON PLANET EARTH**

Creativity by the artist contributes to the portrayed reality of disease in humans: loss and recovery. Haunting fears and avenues of information, obvious by their absence, force human upheaval, as presented on the gallery-wrapped canvas, resulting from the intrusion of a virus, globally, into society covering cities, urban and rural communities. The artist paints loss and devastation on planet earth in her application of values and hues of cerulean and navy spheres with spikes as floating protrusions in the atmosphere. The virus attacks human hosts along its self-righteous and uncontrolled path as it spirals, big and small, in front of a painted background of burnt orange. In the lower portion of the painting, jutting shards of coronavirus destruction claim humanity's normalcy. The artist has painted a visual presentation of emotional, cultural invasion resulting in the introduction of the First and Second Waves of COVID-19.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LA PEUR DU CORONAVIRUS EXPLOSE SUR LA PLANÈTE TERRE**

La créativité de l'artiste contribue à la réalité dépeinte de la maladie chez les humains: la perte et le rétablissement. Des peurs obsédantes et des pistes d'information, évidentes par leur absence, forcent le bouleversement humain, tel que présenté sur cette toile, résultant de l'intrusion d'un virus, à l'échelle mondiale, dans la société couvrant les villes, les communautés urbaines et rurales. L'artiste peint la perte et la dévastation de la planète Terre dans son application de valeurs et de teintes de sphères céruleennes et marines avec des pointes comme des protuberances flottantes dans l'atmosphère. Le virus s'attaque à des hôtes humains le long de sa trajectoire bien-pensante et incontrôlée alors qu'il s'enroule en spirale, grand et petit, devant un fond peint d'orange brûlé. Dans la partie inférieure du tableau, des éclats saillants de la destruction du coronavirus revendiquent la normalité de l'humanité. L'artiste a peint une représentation visuelle de l'invasion émotionnelle et culturelle résultant de l'introduction des premières et deuxième vagues de COVID-19.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: O MEDO DO CORONAVIRUS EXPLODE NO PLANETA TERRA**

A criatividade do artista contribuir para a realidade retratada da doença nos seres humanos: perda e recuperação. Medos assombrosos e caminhos de informação, óbvios pela sua ausência, foram a agitação humana, tal como apresentada na tela embrulhada na galeria, resultante da intrusão de um vírus, globalmente, na sociedade, cobrindo cidades, comunidades urbanas e rurais. A artista pinta a perda e devastação no planeta terra na sua aplicação de valores e matizes de esferas cerulean e da marinha com espigões como saliências flutuantes na atmosfera. O vírus ataca hospedeiros humanos ao longo do seu cominho auto-referido e descontrolado, a medida que se espalha, grande e pequeno, em frente a um fundo pintado de laranja queimada. Na parte inferior da pintura, fragmentos cortantes de destruição do coronavírus reclamam a normalidade da humanidade. O artista pintou uma apresentação visual de invasão emocional e cultural que resultou na introdução da Primeira e Segunda Ondas de COVID-19.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: EL MIEDO AL CORONAVIRUS ESTALLA EN EL PLANETA TIERRA**

La creatividad del artista contribuye a retratar la realidad de la enfermedad en el ser humano: la pérdida y la recuperación. Temores inquietantes y vías de información, evidentes por su ausencia, obligan a la agitación humana, como se presenta en el lienzo envuelto en la galería, resultando en la intrusión de un virus, a nivel mundial, en la sociedad que abarca ciudades, comunidades urbanas y rurales. La artista pinta la pérdida y la devastación del planeta tierra en su aplicación de valores y tonos de esferas cerúleas y marinas con picos como protuberancias flotantes en la atmósfera. El virus ataca a los huéspedes humanos a lo largo de su trayectoria autodestructiva y descontrolada mientras se mueve en espiral, grande y pequeña, frente a un fondo pintado de color naranja quemado. En la parte inferior del cuadro, los fragmentos de destrucción del coronavirus reclaman la normalidad de la humanidad. El artista ha pintado una presentación visual de la invasión emocional y cultural que supone la introducción de la Primera y Segunda Ola de COVID-19.



# Coronavirus fear explodes on planet Earth

In her painting, the artist visually defines the explosion and implosion of COVID-19.

Deep blue and cerulean shards shooting upwards represent the alarm felt globally.

Blue spheres with outward spikes form large and small living viruses in front of a disturbed sunset.

Movement in the art work encourages emotion.

The painting, a 24"x36" acrylic, is meant to provoke controversy.

Questions emerge from tragedy:

- have deaths been over-counted, OR, not
- are lockdowns unnecessary
- are safety concerns of the first vaccine valid

Since the virus 'hit the streets' worldwide, scientists and disease experts have stood on opposing grounds. Should the painting elicit discord.





# Borders, fences, red areas

---

**AUTHOR:**

Lorenzo Gelmini

---

**ENGLISH ABSTRACT: BORDERS, FENCES, RED AREAS**

Even though an accountant, I gaze, write, take notes: and read, and read again, and write poems.

During the pandemic, in the midst of Italian red areas, I put down in words the poem below: how are we entitled to call and match with the red areas, borders, fences?



# Borders, fences, red areas

I will be sitting outside, are you gardenias  
my friends, fishing for the stars in the eyes.

I will be outside the celestial revolutions, the  
pupil will dilate, water that opens in the vessels.  
I will detach myself from the chores, on the eyelashes  
of a blackbird to see from so far, so close, our tempory.

There it is out there, the space widens and I see areas,  
fences, borders dressed in red. The first glimpse confirms  
and shrinks: borders, fences, red areas. Yet the fenced area

of frontier is not an island, it is not a point, it is not a buttonhole:  
rather, it belongs to an Archipelago, a straight line, a bright dress  
with flounces.





Where do we go from here? – on the jetty  
at Ardmish, Ilse of Ghia, Scotland, UK

Submitted by: Greg Stoner  
Credit: Greg Stoner





# Chapter 3

Rompendo limites geográficos

Rompiendo fronteras geográficas

Breaking geographical boundaries

Transcender les frontières géographiques



# La suite du monde

## AUTEURS:

Claudine Bertrand,  
André Boucher

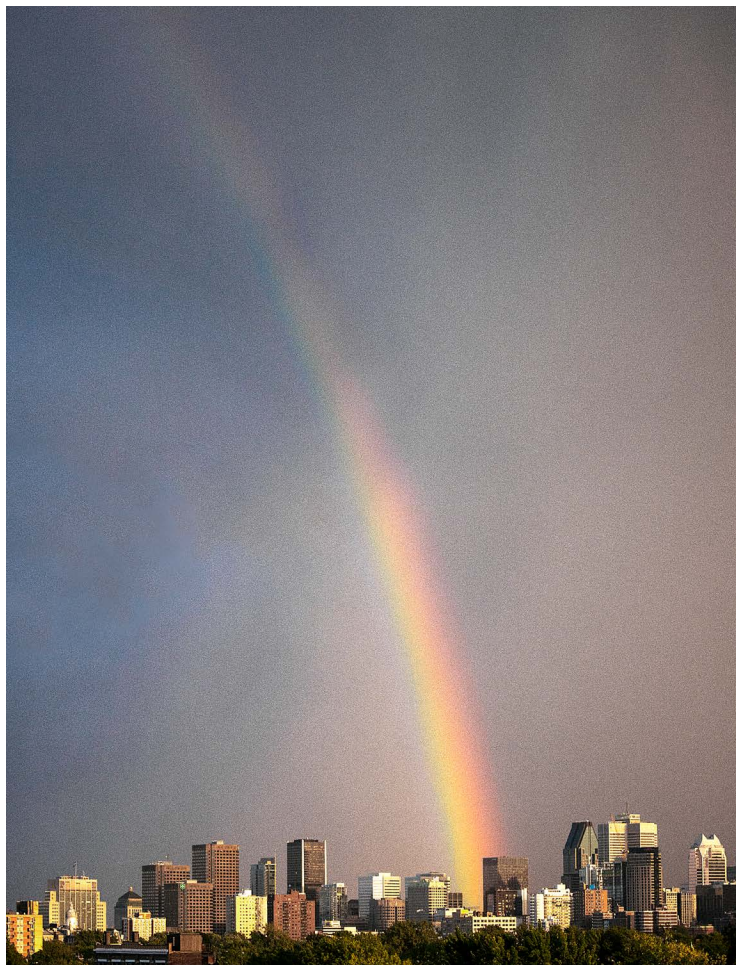
## RÉSUMÉ FRANÇAIS: LA SUITE DU MONDE

Dès les premiers mois du confinement, la ville de Montréal s'est soudainement désertifiée. Du jamais vu dans l'histoire! Ce virus qui frappe l'humanité a des conséquences néfastes sur l'aujourd'hui et le demain. Les habitudes sont bouleversées par les mesures d'éloignement social qui sont adoptées partout au pays. L'ensemble des photos traite particulièrement de la solitude, de la distanciation sociale et de l'isolement. Le "Ça va bien aller" est devenu préoccupant. Les décès s'accumulent, la fermeture des commerces s'annonce dévastatrice. Devant cette crise planétaire, nous avons choisi de rendre compte de cette réalité aux multiples facettes en métissant deux formes artistiques, la photographie et la poésie en un dialogue fécond. Cette démarche en symbiose nous offre un regard-témoin pour la suite du monde.





## La suite du monde



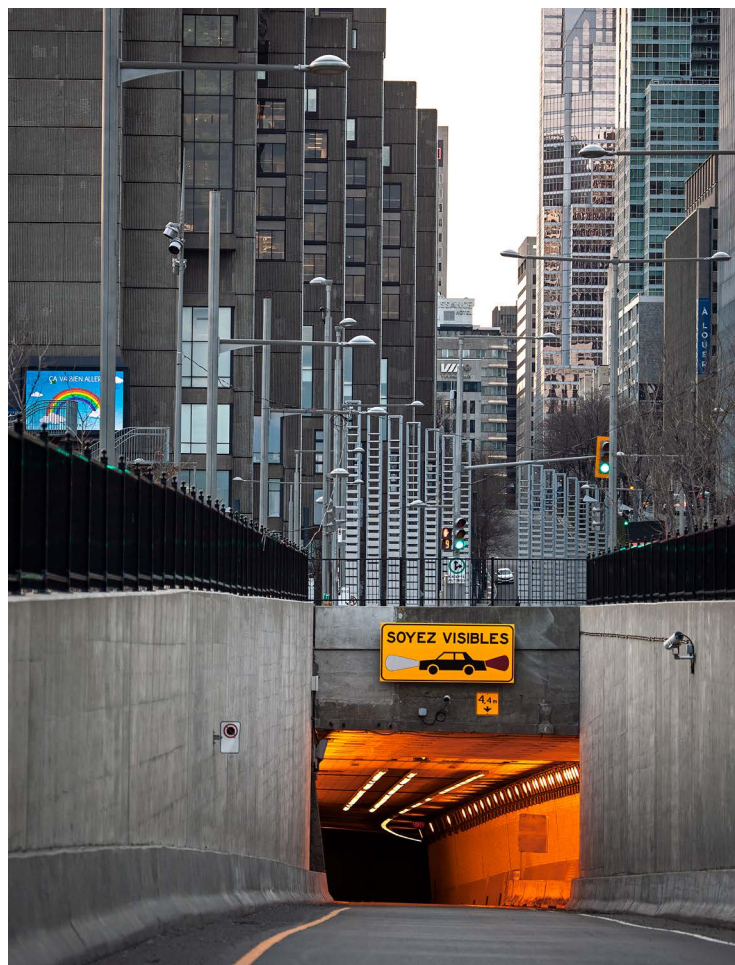
1 La ville n'est plus la ville  
Plus calme que la campagne  
Le désarroi fin du monde  
Aux couleurs d'arc-en-ciel



2 La pandémie a semé la terreur  
Tu ne comptes plus  
ni les tours ni les heures  
Tu ne sais plus à qui crier ta douleur



3 Un quidam passe  
Il porte la mort  
En paradis perdu



4 S'engouffrer tout entier  
dans le ventre de la terre  
Ce qui en émerge  
Le sang de l'univers



5 Le couloir attire son regard  
traversant les wagons  
En quête de ces yeux  
plus bleus que l'éternité



6 L'homme qui a vu l'homme  
manger le loup  
se tait depuis longtemps  
S'effritant petit à petit  
avale les lettres de l'alphabet





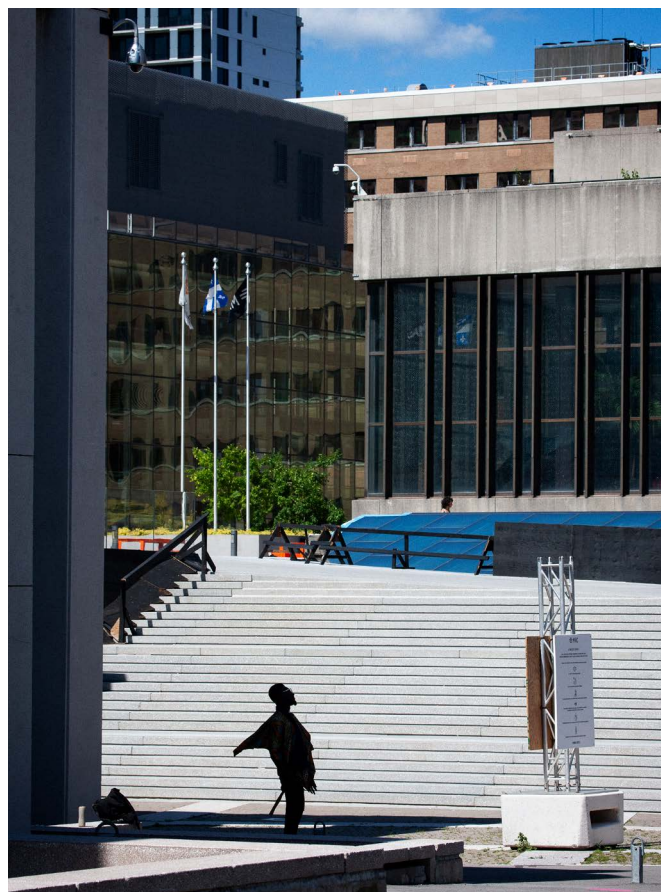
7 Il emporte son livre  
qu'il ne quitte jamais  
Place Pasteur oasis de paix  
Un orage se prépare au loin



8 Tu ne peux ni avancer  
ni reculer  
tout est en travers  
dedans comme dehors  
tu cherches l'origine du mal







9 La culture orpheline  
dit pour ainsi dire  
le si peu  
s'ouvre comme une voie  
sur ciel abîmé de bleu



10 Longues promenades  
de plus en plus rares  
dans les sentiers de La Fontaine  
Serait-ce la dernière ?



11 La fillette insouciante plonge  
dans l'eau rafraîchissante  
comme sa vie  
au goût de liberté



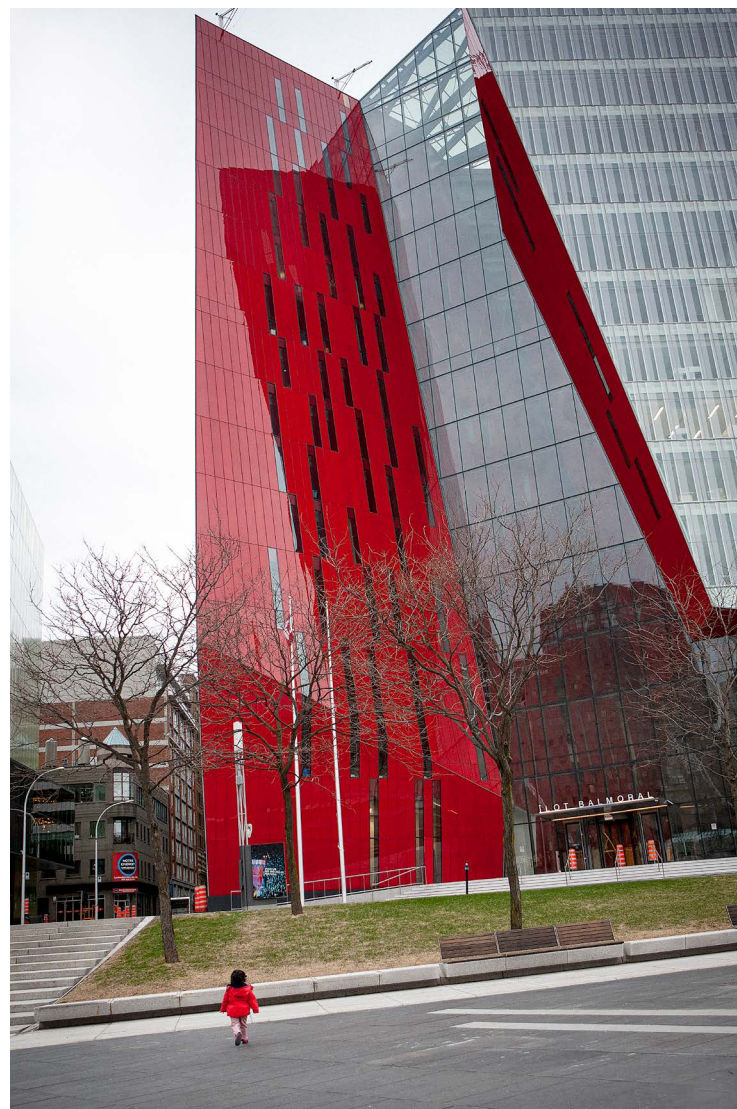
12 Sonner le glas des commerces  
Murés dans le silence  
les mannequins font leurs adieux  
au centre-ville







13 Une histoire se dessine  
aux légendes de mémoires  
se repère en zigzags  
en contre-point un travailleur  
plie sous le poids des cargaisons



14 Les mains de l'artiste  
jouant avec la matière  
par magie le mouvement bouge  
intrigue l'enfant



15 Le masque a bonne figure  
sous toutes ses formes  
meuble l'attente inquiétante



16 Derrière le couvre-visage  
un autre se cache  
dis-moi lequel  
est le plus vrai ?



# Les territoires du COVID-19 : Analyse d'une propagation virale au gré d'une mutation territoriale

## AUTEURS:

Ameziane Ben Allak,  
Arezki Ait Yakoub

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: LES TERRITOIRES DU COVID-19 : ANALYSE D'UNE PROPAGATION VIRALE AU GRÉ D'UNE MUTATION TERRITORIALE

La gestion d'une crise sanitaire au-delà des mesures de sécurité de base laisse entendre une réorganisation temporaire qui touche à plusieurs aspects de la vie quotidienne. La question du changement s'impose d'elle-même, sur divers plans. Le dilemme est tout autant pour la configuration des espaces de vie en communauté où on assiste à un retour du rural au même titre que l'environnemental. Alors serait-ce un effet de mode en temps de crise ou juste la traduction d'une nécessité au sens territorial ? Dans ce papier, nous allons tenter d'analyser ce phénomène à travers l'exemple d'une zone montagneuse située dans un pays en développement.

## ENGLISH ABSTRACT: THE TERRITORIES OF COVID-19: ANALYSIS OF A VIRAL PROPAGATION THROUGH A TERRITORIAL MUTATION

Managing a health crisis beyond basic safety measures suggests a temporary reorganisation that affects many aspects of daily life. The question of change is self-evident, on various levels. The dilemma is just as much for the configuration of community living spaces, where we are witnessing a return of the rural as well as the environmental. So is this a fashion effect in times of crisis or just the translation of a necessity in the territorial sense? In this paper we will try to analyse this phenomenon through the example of a mountainous area located in a developing country.

## RESUMEN EN ESPAÑOL: TERRITORIOS DE COVID19: ANÁLISIS DE UNA PROPAGACIÓN VÍRICA POR MUTACIÓN TERRITORIAL

Gestionar una crisis sanitaria más allá de las medidas básicas de seguridad sugiere una reorganización temporal que afecta a muchos aspectos de la vida cotidiana. La cuestión del cambio es evidente, en varios niveles. El dilema es tanto para la configuración de los espacios de vida comunitaria, donde presenciamos un retorno a lo rural y a lo medioambiental. Entonces, ¿se trata de un efecto de moda en tiempos de crisis o simplemente de la traducción de una necesidad en el sentido territorial? En este documento trataremos de analizar este fenómeno a través del ejemplo de una zona montañosa situada en un país en desarrollo.





# Les territoires du COVID-19 : Analyse d'une propagation virale au gré d'une mutation territoriale

## Introduction

Les bouleversements de la crise sanitaire de 2020 furent nombreux, touchant pratiquement tous les niveaux de la vie en société. D'un point de vue géographique, peu de territoires semblent être immunisés contre la propagation du virus et de ses différents effets sur l'homme. La question sous-jacente en dehors du contexte mondial de la lutte contre la COVID-19, réside dans la résilience des territoires non métropolitains, en théorie fragiles du point de vue socio-économique.

La Grande Kabylie en pleine Algérie offre la possibilité d'une analyse lyrique sous le prisme scientifique d'un phénomène ou du phénomène notoire de cette année. Une pandémie au sens propre du terme, d'un substantif qui retrouve ses galons au fil d'une procession temporelle tant éprouvante pour la santé de l'homme qu'elle implique des transformations au niveau de la gestion des espaces viables et habitables.

L'organisation sociétale pendant la crise du coronavirus mérite qu'on y prête une attention toute particulière. En effet, au-delà du constat macro-économique des retombées de la COVID-19, nous assistons depuis plus de sept mois à une réorganisation des schèmes régionaux avec une forme de réappropriation des espaces non urbains par leurs habitants, avec une solidarité sans pareille. C'est le cas un peu partout dans le monde et en l'occurrence, dans la région montagneuse de la wilaya de Tizi-Ouzou en Algérie.

Vision scientifique d'une région rurale aux bribes urbaines, le contre-exemple parfait de la lutte antivirale qui prend place en métropole ou le combat invisible d'une zone montagneuse séculaire. Des titres racoleurs qui dénotent une vision vécue où la frontière entre une fiction trop souvent exaltée et une réalité morose se réduit au même titre qu'un clivage moribond traversant

l'urbain pour transcender un milieu rural dévitalisé.

L'analyse purement spatiale du phénomène nous ouvre des univers aux interprétations tellement diversifiées que le choix d'une approche purement spatiale se verrait limitée à une étape exploratoire. En effet, l'apport de l'espace au sein d'une crise sanitaire de cette ampleur nous pousse à repositionner notre réflexion, à concevoir les agglomérations humaines comme des foyers d'innovation ainsi que des vecteurs de transmission du virus. Alors que les densités humaines favorisent la division et la spécialisation du travail, tout à côté, nous retrouvons un discours qui nous pousse à une forme de distanciation sociale. Ce discours antinomique touche la branche de l'économie spatiale de plein fouet, appelant une refondation des principes ou une remise en cause épistémologique. Ce problème peut être appréhendé de plusieurs manières. En évitant toute forme de déterminisme, nous nous rendons très vite à l'évidence que les problèmes d'ordre mondial peuvent agir comme révélateurs sur les zones les plus reculées du monde, exclues du développement économique et de l'intégration mondiale.

L'économie territoriale pour le coup jouit parfaitement de ses prérogatives en termes d'influences cumulées des différents événements qui ont pu déstabiliser la planète ces derniers mois. En effet, on pourrait voir via les territoires un filtre d'analyse des recompositions de la vie en société en temps de crise sanitaire, sans rentrer dans le jeu des inégalités, cheval de bataille de l'économie régionale depuis près d'un demi-siècle. Ce papier traitera des enjeux territoriaux entre la relation houleuse de l'urbain et du rural, entre la magnificence d'un échange harmonieux ou au contraire la relation parasitaire évolutive d'une structure spatiale sur l'autre (Braudel, 1969). Tout compte fait, nous espérons bien évidemment aller plus loin que ce résumé

caricatural, nous entendons élargir la discussion vers une interprétation qui se nourrira d'autres publications futures, et ce afin d'ouvrir un débat sur la réelle place des deux entités dans un contexte de crise mondiale.

La forme que prendra ce papier oscillera entre l'article et l'essai, une forme hybride à contre-courant de ce qui se fait actuellement dans le domaine scientifique. A mi-chemin entre l'acuité scientifique qui sera fort bien présente à travers des référents académiques avérés et une méthodologie clarifiée. Pour ce qui est de l'essai, une interprétation des faits qui dépassera pour certains cas la rigueur scientifique, dans le sens où nous ferons preuve d'une certaine subjectivité assumée dans la prise de position concernant certains sujets. Pour ce qui est de l'idée de départ, elle se fera en amont et en aval via l'intégration d'un cas pratique utile à notre analyse, plus précisément ce sera un site, un lieu, un territoire en l'occurrence celui de la wilaya de Tizi-Ouzou situé en plein massif montagneux du Djurdjura en Algérie. Le choix de ce terrain s'est opéré sur une base purement empirique du fait des outils méthodologiques mobilisés. En effet, l'observation participante due à notre localisation initiale sur le site en question, les différentes entrevues menées sur la base d'entretiens non directifs, ainsi que l'analyse de plusieurs documents incluant articles de presse et communiqués officiels, ouvrent ainsi la voie à une analyse purement qualitative à visée descriptive et analytique, le tout adossé à une approche épistémique inductive, où l'objet de la recherche apparaît en filigrane. La problématique de base qui a pour objectif de structurer ce travail est le questionnement sur les impacts de la gestion de la crise sanitaire du Coronavirus sur les rapports entre zones rurales et urbaines d'un pays en voie de développement et aux structures spatiales en constante mutation qu'est l'Algérie ?

### **Revitalisation territoriale et changement de paradigme**

---

Le retour aux sources, une expression qui dépasse son cadre habituel, est assimilé à juste titre à une augmentation du bien-être. Le cadre bucolique qu'offre

le milieu rural suggère instinctivement cette locution nominale aux connotations positives. D'un autre point de vue, on pourrait aisément aussi prétendre que cette déduction est purement le fruit d'un citadin en quête de rafraîchissement temporaire par le biais d'une habitation secondaire ou autre. Le va-et-vient continu entre un espace urbanisé porteur d'aménités et d'innovation et un espace rural synonyme de calme empreint à la nature et pourvoyeur de bien-être. La comptine est connue, la dualité est poussée à son comble de par la division spatiale du travail à coups d'avantages comparatifs ou concurrentiels. Un équilibre bien huilé entrepris depuis le premier prototype de modélisation spatiale par Von Thünen en 1826, ville marché et une périphérie pourvoyeuse de produits agricoles utile à la vie de la cité. Cette utilité vitale semble bien provenir de la campagne, quid des innovations techniques de la ville industrielle qui a joué depuis le 18ème siècle le rôle d'entité motrice en termes de production, maintenant ainsi les zones rurales dans un certain confort entretenu par des effets de propagation continus au gré des innovations. Une certaine complémentarité à première vue, où le rapport de domination spatiale semble plutôt se diriger en faveur de la ville au vu des chiffres, 80% de la richesse mondiale est produite en ville. L'analyse des mouvements des flux est plutôt orientée vers les centres urbains. L'arbitrage économique des forces de concentration sous l'influence des coûts de transport et des rendements croissants (Krugman, 1992) tend à une formation progressive des agglomérations.

Dans les pays en développement tels que l'Algérie, la même dynamique globalisante de l'hégémonie urbaine s'est imposée, avec des vagues de plus en plus croissantes d'exode rural. Faisant des villes « *the place to be* » pour toutes les activités porteuses de valeurs ajoutées.

Certains auteurs en économie territoriale ont utilisé le terme de tectonique des territoires pour symboliser les mouvements de ces derniers à travers des recompositions perpétuelles de configurations socio-spatiales. Le retournement spatial évoqué par Philippe Aydalot va dans ce sens, dans une logique de

reconversion des anciens centres économiques vers d'autres zones. Toutefois, l'immobilisme dû à la crise du Coronavirus dans le monde a handicapé en premier lieu les villes, milieu où l'exiguïté de l'espace ne laisse guère de place pour une forme de distanciation sociale. D'une façon plus large, la nécessité vitale a pris le pas sur la vie en société et notamment la vie urbaine.

### **Vie rurale vs vie urbaine en temps de crise**

---

Du confort offert par une desserte « optimale » des services publics au sein des villes, on entend instinctivement que la ville offre un environnement plus favorable au développement économique ainsi qu'à l'émancipation des Hommes. Dans un milieu montagnard, l'équation change dans l'intégration d'autres variables ascendantes comme le sont les courbes rocailleuses des cimes racontant la sécularité d'un peuplement au gré des invasions et des mutations de toutes sortes. La montagne du Djurdjura en Kabylie (Algérie) a toujours servi comme refuge au déterminisme scientifique et sociétal. Particularisme dantesque d'une œuvre pittoresque où se mêlent les extrêmes d'un refuge et d'une renaissance. Garde-fou d'une culture millénaire, qui aurait cru à la recrudescence du phénomène villageois en soi et aux flux inversés ? Nous avons observé que la plupart des ménages urbanisés interrogés<sup>1</sup> possèdent une attache au milieu rural, qu'elle soit matérielle (habitat secondaire ou propriété privée) ou immatérielle (lien de famille).

Il est vrai que l'interruption des activités professionnelles a joué un rôle dans cette prise de décision et qu'un retour permanemment est loin d'être envisageable, néanmoins cette parenthèse bucolique a démontré en quelque sorte une forme d'impératif au retour à l'état de nature chez les personnes interrogées, qui songent par ailleurs à des retours plus fréquents dans une perspective de retour à la normale.

Par ailleurs, en lisant entre les lignes, on s'aperçoit que le bien-être que représente la ville est sacrifié au profit de la vitalité et la sociabilité des milieux ruraux. Cette

distinction un peu simpliste au premier abord dénote un besoin vital chez l'être humain, qu'il soit consommateur ou producteur. Cet instinct de survie, pour grossir le trait, se rapproche d'un comportement grégaire, dans le sens où même en période de crise l'être ne peut vivre sans une communauté, sans division de tâches, sans chaleur humaine. En période « normale », l'évolution du système économique assure en quelque sorte un choix libre quant à la localisation des ménages. Toutefois, entre ruralité et urbanité sous le prisme d'un futur incertain, les modalités du choix semblent se rétrécir.

Concernant notre contexte spatial étudié et notamment la haute Kabylie, le discours tend vers cette formalité à partir du moment où cette région est réputée être d'essence rurale. En effet, une configuration spatiale se généralise de visu, où un conglomerat de villages haut perchés entoure de petits centres urbains tout au long du déploiement du massif montagneux du Djurdjura. Une forme inédite de vie en société où s'enchevêtre tradition et modernité, de grandes densités de peuplement dans des zones accidentées, des villes de montagne ressemblant à de gros bourgs pourvoyeurs de biens et services de première nécessité permettant une pérennité des peuplements sur place.

### **Ruralité à l'épreuve du fléau**

---

Avec la COVID-19, la ruralité en Haute-Kabylie fut mise à l'épreuve à l'instar des autres territoires ruraux du monde. En effet, le manque de services publics, surtout sanitaires, au sein des villages ainsi que la non-présence d'un pouvoir coercitif pour le maintien du confinement (comme on peut le voir au niveau des villes) a soulevé une problématique d'une réorganisation pour le moins forcée. Le confinement des populations, la gestion des cas de passagers clandestins et celui de l'approvisionnement furent les principaux écueils à cette organisation qui a pratiquement pris le même format dans tous les villages. Pour ce qui est du bilan, nous pouvons dire que c'est assez positif du fait que la propagation du virus a été plus ou moins endiguée durant cette période. Ainsi, la fermeture des villages via le filtrage des entrants et des sortants, ainsi que



la désinfection quotidienne ont permis un certain maintien de l'ordre. Les quêtes d'approvisionnement et le soutien de la diaspora ont permis de préserver le pouvoir d'achat des couches les plus défavorisées. La création de différentes commissions sanitaires ad hoc composées de volontaires et de bénévoles a joué en faveur de l'attractivité temporaire des villages dans la période de confinement. Néanmoins, nous pouvons aussi dire que cette organisation s'est essoufflée au fil du temps, un peu comme une recrudescence des habitudes ancrées au détriment des gestes barrières, un phénomène de relâchement teinté d'une incompréhension aux barrières d'un fléau aux limites temporelles méconnues mais aux effets spatiaux distingués.

### **De l'urbain au rural**

---

Nombreux ceux qui verront un cri d'alarme de la biosphère et de la ruralité comme garante d'un environnement sain en opposition à la pollution urbaine. Ceci indique explicitement l'apport vital des milieux ruraux souvent laissés à la marge de tous modèles de développement économique.

Mais de quelle façon procéder, est-ce que la meilleure manière serait de laisser ces milieux comme tels ? C'est-à-dire à leur état naturel garde-fou et représentant d'une nature sacrée de plus en plus menacée ? Ou au contraire, lancer des programmes d'aménagement et de revitalisation rurale (qui peuvent dans le meilleur des cas créer une ville par effet de mitage et de masse en pleine nature, comme c'est le cas pour les villes de montagne du Djurdjura) ? L'équation est difficile sur le futur des milieux ruraux dans un monde de plus en plus *métropolisé*.

Au final, le territoire des zones de montagne du Djurdjura offre à travers un espace exigu une multitude de formes spatiales présentant de multiples possibilités quant à l'activité humaine. L'arrière-pays villageois des villes de montagne se trouve à offrir un appui considérable à la vitalité de la ville ainsi que sa pérennité dans le temps. Ce modèle séculaire, offre en

temps d'incertitude un nouveau mode de gestion spatial en l'occurrence un territoire de crise. Bien entendu, ce type d'organisation requiert certains prérequis relatifs aux ressources spécifiques des territoires, ainsi qu'une analyse approfondie. Il n'en demeure pas moins que dans un imaginaire collectif, la créativité est permise au même titre qu'un protocole médical utile au vital.

### **Références**

---

Aydalot, P. (1985). *Économie régionale et urbaine*. Paris, France : Ed Economica.

Braudel, F. (1969). *Écrits sur l'histoire*. Paris, France : Flammarion.

Krugman, P. (1992). *Geography and Trade*, 2e éd. Cambridge, MA: MIT Press.

Thünen, J. H. von. (1826). *Der Isolierte Staat in Beziehung auf Landwirtschaft und Nationalökonomie*. Hamburg : Perthes; trad. anglaise *The Isolated State*, Oxford : Pergamon Press.

# Pandemia desde que Brasil é Brazil

**AUTOR:**

Thainá Soares Silva

**RESUMO EM PORTUGUÊS: PANDEMIA DESDE QUE BRASIL É BRAZIL**

Eu, enquanto moradora da periferia – extremo leste, Cidade Tiradentes -, não enxerguei possibilidades de viver uma quarentena. Morremos numa quarentena ou fora dela. Estamos preocupados em nos alimentar, antes de tudo, pois o Governo não nos fornece o necessário para que consigamos não muito, mas: existir. E muitos perdemos a sanidade mental neste caos do Corona Vírus. Suporte psicológico fornecido pelo Governo?! Nada chega aqui. Apenas o vírus e a doença permanente que a Elite tem em não nos permitir sequer direitos básicos. Não escrevi uma contação fantasiosa do isolamento, escrevi o que presencio diariamente.

**ENGLISH ABSTRACT: PANDEMIC SINCE BRASIL IS BRAZIL**

As a resident of the periphery – far east, Cidade Tiradentes [of São Paulo, Brazil] – I did not see the possibilities of living in quarantine. We die in quarantine or out of it. We are worried, first of all, about feeding ourselves because the Government does not provide what is necessary for us simply to do the basics: exist. And many of us had lost our mental sanity in this coronavirus chaos. Psychological support provided by the Government?! Nothing gets here. Only the virus and the permanent disease that the Elite has in not allowing us even fundamental rights. I did not write a fanciful account of isolation, I wrote what I witness on a daily basis.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: PANDEMIA DESDE QUE BRASIL ES BRAZIL**

Yo, como residente en la periferia -en el extremo oriental, Cidade Tiradentes [en São Paulo, Brasil] -, no veía posibilidades de vivir una cuarentena. Morimos en una cuarentena o fuera de ella. Nos preocupa alimentarnos, en primer lugar, porque el gobierno no nos proporciona lo necesario para poder no mucho, sino: existir. Y muchos perdemos la cordura mental en este caos del coronavirus. ¿Apoyo psicológico proporcionado por el Gobierno?! Nada llega aquí. Sólo el virus y la enfermedad permanente que tiene la Élite al no permitirnos ni siquiera los derechos básicos. No escribí un relato fantasioso sobre el aislamiento, sino lo que presencio a diario.

**TITRE FRANÇAIS: LA PANDÉMIE DEPUIS QUE LE BRASIL EST LE BRAZIL**

# Pandemia desde que Brasil é Brazil

O isolamento causou uma ruptura  
Espaço-tempo rasgado de forma drástica  
Ou se tinha espaço ou se tinha tempo  
Pobres ganharam os dois e de brinde  
O desemprego – a fome nunca se foi.

[Nos 45 do segundo tempo não vem gol,  
Vem goleada]

A vida tal qual um espetáculo  
Eu, mulher pobre e periférica, diretora  
Vivi a vida no extremo leste reformada  
Do pouco que nos restou: o nada.

Laranjas rolaram para fora das cortinas  
O público se recusou a ver  
Entre mortes assistidas e mortes vividas  
Vidas públicas sobre “apenas vidas”

[O senhor querido presidente,  
Que o diabo o tenha,  
Reduziu brasileiros a pó  
E o Brasil a cinzas]

Entre bicos e velas, salários merrecas  
Para ir hoje ou amanhã, no mínimo festas  
O sofrimento é acompanhado do riso  
Sempre morremos e nunca, nunca teve aviso.

Por quanto tempo existimos sem existir?  
Pensei, repensei...  
Favelado sequer deveria ainda estar aqui.

[E mais uma vez,  
Sobrevivência é  
A própria resistência]

A quarentena na periferia é mais elaborada  
Que filme de ficção científica.  
Pandemia na Cidade Tiradentes  
Veio junto com o bairro:  
Fomos largados. Somos largados.

Emoção poética aqui é só olhar para o lado.

**- Thainá Soares.**



# Portal

## ARTISTS:

Daniel Martinez  
(arrangement, samples,  
and guitars),

Chris Maric (Moog Synth,  
Wurlitzer, and electric  
piano)

## ENGLISH ABSTRACT: PORTAL

Portal is a collage of guitars, keyboards, and samples written at the peak of the confinement in Paris. It is an account of global confinement and the implication it has had for racialized and marginalised communities. It demands that we reflect on the post-COVID world we want to inhabit. It articulates some of these ideas through media/news samples (from the WHO, Macron, Maduro, Trudeau, George Floyd, and protest about exclusion and race, etc.) and Arundhati Roy's *The Pandemic is a Portal*.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: PORTAL

« Portal » est un collage de guitares, de claviers et d'échantillons. À travers lui, nous jetons un coup d'œil sur : la nature mondialisée du confinement en tant que stratégie pour affronter la pandémie, la manière dont la pandémie affecte de manière disproportionnée les communautés vulnérables et racisées, mais également le type de monde post-COVID où nous voulons vivre, au travers de « The Pandemic is a Portal » d'Arundhati Roy.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: PORTAL

“Portal” é uma colagem de guitarras, teclados, e samples. Através dele fornecemos instantâneos sobre a natureza globalizada do confinamento como estratégia para enfrentar a pandemia; sobre como a pandemia afeta desproporcionalmente as comunidades vulneráveis e racializadas; e, sobre o tipo de mundo pós-COVID que queremos habitar através do “The Pandemic is a Portal”, de Arundhati Roy.

## RESUMEN EN ESPAÑOL: PORTAL

“Portal” es un collage de guitarras, teclados y samples. A través de él, le echamos un vistazo a la naturaleza globalizada de la cuarentena como estrategia para afrontar la pandemia; a cómo la pandemia afecta desproporcionadamente a las comunidades vulnerables y racializadas; y al tipo de mundo post-COVID que queremos habitar a través de “The Pandemic is a Portal” de Arundhati Roy.





## Samples

---

Anonymous. (2020, March 13). Coronavirus: Quarantined Italians sing from balconies to lift spirits. Guardian News. Retrieved from <https://youtu.be/Q734VN0N7hw>

Anonymous. (2020, June 5). Pacientes reclusos por COVID-19 en Hospital Universitario de Maracaibo piden ayuda. El Pitazo. Retrieved from <https://youtu.be/M6lBwZ8koxU>

Floyd, G. (2020, May 27). "I can't breathe:" Death of unarmed black man George Floyd leads to firing of white police officers. The Telegraph. Retrieved from <https://youtu.be/lirHz93qJ50>

Ghebreyesus, T. A. (2020, January 30). WHO Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV). Press conference on the meeting of the IHR Emergency Committee on 2019-nCoV. World Health Organisation. Retrieved from <https://www.facebook.com/WHO/videos/2803414043030186/>

Klein, N. (2020, April 30) Naomi Klein on what happens next after the coronavirus crisis. Channel 4 News. Retrieved from <https://youtu.be/3ldbra2lP44>

Macron, E. (2020, March 16). Allocution d'Emmanuel Macron sur le coronavirus COVID-19 en France. FRANCE24. Retrieved from [https://youtu.be/u74fllA\\_bFM](https://youtu.be/u74fllA_bFM)

Maduro, N. (2020, March 17). Maduro ordena "cuarentena total" en Venezuela por coronavirus. CNN en Español. Retrieved from <https://youtu.be/YFs9lUi6OOA>

Roy, A. (2020, April 11). The Pandemic as portal. Haymarket Books. Retrieved from <https://youtu.be/7hgQFaeaeo0>

Traoré, A. (2020, June 30). Paris: Police use tear gas to disperse protest over killing of black Frenchman and George Floyd. The Telegraph. Retrieved from <https://youtu.be/Ps7RbmVMWzY>

Trudeau, J. (2020, March 26). COVID-19 update: Trudeau implements Quarantine Act. CBC News. Retrieved from <https://youtu.be/AnX5bRmepml>





# Capítulo 4

Cambiando nuestras maneras de expresar

Breaking our ways of expression

Réinventer nos modes d'expression

Rompendo nossas formas de expressão



# A letter to COVID-19

**AUTHOR:**

Yanru Zou

**ENGLISH ABSTRACT: A LETTER TO COVID-19**

This is an accounting lecturer's letter to COVID-19. In the letter the accounting lecturer reflects on the existence of coronavirus and its impacts on her life, of how she finds her voice and "dwellings" through creating art prints for COVID-19. The letter, in the form of a combination of text, art and photo, aims to record a time of disruption, as well as, a time of love and support in a more-than-human world.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: UMA CARTA PARA A COVID-19**

Esta é uma carta de uma professora de contabilidade para a COVID-19. Na carta a docente de contabilidade reflete sobre a existência do coronavírus e seus impactos em sua vida, de como ela encontra sua voz e "habitações" através da criação de estampas de arte para a COVID-19. A carta, sob a forma de uma combinação de texto, arte e foto, visa registrar um tempo de interrupção, bem como, um tempo de amor e apoio em um mundo mais que humano.



# A Letter to Covid-19



Ubiquitous Coronavirus  
among us in the earth

September 9, 2020

Dear Covid-19,

Thank you for coming to this world without advance notice. I didn't realise that you are with me for already half-a-year. Over the six months, I have developed a habit to wear a mask to stop you from touching me; yet I have never been so eager to touch a thing where possibly you can be: a fluffy wool yarn, a scented plywood, a sharp chisel or thorny roses. I desired to eliminate you, to run away from you; you seem to confine me, beset me, and stir me. Our "give-and-take" swings over the six months and murmurs a unique tune for the year 2020. I decide to play a note for you, and for me: the lightness as 80gsm awagami paper can still hold a weight of 4kg iron kettle bell<sup>1</sup>:

March 18, 2020:

*You made me panic. I took the last-minute train to Edinburgh to collect my Chinese passport. When the international flights were suspended, I was not sure of the date of return to home in China. I was alone sitting in the train cabin. Local shops around Haymarket appeared gloomy. I popped into an artist's shop and bought some cards. The shop artist kindly offered me some fresh carnations wrapped in red tissue paper, not in much words: kindness in a sterilizing time.*



---

<sup>1</sup> Refer to the diary account of September 4, 2020







March 27, 2020:

You locked people inside. I was curled up in a 25-square-meter self-contained student studio, barely meeting anyone. I wore the face covering walking in Kelvingrove Park and spotted a thrusting chestnut tree's leaf and said "Hello" to him: Oh, I just realised, "Spring has arrived"!



*March 30, 2020*



*March 31, 2020*



*April 2, 2020*





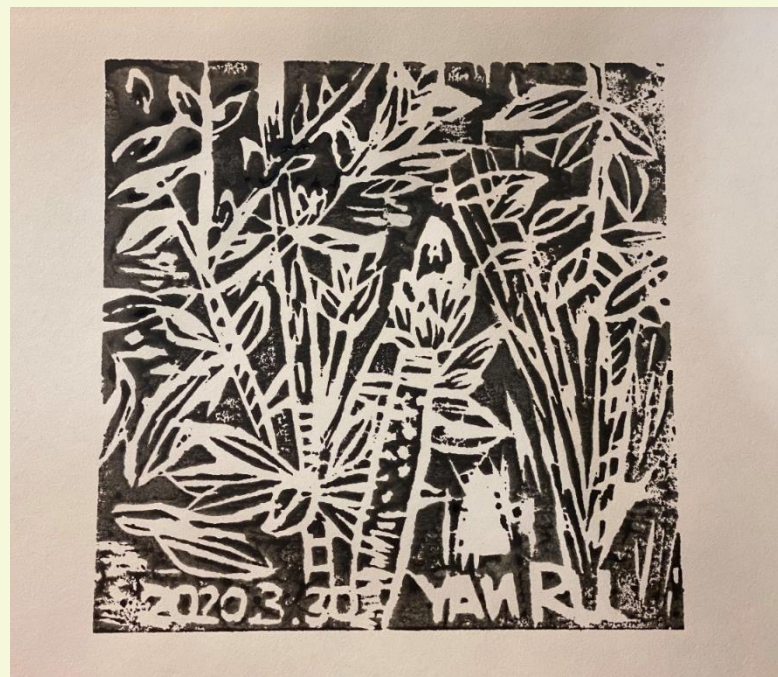
*April 8, 2020*



*On the evening of March 30th I found my chisels bought in Glasgow, and carved the sprouts in a 15×15 cm limewood board: the acrylic replaced the normal print ink, and my baking roller replaced the Bamboo Baren. My first print was delivered:*







*Then on April 1, 2020, came the second print, Heeland coo (Highland cattle):*

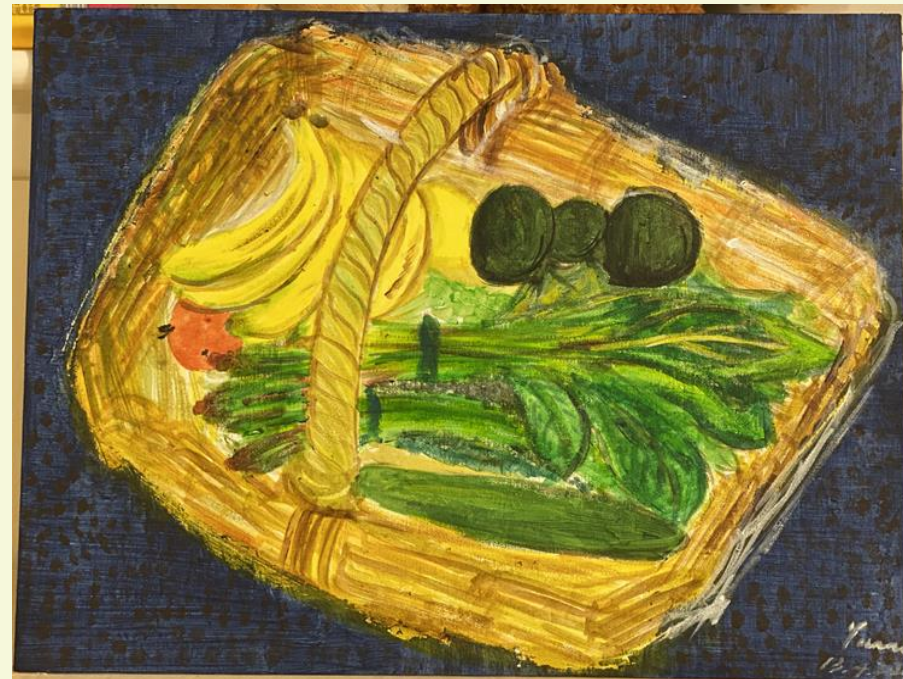


*Covid, when your affects are penetrating my life, I somehow recall my hobby of woodcutting at the age of 10. After I was transferred to a new primary school at 10, memories of my first school dimmed: Friends and teachers waved bye-bye; then new classmates arrived. The transition period was hardly mentioned to a child of 10, as if all seemed natural: I left my chisels behind.*

*April 13, 2020:*

*You made me angry today. I put aside the basket on top of the floor and stooped for some soap on the shelf in Tesco. An elderly lady kicked my basket away, grumbling “ignorant Chinese”.*

*Covid, it seems people were blaming, and segregating from one another after you came:*





May 25, 2020:

*Covid, my grandmama passed away on May 21 suddenly. In a "locked" remote place thousands of miles away from home, my parents told me by telephone. In a week or so, my grandpapa on my father's side left us too. I cried with my mama. All seemed unrealistic. January reunion with them is lingering in my mind. I said, "see you in the summer" now I know I cannot see them in future summers. My family restlessly dealt with their funerals and posthumous affairs on the far eastern side. Mobile texts popped in with people's condolences for my sad news in silence on my western side. A close friend in Glasgow called me:*

*"What was her name?"*

*"Oh... She is called Xi-Ying." I replied.*

*In a Chinese family, children are not comfortable at calling senior people by name. Gradually grandmother's name seems faded. The moment I answered "Xi-Ying", I thought grandmother's parents must have hoped she would look as beautiful as flowers. "Xi-Ying" in Chinese characters (like flowers) relates to Spring blossom.*

*Rhododendron in Glasgow is in blossom now. I think my grandmother would like it:*







*My mum informed me, two phoenix trees in front of our house bear flowers this May:*



June 4, 2020:

*Covid, during your stay, Scotland is reported to have record-breaking sunny days<sup>2</sup>. I have had a chance to go out more during the daytime, and have felt present for flower blossoms in Glasgow: primrose yellow daffodils in March, light pink cherry trees in April, dancing bluebells in early May, colourful rhododendrons in late May, pricked thistles in mid-June, hydrangea capsules in July, then showy buddleias to welcome butterfly's flutter-by:*



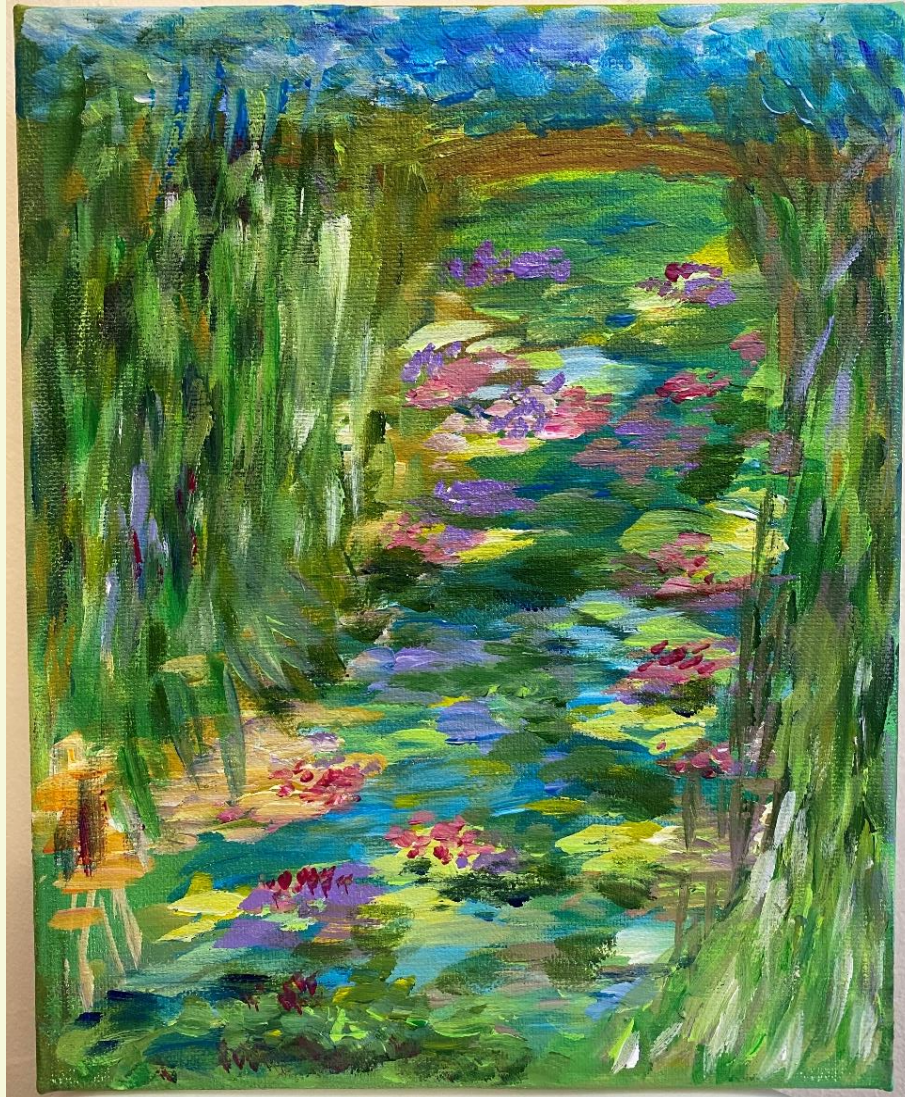
Bluebell (May 2, 2020)

---

<sup>2</sup> <https://www.metoffice.gov.uk/about-us/press-office/news/weather-and-climate/2020/2020-april-stats>







*Kelvingrove Park (June 4, 2020)*







*Sunflower & Rabbit (May 8, 2020)*

August 8, 2020:

Flowers have their unique temperaments. Covid, I just believe you have your posture too. Although I cannot see you, you are in the air somewhere close to me. When you impose certain constraints on me, my heart beats more strongly: you have made me sensitive for the gravitation of life, about being still and rooted in the ground<sup>3</sup>. This is what I have learned from my little green plant. It grows hugely during these months. I bought a new Japanese wood chisel, on which it is crafted, “a calm and a normal attitude”:



---

<sup>3</sup> Han, B. C. (2017). *The scent of time: A philosophical essay on the art of lingering*. John Wiley & Sons.

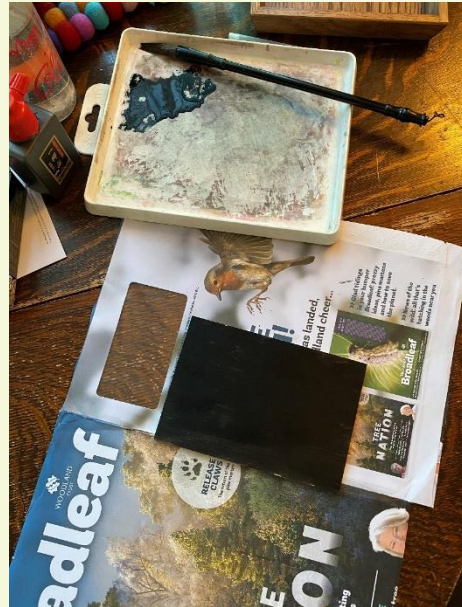




September 4, 2020:

*I feel healed by watching light clear lines revealing themselves out of the dark black entirety. In creating relief prints, I gradually found a sense of embracing the negativity. My friend commented, “your lines are now sharper!”:*

1. Cover:



2. Cut:



3. Press:

*4kg Kettlebell to press the print onto the 80gsm awagami cotton paper*





4. Print:



Covid, you are leaving me one day. I am not sure of your departure date.  
Although you have caused huge disruptions to human being's lives, I try my  
best to think of you as a blessing not as a curse: You made the invisible visible.

During your time with me, touch becomes even more tender than ever.

Best wishes,  
Yanru  
In Glasgow



# Época de transiciones

## AUTORES:

Camilo Fabian Rojas  
Zapata,  
Jorge Fernández Barrera

## RESUMEN EN ESPAÑOL: ÉPOCA DE TRANSICIONES

La idea de este proyecto musical nace con la necesidad de documentar la realidad que se vive frente a la pandemia de diferentes sectores de la ciudad de Bogotá y darles visibilidad a través de productos sonoros. El objetivo final de este proyecto es producir un álbum musical en donde cada canción muestre la realidad de un sector. Para ello se realizan entrevistas a diferentes personas y a través del análisis del discurso se determinan las palabras claves a través de las cuales se produce la letra de la canción.

En esta primera canción se trabaja con los habitantes del barrio Suba Rincón quienes a través de sus palabras y voces nos permiten conocer un poco de la situación que ellos viven y las situaciones que ha desencadenado la pandemia generada por el COVID-19.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: TEMPO DE TRANSIÇÕES

A ideia deste projeto musical nasceu com a necessidade de documentar a realidade que existe em face da pandemia em diferentes setores da cidade de Bogotá e dar-lhes visibilidade através de produtos sonoros. O objetivo final deste projeto é produzir um álbum musical onde cada música mostre a realidade de um setor. Para isso, são realizadas entrevistas com diferentes pessoas e através da análise do discurso são determinadas as palavras-chave através das quais as letras são produzidas da música.

Nesta primeira música, trabalhamos com os moradores do bairro Suba Rincón com os quais, por meio de suas palavras e vozes, nos permitem conhecer um pouco da situação em que vivem e das situações que desencadearam a pandemia gerada pela COVID-19.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: LE TEMPS DES TRANSITIONS

L'idée de ce projet musical est née avec la nécessité de documenter la réalité qui existe face à la pandémie dans différents secteurs de la ville de Bogotá et de leur donner une visibilité à travers des produits sonores. L'objectif final de ce projet est de produire un album musical où chaque chanson montre la réalité d'un secteur. Pour cela, des entretiens sont réalisés avec des personnes différentes et à travers l'analyse du discours les mots clés sont déterminés à travers lesquels les paroles de la chanson sont produites.

Dans cette première chanson, nous travaillons avec les habitants du quartier Suba Rincón avec qui, à travers leurs paroles et leurs voix, nous pouvons connaître un peu la situation qu'ils vivent et les situations liées à la pandémie générée par la COVID-19.

## ENGLISH ABSTRACT: TIME OF TRANSITIONS

The idea of this musical project was born with the need to document the reality that exists in the face of the pandemic in different sectors of the city of Bogotá and give them visibility through sound products. The final objective of this project is to produce a musical album where each song shows the reality of a sector. For this, interviews are carried out with different people and through the analysis of the discourse, the key words are determined through which the lyrics of the song are produced.

In this first song, we work with the inhabitants of the Suba Rincón neighborhood with whom, through their words and voices, they allow us to know a little about the situation they live and the situations that have triggered the pandemic generated by COVID-19.



# Época de transiciones

## Letra:

---

El hombre ya no se asombra frente a la sombra del  
hambre  
Pues ver hambre entre los hombres ahora es nombrada  
costumbre  
Se ven sombras en las cuadras  
Ángeles en muchedumbre  
Esclavos de su adicción dependientes de su lumbre  
En el cielo que alumbre  
Un día nuevo sin la incertidumbre  
Si pagarle al banco o comprar las legumbres  
Época de transiciones  
Drogas, virus y ambiciones  
La policía y sus drones  
Casas de latón y techos de cartones  
Políticos y mansiones  
La sociedad en causa a la espera de soluciones  
Yo encerrado en mi caverna disque haciendo  
grabaciones  
Hablándole a Dios interpretando sus acciones  
Y el vecino leyendo a Nostradamus y sus visiones  
Quizás la pacha quiere darle cacha  
Con su millonaria concesión la cacha y va a buscar el  
equilibrio  
En su hoguera va a desbaratar su racha  
Y todo quedara en el pulpito  
Como un buen libro  
Mi vecina me habla del virus y que están muriendo  
¿No viste las noticias? Se está expandiendo  
Personas de la cuadra creen que aquí no hay riesgo  
Y salen sin tapaboca, dicen  
Te están mintiendo  
Le pregunto a mi primo que piensa de todo esto  
Uy no sé, chévere, no voy al colegio  
La abuela disfrutando de sus nietos y sus gestos  
Y yo pensando cómo conseguir dinero  
(Este mundo, en este mundo, en este mundo)

(Como conseguir dinero)  
(I love u mama)  
¿Pero qué piensas de eso?  
(2020)  
Que es una enfermedad  
(2020)  
¿Pero una enfermedad de qué?  
Una gripa, que si uno no se cuida pues paila





# How the COVID-19 pandemic made me into a researcher-activist for the arts

**AUTHOR:**

Laurence D. Dubuc

**ENGLISH ABSTRACT: HOW THE COVID-19 PANDEMIC MADE ME INTO A RESEARCHER-ACTIVIST FOR THE ARTS**

How did the COVID-19 pandemic transform our role as researchers and scholars? How can we as academics choose to engage with one of the most important social, political, and economic crises of the 21st century? This essay offers a personal account of how the pandemic brought me to seek to anchor my work within society through a three-stage process in the course of which I transformed into a researcher-activist for the arts. By developing a more politically engaged approach to my own academic labour, I also discovered new ways of being in the world.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LA PANDÉMIE DE COVID-19 M'A AMENÉE À DEVENIR UNE CHERCHEURE-ACTIVISTE POUR LES ARTS**

Comment la pandémie de COVID-19 participe-t-elle à transformer le rôle des chercheur.e.s scientifiques ? Comment peut-on choisir d'étudier et de participer aux réflexions qui entourent l'une des plus importantes crises sociales, politiques et économiques du 21<sup>e</sup> siècle ? Cet essai aborde la manière dont la pandémie m'a amenée à ancrer davantage mon travail scientifique dans la société civile. J'y décrit comment, à partir d'un processus s'étant déroulé en trois grandes étapes non-successives, mon rôle de chercheure s'est graduellement transformé en celui de chercheure-activiste pour les arts. Le fait de développer un rapport à mon travail académique qui soit davantage politiquement engagé m'a ainsi amenée à découvrir de nouvelles manières d'être dans le monde.



# How the COVID-19 pandemic made me into a researcher-activist for the arts

Let me start this essay by disclosing that I have no experience producing work that draws on my personal experiences. My willingness to participate in this Creative Commons project was mostly due to my recent incursion into Sara Ahmed's work (2017). Indeed, it brought me to discover new ontological and epistemological perspectives in which, to cite Ahmed's own words, I find myself (more) at home. Reading Ahmed's work, I learned to value the fact that "the personal is theoretical" (2017, p. 10), that our experiences of the world shape our understanding of it, the type of research we do, and more importantly that these should not be ignored in the name of a supposedly objective science. Her work literally rocked my world. It made me understand why I so often felt uncomfortable taking part in academia as an institution. While there are obviously many reasons underlying this feeling, starting with the fact that academia (re)produces many forms of oppressions I too often benefited from, it is not solely related to the position I occupy within that system as a white heterosexual female scholar. It is also rooted in the level of disengagement I encounter every day in my department when it comes to questioning institutional violence and oppression (re)produced, for instance, through the educational curriculum we offer, the type of academic activities we host, the ways we conduct the vast majority of our research, etc. Never have I witnessed any desire nor commitment to address how we, as academics individually and as a department collectively, contribute to knowledge domination dynamics.

I have always been interested in critical and feminist theories, but these were under-used in my field of study. It became obvious that in relation to these particular writers and their work, I would have to take on the responsibility of building this knowledge base myself.

I turned to some of my Black and/or queer friends<sup>1</sup> to guide me towards key readings. I am forever grateful for the time and labour they invested in my education. I signed up for an interuniversity working group on intersectionality and critical race theory, and I put additional efforts aimed at developing professional networks comprised of feminist scholars<sup>2</sup> who I hoped would eventually become my academic mentors. As I dove into these enlightening literatures, I realized that critical theories and methodologies had an impact that went beyond making research design choices. Over the course of the summer I had been reading different works – by Bourdieu (1993), notably - which highlighted how scholars, in contemporary academia, are increasingly driven to act as apolitical experts completely removed from civil society. These readings shed a new light on how I wanted to anchor my work and my role as a researcher within society.

I am proud of the way that the COVID-19 pandemic has significantly shifted my identity as a researcher-activist for the arts. This process reconciled me with academia by showing me that I can produce and disseminate my research differently than how I was formally taught in my field of study. I could embed my work in the course of a more politically engaged approach to academic labour. I am hoping this essay will inspire scholars who are not trained in critical theory and collaborative methodologies to explore what their research could gain from getting acquainted with it. I also hope to see more community-based research in every field of study, as creating sustainable partnerships between scholars and members of the civil society can only result in fostering more democratic, horizontal and inclusive ways of

<sup>1</sup> I would like to thank Alexis Poirier-Saumure, Eve Tagny, Chloé Savoie-Bernard and Phela Townsend for their advice, guidance, and for the many important conversations we had together.

<sup>2</sup> I would like to thank, in particular, Dr. Amanda Coles (Deakin University) and Dr. Miranda Campbell (Ryerson University).



producing and disseminating knowledge.

Before getting into it, let me start by saying a few words about myself. I am an industrial relations scholar specialized in artistic labour working from a policy perspective. For me art is political, and I have always felt like a political person. In the course of my PhD, I gradually got involved in the civil society through different volunteering activities and projects in the arts and in academia. Not only was I fueled by a desire to contribute to society, but I also wanted to develop a hybrid profile as a researcher, both academic and professional. This required getting more “hands-on knowledge” about the realities I was studying. At the time, I considered these activities as being mutually exclusive. The pandemic completely changed that. It made me into a researcher-activist, a process which I believe has been unfolding over the course of three main stages.

### **Stage One: Experimenting with alternative channels of data dissemination**

---

It started out in November of 2019 when I was in the midst of collecting my PhD data. Listening to artists speak about their lives, I was struck by how the art world brought them to perform success in ways which often alienated them from developing genuine and empowering relationships with other artists and from building long-term projects and overall solidarity. I was fascinated by their personal stories and wanted to show them that they were dealing with similar challenges, fears and anxieties about the world, that they were not alone facing precarity. I started asking my participants if they would consent to having some anonymous quotes intentionally selected from their interviews published on my Instagram account. This was met, as were all my experiences working with artists, with the utmost generosity and support. I would post statements about their constant hustle for money, the Canadian public funding system for the arts, the burnout culture within the art world, the whiteness of artistic communities and audiences and other forms of discrimination against racialized artists, the different strategies artists adopted

to fight precarity, their views on unionism and their representative associations, etc.

Artists and friends started sharing my posts, which helped me expand my network and spread the word about working conditions in the Montreal’s visual art world. This personal project brought me attention and, eventually, a platform to further engage with artistic communities about labour issues, their rights at work, etc. Over the course of the summer an artist friend gave me the opportunity to start doing community radio, where I tried my best to communicate relevant information to artists about their rights at work and the resources available to them to access better working conditions. I met with incredible persons who gave me their time, energies, advice, support, to help me put together new projects. I realized that I was myself integrating these artistic communities as a full on (though unusual) member. It provided new angles to the content of my research, but it also shaped how I wanted to act and be in the world as a scholar and a person. I became more and more drawn to horizontal and collaborative ways of working, new methodologies I now always carry with me. This process estranged me as much as it allowed me to position myself in a very distinctive way within academia. I am ever so thankful for artists and for these experiences in which I found new ways of being. By stepping outside of a distant, supposedly “neutral” role as a researcher to become a community member, I accessed privileged stories which were essential to my understanding of the art world and its inherent power dynamics. I got to learn and eventually participate to community-based strategies to fight against inequality, racism and anti-Black racism, for instance. In the course of this first stage of transformation, I developed more personal and significative relationships with artists and arts workers. This emotional proximity with artists informed the second stage of my transformation into a researcher-activist, during which I consciously brought my work into the public sphere.

## **Stage Two: Going public**

---

When the pandemic hit the world in March of 2020, it had devastating effects on artists around me. They lost their arts gigs and sometimes secondary jobs and they were not, for the vast majority of them, eligible to employment insurance. When we went on lock down, artists and arts workers were going through a very stressful period of their lives, while at the same time the most privileged of us were counting on cultural works to try to enjoy the lock down as much as possible. It did not feel right. In April, a colleague suggested I should use my expertise as a scholar specialized in artistic labour to publicly address the need to rethink our Canadian national protection system. Indeed, under its current form, it was failing miserably at protecting artists and other types of self-employed workers. I thought that maybe the conditions were finally right to start a public conversation. I invested myself into writing two articles, one in French (Dubuc, 2020b) and one in English (Dubuc, 2020a), to advocate for policy reform in Quebec and in Canada. I had the chance to see them both published on the same day at the end of April of 2020. It was the first time I had op-eds published and it felt like it was an important moment of my career. I was sending a political message into the world, a message informed by years of academic work and social implication in the art world.

During that same period, I started using social media to further engage with artistic communities, to exchange ideas and to get to know their opinions about what was going on in the art world. At that point of the summer we were all waiting upon the Ministry of Culture and Communications of Quebec to reveal its economic revival plan for the arts and culture sector. When it finally came out, it was with a lot of disappointment (but very little surprise) that we noted the plan did not mention visual artists or the visual arts sub-sector in general. The plan disproportionately advantaged promoters and producers over individual artists, who had to apply to new funding programs with no guarantee that they would access any form of financial support. Even if it was the case, artists would have to wait several months

before accessing these funds. There was no emergency fund provided to help them go through the crisis. It was outrageous. I posted about it on social media and received a lot of feedback and reactions from artists themselves. Some of them asked me if I would consider, in line with my recent articles, writing an open letter to address the situation publicly. This launched the third and final phase of my transformation into a researcher-activist, one in the course of which I undertook direct political action.

## **Stage Three: Organizing artists and arts workers**

---

When I was asked to initiate an organized response to the revival plan, it was obvious to me that it needed to be of a collective nature. This was even more important in the context where the visual art world is known for its high degree of individualization and relative lack of cohesion. I started to draft a plan but wanted to ensure that the content would be shaped and utilized by the people the revival plan concerned directly. I reached out to a group of artists friends while being careful to include a variety of voices and experiences. I had learned enough about the symbolic violence and intentional exclusionary processes at play in the art world to know I had a duty to actively fight against it.

We were also supported by the representative associations of the milieu. Some of them circulated the letter in their networks, others pointed out how we could improve on the letter's content and tone. Our initiative ended up bringing together the voices of over 450 artists, arts workers, curators, arts administrators, etc. It was not a perfect process and we were on several occasions rightly criticized for some of the decisions we made. We learned a lot from these mistakes and were grateful for the people who engaged with us to point them out. Through both positive and negative feedback, it was moving to witness a level of engagement which had never been seen before in the course of a similar initiative.

Very shortly after we had sent the letter to the Ministry, I received an email inviting me to participate in a

national campaign advocating for basic income for the arts. The artist-researcher-activist who reached out to me had come to know about me and my work by reading one of the op-eds I had published in April. He was in charge of organizing the Canadian arts and culture sector and needed a francophone person who supported basic income to help him with the campaign in Quebec. Together, along with community and arts organizations, we reached out to important actors of the art world to raise awareness about the campaign and to mobilize them. In the course of this ongoing project, I met with inspiring people who share my dedication to the improvement of working and living conditions for artists and arts workers. Participating in raising awareness about what basic income is and what it would mean to precarious populations feels like an important success. Never before have we talked that much about basic income in the media, amongst friends and family members, etc. The pandemic has shown us what slowing down would mean for our personal and collective wellbeing, if only we were given the basic conditions necessary to do so.

The year 2020 feels like a very strange time to be alive. The pandemic has exacerbated some very real inequalities rooted in gendered, racist, ableist and/or classist dynamics. This, in addition to countless ecological disasters, the rise of the political right across the globe, civil wars and forced exiles often met with xenophobia, etc. Amidst these scary times, how can we give meaning to our roles as scholars? Obviously, I can only speak for myself and it is not my intention to judge other scholarly paths. I might not have realized it when my transformation into a researcher-activist began, but the pandemic has made me embrace it to the fullest.

I remember an artist telling me during an interview that he felt guilty spending his time working on his art when he felt he should be on the streets fighting capitalism. When I asked him where he thought that feeling came from, he answered: “well, I mean...What the fuck else are we supposed to do with our lives”?

This is precisely how I feel about my research.

## References

---

Ahmed, S. (2017). *Living a Feminist Life*. Duke University Press. <https://www.dukeupress.edu/living-a-feminist-life>

Bourdieu, P. (1993). *Contre-feux*. Raisons d’agir.

Dubuc, L. (2020a, April 27). Artists are Screwed in the COVID-19 Era: What implications for labour policies? *Canadian Law of Work Forum*. <https://lawofwork.ca/artists-are-screwed-in-the-COVID-19-era-what-implications-for-labour-policies/>

Dubuc, L. (2020b, April 27). Pour la valorisation du travail des artistes. *Le Devoir*. <https://www.ledevoir.com/opinion/idees/577750/pour-la-valorisation-du-travail-des-artistes>





**Distanciamiento social y distanciamiento de la  
cotidianidad**

Presentado por: Camilo Fabian Rojas Zapata  
Crédito: Camilo Fabian Rojas Zapata



# Un nuevo mundo

## AUTORES:

Camilo Fabian Rojas  
Zapata,  
Matías Rojas Rodríguez

## RESUMEN EN ESPAÑOL: UN NUEVO MUNDO

La propuesta surge de la idea de construir un proyecto colectivo a partir del punto de vista de un niño de 6 años frente al coronavirus, a partir de esta, 11 diseñadores asumen el reto de ilustrar una viñeta cada uno, las cuales son dispuestas al lado de las ilustraciones realizadas por Matías durante el mismo periodo de tiempo, con el fin de realizar un ejercicio de paralelismo gráfico y a través del cual buscamos que el lector pueda ver las similitudes y diferencias en los signos visuales utilizados en estas.

## ENGLISH ABSTRACT: A NEW WORLD

The proposal arises from the idea of building a collective project from the point of view of a 6-year-old child about the coronavirus, from this, 11 designers take on the challenge of illustrating a vignette each, which are arranged alongside of the illustrations made by Matías during the same period of time, in order to carry out an exercise in graphic parallelism and through which we seek that the reader can see the similarities and differences in the visual signs used in them.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: UN NOUVEAU MONDE

La proposition naît de l'idée de construire un projet collectif du point de vue d'un enfant de 6 ans contre le coronavirus. À partir de là, 11 créateurs relèvent le défi d'illustrer une vignette chacun, qui sont disposées à côté des illustrations réalisées par Matías au cours de la même période, afin de réaliser un exercice de parallélisme graphique et à travers lequel nous cherchons à ce que le lecteur puisse voir les similitudes et les différences entre les signes visuels qui y sont utilisés.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: UM NOVO MUNDO

A proposta surge da ideia de construir um projeto coletivo do ponto de vista de uma criança de 6 anos contra o coronavírus, a partir disso, 11 designers assumem o desafio de ilustrar uma vinheta cada, que são dispostas ao lado de as ilustrações feitas por Matías no mesmo período de tempo, a fim de realizar um exercício de paralelismo gráfico e através do qual buscamos que o leitor possa ver as semelhanças e diferenças nos signos visuais nelas utilizados.



# UN NUEVO MUNDO



**PEDRO ANTONIO VIDAL GONZALEZ**

Ilustración digital

Behance: **pedroguroo**

pedroguroo@gmail.com



### **Estimado lector.**

Nos complace presentarte la siguiente historieta ilustrada desarrollada durante el período de cuarentena 2020, la cual desarrollamos con base en una historia escrita por Matías Rojas de 6 años en la que nos cuenta cuál es su punto de vista frente al COVID-19.

A partir de esta, 11 diseñadores asumen el reto de ilustrar una viñeta cada uno, las cuales son dispuestas al lado de las ilustraciones realizadas por Matías durante el mismo periodo de tiempo, con el fin de realizar un ejercicio de paralelismo gráfico y a través del cual buscamos que tú como lector, puedas ver las similitudes y diferencias en los signos visuales utilizados en estas.

Espero que disfrutes de esta publicación tanto como la disfrutamos todos nosotros creándola.

Agradecimiento especial a Matías Rojas Rodríguez por su disposición y creatividad ya que sin su labor este trabajo no hubiera sido posible, e igualmente extendemos el agradecimiento a sus padres Mireya Rodríguez y Fabián Leandro Rojas por permitirnos trabajar con su hijo y el apoyo que nos brindaron.

**Camilo Fabian Rojas Zapata**

**¡Escanea los códigos QR para expandir la experiencia!**

## DIRECCIÓN Y PRODUCCIÓN

CAMILO FABIAN ROJAS ZAPATA

*Profesor Fundación Universitaria Los Libertadores*

## ESCRITOR E ILUSTRADOR

MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ

*Niño de 6 años*

## ILUSTRADORES EN ORDEN DE APARICIÓN

PEDRO ANTONIO VIDAL GONZALEZ

*Estudiante de diseño gráfico Fundación Universitaria Los Libertadores*

CRISTIAN DAVID RODRÍGUEZ BELTRÁN

*Diseñador gráfico - invitado especial*

ANDRES VARGAS BARRIOS

*Diseñador gráfico egresado Fundación Universitaria Los Libertadores*

MARIA CAMILA LOZANO PEREZ

*Estudiante de diseño gráfico Fundación Universitaria Los Libertadores*

RAFAEL DAVID CALIXTO GALVAN

*Estudiante de diseño gráfico Fundación Universitaria Los Libertadores*

STEPHANIA MURCIA PEREZ

*Estudiante de diseño gráfico Fundación Universitaria Los Libertadores*

LINA MARÍA ROMERO CABRA

*Diseñadora gráfica egresada Fundación Universitaria Los Libertadores*

JULIAN ERNESTO RATIVA GALLEGO

*Diseñador gráfico egresado Fundación Universitaria Los Libertadores*

ANNIE JULIETH SOGAMOSO

*Estudiante de diseño gráfico Fundación Universitaria Los Libertadores*

BRANDON STEVEN LARA ESPITIA

*Diseñador gráfico egresado Fundación Universitaria Los Libertadores*

KAREN JOHANNA LOPEZ MORENO

*Diseñadora gráfica egresada Fundación Universitaria Los Libertadores*

Historieta ilustrada con paralelismo gráfico

¡Hola! Mi nombre es **Matias Rojas** de 6 años.



Hoy les voy a  
mostrarles  
mí que es

**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga







voy a contar para  
s el coronavirus.



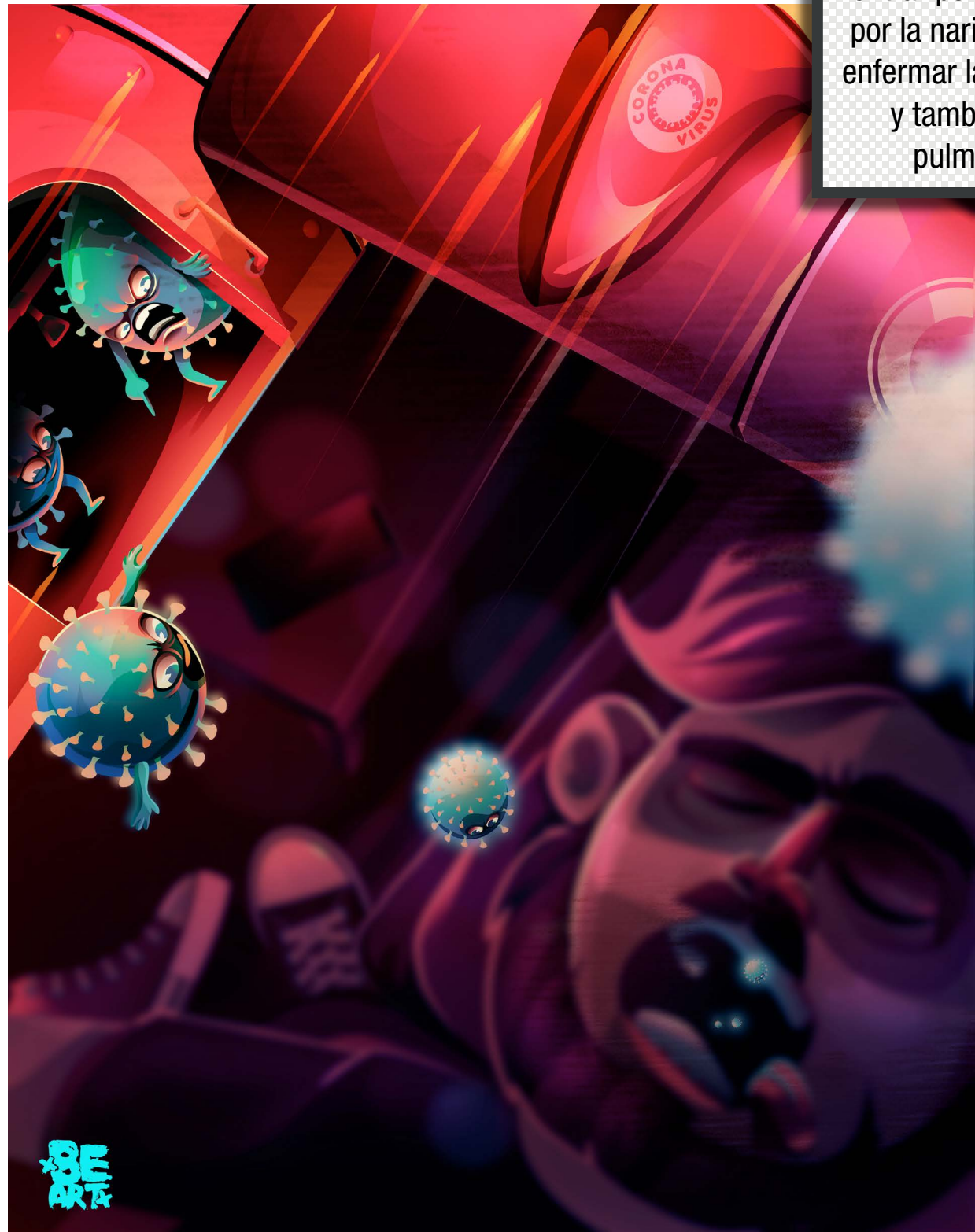
**CRISTIAN DAVID RODRÍGUEZ BELTRÁN**

Ilustración análoga  
Deviantart: **cdavidrdg**  
cdavidrdg@gmail.com

Colectivo de diseñadores gráficos / Fundación Universitaria Los Libertadores



Historieta ilustrada con paralelismo gráfico



Es como un  
**chiquito**  
entrar por  
por la nariz  
enfermar la  
y tamb  
pulm

**ANDRES VARGAS BARRIOS**

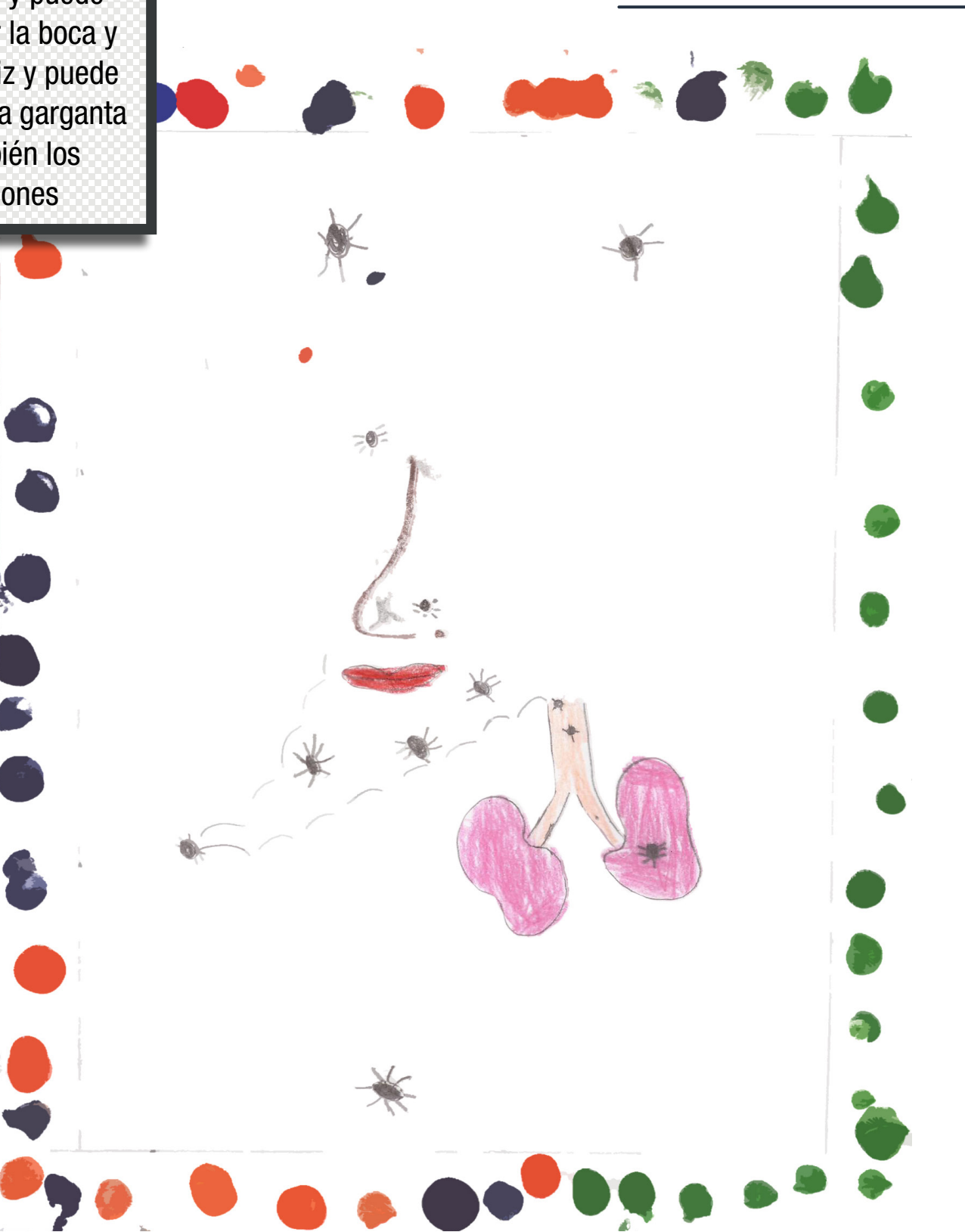
Ilustración vectorial

Behance: **xBEARTx**

beartxilustracion@gmail.com



un piojito  
y puede  
la boca y  
z y puede  
a garganta  
ién los  
ones



Colectivo de diseñadores gráficos / Fundación Universitaria Los Libertadores

**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga





Historieta ilustrada con paralelismo gráfico



**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga





si tienes gripa  
alejarte.



**MARIA CAMILA LOZANO PEREZ**

Ilustración digital

Instagram: **kmiii\_lozano**

mclozano16@gmail.com

Historieta ilustrada con paralelismo gráfico

En un **lindo país llamado China**  
entraba por la nariz y la boca de l



**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga





a, encontraron un raro virus que  
as personas, nadie sabía que era



**RAFAEL DAVID CALIXTO GALVAN**

Pintura digital

Artstation: **Rafael D Calixto**  
rdcalixtog@libertadores.edu.co

Historieta ilustrada con paralelismo gráfico

Científicos lo llamaron  
coronavirus.



**STEPHANIA MURCIA PEREZ**

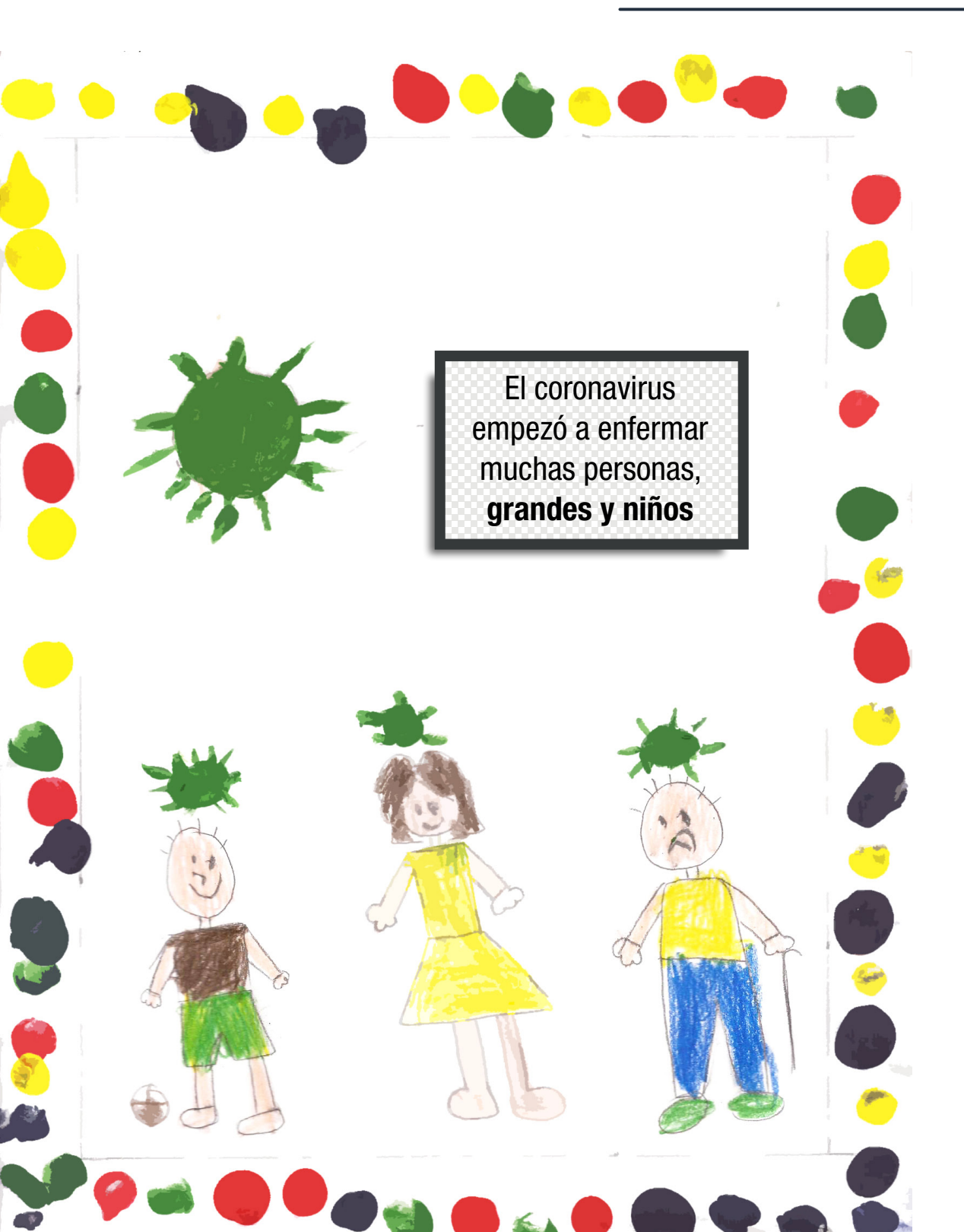
Pintura digital

Behance: **stephaniamurcia**

smurciap@libertadores.edu.co







**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga





Historieta ilustrada con paralelismo gráfico



**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga





**LINA MARÍA ROMERO CABRA**

Ilustración digital

Instagram: **lina.m.romero**

linamromero.lr@gmail.com



Una persona trajo el virus a mi país...



**JULIAN ERNESTO RATIVA GALLEGO**

Ilustración digital

Instagram: **zeratrece.julianrativa**

jergwriter@gmail.com







...y las personas se están **enfermando**

**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga



Historieta ilustrada con paralelismo gráfico



**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga







y Dios se las va a dar  
y nadie más morirá.

Colectivo de diseñadores gráficos / Fundación Universitaria Los Libertadores



**ANNIE JULIETH SOGAMOSO**

Análoga - Digital

Behance: **annie\_arias**

[ajsogamosoa@libertadores.edu.co](mailto:ajsogamosoa@libertadores.edu.co)



Historieta ilustrada con paralelismo gráfico



Lo mejor es e  
**lavarnos las m**  
cirujanos, salud  
**tener fe que esto**

Dios da un n

**MATÍAS ROJAS RODRÍGUEZ**  
Ilustración análoga



star en casa,  
anos como los  
ar con el codo y  
o será un milagro.



uevo mundo.



**BRANDON STEVEN LARA ESPITIA**

Ilustración digital  
Instagram: **oibrandon\_**  
breslares@gmail.com

Colectivo de diseñadores gráficos / Fundación Universitaria Los Libertadores





**KAREN JOHANNA LOPEZ MORENO**

Análoga - Pintura digital  
Instagram: **rockotattoo**  
dg.karenlopez@gmail.com



An abstract, vibrant artwork featuring bold black outlines and a variety of colors including yellow, green, blue, red, and pink. A white, stylized figure is visible in the center, possibly representing a person or a mask. The overall style is reminiscent of modern graphic design or pop art.

# Chapitre 5

Breaking into a new normal

Expérimenter avec de nouvelles normalités

Irrompendo em um novo normal

Hacia una nueva normalidad

# Coronavirus pandemic: Personal account from New Jersey, U.S.

---

**AUTHOR:**

Adebisi Adedokun

---

**ENGLISH ABSTRACT: CORONAVIRUS PANDEMIC: PERSONAL ACCOUNT FROM NEW JERSEY, U.S.**

This article provides my personal account of the coronavirus (COVID-19) as witnessed during the early stage of the pandemic in the Northeast of the U.S. when New York and New Jersey were the two hotspots of the transmission and death toll. The account details the progression of the transmission and how it impacted my family and me.



# Coronavirus pandemic: Personal account from New Jersey, U.S.

Early stories of the Coronavirus started emerging in the United States in late December 2019 and early January 2020. In late January, I was planning a trip to Glasgow to attend an academic event at the University of Glasgow, where I am a PhD part-time student. At that time, the seriousness of the coronavirus had yet to hit home because the news centered around the virus infecting people in Wuhan, China. On Saturday, February 1, I boarded a plane to Glasgow via Dublin. At the Newark International Airport, New Jersey, it was business as usual. There was no indication that the virus was of any concern to the authorities or passengers. When I arrived at Dublin early in the morning of Sunday, February 2, the situation at the airport was very calm given the hour of the day – it was around 5:30 AM local time. I had about a five-hour layover in Dublin and finally arrived at Glasgow at about 2:00 PM local time. I was scheduled to spend eight days in Glasgow, leave on Sunday February 9, and get to the US the evening of the same day.

Unfortunately, due to a massive storm that swept across the UK on that Sunday, my flight was cancelled until the following morning. I finally left on Monday, February 10.

While in Glasgow, there was little news about the virus and most of the coverage was focused on the impending storm. I attended all the events I had scheduled without any concern about the coronavirus. Classes and events were held without any physical distancing or wearing of masks. People were going about their normal life without any worry of the virus. As is the case when I am in Glasgow, I availed myself of early morning runs in Kelvingrove park before attending events at the school. Running in the park is one thing I look forward to – it is a beautiful park and running along the River Kevin provides a sense of closeness to nature and makes the running more natural and fun.

The storm finally came on Sunday morning and was as bad as the forecast had predicted, causing floods and damage across the UK. Most flights were cancelled, creating a serious logjam at the airport the following Monday morning.

Meanwhile, in that same week of February, a cruise ship (Kakimoto, 2020) that docked at the port of Yokohama, Japan, with confirmed coronavirus cases was gaining news coverage. This necessitated the quarantining of most of the passengers on board the cruise ship. Aside from the news coming from Wuhan, the cruise ship continued to receive news attention because it carried people of many nationalities; home governments of those nationals were concerned about how to bring their citizens safely back to their homeland. At that time, I did not have any concern about the coronavirus because there were no reported cases of infection in the US or Scotland.

On my way home on Monday, February 10, when I got to Dublin in the morning, while passing through the immigration lane, the immigration officer who processed my reentry back to the US asked if I had been to China. I said no. That was the first time that it appeared government officials started paying attention to what was going on in Wuhan, China. Still, no one was practicing any social distancing or wearing masks at the airport. The question was probably a new screening guideline to determine who had been to areas of exposure to the virus. The flight back to Newark from Dublin was packed - no one was wearing masks. Like the rest of the passengers, I did not have any concerns about the virus.

As soon as I arrived home, the news of the coronavirus started picking up momentum and gaining wider coverage in the US press. At the center of this coverage was the concern about US citizens on the cruise ship.



There were 400 US citizens aboard the ship and 44 of them were infected according to officials at the Center for Disease Control and Prevention (Juhasz, 2020).

From that time on, the coronavirus spiraled out of control. Bad news was coming out of Italy and the daily infection rate and death toll were staggering. The World Health Organization declared the novel coronavirus an epidemic and later a pandemic. This further elevated the news coverage and it was now a 24-hour news cycle. Meanwhile, it turned out that an earlier case of the coronavirus had already been reported at a clinic in Snohomish county in Washington State. According to a report in the New England Journal of Medicine (Holshue et al., 2020), it was the first case of a person diagnosed with coronavirus in the US. Shortly after, a nursing home facility in Washington State confirmed infection cases and reported that some of those infected had died of the virus. This is when it dawned upon me that the coronavirus had found its way to US and I needed to start paying closer attention to the news and the CDC.

Not before long, another case was reported in Rochelle, New York, a town about 90-minute drive north of where I live. Few days later, many cases were reported in New York City and from that moment forward, it appeared we already had a communal spread of the virus. By early March, the situation had changed dramatically. By this time I was worried. If New York City was reporting confirmed cases, then it would soon be in many cities and towns in New Jersey closer to the City. Many people, like me, live in New Jersey, but work in the City.

Soon thereafter, various businesses, including the company I work for started putting measures in place to safeguard their employees' safety. Employees were asked to work from home if they did not perform essential services. That was the beginning of what would become a lockdown. I stopped going to work in the City and started working remotely.

The news from the tri-state area (Connecticut, New Jersey, and New York) was getting bad. The number of infected cases was increasing at an exponential rate and the death rate was climbing at an equally alarming

rate. The governors of the three states instituted a state-wide shutdown mandate from March. Residents were not permitted to leave their homes unless they needed to perform essential services such as working at grocery stores or hospitals. People could only go to buy groceries or pick up medication from the pharmacy. Wearing face masks was mandated whenever in public places. The stay-home mandate was enforced by police by issuing tickets to offenders. New York City, the city that never sleeps, became a ghost city.

As the situation got worse, my concerns were about my sons' safety and how to get them back home safely. All three of my sons were away at school: Cambridge, MA; West Chester, PA; Charlottesville, VA. I first went to pick my youngest son at West Chester. The following day, I drove to Cambridge to pick up the middle son. My oldest son drove himself back home by the end of March from Charlottesville. By this time, the situation in the tri-state area had reached pandemic proportions. New York and New Jersey became the two epicenters of the coronavirus infection and death cases in the US.

It is noteworthy that the pandemic started in the middle of the Spring semester. As schools closed, online learning became the only option to complete the semester. Hence, everyone had to pivot working and learning remotely. This had never been the case before; everyone was glued to computers either working or learning. We had to learn to accommodate each other and respect each other's personal space. Sometimes, lectures and meetings were going on simultaneously. To avoid stepping on each other's activity, accommodation and consideration had to be given to each other.

The most difficult challenge I faced was going to the grocery stores. That is the only place where I encountered many people. At the peak of the infection cases in New Jersey, April, May, and early June, going to the stores was a very daunting task. There was a lot of conflicting information on how the coronavirus can be transmitted to – surfaces, door handles, items on the shelves, close contact with each other, not wearing masks, and many more. This created significant

uncertainty and how one may contract the virus. It was particularly concerning going to the store. One could easily encounter asymptomatic individuals. It is worth noting that in March, April, and May there was a scarcity of general use goods such as toiletry, sanitization, and bottled water – most stores shelves were empty of these items. People hoarded them when they were available. To make the items available to more consumers, stores started placing a limit on the number of essential items that can be bought by a customer at any one time. Price gouging of essential items was reported across the board. On many occasions, I had to go to the stores very early in the morning to buy these items before they disappeared.

To go to the grocery store, I dressed up with an outer jacket, face mask, and gloves. I sanitized my hands before putting on the gloves and continuously used the sanitizer on the way to the store and while at the store. As a precaution, I stayed away from shoppers in the store as best as I could, even more than the 6-feet mandated for the shoppers to practice. Once I left the store, I would take off my gloves and toss them in the trash can. I would then sanitize my hands with the sanitizer. I usually carry sanitized wipes in the car so that I could clean the steering wheel. Once I got back home, we utilized a staging area to first put all the items from the store and wiped them before moving them to either the refrigerator, freezer, or cabinet. I sprayed the underneath of my shoes with disinfectant and placed the outer layer jacket in the staging area. I would then wash my hands. During these periods, I was the only one leaving the house to go get groceries. Thus, I had to take all necessary precautions to ensure I did not get infected.

Notwithstanding all the precautions, each time I came back from the store, I felt I may have exposed myself to the virus. This is because I sometimes felt a strange tingling sensation in my extremities. At the same time, I did not want to create any panic in the house, so I continued to monitor the situation to determine if it would get worse. I regularly took my temperature to determine if I had a fever. Even though I did not exhibit any of the

known symptoms, I was still not certain I had not been exposed to the virus. Back in April and early parts of May, testing was not widely available. People would queue in line for many hours or days to get tested.

As soon as testing became available in my town, I went to get tested on May 20. The protocol at the testing facility was adjusted to the prevailing situation. You could only sign in while inside and thereafter you are asked to stay in your car until a medical professional was ready to see you. Hence, your cars become the waiting area. After I went for testing, the result did not come back until five days later – it was a long five days waiting for an outcome that could make a difference for my family. Meanwhile, I still did not show any symptoms of the coronavirus. Finally, a medical professional from the clinic called and left a message on my phone that my result was negative. I heaved a sigh of relief.

During the first month of lockdown, my town, located about an hour drive southwest of New York City, with a population of about fifty thousand people, was a ghost town. Any time of the day when I would go to run, I would hardly see other runners or walkers on the road. And when I did encounter other walkers or runners, as soon as they saw me, they would quickly move to the other side of the road. A pattern that seemed prevalent during that time. I did the same as well.

By the end of May, New Jersey was second to New York in the number of coronavirus cases and death toll. At the same time, testing facilities were becoming more available and more people could go to get tested. By the middle of June, the lockdown was working and the cases in the tri-state plateaued and were coming down. Hospitalization of new cases and number of reported death cases were on the decline. The three states started seeing a shiny light at the end of the tunnel as cases and the number of deaths continued to plummet.

During the pandemic, I lost two people that were friends to my family. One died in April, within four days after he was hospitalized for coronavirus. The second person died in May with no confirmation of the cause of death but died within six hours of complaining of sickness.

One positive thing that the pandemic brought to my family is having all the family members at home at the same time for a very long period. It was a very joyful experience. We were together and able to do things that we normally do not have the opportunity to do. My older son, my wife, and I became both walking and running partners. Occasionally, we even brought the younger ones along too. Caring for the family was a responsibility that I cherished more than ever before. My primary focus was to feed the family and make sure that staying at home was not boring for anyone. Our kitchen became the busiest area of the house – the kids would visit to grab snacks in between classes and meetings. My wife held the family together by making everyone as comfortable as possible – she prepares food for the family, provides necessary support, and is constantly seeking ways to make the kids happier. She is a gem and without her, we would not be able to pull through the pandemic.

As of writing this piece, on August 7, 2020, COVID-19 rates of infection and death continue to rise in the US, most especially in the Midwest, Pacific West, Southwest, and the South. Some of the personal concerns I enumerated earlier persist. Because we do not have a national strategy to stem the tide of infection, we are in this for the long haul as students prepare to go back to school. No one has any inkling of what will happen in the fall. We can only hope that a safe vaccine will become available before the end of the year. If that happens, we may finally turn the tide against the unseen enemy that is ravaging the US and the world.

## References

Holshue, M. L., DeBolt, C., Lindquist, S., Lofy, K. H., Wiesman, J., Bruce, H., Spitters, C., Ericson, K., Wilkerson, S., Tural, A., Diaz, G., Cohn, A., Fox, L., Patel, A., Gerber, S. I., Kim, L., Tong, S., Lu, X., Lindstrom, S., ... Washington State 2019-nCoV Case Investigation Team. (2020). First Case of 2019 Novel Coronavirus in the United States. *The New England Journal of Medicine*, 382(10), 929–936. <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2001191>

Juhasz, A. (2020, February 16). *44 Americans On The Diamond Princess Cruise Ship Diagnosed With Coronavirus*. NPR.Org. <https://www.npr.org/2020/02/16/806470340/americans-evacuate-diamond-princess-cruise-ship-amid-spread-of-infection>

Kakimoto, K. (2020). Initial Investigation of Transmission of COVID-19 Among Crew Members During Quarantine of a Cruise Ship—Yokohama, Japan, February 2020. *MMWR. Morbidity and Mortality Weekly Report*, 69. <https://doi.org/10.15585/mmwr.mm6911e2>





Profesoras y estudiantes juntos en distintos lugares felices

Presentado por: Geraldine Stephania Contreras Cano  
Crédito: Geraldine Stephania Contreras Cano

# Isolation day 4

**ARTIST:**

Laura Dirk

**ENGLISH ABSTRACT: ISOLATION DAY 4**

During the lockdown period of isolation I had a daily art practice to document the view from my window. The stark landscape and big sky were a metaphor for the uncertainty of days ahead. Spring was coming, so small bits of green created a positive outlook. This painting was accepted into two virtual shows during the pandemic: The Federation of Canadian Artists Vancouver Pandemic Show and The White Bear Center for the Arts in Minnesota USA Plein Aire Landscape Exhibition.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: JOUR 4 DE L'ISOLEMENT**

Pendant la période d'isolement, j'avais une pratique artistique quotidienne pour documenter la vue depuis ma fenêtre. Le paysage austère et le grand ciel étaient une métaphore de l'incertitude des jours à venir. Le printemps arrivait et les petites touches de vert créaient des perspectives positives. Cette peinture a été acceptée dans deux expositions virtuelles pendant la pandémie : L'exposition sur la pandémie de la Fédération des artistes canadiens à Vancouver et l'exposition Plein Aire Landscape du White Bear Center for the Arts au Minnesota.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: DIA 4 DE ISOLAMENTO**

Durante o período de isolamento, tive uma prática artística diária para documentar a vista da minha janela. A paisagem austera e o grande céu eram uma metáfora para a incerteza dos dias que se seguiam. A primavera estava a chegar, pelo que pequenos pedaços de verde criavam uma perspectiva positiva. Esta pintura foi aceita em duas exposições virtuais durante a pandemia: a exposição sobre a pandemia da Federação dos artistas canadenses em Vancouver e a exposição Plein Aire do The White Bear Center for the Arts em Minnesotta.









# Genève au temps du COVID-19: Journal de bord d'un chargé d'enseignement

**AUTEUR:**

Julien Forbat

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: GENÈVE AU TEMPS DU COVID-19: JOURNAL DE BORD D'UN CHARGÉ D'ENSEIGNEMENT**

Ce texte narre, sous forme de journal de bord, les événements s'étant produits durant l'épidémie de coronavirus à Genève, une ville-canton suisse de 500,000 habitants, entre janvier et août 2020. A l'insouciance des premières semaines de la crise, quand celle-ci semblait lointaine et bénigne, a succédé une phase de consternation devant la rapidité et l'ampleur de sa propagation. Plus tard, lorsqu'elle a semblé sous contrôle, la population et les autorités ont tenté un bref retour à la normale, rapidement abandonné devant la résurgence des contaminations. La situation actuelle préfigure-t-elle une nouvelle normalité ?

**ENGLISH ABSTRACT: GENEVA IN THE COVID-19 ERA: A LECTURER'S DIARY**

This text narrates, in the form of a diary, the events that occurred during the coronavirus epidemic in Geneva, a Swiss city-canton of 500'000 inhabitants, between January and August 2020. The insouciance of the first weeks of the crisis, when it seemed remote and benign, was followed by a phase of consternation in front of the rapidity and the extent of its propagation. Later, when it seemed to be under control, the population and the authorities tried a brief return to normalcy, which was quickly abandoned in the face of the resurgence of contamination. Does the current situation foreshadow a new normal?

**RESUMO EM PORTUGUÊS: GENEVRA NA ALTURA DA COVID-19: DIÁRIO DE UM CONFERENCISTA**

Este texto narra, sob a forma de diário de bordo, os acontecimentos ocorridos durante a epidemia de coronavírus em Genevra, um cantão suíço de 500'000 habitantes, entre Janeiro e Agosto de 2020. A atitude despreocupada das primeiras semanas da crise, quando parecia remota e benigna, foi seguida por uma fase de consternação à velocidade e extensão da sua propagação. Mais tarde, quando parecia estar sob controlo, a população e as autoridades tentaram um breve regresso à normalidade, que foi rapidamente abandonada, tendo em conta o ressurgimento da contaminação. A situação actual prefigura um novo normal?

**RESUMEN EN ESPAÑOL: GINEBRA EN EL MOMENTO DE LA COVID-19: DIARIO DE UN PROFESOR**

Este texto narra, en forma de diario, los acontecimientos ocurridos durante la epidemia de coronavirus en Ginebra, una ciudad-cantón suiza de 500'000 habitantes, entre enero y agosto de 2020. A la actitud despreocupada de las primeras semanas de la crisis, cuando ésta parecía lejana y benigna, le siguió una fase de consternación por la rapidez y el alcance de su propagación. Más tarde, cuando parecía estar bajo control, la población y las autoridades intentaron una breve vuelta a la normalidad, que se abandonó rápidamente ante el resurgimiento de la contaminación. ¿Presagia la situación actual una nueva normalidad?



# Genève au temps du COVID-19: Journal de bord d'un chargé d'enseignement<sup>1</sup>

## **Mercredi 8 janvier 2020**

L'Organisation Mondiale de la Santé (OMS) s'inquiète de l'apparition d'une pneumonie d'origine inconnue à Wuhan, en Chine.

## **Jeudi 6 février 2020**

Tandis que la plupart des compagnies aériennes occidentales ont arrêté de desservir la Chine, les vols d'Air China en provenance de Pékin continuent d'atterrir à Genève. Seule différence notable, les passagers se voient distribuer un flyer informatif sur le lavage des mains et la distanciation sociale... La nonchalance des autorités frappe les esprits alors que le Hubei est coupé du monde et que des premiers cas de coronavirus ont été déclarés en France fin janvier déjà.

## **Mardi 25 février 2020**

L'OMS considère désormais qu'il existe un risque de pandémie. Dans la journée, la Suisse découvre son premier cas de COVID-19, dans le canton du Tessin, frontalier de l'Italie. Les événements s'accroissent et l'adage qui veut que « gouverner, c'est prévoir » sera mis à rude épreuve durant les mois à venir.

## **Jeudi 5 mars 2020**

Premier décès suisse. Les images des hôpitaux italiens débordés font froid dans le dos mais beaucoup, à Genève comme dans le reste de l'Europe, mettent cela sur le compte d'une désorganisation supposée innée de l'Etat italien.

## **Vendredi 13 mars 2020, 2 décès à Genève**

Après que l'Italie ait confiné sa population sur l'intégralité de son territoire, que les bourses se soient

effondrées et que l'Europe se barricade, la Suisse se décide prudemment à un semi-confinement : tous les commerces non essentiels fermeront dès le lundi suivant jusqu'à nouvel ordre, seuls les magasins d'alimentation ainsi que les pharmacies seront dorénavant ouverts. Tout de suite, des files se forment devant certaines enseignes du centre-ville. Les gens repartent avec des écrans géants sous les bras et Netflix s'apprête à vivre une période particulièrement faste.



*Photo 1 : File d'attente devant un magasin du centre-ville (© Julien Forbat)*

## **Lundi 16 mars 2020, 4 décès à Genève**

Alors que l'université a fermé ses bâtiments et que l'enseignement se poursuit en ligne, le rythme de travail s'en trouve bouleversé, les plages horaires devenant bien plus irrégulières. La ville est déserte ou presque, les déplacements, sans être interdits, étant déconseillés. Paradoxalement, pendant que les

<sup>1</sup> Alors qu'il est recommandé d'écrire la COVID-19 (la maladie du coronavirus), personne ou presque ne semble se plier à cette règle, préférant utiliser le masculin.

habitants se claquemurent, il fait un temps splendide sans discontinuer plusieurs semaines d'affilée, une météo totalement inédite à cette période de l'année. Les courageux (inconscients ?) qui sortent ont donc la ville pour terrain de jeu ou plutôt le loisir de l'explorer avec un œil nouveau, se toisant à peine du regard lorsqu'ils se croisent, un peu incrédules de cette situation où les victimes sont encore relativement peu nombreuses (35 dans tout le pays). C'est aussi le soulagement d'avoir évité un confinement strict, à l'instar des mesures prises en France, Espagne ou Italie. L'Europe est en effet devenue l'épicentre de l'épidémie et se retrouve pointée du doigt pour avoir sous-estimé la rapidité de propagation du virus (ou surestimé sa capacité de réaction).



*Photo 2 : Une rue déserte (© Julien Forbat)*

#### **Vendredi 20 mars 2020, 9 décès à Genève**

Les rassemblements de plus de 5 personnes sont interdits dans l'espace public. La police patrouille à présent dans les parcs de la ville afin de faire respecter la distanciation sociale, devenue incontournable ce printemps. Toutefois, nombreux sont les Genevois à encore espérer pouvoir partir durant les vacances de Pâques en avril...



*Photo 3 : Distanciation sociale dans un parc de la ville (© Julien Forbat)*

#### **Samedi 28 mars 2020, 39 décès à Genève**

Genève – qui s'enorgueillit d'être une des villes les plus riches du monde, une ville régulièrement classée parmi les plus agréables à vivre – découvre qu'elle aussi a des problèmes de pauvreté. Les travailleurs des secteurs du bâtiment, de la restauration ou de l'hôtellerie ont ainsi été parmi les plus durement touchés par la mise au ralenti de l'économie. Chaque samedi, ils seront désormais des centaines, puis des milliers, à converger vers la patinoire des Vernets, d'ordinaire fréquentée par les fans de hockey sur glace. Là, après avoir patienté quelques heures en raison des mesures sanitaires, ils recevront des colis alimentaires distribués par des associations solidaires épaulées par Médecins sans Frontières. Du jamais vu à Genève. Les travailleurs précaires genevois, d'ordinaire invisibles, font la une des journaux télévisés suisses.

#### **Mercredi 8 avril 2020, 147 décès à Genève**

Dans le canton du bout du lac, cette journée coïncide avec le pic du nombre de morts journaliers. Dans le même temps, le déconfinement démarre à Wuhan où, semble-t-il, tout a commencé quelques mois plus tôt. Les chiffres avancés par les autorités chinoises font



ici doucement sourire et les théories du complot sur l'origine du virus font florès.

#### **Mardi 14 avril 2020, 194 décès à Genève**

---

Un homme d'affaires genevois voit débarquer la première partie de sa commande de 140 millions de masques sur le tarmac de l'aéroport de Cointrin. La pandémie est aussi une occasion pour certains de faire du business, ou du moins de s'offrir un joli coup de pub, les tenants et aboutissants de cette opération étant assez opaques. Le même jour, l'action d'Amazon atteint des sommets et Jeff Bezos continue de s'enrichir à un rythme effréné, sa fortune atteignant 138 milliards de dollars. A travers le monde, le confinement n'a semble-t-il pas engendré de basculement vers une société post-matérialiste...

#### **Jeudi 16 avril 2020, 208 décès à Genève**

---

La situation sanitaire semblant se stabiliser, le Conseil fédéral décide une réouverture progressive des commerces. Première étape le 27 avril avec les magasins de bricolage, les fleuristes et les salons de coiffure ! S'agit-il d'une phase de test, d'un plan à la logique implacable ou d'un trait d'humour du gouvernement suisse ? Nul n'en est sûr. En attendant un retour à la normale, la vie est comme suspendue dans une ville rendue méconnaissable par sa tranquillité. Non pas que Genève doive être comparée à une grande métropole bouillonnante mais, tout de même, l'absence de plusieurs dizaines de milliers de travailleurs frontaliers français a transformé la ville en une jolie bourgade endormie.

#### **Lundi 11 mai 2020, 278 décès à Genève**

---

La réouverture des magasins et restaurants ne provoque pas d'euphorie. Non seulement plusieurs d'entre eux gardent porte close, mais l'accalmie sur le front épidémique se traduit par une inquiétante grandissante quant à la situation économique, tandis que des centaines de milliers de travailleurs bénéficient des mesures de chômage partiel de la Confédération.

Que se passera-t-il une fois ces aides taries ?

#### **Jeudi 21 mai 2020, 286 décès à Genève**

---

Après avoir consommé à haute dose, pendant plus de 2 mois, du contenu audiovisuel sur leur télévision, leur tablette, leur smartphone et leur ordinateur, les Genevois ont la possibilité de retourner se cultiver dans les musées de la ville. Lestés de quelques kilos supplémentaires acquis de haute lutte sur leur canapé, les visiteurs répètent les gestes qu'ils ont appris dans les supermarchés : lavage des mains et distanciation sociale, mais toujours pas de port du masque dont l'efficacité n'est soi-disant pas prouvée...

#### **Mardi 9 juin 2020, 287 décès à Genève**

---

Les rassemblements dans l'espace public sont à présent autorisés jusqu'à 300 personnes. Environ 10'000 sympathisants du mouvement « Black Lives Matter » en profitent pour défiler dans les rues du centre-ville, répartis en groupes respectant théoriquement la limite de 300 individus... Les autorités ne sont sans doute pas dupes mais n'interviennent pas. La situation sanitaire paraît largement sous contrôle. D'ailleurs, le dimanche ce sera au tour des femmes de manifester dans des proportions similaires. Après s'être changée en noir, la ville se pare de violet.



*Photo 4 : Statue du Général Dufour après le passage des manifestants « Black Lives Matter » (© Julien Forbat)*

### **Lundi 15 juin 2020, 288 décès à Genève**

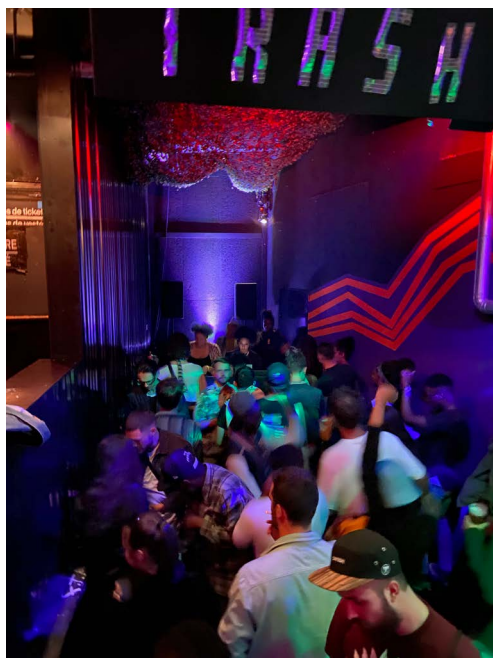
---

La réouverture des frontières de l'espace Schengen marque symboliquement la fin des mesures d'exception prises par les autorités suisses. Les Genevois, à leur grand soulagement, peuvent à nouveau faire leurs courses en France voisine (la grande distribution suisse ayant les marges les plus élevées d'Europe). En sens inverse, les Français des environs n'ont plus besoin de prétendre travailler à Genève pour venir y profiter des bords du lac.

### **Lundi 22 juin 2020, 288 décès à Genève**

---

L'épidémie ne faisant pratiquement plus de victimes (2 morts sur les 30 derniers jours), la réouverture des discothèques et bars après minuit semble être frappée au coin du bon sens. Une sorte de parenthèse d'insouciance s'ouvre alors à Genève où, malgré la limite de 300 personnes, le COVID-19 et les mesures de distanciation sociale sont vite oubliés le week-end venu.



*Photo 5 : Une boîte de nuit durant le week-end (© Julien Forbat)*

### **Lundi 6 juillet 2020, 288 décès à Genève**

---

Le gouvernement genevois impose le port du masque obligatoire dans les transports publics, sachant qu'avec les premières chaleurs estivales, voyager dans un bus sans climatisation s'apparente à un véritable chemin de croix. Cette mesure étonne alors le nombre des nouvelles contaminations quotidiennes frémit à peine (0,6 / 100 000 habitants la veille). Si le recours aux statistiques n'a jamais été aussi fréquent que depuis la crise du Covid, en revanche aucune étude n'a été entreprise quant au bon usage du masque. Ainsi, entre ceux conservés enfouis dans la poche, ceux portés au coude, autour du cou, dans la main ou à l'envers, peu de masques paraissent être au final d'une utilité quelconque.

### **Mardi 28 juillet 2020, 288 décès à Genève**

---

Alors que, au plus fort de la crise, les autorités minimisaient l'utilité du masque, il devient dès aujourd'hui obligatoire dans les commerces. Le contraste est saisissant : quand les hôpitaux étaient au bord de la saturation, chacun était libre d'aller et venir comme bon lui semblait, maintenant que l'épidémie paraît largement derrière nous, les gens se couvrent le visage sur ordre du gouvernement, qui trouve là une mesure sanitaire bien commode.

### **Vendredi 14 août 2020, 289 décès à Genève**

---

Depuis plus de 6 mois, pas une journée ne passe sans que le Covid en fasse un peu partie. A l'incrédulité du début, lorsque Wuhan bâtissait des hôpitaux en quelques jours et que le virus s'appelait encore « grippe chinoise », a succédé une phase de sidération devant l'ampleur et la rapidité de sa propagation. Il apparaît aujourd'hui clairement que ni Genève, ni la Suisse, ni aucun pays occidental n'était préparé à y faire face. Alors que des mesures draconiennes se mettaient en place aux quatre coins du monde, culminant avec le confinement de près de 3 milliards d'individus, et que l'économie piquait du nez, nombreux furent ceux à espérer que

la crise puisse servir de catalyseur à une refonte radicale de notre façon de vivre. En effet, si le confinement a eu une vertu, c'est bien celle de nous avoir montré que moins consommer était possible et qu'une économie davantage locale était sans doute souhaitable. Pourtant, cette phase semble ne pas avoir fait long feu, à peine évoque-t-on encore la possibilité de rapatrier les chaînes de production d'équipements médicaux sensibles. Les États essaient de limiter la casse sociale et économique qui arrive inexorablement. Quelles traces cette épidémie laissera-t-elle dans nos souvenirs, nos façons de concevoir la vie en communauté ou de consommer ? Impossible à dire. Ce qui est sûr, c'est que le virus a partout accentué les inégalités. Disparités entre pays, ceux-ci permettant une meilleure prise en charge des malades que ceux-là; à l'intérieur des pays, les travailleurs au noir perdant tout ou presque quand d'autres ont simplement eu plus de temps libre à disposition; entre espaces intérieurs et extérieurs, puisque le (semi-)confinement a mis en lumière les difficultés rencontrées par les ménages vivant, par exemple, en appartement sans balcon vis-à-vis de ceux profitant d'une villa avec jardin, dans un contexte où l'espace public devenait parfois inaccessible.

De façon intéressante, cette crise a également mis en exergue l'acceptation par la population d'une série de mesures restreignant leur libertés individuelles – liberté de mouvement, de réunion, de consommation, etc. – sans que cela ne provoque de vaste mouvement de contestation. Peut-on ainsi imaginer que l'intérêt collectif prime sur les intérêts individuels dans d'autres circonstances que celles d'une crise épidémique ? Si c'est le cas, alors peut-être que les grands défis d'un monde durable trouveront une issue moins catastrophique.

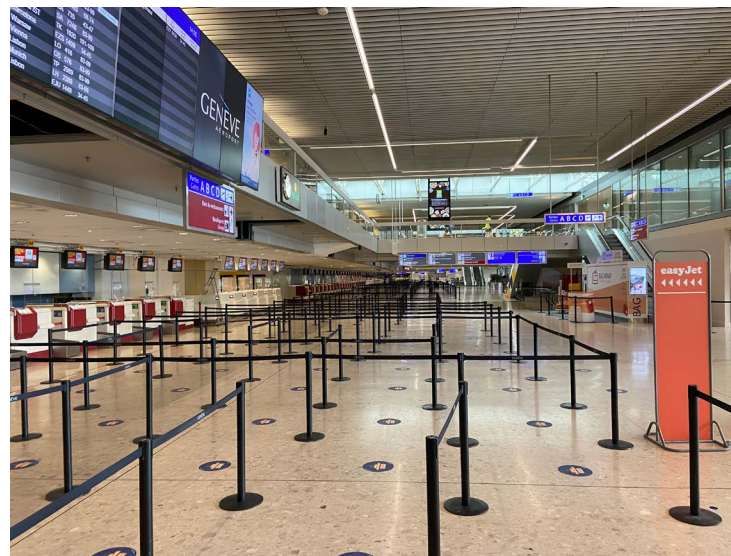


Photo 6 : L'aéroport de Genève, d'ordinaire bondé (© Julien Forbat)

## Références

*Coronavirus: Mesures et ordonnances.* (n.d.). Office fédéral de la santé publique. <https://www.bag.admin.ch/bag/fr/home/krankheiten/ausbrueche-epidemien-pandemien/aktuelle-ausbrueche-epidemien/novel-cov/massnahmen-des-bundes.html>

Mabillard, B. (2020, May 3). A Genève, des heures d'attente pour un sac de nourriture. *Le Temps*. <https://www.letemps.ch/suisse/geneve-heures-dattente-un-sac-nourriture>

Nussbaum, V. (2020, June 17). Sur le dancefloor, la colère. *Le Temps*. <https://www.letemps.ch/suisse/dancefloor-colere>

Wagner, L. (2020, April 10). *Coronavirus: Quelles conséquences pour les travailleurs frontaliers?* Bilan. <https://www.bilan.ch/economie/coronavirus-quelles-sequences-pour-les-travailleurs-frontaliers>



# STOP!!!

**AUTOR:**

Gilberto J. Miranda

**RESUMO EM PORTUGUÊS: STOP!!!**

Trata-se de um registro poético da visão docente sobre o período de isolamento ocasionado pela Pandemia COVID-19. É uma visão para além das cifras contábeis, que tem o propósito de evidenciar às gerações futuras os sentimentos e percepções vivenciados nesse período.

**ENGLISH ABSTRACT: STOP!!!**

This is a poetic record of the teachers' vision of the period of isolation caused by the COVID-19 Pandemic. It is a vision beyond the accounting numbers, with the purpose of showing future generations the feelings and perceptions experienced during this period.



# STOP!!!

A vida passava muito rápida.  
Insípida...  
Vulneráveis, fomos paralisados.  
Chocados, recolhidos...  
Ações repensadas.  
Isolados em busca de “sabor”...  
Do sal da vida. De um sentido...

Houve dor e perdas... muitas delas!  
Subestimar o prenúncio foi a pior decisão...  
Embora para muitos, tenha sido a triste razão.

Doloridos, sentidos...  
No isolamento, fizemos amigos.  
Novos “como fazer”...  
Novas conexões...  
Novas visões...  
Menos correria.  
Mais sal, mais sabor!

Mas a que preço?  
Quais as cicatrizes ficarão?  
Um mal necessário?  
Qual o legado desse tempo?  
Aguardamos...

# O contador

---

**AUTOR:**

Camila Vasconcelos

---

**RESUMO EM PORTUGUÊS: O CONTADOR**

Uma poesia sobre como o registro e a reflexão sobre o passado nos permite nortear um futuro de esperança.

---

**ENGLISH ABSTRACT: THE ACCOUNTANT**

A poem about how recording and reflecting on the past allows us to guide a future of hope.





# O contador

Um mundo sem registro é um mundo sem história  
Quando alguém o pinta, reconhece o seu valor  
Quando alguém o escreve, fortalece sua existência  
O passado, assim registrado, se faz memória  
Perpassa dias, anos, séculos, sob o olhar de milhares  
É, ao mesmo tempo, um só e também vários  
Se permite ser julgado, testado e ressignificado  
Através – e apesar – do tempo e do espaço  
Os registros do passado contam falhas e vitórias  
E nos situam gentilmente na nossa própria história  
São eles o ponto de partida de quem sonha  
Com um futuro que, em breve, terá passado  
E que será – assim seja! – um retrato melhor do que já vivemos

# De l'impensable au vécu : Comptabilisation des faits au service des générations futures

---

**AUTEUR:**

Francis Mapouka  
Mbougou

---

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: DE L'IMPENSABLE AU VÉCU : COMPTABILISATION DES FAITS AU SERVICE DES GÉNÉRATIONS FUTURES**

Ce papier restitue les faits; de la pénétration de COVID-19 en Afrique à l'émergence d'un comportement de consommation en passant par les mesures prises au fur et à mesure de l'augmentation du nombre de contaminations, la modification des habitudes culturelles ainsi que la situation socioéconomique au Congo-Brazzaville au plus fort de la crise sanitaire.

---

**ENGLISH ABSTRACT: FROM THE UNTHINKABLE TO THE REAL: ACCOUNTING FOR THE FACTS FOR FUTURE GENERATION**

This paper takes an inventory of the facts; about the penetration of COVID-19 in Africa to the emergence of consumer behaviour, including the measures taken as the number of contaminations increased, the modification of cultural habits and the socio-economic situation in Congo-Brazzaville at the height of the health crisis.



# De l'impensable au vécu : Comptabilisation des faits au service des générations futures

## **De l'apparition de la pandémie de COVID-19 à l'adoption des mesures et des discours**

La pandémie de COVID-19 est une crise en lien avec une maladie infectieuse émergente, la maladie étant provoquée par le coronavirus SARS-CoV-2. Elle apparaît au quatrième trimestre de l'année 2019 dans la ville de Wuhan, en Chine centrale, puis s'est propagée dans le monde entier.

L'Organisation mondiale de la santé (OMS) alerte dans un premier temps la République populaire de Chine et ses autres États membres, puis prononce l'état d'urgence de santé publique de portée internationale le 30 janvier 2020. En Afrique, le premier cas de maladie est confirmé en février 2020 en Égypte, sans que l'on puisse apporter à ce constat, à l'heure actuelle, une justification concrète et documentée.

Les frontières ferment les unes après les autres pour tenter d'endiguer l'épidémie de [coronavirus](#). Après les [interdictions de rassemblements](#) et les [mesures de confinement](#), plusieurs États ont déjà annoncé le renforcement des contrôles douaniers, voire la fermeture totale de leurs frontières aux étrangers. Le soir du 16 mars 2020, le Président de la République Française, Emmanuel Macron, annonce que l'Union européenne ferme les frontières de l'espace Schengen à toute entrée. A la suite de la décision prise par les pays d'Europe, les autorités des pays d'Afrique annoncent une décision similaire. Au Congo-Brazzaville, le gouvernement décide de la fermeture des frontières le 19 mars 2020. Il met en place des mesures pour lutter contre la COVID-19, mais les consignes sanitaires sont loin d'être respectées. Une confusion règne à Brazzaville. Quelques jours avant la fermeture des frontières, il est demandé aux voyageurs venant de l'Europe de rester en quarantaine pour ne pas contaminer les autres. Beaucoup des personnes

ne le respectent pas. Le pays est en ébullition. Les déplacements entre les villes sont interdits, les écoles et universités fermées, les transports interurbains suspendus, les commerces d'activités non essentielles à la vie fermés, un couvre-feu est mis en place de 20h à 5h du matin dans tout le pays. Les jours des marchés pour faire les courses alimentaires sont limités à deux dans la semaine. Les populations font un usage remarquable de mobile money pour faire des transferts d'argent. Les déplacements des voitures à l'intérieur d'une même ville sont interdits, il faut avoir un laissez-passer délivré par la police. Seul le personnel médical y est autorisé avec quelques autorités civiles et militaires. Les voitures et les camions d'entreprises sont aussi autorisés à circuler, les camions logistiques des particuliers qui transportent des produits alimentaires bénéficient également de l'autorisation de circulation. Au niveau du port autonome du pays, les navires continuent à assurer l'approvisionnement des produits alimentaires importés, mais de moins en moins car la baisse due à la pandémie de COVID-19 de la production et des chaînes d'approvisionnements des pays partenaires des échanges commerciaux, a ralenti l'activité portuaire du Congo-Brazzaville. Et la pénurie de certains produits sur le marché commence à être visible. Les frontières aériennes sont certes fermées, mais la compagnie Air France continue à assurer deux fois toutes les deux semaines la liaison Congo-France par des vols qualifiés d'humanitaires venant de France sans passagers pour rapatrier les ressortissants français qui le souhaitent, mais à leur charge. Un français qui prenait le vol du 3 avril 2020 à l'aéroport Maya Maya de Brazzaville à destination de Roissy Charles De Gaulle à Paris disait que « l'ambassade de France à Brazzaville leur confiait que ce n'est pas une situation de guerre, où l'on peut penser que rester à Brazzaville constitue un danger, mais une situation sanitaire qui touche tous les pays



du monde. Par conséquent, l'État français assure le rapatriement de ceux qui souhaitent regagner la France en contribuant uniquement aux efforts diplomatiques par des négociations avec les autorités du pays afin d'obtenir l'autorisation d'atterrissage et de décollage d'avions, les autorisations de déplacements de leur logement à l'aéroport pour des français concernés par le voyage durant les heures de couvre-feu. Les négociations portent aussi avec la compagnie aérienne Air France pour la mise en place des vols. Et, les frais liés au billet sont à la charge des voyageurs ».

En même temps, la pandémie de COVID-19 connaît dans l'opinion une perception diversement partagée. Au départ, quand l'Europe commençait à compter beaucoup de morts par jour (par l'entremise du drame que connaissait l'Italie, porte d'entrée de la maladie en Europe), les populations africaines ne s'inquiétaient pas vraiment et beaucoup doutaient même de l'existence de la maladie en Afrique. Cependant, cette opinion avait rapidement quelque peu évolué pour laisser place à un raisonnement disant que « c'est une maladie des blancs », et que « cette maladie ne touche, ni ne tue les noirs ». La contamination de Manu Dibango<sup>1</sup> et celle de Pape Diouf<sup>2</sup>, suivies de leur mort inquiètent les gens. Cette inquiétude va être légèrement renforcée lorsque les derniers passagers des compagnies aériennes, rentrés de France et d'Italie quelques jours avant la fermeture des frontières, tombent malades. Trois semaines plus tard, cinq d'entre eux meurent après quelques jours d'hospitalisation. L'information se répand rapidement au sein de la population, appuyée par les images sur les réseaux sociaux où l'on voit un corps sans vie abandonné dans le lit d'hôpital durant des heures car le personnel soignant, manquant d'équipement approprié, a déserté les salles environnantes et le couloir concerné. On voit également sur les images quatre travailleurs de la morgue mettant le corps d'un cadre du ministère du commerce décédé dans le cercueil, en combinaisons blanches,

totallement protégés de la tête aux pieds, les mains gantées, et même dans ces conditions, ils soulèvent le corps en « surpoids » avec précaution et peur, et ils le jettent dans le cercueil comme une chose lourde et encombrante dont on veut vite s'en débarrasser pour protéger sa vie. Tout ceci est filmé par un membre de la famille du défunt, à côté de quelques autres membres se tenant à plus de trente mètres et qui pleurent, pour dénoncer l'indignité du traitement du cadavre en rupture totale avec la culture bantoue<sup>3</sup> qui donne respect et considération au mort. Ces images frappent les esprits, le geste de sa propre famille se tenant loin du corps a une force de rupture culturelle du Congo d'avant COVID-19. Ceci interpelle les gens et bouscule l'opinion. Quelques jours plus tard, la mort de quatre autres victimes de COVID-19 au Congo change l'opinion et l'on entend que « la COVID-19 touche aussi les africains mais c'est une maladie des riches ». Car tous ceux qui sont morts ont récemment séjourné en Europe. La richesse est ainsi définie par le voyage en Europe. Avoir le visa, payer le billet et le séjour ne sont pas à la portée de beaucoup de congolais, et le faire constitue un signe de richesse – alors ceux qui sont allés en mission de travail sont des cadres, donc ils sont riches. Cependant, quand le Congo commence à avoisiner 50 morts alors que l'on passe doucement des cas « *importés* » d'Europe à des contaminations d'autochtones n'ayant pas voyagé, beaucoup des personnes commencent sérieusement à se protéger. Les gens sont en quête de masques. De nombreuses personnes se lavent constamment les mains avec du savon et « comptent bien respecter » les mesures prises par les autorités « pour ne pas mourir ». Le gouvernement a rendu le masque obligatoire et le non-respect du port de celui-ci donne une amende de 5 000 F CFA soit 7,62 euros. Les mesures prises sont diversement appréciées au sein de la population.

Dans des pharmacies du pays, même les plus importantes, les masques et les gels hydro alcooliques sont en rupture. Cette pénurie fait le bonheur des

<sup>1</sup> Manu Dibango était un célèbre saxophoniste et chanteur camerounais de world jazz mort le 24 mars 2020 en France.

<sup>2</sup> Pape Diouf, mort le 31 mars 2020 au Sénégal, était une personnalité franco-sénégalaise; il fut président de l'Olympique de Marseille de 2005 à 2009.

<sup>3</sup> Le terme bantous (humain en kikongo) fait référence aux locuteurs des langues bantoues sur le continent africain. Ils sont répandus du Cameroun aux Comores et du Soudan à l'Afrique du Sud.

petits vendeurs ambulants qui proposent des masques douteux à des prix élevés. Les chauffeurs de taxis et d'autres transports, assurent que la décision de limiter les passagers « *manque de logique* ». Sur les places de marchés, c'est la même affluence que d'ordinaire. Pire même, car on a réduit le nombre de jours de marchés à deux dans la semaine. Hommes, femmes et enfants s'y pressent, se touchent, au gré des allées. Face à la ruée des ménagères qui craignent des pénuries, de nombreux commerçants augmentent les prix. Les agents du Ministère du commerce commencent à circuler dans les marchés pour sanctionner les auteurs de l'inflation.

Le débat qui agite la France, entre les tenants du traitement à base de chloroquine, pour soigner les malades du COVID-19, porté par le professeur Raoult et ceux qui s'y opposent, intéresse les congolais qui dans la majorité prennent position pour ce traitement. L'opinion congolaise voit dans l'opposition au traitement du professeur Raoult une manœuvre des industries pharmaceutiques dictée par le profit économique parce que la chloroquine coûte moins chère et son brevet n'est plus protégé.

On entend tout et n'importe quoi sur l'origine de la maladie. De la fabrication volontaire par un Etat pour renforcer sa puissance face aux autres, à une erreur de manipulation dans un laboratoire, en passant par la volonté humaine à réduire la population, et les accusations portées sur un grand entrepreneur qui voudrait proposer des vaccins pour s'enrichir davantage et réduire une partie de la population mondiale.

L'annonce du président malgache du remède à la COVID-19 nommé Covid-Organics, fabriqué à Madagascar, un « produit » dont les protocoles de recherche n'ont pas été respectés, suscite de l'espoir au Congo. Le gouvernement congolais qui avait passé commande en reçoit. Mais quelque temps après, l'espoir fait place à la déception quand le nombre de contaminations ne cesse d'augmenter à Madagascar malgré le soi-disant « remède ». Le produit disparaît de l'opinion congolaise aussi vite qu'il est apparu.

## Situation socio-économique

---

Le quasi-arrêt de la chaîne de production et des approvisionnements dans le monde a entraîné la baisse de la demande de certains biens. En plus, la diminution du prix du baril du pétrole déjà en baisse avant la pandémie de COVID-19 met le Congo-Brazzaville dans une situation économique et sociale difficile, surtout qu'il dépend en grande partie des revenus du pétrole. Les entreprises pétrolières implantées dans ce pays avaient réduit pendant le confinement leur production, par conséquent les entreprises des services sous-traitants du secteur avaient commencé à licencier les salariés. Schlumberger, le géant américain des services pétroliers en avait licencié beaucoup ainsi que d'autres entreprises et pas uniquement du pétrole comme les hôtels, les entreprises de loisirs... Les mesures de protection sociale et économique pour aider à assurer un revenu aux salariés ne pouvant plus travailler (à cause de l'arrêt d'activités dans certains secteurs ou la baisse d'activités dans d'autres, y compris les mesures pour aider les entreprises à faire face) sont absentes. Beaucoup d'observateurs internationaux disent que « cette crise sanitaire ferait plus de victimes en Afrique sur le plan social et économique ».

L'économie du Congo-Brazzaville est dominée par le secteur informel. Ce dernier est à l'arrêt depuis fin mars. L'annonce des autorités gouvernementales de déconfiner par palier à compter du 16 mai nourrit les espoirs. Et les coiffeurs, chauffeurs de taxis, tenanciers de restaurants et autres établissements prennent des dispositions nécessaires pour relancer leur activité. Le propriétaire d'un salon de coiffure fermé depuis le confinement se plaint. « Le confinement est un moment très défavorable pour moi parce que je ne gagne absolument rien, je n'ai plus de clientèle et plus de recettes non plus ». Un chauffeur de taxi parle de ses difficultés. « C'est un métier qui me permet de survivre et de prendre soin de ma famille. Certains de mes amis se retrouvent dans les marchés des produits alimentaires où ils transportent, moyennant quelques pièces d'argent, des objets dans les brouettes. Mais, nous autres qui n'avons pas cette force attendons

seulement que notre propre activité reprenne ». Toute la population ou presque dit vivre au jour le jour. Consciente qu'elle ne vit pas dans une société bien organisée, elle se dit être livrée à elle-même. « C'est très difficile. Là nous avons aussi des charges locatives auxquelles il faut faire face », se lamentent beaucoup des gens.

### **Consommation accrue des prestations électroniques**

---

Les habitudes culturelles des populations africaines sont bousculées : distanciation physique, utilisation des services monétaires mobiles. Le contexte de confinement a restreint la liberté de déplacement à de longues distances, et a rapproché des opérateurs télécoms dans l'offre de mobile money et d'internet respectivement pour transférer de l'argent et accéder aux réseaux sociaux. Une certaine dépendance est ainsi créée. En effet, bien avant la COVID-19, l'émergence de mobile money en Afrique n'a pas que modifié la position des banques traditionnelles dans le marché de paiement, elle a aussi modifié le métier du paiement. En effet, les opérateurs de téléphonie mobile s'appuient sur un réseau d'agents pour délivrer les prestations de mobile money. L'agent par analogie au système bancaire classique, peut être considéré comme une borne bancaire humaine et le numéro de téléphone comme l'équivalent d'une carte de crédit. Un agent humain remplace l'infrastructure inexistante ou lacunaire des banques traditionnelles. Le réseau d'agents est constitué souvent de petits commerces et de gens qui ne dépendent que des commissions de mobile money. L'augmentation de la consommation des prestations mobile money en pleine pandémie de COVID-19 a entraîné une ruée des jeunes vers l'exercice de cette activité. Au début de juin 2020, quelques jours avant le deuxième palier de déconfinement, le premier opérateur de téléphonie mobile MTN au Congo-Brazzaville modifie à la baisse le pourcentage de commissions d'agents de son réseau. Le retrait d'argent du compte mobile money passe de 1% à 0,8% tandis que le dépôt de 0,5% à 0,4%. Quelques agents réunis en comité dénoncent la

réduction de leurs commissions pour laquelle ils ont été informés par messagerie téléphonique de l'entreprise.

Si l'Afrique reste jusqu'en octobre 2020 le continent le moins touché par l'épidémie de COVID-19 qui s'est répandue désormais largement sur le reste de la planète, ses cinquante-quatre pays redoutaient le pire au départ. Conscientes que l'étau se resserre sur elles, conscientes de la fragilité de leur système sanitaire, les autorités africaines ont déployé une énergie importante pour empêcher au maximum les contaminations locales.

Cela étant dit, la pandémie de COVID-19 et toutes les mesures prises ont modifié l'environnement du vivant et des organisations. Et tous les domaines de la société sont concernés.



# Instructivos para una cotidianidad reinventada por la pandemia

**AUTOR:**

Nidia Raquel Gualdrón  
Cantor

**RESUMEN EN ESPAÑOL: INSTRUCTIVOS PARA UNA COTIDIANIDAD REINVENTADA POR LA PANDEMIA**

Al llamado pluridisciplinar que convoca a aportar desde diversos puntos de vista a la interpretación del mundo en tiempos de la crisis provocada por la pandemia del COVID-19, se suma el Diseño, que en su evolución ha trascendido la mera preocupación por la apariencia y por la producción de artefactos, re-enfocando su acción al interés por la complejidad que presentan las interacciones humanas y el aporte que puede hacer con el pensamiento de diseño y el lenguaje visual.

Se presenta aquí un ejercicio desarrollado por diseñadores en formación del curso Diseño para sistemas de información y orientación de la Fundación Universitaria Los Libertadores en Bogotá, Colombia, que le apostaron al desafío de problematizar situaciones cotidianas emergentes por las fases que generó la pandemia del COVID-19, y diseñar instructivos sencillos y prácticos que pudieran ayudar en términos de acciones y/o comportamientos a las personas que estuvieran en situaciones de vulnerabilidad o cambio, que les generaran incomodidad, angustia o afectación de su salud, en las categorías de emociones y relaciones familiares, y, trabajo y adaptación a la nueva realidad.



# Instructivos para una cotidianidad reinventada por la pandemia

El 2020 trajo consigo una revolución en la manera como nos relacionamos, habitamos, aprendemos, trabajamos y enfrentamos la incertidumbre. El COVID-19 detonó cambios rápidos para los que en su mayoría no estábamos preparados, que aunque en la fase inmediata representaron caos, son a su vez una oportunidad para revisar y replantear sobre la marcha, evaluando lo que como individuos y como sociedad hacíamos antes, y las transformaciones -no opcionales- a las que estamos llamados.

Al llamado pluridisciplinar que convoca a aportar desde diversos puntos de vista y de conocimiento a estas nuevas dinámicas, se suma el Diseño, que en su evolución ha trascendido la mera preocupación por la apariencia y por la producción de artefactos, re-enfocando su acción al interés por la complejidad que presentan las interacciones humanas y el aporte que puede hacer con diversos recursos, entre ellos con el pensamiento de diseño que involucra holísticamente actores, enfoques de distintos campos y métodos rápidos que impulsan ideas innovadoras, orientados por la empatía y con un amplio aprovechamiento del lenguaje visual.

Los modelos socioeconómicos que habían sido un generoso escenario para la producción de artefactos, productos y servicios mediante el diseño, hoy demandan un cambio de prioridades para sobrevivir. El ciudadano post pandemia ha descubierto otras necesidades, preocupaciones y expectativas que lo llevarán a cambiar varios de sus comportamientos en consumo consciente, tecnología para el trabajo remoto, respuesta a la incertidumbre y vulnerabilidad y sentimiento de pertenencia a una comunidad, entre otras. Mind the Gap (2020).

En este escenario, los diseñadores en formación del curso Diseño para sistemas de información y orientación de la Fundación Universitaria Los Libertadores en Bogotá, Colombia, que también fueron llamados a migrar repentinamente sus entornos de aprendizaje a entornos virtuales, le apostaron desde sus lugares de estudio en casa, al desafío de problematizar situaciones cotidianas emergentes por las fases que generó la pandemia del COVID-19, como el aislamiento preventivo obligatorio o cuarentena y la transición gradual a la llamada nueva realidad.

El reto propuesto en el espacio académico fue identificar estas problemáticas, y, a la luz de las consideraciones teóricas, metodológicas y prácticas del diseño de información, traducir el análisis producto de la observación y documentación, a instructivos sencillos y prácticos que pudieran ayudar a las personas que estuvieran en situaciones de vulnerabilidad o cambio, que les generaran incomodidad, angustia o afectación de su salud, producto del paso por el COVID-19.

Un instructivo es un artefacto gráfico en el campo del diseño de información que ayuda a las personas a saber “cómo se hace”, proporciona una alternativa de solución que brinde conocimiento efectivo y utilizable en el momento de la necesidad. Idealmente tiene un alto contenido gráfico, ya que el cerebro humano procesa la información visual 60,000 veces más rápido que la información escrita. Los instructivos que aquí se presentan como muestra del ejercicio realizado en los períodos académicos 20201 y 20202, se enfocan en guiar comportamientos y se decantan en dos categorías que son las emociones y relaciones familiares, en el terreno de lo privado o íntimo; y, el trabajo y adaptación a la nueva realidad, que compromete la relación con roles externos al hogar.

Para su realización, los diseñadores identificaron la dificultad o necesidad que se estaba presentando en el entorno observado, y se fijaron un objetivo basado en las necesidades de instrucción, la evaluación de la documentación rastreada sobre ese aspecto específico y el enfoque, que podía ser sustituir la acción habitual por una nueva, repetir el comportamiento hasta que se torne agradable, separar a la persona del estímulo que lo induce a determinada conducta, la disminución de la frecuencia de ejecución del mal hábito o inclusive, una penalización simbólica a la reincidencia. Su divulgación se hizo a través de las redes sociales que en cada caso se consideraron más pertinentes y se recibió retroalimentación de los usuarios que tuvieron acceso a los mismos.

Los siguientes son algunos de los instructivos desarrollados en las dos categorías mencionadas:

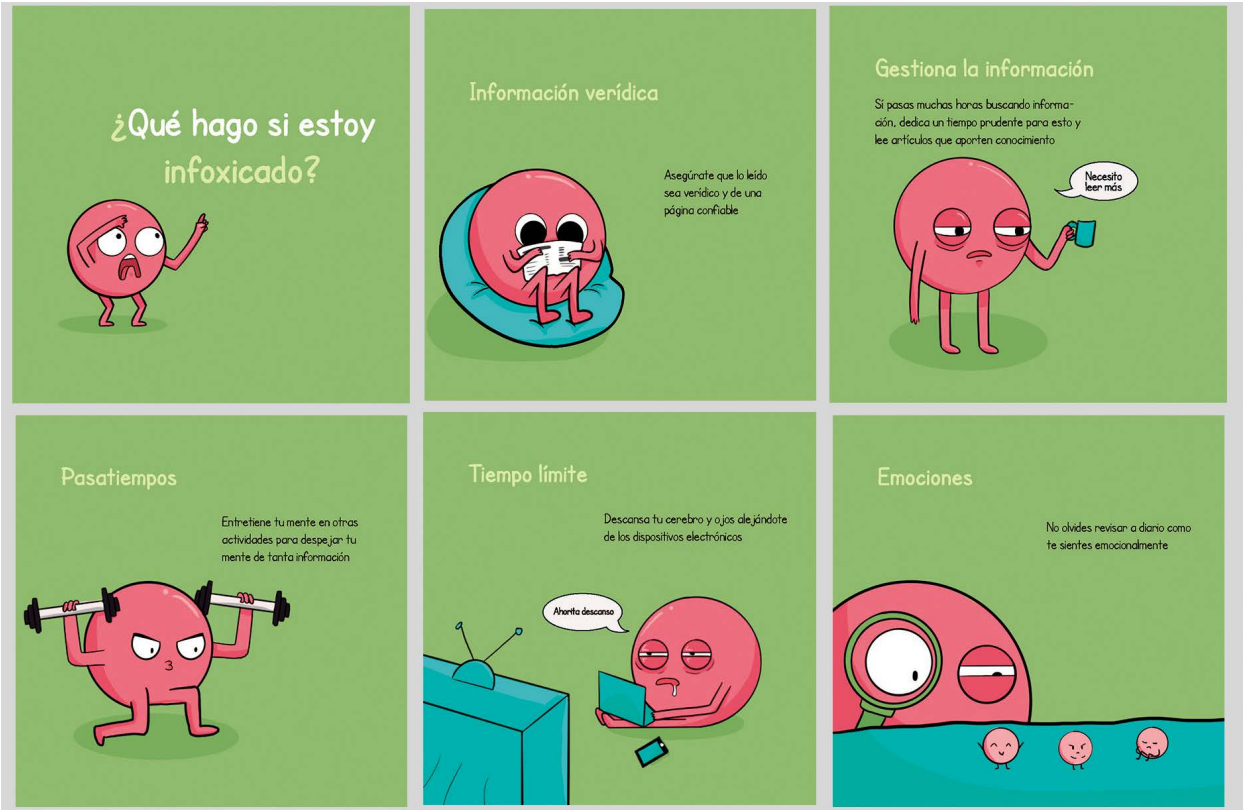


Emociones y relaciones familiares

1\_ ¿Cómo reducir la ansiedad en adultos mayores por el exceso de información?

Laura Daniela Garzón Chía

El exceso de información de cualquier tipo puede generar síntomas como el estrés, la ansiedad entre otras consecuencias a nivel funcional, las nuevas tecnologías, al estar en conexión con ellas, aportan la posibilidad de recibir constantemente información de forma inmediata, sin importar el tipo de fuente, existe un concepto conocido como Working Interruptus, que hace referencia, a aquel individuo que abre muchos temas pero la mayoría quedan a medias lo que hace que se exponga a la información poco verídica o en su defecto poco profunda, generando así estrés de responder a todas ellas.



## 2\_¿Cómo ayudar a las personas a afrontar el duelo en tiempos de cuarentena?

Laura Camila Urrea Rodríguez

El duelo es una reacción normal emocional y psicológica que suele sufrir el ser humano ante alguna pérdida emocional, que tiene diferentes etapas de superación: negación, ira, negociación, depresión y aceptación. En estos momentos de pandemia este proceso es más lento o se atasca, debido a que las personas del núcleo familiar se encuentra confinadas y no pueden realizar las debidas ceremonias de acompañamiento al fallecido, causando algunos problemas psicológicos que afectan a las personas más cercanas, como trastornos depresivos y psicóticos.



**3\_¿Cómo evitar y resolver conflictos familiares en época de aislamiento por pandemia?**

*José Valerio Zambrano Cerquera*


La coyuntura actual ha llevado a que las familias convivan las 24 horas del día, entre las actividades propias del hogar, las actividades académicas de los hijos y las responsabilidades laborales que no se detienen. En Colombia, hablamos de 43 millones de personas, agrupadas en más de 12 millones de hogares, por lo tanto, los conflictos han aumentado, debido a esto es muy importante adelantar acciones para fortalecer la convivencia familiar, especialmente en estos momentos, cuando el estrés puede apoderarse de los hogares.

### Cómo Resolver CONFLICTOS FAMILIARES en PANDEMIA


Estamos hablando de 43 millones de personas, agrupadas en más de 12 millones de hogares, por lo tanto, los conflictos han aumentado, debido a esto es muy importante adelantar acciones para fortalecer la convivencia familiar.

Bájale a las revoluciones, desarma tu corazón, respira profundo y lee este instructivo


Pilas con el tono, deja los ataques a la persona, ataca al problema.




No dañes el parche, para, piensa y soluciona




Párale bolas al problema y no salgas huyendo.




Si estas con la piedra afuera, puedes parar y aplazar la conversación




Échale gafa a los gestos y acciones, Podría herir susceptibilidades.




No le botes corriente al problema, piensa en una solución.




Deja la cantaleta Escucha y comprende.




Haz una lista de cosas que quieres cambiar, por favor que ésta sea corta.



Pensando en caliente NO identificaras el problema



Si te muestras con una actitud chévere, los demás también acabarán por hacerlo



**¡CÓJELA Suave mi@!**  
aprovecha EL TIEMPO JUNTO a TU FAMILIA



4\_¿Cómo ayudar a padres con hijos que poseen el trastorno autismo durante el período de nueva normalidad aún conviviendo con el COVID-19, en un contexto familiar?

Eliana Alejandra Sánchez Arias

El autismo es un trastorno neuropsiquiátrico, que normalmente se manifiesta durante los tres primeros años de vida y se reconoce por distintos comportamientos como el aislamiento social, dificultades para comunicarse y patrones de conductas repetitivas y obsesivas. Durante la crisis del coronavirus, muchas familias que tienen niños con este trastorno se enfrentan a la suspensión de servicios de educación y rutinas ya establecidas, la intención con este proyecto es brindar pasos de cómo desarrollar rutinas que sean viables para el desarrollo del niño por medio de un instructivo, ya que pueden tener dificultades para adaptarse a los cambios en su rutina y entorno.

¿Cómo crear rutinas viables para el desarrollo de los niños con autismo?

El autismo es un trastorno neuropsiquiátrico. Y se reconoce por distintos comportamientos como el aislamiento social, dificultades para comunicarse y patrones de conductas repetitivas y obsesivas.

Este instructivo te ayudará a implementar los pasos para establecer rutinas que sean viables para el desarrollo del niño.

Crea una nueva rutina en su día, que se ocupe a los gustos ya adquiridos, esto será esencial para generar la adaptación.

10/05/2021

|           |  |
|-----------|--|
| Monday    |  |
| Tuesday   |  |
| Wednesday |  |
| Thursday  |  |
| Friday    |  |

La solución será diferente dependiendo lo que funcione para cada familia, pero de ser posible, puedes usar los mismos sistemas de recompensas y planes del comportamiento que funcionaban antes la crisis del Covid-19.

Establece una alimentación saludable que siga los patrones alimentarios a lo que suele estar acostumbrado.

Mantener los horarios de comida, la textura y diversidad del alimento ayuda a generar semejanzas de la rutina anterior.

Agrega en la rutina actividades diarias físicas a realizar, puede ser saltar, bailar o correr.

Incluir actividades para la motricidad fina/grosera ayudará a controlar la ansiedad y gastar energía del día.

Arregla horarios para juegos que pueden variar dependiendo con los intereses sensoriales.

Títeres

Usar texturas, figuras geométricas, trabajo con plastilina en los niños más pequeños, apoyarse en las historietas, relatos, esto ayuda a incentivar la imaginación y creatividad del niño.

Realiza actividades que refuercen la acción de irse a dormir y garantizar un sueño tranquilo.

Dormir ayuda a mejorar la actitud del niño en el día y son menos propensos a problemas de comportamiento e irritabilidad.

Programa descansos para ti, te lo mereces!

Cuidar a un niño las 24 horas del día, los 7 días de la semana sin el apoyo de una comunidad y una escuela, da aún más responsabilidad a los adultos responsables.

Intenta programar descansos durante el día cuando el horario de su hijo lo permita.



## 6\_ ¿Cómo ayudar a minimizar el riesgo de contagio en los actores que hacen parte de la cadena de recolección del reciclaje con ayuda de la ciudadanía, durante el período de nueva normalidad aún conviviendo con el COVID-19?

Andrés Felipe Bernal Soto

La disposición de residuos utilizados para la protección ante el COVID-19 como tapabocas, guantes y otros, muchas veces es inadecuada por desconocimiento, exponiendo a alto riesgo a los actores que hacen parte de la cadena de recolección del reciclaje, que se están contagiando del Covid 19 por el contacto que tienen con dichos residuos cuando estos no están separados de los demás.





## 7\_¿Cómo ayudar a los dueños a preparar a sus mascotas, incluyendo nuevas rutinas que puedan ayudar a los animales para el regreso de la nueva realidad?

Dolly Johana Poveda Sánchez

Después de compartir varios meses tiempo completo con las mascotas, muchos humanos deben regresar a sus actividades rutinarias fuera del hogar, lo que genera situaciones de ansiedad, sufrimiento y malos comportamientos en los animales, especialmente los perritos que sentirán su ausencia. Por esto es importante ayudarlos a prepararse y preparar a sus compañeros caninos a la nueva rutina, para regresar gradualmente a asumir tiempos de separación con tranquilidad y sin perjuicios.



## Trabajo y adaptación a la nueva realidad

### 8\_¿Cómo ayudar a los padres a sobrevivir al teletrabajo con hijos pequeños durante los periodos de aislamiento preventivo por COVID-19?

Yuri Alejandra Riaño Ramos

Para muchas familias, especialmente aquellas con madres cabeza de hogar con hijos de hasta tres años, el salto repentino al teletrabajo ha sido un verdadero desafío, pues los niños demandan alto grado de atención, por su edad quieren trepar y explorar el territorio permanentemente, y esto sumado a las responsabilidades laborales, alimentación, labores de limpieza y el encierro, desembocan en alto estrés por sentir que se duplica el compromiso y que en ciertos momentos se deben atender simultáneamente varias acciones.



### Cuarentena & hijo pequeño teletrabajo

#### ¿Qué? tenemos

- Numerosas labores, y responsabilidades
- Asilo y Alimentación
- Hijo con alta demanda de atención
- Hijo en primera infancia que requiere moverse, descubrir, probar y explorar su entorno
- Estrés y preocupación

#### ¿Qué? necesitamos

- Distribuir tareas y apoyo en familia
- Turnos y Rutinas
- Estrategia, paciencia y organización
- Actividades, juegos, buena alimentación, creatividad y siesta.
- Huicia para todos y respirar profundo

### PASO 1

Hacer una lista de prioridades sobre las actividades a realizar durante el día, organizada de mayor a menor importancia.

|              |            |
|--------------|------------|
| 1. Trabajo   | 4. Juego   |
| 2. Comida    | 5. Aseo    |
| 3. Actividad | 6. Compras |

**TIP**  
Check list sobre los ítems cumplidos, esto genera sensación de mayor productividad

**NO**

- Frustrarse si no cumple todo
- Sobrecargarse de labores.

### PASO 2

Distribuirse los labores del hogar con la pareja, familia o persona con quien vivimos, según los tiempos y habilidades

**TIP**  
Asignar tareas al hijo como: recoger juguetes, llevar la lora a la cocina, esto los involucra y hace sentir parte del entorno.

**SI**

- Apoyarse entre todos
- Alternar tareas

### PASO 3

Mantener rutinas generales para padres e hijo, paralelas, con el fin de permitir fácil adaptación

| Papá        | Hijo      | Mamá       |
|-------------|-----------|------------|
| Despertar   | Dormir    | Despertar  |
| Alcance     | Dormir    | Alcance    |
| Aseo básico | Dormir    | Comida     |
| Desayunar   | Dormir    | Desayunar  |
| Trabajar    | Dormir    | Trabajar   |
| Break para  | Desayunar | Break para |
| Trabajar    | Desayunar | Trabajar   |
| Almuerzo    | Desayunar | Almuerzo   |
| Lavar ropa  | Desayunar | Dejé algo  |
| Trabajar    | Desayunar | Trabajar   |
| Comida      | Desayunar | Comida     |
| Trabajar    | Desayunar | Trabajar   |
| Cena        | Desayunar | Cena       |
| Organizar   | Desayunar | Baño       |
| Descansar   | Desayunar | Descansar  |
| Dormir      | Desayunar | Dormir     |

**TIP**  
Despertar temprano para adelantar labores del hogar como comida o aseo (Sacar la basura)

**SI**

- Tomar pausas
- Comprender al otro

**NO**

- Adaptarse a tu conveniencia

### PASO 4

Con creatividad alternar las diferentes actividades y juegos para los niños.

**TIP**  
Guiarse en grupos de padres en facebook, FI, pintar con acuarela seca es más práctico y reduce desastres

**NO**

- Perder la calma
- Abusar del uso del tv o celular ya que es negativo

### PASO 5

Hacer técnicas de relajación para reducir el estrés durante y después de la jornada laboral

**TIP**  
Bañar al hijo en la noche y permitir juego en la tina para relajarse y dormir mejor

**SI**

- Escuchar música para iniciar más activo el día
- Hora del cuento para dormir, distrae y libera tensiones

### SUELE PASAR

- Levantarte sobre el tiempo y asustado
- Aparición de tu hijo en reuniones laborales
- Acumular estrés
- Juguetes y zapatos por todas partes
- No saber si reír o llorar por las travessuras
- Llantos y pataletas

### A VECES ES VÁLIDO

- No maquillarse o afeitarse
- Pedir domicilio
- Un día en pijama o arreglarse de más

Todo lo logramos con mucha paciencia organizados en equipo y en especial con amor

“En tiempos de crisis solo la imaginación es más importante que el conocimiento”

Albert Einstein

9\_¿Cómo ayudar a los estudiantes y a los trabajadores a optimizar su espacio y su alrededor desde casa durante el período de nueva normalidad aún conviviendo con el COVID-19, en un contexto laboral y académico?

Mayra Alejandra Cruz Reyes

De acuerdo a la pandemia, de una u otra forma hemos tenido que tratar de adaptarnos en nuestro hogar, pero muchas veces, nuestro “único lugar” de trabajo no es el más óptimo, es por esto que se necesita una guía que nos ayude a crear, manejar, optimizar, adecuar, habitar y adaptar nuestro espacio de trabajo para nuestro estudio y/o trabajo para mejorar nuestros deberes y nuestra salud mental.

# MANUAL PARA RESISTIR

— con mucho ruido —

Para cambiar y optimizar tus horas de trabajo y/o estudio, necesitarás de un ingrediente clave: mente abierta dentro de tu hogar. En el siguiente instructivo, por cada paso realizado, bajará tu índice de molestias. Si no logras obtener el resultado en algún paso, verifica los anteriores o busca la mejor forma para resolverlo.

RECUERDA: Esto es acompañado con una alimentación saludable, un periodo de sueño suficiente, una rutina de ejercicio adecuada y una desconexión después de tu jornada.

1

Examina tu territorio

Identifica las interrupciones y las molestias que te rodean.

ÍNDICE DE MOLESTIAS ALTO

2

Defínete

Plantea un horario de trabajo, añadiendo tus descansos y tus momentos libres.

ÍNDICE DE MOLESTIAS ALTO

3

Todo está en la comunicación

Dialoga y negocia con quien convives, tus horarios para que sepan y se establezcan ciertos espacios de esparcimiento.

ÍNDICE DE MOLESTIAS MEDIO

4

Único mundo temporal

Aíslate del ruido cerrando la puerta, coloca un aviso si es necesario, ponte audífonos y, si te funciona, reproduce música adecuada para concentrarte. Todo esto amortiguará el ruido exterior y molesto mientras trabajas.

ÍNDICE DE MOLESTIAS BAJO

5

Modo avión

Configura tu celular para que no suene durante tus horas productivas.

ÍNDICE DE MOLESTIAS BAJO

## ¡FELICIDADES!

HAS BAJADO TUS ÍNDICES DE MOLESTIAS Y UN ESPACIO LIBRE DE INTERRUPCIONES

SI NO ES ASÍ, VETE DE LA CASA Y ¡CORRE, CORRE COMO TIRO AL BLANCO! Hasta que encuentres tu propia cueva.

# MANUAL PARA RESISTIR

— con poco espacio —

Para cambiar y optimizar tus horas de trabajo y/o estudio, necesitarás de un ingrediente clave: mente abierta dentro de tu hogar. En el siguiente instructivo, por cada paso realizado, obtendrás puntos. Si no logras obtener el resultado en algún paso, verifica los anteriores o busca la mejor forma para resolverlo.

RECUERDA: Esto es acompañado con una alimentación saludable, un periodo de sueño suficiente, una rutina de ejercicio adecuada y una desconexión después de tu jornada.

1

Elige y reinarás

5 PUNTOS

Identifica en tu hogar, un lugar donde tengas altas posibilidades de obtener más privacidad o tranquilidad, sin demasiado ruido o en lo posible, en lo absoluto.

2

Que brille sin parar

7 PUNTOS

En el lugar elegido, busca un lugar con mayor iluminación. Si no cuentas con lo anterior, recurre a una lámpara de escritorio u otro elemento que pueda reforzar la iluminación.

3

No dudes en moverlo

10 PUNTOS

Si tienes escritorio o mesa exclusivamente para este fin, ubícalo en el lugar elegido. Pero si tu lugar de espacio, que sin remedio, es la sala o peor aún, es el comedor, ubícalo en el mejor lugar de iluminación o donde se encuentre, trata de mejorar este aspecto.

4

Como peluche de felpa

15 PUNTOS

Tu silla va a ser una de las mejores amigas en tus horas de trabajo, para esto, bázote en que sea cómoda, tenga respaldo, recuerda mantener una buena postura para que luego de un tiempo no te duela el cuerpo. Si ya cuentas con una silla pero no es como te la describo, adaptaal.

5

Que nunca falte

18 PUNTOS

Nuestra mano derecha será el portátil, el computador de escritorio, tablet, entre otros dispositivos que recurrimos para nuestros deberes laborales o académicos deben contar con una organización, para que no te compliques en buscar y no sea un caos.

6

Como técnico de fútbol

20 PUNTOS

Sé estratégico y ubica los elementos extras de tal forma que no obstruyan tu proceso laboral y que estén a tu alcance.

7

Tu espacio = tu mente

25 PUNTOS

Mantén tu espacio laboral organizado y limpio, esto hará la diferencia en cuanto a tu estado mental. Mantenlo limpio.

## ¡FELICIDADES!

HAS GANADO 100 PUNTOS Y UN ESPACIO ÚNICAMENTE PARA TUS DEBERES

SI NO ES ASÍ, VETE DE LA CASA Y ¡CORRE, CORRE COMO TIRO AL BLANCO! Hasta que encuentres tu propia cueva.



*María Camila Lozano Pérez*

# ¡Demuestra que eres un profesional!

DESDE LA COMODIDAD DE TU CASA



Cada vez la tecnología nos brinda más oportunidades para encontrar empleo. Por esta razón, hoy queremos aprovechar y darte unos pasos para que tengas una entrevista virtual **exitosa**

- 1. Luce profesional:** Para ser efectivo en este tipo de entrevista debes vestirte apropiadamente. Usa ropa adecuada que demuestre seriedad y profesionalismo.


- 2. Alístate 20 minutos antes:** Debes empezar a la hora acordada de la entrevista. Se puntual.
- 3. Guía tu vocabulario:** Es un error pensar que la entrevista virtual es una instancia más relajada. Sé respetuoso, amable y positivo.

Por favor

Gracias

¡Buen día

¡Buen día


- 4. Espera tu turno de hablar:** Esto generalmente ocurre debido a la baja intensidad de la señal de Internet y puede llevar a una situación en que el entrevistador y el candidato se miran ompan mutuamente.

- 5. Usa tu lenguaje corporal:** Haz gestos con las manos cuando sea apropiado y mantenén tus movimientos cerca de tu cuerpo.


- 6. Escucha, asiente y sonríe:** Para mostrar que estás prestando atención y manteniéndote optimista es tan importante demostrar que te estás dando toda tu atención al entrevistador.


- 7. Controla tus nervios:** Una opción que te damos para ellos es tomarle una copa de vino esto te ayudará a relajarte un poco y ser más fluido.



**Ese nuevo empleo te espera**

# Ten éxito!

DESDE EL COMIENZO DE TU ENTREVISTA



¿Sabías que el **25%** de las entrevistas virtuales, fallan por cuestiones técnicas como la conectividad?


**A continuación te ayudaremos a ser parte del otro**

## 75%

que tiene éxito.

*Tu computadora*


5. Revisa que tu computador tenga **buena conexión a internet** y si dejas usar un portátil, que la batería esté al **100%**.




6. Comprueba que la **cámara web** de tu computadora y el **audio** funcionen.

*Tu entorno*

1. Busca un lugar **tranquilo, sin ruido y sin distracciones**.




2. Encuentra un fondo **claro y plano**. Esto evitará las distracciones.



*Tu cámara*


7. Familiarízate con el manejo de la plataforma elegida para la entrevista. **Descarga** con anterioridad la **aplicación y practica** para evitar pérdidas de tiempo durante la llamada.



8. Ajusta la **altura de la cámara**. Es importante que el entrevistador te pueda visualizar bien y **no te falte partes del rostro**.


*Tu entorno*

3. Ajusta la iluminación, **evita el contraluz y las sombras muy contrastantes**.



4. Si usas **gafas**, ajusta la iluminación de tu espacio para evitar que la pantalla se refleje sobre los lentes.

9. **Silencia tu teléfono móvil.**



*Si llegaste hasta el final. Felicidades! tienes una buena entrevista.*

## 11\_¿Cómo facilitar la transformación digital en personas que no están acostumbradas a la tecnología?

*Wilson Hernando Rodríguez Méndez*

Ante el cambio digital repentino forzado por el COVID-19, muchas actividades cotidianas que los adultos mayores realizaban físicamente, tales como los trámites en bancos, pensiones, salud, subsidios, giros, y mercados entre otros, migraron a plataformas digitales desconocidas por ellos. Para el acceso a éstas, muchos de ellos deben acudir a sus familiares generando dependencia, desconfianza, angustia y dificultades en la realización de dichos trámites. El correo electrónico es la llave para el acceso al mundo digital y aprender a gestionarlo de manera sencilla y práctica aportará autonomía en el proceso de transformación digital.

## TU CORREO ELECTRÓNICO ES TU LLAVE DIGITAL



### EN TU CELULAR:

- Encuentra este **ícono**   
  
Aparecerá un título que dice "Configurar correo electrónico"
- Selecciona **Google**  

- Escoge la opción **Crear cuenta**  
  
Entrarás a un formulario en el que llenarás con tus datos personales.  
Cuando vayas completando, usa el botón **Siguiente**  
  
Te pedirá los siguientes datos

### VIENE LO MÁS IMPORTANTE

Tu nombre de correo y contraseña te servirán para usarlos cuando lo necesites.

- Crea tu nombre de correo electrónico
- Crea tu contraseña. Usa números, letras y símbolos

Anota tu nombre de usuario y contraseña en un lugar seguro, donde nadie lo sepa.

- Llegarás a los textos de Privacidad y Condiciones  
  
Aquí te explican que tus datos personales son privados y que los puedes cambiar cuando quieras
- Selecciona **Acepto**  


Este fue el último paso

## ¡FELICITACIONES!

De ahora en adelante, tu puedes:

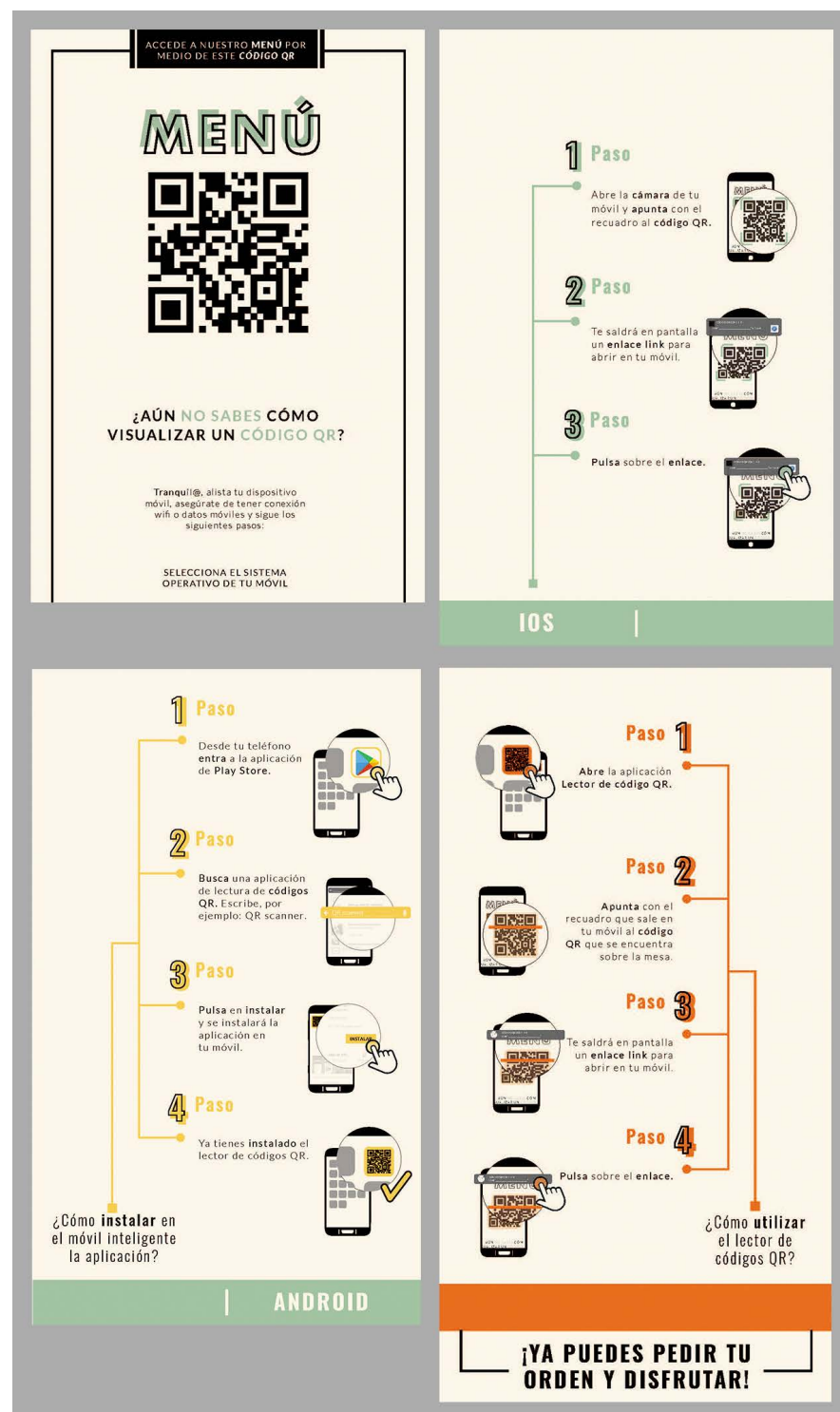
- Enviar mensajes
- Realizar pagos en segundos
- Instalar aplicaciones



## 12\_¿Cómo ayudar a los adultos mayores a familiarizarse con las nuevas tecnologías digitales implementadas en la cotidianidad durante este período de apertura económica?

*Manuela del Pilar Forero Yanquen*

Debido a la pandemia global de coronavirus, la sociedad ha tenido que encontrar soluciones en lo digital, pero muchas veces, los adultos mayores quedan excluidos de ciertas actividades por la no familiaridad con procedimientos tecnológicos que para otros pueden ser cotidianos. Es el caso de los restaurantes en la nueva realidad, que para evitar la manipulación física de los menú, han optado por trasladarlos a plataformas digitales a las que se accede por código QR. Si bien, esta es una solución, para quienes no saben utilizarlo, es una barrera para su autonomía e integración social.







Del ejercicio pueden decantarse conclusiones desde la perspectiva profesional, académica y personal/social. En el ámbito profesional, se valida la capacidad del diseñador para identificar situaciones problema que le permitan intervenir –no necesariamente solucionar– siendo facilitador, puente, permitiendo visibilizar o simplificando información para traducirla a acciones concretas con el concurso de diversos enfoques y disciplinas, ampliando su propio horizonte y el de las personas que beneficia.

Desde la perspectiva académica, el traslado temporal del aprendizaje al escenario virtual, fue percibido en principio con cierta prevención, pero resultó ser un gran potencializador de empatía y del desarrollo de saberes, capacidades y habilidades que requieren los diseñadores para esta nueva y desafiante normalidad, y con estos, evidenciar las transformaciones que para las escuelas, profesores, didácticas y recursos se hacen inevitables.

Por último, la experiencia personal tanto para el profesor al idear el desafío y acompañar su desarrollo, como para los estudiantes y sus familias, al interpretar el mundo en momentos de crisis y (re)imaginarlo traduciendo situaciones con los recursos disciplinares y los nuevos conocimientos, es sin duda un detonante de reflexiones sobre la manera de adaptarnos como ciudadanos y como sociedad, y sobre los hallazgos acerca de esas experiencias, que podemos compartir con las siguientes generaciones.

# No meio da rua do mundo

**AUTOR:**

Ruth Do Carmo

**RESUMO EM PORTUGUÊS: NO MEIO DA RUA DO MUNDO**

Trata-se da produção de um poema autoral, especificamente para este projeto. Acredito que o momento é propício para a manifestação de sentimentos, seja em prosa, poesia, pintura ou outras formas de expressão artística para que se possa registrar o momento histórico que estamos vivendo. É um registro de um período difícil, porém repleto de aprendizados humanos.

**ENGLISH ABSTRACT: IN THE MIDDLE OF THE WORLD STREET**

This is the production of an original poem, specifically for this project. I believe that the moment is suitable for the manifestation of feelings, whether in prose, poetry, painting or other forms of artistic expression in order to register the historical moment we are living. It is a record of a difficult period, but one full of human learning.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: EN MEDIO DE LA CALLE DEL MUNDO**

Se trata de la producción de un poema original, específicamente para este proyecto. Creo que el momento es propicio para la manifestación de sentimientos, ya sea en prosa, poesía, pintura u otras formas de expresión artística para registrar el momento histórico que estamos viviendo. Es un registro de un período difícil, pero lleno de aprendizaje humano.

**TITRE FRANÇAIS: AU MILIEU DE LA RUE DU MONDE**



# No meio da rua do mundo

E paramos no meio  
da rua do mundo  
com cara de espanto  
e um medo profundo  
do microscópico absurdo.  
Onipotentes,  
donos da vida  
serpente e mistério.

E a descoberta desoladora  
nos traz para casa,  
sombrios e mudos,  
portas trancadas,  
um sol distante,  
falta da vida  
que é só memória.  
O susto cresce,  
mortes avançam  
e somos frágeis  
e somos tantos!

De nada vale  
o que foi aquele sonho  
hoje sou espanto e olhar vazio.  
Lá fora é um vale  
e há uma rua parada e cinza  
porque aqui também é inverno.  
E tudo fecha... e tudo espera...  
Dentro de nós há medo e tédio,  
um desconhecido nos ronda as horas.  
E nossos dias já tão perplexos.  
somos todos ameaças recíprocas,  
somos todos crianças que se apavoram,  
olhando-nos desoladas  
um desamparo nos fez pequenos,  
um vírus torpe nos fez vetores.

RUTH DO CARMO -09-9-2020

# Já não somos os mesmos de antes

---

**AUTOR:**

Daniela de Oliveira

---

**RESUMO EM PORTUGUÊS: JÁ NÃO SOMOS OS MESMOS DE ANTES**

Trata-se de uma breve análise no comportamento das pessoas e nas mudanças ocorridas com a pandemia COVID-19.

---

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: NOUS NE SOMMES PLUS LES MÊMES QU'AVANT**

Il s'agit d'un bref aperçu du comportement des gens et des changements survenus avec la pandémie de COVID-19.

---

**ENGLISH ABSTRACT: WE ARE NOT THE SAME AS BEFORE**

This is a brief look at people's behavior and the changes that have occurred with the COVID-19 pandemic.

---

**RESUMEN EN ESPAÑOL: NO SOMOS LOS MISMOS DE ANTES**

Esta es una breve mirada al comportamiento de las personas y a los cambios que se produjeron con la pandemia de COVID-19.



# Já não somos os mesmos de antes

Eu quero a vida como era antes  
Quero as crianças indo para a escola,  
Algumas com caras emburradas,  
Outras serelepes, com suas mochilas coloridas...  
Eu quero ir na vendinha da esquina que vende de tudo um pouco,  
E bater papo com o dono da fruteira...  
Quero sorrisos sinceros e aqueles abraços e apertos de mão dos amigos,  
Quero tomar um chopp despreocupada e falando sobre assuntos aleatórios e engraçados...  
Quero que não seja complicado demais ir no supermercado fazer as compras do mês,  
Quero que as lojas atendam normalmente,  
Com seus vendedores nos dizendo que ficamos ótimos em determinada roupa,  
Contrariando o que o espelho do provador nos mostra  
Quero que tudo volte a ser como era antes  
Porém, já não somos os mesmos de antes...  
Aprendemos outras formas de nos comunicarmos,  
Outras maneiras de estudar ou mesmo de fazer exercícios sem sair de casa  
Aprendemos a pensar nas coisas da vida, no futuro da humanidade  
Vimos exemplos ruins, de pessoas egoístas...  
Mas também vimos pessoas ajudando umas às outras  
E vimos o quanto somos fortes para sobreviver às crises que aparecem...  
O psicológico muitas vezes se abalou  
Ao ver notícias e números assustadores...  
Uma doença em que não se sabe ao certo como nem porquê surgiu  
Com sintomas que variam de pessoa para pessoa  
Que se espreita e se camufla em todos os lugares, deixando-nos com medo e apreensivos,;  
Seria uma lição para os seres humanos?  
Uma maneira de nos fazer despertar e refletir sobre nossas atitudes?  
Não sei...  
Apenas sei que já não sou quem eu era,  
E isso é bom, pois não quero voltar a ser.



# Callousness & empathy

**ARTIST:**

Julian Udine

**ENGLISH ABSTRACT: CALLOUSNESS & EMPATHY**

For those who live in safety in the Philippines, we must decide what to live by: Blissful callousness or agonizing empathy. The worsening authoritarian rule comes hand-in-hand with the event of a pandemic. Authoritarianism, human rights violations, and lack of accountability have worsened in the Philippines due to lockdown, and civilians can do little to support those who remain oppressed.

A woman wanders across a landscape of her own imagination. Something about this world is too brilliant, too artificial, fake. It is a carefully constructed narrative that ignores unsavory details, or else surgically cuts them out of the scene. Sometimes the shoddily-made landscape fractures to pieces, but she can sew it back together to shut out the darkness yawning through the gaps. Yet it cries for her attention and threatens her comfort. What will she choose to see today?















# Art in the time of COVID-19

**ARTIST:**

Laura Dirk

**ENGLISH ABSTRACT: ART IN THE TIME OF COVID-19**

Pandemic art in the style of Andy Warhol. I imagined what Warhol would have painted during this time in history. Lysol disinfectant spray was a hot commodity. The beauty and awe of nature.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: L'ART AU TEMPS DE COVID-19**

L'art pandémique dans le style d'Andy Warhol. J'ai imaginé ce que Warhol aurait peint à cette époque de l'histoire. Le spray Lysol était une denrée très prisée. La beauté et la crainte de la nature.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: ARTE NO TEMPO DA COVID-19**

Arte pandémica no estilo de Andy Warhol. Imaginei o que Warhol teria pintado durante este tempo na história. O spray Lysol era uma mercadoria quente. A beleza e o assombro da natureza.









# Les paradoxes de l'épidémie; Une leçon pour la prise de décision

**AUTEUR:**

Olivier Vidal

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LES PARADOXES DE L'ÉPIDÉMIE; UNE LEÇON POUR LA PRISE DE DÉCISION**

La gravité du danger que fait courir l'épidémie de Covid 19 à l'humanité justifie-t-elle les mesures qui sont mises en œuvre pour tenter difficilement de l'endiguer ? Une analyse avantages-coûts, familière aux comptables, devrait permettre de répondre à cette question. La réflexion menée dans ce papier conduit à souligner le caractère paradoxal des caractéristiques de la maladie. Cette analyse permet de rappeler que les outils de gestion ne remplacent jamais le jugement des dirigeants.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: OS PARADOXOS DA EPIDEMIA; UMA LIÇÃO PARA A TOMADA DE DECISÕES**

A gravidade do perigo que a epidemia de Covid 19 representa para a humanidade justifica as medidas que estão a ser implementadas numa tentativa de a conter? Uma análise de custo-benefício, familiar aos contabilistas, deverá ajudar a responder a esta questão. A reflexão realizada neste documento leva-nos a sublinhar a natureza paradoxal das características da doença. Esta análise serve para lembrar que os instrumentos de gestão nunca podem substituir o julgamento dos gestores.

**ENGLISH ABSTRACT: THE PARADOXES OF THE EPIDEMIC; A LESSON FOR DECISION MAKING**

Does the seriousness of the danger posed to humanity by the Covid 19 epidemic justify the measures that are being implemented to contain it? A cost-benefit analysis, familiar to accountants, should help answer this question. The reflection carried out in this paper leads us to underline the paradoxical nature of the characteristics of the disease. This analysis serves as a reminder that management tools can never replace the judgment of managers.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: LAS PARADOJAS DE LA EPIDEMIA; UNA LECCIÓN PARA LA TOMA DE DECISIONES**

¿La gravedad del peligro que supone la epidemia de Covid 19 para la humanidad justifica las medidas que se están aplicando para intentar contenerla? Un análisis beneficio-coste, conocido por los contables, debería ayudar a responder a esta pregunta. La reflexión realizada en este trabajo nos lleva a subrayar el carácter paradójico de las características de la enfermedad. Este análisis sirve para recordar que las herramientas de gestión nunca pueden sustituir el criterio de los directivos.



# Les paradoxes de l'épidémie; Une leçon pour la prise de décision

L'épidémie de maladie à coronavirus 2019 qui touche l'essentiel de la planète a fait l'objet d'un nombre d'autant plus considérable de communications qu'elle a conduit la plupart des pays à mettre en œuvre des mesures de confinement qui, dégageant les individus de leurs activités quotidiennes habituelles, sont propices à la méditation.

La réflexion menée dans ce papier est celle d'un enseignant-chercheur en contrôle de gestion qui ne peut s'empêcher de faire appel à des grilles issues de sa discipline pour analyser la situation. Les outils de gestion sont généralement présentés comme des instruments d'aide à la décision. Un bon calcul de coût, un bon système d'information, un bon tableau de bord... aident le dirigeant à prendre la bonne décision, celle qui permet d'atteindre ses objectifs en minimisant les ressources nécessaires. Dans cette optique, l'enseignant en sciences de gestion devrait être en mesure de proposer des cadres d'analyse permettant aux dirigeants de prendre les bonnes décisions (ou de porter un jugement sur les décisions qui sont prises).

La réflexion va cependant s'attacher à démontrer la difficulté, voire l'incapacité des outils d'analyse traditionnels à aider les décideurs publics. La cause en étant le caractère paradoxal de la maladie à laquelle l'humanité fait face. Dans un premier temps, ce caractère paradoxal sera décrit. Puis une deuxième partie montrera qu'une asymétrie dans l'analyse avantage-coût donne un caractère éminemment subjectif à toute tentative d'analyse.

## Un virus paradoxal

La gravité d'une épidémie dépend d'une part des caractéristiques intrinsèques au virus qui en est la cause et, d'autre part, de la manière dont se comportent

les individus qui en sont victimes. Dans une société où la population est peu dense, où les individus sont isolés et interagissent peu entre eux, un virus a peu de chance de se propager rapidement. De même, si les individus adoptent rapidement et rigoureusement des gestes barrières, un virus, même très dangereux, ne se développera pas. Mais pour que la population accepte de modifier ses comportements, il lui faut être suffisamment consciente du danger qu'elle coure collectivement. Or le coronavirus 2019 du syndrome respiratoire aigu sévère est un virus intrinsèquement paradoxal. Cela s'illustre aussi bien dans sa contagiosité que dans sa létalité.

Comment juger de la contagiosité du virus ? Le  $R_0$  est une mesure de la vitesse de propagation de la maladie. Il s'élevait aux alentours de 3 en février en France (et s'établit à moins de 1 depuis que des mesures de distanciation sociale ont été mises en œuvre). Cette vitesse est comparable à celle de la grippe. Elle est beaucoup plus faible que celle de la rougeole par exemple. Le virus ne survit que quelques heures à l'air libre et serait peu contagieux si les malades asymptomatiques n'étaient pas si nombreux puisqu'ils diffusent la maladie sans le savoir.

Comment juger de la létalité du virus ? À nouveau, il est difficile de considérer le coronavirus comme un fléau mortel. En février, alors qu'aucune mesure n'avait été mise en œuvre pour lutter contre la propagation du virus, que les hôpitaux étaient peu préparés et que les données statistiques étaient incomplètes, le taux de mortalité des personnes infectées en France oscillait entre 0,5 et 3% selon les sources, avec de très grandes disparités en fonction de l'âge notamment. Dans une vision pessimiste et maximaliste, 3% de la population française, cela représente près de 2 millions de personnes. C'est un chiffre considérable en

valeur absolue, mais qui, comparé aux 600 000 décès annuels demeure très relatif. On est très loin des taux de mortalités liés aux grandes épidémies de peste qui ont pu décimer les populations européenne par le passé. Le coronavirus est plus mortel que celui de grippe saisonnière, mais beaucoup moins que celui de la rougeole ou d’Ebola.

Que ce soit donc l’analyse de la contagiosité comme celle de la létalité du virus, force est de constater que le coronavirus est un virus paradoxal. Il est contagieux, mais « pas tant que ça ». Il est mortel, mais « pas tant que ça ». Face à ce caractère intermédiaire, cette « gravité relative », comment faire pour se forger une opinion ? Comment aider les dirigeants à prendre les bonnes décisions ? Comment convaincre une population d’adopter des comportements de prudence qui restreignent significativement leurs libertés ? L’épidémie de COVID-19 est particulièrement propice à tous les biais d’interprétation.

### **Une analyse avantage-coût asymétrique**

L’analyse avantage-coût est un outil d’analyse très courant en gestion. En comparant les avantages et les inconvénients d’une décision, on détermine l’opportunité de prendre ou pas cette décision. Si les avantages sont plus nombreux, alors il faut prendre la décision. Dans le cas contraire, on ne prendra pas la décision. Si la démarche est simple, sa mise en œuvre ne l’est pas toujours. En effet, pour comparer les avantages et les inconvénients, il faut avoir des moyens de comparaison, autrement dit, une unité commune. Le comptable est rodé à ce type de problèmes. C’est l’intérêt (mais aussi la limite) de la comptabilité que d’exprimer les événements de la vie de l’entreprise dans une unité commune : l’unité monétaire. Si le coût est le chiffrage de la consommation d’une ressource, l’avantage doit pouvoir s’exprimer en valeur monétaire pour être comparable.

Dans le cadre de l’analyse d’une épidémie, l’analyse avantage-coût cherche à comparer les avantages et les inconvénients des mesures prises pour éviter la

propagation de la maladie. Les avantages sont liés aux vies humaines sauvées. Le taux de mortalité du virus semble indiquer ainsi qu’en France, ce nombre de vies sauvées est de l’ordre de plusieurs centaines de milliers (deux millions si l’on retient comme taux de mortalité les 3% constatés en février). On pourrait compléter en identifiant des avantages indirects, comme la baisse du nombre d’accidents de la route, ou d’accidents liés au sport constatés durant le confinement. Mais dans tous les cas, il apparaît que ces avantages ne se chiffrent pas en unités monétaires.

Évoquer les conséquences négatives des mesures de lutte contre l’épidémie est un exercice beaucoup plus difficile à mener. Bien au-delà du coût de la réponse médicale, les mesures de confinement ont marqué un coup d’arrêt à de très nombreuses activités dont les conséquences financières sont considérables. Ces conséquences peuvent se mesurer en unités monétaires. Mais elles s’accompagnent d’une crise sociale (perte d’emploi, baisse du pouvoir d’achat, famine, insécurité...) qui génère des conséquences en termes de santé (accidents domestiques, violences conjugales et familiales, suicides, dépressions...) difficilement chiffrables en unités monétaires. Par ailleurs, les soins non prodigués en période de confinement détériorent la santé générale des populations et le confinement, s’il sauve des vies, génère également des décès (AVC, infarctus...). Le confinement a enfin d’importantes conséquences dans des domaines comme la culture, les loisirs, l’éducation...

Ce qu’il convient donc de souligner, c’est l’asymétrie entre la nature des avantages et des inconvénients des mesures de lutte contre l’épidémie qui rend toute comparaison difficile. Mais au-delà de cette asymétrie, il est intéressant de souligner qu’il y a également une différence de temporalité.

Les avantages sont immédiats (ou quasi-immédiats). Les mesures de distanciation sociales ont un effet dès le moment où elles sont prises (nonobstant l’inertie liée au fait que certaines personnes déjà contaminées avant la mise en œuvre des mesures verront les symptômes



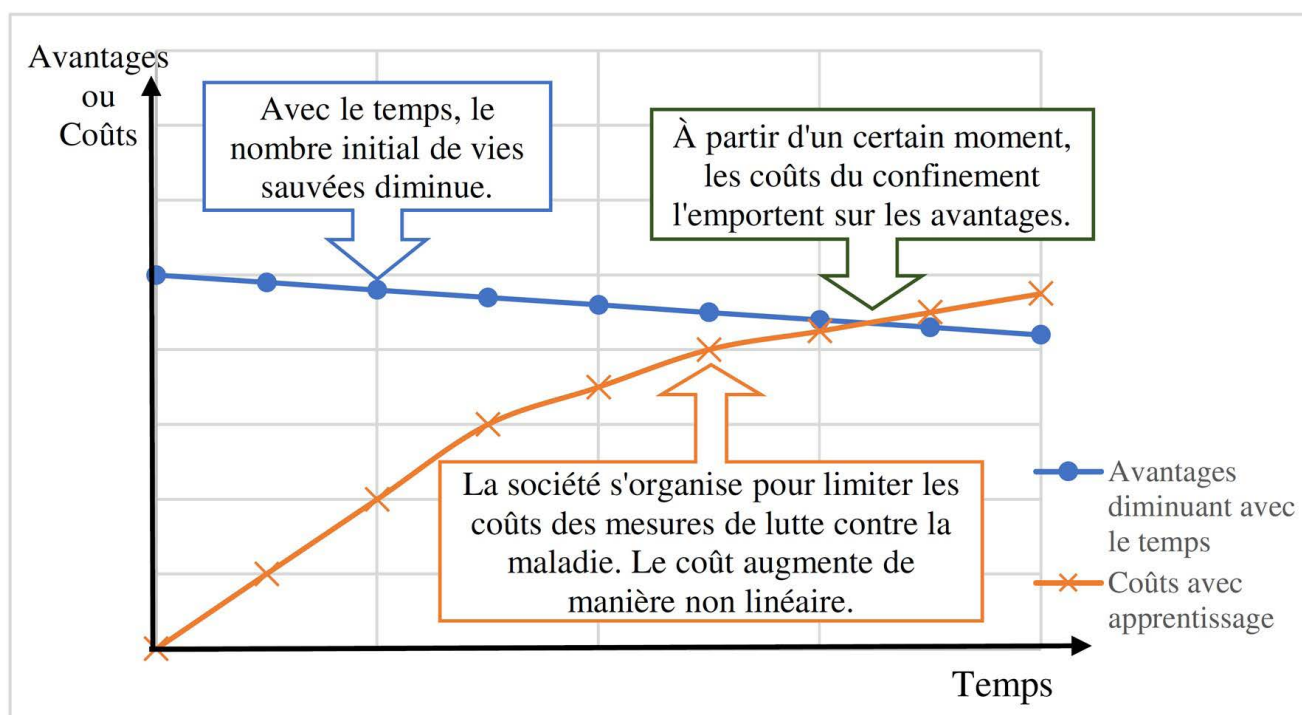
apparaître après une période d'incubation de quelques jours). Ces avantages (les vies sauvées) sont maximums au début de l'épidémie, mais si l'épidémie dure, la maladie se propage lentement et finit pas toucher un nombre croissant de personnes provoquant des décès, certes étalés dans le temps mais de plus en plus nombreux. Si l'épidémie n'est pas arrêtée, elle finit à terme par provoquer les nombreux décès qui n'auront pas été évités mais différés. Les avantages des mesures de lutte contre l'épidémie décroissent donc avec la durée de l'épidémie.

Les inconvénients, quant à eux, sont proportionnels à la durée de l'épidémie. Plus l'épidémie dure et plus le coût des mesures est élevé. Les conséquences d'un confinement d'un mois ont été estimées en France à près de 3% du PIB par l'Insee (Institut national de la statistique et des études économiques). Si le coût augmente avec le temps, cette augmentation n'est cependant pas nécessairement linéaire. En effet, si dans un premier temps un confinement généralisé a été imposé en France pour faire face à une maladie inconnue contre laquelle la société n'était pas prête à lutter, avec le temps, les mesures se sont adaptées aux menaces afin d'en diminuer le coût (par exemple en

instaurant un couvre-feu local plutôt qu'un confinement généralisé). Il y a un apprentissage dans la lutte contre l'épidémie.

L'analyse avantage-coût est donc doublement limitée. D'une part, il est difficile de comparer les coûts et les avantages des mesures de lutte contre l'épidémie. D'autre part, les paramètres du modèle sont dynamiques : ils évoluent dans le temps. Si les avantages décroissent avec le temps, les coûts, eux, augmentent avec le temps. Cette analyse peut être illustrée de manière graphique.

L'analyse conduit à prédire qu'il arrive nécessairement un point où les effets négatifs de la lutte contre la maladie l'emportent sur ses avantages. Mais déterminer ce point semble une mission impossible du fait de la difficulté de quantifier les avantages et les inconvénients, et du fait du caractère dynamique du modèle. Autrement dit, ce point est estimé de manière subjective et divergente selon les sensibilités. Le véritable fléau de cette épidémie est donc moins sa gravité objective que la difficulté de créer un consensus sur l'évaluation de cette gravité.



## Conclusion

---

Il semble possible de tirer une leçon de l'épidémie de Covid19 utile aux enseignants de contrôle de gestion. Si les outils de gestion permettent de formaliser les problèmes et de fournir des informations utiles à la prise de décision, la prise de décision demeure toujours une mesure arbitraire issue d'un jugement individuel, celui du dirigeant. Lorsque ces outils permettent d'identifier des situations évidentes, les décisions qui en découlent s'imposent et le consensus se fait facilement. Mais lorsque la situation est « intermédiaire », « paradoxale », alors quels que soient les outils mis en œuvre, le jugement demeurera éminemment subjectif et la prise de décision difficile. L'outil ne remplace jamais le jugement du dirigeant ou du *manager*.

À titre d'illustration, si un investissement a 1% de chance d'être rentable, il est facile de créer un consensus contre lui. À l'inverse, si un investissement a 99% de chances d'être rentable, l'adhésion au projet est unanime. Mais que faire lorsque la probabilité de réussite est de 50% ? Le consensus est impossible et le dirigeant doit imposer sa vision, son intuition. Sa décision est nécessairement issue de sa propre subjectivité.

C'est une situation semblable à laquelle est confrontée l'humanité en cette année 2020. Face à un virus dont les caractéristiques sont paradoxales, dont les avantages et les coûts des mesures de lutte contre l'épidémie sont difficilement comparables et évoluent dans le temps, les dirigeants comme les enseignants-chercheurs en sciences de gestion doivent avant tout adopter une posture d'humilité.



Usando tapabocas y evitando contagio

Presentado por: Mary Vera-Colina  
Crédito: Víctor David Colina



# Le tableau de bord perd le Nord

**AUTEUR:**

Christine Marsal

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LE TABLEAU DE BORD PERD LE NORD**

« J'accomplissais d'autres activités, je ne faisais plus de commercial car nous n'avions plus d'objectifs ». Ce témoignage recueilli à la fin du confinement, d'une simplicité et d'un naturel confondant remettait en cause la toute-puissance des tableaux de bord. Comme des bateaux qui suivent le vent, sans pilotage, les organisations ont tenté de résister aux courants contraires, en travaillant autrement... Ouvrir les frontières c'est aussi remplacer les calculs savants par des toiles de lin, des couleurs, des symboles. Les chiffres emplissent la mer, la boussole se perd dans le ciel, les objectifs se confondent avec les récifs, les valeurs cibles disparaissent dans la brume marine. Les KPI coulent et disparaissent. Autant de métaphores pour réinventer le pilotage de demain, plus humain ?

**RESUMEN EN ESPAÑOL: EL PANEL DE CONTROL HA PERDIDO EL NORTE**

“Hacía otras actividades, ya no hacía ventas porque ya no teníamos objetivos. Este testimonio, recogido al final del confinamiento, era tan sencillo y natural que desafiaba la omnipotencia de los paneles de control. Como los barcos que siguen el viento, sin dirección, las organizaciones han tratado de resistir las corrientes contrarias, trabajando de forma diferente... Abrir las fronteras también significa sustituir los cálculos aprendidos por lienzos, colores y símbolos. Los números llenan el mar, la brújula se pierde en el cielo, los objetivos se funden con los arrecifes, los valores de los objetivos desaparecen en la niebla marina. Los KPI se hunden y desaparecen. Tantas metáforas para reinventar la gestión del mañana, ¿más humana?

**RESUMO EM PORTUGUÊS: O PAINEL DE CONTROLO PERDEU O SEU NORTE**

“Eu estava a fazer outras actividades, já não fazia vendas porque já não tínhamos objectivos. Este testemunho, recolhido no final do confinamento, foi tão simples e natural que desafiou a onipotência dos painéis de gestão. Tal como os barcos que seguem o vento, sem direcção, as organizações têm tentado resistir às correntes contrárias, trabalhando de forma diferente... Abrir as fronteiras também significa substituir os cálculos aprendidos por linho, cores e símbolos. Os números enchem o mar, a bússola perde-se no céu, os objectivos fundem-se com os recifes, os valores-alvo desaparecem na névoa do mar. Os KPIs afundam-se e desaparecem. Tantas metáforas para reinventar a gestão de amanhã, mais humana?

**ENGLISH ABSTRACT: THE DASHBOARD HAS LOST ITS WAY**

“I was doing other activities, I was no longer doing sales because we no longer had any objectives.” This testimony, collected at the end of the confinement, was so simple and natural that it challenged the omnipotence of the dashboards. Like boats that follow the wind, without piloting, organizations have tried to resist the contrary currents, by working differently... Opening the borders also means replacing learned calculations with linen, colors, symbols. Numbers fill the sea, the compass is lost in the sky, objectives merge with the reefs, target values disappear in the sea mist. KPIs sink and disappear. So many metaphors for reinventing tomorrow's management, more human?





# It got us thinkin’

**AUTHOR:**

Sonya Rankine

**ENGLISH ABSTRACT: IT GOT US THINKIN’**

My COVID poem is about my journey. I was a regular drinker and smoker and I’ve lived on my own for a while. I always thought I was fine about it until COVID lockdown. Something changed and I didn’t like being on my own and certainly not drinking on my own or smoking anymore. It created an opportunity for a massive lifestyle change I had thought about but never seriously done. Turning 50 had caused me to reflect but COVID lockdown unexpectedly forced my hand. My kids are proud of me and I’m thankful for the positive changes in my life now.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: ÇA NOUS A FAIT RÉFLÉCHIR**

Mon poème de COVID parle de mon parcours. J’étais une buveuse et une fumeuse régulière et j’ai vécu seule pendant un certain temps. J’ai toujours pensé que cela me convenait jusqu’au confinement de la COVID. Quelque chose a changé et je n’aimais plus être seule et certainement plus boire seule ni fumer. Cela m’a donné l’occasion de changer radicalement de mode de vie, auquel j’avais pensé mais que je n’avais jamais accompli réellement. Le fait d’avoir 50 ans m’a fait réfléchir, mais le confinement de COVID m’a forcé la main de manière inattendue. Mes enfants sont fiers de moi et je suis reconnaissante pour les changements positifs dans ma vie maintenant.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: FEZ-NOS PENSAR**

O meu poema COVID é sobre a minha viagem. Eu era fumante e bebia frequentemente e vivi por conta própria durante algum tempo. Sempre pensei que estava bem até ao encerramento da COVID. Algo mudou e eu não gostava de estar por minha conta e certamente já não bebia sozinha nem fumava. Criou uma oportunidade para uma mudança maciça no estilo de vida em que eu tinha pensado, mas que nunca tinha feito seriamente. Fazer 50 anos tinha-me feito reflectir, mas o isolamento da COVID forçou-me inesperadamente a mão. Os meus filhos estão orgulhosos de mim e estou grata pelas mudanças positivas na minha vida agora.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: NOS HIZO PENSAR**

Mi poema COVID trata de mi viaje. Yo era un bebedor y fumador habitual y he vivido por mi cuenta durante un tiempo. Siempre pensé que estaba bien con ello hasta el cierre de COVID. Algo cambió y ya no me gustaba estar solo y menos beber solo o fumar. Esto creó una oportunidad para un cambio masivo de estilo de vida en el que había pensado pero que nunca había hecho en serio. Cumplir 50 años me había hecho reflexionar, pero el bloqueo de COVID me obligó inesperadamente. Mis hijos están orgullosos de mí y yo estoy agradecido por los cambios positivos que se han producido en mi vida.





# It got us thinkin'

COVID got us all thinkin'  
And for some, got us drinkin'  
It got us all watchin'  
Watchin' time just tickin'

And yes, I was thinkin'  
But I stopped intoxicatin'  
And I stopped smokin'  
And yes, I was reflectin'

All this detoxification  
Gave me clarification  
No more procrastination  
Now only anticipation

By Sonya Rankine  
Ngarrindjeri/Narungga/Ngadjuri Aboriginal woman of South Australia.





Woodcut Print: "You've Got a Friend"

Submitted by: Yanru Zou  
Credit: Yanru Zou





# Capítulo 6

Réinventer nos pratiques académiques

Rompendo com nossas práticas acadêmicas

Deshaciendo nuestras prácticas académicas

Breaking our academic practices



# The Seed(zine)

## AUTHORS:

Camilla Quental,  
Céline Louche,  
Christian Vogtlin,  
Emma Avetisyan,  
Guilherme Azevedo,  
Jennifer Goodman,  
Nathalie Ruffin,  
Yuliya Shymko,  
Madeleine Navarro Mena

## ENGLISH ABSTRACT: THE SEED(ZINE)

The Seed is a project that emerged from the reflections of a group of seven inhabitants of this planet, who happened to be scholars in a French Business School. Driven by the desire to imagine and create alternatives to the ways of contemporary living (that became even stronger during the pandemic) we asked ourselves: What place would unite and nourish us in this endeavour? This place is The Seed, a space for experimentation, imagination, sharing, where everyone could join, where art and music are present, where we can share a drink during pleasant conversations, where we don't care about status or positions, where performances are only of the artistic kind, where people (really) listen to each other's stories, where silent glances are exchanged in joy, where there are laughs and smiles, where we learn and share, where curiosity and openness reign, where we consider other living beings, and imagine new ways of being on the planet.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: THE SEED(ZINE)

The Seed est un projet né de la réflexion d'un groupe de sept habitants de cette planète, qui se trouvaient être des enseignantes d'une école de commerce française. Poussés par le désir d'imaginer et de créer des alternatives aux modes de vie contemporains (qui s'est encore renforcé pendant la pandémie), nous nous sommes demandés : Quel lieu nous unirait et nous nourrirait dans cette entreprise ? Quel lieu nous rendrait heureux de nous y rendre le matin en nous réveillant ? Où les enseignants sont des apprenants, et les apprenants sont des enseignants; où les penseurs sont des faiseurs, et les faiseurs sont des penseurs (un rappel - Epicure). Enrichir notre existence par la danse sauvage de l'imagination. Ce lieu est The Seed, un espace d'expérimentation, d'imagination, de partage, où tout le monde peut se joindre, où l'art et la musique sont présents, où l'on peut partager un verre au cours de conversations agréables, où l'on ne se soucie pas du statut ou des positions, où les performances sont uniquement de nature artistique, où les gens écoutent (vraiment) les histoires des autres, où les regards silencieux sont échangés dans la joie, où il y a des rires et des sourires, où l'on apprend et partage, où la curiosité et l'ouverture règnent, où l'on considère les autres êtres vivants, et où l'on imagine de nouvelles façons d'être sur la planète.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: THE SEED(ZINE)

The Seed é um projeto que nasceu das reflexões de um grupo de sete habitantes deste planeta—por acaso docentes em uma escola de Negócios na França. Impelidos pelo desejo de imaginar e criar alternativas menos destrutivas para as formas de vida contemporâneas (agravada pela pandemia), nos perguntamos: Qual lugar poderia nos reunir para alimentar um tal esforço? Qual lugar nos daria a felicidade quando acordássemos de manhã?

Um lugar onde os professores são alunos, e os alunos são professores; onde os pensadores são fazedores, e os fazedores são pensadores (lembrem-se de Epicuro!). Que a selvagem da imaginação nos enriqueça. Este lugar é The Seed, um espaço de experimentação, imaginação, partilha, que acolha a todos, onde a arte e a música estejam presentes, onde possamos brindar, beber e conversar sem se preocupar com status ou posições, onde as representações sejam apenas do tipo artístico, onde as pessoas escutem (de verdade!) as histórias contadas por outras, onde os olhares silenciosos sejam trocados em alegria, onde exista risos e sorrisos, onde aprendamos e compartilhamos, onde a curiosidade e a abertura de espírito imperem, onde outros seres vivos sejam respeitados e onde novas formas de estar no planeta sejam imaginadas.

## RESUMEN EN ESPAÑOL: THE SEED(ZINE)

The Seed es un proyecto que surgió de las reflexiones de un grupo de siete habitantes de este planeta, que casualmente eran profesores de una Escuela de Negocios francesa. Impulsados por el deseo de imaginar y crear alternativas a los modos de vida contemporáneos (que se hizo aún más fuerte durante la pandemia) nos preguntamos: ¿Qué lugar nos uniría y alimentaría en este empeño? ¿Qué lugar nos haría felices al levantarnos por la mañana?

Donde los maestros son aprendices, y los aprendices son maestros; donde los pensadores son hacedores, y los hacedores son pensadores (un recordatorio -Epicure). Enriquecer nuestra existencia a través de la danza salvaje de la imaginación. Este lugar es The Seed, un espacio para la experimentación, la imaginación, el compartir, donde todo el mundo puede unirse, donde el arte y la música están presentes, donde podemos compartir una bebida durante conversaciones agradables, donde no nos importa el estatus o las posiciones, donde las actuaciones son sólo de tipo artístico, donde la gente (realmente) escucha las historias de los demás, donde se intercambian miradas silenciosas con alegría, donde hay risas y sonrisas, donde aprendemos y compartimos, donde la curiosidad y la apertura reinan, donde consideramos a otros seres vivos, e imaginamos nuevas formas de estar en el planeta.





The Seed *zine*

## The Seed

The Seed is a project that emerged from the reflections of a group of seven inhabitants of this planet, who happened to be scholars in a French Business School.

Driven by the desire to imagine and create alternatives to the ways of contemporary living (that became even stronger during the pandemic) we asked ourselves:

What place would unite and nourish us in this endeavour?

What place would make us happy to go to when we wake up in the morning?

--o--o--o--

Where teachers are learners, and learners are teachers; where thinkers are doers, and doers are thinkers (a reminder - Epicure). Enriching our existence through the wild dance of imagination.

This place is The Seed, a space for experimentation, imagination, sharing, where everyone could join, where art and music are present, where we can share a drink during pleasant conversations, where we don't care about status or positions, where performances are only of the artistic kind, where people (really) listen to each other's stories, where silent glances are exchanged in joy, where there are laughs and smiles, where we learn and share, where curiosity and openness reign, where we consider other living beings, and imagine new ways of being on the planet.



### Contributors

Camilla Quental

Céline Louche

Christian Vögtlin

Emma Avetisyan

Guilherme Azevedo

Jennifer Goodman

Nathalie Ruffin

Yuliya Shymko



### We also thank

Drawing: Clara Quental Berger

Suminagashi workshop: Madeleine Navarro Mena

Videos shooting: Anne Foglia

Photo modeling: Leandro Ruffin Azevedo,

the chickens Ponga, Mā, Kiwikiwi, and Bobette,

and the rabbits Capucin and Tigrus

## Seeding time



It is time to s  
Seeding the h  
Seeding dissident s  
Dreams of people yet

seed, for seeding is our best act of courage.  
hopes that others shall eat, breathe, flourish.  
parks; igniting others' dreams and thunders.  
to be who exult and guard Earth's wonders.





Semillas para un himno

El día abre la mano  
Tres nubes  
Y estas pocas palabras

Al alba busca su nombre lo naciente  
Sobre los troncos soñolientos centellea la luz  
Galopan las montañas a la orilla del mar  
El sol entra en las aguas con espuelas  
La piedra embiste y rompe claridades  
El mar se obstina y crece al pie del horizonte  
Tierra confusa inminencia de escultura  
El mundo alza la frente aún desnuda  
Piedra pulida y lisa para grabar un canto  
La luz despliega su abanico de nombres  
Hay un comienzo de himno como un árbol  
Hay el viento y nombres hermosos en el viento

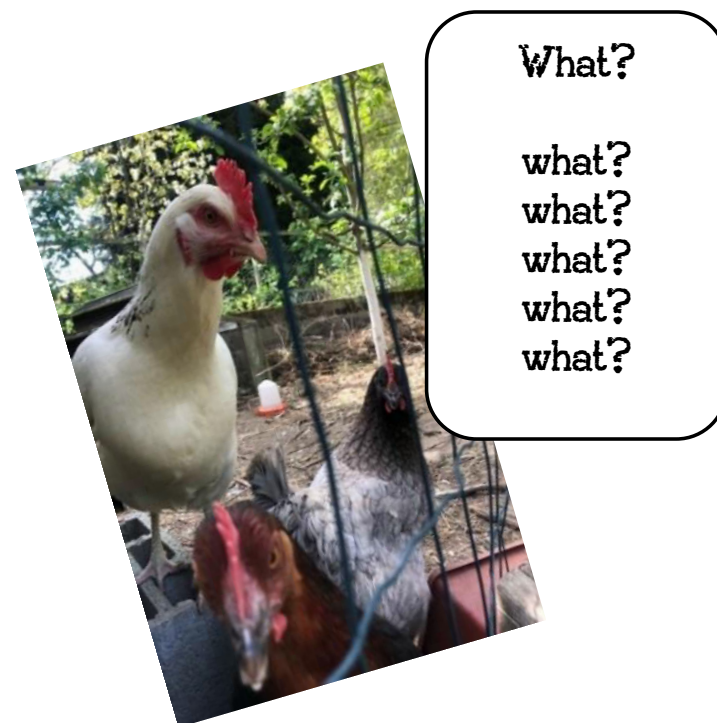
Octavio Paz













No thank you....



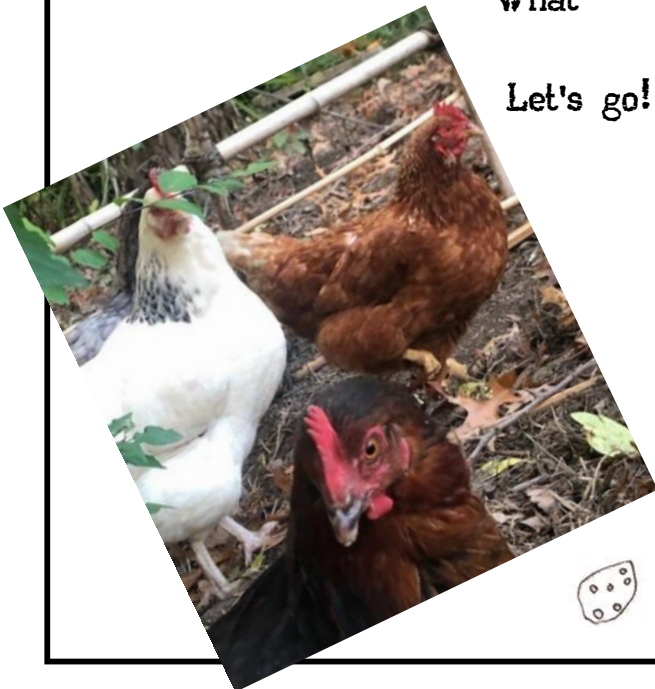
Not interested...



You are really being stupid now.  
No! It is for The Seed!  
We can simply be ourselves!!!

What What What  
What

Let's go!!!



Hey....  
Do you really believe this?









I can't see. I'm suffocating. It's dark.

Can you see me? I'm here.

Well maybe. I'm not so sure.

But, you see me. Right.

You can see me.

Why can't we be ourselves?

Locked in shells.

Protection or constraint?

I want to take it off, but I can't.

Afraid of being lost.

Afraid of being myself.

Afraid of not fitting in.

What if....

But you see me. Right.

You do see me. Don't you?

*Click here to  
watch the  
video*

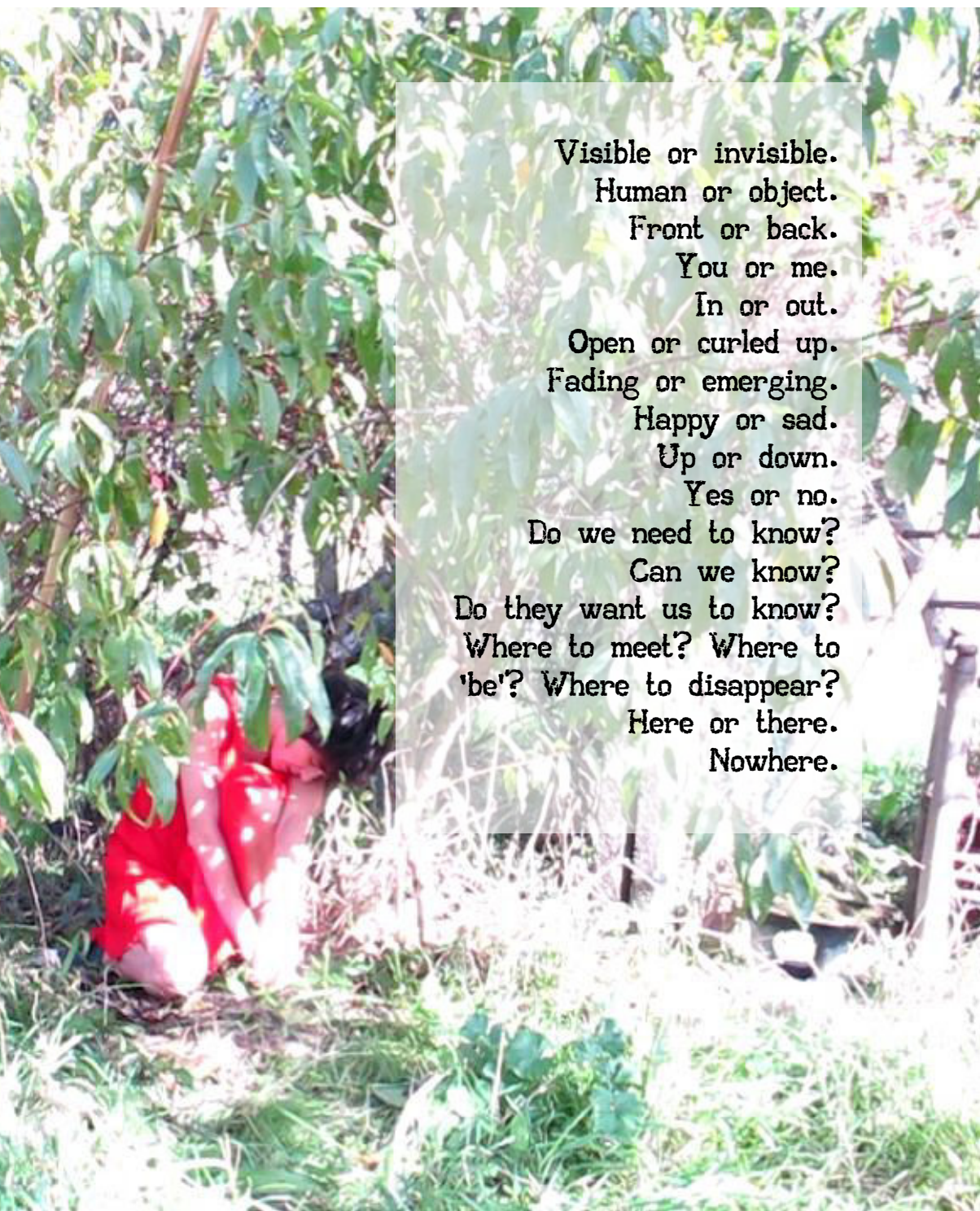






Des espaces et pourtant  
Dans cet espace ouvert,  
On se croit à nu, la cible de tout  
regard.  
Et pourtant notre image, notre 'nous'  
s'efface, s'évapore.  
On disparaît pour devenir une forme.  
Tout simplement sans forme.  
Dans cet espace intime,  
Ce lieu de liberté,  
Tout devient visible.  
On devient alors objet de curiosité.  
Une attraction pour détourner  
l'attention.  
Visible ou invisible.  
On ne sait plus.





Visible or invisible.  
Human or object.  
Front or back.  
You or me.  
In or out.  
Open or curled up.  
Fading or emerging.  
Happy or sad.  
Up or down.  
Yes or no.  
Do we need to know?  
Can we know?  
Do they want us to know?  
Where to meet? Where to  
'be'? Where to disappear?  
Here or there.  
Nowhere.

*Click here to  
watch the  
video*







9/10/2020

Tu as 7 mois 1/2, tu te tiens assis, j'ai du quatre  
patte à grande vitesse dans toute la maison,  
manipule de petits objets, rentre le cylindre  
en bois dans la boîte à forme... tu adores  
aller découvrir tout ce que tu ne connais pas...  
Cependant tu es né, X ne paraît dans le monde  
un phénomène sans précédent. Une pandémie  
de coronavirus a defilé sur la planète, modifiant  
en un claquement de doigt nos habitudes  
sociales. Sortir de chez soi avec un masque,  
mettre du gel hydroalcoolique dans les magasins,  
chercher le médecin dans les salles de sport...  
au moment de ta naissance nous étions tout  
simplement confus; en effet, cher si en  
quelque sorte... Pour nous ce qui était pitoyable c'est  
pu on a pu apprendre à te connaître tous les deux,  
ton père et moi, pendant plusieurs mois...  
Mais que de questionnement, d'angoisse aussi  
face à ce virus dont on ne savait rien.  
Pendant les mois de grossesse j'avais halluciné pour  
me "préparer" à ta venue, on avait arrangé  
l'appartement pour te faire une place, nous  
souhaitions de faire venir au monde dans les  
meilleures conditions. Nous n'avons pas anticipé. Nous  
n'avons pas réfléchi à quel point nous avions détaché  
le monde. Cette pandémie arrive parce nous, êtres  
humains, nous ne respectons pas la nature.  
Pourquoi n'avons nous pas réagit à temps...  
Pourquoi ne réfléchissons nous toujours pas à la  
mesure de ce qui devrait être fait...  
Quelle vie auras-tu mon petit amour quand tu  
auras 20 ans? 30 ans? Quelle nature connaîtras-tu?  
Quelle société humaine sera la tienne?  
Et si si inquiète quand j'y pense... Pardon de ne  
pas faire assez pour que tu puisses vivre dans un  
monde meilleur. Nous essayons pourtant de nous  
améliorer à chaque jour, en réduisant notre consommation  
d'objets, de vêtements, en ayant l'habitude de la viande  
de nos amitiés, en voulant en vivre écolo... Nous  
avons le devoir de faire mieux, de faire plus, d'aider ceux  
qui ne peuvent pas encore faire cette évolution de rendre  
existent au monde ce qui l'attend. Sinon que se passera-t-il après?





## Suffocating in plastic

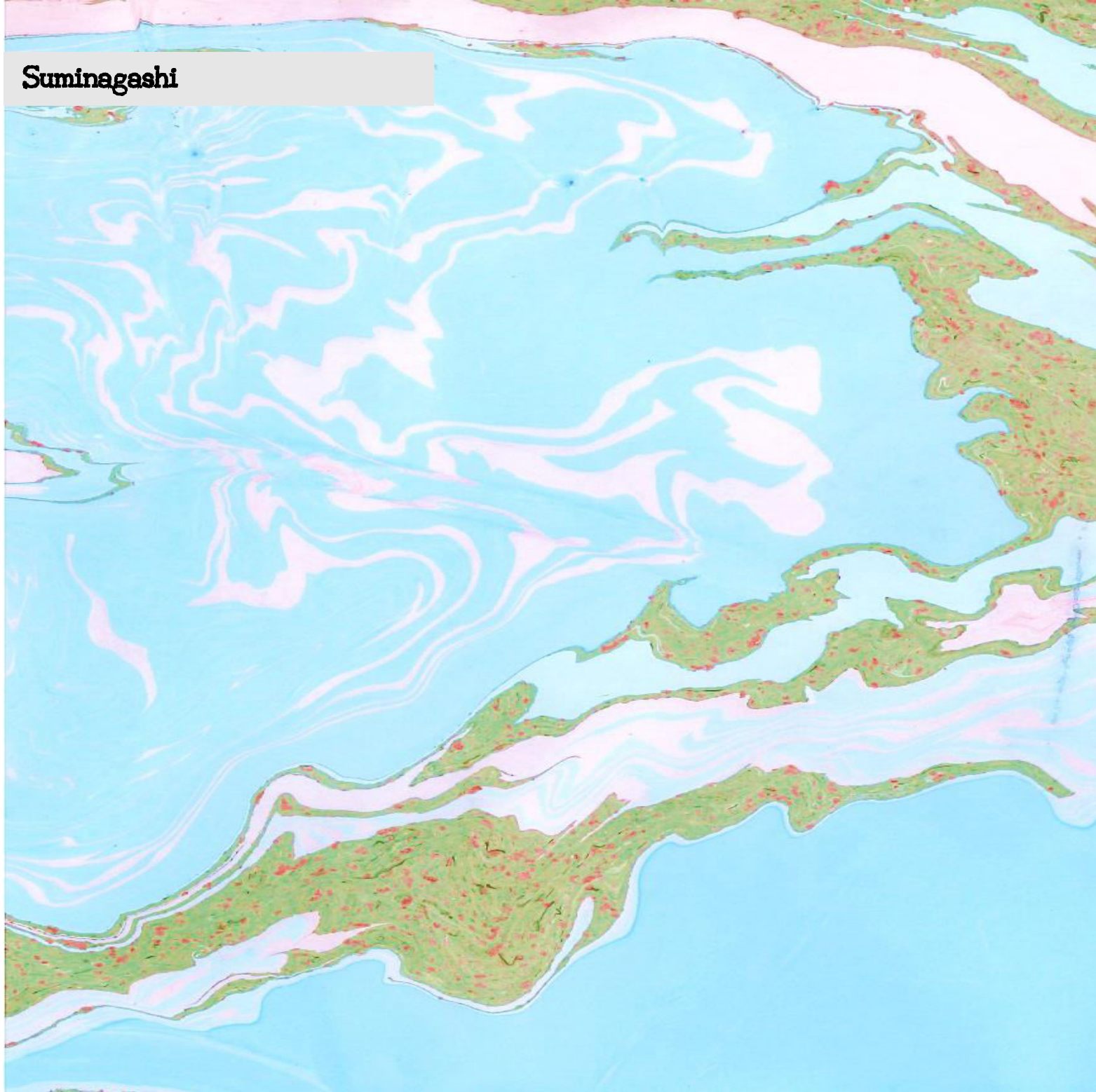


Plastic, plastic everywhere,  
My COVID saviour,  
Wearing plastic armour.  
But I can't breathe...  
Plastic all around me,  
Plastic in my water,  
Plastic in me,  
I can't breathe...





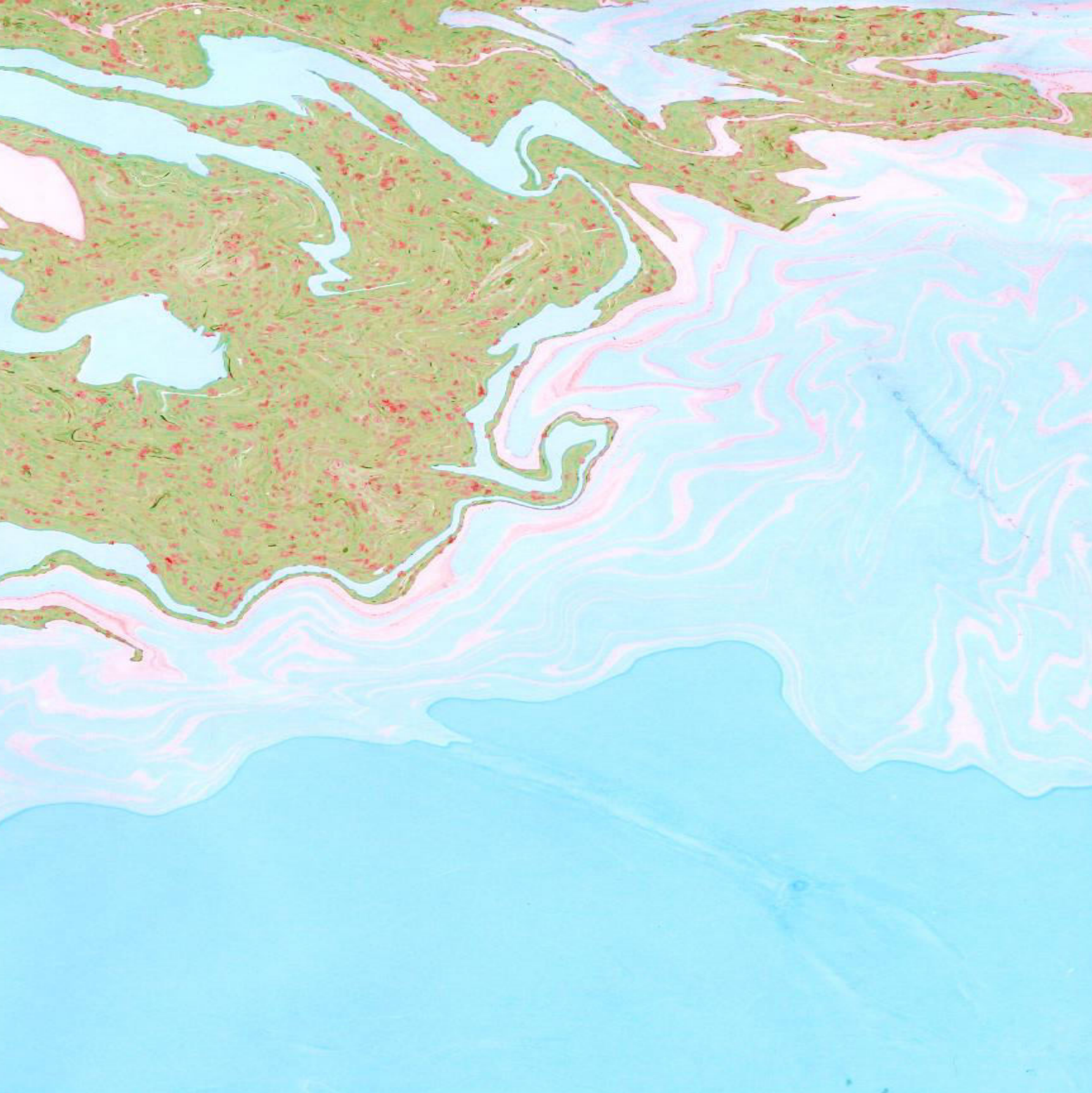
## Suminagashi



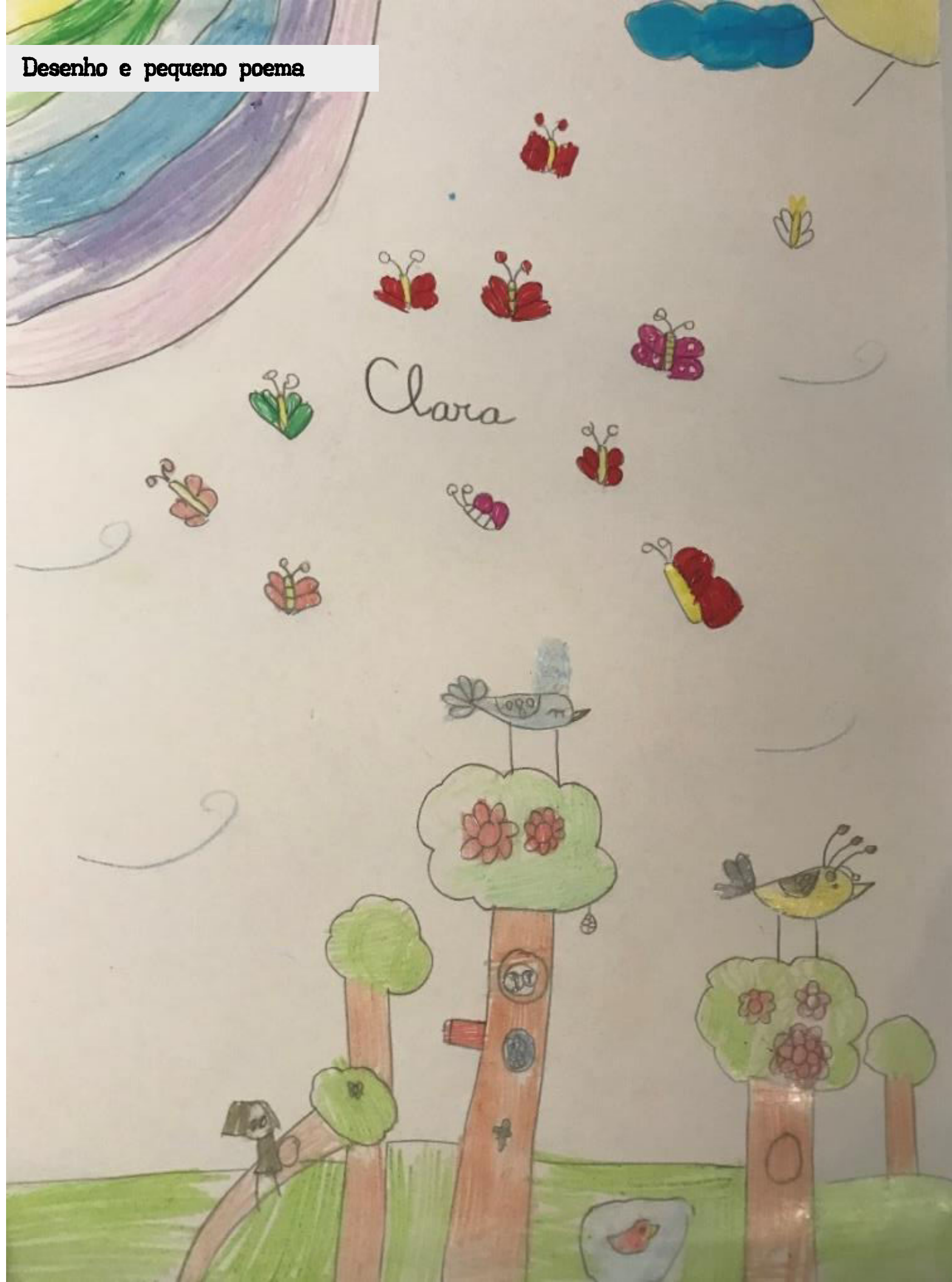
Not carved in stone,  
But painted on water.  
Because life is fluid,  
existing is unexpected.







Desenho e pequeno poema





## Desenho da Clara, 6 anos

A expressão de uma criança no ano de 2020

Árvores, pássaros, borboletas, arco-íris e o vento

Será que ela verá os mesmos animais no futuro?

Será que os ventos serão mais fortes?

Será que o mundo ficará mais quente?

## A drawing from Clara, 6 years old

The expression of a child in the year of 2020

Trees, birds, butterflies, rainbow, and wind

Will she see these animals in the future?

Will the wind become stronger?

Will the world become warmer?



## Pequeno poema The Seed

Como criar esse lugar

Onde a performance não vai contar

Onde todos possam trocar

Aprender, ensinar, cantar e dançar

De que serve se preocupar

Se nossa vida talvez não durar

Não seria melhor tentar mudar?

Estamos tentando fazer uma ação

Usando a cabeça mas também o coração

Queremos usar nossa imaginação

Para quem sabe aprendermos a viver em união

Não estamos mortos mas adormecidos, sonhando com nós mesmos

## Little Poem The Seed

How to create this place

Where performance will not count

Where all can share, learn, teach, sing and dance

What is the point of worrying

If our lives might not last

Wouldn't it be better to try to change?

We are trying to take action

Using our heads but also our hearts

We want to use our imagination

So that, who knows, we might learn to live together

We are not dead but asleep, dreaming of ourselves

## Imagine...

Imagine a place where learning is at the core, where we all are students as well as teachers.

Imagine a place where you not only learn with your head but with all your senses: seeing, doing, feeling, tasting, smelling.

Imagine a place where the planet earth, including human beings, animals, plants are at the center of attention to develop a better future for all.

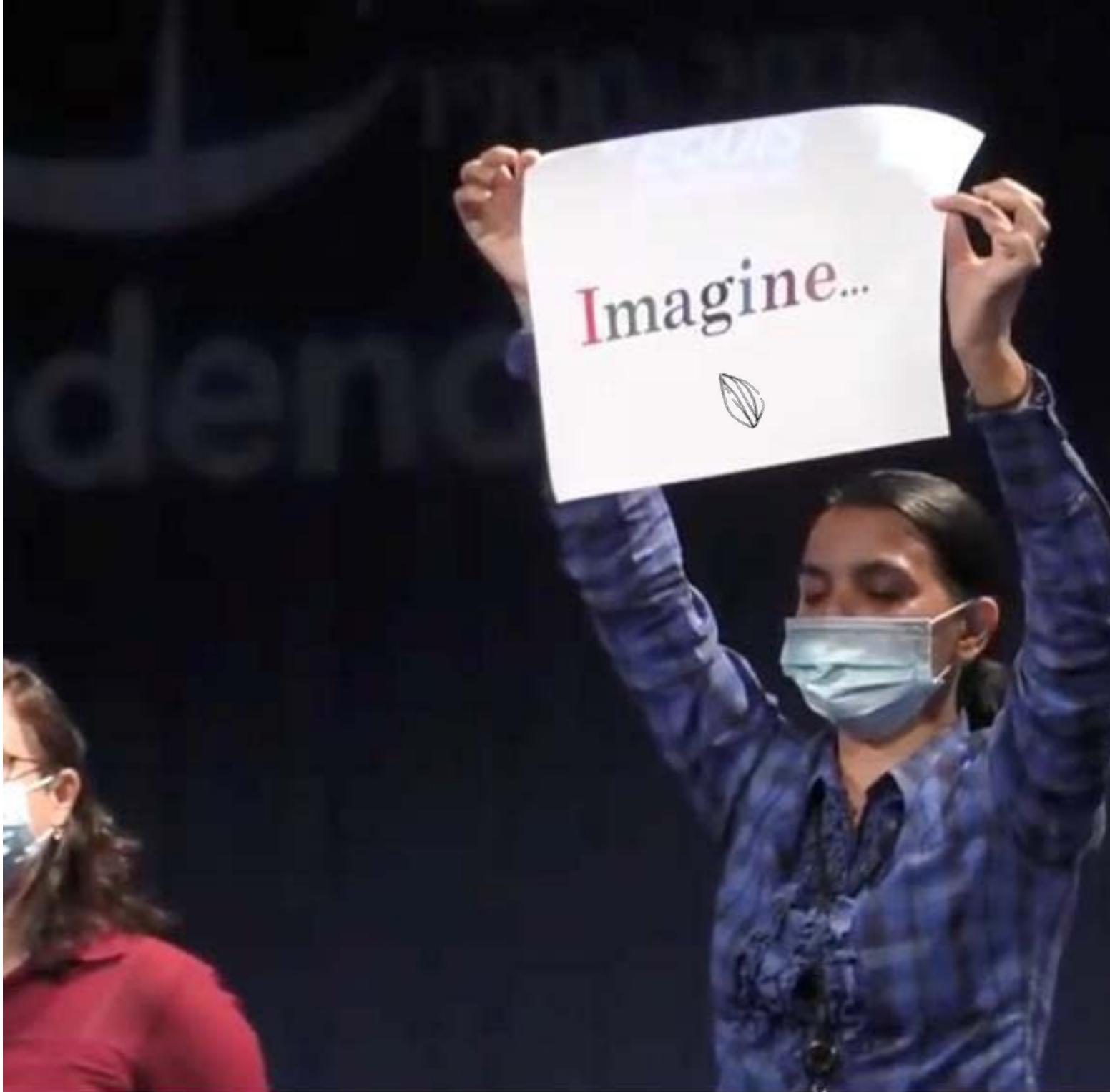
Imagine a place where there is not only partnership but also dialogue where people think together in relationships and, an acknowledgement and integration of the “other.”

Imagine a place where diversity, uncertainty, complexity and slowness are not anxiety triggers but potential strengths and above all embraced.

This place might be the Seed.

An utopian place for now, maybe.

But, a place and a space that will be shaped and materialized in interaction with those who want to participate.



"...Imagine there's no countries  
It isn't hard to do  
Nothing to kill or die for  
And no religion too  
Imagine all the people  
Living life in peace..."

John Lennon



Do not criticise. Seed!



“...One does not have to intellectualise one’s work to be a great painter. One can do things well without being a great harmonist or colourist. It is enough to have a sense of art. And this is what the bourgeois evidently loathe. Thus, institutes, pensions and honours can only be destined for idiots, fools and clowns. Do not criticise art, paint.”

Paul Cézanne, letter to Émile Bernard,  
July 25, 1904

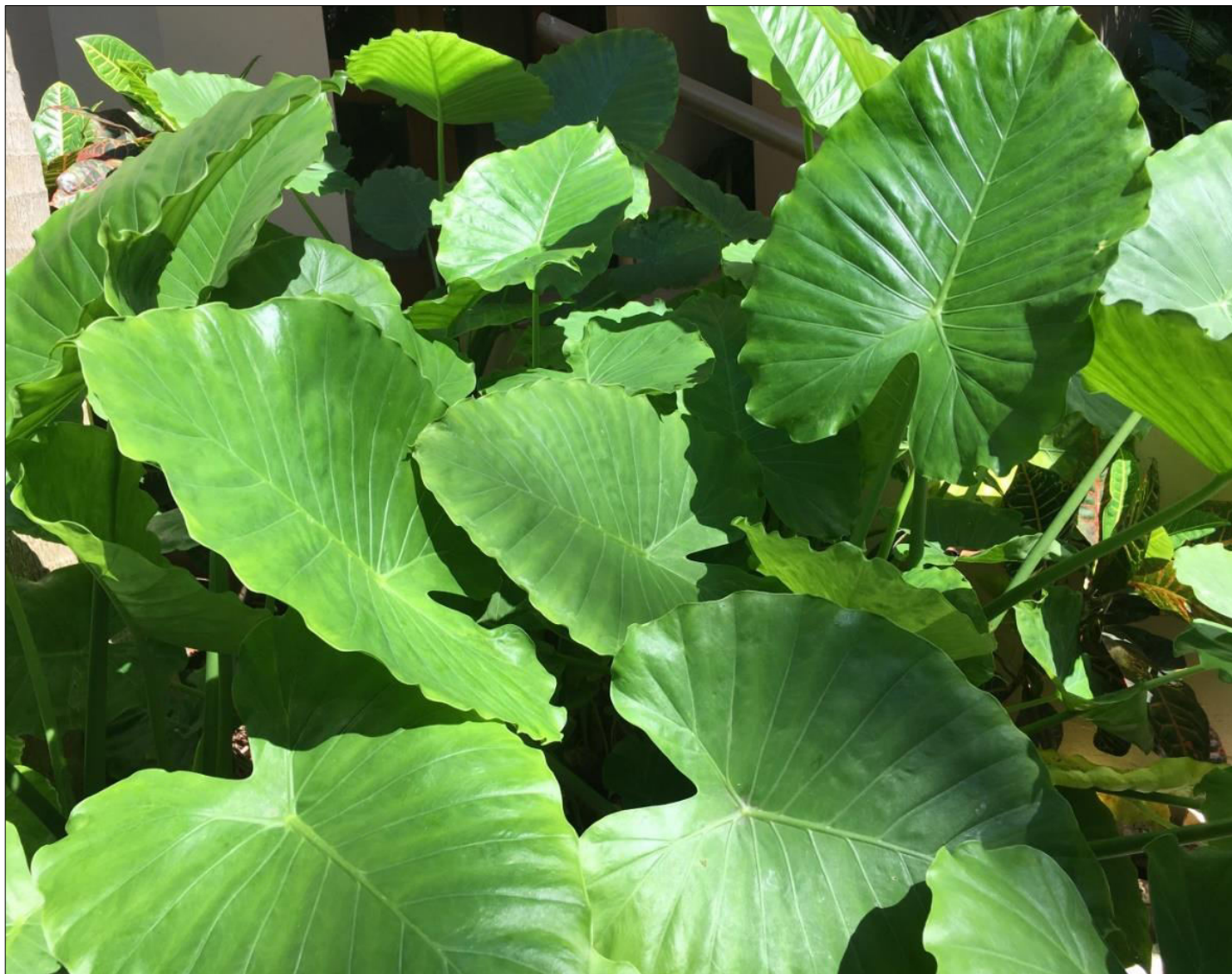


"I have a deeply hidden and inarticulate  
desire for something beyond the daily life"

Virginia Woolf, Moments of Being:  
A collection of Autobiographical Writing



## Green haiku



las plantas oyen  
si una las lisonjea  
se hinchan de verde

Mario Benedetti



# Uma pandemia na trajetória da pesquisa: Quando a casa torna-se o coração da sala de aula

---

**AUTORS:**

Letícia Gracielle Vieira  
Ferreira,  
Cintia Rodrigues de  
Oliveira

---

**RESUMO EM PORTUGUÊS: UMA PANDEMIA NA TRAJETÓRIA DA PESQUISA: QUANDO A CASA TORNA-SE O CORAÇÃO DA SALA DE AULA**

Neste relato, procuramos realizar uma apresentação dos procedimentos e estratégias adotados diante dos desafios enfrentados na execução de etapas do projeto de pesquisa “No Coração Da Sala De Aula”: Tensões De Gênero No Trabalho De Docentes Mulheres, inserido no campo de investigação das relações de gênero e suas desigualdades, sendo desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Faculdade de Gestão e Negócios FAGEN da Universidade Federal de Uberlândia UFU, que se sucederam a partir do avanço da pandemia do COVID-19 no Brasil.

---

**ENGLISH ABSTRACT: A PANDEMIC BETWEEN RESEARCH'S PATH: WHEN THE HOME BECOMES THE HEART OF THE CLASSROOM**

The aim of this paper is to present the procedures and strategies of this study in face of the challenges endured in the execution of the stages of the research project “In the heart of the classroom”: gender tensions in the work of women teachers. This research is part of the field of investigation of gender relations and its inequalities. It was developed in the Professional Master's Degree Program in Organizational Management of the School of Management and Business of the Federal University of Uberlândia (UFU ), which followed from the advance of the COVID-19 pandemic in Brazil.



# Uma pandemia na trajetória da pesquisa: Quando a casa torna-se o coração da sala de aula

Neste relato, procuramos realizar uma apresentação dos procedimentos e estratégias adotados diante dos desafios enfrentados nas etapas da pesquisa que se sucederam a partir do avanço da pandemia do COVID-19 no Brasil. Apesar das dificuldades enfrentadas e atrasos no cronograma inicial, foi possível, a partir do problema de pesquisa formulado, realizar um trabalho que apresenta articulação consistente entre a teoria e o material empírico obtido.

A pesquisa que possibilitou as reflexões trazidas neste trabalho, entre outros argumentos, se justificava pela carência de pesquisas mais amplas sobre a presença das mulheres na carreira acadêmica. As pesquisas encontradas se concentravam em verificar, por exemplo, em quais áreas de conhecimento as docentes mulheres se concentram e sobre o acesso às posições ocupadas na carreira.

A partir dessa lacuna, elaboramos o projeto de pesquisa “No Coração Da Sala De Aula”: Tensões De Gênero No Trabalho De Docentes Mulheres, inserido no campo de investigação das relações de gênero e suas desigualdades, sendo desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Faculdade de Gestão e Negócios FAGEN da Universidade Federal de Uberlândia UFU como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Para nós pesquisadoras, a partir do reconhecimento das tensões presentes, seria possível analisar como e em que medida a relação entre docentes e discentes em sala de aula também é contingenciada por um processo de articulação de poder que emerge a partir de uma dinâmica social androcêntrica, na qual muitas vezes são vivenciadas experiências de tratamentos desiguais, violência e dominação simbólica.

A partir do problema de pesquisa formulado e dos objetivos propostos escolhemos conduzir o estudo a partir de uma perspectiva epistemológica e metodológica pós-estruturalista, que permite oferecer problematizações que superem o dualismo de masculino e feminino. Uma revisão criteriosa da literatura pertinente foi realizada e, a partir disso, propusemos um método de análise que envolvesse a linguagem para compreender a organização da realidade investigada. Para análise das práticas discursivas, escolhemos uma metodologia amparada em uma proposta teórica que articula a categoria gênero como um dispositivo histórico, social e cultural, com as concepções sobre o poder desenvolvidas por Foucault e Bourdieu.

Como método qualitativo, optamos por uma pesquisa de campo instrumentalizada pela aplicação de entrevistas semiestruturadas com as docentes mulheres, para, posteriormente, realizar a análise do discurso de inspiração foucaultiana. A elaboração do projeto de pesquisa e sua submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFU, ocorreu no segundo semestre de 2019, tendo esse sido aprovado em dezembro de 2019.

No início de março de 2020, iniciamos o contato com as possíveis participantes da pesquisa, no entanto, é neste momento que uma nova ordem social começa a se delinear no Brasil, diante da pandemia de COVID-19. Em 11 de março de 2020, ocorre a confirmação pela OMS de que o mundo assistia ao surto de um novo coronavírus e à consequente pandemia de COVID-19. Diante da situação de emergência em saúde pública, o governo e as instituições públicas e privadas começaram a aplicar medidas para mitigar os riscos de propagação do vírus.

Diante da necessidade de uma parada compulsória, que exigia da população, novas formas de condução da vida cotidiana, bem como da organização das atividades realizadas no trabalho, a necessidade de isolamento social apresentou-se como o desafio inicial encontrado para nós pesquisadoras durante a execução do projeto, porque implicava em encontrar um novo arranjo para pesquisa.

Nesse sentido, o primeiro desafio com o qual nos deparamos foram as reuniões de orientações virtuais. De fato, muitas das orientações realizadas já aconteciam por e-mail ou por aplicativos, mas eram conversas rápidas para tirar dúvidas sobre algum ponto específico. No início, havia um receio que a falta de proximidade, do contato face a face e do diálogo descompromissado com o tempo poderia impactar no entendimento e nas interpretações das orientações. Houve um estranhamento, porém, aos poucos nos familiarizamos com as plataformas e as reuniões de orientações passaram a ser mais frequentes do que o habitual. Essa nova forma de contato entre orientada e orientadora, em meio a um contexto extremo, promoveu uma aproximação e uma empatia maior, de ambas, que foi estendida até as participantes da pesquisa.

A primeira decisão tomada foi quanto a realizar as mudanças necessárias na execução da pesquisa. Neste contexto, veio à tona uma questão de como dar continuidade a condução de uma produção científica que dependia de um contato mais próximo com as participantes. A relação de confiança entre orientada e orientadora neste momento foi fundamental para que as decisões que exigiam mudanças no projeto fossem tomadas com a segurança necessária. Decidimos, no final do mês de março, respeitando as orientações de isolamento sociais adotadas, realizar as alterações necessárias no projeto que viabilizassem a pesquisa, optando por realizar o convite às participantes da pesquisa apenas por e-mail e realizar as entrevistas em plataformas de conferência online

Antes da realização da primeira entrevista, uma das inquietudes que mais se pronunciava era sobre como

estabelecer um espaço relacional neutro, no âmbito do distanciamento social colocado e utilizando uma plataforma online que permitisse à docente entrevistada se sentir à vontade e segura para compartilhar discursivamente suas experiências sobre o tema gênero, que no contexto da pesquisa envolveria, também, em primeira e última análise, compartilhar vivências que se relacionam ao poder.

O receio se justificava não só pela natureza sensível do tema, mas, também, pela importância chave da prática discursiva para nossa pesquisa, já que os dados da pesquisa seriam fornecidos na complexidade e profundidade dos discursos elaborados no encontro entre pesquisadoras e participantes.

No entanto, após a realização da primeira entrevista, o que percebemos foi que o espaço online colaborava para que as docentes entrevistadas, a partir da reflexão proposta pelo roteiro de perguntas, pudessem refletir sobre as suas práticas e compartilhar suas experiências de uma forma satisfatoriamente livre, considerando que elas estavam falando a respeito de suas experiências profissionais em uma plataforma de conferência online, mas a partir do seu espaço privado.

Desde o início, foi possível perceber que, apesar de não haver um reconhecimento imediato por parte da participante, no sentido da percepção de clara articulação da categoria gênero com a dinâmica relacional docente mulher – discentes em sala de aula, após algumas reflexões iniciais, as docentes se sentiam confortáveis pra falar sobre o tema.

Uma das estratégias que permitiu a criação de um espaço online acolhedor foi abordar inicialmente o impacto da pandemia do COVID-19 no cotidiano das participantes em um período que permitia uma reflexão sobre nosso modo de vida, principalmente, diante da constatação do fato de que a vida em sociedade pode ser impactada por fatores que não controlamos diretamente, e sobre os quais muito pouco se sabe. Naquele momento, tanto nós pesquisadoras como as participantes vivenciávamos as angústias e medos diante da nova realidade que se apresentava, então,



falar sobre assunto foi importante para apresentar a pesquisa e criar uma vinculação com a participante.

Além disso, optamos por iniciar a entrevista perguntando sobre a escolha da profissão docente, para que a participante já, desde o início, iniciasse um processo reflexivo sobre sua trajetória profissional. Como pesquisadoras que adotam uma postura pós-estruturalista, nosso olhar sobre as participantes, desde o início, estava apoiado em uma noção de sujeito plural, heterogênea e contingente. Entendemos que não há neutralidade na voz das sujeitas de pesquisa porque elas trazem consigo condições históricas, sociais, culturais. Para a perspectiva pós-estruturalista a produção da identidade como um produto resultante de múltiplos e heterogêneos discursos mediados por relações de poder, estruturas e agenciamentos de vontades que são inerentes à vida em sociedade.

Assim, na medida em que eram realizadas as entrevistas, o material de análise se tornava mais consistente, e, ao término das vinte entrevistas, número inicial planejado, percebemos que o ponto de saturação havia sido atingido, já que, o material obtido possibilitaria uma análise consistente sobre o objeto pesquisado. As entrevistas totalizaram 45 (quarenta e cinco horas de gravação). Em seguida, procedemos o registro dos relatos orais obtidos assegurando o máximo de confiabilidade e segurança possível. A transcrição de todo material resultou em 150 laudas e, após a validação de cada participante, iniciamos o processo de análise do corpus da pesquisa.

Naquele momento, havia a certeza de que a escolha por um método qualitativo foi a mais assertiva, no entanto, a quantidade e densidade dos dados obtidos representavam um novo desafio. Inicialmente, realizamos mais uma vez uma escuta e leitura atenta do material obtido para iniciar o processo de organização dos agrupamentos temáticos, tendo como ponto de partida para atribuição de sentido das falas o referencial teórico realizado para pesquisa e as categorias temáticas iniciais percebidas na fase de realização das entrevistas.

Nesta fase da pesquisa e da pandemia, as perdas humanas só aumentavam no contexto brasileiro e mundial. Nesse sentido, ousamos dizer que desenvolver esse tipo de trabalho em um contexto de pandemia é ainda mais desafiador, e, foi necessário estabelecer algumas estratégias de gerenciamento pessoal do stress no âmbito de trabalho de pesquisa e da condução vida, a fim de suavizar a ansiedade vivida no processo diante da pandemia.

Entendemos que cada pesquisador e pesquisadora deve encontrar as suas próprias ferramentas que funcionem para promover um ajustamento psicológico nesses momentos, porque toda pesquisa tem seus momentos de estagnação, em função do próprio processo de construção do conhecimento, que não é um processo regular. E somado a isso, não havia como evitar o impacto da pandemia no processo de realização da pesquisa, porque não há como passar por um momento de mudança social tão repentino sem que uma transformação igualmente profunda aconteça na ordem do pensamento, das ideias e das emoções.

A revisão teórica que teve que ser retomada nessa fase da pesquisa colaborou para a compreensão desse momento complexo, porque nos habilitou a olhar para essas vivências e ponderar sobre a realidade como observadoras mais atentas. Foucault (2005), ao elaborar o conceito de biopolítica, explica como, por meio das regulações de conjunto, o poder age sobre os processos populacionais visando assegurar a vida e reduzir suas fragilidades, promovendo por meio de seu exercício um processo de normalização que é operacionalizado por mecanismos de regulação ou de segurança, que atuam sobre os processos da vida das populações.

O reconhecimento da biopolítica que estava sendo concretamente vivenciada por nós pesquisadoras e pelo restante da população na pandemia, nos informava sobre esse governo da vida e tudo o que dele advém, que encontra sua justificativa na preservação da vida e de práticas sociais por meio do uso de técnicas de controle cada vez mais generalizadas e de dispositivos como a disciplina e a vigilância.

No decorrer da pandemia, as diferenças de gênero, em sua materialidade, foram se acentuando e adquirindo maior visibilidade e motivando diferentes debates. Nos noticiários e redes sociais, questões como a violência contra a mulher em decorrência do isolamento social e os impactos cotidianos da associação, no plano simbólico e material, do feminino e o cuidado, promoveram movimentos de reflexão a respeito das desigualdades de gênero e da divisão sexual do trabalho.

No âmbito da carreira acadêmica, um estudo desenvolvido pelo grupo Parent in Science, composto por pesquisadores e pesquisadoras da UFRGS e de outras universidades, investigou, por exemplo, como os fatores “gênero” e “raça” impactam na produção de cientistas brasileiros e brasileiras durante a pandemia de COVID-19. A partir desse estudo, Staniscuaski et al. (2020) abordam como a alteração da dinâmica da carreira acadêmica, diante das medidas de segurança e saúde adotadas impactou negativamente as taxas de submissão de artigos por pesquisadoras do sexo feminino, desde o início da pandemia. A análise dos dados identificou que os pesquisadores mais afetados pela pandemia foram as mulheres, especialmente mulheres mães e negras, demonstrando a influência do gênero, da maternidade e da raça na produtividade acadêmica.

Assim, diante da acentuada emergência de problematização das desigualdades de gênero e da lacuna teórica sobre gênero no campo da carreira acadêmica, a finalização da pesquisa se tornou naquele momento ainda mais importante porque poderia contribuir para uma discussão futura para implementação de ações que visem, no âmbito da carreira acadêmica, amenizar e enfrentar as desigualdades de gênero.

Para analisar o corpus produzido, optamos por realizar uma análise do discurso foucaultiana (ADF). O método permite entender que todo discurso se insere em uma trama complexa que o ordena, e, para nós, era importante revelar como, a partir do recorte

escolhido, determinado saber sobre as tensões de gênero vem sendo compartilhado e vivenciado por docentes mulheres. Propor esse caminho representou outro desafio da pesquisa porque exigiu um esforço significativo de compreensão e adaptação do método para o contexto da pesquisa. Para Foucault (2008) todo discurso é produtor de realidades.

No fim da pesquisa, consideramos que os resultados apresentados cumprem o papel de dar visibilidade às narrativas das participantes e contribuir para o reconhecimento de diferenças de gênero, no âmbito da carreira docente no ensino superior em universidades públicas. Além disso, as reflexões apresentadas podem e devem ser aprofundadas para o desenvolvimento de políticas institucionais no âmbito da igualdade de gênero.

Consideramos que nosso objetivo de analisar as relações de gênero entre docentes mulheres e discentes em sala de aula oferece caminhos para problematizar as relações de poder e as hierarquias de gênero que mediam as relações em sala de aula, e, em segundo plano, também oferece elementos para uma reflexão mais ampla sobre outros âmbitos da carreira acadêmica que permitem pensar uma realidade diferente desta que é organizada a partir de um sistema hegemônico de dominação masculina.

A realização da pesquisa em um contexto extremo, da pandemia da COVID-19, tornou possível vislumbrar questões que, embora de natureza contextual, pode ser estendida à prática da pesquisa social. No processo de orientação da pesquisa, dois aspectos devem ser considerados: ambas, orientada e orientadora, se deram conta da aceleração do ritmo de trabalho e da sobrecarga, visto que a flexibilidade de horário e o fato de estarmos em nossas casas nos permitiam passar dos limites de horário e tempo da orientação. Por outro lado, admitimos que, ao ultrapassar certos limites no trabalho de orientação, acabamos por naturalizar a intensificação do trabalho de pesquisa, não distinguindo fronteiras temporais ou espaciais para sua realização.

Já quanto ao processo de realização das entrevistas, pudemos perceber que o trabalho remoto ao qual as participantes estavam também submetidas ampliou a invasão profissional na suas vidas e no seu ambiente privado, que tornou-se uma extensão do espaço de trabalho, ou seja, o coração da sala de aula passou a ser o espaço privado das participantes. Nessa direção, pesquisas que considerem as relações de poder entre docentes mulheres e discentes, em espaços outros transformados em salas de aulas no contexto da pandemia podem beneficiar o campo.

### Referências

---

Michel Foucault. (2005). *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. Martins Fontes.

Michel Foucault. (2008). *A Arqueologia do Saber* (7th ed.). Forense Universitária.

Staniscuaski, F., Reichert, F., Werneck, F. P., de Oliveira, L., Mello-Carpes, P. B., Soletti, R. C., Almeida, C. I., Zandona, E., Ricachenevsky, F. K., Neumann, A., Schwartz, I. V. D., Tamajusuku, A. S. K., Seixas, A., Kmetzsch, L., & Parent in Science Movement†. (2020). Impact of COVID-19 on academic mothers. *Science*, 368(6492), 724.1-724. <https://doi.org/10.1126/science.abc2740>



# Cartas do sentir - Cartas reflexivas pautadas na pandemia do COVID-19

## AUTORES:

Marilene Alves Viana,  
Janaína Rute da Silva  
Dourado

## RESUMO EM PORTUGUÊS: CARTAS DO SENTIR

Neste trabalho, apresentamos duas cartas trocadas entre duas professoras atuantes. Acreditamos que estas cartas contribuem com reflexões sobre a atuação de professores e alunos durante a pandemia; atuação que vai além dos dispositivos digitais, trazendo exemplo de como a palavra serve como instrumento para o registro escrito de modos e formas de participação, numa época de perdas e incertezas, por meio do gênero discursivo carta, que atravessa séculos, mas está em evidência, confirmando sua importância na era digital. Além disso, tal gênero abarca outros suportes discursivos como o poema, o relato, a argumentação etc. Assim, esperamos que nosso trabalho possa inspirar outras pessoas a registrarem seus modos de vivência profissional durante essa pandemia.

## RESUMEN EN ESPAÑOL: CARTAS DEL SENTIR

Este trabajo está compuesto por dos cartas entre dos profesoras. Creemos que estas cartas contribuyen a la reflexión sobre la actuación de profesores y alumnos durante la pandemia; actuación que va más allá de los dispositivos digitales, aportando el ejemplo de cómo la palabra sirve de instrumento para el registro escrito de los modos y formas de participación en un momento de pérdida e incertidumbre; de ese modo, se valoró el género discursivo carta, que atraviesa siglos, pero está en evidencia, confirmando su importancia en la era digital. Además, este género incluye otros soportes discursivos como el poema, el informe, la argumentación, etc. Así, esperamos que nuestro trabajo pueda inspirar a otros a registrar sus experiencias profesionales durante esta pandemia.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: LETTRES DE SENTIMENT

Dans cet article, nous présentons deux lettres échangées entre deux enseignants actifs. Nous pensons que ces lettres contribuent à la réflexion sur la performance des enseignants et des élèves pendant la pandémie; performance qui va au-delà des dispositifs numériques, apportant un exemple de la façon dont le mot sert d'instrument pour l'enregistrement écrit des modes et des formes de participation lors d'un moment de perte et d'incertitude. Le mot prend forme à travers le genre discursif de la lettre, qui traverse les siècles, mais qui est actuellement mise en évidence, confirmant son importance à l'ère numérique. En outre, ce genre comprend d'autres supports discursifs tels que le poème, le rapport, l'argumentation, etc. Ainsi, nous espérons que notre travail pourra inspirer d'autres personnes à consigner leurs façons de vivre leur expérience professionnelle pendant cette pandémie.

## ENGLISH ABSTRACT: LETTERS OF FEELING

In this paper, we present two letters exchanged between two active teachers. We believe that these letters contribute to reflections on the performance of teachers and students during the pandemic; a performance that goes beyond digital devices, bringing examples of how the word serves as an instrument for the written record of ways and forms of participation at a time of loss and uncertainty, through the discursive genre letter, which spans centuries, but is in evidence, confirming its importance in the digital age. Moreover, this genre encompasses other discursive supports such as the poem, the story, the argumentation, etc. Thus, we hope that our work may inspire others to record their ways of professional experience during this pandemic.



# Cartas do sentir - Cartas reflexivas pautadas na pandemia do COVID-19

De algum lugar do planeta em 2020

Janaína, minha amiga,

Escrevo-lhe olhando, em primeiro plano, para uma janela sensorial, que encontra amparo nestes versos de Carlos Drummond de Andrade, no seu poema *Mãos dadas*: “Estou preso à vida e olho meus companheiros/ Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças”. É assim que, ao longo desse período de isolamento social, nós, professores, estamos nos (re)fazendo e nos (re)inventando; por vezes, frustrados, tristes, angustiados, depressivos, desafiados, mas sem apagar a tocha que ilumina os caminhos do e para o conhecimento, em um desejo de comunhão com a vida presente, projetada a um futuro do qual nada sabemos.

Nesse contexto de transformações, há um lugar em que docentes e aprendizes se ressignificam e fazem a educação acontecer- as janelas virtuais, mas não só estas. Por meio de múltiplas janelas, estamos em contato com o mundo deste tempo de pandemia, através delas olhamos a realidade e buscamos vestígios de que é possível conviver como sujeitos e nos fazemos presentes numa constante busca de interação com o outro, com a palavra, com a vida em si, com os nossos modos mais singulares de dar sentido a esse ofício de ser professora, ser professor em contextos de mudanças inesperadas e radicais. O próprio Paulo Freire via a educação como uma janela para interação com o mundo. Lima (2014) corrobora essa imagem freireana, quando escreve que

O pensamento de Paulo Freire é indissociável do principal objeto de sua preocupação em vida: a educação, pois, como homem, isto é, ser capaz de se autoproduzir e ressignificar sua existência a partir do outro, defendia que, embora a educação, sozinha, dissociada da vida social, não pudesse efetivamente transformar a realidade por conta dos jogos políticos e

ideológicos de grupos hegemônicos, poderia ser uma janela para o mundo. (...)

Dessa perspectiva, nos longos dias entre cursos online, encontros virtuais, reuniões extensas, uso de máscaras e reflexões sobre o *quê* e *como* ensinar nesse “novo normal”, apoiei-me nos parapeitos das leituras diversificadas, detendo o meu olhar em cada ângulo daquilo que os olhos pudessem alcançar e abarcar, a fim de ser, quem sabe, uma folha de uma janela que pudesse fazer reluzir a vida de alguém do “outro lado” e possibilitasse a essa pessoa renovar o sentido de existir nas inter-relações neste tempo em que variados recursos minguam, desigualdades aumentam e ficamos mais fragilizados. Essa lente de aumento para colher nos próprios olhos a leitura deste “novo mundo” é mais um desejo de fortificar o elo em que mestres e aprendizes possam aprender mutuamente e encontrar na educação um espaço de comunhão, levando em conta o contexto social.

Nestas ramagens reflexivas, a palavra é um raio luminoso que ampara dores, cores, lamentos, angústias e a própria existência dos meninos e das meninas que esperam do “lado de lá” (da tela?) o sentido para a convivência nestes tempos em que muitas pessoas, sem assistência, estão morrendo com suas histórias tão humanas. É com ela, a palavra, que os estudantes se dizem, refazem-se e nos apresentam seus pensamentos e considerações e versam sobre tristeza, solidão, desejos, incertezas, em estado de comunhão e de liberdade com a palavra que lhes foi dada. É assim, amiga Janaína, que venho pautando meu trabalho, concedendo aos estudantes a possibilidade de fazer da linguagem escrita seu lugar de fala. E eles fazem. E eles dizem.

No movimento de acreditar na linguagem como um espaço para o outro registrar a experiência do existir,

em uma das propostas de escrita criativa, atividade que valorizo na minha atuação profissional, o estudante J.V. utilizou mais de cinquenta vezes o pronome pessoal EU, cujos versos finais evidenciam seu estado reflexivo, como seguem:

Eu não consigo parar de pensar em tudo, e em tudo que eu queria fazer, de tudo que eu queria ser

Eu escrevi esse texto para me expressar e falar como eu me sinto, porém ainda me faltam palavras

Eu .....

Trechos de texto do estudante J. V. A data não foi mencionada, mas o texto foi produzido neste mês (setembro/2020).

Na atividade de J.V., não avaliei a recorrência do EU como fragilidade linguística, ou pouco domínio da linguagem escrita, tampouco vi traços de narcisismo. Percebo nessa escrita o registro de um EU empático, capaz de incluir o outro na sua produção, porque, em outras passagens do texto, o estudante diz que queria ajudar as pessoas.

J.V. usou a palavra como instrumento capaz de evidenciar seu estado de existir, como amparo para os seus sentimentos. Tanto é assim que seu estado reflexivo é transbordante, o que se observa no seu texto que parece não ter sido finalizado, mas interrompido em um momento em que lhe faltam palavras para dizer o seu estado de sentir. Assim, percebe-se nessa produção que a palavra é amparadora da emoção, logo, aquela que permite o sujeito construir-se e ser construído por meio do registro escrito, mas ao mesmo tempo livre para pausar a escrita e, talvez, retornar a ela em momento oportuno. Nesse âmbito, mais do que uma análise linguística, o que fiz ao receber o texto de J.V. foi uma leitura emocional, amparada no que vou registrar como tríade empática: produtor do texto/o texto escrito/ a professora, esta, como a leitora e avaliadora da produção escrita. Puxou-se o fio reflexivo da empatia, considerando o que Martins (2012, pp. 52–53) versa sobre a leitura emocional:

Na leitura emocional, emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele

de outra pessoa [...]. Caracteriza-se, pois, um processo de participação numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, para aceitar o que vem do mundo exterior [...].

[...]

Talvez conviesse nesse momento pensarmos o texto menos como um objeto e mais como um acontecimento, algo que acontece ao leitor.

Como se vê, dessa leitura emocional, nasce um sentimento de acolhimento entre o produtor do texto, a escrita em si e a leitura emotiva da professora, criando, assim, lampejos promovidos pela palavra como instrumento de fazer linguagens.

Dessa forma, cara amiga, quando os estudantes conseguem registrar seus textos trazendo à luz seus sentimentos, seus sonhos e modos de ver e sentir o mundo, saímos de um ambiente virtual e abrimos novas janelas que encontram outras janelas nessa tessitura de palavras que nos mostra o quanto somos dependentes uns dos outros, buscando formas de nos ressignificar, independente do tempo em que estivermos. Se posso deixar uma mensagem para as gerações futuras, registro o teor reflexivo neste poema de João Cabral de Melo Neto, *Tecendo a manhã* (1994):

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

É dessa forma que você, Janaína, também faz a educação acontecer, permitindo que na Contabilidade as *manhãs* se tecam além dos números.

Com o abraço,  
Marilene, ou se preferir, Mari.



Mari, querida amiga!

A vida tem sido complexa e estranha; na verdade, achei que esse até seria um período de desaceleração, que em alguns casos seria positivo para a criação e o aprofundamento teórico.

Assim, estariam aí as atividades diárias, que tratam do que faz a vida pulsar, sentir, crescer, desafiar o que estava posto, melhorar, melhorar muito e nos reconstruirmos como pessoas, que acolhem, que não julgam, que ouvem e tentam a cada segundo viabilizar o crescimento e as melhores escolhas. Nesse sentido, esse novo modo de trabalho, ao passo que os dias ganhavam o seu próprio curso, parecia permitir essas possibilidades de criação e de imersão ao universo teórico, uma vez que aulas foram ministradas, mesmo com o distanciamento; ou seja, mesmo com toda essa dificuldade, as aulas aconteceram. Com o distanciamento, no formato aulas online, o processo de se adaptar as aulas online ocorreu, tanto para os docentes, como para todos da comunidade escolar, aprofundando questões importantes para o fazer diário, apesar do distanciamento.

As configurações, perspectivas, planejamentos e possibilidades que foram elaboradas com a participação de todos os envolvidos de forma direta, tudo foi revisto, refeito e reelaborado. Mesmo com essa “reelaboração”, os menos favorecidos e com maior dificuldades não conseguiram acompanhar, por não poderem se conectar. Nesse sentido, pôs-se em relevo um problema: as inúmeras e imensuráveis perdas, em vários âmbitos, que ocorreram neste período e têm se prolongado.

A mudança na rotina, nos processos, formas de controle, avaliação das atividades, como dar resultado, mas o que será o resultado? E de que forma devo me comportar, para as entregas, necessárias para conseguir concluir o meu ano letivo? – perguntas frequentes dos alunos nas aulas. E o medo constante de contaminação, por conta da doença, informações desconhecidas, em quem ou no que acreditar? Será que estamos no caminho certo? Nas aulas diárias,

essa foi e continua sendo a pauta que todos os alunos querem tratar, inclusive, por não compreenderem este momento, o que leva a refletir que não fomos treinados, efetivamente, para as crises, ou seja, para situações relacionadas à pandemia, por exemplo; também não fomos preparados para vivermos em situações extremas que ocorrem com maior visibilidade pelos meios de comunicação, em outros países, que muitas vezes são muito distantes. Para alguns, as guerras que são constantes no Oriente Médio, podem impressionar, mas, eles não relacionam o impacto dessas situações com a vida diária. Contudo, é importante e necessário explicar as relações de trabalho, comércio e os impactos nas disputas constantes, entre os países. É fundamental tratar de questões relacionadas a doenças, cuja esperança de cura muitas vezes exige muita pesquisa, que é o caso dessa situação pandêmica, que transformou a forma de se relacionar em muitos países.

Assim, mesmo com inúmeras perdas em vários segmentos, que nos permitem muitas reflexões, fica difícil compreender, o que, de fato está ocorrendo. E, nesse cenário, as mortes chegam, e chegam até os que estão próximos de nós, e são muitos: alunos, ex-alunos, familiares, vizinhos, amigos. Nesse contexto, a prática da escuta foi e é necessária, já que muitos falam sobre os sentimentos, e o desespero de não conseguirem conviver com a perda, ou perdas, além de afirmarem não entender o que está acontecendo, e de como essas incertezas causam impactos de cunho psicológico e de convivência.

Dessa forma, é o encontro, esse encontro supremo da alma, que você, com suas palavras, consegue transpor para o papel, que é possível sentir e incorporar na possibilidade da leitura que nos inunda, que nos transcende. Nas aulas, isso é o que, de fato, mais possibilita o sentido das relações, da aproximação e do avanço para o futuro.

Esse futuro nos foi oportunizado neste tempo, a cada segundo do nosso respiro, como uma chance de sermos e estarmos melhores, principalmente conosco, com a possibilidade de conseguirmos contribuímos com

o outro. Essa é uma reflexão diária, fundamental em cada palavra e instante, para colaborarmos com uma formação séria e profunda, no âmbito da educação, que possibilita a melhora de quem está conosco, fazendo-nos avançar, crescer e viabilizar o pensar e o refletir, como neste contexto que vivemos. Desse modo, é possível pensar nesta conexão importante e fundamental, que, segundo Freire (Delfante, 2017): “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Dessa forma, é importante ressaltarem alternativas de se trabalhar no curso de contabilidade, além dos números, com significados e possibilidades incríveis e perspectivas de crescimento perene, transparente e ético, para as futuras gerações.

Com o abraço da, Janaína

### **Contribuição**

---

Acreditamos que estas cartas contribuem com reflexões sobre a atuação de professores e alunos durante a pandemia; atuação que vai além dos dispositivos digitais, trazendo exemplo de como a palavra serve como instrumento para o registro escrito de modos e formas de participação, numa época de perdas e incertezas, por meio do gênero discursivo carta, que atravessa séculos, mas está em evidência, confirmando sua importância na era digital. Além disso, tal gênero abarca outros suportes discursivos como o poema, o relato, a argumentação etc. Assim, esperamos que nosso trabalho possa inspirar outras pessoas a registrarem seus modos de vivência profissional durante essa pandemia.

### **Referências**

---

Delfante, L. (2017, maio 2). *PAULO FREIRE VIVE: Continua imortal o legado deixado pelo maior mestre popular da Pedagogia Brasileira*. Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC). <http://www.enfoc.org.br/noticias/detail/481>

Lima, P. G. (2014). Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: O homem, a educação e uma janela para o mundo. *Pro-Posições*, 25(3), 63–81. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201407504>

Martins, M. H. (2012). *O que é leitura?* Brasiliense.

Melo Neto, J. C. de. (1994). Tecendo a manhã. In *Obra completa: Volume único* (p. 345). Nova Aguilar.

# Experiências e narrativas de um professor: Aprendendo a aprender adaptar-se na pandemia

**AUTOR:**

Marco Aurélio Batista de  
Sousa

**RESUMO EM PORTUGUÊS: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS DE UM  
PROFESSOR: APRENDENDO A APRENDER ADAPTAR-SE NA PANDEMIA**

Este trabalho busca registrar o relato das experiências de um professor que ministra disciplinas nos Cursos de Graduação em Ciências Contábeis e Administração na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, no período de adoção do ensino remoto emergencial. Para tanto, inicialmente destaca-se o contexto da suspensão de aulas presenciais e da adoção, pela instituição, do ensino remoto. Em seguida, apresentam-se as experiências no processo de ensino e aprendizagem na pandemia e as reflexões sobre a aprendizagem nesse contexto, para, posteriormente, chegar-se às considerações finais. Dentre as percepções, mencionam-se as dificuldades enfrentadas pelo professor, quando da adoção do ensino remoto, no que tange à ferramenta tecnológica, ao suporte e à plataforma para a realização das atividades, bem como as enfrentadas pelos alunos para tentar acompanhá-las. Em relação à aprendizagem, cita-se a necessidade de atualização tecnológica e de mais integração professor-aluno.

**ENGLISH ABSTRACT: EXPERIENCES AND NARRATIVES OF A TEACHER:  
LEARNING TO LEARN HOW TO ADAPT TO THE PANDEMIC**

This paper seeks to record the report of the experiences of a professor who teaches disciplines in the undergraduate courses of Accounting and Administration at the Federal University of Mato Grosso do Sul, Campus of Três Lagoas, during the period of emergency remote education. For this, initially, the context of the suspension of face-to-face classes and the adoption by the institution of remote education stands out. Then, were presented the experiences in the teaching and learning process in the pandemic and the reflections on learning in this context, to reach the final considerations. Among the perceptions, were mentioned the difficulties faced by the teacher, given the adoption of the remote teaching, regarding the technological tool, the support, and the platform for the fulfillment of the activities, as well as the difficulties faced by the students to try to accompany said activities. Regarding the learning process, we mention the need for technological updating and more teacher-student integration.





# Experiências e narrativas de um professor: Aprendendo a aprender adaptar-se na pandemia

## Considerações iniciais

A única certeza que temos é a incerteza que a vida nos traz. Esta frase tornou-se ainda mais expressiva em razão das diversas transformações que estamos vivenciando neste ano de 2020, muitas delas ocasionadas pela manifestação da variação do vírus “Coronavírus SARS-CoV-2”, mais conhecido pela sigla “COVID-19”, em praticamente todas as nações.

Essa enfermidade caracteriza-se pela manifestação de um quadro clínico variado de infecções assintomáticas que podem agravar-se e ocasionar a morte. Sua transmissão se dá principalmente pelas vias respiratórias, por meio de gotículas de saliva que se espalham quando alguém contaminado tosse ou espirra. Além da questão biomédica e epidemiológica, o vírus trouxe impactos negativos – sociais, econômicos, entre outros – sem precedentes na história recente das epidemias no mundo (Fiocruz, 2020; Governo do Brasil, 2020).

A propagação mundial desse vírus e o seu potencial de contágio comunitário fez que a Organização Mundial de Saúde (OMS) o considerasse uma pandemia, procurando, conjuntamente com autoridades sanitárias internacionais e um conjunto de governos, orientar a criação de estratégias para o seu controle e enfrentamento (Arora & Srinivasan, 2020; Pires, 2020; Sun et al., 2020).

Dentre essas estratégias, destaca-se a recomendação de isolamento e do distanciamento social entre as pessoas, a fim de controlar a cadeia de transmissão da doença e, assim, reduzir os riscos de sua propagação e conter o seu avanço (Deng & Peng, 2020; Keswani et al., 2020; Pires, 2020).

No Brasil, apesar do descompasso entre os membros do próprio Governo Federal em relação às estratégias

de enfrentamento à COVID-19 e da descentralização no processo de implementação destas, “todos os estados brasileiros as introduziram em maior ou menor grau”, conforme sustenta Moraes (2020, p. 7). As primeiras medidas incidiram sobre eventos, serviços, aglomerações e atividades não essenciais, que sofreram restrições ou suspensão temporária para que as pessoas pudessem permanecer em suas moradias (Moraes, 2020; Pires, 2020).

Essas medidas foram também implementadas na área educacional, ocasionando a interrupção das aulas presenciais no país (Kubota, 2020; Machado et al., 2020; Moraes, 2020). Disso resultou a mobilização de gestores e outros atores envolvidos para a busca de alternativas e adaptações capazes de reduzir o impacto da interrupção sobre o processo de ensino-aprendizagem nas instituições. A saída para o problema foi então encontrada nas tecnologias da informação e comunicação, que permitiu a migração do ensino presencial para o ensino remoto emergencial<sup>1</sup> (Lall & Singh, 2020).

Com base nesse contexto, apresentam-se, na sequência, as percepções e as narrativas de um professor que ministra disciplinas nos Cursos de Graduação em Ciências Contábeis e Administração na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, em relação ao ensino remoto. Os relatos foram organizados a partir das experiências durante o processo de ensino e aprendizagem na pandemia de COVID-19 e das reflexões pessoais e profissionais das aprendizagens provenientes dessa situação.

<sup>1</sup> No entendimento de Behar (Behar, 2020), o ensino é considerado remoto, porque os professores e alunos estão impedidos, por decreto, de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus; e é emergencial, porque, do dia para a noite, o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser revisto.

## Experiências no processo de ensino-aprendizagem na pandemia

---

No final do mês de março de 2020, o ensino na modalidade presencial foi suspenso por prazo indeterminado em praticamente todas as instituições de ensino do país, tanto públicas quanto privadas, inclusive nas universidades (Kubota, 2020; Machado et al., 2020; Moraes, 2020).

Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a suspensão foi, inicialmente, comunicada pelos órgãos superiores por um ofício enviado via *e-mail*, em que se indicava a continuidade das aulas em formato remoto como a única forma capaz de garantir a manutenção do calendário acadêmico na instituição no período de pandemia.

Conjuntamente com esse comunicado, foi informado que deveríamos assinar um termo, por meio do qual nos responsabilizaríamos pela sequência das atividades pertinentes às disciplinas, bem como pela estrutura e suporte tecnológico necessários para desenvolvê-las remotamente em *home office*.

Entre a maioria dos professores dos Cursos de Graduação em Ciências Contábeis e Administração do Campus de Três Lagoas<sup>2</sup>, a suspensão das atividades presenciais, particularmente as de ensino, gerou inquietações, pois havia resistências ao ensino a distância, inclusive da minha parte.

Além dessa resistência, surgiram os seguintes questionamentos: O que é ensino remoto emergencial e atividade remota? Como se adequar a essa nova realidade de uma hora para outra? Qual ferramenta tecnológica *online* e qual plataforma seriam utilizadas para realizar a comunicação entre professor e aluno? De que forma essas atividades iriam ocorrer? Os alunos possuem estrutura tecnológica para acompanhar as atividades e os conteúdos? Como fazer as avaliações? E as frequências, como computá-las?

---

2 No Campus de Três Lagoas, os cursos de Ciências Contábeis e de Administração têm procurado, ao longo dos tempos, caminhar unidos, uma vez que compartilham a maioria dos professores e o espaço físico na Instituição. Portanto, sempre que há situações que envolvam diretamente esses cursos, as reuniões são realizadas em conjunto.

Enfim, dificuldades que poderiam inviabilizar o ensino a distância, pois iriam exigir de todos (professores e alunos) mudança de hábito.

Em face dos questionamentos e das dúvidas, foi solicitado às coordenações dos dois cursos que marcassem uma reunião para alinhar as atividades de ensino remoto a serem realizadas. Nessa reunião foi, no entanto, novamente reiterado que ficaria a cargo de cada professor a escolha da metodologia e dos materiais educacionais para trabalhar remotamente as suas disciplinas.

Após esse encontro, a minha primeira atitude foi encaminhar um *e-mail* e um *WhatsApp* para os alunos matriculados nas disciplinas sob minha responsabilidade, mencionando que, em decorrência da decisão institucional de suspender as aulas presenciais, estas seriam substituídas por atividades remotas e que brevemente eu entraria em contato com eles para explicar como seriam viabilizadas.

Embora fizesse uso, desde 2018, de um ambiente virtual de aprendizagem, o *Moodle*<sup>3</sup>, como suporte às atividades das disciplinas, a busca de ferramentas tecnológicas mais contextualizadas ao meu ambiente pedagógico e que pudessem proporcionar, com qualidade, o mínimo de interação com os acadêmicos, mesmo que online, por meio de som e imagem, tornou-se uma angústia.

Na mesma semana desses acontecimentos, procurei diversas possibilidades para realizar as atividades remotas, conforme havia planejado. A primeira delas foi fazer uso do *Skype*, permitindo, assim, a comunicação pela *internet* através de conexão de voz e vídeo com os acadêmicos, mas a baixa adesão dos alunos e o volume de reclamações obrigaram-me a abandonar a ferramenta. Em seguida, criei um *Instagram* com o qual também não obtive sucesso; na sequência, tentei criar um canal no *YouTube* e também não consegui trabalhar e transmitir a atividade remota do modo como pretendia.

---

3 Neste ambiente, é postado o plano de ensino correspondente à disciplina e materiais educacionais de apoio, os quais ficam à disposição dos acadêmicos matriculados na disciplina no decorrer do semestre.

No dia da atividade remota, vivenciando as minhas dificuldades, os alunos sugeriram criar uma página no *Facebook*, o que proporcionou, naquele dia, a execução do que estava programado. E, por três semanas consecutivas, foi utilizada essa ferramenta, mas, em face das falhas recorrentes na transmissão ao vivo e da instabilidade na conectividade, a decisão foi abandoná-la após esse período.

A nova preocupação passaria a ser encontrar ferramentas capazes de atender as expectativas, mas que não demandassem tempo para se aprender a lidar com elas, já que realizar as atividades remotas e dar sequência às aulas presenciais eram questões urgentes. Essas circunstâncias evidenciaram, no entanto, minha falta de familiaridade e habilidade com essas tecnologias, o que despertou a necessidade de aprender sobre elas pelo menos para cumprir minhas funções pedagógicas nesse período. Ao entrar em contato com outros professores que trabalham no Campus de Três Lagoas, percebi que as minhas dificuldades, angústia e frustrações eram compartilhadas.

Enquanto persistíamos na busca de uma ferramenta tecnológica, foi-nos comunicado pela Instituição que o *Google Meet* estaria disponível para utilização, com acesso via *e-mail* institucional, possibilitando a comunicação por videochamadas *online* com os acadêmicos.

Desde então, estou fazendo uso de diferentes recursos: da plataforma *Moodle*, como ambiente virtual de aprendizagem, por meio da qual realizo a postagem dos materiais educacionais e demais informações correspondentes às disciplinas; do aplicativo *WhatsApp*, como um meio mais rápido e eficaz de envio e recebimento de mensagens; do *e-mail*, quando o acadêmico necessita de um atendimento mais individualizado sobre diferentes questões; e do *Google Meet*. São ferramentas e aplicativos que estão sendo utilizados para tirar dúvidas de exercícios, orientar e engajar os acadêmicos nas atividades da disciplina, criando assim uma comunicação dialógica, interativa, de mediação e socialização.

## Reflexões sobre a aprendizagem na pandemia

---

É importante relatar que, com o decorrer do primeiro semestre, os questionamentos e dúvidas pertinentes ao ensino remoto foram respondidos naturalmente, cada um a seu tempo. Isso não impediu, todavia, o surgimento de muitas outras questões relacionadas à aprendizagem dos acadêmicos, como a interação e a socialização por meio da plataforma e tecnologias ou a qualidade dos materiais educacionais e das atividades remotas transmitidas ao vivo *online*.

Apreendi que o ensino remoto é uma atividade emergencial que decorre de situações adversas, como uma pandemia, e que ele não deve ser confundido com ensino a distância (EaD), o qual possui particularidades, tais como: estrutura organizada, materiais educacionais direcionados e revisados, suporte e tutorial prontos, a qualquer momento, para sanar as dúvidas dos acadêmicos, entre outras.

Quanto à ferramenta tecnológica, houve muita dificuldade da minha parte para encontrar uma ferramenta capaz de favorecer a realização das atividades remotas e atender prontamente os desafios impostos pela instituição e pela pandemia em relação à continuidade das aulas em formato remoto. O fato de sermos deixados à vontade para escolher aplicativos e tecnologias pertinentes a esse propósito contribuiu para esse cenário de busca, incertezas, desânimos e muitas adaptações, desencadeados pela falta de familiaridade ou de habilidades para manuseá-los ou para identificar o potencial de ferramentas já conhecidas, mas até então nunca utilizadas para esse fim.

O ensino remoto pertinente às minhas disciplinas ocorre nos mesmos dias e horários das aulas presenciais. Todas as atividades estão sendo gravadas e arquivadas para, caso seja necessário, comprovar a sua realização, em conformidade com as regras pré-estabelecidas pela Instituição e coordenações dos cursos.

Vale destacar também as dificuldades de alguns alunos, particularmente no primeiro semestre, que não



tinham uma estrutura tecnológica capaz de acessar a *internet* e, conseqüentemente, participar das atividades remotamente.

Diante disso, de minha parte, as frequências, atividades e mesmo as avaliações têm sido flexibilizadas. As atividades são disponibilizadas no ambiente virtual de aprendizagem, permitindo que os acadêmicos as realizem até o final do semestre, individualmente ou em dupla. As avaliações são disponibilizadas na mesma plataforma, com o prazo de até uma semana para que os acadêmicos possam realizá-las e quem quiser pode fazê-las em dupla. Quanto às frequências, vêm sendo pontuadas quando da participação dos acadêmicos nas atividades e nas avaliações.

Além de ser mais maleável com as atividades, frequências e avaliações, também se fez necessário ter mais flexibilidade quanto ao tempo de duração das atividades *online*, tornando-as menos cansativas para professor e aluno.

Nesse momento emergencial, as minhas atitudes como professor refletem na necessidade de buscar a mediação do conteúdo ministrado com o acadêmico para que ele se motive e permaneça engajado nas atividades e comprometido com a sua aprendizagem.

Está sendo um grande desafio criar um modelo de aulas remotas utilizando recursos digitais e, ao mesmo tempo, empenhar-me em prender a atenção dos acadêmicos para que eles façam parte do processo de ensino e aprendizagem. As atividades relacionadas ao ensino mudaram e, por isso, temos de rever e mudar as nossas estratégias, flexibilizando a forma de atuação docente e adaptando-nos a esses novos tempos e às adversidades resultantes.

Como relatam Nascimento et al. (2020, p. 5), “passado esse período inicial, os desafios se modificaram”, e, neste segundo semestre, pode-se dizer que as preocupações com a estrutura, plataforma e com o ensino remoto foram amenizadas; agora, as preocupações são tornar “as aulas dinâmicas, interativas e atrativas” e buscar “atualização constante”

para “acompanhar as novas tendências”. E isso está sendo feito, por um lado, com auxílio mais presente da instituição, que está disponibilizando vários cursos e tutoriais para uso de novas ferramentas; por outro, com iniciativa pessoal; no caso, um curso de especialização em docência na educação a distância. Ou seja: os desafios impostos pelo ensino remoto na pandemia tornaram-se uma oportunidade de aprendizagem.

Não se pode, no entanto, incorrer no erro de conformar-se com o que foi possível fazer – tanto no sentido de considerar-se satisfeito com os resultados do trabalho “emergencial”, quanto no de adotar um formato – nem no de supervalorizar as iniciativas individuais. Há que se problematizar a situação, o que implica um repensar da formação do professor de ensino superior e, no caso em tela, do professor de cursos de Ciências Contábeis.

Começo evocando respostas do renomado professor português António Nóvoa, especialista em pesquisas e produções acadêmicas no campo da formação docente, durante entrevista concedida ao periódico *Interface* no ano 2000<sup>4</sup> (Pereira et al., 2000).

Uma das perguntas a ele dirigidas trata especificamente da configuração da profissão docente na Universidade e sobre a formação do professor universitário, ao que ele responde que a Universidade não pode continuar a trabalhar como se ainda fosse “a única detentora do conhecimento”.

Curiosamente, 20 anos depois, suas reflexões parecem aplicar-se ao que vivenciamos hoje. Nóvoa (2000) apontava, como algo positivo, a existência de grandes universidades que estavam “a repensar o sentido das ‘aulas’ e da ‘presença física’ dos alunos”, a partir das “lições disponibilizadas via ‘novas tecnologias de informação’”. Para ele, a “Universidade do futuro” iria “progressivamente conceder uma maior atenção aos processos de acompanhamento dos alunos, através de formas de orientação e tutoria, de aconselhamento

4 A entrevista, publicada sob o título “Universidade e formação docente”, foi aplicada por Miriam Celi Pimentel Porto Foresti e Maria Lúcia Toralles Pereira, do Instituto de Biociências da Unesp/Botucatu). *Interface* (Botucatu), vol.4, nº.7, Botucatu, Aug. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000200013>. Acesso em 24 out. 2020.

e integração dos alunos em grupos de pesquisa”, e as aulas seriam substituídas, “com vantagem”, “por uma diversificação dos meios de acesso à informação e ao conhecimento”, obrigando os docentes do ensino universitário a uma autorreflexão, a reflexões partilhadas e a (trans)formar-se, buscando “um novo equilíbrio entre as funções tradicionais da Universidade: o ensino e a investigação”, de que os que vão ser ensinados também fazem parte.

Não se trata, segundo Nóvoa (2000), de “transformar a questão da ‘pedagogia universitária’ numa questão de técnicas ou de métodos, esvaziando-a das suas referências culturais e científicas”, mas de encontrar novas formas de atendimento aos alunos, fomentando sua presença em grupos de trabalho e em equipes científicas, por exemplo. Explica o professor que não é possível “ensinar e aprender num vazio de saberes e de conteúdos”; há que se ter como matéria-prima um determinado conhecimento.

Isso significa que professores universitários também precisam de formação, a fim de reconstruir conhecimento e reconstruir-se, de produzir crítica e conhecimento novo, mediante adoção de novos modos de trabalho universitário. E isso exige do professor de Ciências Contábeis que, além de “conhecer e ter domínio sobre as práticas contábeis”, também conheça “a arte de ensinar”, conforme advogam Andere e Araújo (2008, p. 92).

Vale acrescentar que essa falta de conhecimentos sobre a arte de ensinar pode estar associada, segundo Engel, Vendruscolo e Bianchi (2015, p. 3), embasadas em pesquisas anteriores, ao fato de faltar ao professor de ensino superior de Ciências Contábeis “uma formação pedagógica sistemática proporcionada pelos programas de Contabilidade Stricto Sensu”, capaz de garantir-lhe “o desenvolvimento de competências docentes específicas ao exercício da docência em Contabilidade”.

Ou seja: além dos necessários saberes técnicos ou específicos, cabe-lhe compreender a dimensão histórica, social e crítica da formação na área. Uma dimensão em que se pode incluir a pandemia do século

XXI e seus desdobramentos e que exige práticas que vão além de decisões individuais.

### Considerações finais

---

A construção do conhecimento é individualizada e ocorre principalmente pela relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto a ser conhecido dentro do contexto no qual ele está inserido. Para que isso aconteça, faz-se necessário que esse objeto ou fenômeno a ser observado desperte o interesse da pessoa em conhecê-lo, o que lhe garante a autonomia e o protagonismo de sua aprendizagem.

Neste momento de isolamento social e distanciamento físico, esse despertar torna-se ainda mais um desafio tanto para quem quer se apropriar do conhecimento (aluno) quanto para aquele que busca estimular a sua busca, construção e significado (professor).

Decorrente da aprendizagem conquistada ao longo do primeiro semestre, sinto-me mais preparado emocional e profissionalmente em relação ao ensino remoto emergencial. Confesso, no entanto, que ainda se faz necessário aprender mais a respeito das tecnologias da informação e comunicação e de ferramentas e plataformas.

Essa necessidade surge conjuntamente com os desafios de promover a participação dos acadêmicos nas discussões dos conteúdos trabalhados e oferecer uma atenção mais individualizada e personificada quando do retorno (*feedback*) das atividades por eles realizadas em tempo hábil. Atitudes que estimularão o seu interesse na construção de sua aprendizagem significativa por meio de uma comunicação expressiva e com foco na resposta de cada um deles.

Embora reconheça esse desafio, alguns fatores o tornam hoje quase intransponível, quais sejam: a quantidade cada vez maior de alunos nas turmas correspondentes às minhas disciplinas; a quantidade de disciplinas que cada professor tem de assumir; a quantidade de trabalhos de conclusão de cursos que temos que atender e orientar. Mesmo sem a pretensão

de atenuar ou justificar, considero relevante dizer que, se o cenário fosse diferente, essa situação poderia ser minimizada ou mesmo eliminada.

Por outro lado, é perceptível que, embora se venha empreendendo um esforço muito grande na elaboração de materiais educacionais e na busca de melhoria da qualidade das atividades remotas, há muitos acadêmicos que não se interessam pelas atividades, não cumprem os prazos, não participam das atividades *online*, que entram na sala, porém sequer se manifestam, não interagem nem por voz nem no *chat*, mesmo quando solicitados, desafiados ou instigados. Enfim: nem se sentem responsáveis por sua aprendizagem.

Mesmo assim, e apesar das inquietações provocadas pela adoção do ensino remoto pela Instituição, percebi, no decorrer dos semestres de 2020, que essa foi a melhor opção. A manutenção do calendário acadêmico e a continuidade do ensino possibilitaram minimizar o impacto na aprendizagem desses acadêmicos sem que houvesse a interrupção de conteúdos e das atividades planejadas, procurando manter o aluno, mesmo que à distância, engajado no seu processo de ensino e aprendizagem.

Percebe-se que esses recursos e avanços tecnológicos alicerçados pela rede mundial de computadores interligados, a *internet*, vêm tornando as atividades voltadas à educação algo natural. Ferramentas digitais de comunicação e compartilhamento de textos (e outras que ainda irão surgir) têm-nos proporcionado um constante aprendizado para fazer parte desse universo *online*. Certamente se faz necessário mudar os hábitos para aprender a aprender mais, pois não ficaremos sem participar desse processo, mesmo não o querendo, como tem acontecido durante a pandemia.

## Referências

Andere, M. A., & Araujo, A. M. P. de. (2008). Aspectos da formação do professor de ensino superior de ciências contábeis: Uma análise dos programas de pós-graduação. *Revista Contabilidade & Finanças*,

19(48), 91–102. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772008000300008>

Arora, A., & Srinivasan, R. (2020). Impact of Pandemic COVID-19 on the Teaching – Learning Process: A Study of Higher Education Teachers. *Prabandhan: Indian Journal of Management*, 13, 43. <https://doi.org/10.17010/pijom/2020/v13i4/151825>

Behar, P. A. (2020, julho 6). *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*. <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>

Deng, S.-Q., & Peng, H.-J. (2020). Characteristics of and Public Health Responses to the Coronavirus Disease 2019 Outbreak in China. *Journal of Clinical Medicine*, 9(2), 575. <https://doi.org/10.3390/jcm9020575>

Engel, C. I., Vendruscolo, M. I., & Bianchi, M. (2015). Formação Docente do Curso de Ciências Contábeis: um Estudo da Base Pedagógica nos Programas Stricto Sensu. In *Congresso Ufsc De Iniciação Científica Em Contabilidade* (Vol. 6, p. 2015).

Fiocruz. (2020). *Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia*. Fundação Oswaldo Cruz. <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>

Governo do Brasil. (2020). *O que é COVID-19*. <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

Keswani, R. N., Sethi, A., Repici, A., Messmann, H., & Chiu, P. W. (2020). How To Maximize Trainee Education During the Coronavirus Disease-2019 Pandemic: Perspectives From Around the World. *Gastroenterology*, 159(1), 26–29. <https://doi.org/10.1053/j.gastro.2020.05.012>

Kubota, L. C. (2020). *Levantamento das recomendações para a volta às aulas em tempos da COVID-19* (Nota Técnica IPEA No 74; Diset - Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10220/1/NT\\_74\\_Diset\\_LevantamRecomenVoltaAulas.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10220/1/NT_74_Diset_LevantamRecomenVoltaAulas.pdf)



Lall, S., & Singh, N. (2020). CoVid-19: Unmasking the new face of Education. *International Journal of Research in Pharmaceutical Sciences*, 11(SPL1), 48–53. <https://doi.org/10.26452/ijrps.v11iSPL1.2122>

Machado, R. A., Bonan, P. R. F., da Cruz Perez, D. E., Martelli, D. R. B., & Martelli-Júnior, H. (2020). I am having trouble keeping up with virtual teaching activities: Reflections in the COVID-19 era. *Clinics*, 75, e1945. <https://doi.org/10.6061/clinics/2020/e1945>

Moraes, R. F. de. (2020). *A COVID-19 e as medidas legais de distanciamento dos governos estaduais: Análise comparativa do período de março a julho de 2020* (Nota Técnica No 73; Dinte - Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10153/1/NT\\_23\\_Dinte\\_Covid19MedLegaisMarJul2020.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10153/1/NT_23_Dinte_Covid19MedLegaisMarJul2020.pdf)

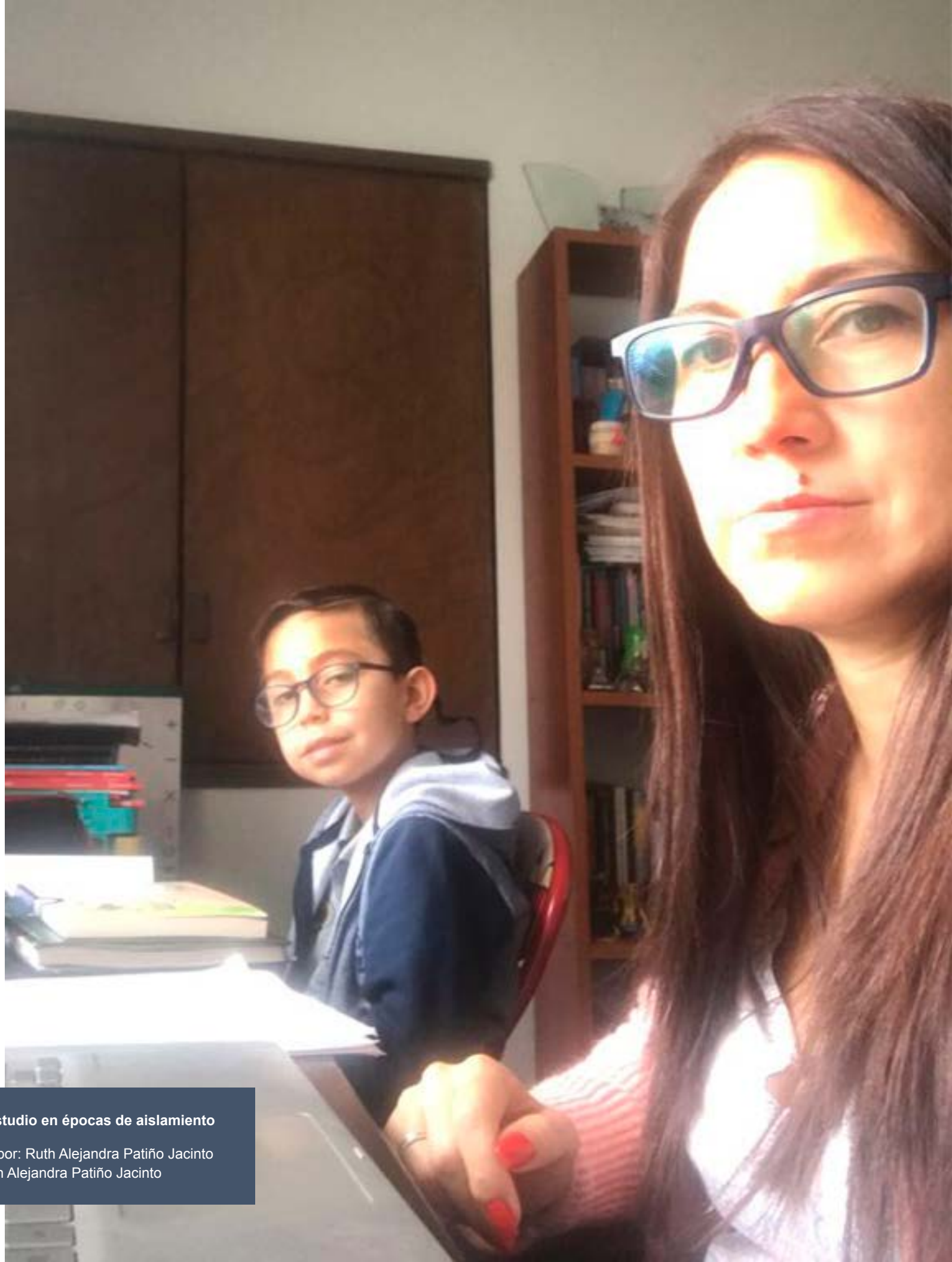
Nascimento, Í. C. S. do, Melo, G. C. V. de, Santos, A. R. S., Maia, A. J. R., & Moreira, C. S. (2020). E agora, o que eu faço? Desafios impostos ao docente de ciências contábeis em tempos de enfrentamento da COVID-19. *XX USP International Conference in Accounting*, 20.

Nóvoa, A. (2000). Universidade e formação docente. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 4(7), 129–138. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000200013>

Pereira, M. L. T., Foresti, M. C. P. P., & Oliveira, R. A. de. (2000). Docência Universitária e Inovação: Primeiro congresso internacional. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 4, 153–154. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000200020>

Pires, R. R. C. (2020). *Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da COVID-19: Propostas para o aperfeiçoamento da ação pública* (Nota Técnica No 33; Diest - Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9839/1/NT\\_33\\_Diest\\_Os%20Efeitos%20Sobre%20Grupos%20Sociais%20e%20Territ%c3%brios%20Vulnerabilizados.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9839/1/NT_33_Diest_Os%20Efeitos%20Sobre%20Grupos%20Sociais%20e%20Territ%c3%brios%20Vulnerabilizados.pdf)

Sun, Q., Qiu, H., Huang, M., & Yang, Y. (2020). Lower mortality of COVID-19 by early recognition and intervention: Experience from Jiangsu Province. *Annals of Intensive Care*, 10(1), 33. <https://doi.org/10.1186/s13613-020-00650-2>



### Trabajo y estudio en épocas de aislamiento

Presentado por: Ruth Alejandra Patiño Jacinto  
Crédito: Ruth Alejandra Patiño Jacinto

# Contadora contando la pandemia

## AUTOR:

Ruth Alejandra Patiño-Jacinto

## RESUMEN EN ESPAÑOL: CONTADORA CONTANDO LA PANDEMIA

Es un cuento de una profesora de contabilidad, narra sus vivencias en el aislamiento por la pandemia. Ella describe la situación de sus clases, su vida familiar y las condiciones en su país (Colombia), en el año en el que empezó la pandemia 2020.

## ENGLISH ABSTRACT: ACCOUNTANT TELLING THE STORY OF THE PANDEMIC

This is a story about an accounting professor who narrates her experiences in isolation due to the pandemic. She describes the situation of her classes, her family life and the conditions in her country (Colombia), in the year when the 2020 pandemic started.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: UN COMPTABLE RACONTE L'HISTOIRE DE LA PANDÉMIE

Il s'agit de l'histoire d'une enseignante en comptabilité qui raconte ses expériences d'isolement dû à la pandémie. Elle décrit la situation de ses classes, sa vie familiale et les conditions dans son pays (Colombie), l'année où la pandémie de 2020 a commencé.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: CONTADORA CONTANDO A PANDEMIA

Esse é um conto de uma professora de contabilidade, narra suas vivências no isolamento da pandemia. Ela descreve a situação de suas aulas, sua vida familiar e as condições de seu país (Colômbia), no ano que começou a pandemia de 2020.





# Contadora contando la pandemia

En aquel 2020, en una ciudad de un país relativamente pequeño, con una pobreza invisible para muchos, con una riqueza natural muy visible y algunas veces desafortunada, con problemas políticos evidentes, silenciosos, peligrosos.

Comienzan a llegar noticias de una pandemia lejana por ahora, han anunciado que el mundo se está enfermando; en marzo se solicitó aislamiento obligatorio, comenzó a aproximarse la realidad. Inicialmente eso no se percibía tan fuerte, tal vez por la costumbre de que los problemas graves sean de otros y que se puedan ignorar desde que no lleguen a tu casa o a tu familia.

En este contexto se encuentra una profesora, el mundo de ella era la universidad, su casa, su estudio donde ha ganado varias batallas académicas y algunos sitios que le gusta visitar de la ciudad, además tiene muchos países por conocer, muchos, que mundo tan grande y que tiempo tan corto.

Se encontraba un domingo descansando, estaba en su cama, viendo televisión, en la tarde se entera que a partir del lunes las clases serán no presenciales, en ese momento comienza a sudar frío, le llegan muchos pensamientos, hace cuentas de los espacios de la casa y de los computadores, el comunicado menciona que se utilizarán plataformas virtuales, ¿plataformas qué?, ah sí, virtuales, como la que usamos cuando nos reunimos con profes de otros países, ¿qué voy a hacer?, ¿cuál herramienta será mejor?, ¿cuánto durará esto?, ¿cómo hago la clase?, que difícil, mañana reviso para mis clases del martes.

Luego de las primeras preocupaciones surge otra que es muy relevante: el niño, ¿tendrá que ir al colegio? No creo, son más pequeños y pueden ser vulnerables al virus. Nada que comunican del colegio, ah ya, perfecto,

no hay clase, ¡hasta abril 20! eso es demasiado tiempo, esperemos a ver que deciden sobre la dinámica de las clases, que complicado, no estamos preparados para esto, ni los profesores de preescolar, primaria, bachillerato, universidad, ni los de doctorado, ninguno.

Al siguiente día comenzó a revisar posibilidades para sus clases, mientras tanto la gente pasaba por su ventana, mucha gente aún, preparemos alguna herramienta, está no la sé manejar, ¿y los oficios de la casa?, ¿cómo los distribuimos?, ¿dónde se ubica el niño cuando también tenga clases? y ¿los demás?, cada día debemos decidir cómo nos vamos a hacer.

Y el martes: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, bueno eso último no importa mucho porqué no alcance a peinarme bien. ¿Ya? ¿ahora si se ve?, bueno empecemos. Laura si no escuchas bien puede ser tu red porque los demás si están escuchando.

Oh le dije eso y Laura no está escuchando, no estoy muy brillante hoy, le escribo entonces.

- ¿muchachos alguna pregunta? ¿muchachos me escuchan?, gracias por responder Carlos, me imagino que los demás tampoco tienen preguntas.

¿Qué hare el jueves para que hablen, para que pregunten, para que activen sus cámaras o al menos el micrófono para saludar?, esperemos, paciencia, esto no debe durar mucho, me gusta verlos, hablar con ellos de todo y nada, ya los extraño, menos mal ya los conocía o si no sería muy difícil.

Y el jueves: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder Carlos.

Qué semana tan difícil, estoy cansada, como si hubiera trotado todos los días, ¿por qué pienso esto si no sé lo

que es trotar una semana todos los días?, no sé lo que es trotar dos días seguidos desde que me obligaban en el colegio, me imagino que así se siente, aunque también es cómo si hubiera trabajado cargando ladrillos, así me siento, que cansancio de estar sentada, de pensar en mil cosas al tiempo, de la incertidumbre.

Sábado, a mí no me molesta estar en la casa, sólo me falta ver a mis tías, a mis hermanas a mi familia, pero paciencia que esto durará poco, aprovecharé para descansar y para avanzar en la tesis, ¿la tesis?, espero avanzar, qué proceso tan difícil, tesis en tiempos de COVID, ese debería ser el título.

Domingo, qué bueno estar en casa, veamos noticias, qué miedo que llegue a pasarle eso a alguien de la familia, a los nuestros, por ahora parece controlado, pero el aislamiento no controla el hambre, por el contrario, va a incrementarla para muchos en la ciudad y en el país, será que el gobierno toma algo de conciencia y apoya a los que lo necesitan, es difícil ser optimista con todo lo que ha pasado.

Que buen domingo, ¡clases virtuales para el niño! ¿cómo van a hacer con niños de 8 años?, ¿pero y los más pequeños?, pobres profesores, ojalá tengan la paciencia para apoyar a los niños, pobres niños, ellos quieren correr, saltar y jugar, ahora no se puede, es corto el tiempo que vamos a tener esta realidad, es máximo dos meses, no pasa nada.

Es lunes:

- Oye, desayuna rápido, bueno acá al lado mío, tu estudias yo trabajo, prendamos el computador, con este botón, abre el programa, acá se abre, cuidado con el micrófono y la cámara, acá se activan, siéntate bien, atento, no te distraigas, no sé lo que me estás preguntando porque estoy trabajando, debes estar atento a tus clases, quédate acá, suelta al perro, sí es lindo, pero estás en clase.

Ya estoy cansada, la teacher de fondo y yo tratando de terminar este documento, ¿y mañana?, no quiero hacer clase, ¿cómo la hago?, creo que igual que siempre, luego con un poco más de tiempo reviso si puedo

utilizar otras cosas que los hagan estar más pendientes de la clase, no puedo hablar todo el tiempo porque se duermen.

Y el martes: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder Carlos.

Y el jueves: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder Carlos. Hoy vamos a hacer unos ejercicios, por favor quien me ayuda con su opinión respecto a este impuesto en nuestra ciudad, excelente opinión Carlos.

Ya es sábado, preparemos clase, me demoré mucho, nunca me demoro tanto, debemos pensar en que ellos son de la generación visual, para este tema de materialidad yo no uso presentación, pero por esta vez hagámosla, a ellos les sirve.

Trabajemos en la tesis, por la ventana se ve mucha gente, será que no les da miedo contagiarse, ¿cómo pueden llevar niños sin tapabocas?, toca cuidar a los más indefensos, ¿cómo estarán mis tías? Siempre me dicen que están bien, son de la generación que tenía prohibido estar mal, de las mujeres que son capaces de todo sin quejarse de nada, ¿cómo estaría mi mamá si no hubiera muerto en enero? Brava como siempre, me regañaría por ese comentario, yo le diría algo peor y me diría que no tengo remedio, en fin, estaría preocupada por nosotros y nosotros por ella, se fue a tiempo, siempre hizo lo que quiso.

Cuántas labores de hogar se deben hacer, son demasiadas, que horror, no me gustan, menos mal acá todo es compartido, no hay preferencias ni discriminación de género.

– Si que cocinas rico amor, ¿cómo haces?, qué bueno, yo mientras tanto hago otras cosas.

Nunca me ha gustado la cocina, si hubiese vivido unas décadas antes no me hubiera podido casar, no sé si eso sea bueno o malo. Sí que estamos valorando la persona que hace las labores de la casa, son muchas, qué desgaste, ojalá pase esto pronto. Yo estoy bien, yo creo que muy pocas mujeres pueden decir que están bien,

la violencia doméstica aumentó, yo creo que la gente agresiva encerrada es más peligrosa, eso es lo que está pasando, cómo será la situación de las mujeres que hacen todo en sus casas, tienen niños y trabajan, pobres mujeres o tal vez hombres también, ahora hay algunos, que difícil, yo me siento cansada y eso que aquí todo se comparte.

Hoy no tiene sentido nada, ¿para qué hago clases? y si morimos mañana ¿Qué quisiera estar haciendo hoy?, y la tesis, menos, ¿qué sentido tiene?, ¿para qué la hago?, ¿para qué trabajo?, ¿para qué me levanto?, ni modo, los ataques existencialistas no están permitidos, ni siquiera porque muchas personas están muriendo a diario, y los estudiantes, ¿será que comen bien?, ¿tendrán problemas económicos?, alguno me contó que los papás no tienen trabajo, muy complicado tratar de estudiar con el estómago vacío, he escuchado niños cuando hablan, como se concentran con ese ruido, definitivamente este momento es muy distinto para cada uno.

Estamos terminando clases por el semestre.

- adiós, cuídense todos, no salgan, cuídense, cuando volvamos a la universidad pasan a visitarme para recordar cómo son, gracias a todos, gracias Carlos.

Por fin vacaciones, qué tristes vacaciones, no se puede salir, menos mal no puedo salir con eso hago la tesis, ¿será que logro hacer la tesis?, en teoría es bueno estar encerrada para avanzar, pero me gustaría salir, me gustaría tomar el sol, si no hubiera pandemia estaría con mi autoproclamado sobrino favorito, hubiera sido un viaje genial, estoy segura, otro año será. Y el niño, quería nadar, le van a parecer unas vacaciones muy aburridas, no me gusta llevarlo ni siquiera al parque, aunque ya las autoridades lo permiten, es un año distinto, esperemos que no nos cambie la vida para siempre.

Avancé increíblemente, a pesar de estar pendiente de muchas cosas al tiempo, a pesar de la presión y las preocupaciones, a pesar de tener días muy oscuros con el pesimismo engrandecido.

En este país los siguen matando, a algunos de hambre y a otros con balas, pero en los dos casos es con la intención absoluta y con planeación sistemática.

Es 12 de agosto y hoy está preso, que alegría, ¿será que dura? no importa, por lo menos ya se sabe que no es inmune a la justicia, está en una cárcel inmensa y muy cómoda, pero está preso, puede durar muy poco, pero hoy está preso, hoy hay esperanza, hoy es mejor el 2020, hace meses no me sentía tan alegre como hoy.

-Buenas tardes, bienvenidos a su clase de contabilidad, vamos a transitar por varios temas para llegar al entretenido mundo de los flujos de efectivo.

En esta parte todos se ríen, pensando que lo que me parece entretenido a mí es muy raro, no sé si se ríen, no sé cómo son, no los conozco, no los veo, no los escucho

- ¿cómo están? Me alegra, ¿cuál es tu nombre?  
Gracias María por responder.

Y el jueves: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder María. Por favor coloquen una foto para al menos tener idea cómo son, por ahora solo veo letras y es muy triste pensar que ustedes son una F o una L.

Hace algunos meses eran personas con las que discutía, eran personas por conocer, eran el objetivo de las clases, eran muchachos muy interesantes con una energía imparable, hoy son letras, que complejo, que triste, yo hablándole a una F o una L.

Y el martes: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder María. Aún hay varios que siguen siendo letras por favor pongan una foto.

Y el jueves: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder María.

Hoy estoy muy cansada, ¿será que ellos también? ¿será que se duermen en clase? ¿será que yo dormiría si me escuchara?, de pronto en la clase de después de almuerzo si, ¿qué hago para que no se duerman? ¿qué



hago para que aprendan?

Y el martes: - ¿muchachos me escuchan?, ¿ven la presentación?, ¿me ven?, gracias por responder María.

Se están cruzando dos entregas de trabajos, me piden que aplase alguna de las dos; claro, no me había dado cuenta, me dicen que me deben un café por cambiar una de las fechas, siempre me ven tomando café, saben que amo el café, les dije que no me debían uno sino muchos cafés, por primera vez escuche varias risas, es en serio, quiero un café con cada uno para conocerlos.

Es octubre, ya lo único que es cierto es la incertidumbre, solo agradezco por todos los Carlos y las Marías, no saben lo importantes que son para los profesores.

# Diário e sentimentos!

**AUTORES:**

Joice Silva Gois,  
Janaína Rute da Silva  
Dourado

**RESUMO EM PORTUGUÊS: DIÁRIO E SENTIMENTOS!**

Início de um novo ano, novas expectativas, muitos planos, cronogramas curriculares para trabalhar, novos desafios, assim teve início o ano de 2020 no mundo, no Brasil, em São Paulo, onde eu professora de Língua Portuguesa e Literatura e também de Língua Inglesa leciono para meus queridos alunos, juntamente com meus colegas de trabalho. Passados alguns dias do mês de fevereiro começamos a ouvir noticiários, sobre uma doença, ou melhor, pior neste caso, ouvimos muitos jornais do mundo todo nos falar sobre uma possibilidade muito grande de sermos atingidos por uma pandemia de causa desconhecida, com grandes chances de fatalidade e sequela, porém, tudo parecia tão distante do Brasil, muito se falava mas também muito era desconhecido sobre essa doença. Azerbaijão, Bielorrússia, México, País de Gales e Nova Zelândia tiveram os primeiros registros do novo coronavírus nesta sexta-feira (28), depois de a Nigéria se tornar o terceiro país do continente africano a ser atingido pela COVID-19, a doença causada pelo vírus, na quinta-feira (27).

**ENGLISH ABSTRACT: DIARY AND FEELINGS!**

Beginning of a new year, new expectations, many plans, study schedules to work, new challenges, this is how the year 2020 began in the world, in Brazil, in São Paulo, where I was a professor of Portuguese and Literature and also of English. I teach to my dear students, together with my co-workers. A few days after the month of February, we started listening to news, about a disease, or worse, in this case, we heard many newspapers from all over the world talking about a very high possibility of being hit by a pandemic of unknown cause, with great chances of fatality and sequel, however, everything seemed so distant from Brazil, much was said but much was also unknown about this disease. Azerbaijão, Bielorrússia, México, País de Gales e Nova Zelândia had the first records of the new coronavírus on Friday (28), after Nigeria became the third country on the african continent to be affected by COVID-19, a disease caused by the vírus, on Thursday (27).



# Diário e sentimentos!

Continuamos trabalhando como sempre fizemos, na escola, aulas presenciais, seguindo nosso curriculum, porém, na primeira quinzena do mês de Março do ano de 2020 fomos surpreendidos por novas orientações agora muito próximas de nós, a Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus, assim, tivemos muito a fazer, foi preciso atender as orientações e protocolos de segurança, nunca antes feitos por nós, pois não havíamos nunca passado por tal situação, eram muitas informações baseadas em experiências de outros países, relatos de pessoas que tiveram a doença e muitos casos cada vez mais elevados de pessoas queridas deixando seus entes, por não terem sobrevivido ao ataque avassalador desta pandemia, o mundo começava então uma batalha imensa, no Brasil tivemos uma movimentação de órgãos reguladores, instituições não governamentais, profissionais de diversas áreas, pesquisadores, instituições de ensino, mobilizados cada um na sua área numa tentativa incansável de lutarmos, buscar caminhos para lidar com tudo isso.

*Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus*

*Mudança de classificação obriga países a tomarem atitudes preventivas*

Sim como eu disse no início deste relato, sou professora, amo meu trabalho sempre amei, desde muito pequena já dizia “quero ser professora” sempre me diz meu pai, todo ano é um novo tempo para novos desafios, aprendizagens, métodos de ensino, porém, sim eu confesso tudo isso que estamos vivendo é muito diferente de tudo que já imaginamos viver, se alguém nos contássemos que viveríamos tal experiência sem dúvida iríamos rir de tal pensamento, imagina só você que não dado o término do mês de março tivemos que

nos afastar fisicamente da nossa escola, passamos por ensinar e estudar na modalidade aulas remotas, aulas online, através da tecnologia, de uma plataforma, por um computador, tablet, aparelho de celular, tudo novo, uma mistura de sentimentos, medo, receio do novo, eram tantas dúvidas, todos nós em todas as profissões, alunos, funcionários, gestores desde que não fosse serviço indispensável, tivemos que permanecer em casa e desenvolver nossas funções de dentro de casa.

*“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças.”  
Leon C. Megginson*

Apesar de todos os fatores relatados aqui, sim, foi um dos tempos mais produtivos no coletivo, na preocupação com todos mutuamente, nós alunos e professora desenvolvemos nossas aulas com novas metodologias, criamos nossas aulas fazendo uso de vídeos, gravando nossas apresentações e postando na plataforma, compartilhando a tela e apresentando todos os pontos solicitado e aqui não posso deixar de registrar que trabalho de pesquisa que solicitei desde o início do ano referente as obras literárias solicitadas nos vestibulares, esse trabalho foi possível e ficou maravilhoso, seguimos com a confecção do mesmo na plataforma Microsoft Teams, meus queridos alunos se desdobraram, foi um momento de superação e crescimento uma vez que saímos todos da zona de conforto, nos reinventamos e sim foi muito gratificante poder experimentar na prática que mesmo jamais sendo feito e com muitas limitações relacionadas a equipamentos, e acesso à internet nós fomos além de que pensamos em fazer, nos surpreendemos e tudo foi possível porque unimos nossas forças. Quando os primeiros trabalhos começaram a ser apresentados já nos animamos o entusiasmo se fez presente em todo o momento, contagiando e motivando os alunos



mais receosos, fizemos chamadas na plataforma, não estávamos presentes fisicamente mas nos fizemos presente para o outro, ao ouvir a voz do outro nos motivávamos, era um misto de sentimentos saudades, emoção ao ligar a câmera e visualizar o colega, a professora, compartilhar nossas falas e relembrar todos os momentos até então vividos que fazem parte da nossa história, meus terceiros anos do ensino médio, eu dizia para eles vamos nos manter positivos e pensar que estamos fazendo um estágio para novas habilidades e competências o que enriquecerá nosso curriculum, por isso precisamos compartilhar todos os sentimentos e momentos, nos manter unidos, trocar as experiências, lembro bem de um momento, determinado grupo não queria apresentar na plataforma, abrir a câmera do computador e compartilhar suas imagens, já eram muito tímidos no presencial e ainda mais agora, então eles mesmos propuseram gravar suas falas, confeccionar o trabalho fazendo uso da tecnologia desconhecida até então alguns até sabiam que esse caminho existia mas, não fazia uso e foi aprender como fazer e assim, o trabalho foi apresentado – Análise do Livro “Amor de perdição” – pode-se verificar as imagens inseridas na apresentação, ouvir as falas dos alunos tímidos que por não ter a exposição da imagem soltaram a voz e se posicionaram, deram seu depoimento sobre as percepções dos autores, contaram as histórias das obras literárias, e tão logo a apresentação terminava podíamos compartilhar qual o sentimento ao confeccionar o trabalho, era notório ainda que alguns não fizessem uso da câmera podíamos sentir a alegria um do outro por ter conseguido apresentar, superar seus limites, não podemos passar por tudo isso e deixar de registrar que esse período foi muito marcante também para desenvolvermos sentimentos esquecidos e por alguns até por falta de oportunidade jamais experimentados como empatia, preocupação com o outro colega que não estava online, e até ríamos quando sabíamos “faltou energia” quando que imaginávamos que esse fator iria interferir na apresentação de um trabalho escolar.

As aulas e os sentimentos pulsam diariamente a cada aula que precisamos, nos conectar com a presença e

possibilitar conhecimento e avanço das relações em momentos extremos, em que o processo de ensino de aprendizagem são constantes.

## Referências

G1. (2020, fevereiro 28). *Últimas notícias de coronavírus de 28 de fevereiro*. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/28/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-28-de-fevereiro.ghtml>

Souza, K. (2020). *Trabalho escolar—Análise do livro “Amor de perdição”*. <https://www.youtube.com/watch?v=iuHlo6cOidI>

UNA-SUS. (2020, março 11). *Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus*. UNA-SUS. <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>

# Professora na pandemia

**AUTORS:**

Stella Maris Nicolau,  
Felipe Bemol

**RESUMO EM PORTUGUÊS: PROFESSORA NA PANDEMIA**

Stella Maris Nicolau é terapeuta ocupacional e professora na Universidade Federal de São Paulo em Santos, São Paulo, Brasil. O distanciamento social nos obrigou a assimilar novas tecnologias e a reinventar novas formas de ensinar. Esse samba, ritmo brasileiro, aborda com bom humor o sofrimento dos professores na pandemia da COVID. Felipe Bemol é um cantor e compositor paulistano graduado em música popular pela UNICAMP. Já se apresentou na Argentina e por diversos cantos do Brasil (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e outras tantas cidades no país).

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: ENSEIGNANT DANS LA PANDÉMIE**

Stella Maris Nicolau est ergothérapeute et professeur à l'Université fédérale de São Paulo à Santos, São Paulo, Brésil. La distance sociale nous a obligés à assimiler les nouvelles technologies et à réinventer de nouvelles façons d'enseigner. Cette samba, un rythme brésilien, aborde avec bonne humeur la souffrance des enseignants dans la pandémie du COVID. Felipe Bemol est un chanteur et compositeur de São Paulo, diplômé en musique populaire à UNICAMP. Il s'est produit en Argentine et dans tout le Brésil (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo et de nombreuses autres villes du pays).

**ENGLISH ABSTRACT: TEACHER IN THE PANDEMIC**

Stella Maris Nicolau is an occupational therapist and professor at the Federal University of São Paulo in Santos, São Paulo, Brazil. The social distance has forced us to assimilate new technologies and reinvent new ways of teaching. This samba, a Brazilian rhythm, approaches with good humor the suffering of teachers in the pandemic of COVID. Felipe Bemol is a singer and composer from São Paulo with a degree in popular music from UNICAMP. He has performed in Argentina and throughout Brazil (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo and many other cities in the country).

**RESUMEN EN ESPAÑOL: PROFESORA EN LA PANDEMIA**

Stella Maris Nicolau es terapeuta ocupacional y profesora de la Universidad Federal de São Paulo en Santos, São Paulo, Brasil. La distancia social nos ha obligado a asimilar las nuevas tecnologías y a reinventar nuevas formas de enseñar. Esta samba, un ritmo brasileño, aborda con buen humor el sufrimiento de los profesores en la pandemia del COVID. Felipe Bemol es un cantante y compositor de São Paulo, graduado en música popular en la UNICAMP. Ha actuado en Argentina y en todo Brasil (Río de Janeiro, Brasília, São Paulo y muchas otras ciudades del país).



# Professora na pandemia

Stella Nicolau e Felipe Bemol (arranjos, instrumentos e voz)

Vou confessar, uma agonia  
Sou professora na pandemia  
Desabafar a minha dor  
Pois desde março eu moro no computador.

É google meet, é aula síncrona e assíncrona  
É uma novela pra compartilhar a tela  
É o aluno que não liga o microfone  
Abre essa câmera e me diga o seu nome.

Desabafar a minha dor  
Pois desde março eu moro no computador.

É a vídeo-aula pra inserir na plataforma  
Sedentarismo me deixou fora de forma  
É a profusão de link para reunião  
É o maremoto chamado ensino remoto.

Desabafar a minha dor  
Pois desde março eu moro no computador.  
Desabafar a minha dor  
Pois desde março eu moro no computador.





# Dias estranhos - Espera de dias melhores

**AUTOR:**

Janaína Rute da Silva  
Dourado

**RESUMO EM PORTUGUÊS: DIAS ESTRANHOS - À ESPERA DE DIAS MELHORES**

Escrevo em dias estranhos, à espera de dias melhores, na tentativa de manter alguma sanidade e realizar a produção de algum material para que outras pessoas possam perceber que não estão sozinhas e que sigamos lutando, de forma resistente contra a desinformação e em favor do acesso ao mínimo para aquelas pessoas que estão em situação de invisibilidade social. Sigamos colaborando e articulando para que a história verdadeira seja registrada.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: JOURS ÉTRANGES - EN ATTENDANT DES JOURS MEILLEURS**

J'écris les jours étranges, en attendant des jours meilleurs, pour essayer de garder la raison et de produire du matériel pour que d'autres personnes puissent se rendre compte qu'elles ne sont pas seules et que nous continuons à lutter, de manière résistante, contre la désinformation et en faveur de l'accès au minimum pour les personnes qui sont dans une situation d'invisibilité sociale. Continuons à collaborer et à articuler pour que la véritable histoire soit enregistrée.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: DÍAS EXTRAÑOS - A LA ESPERA DE DÍAS MEJORES**

Escribo en días extraños, a la espera de días mejores, en un intento de mantener algo de cordura y producir algo de material para que otras personas se den cuenta de que no están solas y que seguimos luchando, de forma resistente contra la desinformación y a favor del acceso a lo mínimo para aquellas personas que se encuentran en situación de invisibilidad social. Sigamos colaborando y articulando para que quede constancia de la verdadera historia.

**ENGLISH ABSTRACT: STRANGE DAYS - WAITING FOR BETTER DAYS**

I write on strange days, waiting for better days, in an attempt to keep some sanity and produce some material so that other people can realize that they are not alone and that we keep fighting, in a resistant way against misinformation and in favor of access to the minimum for those people who are in a situation of social invisibility. Let's continue collaborating and articulating so that the true story is registered.



# Dias estranhos - Espera de dias melhores

## **A vida cotidiana e o impacto da pandemia**

---

Eu havia, justamente neste período, marcado uma visita técnica que envolvia assistir um documentário em uma sala do Cinema Reserva Cultural, que está localizado na Avenida Paulista, no centro financeiro da cidade de São Paulo. Este documentário era “O preço da verdade – Dark Waters” (2019). Primeiramente, foi complexa a possibilidade de assistir o documentário, pois era a primeira vez que uma escola pública acessaria uma sala daquele cinema. O cinema seria aberto com exclusividade para atender aos alunos. Algumas particularidades foram observadas, como nos direcionar para a maior sala, que deveria ser ocupada com algum distanciamento entre os estudantes, e com a utilização de álcool gel para higienização das mãos já se fazia necessária. Por conta de todos os rumores que chegavam de uma pandemia, algumas orientações sanitárias deveriam ser levadas em considerações, mesmo que ainda compreendêssemos pouco sobre tudo o que estava por vir.

Após aquele dia a maioria das salas de cinema seriam fechadas. Até que em um ponto, ocorreu o fechamento por completo. E, de fato, para maioria de nós que estivemos naquela visita, foi o último filme assistido em uma sala de cinema. Foi a última visita técnica realizada. Existia uma certa normalidade, nesta visita técnica. Foi até possível realizarmos as análises do documentário, mas aquele sábado letivo seria o último dia de reposição possível no semestre, e aquela seria a única visita técnica do ano, esse ano tão estranho.

## **O tempo, a chegada da pandemia, uma reflexão sobre o contexto social**

---

Contextualizando com o tempo, as relações mudaram com o isolamento social. Ou seja, a partir de um ponto, abraços, cumprimentos, beijos, e aglomerações não

eram mais aceitáveis. Estranhamente, esse isolamento passou ser o normal, apesar de para mim, parecer caótico. Essa expressão composta utilizada, “isolamento social”, passou a ser recorrente e frequente nos jornais, revistas e telejornais.

Porém, ainda assim, minha percepção era de que a população em geral não compreendia o que estava acontecendo. E, muito menos, as instituições que no Brasil representavam as organizações de saúde, quer seja nos municípios, nos estados, ou mesmo na federação. As informações não eram concisas e, ainda hoje, não ocorrem de forma organizada e consistente.

Não existia relação entre utilização de máscara e limpeza das mãos com a não infecção. Mesmo que todos estivéssemos assustados com as notícias vindas do Oriente, ainda aqui, no Brasil, não existia um protocolo. Nenhuma orientação era realizada pelos órgãos reguladores sobre que ambientes estariam propensos ou não à infecção. Contudo, o que era veiculado pelos meios de comunicação eram algumas orientações e desorientações, de acordo com a esfera pública.

Verdadeiramente, para mim, parece que tudo mudou da noite para o dia. No privilégio que possuo em minha vida, lecionei quarta-feira à noite; trabalhei até quinta-feira às 19h25 daquela semana de março de 2020; e, de repente, a vida social ou diária não existiria mais. De forma assustadora, tudo mudou. Inicialmente, a quantidade de pessoas contaminadas e de pessoas mortas era constatada por estatísticas. E, ainda, por algum tempo, estavam concentradas em outros países. Isso passou a ser uma tortura para alguns. Mas era algo sem sentido para tantos outros.

Na instituição que leciono, a necessidade de distanciamento e todos os dramas pessoais e familiares



que essa situação de pandemia nos trazia, trouxe muitas desistências por problemas graves no ambiente familiar dentre os estudantes e mesmo entre os próprios professores. As notícias ficavam cada vez mais perto. O drama que começou em outras partes do mundo, agora estava próximo, ao nosso lado.

### **A primeira morte e todos os significados que ela trouxe**

---

A primeira pessoa a morrer no Brasil decorrente da pandemia já representava uma situação alarmante e bem realista: uma mulher negra e empregada doméstica, que não fora avisada sobre o motivo de estar tão doente. Assim, pode-se destacar o contexto da necropolítica, do biopoder, da política de morte de Mbembe (2016).

A pandemia parecia dar continuidade ao alargamento da política de abandono e de destruição das periferias, dos pobres e, principalmente, do povo negro, que se encontra em situação de extrema precariedade. No estado de pandemia, os grupos atingidos podem ser inúmeros, e sua situação de abandono e de precariedade se tornam visíveis. Assim, conforme assistimos ao agravamento desta situação sistêmica, esses grupos foram sendo identificados. Foi possível escancara, na pandemia, o horror que desde há muito estes grupos estiveram (quicá estão) submetidos.

Por outro lado, em um país tão desigual, alguns outros grupos necessariamente são privilegiados: são aqueles que, de fato, podem ficar em casa, receber suas compras online, com entregas inclusive esterilizadas, e com o mínimo de contato com outros seres humanos. Alguns vedaram as próprias casas e apartamentos para continuarem vivos, até exames médicos passaram a ser feitos em casa. Muitos já voltaram a viajar, passando temporadas em suas casas de praia e de campo. A propósito, não existe qualquer forma de relacionamento mesmo entre os privilegiados. Como em uma escada, existem grupos que, sim, são privilegiados, mas, mesmo assim, precisam ir ao supermercado. Contudo, para irem ao supermercado usam os seus veículos. Não precisam de transporte público superlotado e,

assim, correm muito menos risco de contágio. Não é a realidade das pessoas nas periferias.

Para as pessoas que residem nas periferias, mesmo sabendo que o distanciamento social ou manter a higiene são os únicos métodos de não se infectar com o vírus, muitas vezes, é impossível não sofrer com o impacto desta gripe (Fioravanti, 2020). Essas pessoas precisavam trabalhar, ainda mais quando, de forma irresponsável, decretos foram emitidos que relacionaram como essenciais vários serviços que não estavam vinculados com a área médica. Entre esses os serviços domésticos. E então as pessoas, para não perderem o emprego, tinham que escolher entre passar fome ou arriscar morrer se contraíssem o vírus, como aconteceu com várias delas. Inclusive com os familiares próximos dos meu alunos e ex-alunos.

### **Os invisíveis! Eles existem e são muitos!**

---

Entre os grupos em situação de precariedade social estão os invisíveis, que paradoxalmente se tornaram visíveis a partir de pesquisas que começaram a ser divulgadas pelos meios de comunicação. No primeiro momento em que foram divulgadas as estatísticas, esta menção ocorria para um dado contexto social, pois estas pessoas não constavam dos cadastros governamentais. Foi assim que os invisíveis passaram a fazer parte do nosso dia-a-dia. Foi assim que soubemos da existência destas pessoas.

Eram menções em que relacionavam a todo o tempo que a população sem acesso a qualquer direito no Brasil poderia ser equivalente a seis vezes a população de Portugal ou vinte vezes a população do Uruguai (O Globo, 2020). O que causa espanto é o fato de que essas pessoas representam 40% da população com idade economicamente ativa. Ou seja, me fez refletir que nem partindo do aspecto econômico existe alguma preocupação na inclusão dessas pessoas.

Diante desse contexto eu me questionava: E a discussão, as implicações, e preocupações governamentais com essa população? Como todas estas pessoas não existiam para o governo e para a

sociedade? Por que continuaram invisíveis por tanto tempo até chegar a pandemia?

Eu assistia a muitos dos discursos ou tentativas de explicações, mas nenhuma prática ou ação efetiva. A situação se naturalizava e não existiam projetos em implantação para salvar populações inteiras. Para mim, a sensação de perda se aprofunda. Nas aulas, nas famílias próximas e em todos os campos sociais.

### **O privilégio**

---

Com relação ao acesso à saúde, na perspectiva de registrar o que está acontecendo na sociedade, busco compreender e relacionar com as perspectivas do privilégio de quem tem acesso à rede de atendimentos, aos hospitais a qualquer segundo, com respiradores disponíveis, e que não precisam enfrentar filas.

Em contrapartida, vejo a situação de quem apenas tem apenas a possibilidade de acesso ao sistema público de saúde. Em um país tão desigual, essa era uma possibilidade de acesso essencial durante a pandemia. Contudo, esse sistema público de saúde enfrenta problemas pela má gestão, quase foi privatizado, foi esvaziado e teve a imagem desqualificada. Esse sucateamento se intensificou de várias formas desde a situação política enfrentada com o golpe de 2016. Assim, muitas vezes, uma parte da população infectada sofre em casa, e morre sem atendimento. Devido a os hospitais cheios, sem recursos, com imensas filas, a contaminação avança.

A morte avança nos outros grupos que estão na linha de frente de combate à pandemia. De fato, a linha de frente em que é possível destacar os seguranças, os motoristas das ambulâncias, recepcionistas, as atendentes, as equipes de limpeza e de serviços gerais, os enfermeiros e enfermeiras, e todas as pessoas que trabalham dentro dos hospitais, além dos médicos e médicas. Muitos colocaram sua própria vida em segundo plano. Definitivamente estão na batalha diária para manter as pessoas vivas.

### **Dias estranhos, à espera de dias melhores**

---

O estranhamento dos dias se repetiam. As semanas passando. Os meses seguindo. O agravamento da doença a piorar a cada dia. Tudo isso causa algo estranho em nossa relação com a vida: é como se ela passasse igual, ou mesmo como se escorresse pelas nossas mãos, porém, sem registro e sem abraços. Em todos dias que se seguem, com as decisões “governamentais”, a situação piora cada dia mais. E as relações trazem mais distanciamento e angústia.

O fato das regiões mais afastadas dos grandes centros das cidades, que já estavam sem acesso e no limite, com a falta de preocupação com políticas de distribuição de renda e com a falha em assegurar os direitos como saneamento básico, moradia, educação, saúde e segurança – conforme dispostos na Constituição Federal desde 1988 -, foi visível o impacto do não atendimento a esses acessos básicos às populações mais carentes. O que se destacou foi um distanciamento maior nestas áreas, que foram completamente afetadas, e não obtiveram atendimentos básicos. Além disso, essas áreas também sofrem com a convivência diária com a morte, decorrente da falta de acesso aos direitos mínimos e da violência. E quase passam a compreenderem a morte com naturalidade.

Movimentos de ajuda à população local, muitas vezes realizados e organizados pelas próprias periferias, foram mais efetivos do que as (in)ações governamentais, e asseguraram itens básicos, como, por exemplo, o acesso e esclarecimento sobre a utilização dos aplicativos de cadastros para o recebimento do auxílio emergencial. Vale ressaltar que o auxílio emergencial dificilmente tem sido aprovado para os mais carentes. Em alguns casos, após denúncias, soubemos que pessoas ricas já estavam recebendo o auxílio, enquanto para os invisíveis a única alternativa eram as filas nas agências bancárias, com exposição ao vírus. Muitos devem ter sido contaminados, enquanto dormiam nas filas, pois não existiam outras alternativas para compreender porque não tinham acesso, se estavam dentro dos pré-requisitos.

Os movimentos periféricos são articulações para conseguir comida, água, produtos de limpeza, sabão e álcool. Pode parecer estranho, mas quando as pessoas não têm acesso ao básico estão à margem, sem o mínimo de oportunidade, esse básico é o essencial e a diferença entre a vida e a morte. Esse trabalho contínuo tem possibilitado o acesso ao mínimo, para quem tem pouco para que seja dividido. O acesso ao mínimo disponibilizado pelos agentes governamentais demoraria muito, se um dia ainda chegasse, pois existe um descaso imenso e profundo com populações inteiras.

Nas reflexões destes dias bem complicados, se é possível escrever dessa forma, sobre um período em que a morte se faz cada dia mais presente e é parte das conversas diárias: de quem não conseguiu ser atendido a tempo; de quem não resistiu; de quem a ambulância não chegou; de motoristas infectados; dos respiradores que acabaram; de pessoas próximas não voltariam mais; para quem não existiu despedida; para aqueles não poderiam estar perto fisicamente para ajudar quem está doente; de quem resiste, mesmo no momento das perdas. Amigos partindo, estruturas escolares desarticuladas e muitos alunos distantes do processo de ensino. Novas configurações e muitas perdas que nos levam e aos alunos também à falta de concentração mínima.

Como os dias, as semanas também se seguem, e agora são meses que passaram. Sem encontros físicos e participações comuns em cada mês ou dia letivo. Eventos cancelados. Muitos docentes doentes, internados, e que não voltariam mais.

Contudo, para as pessoas que têm algum acesso à internet e que têm uma residência – que na atual conjuntura podem ser chamadas de pessoas privilegiadas – ainda existe possibilidades de acesso às diversas áreas do conhecimento, de aprendizado autônomo, de protagonismo que, com toda certeza, não seria possível obter, em dias de cotidiano acelerado. Acesso à inúmeras plataformas, reuniões e grupos de estudo, ao avanço.

Acesso esse mesmo de quem resiste em contraposição à morte, que está bem perto, a cada respiro. É essa a resistência que a periferia convive na prática diária. Na sobrevivência de quando se escapa de uma “bala perdida”, de uma revista policial, da falta de uma vaga no hospital, ou mesmo, quando não se morre de inanição em casa.

Ainda tenho algumas oportunidades. As oportunidades de manter a sanidade e de continuar resistindo de casa, para quem, como eu, tem o privilégio de ter uma casa. Oportunidade de poder cuidar dos mais idosos e dos mais próximos. Oportunidade de dizer que tudo vai ficar bem nas aulas online aos meus estudantes. Oportunidade de dizer para eles que é preciso se cuidar. Oportunidade de viabilizar e possibilitar as memórias afetivas, que são também uma forma de resistência. Oportunidade de manter relações com grupos de escuta, de forma constante, o que me ajuda a manter a capacidade de colaborar com os familiares, com alunos, com amigos e com colegas de trabalho. De manter a limpeza dos itens. De tentar manter alguma rotina. E, sem dúvidas, de manter o processo de resistência, à espera de dias melhores, no meio de dias tão estranhos.

## Referências

Fioravanti, C. (2020). Isolamento social reduz taxa de transmissão do coronavírus na Grande São Paulo. *Revista FAPESP*. <https://revistapesquisa.fapesp.br/isolamento-social-reduz-taxa-de-transmissao-do-coronavirus-na-grande-sao-paulo/>

Haynes, T. (2020). Dark Waters – Verdade Envenenada - Trailer Oficial UCI Cinemas. <https://www.youtube.com/watch?v=WhCBLfLWfwk>

Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *arte e ensaios*, 2(32), 123–151. <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>

O Globo. (2020). Trabalhadores invisíveis são 40% da população em atividade ativa no país. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/economia/trabalhadores-invisiveis-sao-40-da-populacao-em-idade-ativa-no-pais-24374996>



# Los efectos de la virtualidad en el pensamiento crítico de los estudiantes de contaduría

## AUTOR:

Geraldine S. Contreras

## RESUMEN EN ESPAÑOL: LOS EFECTOS DE LA VIRTUALIDAD EN EL PENSAMIENTO CRÍTICO DE LOS ESTUDIANTES DE CONTABILIDAD

El presente artículo busca analizar la forma en la cual la virtualidad académica, ocasionada por la pandemia del COVID- 19, ha influenciado el pensamiento crítico de los estudiantes de Contaduría Pública de la Universidad Nacional de Colombia. Para esto, se realizó un cuestionario a 54 estudiantes que durante la virtualidad hayan cursado tres materias de la rama de contabilidad financiera, que pudiesen dar cuenta de cómo han cambiado sus procesos de aprendizaje a raíz de la adopción de la modalidad virtual. El principal resultado que se obtiene señala que, la participación de los estudiantes ha disminuido frente a la presencialidad, indicando que al parecer estos no están teniendo un rol activo en su proceso de formación.

## RÉSUMÉ FRANÇAIS: LES EFFETS DE LA VIRTUALITÉ SUR LA PENSÉE CRITIQUE DES ÉTUDIANTS EN COMPTABILITÉ

Cet article cherche à analyser la manière dont la virtualité académique, provoquée par la pandémie de COVID-19, a influencé la pensée critique des étudiants en comptabilité publique de l'Universidad Nacional de Colombia. Pour cela, un questionnaire a été adressé à 54 étudiants qui, dans un cours virtuel, ont suivi trois matières de la branche de la comptabilité financière, et qui pouvaient rendre compte de la manière dont ils ont modifié leurs processus d'apprentissage suite à l'adoption de la modalité virtuelle. Le principal résultat obtenu indique que la participation des étudiants a diminué par rapport au face-à-face, ce qui indique qu'il semble qu'ils ne jouent pas un rôle actif dans leur processus de formation.

## RESUMO EM PORTUGUÊS: OS EFEITOS DA VIRTUALIDADE SOBRE O PENSAMENTO CRÍTICO DOS ESTUDANTES DE CONTABILIDADE

Este artigo procura analisar como a virtualidade acadêmica, causada pela pandemia da COVID-19, tem influenciado o pensamento crítico dos estudantes de contabilidade pública da Universidade Nacional da Colômbia. Para isto, foi realizado um questionário a 54 alunos que durante a virtualidade tenham cursado três matérias do ramo de contabilidade financeira, que pudessem explicar como tem mudado os seus processos de aprendizagem após a adoção da modalidade virtual. O principal resultado obtido aponta que a participação dos estudantes tem diminuído em comparação com a participação presencial, indicando que parecem não estar tendo um papel ativo no seu processo de formação.

## ENGLISH ABSTRACT: THE EFFECTS OF VIRTUALITY ON THE CRITICAL THINKING OF ACCOUNTING STUDENTS

This paper aims to analyse the way in which academic virtuality, caused by the COVID-19 pandemic, has influenced the critical thinking of Public Accounting students at the Universidad Nacional de Colombia. For this purpose, a questionnaire was sent to 54 students who have taken three subjects in the field of financial accounting during the virtual mode, and who could give an account of how their learning processes have changed as a result of the adoption of the virtual mode. The main result obtained indicates that student participation has decreased compared to face-to-face teaching, indicating that it seems that students are not playing an active role in their training process.



# Los efectos de la virtualidad en el pensamiento crítico de los estudiantes de contaduría

## Introducción

Con la pandemia causada por el virus COVID-19 varios países optaron por el confinamiento obligatorio; entre estos se encuentra Colombia, el cual mediante el Decreto 454 de 2020, da inicio la cuarentena el 25 de marzo del mismo año. Sin embargo, a nivel regional e institucional, se tomaron algunas prevenciones desde días anteriores, como en el caso de la Universidad Nacional de Colombia (UNAL), institución que informó mediante el Comunicado No. 9 de 2020 que, a partir del 16 de marzo del 2020, no se realizarían clases presenciales en ninguna de sus sedes.

La imposibilidad de dictar clases de forma presencial llevó a las distintas universidades del país a desarrollar actividades de forma virtual. Esta nueva metodología trajo consigo grandes retos para toda la comunidad universitaria, como lo es la implementación de estas herramientas en el desarrollo académico o para algunas personas de la comunidad el acceso a una conexión estable de internet, que no impida o dificulte el desarrollo de las clases.

Este artículo, busca exponer los efectos de la virtualidad en el pensamiento crítico de los estudiantes de contaduría pública de la UNAL. Por lo que, en primera instancia se dará una aproximación a los desarrollos del pensamiento crítico, para posteriormente contrastarlo con la experiencia de los alumnos en las materias virtuales que han tenido que cursar a raíz de la pandemia.

## Metodología

Para el desarrollo del presente trabajo se optó por una metodología cualitativa, con la finalidad de poder evidenciar cuáles han sido los cambios percibidos en la enseñanza de la contaduría pública de la UNAL. En

este sentido, se realizó una encuesta a estudiantes de contaduría pública que, durante los dos semestres académicos del año 2020, correspondientes a los periodos 2020-01 y 2020-02, hayan cursado mediante la metodología virtual las asignaturas de contabilidad de inversiones y financiación, contabilidad proceso contable y contabilidad de consolidación de sociedades, debido a que estas son materias pertenecientes a la línea de contabilidad financiera y pueden reflejar los cambios en el pensamiento crítico de los estudiantes de la carrera. Además, los estudiantes pueden hacer una contrastación entre las materias vistas en modalidad virtual y las vistas de forma presencial, pues por lo menos cursaron una materia de contabilidad financiera de forma presencial.

De las encuestas enviadas, se obtuvieron 54 respuestas de estudiantes que habían cursado alguna de las tres materias mencionadas. Se eligió esta muestra debido a que los encuestados ya habían cursado al menos una materia de contabilidad en la modalidad presencial, por lo que podían generar una contrastación de su experiencia en la virtualidad con la presencialidad.

Las preguntas realizadas a los estudiantes se muestran a continuación:

1. Cómo ha cambiado la metodología de evaluación en sus clases? (Describa cómo se están realizando evaluaciones, talleres, exposiciones, etc.)
2. ¿De qué forma, el cambio de las metodologías de evaluación ha impactado su proceso de aprendizaje? (Describa si estas nuevas dinámicas han sido positivas o negativas, si le han llevado a desarrollar nuevos procesos de aprendizaje en su desarrollo académico y profesional)

3. ¿Cómo cree que ha sido su participación en las clases virtuales? (Describa si cree que se ha vuelto más activo o si por el contrario considera que su participación ha disminuido, describa qué factores considera que influyen en este aspecto de su aprendizaje, ejemplo: conexión, problemas personales, timidez...).

### **La educación contable y el pensamiento crítico**

---

El pensamiento crítico hace referencia a que los estudiantes no solo se relacionen con las herramientas técnicas de la profesión, sino que apliquen los conocimientos adquiridos en el contexto social. Como expone Rojas (2015), pensar críticamente involucra el diálogo por parte de los estudiantes acerca de los problemas tanto sociales como económicos.

Se debe tener en cuenta, que la educación contable, no es solo responsabilidad de los profesores, según Cardona y Zapata (2005) este tema concierne a otros dos participantes: la administración que debe proveer los recursos necesarios para el proceso de aprendizaje, además de diversas erogaciones requeridas, y los estudiantes, quienes deben participar de forma activa en las dinámicas de la clase, mostrando interés y entusiasmo para el desarrollo adecuado de la enseñanza de la contabilidad.

Teniendo en cuenta la importancia de generar un rol activo en los estudiantes en su proceso de aprendizaje, se deben adoptar didácticas que permitan a los estudiantes desarrollar un pensamiento crítico. Por lo que estrategias como la lectura crítica o la lectoescritura, buscan que se deje de lado la formación en la cual no se toma en cuenta al estudiante, para que así estos puedan desarrollar habilidades más allá de los conocimientos técnicos y puedan complementar su aprendizaje con la resolución de conflictos (Patiño y Valero, 2020).

La implementación de didácticas que incentiven el pensamiento crítico de los estudiantes trae grandes beneficios, debido a que despierta el interés de los

temas contables, y permite que logren aplicar sus conocimientos para que estos puedan realizar aportes en el contexto social. Sin embargo, como exponen Patiño y Valero (2020) no se evidencia que la aplicación del pensamiento crítico en las aulas de clase haya sido amplia.

### **La virtualidad y el pensamiento crítico de los estudiantes de contaduría pública**

---

La participación de los estudiantes en el desarrollo de la clase se convierte en una pieza clave, pues con la virtualidad los docentes no pueden darse cuenta de la comprensión de los temas por parte de los alumnos. Por esto, les será muy difícil saber si estos no participan porque tienen “falta de interés, dificultades personales (salud, hambre) o problemas de conectividad” (Vera y Patiño, 2020, p. 466).

Para desarrollar un pensamiento crítico en épocas de virtualidad, el estudiante de contaduría pública debe tomar un rol activo, en el cual comparta sus conocimientos e inquietudes al profesor. Es por esto, que se implementan nuevas herramientas para poder desarrollar la clase, como lo son Zoom, Google Meet u otras plataformas que permitan la conexión sincrónica de los estudiantes, u otro tipo de material que permita llevar algunas clases de forma asincrónica, como por ejemplo grabaciones elaboradas por el profesor.

Los estudiantes también pueden proponer dinámicas que los profesores estarán dispuestos a escuchar, sin embargo, como indican Pereira et al. (2020), hay que tener en cuenta que los estudiantes a pesar de estar relacionados con la tecnología no saben usar las herramientas para hacer análisis financieros ni contables; sin embargo, con la modalidad virtual resulta más práctico recomendarles videotutoriales para que, de forma autónoma, refuercen sus habilidades en el uso de dichas herramientas.

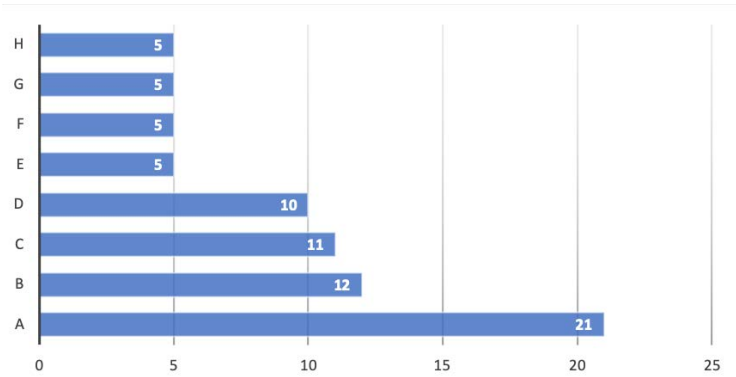
Adicionalmente, los estudiantes podrán desarrollar otro tipo de conocimientos, debido a que la metodología de evaluación tuvo que cambiar para adaptarse a las nuevas dinámicas sociales. Es importante analizar si



con esta nueva virtualidad, los estudiantes pueden desarrollar otras competencias, como lo son el pensamiento crítico y la comprensión de los conceptos al punto de poder contrastar estos con la realidad.

**Resultados: La percepción de los estudiantes frente a la virtualidad**

*Figura 1. Ideas relacionadas con la percepción de los estudiantes frente a la metodología virtual.*



*Fuente: Elaboración propia con base en las encuestas realizadas.*

*Tabla 1. Convenciones de la Figura 1.*

| Convenciones |  |
|--------------|--|
| A            | Mayor implementación de herramientas como Excel u Software contable                |
| B            | Se incentiva en mayor medida el trabajo en grupo                                   |
| C            | Los talleres y ejercicios están más aproximados a la vida profesional              |
| D            | Se incrementa el estudio autónomo  |
| E            | Se tiene una ventaja al disponer de las clases grabadas                            |
| F            | Las dinámicas de evaluación se han mantenido igual frente a la presencialidad      |
| G            | La falta de interacción influye en el interés de los estudiantes de forma negativa |
| H            | Por la metodología, los estudiantes se distraen con facilidad                      |

*Fuente: Elaboración propia con base en las encuestas realizadas*

Con las respuestas obtenidas frente a la primera pregunta, se encuentra que en varios cursos se ha incentivado en mayor medida el manejo de Excel o Software contables para el desarrollo de talleres y parciales, esto coincide con la idea planteada por Pereira et al. (2020), pues los estudiantes se están apropiando de este tipo de herramientas.

Otro aspecto comentado es que, se ha tenido que incrementar el estudio autónomo y mejorar los procesos de lectura para poder comprender mejor los temas. Además, contar con las clases grabadas, permite solucionar algunas inquietudes que en un primer momento no hayan quedado claras. Sin embargo, con el aumento en el número de horas de estudio que le deben dedicar a sus materias, los estudiantes afirman que se ha incrementado su nivel de estrés.

Frente a la segunda pregunta, se expone que la virtualidad trae consecuencias tanto positivas como negativas. Pues con esta metodología muchos encuentran un mayor acercamiento a lo que puede ser su vida profesional, ya que para los parciales disponen de apuntes y herramientas con las que pueden afianzar sus conocimientos.

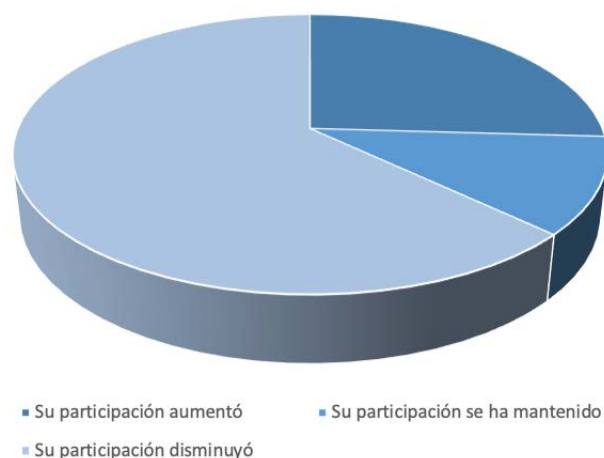
Teniendo en cuenta lo anterior, los estudiantes sienten que los ejercicios que se realizan son más cercanos a una futura vida profesional. Además, como se mencionó anteriormente, se incentiva el trabajo en grupo y los procesos de aprendizaje autónomo para que se pueda interiorizar sus conocimientos.

Muchos estudiantes aseguran que, al contar con estas facilidades tecnológicas, su interés por aprender disminuye de forma significativa, ya que hay una mayor preocupación por obtener buenos resultados en sus calificaciones que en aprender. Además, la pérdida de algo clave como la interacción directa con sus profesores y compañeros afecta la concentración de los estudiantes.

Como se evidencia en la Figura 2, y frente a la última pregunta, solo el 26% de los estudiantes comentaron que su participación en las clases ha aumentado

y el 11% de los encuestados comentan que su participación se ha mantenido al mismo nivel que en la presencialidad. Sin embargo, el 63% de los alumnos, sienten que su participación ha disminuido, y esto se debe a diversos factores tanto intrínsecos como extrínsecos a ellos.

*Figura 2. Participación de los estudiantes en las clases virtuales*



*Fuente: Elaboración propia con base en las encuestas realizadas.*

Por un lado, se expone que la conexión a internet de los encuestados es inestable por lo que les es muy difícil poder participar de forma activa en las clases, lo que los puede llevar a sentirse desmotivados. Otros comentan que al tener el micrófono dañado no pueden participar en las clases, pues varios profesores no le prestan atención al “chat” que es el medio por el cual ellos pueden participar, esto los desmotiva y los lleva a que dejen de participar. Otro motivo por el que se ve disminuida la participación, es por el ruido que hay en los hogares donde se encuentran los estudiantes, pues si activan el micrófono toda la clase podrá escuchar situaciones que estén ocurriendo en sus entornos.

También se encuentra que los encuestados no participan debido a que sienten nervios al participar, ya que como varios afirmaban, se verá quién es la persona que está hablando y esto los lleva a preferir pasar de forma “desapercibida”. Otro factor que los estudiantes comentan es que debido a la pérdida de interacción se

sienten desmotivados o que no logran comprender los temas expuestos en la clase y por timidez prefieren no decir nada al respecto.

### **Discusiones e investigaciones futuras**

Con las nuevas didácticas que se deben desarrollar la clase deja de ser vista como la única forma de adquirir conocimiento, debido a que los estudiantes deben afianzar los procesos de aprendizaje a través del estudio autónomo, consistente en la preparación de lecturas previas a la clase, además de realizar actividades adicionales que les permitan comprender las temáticas correspondientes a las asignaturas.

Con el incremento del uso de Excel o de software contable y la nueva forma de evaluación, los estudiantes sienten una mayor aproximación al mundo laboral. Sin embargo, no se evidencia que estas herramientas contribuyan en el desarrollo del pensamiento crítico de los estudiantes, pues no se encuentra relación entre el uso de estas y el rol activo que deben tener los estudiantes en el desarrollo de la clase.

Se encuentra que la participación de los estudiantes se ha visto afectada a raíz de diversas circunstancias, que van desde factores como problemas en la conexión hasta la timidez de los estudiantes al tener que hablar en la clase. Esto tiene un impacto negativo en el desarrollo del pensamiento crítico, debido a que el estudiante deja de tener un rol activo en el desarrollo de las clases.

Es importante profundizar en el análisis de las consecuencias que la virtualidad trae tanto para los estudiantes como para los profesores. Se deja el interrogante de si algunas de las dinámicas adoptadas en este proceso pueden seguir siendo usadas en la presencialidad para que los estudiantes continúen reforzando sus procesos de estudio autónomo y qué consecuencias en el largo plazo traerá la virtualidad en el pensamiento crítico de los estudiantes.

El proceso de aprendizaje se verá afectado por la modalidad virtual, por lo que es importante preguntar

cómo se puede implementar y fortalecer el pensamiento crítico de los estudiantes, pues a pesar de que los estudiantes sientan un acercamiento a la vida laboral, estos no están teniendo un acercamiento con otros contextos sociales. También se deben identificar herramientas útiles que motiven la lectoescritura crítica en épocas de presencialidad y de virtualidad.

## Referencias

---

Arteaga, J. C. (1994). Algunas reflexiones sobre la formación, enseñanza y pedagogía en la disciplina contable. *Contaduría Universidad de Antioquia*, 24–25, 139–148. <https://revistas.udea.edu.co/index.php/cont/article/view/25123>

Nogueira, D. R., Leal, E. A., Miranda, G. J., & Casa Nova, S. P. de C. (2020). E agora, José? Metodologias em tempos de crise: ventos de mudança ou tsunami online. *Revolucionando a Sala de Aula 2 - Novas Metodologias Ainda Mais Ativas*. Gen/Atlas.

Patiño Jacinto, R. A., & Valero Zapata, G. M. (2020). La lectura crítica como estrategia de investigación formativa en la contabilidad. *Educación contable de calidad para la transformación social* (pp. 241–251). Luis Alberto Montenegro Mora.

Rojas, W. R. (2015). Lectoescritura y pensamiento crítico: desafío de la educación contable. *Cuadernos de Contabilidad*, 16(41). <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cc16-41.lpcd>

Sangster, A., Stoner, G., & Flood, B. (2020). Insights into accounting education in a COVID-19 world. *Accounting Education*, 29(5), 431–562. <https://doi.org/10.1080/09639284.2020.1808487>



# A contabilidade no aqui e agora: relatos de um pernambucano em doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro

**AUTOR:**

Alann Inaldo Silva de Sá  
Bartoluzzio

**RESUMO EM PORTUGUÊS: A CONTABILIDADE NO AQUI E AGORA: RELATOS DE UM PERNAMBUCANO EM DOUTORAMENTO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Neste relato apresento as minhas experiências enquanto ingressante no Doutorado em Ciências Contábeis no início do período pandêmico. Falo um pouco do processo de mudança de Pernambuco para o Rio de Janeiro, a expectativa para o início das atividades e socialização com os colegas de turma e docentes e como foi lidar com as incertezas que acompanharam o período de isolamento social e aumento de novos casos no Brasil. Por fim, ressalto minhas expectativas em dias melhores para que possamos estar juntos novamente em breve.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LA COMPTABILITÉ ICI ET MAINTENANT: RÉCIT D'UN ÉTUDIANT EN DOCTORAT DU BRÉSIL**

Ce récit parle de mes expériences en tant que nouveau doctorant en comptabilité à l'Université fédérale de Rio de Janeiro (Brésil). Cet écrit comprend le déménagement et les plans pour le début du doctorat, le processus de découverte de la circulation du Coronavirus à Rio de Janeiro, le confinement qui a frappé la ville quatre jours après le début des cours et le retour à la maison pour commencer les activités virtuelles, pendant la pandémie jusqu'à présent.

**ENGLISH ABSTRACT: ACCOUNTING HERE AND NOW: REPORTS OF A DOCTORAL STUDENT FROM BRAZIL**

This narrative talks about my experiences as an incoming PhD student in Accounting at the Federal University of Rio de Janeiro (Brazil). This writing includes the move and the plans for the start of the PhD, the process of finding out that the Coronavirus was circulating in Rio de Janeiro, the lockdown that hit the city four days after classes started and the return to home to start virtual activities during the pandemic until the present day.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: CONTABILIDAD AQUÍ Y AHORA: RELATO DE UN DOCTORANDO DE BRASIL**

Esta narración habla de mis experiencias como estudiante de doctorado en Contabilidad en la Universidad Federal de Rio de Janeiro (Brasil). Este escrito incluye la mudanza y los planes para el inicio del doctorado, el proceso de descubrir que el Coronavirus estaba circulando en Rio de Janeiro, el aislamiento que afectó a la ciudad cuatro días después del inicio de las clases y el regreso a casa para iniciar las actividades virtuales durante la pandemia hasta el día de hoy.



# A contabilidade no aqui e agora: relatos de um pernambucano em doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Quando recebi a excelente notícia de que tinha sido aprovado no doutorado em contabilidade da UFRJ toda a minha vida precisou ser reorganizada, pois, em pouco tempo, precisaria mudar de estado. Nunca tinha ido ao Rio de Janeiro além dos dois dias necessários para a arguição do projeto de tese no processo seletivo e também não conhecia ninguém além do Wagner Belchior, que é aluno regular do programa e me passou o contato de algumas repúblicas da zona sul do Rio de Janeiro, me permitindo conhecer a Ana Claudia, uma das pessoas que mais me ajudou a conhecer um pouco da cidade maravilhosa.

Depois da aprovação e antes da mudança efetiva precisava deixar tudo organizado em Recife e isso incluía pedir demissão da universidade que trabalhava e finalizar as disciplinas que estava lecionando. Passado esse período, tive algumas despedidas surpresas que nunca vou me esquecer, como os dias de carnaval no Sítio Histórico de Olinda e o encontro surpresa que foi esquematizado, com direito a bolo e cerveja, no Recife Antigo, cinco dias antes da viagem. Posso dizer que tenho os melhores amigos do mundo!

Na chegada do grande dia, 04 de março pra ser mais exato, lembro que não conversamos muito em casa sobre o momento da partida, talvez por ser filho único e nunca ter morado fora, ainda mais em outro estado. Arrumei as malas, organizei tudo o que ficaria em Recife e já estava pronto pra partir. À noite, me despedi de Bibi, Bob e Rojão (os cachorros mais companheiros que alguém poderia ter) e me certifiquei de que estava levando tudo o que precisava. No aeroporto, fizemos uma despedida rápida. A vontade de chorar era grande pra todos, mas o embarque já estava acontecendo. Era o momento! Pedi a benção aos meus pais e parti rumo ao Rio de Janeiro.

Devo ser uma das pessoas que mais reclama sobre a falta de conforto das poltronas dos aviões, o que me impediu de dormir nas quase três horas de voo. Ou seja, passei a madrugada toda do dia 05 de março às claras revezando as playlists de música no celular. Cheguei no Rio cinco da manhã com duas malas, uma mochila de costas e muito sono. Pedi um Uber e fui para Copacabana, onde a Ana Claudia mora e me recepcionaria.

Depois sinalizar pra família e amigos que tinha chegado e que estava tudo bem, dormi um dos melhores sonos nesse ano bizarro. Quando despertei, quase que instantaneamente caiu a ficha: estou no Rio! Estou morando no Rio! Daqui a quatro dias começo o doutorado em contabilidade na UFRJ! A Ana preparou um almoço delicioso naquele dia e lembro que passei algum tempo esquematizando o que faria nos quatro dias livres que teria antes do início das aulas.

Conheci a praia de Copacabana, o Arpoador, fiz a circuito Cláudio Coutinho na Praia Vermelha, fui na mureta da Urca tomar uma cerveja e assisti ao pôr do sol no Leme com vista pro Cristo Redentor. Foi uma recepção daquelas! Infelizmente não fazia ideia do que estava por vir.

No dia 09 de março as aulas começaram. Era uma semana de integração com os discentes então passávamos o dia inteiro na universidade. Aproveitei a oportunidade para almoçar e conhecer um pouco os colegas de turmas e também a UFRJ, o que incluiu se perder no campus e pedir o Uber pro endereço errado. Era a nova vida, estava me adaptando. Tive a aula inaugural de algumas disciplinas, dentre elas a de Pesquisa Qualitativa em Contabilidade com a Fernanda Sauerbronn e Epistemologia com o Pierre Ohayon. Lembro que fiquei admirado com as discussões e muito

empolgado para as próximas aulas. Estava tudo dando muito certo!

Lembro que chegava em casa à noite e logo contava as novidades pros amigos e familiares que ficaram em Recife, então não me atentava muito aos noticiários, até que ouvi, na quinta à noite, 12 de março, quase de relance, que o novo Coronavírus tinha chegado no Brasil. Ou melhor, tinha chegado ao Rio de Janeiro! Quase que instantaneamente recebo cinco ou seis e-mails da UFRJ cancelando todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão no campus. Sento em frente à televisão, agora prestando mais atenção, e os noticiários faziam coro como se estivessem todos com a mesma pauta: o Rio de Janeiro está na eminência de entrar em quarentena.

A primeira coisa que pensei foi: e agora? Não fazia nem dez dias que tinha me mudado e conhecia poucas coisas na nova cidade. Pensei: álcool pra higienizar as mãos. Caminhei pelas farmácias de Copacabana procurando por álcool em gel, mas nenhuma delas tinha disponível. Para adquirir era preciso reservar com antecedência porque o estoque estava se esgotando rapidamente. O que está acontecendo? Refletia. Lembro que voltei para casa e, a partir daí, iniciar a quarentena, não tinha o que fazer. Era o início do novo mundo.

Passava horas na frente da televisão acompanhando as notícias, verificando se surgiam novos casos e qual era a expectativa pros próximos dias. Aflito que a quarentena perdurasse pelas próximas semanas resolvi ir ao mercado comprar algumas coisas para que não precisasse mais sair de casa. Recordo que já existia controle da quantidade de pessoas dentro do estabelecimento e que alguns alimentos, principalmente os de necessidade básica, tinham quantidade limitada de aquisição por cliente. Pensei mais uma vez: o que está acontecendo? Tudo estava mudando drasticamente do dia pra noite.

As notícias eram cada vez mais frequentes e a cada hora mais pessoas eram notificadas como contendo a COVID-19, o que resultou no fechamento de grande

parte dos estabelecimentos comerciais e na limitação de pessoas circulando nas ruas. A minha ficha caiu efetivamente alguns dias depois quando precisei ir ao banco que ficava a duas quadras de onde morava. Ao sair do prédio me vi em um filme de apocalipse zumbi, desses que retratam sobre o fim do mundo. Não vi pessoas nas ruas, nem carros. Os estabelecimentos estavam fechados, não haviam banhistas e nem os vendedores da orla da praia. Nenhum sinal da cidade que poucos dias antes era movimentada e funcionava praticamente 24h por dia. O mundo não era mais o mesmo e o medo que senti, naquele momento, era enorme. Seria o início do fim do mundo?

Se tudo isso já era mais que suficiente pra deixar qualquer um aflito, poucos dias depois comecei a ter os primeiros sintomas da COVID-19: febre, tosse, dor no corpo e dificuldade de respirar. Tinha receio de deixar os familiares e amigos em Recife preocupados e medo por não saber onde ficava o hospital mais próximo. Os dias eram cada vez piores, as notícias cada vez mais pessimistas, a dificuldade de respirar a cada dia piorava e a preocupação pelos que estavam na minha terra aumentava. Foi quando decidi: é hora de voltar pra casa!

Depois dos quatorze dias de quarentena entre remédios e notícias que eram cada vez mais tristes e pessimistas, resolvi comprar a passagem aérea de volta pra casa. Estava há tão pouco tempo no Rio de Janeiro que comprei o trajeto errado (Recife → Rio em vez de Rio → Recife). Foi um dos dias mais tristes nesse período porque já tinha arrumado as malas e criado expectativas de reencontrar minha família. Respira, compra outra! E assim o fiz. Deixei todas as minhas coisas e um até logo para a Ana Claudia e para as pessoas que conheci no Rio de Janeiro e na UFRJ.

Quando desembarquei também encontrei outro Recife. As ruas estavam vazias e uma tristeza tomava conta dos rios, pontes e overdrives. A cidade cantada pelo Chico Science & Nação Zumbi estava tomada por tristeza e melancolia.



Assim que retornei iniciei mais quatorze dias de quarentena para então poder ver meus pais, Bibi, Bob e Rojão e retomar a vida aos poucos. Não sei se a minha terra voltará a ser a mesma um dia, também não sei o que me espera no Rio de Janeiro, nem na UFRJ.

O mundo agora mais parece uma distopia. As mortes se aproximam de cento e cinquenta mil pessoas só no Brasil e mais de um milhão de sujeitos no mundo.

Mais de um milhão de pessoas perderam suas vidas vítimas da COVID-19!

Mas a gente vai retomando a vida no caos, do jeito que dá, tentando recompor a esperança em um planeta que não sei voltará a ser o mesmo. É ela que nos resta.

A Esperança!

Mantendo a esperança por dias melhores estamos retomando as atividades de forma adaptada. As aulas agora são online e o mais próximo que podemos estar uns dos outros está mediado pelos megapixels da webcam. Os congressos, palestras e apresentações estão acontecendo em um modelo até então inimaginável. Já pensasse em um evento totalmente virtual? As defesas de dissertações e teses são comemoradas à distância e os parabéns não acompanham o abraço apertado nem as confraternizações que costumavam acontecer. A primeira conversa que tive com a minha orientadora não teve aperto de mão, nem abraço. Eu em Recife, ela no Rio, ambos em isolamento e vivendo de forma totalmente diferente daquela que vivíamos poucos meses atrás.

Mas, felizmente, a partir da contabilidade os encontros continuam acontecendo e novas proposições para o mundo seguem sendo pensadas e discutidas. Com ela, podemos compor novas redes de apoio e colaboração. Foi exatamente por meio de uma aula virtual sobre pesquisa em contabilidade que tomei a iniciativa de escrever os meus relatos nesse período.

A contabilidade no aqui e agora.

Estaremos juntos novamente em breve!



**Legenda da imagem anexada:** Essa fotografia é de 08/03/2020, um dia antes das aulas do doutorado iniciarem na UFRJ e cinco dias antes da paralisação das atividades e início do período de quarentena na cidade do Rio de Janeiro. A imagem foi tirada após o passeio que fiz pelo Circuito Cláudio Coutinho. Em seguida, fui com a Ana Claudia conhecer a mureta da Urca, onde tomamos uma cerveja e conversamos sobre as expectativas para o dia seguinte, que seria meu primeiro dia enquanto doutorando em contabilidade. O Coronavírus já estava à espreita.





# Chapter 7

Quebrando o sistema

Rompiendo el sistema

Breaking the system

Repenser le système



# Lest we forget what contributes to our healthcare

**AUTHOR:**

Mattia Anesa

**ENGLISH ABSTRACT: LEST WE FORGET WHAT CONTRIBUTES TO OUR HEALTHCARE**

COVID-19 has seen a surge of “selfless” philanthropists plugging the gaps in our healthcare systems. A closer look at where the responsibility lies for those gaps, and particularly tax avoidance behaviour, might make us consider a counter-account on the “selflessness” of those philanthropic moves and reassess our attitude to paying taxes. This is the aim of the following piece, which narrates how the COVID-19 crisis intertwined my personal and professional life through a family loss.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: N’OUBLIONS PAS CE QUI CONTRIBUE RÉELLEMENT À NOTRE SYSTÈME DE SANTÉ**

La pandémie de COVID-19 a entraîné une augmentation du nombre de philanthropes « désintéressés » désireux de combler les lacunes des systèmes de santé. Cependant, un examen attentif des axes de responsabilité entourant ces lacunes, notamment l’évasion fiscale, nous amènerait à reconsidérer cet altruisme philanthropique et à réévaluer notre positionnement à l’égard du paiement des impôts. C’est l’objectif de cet article, qui raconte comment la crise du COVID-19 a entremêlé ma vie personnelle et professionnelle au cours du décès d’un proche.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: A FIM DE QUE NÃO ESQUEÇAMOS O QUE REALMENTE CONTRIBUI PARA A NOSSA SAÚDE**

Temos visto uma onda de filantrópos “altruístas” preenchendo as lacunas em nossos sistemas de saúde durante o COVID-19. Um olhar mais atento sobre onde reside a responsabilidade por preencher esses espaços vazios, e particularmente o comportamento de evasão fiscal, pode nos fazer considerar em contra-partida sobre o “altruísmo” desses movimentos filantrópicos e reavaliar nossa atitude em relação ao pagamento de impostos. Este é o objetivo do artigo subsequente, que narra como a crise do COVID-19 emaranhou minha vida pessoal e profissional por meio de uma perda familiar.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: RECORDEMOS LO QUE CONTRIBUYE REALMENTE A NUESTRO SISTEMA DE SALUD**

La pandemia del COVID-19 ha visto un aumento de filántropos “desinteresados” dispuestos a cubrir las brechas de los sistemas de salud. Una mirada detallada a los responsables de esas brechas, en particular la evasión de impuestos, nos haría reconsiderar ese desinterés filantrópico y reevaluar nuestra actitud frente al pago de impuestos. Ese es el propósito de este artículo que narra cómo la crisis del COVID-19 entrelazó mi vida personal y profesional a través de una pérdida familiar.





# Lest we forget what contributes to our healthcare

Grandpa was brought into hospital late last February. Two days after, our hometown became the Italian epicentre of COVID-19. Grandpa died at home and was never tested. No one in my family was tested after his death, even if grandma had Alzheimer's disease, my mother multiple sclerosis and my father has a life-long cigarette habit... all high-risk individuals. Unfortunately, the Italian government struggled to fund 'carpet testing'. The result of years of savings on healthcare and in favour of privatization in the name of 'efficiency'. A country that now relies on feel-good millionaire donations to plug the gaps. I believe that making explicit a less obvious aspect that favoured the Italian massacre, might help us reflect on who we want to support and protect our health(care).

Grandpa was born in a family of farmers in 1924, part of the last generation of WWII draftees. He disliked the taxpayer-funded war campaign started by the Fascist government. Fast forward more than 70 years, he died at home, with his last days grumblingly asking that no more (public) resources should have been spent to keep him alive. While grandpa might sound like a die-hard libertarian (pun intended), he considered free healthcare as the greatest political achievement of his lifetime: "It was no longer a luxury for the wealthy, or dependent on whether you personally knew a doctor. Poor people like us could get checked without thinking about the financial consequences of a visit to the doctor". Funnily enough, status has again become the discriminator between the 'haves' and 'have-nots'. The former including the rich, the famous and politicians, who could easily get tested. The rest had to wait for months and then nudged to go privately. In fact, with beds in intensive care units (ICU) getting scarcer, the political leadership was left negotiating the activation of private hospitals and eventually decided to build temporary structures. Brands like Armani, Versace and Gucci chipped in, all donating

sums varying from six to seven figures towards local hospitals. Exemplary of altruism was also the former prime minister Silvio Berlusconi. He pledged 10 million euros towards funding 400 intensive care unit beds. Selfless moves?

In a piece, co-authored with colleagues from the UK and Australia, we provide a sociological analysis of why philanthropy is far from selfless and implicated in the erosion of our welfare (Anesa et al., 2019). First, philanthropy reinforces the narrative that privates are more attentive to 'real' social needs. Second, since philanthropy is mostly tax-free, it further erodes the availability of resources for public investments, in turn reinforcing the narrative of the governments' ineffectiveness. Such narrative is then sold to the public to favour tax cuts.

You might not buy into our analysis, so let's move to practical examples. While Berlusconi donated 10 million euros during the COVID-19 crisis, Berlusconi's party has been leading my region for decades with the motto "less public, more efficiency, less taxes". To his credit, Italians bought the message...as well as the messenger. Over the years he was trialled for tax fraud for a total of 64mln Euros, but maintained a large political support (Sullivan, 2019). Berlusconi's career – intentionally – straddling between politics, business and entertainment possibly represents the most blatant implementation of the Roman saying *panem et circenses*. Familiar? I am sure it is. We find plenty of tycoons using similar strategies to legitimize tax minimization in one hand, while feeding the plebes with donations on the other. Indeed, the same approach has been followed by Bill Gates, admittedly with more weight given to health than entertainment, yet with the same philanthropic flavour. On one hand, Gates is involved in one of the largest medical foundations in the world, while on the other, founder of a company that

has been exposed for its tax minimization practices. During the current crisis, he has donated – through his foundation – USD 150 million towards research on a COVID-19 vaccine, while the company he founded is currently being investigated by the IRS on accusations of profit shifting for billions of dollars (Associated Press, 2020).

To be sure, the legality of the strategies adopted is totally irrelevant to my argument. By entering the realm of philanthropy, these businessmen took the conversation to ‘moral’ grounds – i.e. beyond legality. Therefore a ‘moral’ assessment of their overall conduct is only fair. I feel there is no need to spell out the discrepancy between what they failed to ‘morally’ contribute to public purses and what they are now donating. The ‘moral’ gap is abysmal and let’s be clear: they are reaping reputational benefits for their selfless moves.

Sure, someone might say that politicians mismanage funds, corruption is rife within the public sector and that money could have gone somewhere else than towards healthcare. We had great examples of such mismanagement/corruption in Italy with one of the major parties misappropriating taxpayer money for personal use (Tondo, 2018). In my new home country instead, the government staunchly denied the ‘existence’ of climate change, while being quick to allow the oil, gas and mining companies. These were decisions that went against expert advice and eventually failed to prepare the country to what turned to be a disastrous bush fires season. While these strong examples of corruption, mismanagement and ineptitude, we would all agree that decisions over whether, when and how resources are spent for critical services such as healthcare, should go through democratic deliberation. Philanthropy has the same democratic tone of the Wolf of Wall Street handing spare change to the homeless. A moment of forgiveness from his responsibilities for the fate of the homeless. Philanthropy takes us back to the time that grandpa’s health checks were dependent on his economic status. Lest we forget.

The 25th of April is a day that both my home (Italy) and host country (Australia) share in remembering people like my grandpa who participated – willingly or not – in one of the worst manmade disasters of human history – WWII. People who saw firsthand the need of a more communal society and went on to build nations where we are all guaranteed certain privileges, which were once reserved to the few, like a public healthcare system for all. Despite its malfunctions, we are guaranteed not to be presented with the choice between having a check-up or putting food on the table, as my grandpa had to. I am no wizard, but I can tell you exactly how long it takes for Italians and Australians to forget what really takes to maintain their healthcare: 66 days. Those are the days separating the day they remember war veterans from the 30th of June – i.e. tax time. The time they forget that the now taken-for-granted privileges people like my grandpa have fought for and built need a sacrifice on their part too. Wherever you live, I am sure there is a tax time. Don’t forget what pays for your healthcare when adding that extra ‘work’ expense to your tax return. Don’t forget it when praising the next millionaire on social media for their latest ‘selfless’ donation. Don’t forget it when politician X will lure you with another ‘lower taxes’ campaign... because they will.

## References

- Anesa, M., Chalkias, K., Jarzabkowski, P., & Spee, A. P. (2019). Practicing Capitals Across Fields: Extending Bourdieu to Study Inter-Field Dynamics. In P. Haack, J. Sieweke, & L. Wessel (Eds.), *Microfoundations of Institutions* (Vol. 65B, pp. 129–142). Emerald Publishing Limited. <https://doi.org/10.1108/S0733-558X2019000065B010>
- Associated Press. (2020, January 22). *Judge Orders Microsoft to Release Tax Records in IRS Dispute*. Business Insider. <https://www.businessinsider.com/judge-orders-microsoft-to-release-tax-records-in-irs-dispute-2020-1?r=AU&IR=T>
- Sullivan, K. (2019, June 28). *Forget the tax fraud and sex scandals. Italy’s Berlusconi is back*. The

Washington Post. [https://www.washingtonpost.com/world/europe/never-mind-the-tax-fraud-and-bunga-bunga-scandals-these-italians-wont-give-up-on-berlusconi/2019/06/28/3ae64e40-8ef4-11e9-b6f4-033356502dce\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/europe/never-mind-the-tax-fraud-and-bunga-bunga-scandals-these-italians-wont-give-up-on-berlusconi/2019/06/28/3ae64e40-8ef4-11e9-b6f4-033356502dce_story.html)

Tondo, L. (2018, September 6). *Italy's League may change name to avoid €49m fraud bill*. The Guardian. <http://www.theguardian.com/world/2018/sep/06/italys-league-may-change-name-to-avoid-49m-bill>



# Élever notre leadership collectif pour éviter d'être victime de la nouvelle comptabilité pandémique

**AUTEUR:**

Simon Grenier

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: ÉLEVER NOTRE LEADERSHIP COLLECTIF POUR ÉVITER D'ÊTRE VICTIME DE LA NOUVELLE COMPTABILITÉ PANDÉMIQUE**

Le contexte de la pandémie du coronavirus a exposé la population à une nouvelle forme de comptabilité. Chaque jour, semaine et mois depuis mars 2020, cette comptabilité pandémique peut avoir pour impact de nous maintenir à l'arrêt ou encore de nous mettre en action. Le présent essai met de l'avant une réflexion sur le leadership collectif et présente certains modèles pour expliquer comment nous pourrions collectivement agir pour vaincre la COVID-19 et apprendre pour les prochaines crises.

**ENGLISH ABSTRACT: RAISING OUR COLLECTIVE LEADERSHIP TO AVOID FALLING VICTIM TO THE NEW PANDEMIC ACCOUNTING**

The context of the coronavirus pandemic has exposed the public to a new form of accounting. Every day, week, and month since March 2020, this pandemic accounting can have the impact of either keeping us down, or it can move us into action. This essay puts forward a reflection on collective leadership and presents models we can use to explain how we might collectively act to defeat COVID-19 and learn for future crises.

**TÍTULO EN ESPAÑOL: ELEVAR NUESTRO LIDERAZGO COLECTIVO PARA EVITAR SER VÍCTIMAS DE LA NUEVA CONTABILIDAD PANDÉMICA**

# Élever notre leadership collectif pour éviter d’être victime de la nouvelle comptabilité pandémique

*« Every man must decide whether he will walk in the light of creative altruism or in the darkness of destructive selfishness. »* Martin Luther King Jr

Depuis six mois, nous comptabilisons et diffusons largement les effets d’un virus auquel les scientifiques ont assigné un nombre, la COVID-19. Une pandémie mondiale, sans précédent, qui a mis à mal plusieurs aspects de notre fonctionnement social, économique et politique. Des mois que nous comptons les jours, les heures, les rares éclats de rire et les sanglots. Cela fait maintenant plus de deux trimestres que l’existence humaine est un peu réduite à l’état de statistiques. Nous comptabilisons, impuissants, nos malades, nos morts, nos concitoyens hospitalisés. D’autres effets collatéraux de cette pandémie sont longtemps restés sous le silence de cette nouvelle comptabilité journalière, hebdomadaire et mensuelle. Combien d’opérations chirurgicales reportées, combien de traitements médicaux suspendus, quels impacts quantitatifs et qualitatifs est-ce que ces reports auront et sur combien de familles ? On ne le saura peut-être jamais réellement, mais le bilan comptable des âmes touchées par cette pandémie risque de négliger des pertes plus grandes que prévues quand viendra le temps de fermer l’exercice.

Peu de gens ont vu venir cette crise de la COVID-19 et ses impacts. Personne n’y était vraiment préparé et ne pouvait se douter de ce que cela entraînerait sur nos habitudes de vie et sur les changements de comportement nécessaires à apporter pour y faire face. La crise sanitaire et sociale que nous vivons actuellement nous met largement au défi (individuellement et collectivement), en nous obligeant à adopter de nouvelles normes sociales et à changer nos comportements rapidement. À titre d’exemple, pour diminuer le nombre de victimes du virus et avoir le bilan d’actifs humains le plus élevé possible face à

cette situation incertaine, on nous a demandé de réduire au plus petit nombre possible les contacts que nous avons avec nos familles, nos amies, nos proches et nos collègues. Il faudrait idéalement se rendre à zéro pour aplatir la courbe. Même sans arriver à atteindre cette absence de contact, un grand nombre d’hommes, de femmes et d’enfants se sentent en déficit relationnel. Cette directive a représenté un défi de taille pour la grande majorité d’entre nous, en éprouvant plusieurs de façon importante. Après tout, l’humain est un être social, ayant besoin de se sentir en relation pour s’épanouir (Ryan & Deci, 2000).

Dans ce contexte particulier qui se prolonge, il apparaît clairement qu’une grande proportion d’individus commence à être à fleur de peau par contraintes, par manque social et par incertitude devant l’inconnu. Une majorité de gens qui, à cause de la fatigue, de la lassitude, de l’épuisement, de l’anxiété ou encore de cette lourdeur ambiante qui s’est installée et de l’hiver qui arrive, pourrait finir par baisser la garde et pourtant, collectivement, il faut continuer à se battre et à se soutenir.

Un à un, en accumulant les actions découlant des recommandations issues de la science et de la santé publique ; en faisant tout un chacun notre part, nous pourrions être des millions à nous consolider pour devenir une seule entité. Nous pourrions fusionner comme humanité pour prendre le dessus sur cette pandémie tout en acquérant de nouvelles connaissances et compétences pour faire face aux prochaines crises, voilà une nouvelle forme de fusion/acquisition. Arrêtons de nous regarder individuellement et acceptons de compter les uns sur les autres pour triompher et apprendre de cette crise planétaire.

## **Grandir collectivement pour ne pas subir la comptabilité COVID-19**

---

Il est sans doute difficile, pour le plus grand nombre d'entre nous, de percevoir cette pandémie comme une occasion potentielle de développement du leadership collectif de notre peuple, de notre pays, de notre planète. Et pourtant... en ne faisant pas qu'assister, passivement, au décompte des cas, en refusant d'être des victimes impuissantes de ce virus à numéro et en se basant sur l'histoire, la psychologie et le management, il est possible d'identifier plusieurs caractéristiques observables de la situation pouvant faciliter l'émergence d'une forme collective de leadership, en espérant que celui-ci prenne la bonne direction. En effet, selon Nancy Koehn, professeure à l'Université Harvard (2020), le leadership est forgé et émerge en temps de crise. En plaçant le bien commun et le plus grand nombre d'individus au centre de nos réflexions et nos actions, en collaborant ensemble à atteindre l'objectif commun de résoudre cette crise et d'apporter des changements sociaux significatifs (Wagner, 2006), il nous serait possible d'assumer un certain leadership collectivement dans le présent et de préparer le terrain et nos populations pour la prochaine grande crise.

Nous savons que le leadership, le mien, le vôtre, le nôtre a besoin d'un contexte social pour émerger. Ainsi, des individus qui développent leur leadership doivent :

- 1) être confrontés à un défi et 2) obtenir du soutien et de la rétroaction tangible sur les impacts de ce qu'ils font pour se développer et comprendre les résultats associés à leurs comportements. Cette situation ne vous rappelle-t-elle pas votre quotidien pendant la crise ? Ces comptes et ces décomptes ne sont-ils pas suffisants pour éveiller les consciences et vous rappeler que tous les jours, ne pas adopter les bons comportements, ne pas prendre sa place comme leader, ne pas collectivement faire preuve de leadership continuera à réduire notre existence à l'état de statistiques face au virus ? Ce rappel chiffré, cette comptabilité COVID-19 n'étant pas suffisants pour générer un changement de comportement et un passage à l'action, on peut se demander ce qui devrait être fait pour s'élever comme collectif pour remédier à la situation ?

## **Leadership et changement social**

---

Certaines réflexions sur le leadership et les changements sociaux semblent pertinentes à évoquer pour renverser cette comptabilité nouvelle de la COVID-19. Il y a presque trente ans, des acteurs du milieu de l'éducation se sont réunis aux États-Unis pour définir ce qui devrait être développé chez les étudiants universitaires pour en faire des acteurs de changement. Ce modèle, *le Social change model of leadership* (Wagner, 2006), est utile à considérer pour faire face au virus et à la crise sanitaire que nous vivons actuellement. Pourquoi, vous demandez-vous ?

D'abord, parce qu'il stipule que le leadership doit favoriser l'instauration des changements sociaux et c'est principalement ce que la situation de pandémie exige en ce moment. Ensuite, ce modèle présente un intérêt certain parce qu'une de ses prémisses consiste à dire que tout le monde peut jouer un rôle pour contribuer à améliorer le cours des choses et amener du changement. Ce second point me semble encore plus crucial que le premier dans la situation sans précédent que nous vivons. En résumé, vous avez, j'ai, nous avons à contribuer pour faire une réelle différence et venir à bout de cette crise sanitaire. Il est impératif que nous le fassions, que nous apprenions à le faire et que nous puissions le refaire au besoin, si une nouvelle situation se présentait. Comment, vous demandez-vous ?

Voici certains aspects clés, présentés par le modèle, qui sont éclairants pour nous guider vers l'action. Au niveau individuel, il est d'abord proposé de bien se connaître et de bien se comprendre comme personne. Observez-vous face à la menace et demandez-vous quelles sont les croyances, les émotions et les perceptions qui vous poussent à agir ou à rester passif ou passive. Est-ce que cette nouvelle comptabilité quotidienne, ce décompte de malades et de morts, vous stimule ou vous effraie-t-elle ? Que vous soyez du côté des gens qui suivent les consignes de santé publique ou de ceux qui les dénoncent, ce sont vos croyances et vos émotions qui vous poussent à agir et il faut que vous en preniez acte. Ensuite, demandez-vous comment vous pouvez



utiliser ces croyances et ces émotions pour contribuer à amener des changements positifs face à la situation, mais pas n'importe comment.

Par ailleurs, ce modèle propose que vous agissiez en cohérence avec qui vous êtes. Tentez d'être le plus authentique et honnête possible face à vous et face aux autres. Que vous ayez envie de passer à l'action sans vous en sentir capable ou que vous soyez dans le feu de l'action au quotidien comme soignant, comme entrepreneur, comme dirigeant, comme politicien, comme bénévole ou comme citoyen, le fait de le présenter humblement aux autres pourra vous aider à entamer ou maintenir votre action. La cohérence avec vos valeurs et qui vous êtes servira aussi potentiellement de facteur de protection.

Finalement, au niveau individuel, si vous voulez contribuer à changer le contexte, il faut vous engager, investir de l'énergie pour soutenir le bien commun. Vous pourriez par exemple porter assistance à un voisin même si vous souhaitiez plutôt vous reposer. Vous pourriez aussi éviter de voir une personne importante par respect des consignes de santé publique même si ça vous demande de l'énergie de vous priver. Pour fermer le bilan comptable de façon positive, vous pourriez aussi faire évoluer un modèle d'affaires pour venir en aide au système et pas juste générer du profit. Le simple port du masque, par respect pour les autres, même si vous y croyez plus ou moins, suffit à faire de vous quelqu'un qui fait preuve de leadership dans le contexte. Ils sont multiples et divers les engagements potentiels pour démontrer votre leadership en temps de COVID.

Nous en avons eu quelques beaux exemples d'engagement et de leadership collectif lorsque des artistes ont accepté de prendre la parole pour rejoindre et sensibiliser nos jeunes et nos aînés et les informer des directives à suivre pour faire face à la première vague de la crise. Nous avons aussi vu émerger d'autres beaux modèles de leaders chez certains entrepreneurs qui, face à la pénurie d'équipement, ont fait évoluer leur distillerie pour en faire une usine de

production de produits désinfectants ou leur production de vêtements pour donner accès à du matériel de protection et des masques aux travailleurs de la santé et à la population. Ce sont des illustrations d'actions signifiantes de leadership, par des individus, pour le collectif et le bien commun. Vos actions n'ont pas à être exceptionnelles pour faire une différence. Parfois, de petites actions comme le simple fait de rester chez soi, d'accepter de sortir moins souvent ou d'aider quelqu'un dans le besoin peuvent contribuer à collectivement élever notre leadership en temps de crise.

Dans le *Social change model of leadership*, cette connaissance de soi et la démonstration d'une forme de leadership individuel sont essentielles pour contribuer au collectif. C'est en comprenant quelles sont nos forces et nos zones de vigilance qu'il est possible de prendre pleinement notre place. En sachant quelle valeur nous créons et ce que nous ajoutons comme individu dans un système, il est possible de générer une étincelle dans un système et de créer du mouvement. Ainsi, la connaissance et la compréhension de vos forces, de l'influence de vos valeurs sur vos décisions et vos actions représentent des leviers importants à solliciter pour générer du changement. Cette connaissance de soi est donc fondamentale pour alimenter la deuxième sphère du *Social change model of leadership*, qui vise à mettre en place les conditions nécessaires pour assurer un fonctionnement relationnel positif des systèmes sociaux.

En effet, ce modèle évoque l'importance d'adopter une vision ouverte du collectif. D'une part, il faut pouvoir collaborer les uns avec les autres. C'est en prenant votre place, mais en laissant aussi une place à l'autre que la collaboration peut émerger. Ce n'est qu'en s'unissant, en partageant une responsabilité commune et en travaillant dans un effort concerté, visant à vaincre la crise, qu'il sera possible de le faire. Cela veut aussi dire plus largement de collaborer avec les autorités publiques. Il ne faut certes pas le faire aveuglément, il doit être possible de questionner, de demander des comptes, de la transparence et d'attendre de

nos décideurs qu'ils aient le courage de prendre des décisions difficiles, mais aussi, celui de reconnaître leurs erreurs au moment opportun (Kerrissey & Edmondson, 2020). En effet, ces aspects sont essentiels pour que vous et moi puissions avoir confiance en nos décideurs et nos institutions. Ils font partie de l'équation pour que nous puissions accepter de faire les sacrifices nécessaires en ce moment. Ingrédient important et fragile, cette confiance est incontournable pour favoriser l'émergence du leadership collectif. Cette réalité, nos leaders actuels et futurs ne doivent pas la perdre de vue s'ils veulent générer l'émergence et le maintien d'un tel leadership au sein de la population.

Finalement, cette capacité à remettre en question certaines décisions ou actions mises de l'avant par nos institutions et nos décideurs est aussi une composante centrale du modèle. Toutefois, cela doit être fait avec respect et en gardant le bien commun en tête. Ne tombez pas dans les théories du complot et dans les nombreuses tentatives qui sont faites de diaboliser la science par peur, par individualisme ou par ignorance. La controverse et la remise en question, faites dans le respect et de façon éclairée, sont de puissants outils de démocratie et de créativité, mais elles doivent être faites de bonne foi et s'appuyer sur des données et une vision complète de la situation.

### **Et maintenant quoi... si vous preniez votre place de leader?**

En écrivant ce texte, mon intention était de laisser une trace de ce qui se passe, de mettre à profit une expertise, pas comptable, mais en leadership, pour vous donner envie d'agir. Comme je vous l'indiquais précédemment, je crois que cette crise de la COVID-19 comporte plusieurs caractéristiques indiquant que nous pouvons nous élever comme société face à la crise actuelle, mais aussi pour nous permettre de nous préparer aux prochaines. Nous pourrions ainsi voir émerger une forme de leadership collectif plus vaste et plus distribué à travers la population du Québec et même sur l'entièreté de la planète.

d'endiguer la propagation du virus et de favoriser une fin de crise positive ? Profitez-vous de la crise pour découvrir quel leader vous pouvez devenir pour la collectivité, maintenant, et quand toute cette situation sera derrière nous ? Si l'invitation vous interpelle, un point de départ pour émerger comme leader pourrait être de vous poser la question suivante : quel geste puis-je poser pour contribuer à remédier à la crise et si je le pose, alors, quel impact aurais-je sur mes proches et sur la société ? Pour cesser de subir la comptabilité COVID-19, et redonner sa place à cette discipline incontournable du monde des affaires qu'est la comptabilité, arrêtez de tenter de mesurer l'importance de vos actions et passez simplement à l'acte en ayant en tête le bien commun. Vos gestes aussi petits soient-ils, peuvent nous permettre de grandir, de nous élever et d'endiguer cette crise qui a déjà trop fait de victimes.

*« If you can't fly then run, if you can't run then walk, if you can't walk then crawl, but whatever you do you have to keep moving forward. »* Martin Luther King Jr.

### **Références**

- Kerrissey, M., & Edmondson, A. (2020, avril 13). What Good Leadership Looks Like During This Pandemic. Harvard Business Review. <https://hbr.org/2020/04/what-good-leadership-looks-like-during-this-pandemic>
- Koehn, N. (2020, avril 3). Real Leaders Are Forged in Crisis. Harvard Business Review. <https://hbr.org/2020/04/real-leaders-are-forged-in-crisis>
- Ryan, R., & Deci, E. (2000). The Darker and Brighter Sides of Human Existence : Basic Psychological Needs as a Unifying Concept. Psychological Inquiry, 11(4), 319-338. [https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104\\_03](https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_03)
- Wagner, W. (2006). The Social Change Model of Leadership : A Brief Overview. Concepts & Connections, 15(1).

# El COVID-19 y el confinamiento: un test ácido para nuestras organizaciones

## AUTORES:

Iñigo Echeveste,  
Adrian Zicari

## RESUMEN EN ESPAÑOL: EL COVID-19 Y EL CONFINAMIENTO: UN TEST ÁCIDO PARA NUESTRAS ORGANIZACIONES

Muchos se preguntan acerca de qué será del mundo después de esta tremenda crisis, humana y sanitaria, que hoy estamos atravesando. Hay quienes se imaginan grandes cambios, en distintos ámbitos políticos, económicos o sociales. Hay también quienes, como el Gattopardo, piensan que nada en el fondo cambiará. En nuestro caso, hemos elegido focalizarnos en algunas tendencias ya en marcha desde hace algunos años en el mundo de la economía y de las empresas, que se acelerarán a causa de la crisis sanitaria y del confinamiento que se ha venido sucediendo, en distintos grados, en casi todos los países. Postulamos entonces que el COVID-19 hace evidentes y posiblemente acelere ciertos cambios que ya estaban en camino. Este confinamiento implica entonces un “test ácido” a nuestras organizaciones en materia de transformación digital.

## TITRE FRANÇAIS: LE CONFINEMENT: UNE ÉPREUVE DE VÉRITÉ POUR NOS ORGANISATIONS

## TÍTULO EM PORTUGUÊS: O ISOLAMENTO SOCIAL: UM TESTE ÁCIDO PARA AS NOSSAS ORGANIZAÇÕES

## ENGLISH TITLE: THE COVID-19 LOCKDOWN: AN ACID TEST FOR OUR ORGANIZATIONS





# El COVID-19 y el confinamiento: un test ácido para nuestras organizaciones

*“Si queremos que todo quede como está, hace falta que todo cambie”* (di Lampedusa, 1958)

Muchos se preguntan acerca de qué será del mundo después de esta tremenda crisis, humana y sanitaria, que hoy estamos atravesando. Hay quienes se imaginan grandes cambios, en distintos ámbitos políticos, económicos o sociales. Hay también quienes, como el Gattopardo, piensan que nada en el fondo cambiará. En nuestro caso, hemos elegido focalizarnos en algunas tendencias ya en marcha desde hace algunos años en el mundo de la economía y de las empresas, que se acelerarán a causa de la crisis sanitaria y del confinamiento que se ha venido sucediendo, en distintos grados, en casi todos los países. Postulamos entonces que el COVID-19 hace evidentes y posiblemente acelere ciertos cambios que ya estaban en camino. Este confinamiento implica entonces un “test ácido” a nuestras organizaciones en materia de transformación digital.

Más precisamente, no es el virus en sí mismo el que acelera estos cambios, sino el confinamiento, esta inesperada, súbita y nunca antes vista experiencia de aislamiento masivo de millones de personas en el mundo. En cuestión de horas, sectores enteros de la economía en casi todos los países, debieron pasar de improviso al teletrabajo. Aunque es temprano para sacar conclusiones, podemos suponer que muchas organizaciones no estaban suficientemente preparadas para semejante cambio. No en todos los casos las empresas tenían los sistemas informáticos listos para el teletrabajo y el equipamiento adecuado a disposición de los empleados. Más aún, hasta ahora podía suponerse que la tenencia de una computadora “personal” y el acceso a internet eran cuestiones de la vida privada de cada empleado, frecuentemente financiadas con los propios recursos del empleado, quien en rigor no estaba

obligado a disponer de esas tecnologías.

Más allá de estas carencias tecnológicas, muchas veces suplidas con la buena voluntad de los empleados y haciendo aún más borrosa la frontera entre lo privado y lo profesional; las empresas en muchos casos no estaban preparadas suficientemente preparadas desde el punto de vista organizativo. Este es el principal argumento de nuestra nota. Aunque la “tecnología física”, aún con las limitaciones previamente enunciadas, existe hoy día y ha podido ser utilizada, la “tecnología social” no siempre ha acompañado. Salvo excepciones, no hubo planes de contingencia previstos, rutinas de protección de información, redundancias programadas en caso de enfermedad, entre otras medidas organizacionales básicas.

Imaginándonos un contra fáctico, si el virus del SARS-Cov en el 2003 se hubiera expandido con la rapidez del COVID-19, muy posiblemente la tecnología física no hubiera estado disponible. En aquel entonces, la capacidad de procesamiento y transmisión de datos disponible en la mayoría de los hogares era mucho menor que hoy día, incluso en los países más desarrollados. Cabría imaginarse entonces un escenario de “parate” (stop) mucho más extendido que el actual. Comparando aquella crisis “contra fáctica” con esta crisis real, vemos entonces la paradoja de una tecnología física, más o menos extendida e implementada en la población, al lado a una tecnología social insuficientemente desarrollada por las empresas.

En el fondo, el cambio que vemos venir tiene que ver con la gradual pero consistente evolución de las empresas en las últimas décadas. Nuestra hipótesis es que este cambio, hasta ahora paulatino, será acelerado por el COVID-19. A riesgo de simplificar, podemos hablar del ocaso de un modelo industrialista

basado en la propiedad de grandes volúmenes de activos (esto es, actividades de capital intensivo). Aquel modelo, con sus virtudes y defectos, dominó por muchos años la economía de los países desarrollados (también llamados, no al azar “países industrializados”). Esas grandes industrias eran indefectiblemente los más grandes empleadores, absorbían las mayores inversiones y constituían la parte principal de los indicadores bursátiles de cada país. Naturalmente, esas empresas siguen y seguirán existiendo, pero la dinámica central hoy día está representada por empresas basadas en nuevos modelos de negocios, fundados en mucha mayor medida en conocimiento, know-how, e activos intangibles.

Estas nuevas empresas traen una nueva lógica financiera, laboral y organizacional. Mientras la organización industrial clásica procura crecer tanto como se lo permita su cash-flow, la nueva empresa procurará acelerar su crecimiento aún a pérdida, como ha sido el caso de Amazon durante muchos años. En estos casos, el límite no será el cash-flow de las operaciones, sino la confianza de los inversores en las proyecciones de la empresa. Aunque muchas empresas clásicas vienen ya experimentando con el outsourcing y el leasing desde hace muchos años, muchas de las nuevas organizaciones han llevado estas tendencias al extremo. Piénsese en AirBnB y en Uber con sus modelos “asset light”.

Esas innovaciones (nos gusten o no), impulsadas por esas empresas tan dinámicas, llevan a un replanteo de todas las organizaciones, más allá de su sector de actividad. Nos imaginamos en consecuencia un cambio de fondo. Del modelo industrial, con su innegable inspiración en el ejército (verticalidad, línea de mando, reporting ascendente), pasamos a un modelo inspirado en aquellas nuevas organizaciones (horizontalidad, grupos de trabajo autónomo, información transversal). Si se quiere una comparación bélica, se pasa del modelo emblemático del ejército romano (con su pirámide de centuriones, decuriones, reportando al Emperador) a una guerrilla urbana de los años ochenta (con sus células independientes, apoyadas

logísticamente desde un centro, radicado a veces en el exterior).

### **Un modelo para comprender y actuar**

---

Basándonos en Richard Nelson (Nelson & Nelson, 2002), adoptamos la distinción entre tecnología digital física (physical technologies) y la tecnología social (social technology). Las tecnologías físicas son todo tipo de infraestructuras de IT o digitales, tanto hardware como software. En cierto sentido, las podríamos denominar el “hardware” de la transformación digital. En cambio, la tecnología social está constituida por todos los elementos “soft”, la parte no tangible de una transformación digital. De una forma no exhaustiva, podríamos hablar de rutinas organizacionales, procedimientos organizacionales, cultura, valores, estrategias de recursos humanos y talento, como otras variables que se utilizan dentro del campo del desarrollo organizacional. Claro está, ambas tecnologías (física y social) son complementarias. Nelson destaca el rol de las rutinas organizacionales en la transformación digital, y apunta al error de pretender introducir nuevas tecnologías físicas sin tener en cuenta las dimensiones sociales que las acompañan.

Proponemos una tipología de cinco fases en el proceso de transformación digital. En principio, todas las empresas parten de la posición cero y deberían de llegar a la posición cuatro. Nuestra hipótesis es que el actual confinamiento acelerará el camino hacia las fases más altas de esta tipología.

#### *0. Industriales en el sentido histórico del concepto.*

La tecnología física necesaria sería la mera automatización de procesos tanto industriales como administrativos, casi sin cambios en la tecnología social. Por ejemplo, una empresa de commodities, u otra empresa industrial sin mucha tecnología digital.

#### *1. Organizaciones en el circuito simple de aprendizaje (Argyris, 1977)*

La tecnología digital física necesaria es avanzada, hay sistemas digitales avanzados, pero se siguen utilizando

las rutinas organizacionales y los procedimientos de la era industrial. Siguiendo la conceptualización de Argyris, son organizaciones que dicen estar en transformación digital y tal es el caso desde un punto de vista de tecnología física, pero sus organizaciones siguen comportándose como organizaciones convencionales. Es el caso de muchos bancos tradicionales, que aun reduciendo personal en las diferentes áreas, mantienen su estructura histórica y sus rutinas, con pequeños cambios.

### *2. Organizaciones en el circuito doble de aprendizaje (Argyris, 1977)*

En este tipo de organizaciones hay una tecnología digital física muy avanzada y se está intentando transformar la tecnología digital social, de una forma bastante disruptiva. Se podría decir que muchas de ellas están a casi un 100% de tecnología física digital y a un 50% de tecnología digital social. Estas empresas están aprendiendo a realizar el cambio a través de diferentes metodologías y modelos de una forma iterativa. A veces este cambio de cultura y de rutinas no alcanza es en toda la empresa sino en ciertas áreas como puede ser diseño o I+D. Ejemplo sería el caso de las grandes multinacionales del automóvil.

### *3. Organizaciones que han completado su transformación digital.*

Es el horizonte de transformación digital, un modelo de “guerrilla” (denominado conceptualmente como redes de grupos) donde el centro gestiona los recursos, pero las actividades y acciones son definidas por las diferentes células que se adaptan a la realidad de sus entornos. Siendo un horizonte, aún las empresas más avanzadas no han concluido esta transformación.

### *4. Organizaciones “digital native”.*

En estas start-ups digitales, la empresa nace ya con una cultura, rutinas, organización, y valores totalmente digitales. No hubo “transformación digital” ya que la empresa nació digital y su cultura corresponde al nuevo mundo digital en el que nos movemos. Sólo hay que mantenerse al ritmo de las nuevas tecnologías

digitales físicas que hay que adaptar a las necesidades del negocio. En esta categoría estarían las GAFA, las “proptech” y demás compañías de entorno digital que tienen como determinante “Grow Big Fast”.

En resumen, lo importante no es tanto en qué fase está hoy situada la empresa, sino más bien la noción de la transformación digital social como complemento necesario de la transformación digital física.

## **El COVID-19, un test ácido para nuestras organizaciones**

---

El confinamiento de los colaboradores de las empresas en sus hogares ha evidenciado el nivel de las tecnologías física y social existente. Han quedado expuestos los puntos débiles y las limitaciones tanto de los sistemas físicos digitales como de los sistemas de organización de cada empresa. Como sucede con toda crisis, mezcla de riesgo y oportunidad, el confinamiento representa un test ácido de la capacidad de las empresas al nuevo mundo digital. Es también un llamado de atención acerca de la necesidad de adaptar las empresas al nuevo entorno.

## **Referencias**

---

Argyris, Ch. (1977). Double Loop learning in organizations. *Harvard Business Review*, 116–125.

Di Lampedusa, G. T. (1958). *Il Gattopardo*. Feltrinelli.

Nelson, R. R., & Nelson, K. (2002). Technology, institutions, and innovation systems. *Research Policy*, 31(2), 265–272. [https://doi.org/10.1016/S0048-7333\(01\)00140-8](https://doi.org/10.1016/S0048-7333(01)00140-8)



# RSE em tempo de pandemia - um desafio para a Contabilidade e empresas

**AUTOR:**

Fátima Araújo

**RESUMO EM PORTUGUÊS: RSE EM TEMPO DE PANDEMIA - UM DESAFIO PARA A CONTABILIDADE E EMPRESAS**

Este trabalho, apresentado em prosa e verso, pretende ser um testemunho para as gerações vindouras de que em tempos de crise não devemos parar.

A pandemia da COVID-19 tornou bem visível a vulnerabilidade do nosso mundo e não sabemos como nem quando vamos sair desta situação. Esta crise tem causado mudanças sociais e empresariais jamais vistas e uma crise económica sem precedentes. Perante estas questões, a inovação digital, as práticas e o discurso sobre a Responsabilidade Social da Empresa (RSE) poderão ser o corolário do novo papel da empresa e um desafio para a Contabilidade, numa economia global.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: LA RSE À L'HEURE DE LA PANDÉMIE - UN DÉFI POUR LA COMPTABILITÉ ET LES ENTREPRISES**

Ce travail, présenté en prose et en vers, se veut un témoignage pour les générations futures qu'en temps de crise nous ne devons pas nous arrêter.

La pandémie de COVID-19 a rendu la vulnérabilité de notre monde tout à fait visible et nous ne savons pas comment ni quand nous allons nous sortir de cette situation. Cette crise a provoqué des changements sociaux et commerciaux sans précédent et une crise économique inédite. Compte tenu de ces enjeux, l'innovation numérique, les pratiques et le discours sur la responsabilité sociale des entreprises (RSE) peuvent être le corollaire d'un nouveau rôle de l'entreprise et une source de renouvellement pour la comptabilité dans une économie mondiale.

**ENGLISH ABSTRACT: CSR IN A TIME OF PANDEMIC - A CHALLENGE FOR ACCOUNTING AND BUSINESS**

This work, presented in prose and verse, is intended to be a testimony for future generations that in times of crisis we must not stop.

The COVID-19 pandemic has made the vulnerability of our world very visible and we do not know how or when we will emerge from this situation. This crisis has caused unprecedented social and business changes and an unprecedented economic crisis. Faced with these issues, digital innovation, practices and discourse on Corporate Social Responsibility (CSR) could be the corollary of the new role of business and a challenge for Accounting in a global economy.



# RSE em tempo de pandemia - um desafio para a Contabilidade e empresas

A pandemia da Covid 19 tornou bem visível a vulnerabilidade do nosso mundo e não sabemos como nem quando vamos sair desta situação. Para além de uma crise de saúde pública de âmbito internacional sem precedentes, declarada pela Organização Mundial de Saúde, uma subsequente crise social, económica e ambiental. Em Portugal, à semelhança de outros países, o Governo é forçado a estabelecer medidas excecionais e temporárias relativas à situação epidemiológica do novo Coronavírus – COVID-19 com o objetivo de prevenir a doença e conter a proliferação de casos de contágio: encerramento de fronteiras, de diversas atividades económicas, de culto, desportivas e artísticas, estabelecimentos de ensino e outros organismos.

António Guterres, Secretário-Geral da ONU e ex-Primeiro Ministro de Portugal, na abertura de uma reunião do Pacto Global das Nações Unidas, em formato *online*, no dia 15/06/2020, apelou que “Agora mais do que nunca, ao tomar grandes decisões sobre o nosso futuro, as empresas têm de abordar os riscos ambientais, sociais e de governança de uma maneira abrangente e ir além da normalidade”.

Neste período de isolamento social, o recurso ao teletrabalho foi generalizado e as tecnologias digitais tornaram-se essenciais. A resposta de Portugal à COVID-19, através do seu Governo, por via do programa “Não paramos – estamos ON” com diversas soluções tecnológicas para cidadãos, empresas, escolas e outras organizações, ajudaram a implementar rotinas de teletrabalho neste período.

Foram tomadas medidas a nível fiscal e alterações no Código Contributivo. Apoios extraordinários à manutenção do contrato de trabalho. O Governo, estabeleceu, igualmente, um conjunto de incentivos à

segurança nas micro, pequenas e médias empresas, no contexto da doença COVID-19.

A economia não pode parar. As empresas não podem parar. As mudanças impostas pela pandemia levaram os Contabilistas Certificados a estarem na linha da frente no apoio aos empresários que procuraram ajuda para a continuidade dos seus negócios.

Nesta conjuntura, a formação dos Contabilistas Certificados assumiu uma importância relevante. Tornou-se imperioso reagir a uma nova forma de trabalhar e de procurar novas soluções para manter a proximidade, ainda que à distância. A Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), entidade reguladora da profissão de Contabilista Certificado tem promovido conferências para debater temáticas, diretamente ou indiretamente relacionadas com a profissão e no seu site tem disponibilizado informação agregada com guias práticos, legislação, vídeos e outras informações úteis em atualização permanente e de consulta obrigatória para Contabilistas Certificados e seus clientes.

Todas as mudanças impostas, quer a nível profissional, quer pessoal, são exigentes na celeridade de resposta, na transformação do nosso dia-a-dia, nas relações, na economia e na manutenção de toda esta máquina económico-social que faz com que não paremos.

Mas enquanto ainda estamos a aprender a lidar com a primeira vaga, é inegável que o fator de transmissão está a aumentar e já estamos na segunda vaga. O Governo e a Direção Geral da Saúde tomam medidas mais apertadas e apelam ao equilíbrio entre a retoma da vida normal e a responsabilidade dos cidadãos para se protegerem da exposição ao contágio pelo coronavírus.

Esta crise pandémica está a ter um forte impacto na economia. Estamos perante uma contração repentina

do PIB e a um aumento considerável dos apoios sociais.

As pessoas estão a mudar e as empresas também. A instabilidade, o confinamento e o medo levam as famílias a poupar. Muitas empresas estão a enfrentar dificuldades de tesouraria.

A segunda vaga da COVID-19 ameaça a recuperação da economia. A situação económica é a principal preocupação dos portugueses, seguida da saúde e do desemprego, segundo o novo inquérito do Eurobarómetro Standard, da Comissão Europeia, publicado a 23/10/2020.

A inovação digital poderá ser o motor da recuperação económica. A exigência de um dinamismo acelerado, de um conhecimento intensivo, de uma gestão compartilhada e um aumento de experiências virtuais conduzirão a uma maior importância da RSE e a Contabilidade certamente não estará alheia a este fenómeno.

“A centralidade crescente que estava a ser dada à contabilidade e à prestação de contas no contexto das organizações, bem como o seu papel no âmbito da responsabilidade social e ambiental, não deve, em momento de pré-crise, crise e pós-crise, ser esquecido. Pelo contrário, a contabilidade e os seus profissionais têm de ser ouvidos e respeitados, acarinhados e responsabilizados naquelas que são as suas funções, permitindo que os empresários se foquem no crescimento das empresas”, salienta Paula Franco, Bastonária da OCC.

De referir também que as empresas socialmente responsáveis gozam de notáveis benefícios em termos de reputação junto do público e do mundo económico em geral, melhorando assim a sua capacidade para atrair clientes, parceiros comerciais, fornecedores e capital.

A informação financeira já não basta e são divulgados indicadores sociais e ambientais. A informação extrafinanceira ocupa um lugar de relevo no meio empresarial e são divulgadas informações acerca da estratégia, governança, desempenho e perspetivas da

empresa. Os desafios à divulgação são numerosos, tanto em termos de mobilização interna como de valorização e diálogo externos.

No que diz respeito aos vetores de comunicação, as empresas têm num primeiro plano as ferramentas tradicionais, sobretudo a publicidade, e, em segundo plano, suportes específicos, nomeadamente a rotulagem social, códigos de conduta, desdobráveis, etc. e, em particular, relatórios que por si assumem distintas denominações: relatório de sustentabilidade, relatório de responsabilidade social da empresa, relatório de responsabilidade corporativa, relatório ambiental, entre outros. Estes relatórios poderão ser publicados autonomamente ou anexados, sob a forma de caderno ou capítulo, ao relatório de gestão. A informação sobre a RSE pode também ser divulgada num relatório único.

Novos conceitos e instrumentos são apurados através de um relatório integrado que consiste em fazer emergir um novo normativo internacional de relato sintético envolvendo dados financeiros e extrafinanceiros. Trata-se de uma ferramenta para as empresas transmitirem confiança aos *stakeholders*, comunicando mais claramente sobre a criação de valores, fazendo valer as suas performances financeiras, mas também sociais, ambientais e de governança.

A RSE é um desafio para a Contabilidade e empresas. Em tempo de pandemia, o mais complicado é construir o “bem”. Por que não divulgar essas práticas da melhor forma?

Os profissionais de contabilidade (Contabilistas Certificados e Revisores Oficiais de Contas) devem desempenhar as suas funções numa cultura positiva, de valores e transparência, e exercerem a sua profissão em conformidade e ética, tal como plasmado nos respetivos Códigos Deontológicos.

Mas este surto pandémico, com elevado impacto social e económico, tem gerado um grau significativo de incertezas e implicações no relato financeiro que podem ser diversas, consoante a realidade de cada



organização.

Em Portugal, a Comissão da Normalização Contabilística alerta para cuidados a ter na preparação das demonstrações financeiras. Este novo contexto exige uma reação atípica para a qual não estávamos preparados.

Investigadores, profissionais, empresas e outros grupos de interesse têm questionado a adequação do atual modelo contabilístico face aos desafios colocados pela nova tendência: a capacidade de avaliar e relatar de uma forma adequada o “património” da empresa, dadas as diferentes necessidades de informação dos *stakeholders*. A acrescentar, a exposição a riscos emergentes relacionados com as tecnologias digitais, cibersegurança e mudanças nas relações com clientes e fornecedores que exercem pressões sobre as operações e prestação de serviços.

Este novo cenário proporciona um risco de fraude e de relatos inadequados.

A incerteza gerada pela pandemia da COVID-19 exige zelo acrescido na disponibilização e tratamento de informação financeira para resposta adequada a novos riscos. A Contabilidade enfrenta efetivamente um grande desafio para se adaptar às novas necessidades das empresas. A Contabilidade deve ser pro-ativa e pragmática, dada a rapidez das novas situações e incertezas que surgem.

O relato deve ser conciso, objetivo e transparente. Devem ser tomadas medidas com um forte impacto na Contabilidade. Devemos perspetivar um futuro com tenacidade, rigor e sem ceticismo. Mas o ano de 2019 será certamente, um ano de viragem. Haverá o pré-Covid e o pós-Covid na História da Contabilidade.

Reuniões *online*,  
Devido ao confinamento,  
Até que a Covid amaine,  
Alivie o sofrimento!

E sempre que é possível,  
Teletrabalho fazer.  
Tudo é imprevisível  
Do que irá acontecer!

Em tempo de pandemia,  
Não podemos parar  
Nem entrar em histeria.  
Nosso dever é lutar!

A Economia global  
Tem futuros nunca vistos,  
Conjunto internacional  
De fenómenos imprevistos.

Às futuras gerações  
Vamos deixar uma herança:  
Tomar boas decisões,  
A vida é feita de esperança!

Uma nova realidade  
De justiça social  
Com maior equidade  
E cuidado ambiental.

Tomada de consciência  
De cada população  
É no mundo a exigência  
De toda e qualquer nação.  
Apostar na inovação,  
Resolver cada problema  
Será essa a solução  
Para melhorar o sistema.

Negócios tradicionais  
Um a um vão diminuir,  
Ferramentas digitais  
Para vencer o porvir.

Orientações diárias  
Das melhores referências,  
Atitudes necessárias  
Serão novas experiências.

Momentos de carestia,  
Transformar e poupar  
São ações do dia-a-dia  
Adaptar e reinventar.

A Responsabilidade  
Social duma Empresa  
É uma prioridade,  
Proporciona riqueza.

A sustentabilidade  
É um tema emergente,  
Mais responsabilidade,  
Preservar o ambiente.

Indicadores sociais,  
Económicos também  
E os dados ambientais  
Que a empresa detém.

Difundir o desempenho  
No devido relatório,  
Com arte e com engenho.  
O resultado é notório.

Ações socioambientais  
Melhoram reputação  
Por isso nunca é demais  
Divulgar a informação.

Mas, relato voluntário?...  
E a fiabilidade?  
Sem qualquer comentário!  
E a comparabilidade?

Demonstrações financeiras  
Já não são suficientes.  
Haverá melhores maneiras  
Mais reais mais abrangentes.

Um relatório integrado  
De elementos financeiros  
Será bem mais apurado  
Tendo extrafinanceiros.

Esta oportunidade  
Deve estar sempre presente  
Na ação da Contabilidade.  
Isto é ponto bem assente!

Um debate incontornável,  
Para muitos organismos.  
Torna-se indispensável  
Implementar mecanismos!

Enfrentar as exigências  
E com legitimidade  
Colmatando as carências,  
Dentro da normalidade.

O princípio da prudência  
Será bem mais convincente.  
Contabilidade uma Ciência  
Para valer a muita gente.

Há que lançar novos reptos  
À atual Contabilidade  
E aumentar os adeptos  
Na nossa comunidade.

No momento da verdade  
De grande transformação,  
É a vez da Contabilidade  
Trazer nova solução!

# Accounting for COVID universities

---

**AUTHOR:**

Lee D. Parker

---

**ENGLISH ABSTRACT: ACCOUNTING FOR COVID UNIVERSITIES**

A satirical reflection on corporatised universities and their obsession with education as a revenue generating mass production industry at the expense of accountability for staff and public health in the COVID-19 era.





# Accounting for COVID universities

What's important is the economy!  
Or so they say.  
Public health, black lives, any lives,  
Do any matter?  
Not much you'd think,  
Listening to polities, business and media  
All caught in the grip of prioritising  
Money over people.

And universities?  
Socially distanced from reality,  
Their leaders' brains sanitised  
Better than their hands,  
Lusting after their  
Broken business model,  
Downsizing the galley slaves  
But saving the captains.

Where's accounting and accountability  
In all this?  
Revenue stats more pervasive  
Than covid stats.  
Budget lockdowns more effective  
Than community's.  
Education industry earnings  
The focus.

And then as cases and deaths  
Accrue,  
Government goes for relaxation,  
Financial restoration,  
And stunned surprise  
At second waves.  
Accounting's win expensing  
Accountability.

As sad societal surrogates,  
Universities mask up,  
Declaring love and care  
For all.  
But we know what lies beneath  
The corporate spin.  
Eye shaded accountants in  
The counting house.

# A missão do contador nas crises

**AUTOR:**

Ludmila Zamboni de Sá  
Vasconcellos

**RESUMO EM PORTUGUÊS: A MISSÃO DO CONTADOR NAS CRISES**

Escrevi a primeira versão dessa mensagem em 27 de abril de 2020, enviei ao CFC pedindo para darem publicidade naquele momento tão difícil, mas infelizmente pelas regras internas não foi possível. Escrevi uma mensagem de apoio e motivação a todos os contadores do nosso país, e por que não do mundo?

**ENGLISH ABSTRACT: THE ACCOUNTANT'S MISSION IN CRISES**

I wrote the first version of this message on 27 April 2020, I sent it to the Federal Accounting Council asking them to publicize it during this very difficult moment, but unfortunately by internal rules it was not possible. I wrote a message of support and motivation to all the accountants in our country, and why not in the world?

**RESUMEN EN ESPAÑOL: LA MISIÓN DEL CONTABLE EN LAS CRISIS**

Escribí la primera versión de este mensaje el 27 de abril de 2020, lo envié al Consejo Federal de Contabilidad pidiéndoles que lo publicaran en este momento tan difícil, pero lamentablemente por normas internas no fue posible. Escribí un mensaje de apoyo y motivación a todos los contadores de nuestro país, y ¿por qué no del mundo?



# A missão do contador nas crises

*Escrevi a primeira versão dessa mensagem em 27 de abril de 2020, enviei ao CFC pedindo para darem publicidade naquele momento tão difícil, mas infelizmente pelas regras internas não foi possível. Escrevi uma mensagem de apoio e motivação a todos os contadores do nosso país, e por que não do mundo?*

O contador é figura ilustre do cenário econômico mundial e pode facilmente ser lembrado pelo paradoxo algoz e herói, como “mente por trás de fraudes” versus “controller ético que tudo vê”.

Por trás do contador está o ser humano, por trás do ser humano há teorias de Hobbes, Locke, Montesquieu e Maquiavel que conseguem, tirando aqui e colocando ali, nos fazer entender que o homem precisa ser regulado e aconselhado.

Um sistema contábil antiético facilita as maiores atrocidades e crises mundiais da história, quem lembra da Enron? Por outro lado, um contador ético pode prever e impedir desastres construídos por gestores imprudentes, além de contingenciar situações imprevisíveis.

Diziam-me, quando eu era engenheira, que o contador deveria saber fazer contas. Eu lhes digo que um contador deve interpretar leis como um advogado, fazer e classificar contas como um administrador e ser ético como um governante deveria ser. O contador deve ser ele mesmo em sua figura e atuação únicas, entendendo o contexto geral e amplo da saúde contábil, financeira e econômica da empresa. Um conselheiro e impulsor de instituições.

Uma crise econômica pode ser prevista e culpados podem ser apontados, medidas podem mitigar o sofrimento e a saúde das pessoas, físicas e jurídicas. O governo pode e deve apontar ações que sejam tomadas

pelas empresas no intuito de que todos caminhem em direções convergentes com a estratégia de levante de um país.

Os médicos estão na linha de frente dos hospitais, estudando casos, aprendendo dia a dia como cuidar e salvar os doentes infectados pela COVID-19. Não há como se imaginar o psicológico dentro dos hospitais nesse momento e nem a preciosidade de cada profissional da saúde para o mundo.

Atuando sem risco de vida humana, diretamente, nós, contadores, atuamos, interpretando medidas provisórias, nem sempre escritas por contadores e advogados, e certamente não escritas por usuários dos sistemas governamentais.

Devemos respeito à Receita Federal, aos fiscos estaduais e municipais, nem sempre, ou quase nunca, sinérgicos, às novas medidas de governo e todas as centenas de normas as quais a contabilidade se encontra cerceada. Além disso, prestamos apoio de consultoria de custos, indicamos melhores caminhos para clientes tentarem financiamentos, quebramos a cabeça para que menos trabalhadores sejam demitidos. Isso tudo agindo na ética, muitas vezes contra o desespero de nossos parceiros empreendedores que temem ter que fechar suas portas.

Muitos de nós abriram e abrem mão de honorários para desafogar e tranquilizar clientes em momentos de crise, muitos de nós trabalham além do contrato para que as empresas se mantenham em pé em diversos momentos, indicando novos horizontes e possibilidades. **Somos os médicos e muitas vezes os psicólogos das empresas.**

Nenhum sistema, em nenhum lugar do mundo é perfeito, o nosso não é, mas não vamos subjugar-lo,



temos uma organização ímpar que não fica atrás de países de primeiro mundo. A COVID-19 trouxe consigo inúmeras medidas provisórias as quais interpretamos, explicamos e tentamos utilizá-las da melhor forma para cada paciente, para cada história e negócio peculiar. A cada empresa que se perde, perdem dezenas ou centenas de famílias, a paz e o sustento.

A cada empresa que ruí, a sociedade demanda mais de nosso Bastão, de nossas Serpentes, de nossas Asas e de nosso Elmo, todos agindo em conjunto contribuindo de forma essencial para balança econômica e social de nossa nação. Mais do que a crença no nosso símbolo, nesse momento o mundo necessita do nosso engajamento.

O que eu peço aos contadores nesse momento é paciência, determinação, foco e ética. Não abandonem seus pacientes, quanto mais valor você mostrar que tem mais irá brilhar nossa profissão. Esse é o momento de cuidarmos dos nossos pacientes sob o manto de valor da nossa profissão, de uma maneira justa e humilde. Vamos ajudar a levantar esse país novamente, estamos todos juntos!

Ludmila Zamboni de Sá Vasconcellos

Contadora

# Oser la rencontre avec le monde pour le transformer : plaidoyer pour un désenclavement de la recherche en sciences de gestion

**AUTEUR:**

Thierry Viale

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: OSER LA RENCONTRE AVEC LE MONDE POUR LE TRANSFORMER : PLAIDOYER POUR UN DÉSENCLAVEMENT DE LA RECHERCHE EN SCIENCES DE GESTION**

La crise sanitaire du COVID-19 agit comme une loupe grossissant la césure entre la recherche en sciences de gestion et le monde économique; deux mondes qui peinent à se rencontrer puisque, paradoxalement, les résultats de la recherche parviennent très rarement aux praticiens après avoir emprunté de longs et sinueux chemins éditoriaux. A la suite d'une analyse des points de fermeture du champ scientifique en sciences de gestion et de ses pesanteurs éditoriales, cet essai polémique, mais constructif, fait des propositions concrètement applicables à très court terme, pour favoriser le dialogue entre chercheurs et praticiens.

**ENGLISH ABSTRACT: YOU ACADEMIC, DON'T BE SO OBLIVIOUS OF THE WORLD! A PLEA FOR GREATER OPENNESS OF RESEARCH IN MANAGEMENT SCIENCES IN THE CONTEXT OF HEALTH CRISIS**

The COVID-19 health crisis acts as a magnifying glass revealing the gap between management sciences research and the economic world; two worlds that struggle to meet since, paradoxically, research results rarely reach practitioners because of too long and winding editorial paths. Following an analysis of the locking points of the scientific field in management sciences and its editorial constraints, this polemical but constructive essay makes concrete proposals that can be applied in the very short term to promote dialogue between researchers and practitioners.



# Oser la rencontre avec le monde pour le transformer : plaider pour un désenclavement de la recherche en sciences de gestion sur fond de crise sanitaire

## Introduction

La crise sanitaire de la COVID-19 est une période particulièrement propice à un retour réflexif sur le mode de vie des sociétés humaines : digitalisation des échanges, circulation planétaire des personnes et des marchandises, croissance des populations, développement de mégalo-pôles, course à la performance tout au long de la vie... S'agissant de l'économie de marché il est manifeste que le paradigme fondé sur l'accumulation de richesses montre ses limites de manière dramatique. En effet, la surproduction-surconsommation épuise non seulement les ressources planétaires mais elle met aussi en danger physique les êtres humains. Hier, on parlait du réchauffement climatique, aujourd'hui la COVID-19 amplifie le mouvement de déstabilisation du monde. En bref, il convient d'agir pour changer nos pratiques de plus en plus dommageables pour les générations futures.

Changer nos pratiques pour transformer le monde est une tâche particulièrement rude que d'aucuns considèrent illusoire, naïve ou tout bonnement impossible tant le modèle de l'économie de marché – et en particulier sa logique de performance – est si profondément inscrit en nous. Cette performance consubstantielle au capitalisme est devenue un impensé qui structure nos esprits et nos actions. Je voudrais ici analyser combien le monde académique si souvent prompt à la critique du monde « des autres » peut et doit d'abord se soumettre à l'examen critique de son monde « à lui ». C'est une condition indispensable s'il veut participer à la transformation du monde plutôt que de favoriser la reproduction de pratiques désastreuses. Le contexte de COVID-19 en appelle à notre sens des responsabilités et nous sommes tenus de réagir. Les écoles de commerce ont un rôle à jouer ici.

Les écoles de commerce et plus largement les sciences de gestion ont le vent en poupe (Mitrofanoff, 2019). Très nombreux sont les étudiants qui lorgnent sur elles pour un emploi. À ce titre, la responsabilité sociale de l'enseignement en sciences de gestion est immense : la salle de classe est un espace majeur de la formation des acteurs économiques. Or, aux yeux de plus en plus d'observateurs, l'objectif de base n'est plus de former des « faiseurs » performants et parfois serviles. C'est tout l'inverse, il faut plutôt former des acteurs responsables, aptes à penser par eux-mêmes, y compris de manière critique afin d'élaborer de nouvelles manières d'organiser, d'échanger, de valoriser. La crise financière de 2008 a forcé les écoles à se questionner sur leur responsabilité. Depuis, le développement de nouveaux cours comme la Responsabilité Sociale de l'Entreprise ou l'Éthique des Affaires permettent aux étudiants de mieux réfléchir aux conséquences sociales ou environnementales de leurs futures pratiques. Bien du chemin reste à faire dans ce sens, mais c'est, gageons-le, la base prometteuse pour la diffusion d'une économie plus solidaire et responsable à l'attention des nouvelles générations.

Je voudrais maintenant aborder le volet de la recherche en sciences de gestion car elle joue également un rôle crucial aussi bien auprès des étudiants que des praticiens en activité. Car il ne s'agit pas de s'adresser aux étudiants uniquement. Dans sa préface à « De la division du travail social », Durkheim (1893), le très éminent sociologue, énonce sans détour sa conception de la recherche : « *Nous estimerions que nos recherches ne méritent pas une heure de peine si elles ne devaient avoir qu'un intérêt spéculatif. Si nous séparons avec soin les problèmes théoriques des problèmes pratiques, ce n'est pas pour négliger ces derniers : c'est, au contraire, pour nous mettre en état de les mieux résoudre* » (Durkheim, 1893, p. XXXIX).



Aucune discipline, *a fortiori* les disciplines appliquées comme le droit, la médecine, l'ingénierie et la gestion, ne devrait en effet échapper à sa vocation ultime qui consiste à partager ses avancées avec le plus grand nombre et, idéalement, pour le plus grand bien de tous. Cette crise sanitaire agit comme un rappel à l'ordre de notre devoir de ne pas oublier le monde au profit de nos logiques individuelles de carrière. Aussi la connaissance scientifique produite, accumulée et formalisée par les sciences de gestion devrait-elle être accessible à une audience variée rassemblant aussi bien le chercheur que le praticien voire le simple citoyen. Accéder au praticien et l'aider à réfléchir autrement, c'est aussi la mission du chercheur, tout particulièrement lorsque l'on s'inscrit dans le courant critique si désireux de faire changer les choses vers plus d'humanité. Le problème c'est que la connaissance produite par la communauté scientifique peine à dépasser le cercle trop restreint des chercheurs qui finissent par se parler à eux-mêmes en délaissant le monde profane. Tour d'ivoire en somme, mais résultat bien paradoxal pour des disciplines appliquées au monde de l'économie pourtant bien réel lui et pourtant en si grand besoin de soin... Alors les docteurs de tous ordres devraient s'y mettre !

On pourrait se rassurer en pensant que la recherche atteint au moins les étudiants puisque les institutions déclarent favoriser un enseignement « guidé » ou « informé par la recherche » (Joseph-Richard et al., 2020). Les futurs praticiens seraient donc un jour exposés aux dernières avancées de la recherche. Sommes-nous rassurés ? Non, car mon expérience de dix ans en classe me fait dire que le transfert des résultats de la recherche aux étudiants n'est pas acquis, loin s'en faut. Les doctorants exceptés, chaque année un nombre important d'étudiants fait remarquer l'aridité des textes scientifiques qui leur demeurent inaccessibles. Les plus persistants confessent qu'après maints efforts pour percer la signification du texte, ils demeurent interdits quant à la portée pratique de ce qu'ils lisent. Alors les plus facétieux de mes détracteurs objecteront que « *there is nothing more practical than a good theory* » (Lewin, 1951, p. 169). Certes, à condition de mettre la recherche à disposition du public dans un

style plus accessible. Voilà un chantier d'avenir car le champ lexical inutilement ésotérique et pédant crée souvent un écran – de protection ? – entre le chercheur et le lecteur.

Venons-en maintenant à l'économie de la recherche qui, tout à l'aveuglement de sa logique de performance-reconnaissance, en vient à oublier ses finalités ultimes : c'est-à-dire le dialogue avec le monde social et économique à qui elle doit tant et à qui elle devrait rendre davantage. Nos salaires nous obligent. Reconnaissons que la recherche en sciences de gestion est une activité lucrative étonnamment invisible. Lorsque je parle de mon métier avec des non-académiques, ils découvrent l'existence d'une recherche dans ce domaine. Un éminent collègue ancien éditeur en chef d'une revue phare m'a confessé un jour ne pas vraiment avoir d'abonnement spontané et que les chiffres du lectorat étaient artificiellement dopés par les inscriptions à la conférence éponyme de sa revue... En clair, l'une des plus prestigieuses revues au monde est quasi-ignorée du monde des praticiens. Un cas emblématique qui en dit long.

Questionner l'invisibilité de la production scientifique en gestion est à mon sens la question centrale. Fidèle au principe selon lequel la valeur d'une production scientifique réservée à ses pairs ne vaut pas une heure de peine, quelle peut être la contribution des sciences de gestion et donc des écoles de commerce face à l'urgence de changer les pratiques économiques dommageables ? Car rappelons-le, l'économie de marché et la logique d'accumulation ostentatoire qui l'accompagne ont une part importante dans la crise sanitaire. C'est peut-être même au cœur de celles-ci qu'elle vient se nicher. Il est donc temps de se livrer à un retour réflexif de nature à faire évoluer nos modes de vie qui ne sont jamais que le reflet de nos façons de penser, et il faut partager largement ces travaux. Pour cela, il faut favoriser la circulation des idées novatrices émanant du champ scientifique afin qu'elles aillent à la rencontre des praticiens et des décideurs. Il faut donc dialoguer, expliquer, convaincre au-delà de l'arène académique. Ma contribution consiste ici à réfléchir aux

conditions de possibilité d'une meilleure circulation des résultats de la recherche en gestion afin d'en faciliter l'accès aux étudiants et aussi aux praticiens, car ils sont les initiateurs des politiques économiques et sociales de demain. A ce titre, il vaut la peine de leur parler surtout si l'on souhaite développer une économie plus responsable et respectueuse.

### Les points de fermeture

La fermeture de la recherche en sciences de gestion revêt plusieurs aspects. Elle est tout d'abord inscrite dans *un certain sens du jeu qui encourage un rapport esthétique des chercheurs à leur objet*. Un nombre très significatif d'entre eux n'ont cure de la finalité pratique ou applicative de leur recherche car les mécanismes institutionnels de promotion ne les y incitent nullement. Comme je le disais à une sommité de mon domaine : « ta carrière est construite sur du sable; pourvu que les vents ne soufflent pas ! » Nous ne nous sommes jamais revus. Je note des efforts cependant pour mesurer l'impact de la recherche au-delà du cercle fermé du monde académique. En Grande-Bretagne, la mesure d'impact sur la société civile est en train de se développer mais il est encore tôt pour en apprécier les effets car les mécanismes de promotion persistent à survaloriser les publications dans les revues de tout premier plan qui marginalisent souvent les questions pratiques. Pour l'heure, les chercheurs entretiennent une relation esthétique voire ludique à leur recherche qui se rapproche assez bien de l'aventure esthétique définie par Jankelevitch (1963) où le jeu le dispute au sérieux : « *Et voici maintenant [par opposition à l'aventure mortelle] un type d'aventure dans lequel nous retrouverons l'aventureuse ambiguïté du jeu et du sérieux : mais cette fois c'est le jeu qui prévaut. [...]* Cette aventure est donc surtout de type esthétique » (Jankélévitch, 1963, p. 29).

N'avez-vous jamais entendu un collègue dire « *la recherche est un jeu ?* » ou tel ou tel se pâmerait d'aise à la vue d'un nuage de points ou d'un concept intellectuellement excitant – au demeurant, concept souvent emprunté à une discipline voisine comme

la philosophie ou la sociologie... Je commencerais par dire qu'un jeu doit être plaisant sinon il tourne à la perversion. Or combien de chercheurs sont en souffrance dans ce jeu ? Il convient donc de questionner les règles de ce prétendu jeu. Mais faire cela n'est pas seulement rabat-joie aux yeux des gardiens de l'orthodoxie, c'est aussi dangereux pour la carrière et le système dans son entier car la croyance n'aime pas être mise en doute. Imaginez que l'on change certains critères d'évaluation des revues qui comptent et les classements pourraient s'en trouver bouleversés dans un monde... Inchangé ! Filons la métaphore, si la recherche est un jeu, cela veut aussi dire qu'elle n'est pas aussi sérieuse qu'on pourrait le penser, qu'on peut la comprendre comme une comédie avec son théâtre, sa scène, ses textes, ses acteurs principaux et secondaires, ses talents non reconnus, ses « stars » montantes ou déchues, ses intermittents précarisés, bref une vraie troupe qui ne semble pas perturbée outre mesure par le fait de ne pas donner de représentation devant son public final, le lectorat non académique, alors que l'urgence sanitaire dicte ses priorités. Ce qui pose par ailleurs des problèmes éthiques. Peut-on être subventionné sans rendre des comptes à la société qui subvient à vos besoins, sans passer pour un cuistre ? Poussons l'analyse des mécanismes de fermeture qui font écran au dialogue avec la société civile.

La césure entre le monde scientifique et profane est renforcée par *les systèmes de classements des revues et les mesures d'impact* qui valorisent très largement les revues dans lesquelles la recherche empirique n'est, bien souvent, qu'un prétexte à satisfaire des fins bien plus personnelles, on l'a vu. Les classements du *Financial Times*, *Association of Business Schools*, CNRS... s'accordent peu ou prou à consacrer les mêmes revues. A la croyance que ces revues sont nécessairement de qualité puisque recueillant l'accord du cénacle des juges en légitimité scientifique, j'oppose qu'elles ont surtout en commun des pratiques semblables de sélection qui consolident la légitimité de ceux qui les consacrent. Elles sont les gardiennes de l'orthodoxie d'une certaine façon de faire de la « science ». Autrement dit, c'est l'uniformité

de pensée qui prévaut et ici la norme pèse très lourd. Avez-vous déjà vu un seul grand penseur inspirant les articles de ces revues publier lui-même dans ces revues ? Dans mon intrépidité quasi suicidaire, je crois pouvoir dire que les grands noms de la *French Theory* n'ont jamais publié dans des revues de premier plan ce qui ne les empêche pas de faire des scores de citations étourdissants. Foucault ou Bourdieu se situent entre 1.000.000 et 800.000 citations sur Google Scholar. En clair, leur influence dépasse très largement la communauté scientifique, et cela bien après leur disparition respective en 1984 et 2002. En comparaison, des chercheurs renommés dans le champ de la gestion comme Kathleen Eisenhardt qui enregistre 185.000 citations, Mats Alvesson 87.000 ou Hugh Willmott 48.000 posent la question de l'impact réel sur le public non académique. Une fermeture enfin inscrite dans *les mécanismes de fonctionnements éditoriaux*. La normalisation de la pensée scientifique et sa logique poppérienne fondée sur le couple épistémique contribution/falsification (Popper, 1953), génère une bureaucratie zélée de contrôleurs de la preuve laissant peu d'espace à des formes d'expression alternatives et encore moins de place aux acteurs du monde profane. Les revues reconnues en gestion qui tentent le dialogue avec le monde économique et social ne sont pas nombreuses et rarement critiques. On peut citer Harvard Business Review que l'on trouve dans les kiosques à journaux; et MIT Sloan Management Review qui a d'ailleurs publié le 15 octobre 2020 un article de Dykes et al. en lien avec la COVID-19 : « *Responding to Crises With Speed and Agility : The pandemic has shown how both speed and agility can help drive global business during a crisis* » (2020). Choix éditorial qui souligne un certain souci de réactivité et d'engagement de la revue avec le réel.

Cela m'amène à souligner que le cycle éditorial qui démarre depuis la soumission d'un article jusqu'à son acceptation définitive va s'échelonner sur plusieurs années. À ce temps, il convient ensuite d'ajouter le temps de publication qui peut rajouter plusieurs mois. Un ami professeur de médecine ayant publié de nombreux articles dans des revues médicales de

tout premier plan s'étonnait des temps d'acceptation bien supérieurs à sa discipline qui requiert pourtant la prudence. Le vif débat sur l'usage de la chloroquine en atteste (Brigaudeau, 2020). Le cycle particulièrement lent en gestion crée des effets retards considérables que la prudence ne saurait justifier mais qui traduisent davantage les faibles enjeux économiques et sociaux de la recherche publiée dans les revues les plus reconnues.

À titre d'illustration, je me suis livré à un examen des articles publiés au cours des derniers mois dans des revues très sélectives comme *Academy of Management Journal*, *Administrative Science Quarterly* ou *Organization Studies*. À la date où j'écris ce texte (septembre 2020), il ressort de cette analyse qu'aucun article traitant des problématiques de la crise sanitaire de la COVID-19 ne semble avoir encore été publié dans ces revues où de nombreux articles portent sur la performance de l'économie d'avant-crise. Les rares articles critiques étant plutôt axés sur le post-colonialisme et les études de genre. En bonne logique, les revues sélectives ne devraient pas donner à voir de réflexions sur la COVID-19 avant plusieurs mois alors que la crise sanitaire a démarré en Chine en novembre 2019. Près d'un an plus tard, l'immense majorité du champ de recherche en gestion demeure silencieux sur le sujet. Même en lançant demain un numéro spécial sur le thème de la pandémie et le recours au télétravail ou la gestion du personnel en contexte critique, il faudrait attendre de longs mois avant que les articles composant le numéro spécial ne soient sélectionnés et prêts à publier. Un vaccin pourrait même être élaboré avant la publication des tous premiers articles. Pendant ce temps, la crise sanitaire se poursuit, les revues restent dans l'ombre et les réflexions ne circulent pas assez largement. Les enseignants en gestion qui désirent intégrer des thématiques en lien avec la COVID-19 peuvent donc difficilement recourir aux publications des revues scientifiques des dix derniers mois.

Que cela peut-il bien dire ? À partir du moment où l'acceptation ne porte pas tant sur les enjeux de la découverte que sur la soi-disant validité interne de



la recherche ou l'élégance de sa démonstration, les réviseurs peuvent à loisir exercer leur pouvoir de rejet ou de renvoi à correction car l'enjeu devient ici davantage une lutte pour le contrôle de l'entrée dans le champ aussi bien que pour la sélection des débats scientifiquement légitimes (Bourdieu, 1993). Le copinage parachève la fermeture du champ. Pour s'en convaincre, un regard attentif sur la composition des comités de lecture des revues fait apparaître que les mêmes personnes occupent souvent les places stratégiques dans le monde de l'édition scientifique en gestion. Je suis convaincu que nombre de chercheuses ou chercheurs de qualité peuvent malheureusement demeurer dans l'ombre de ce champ où le succès le doit autant à la politique, au fait du prince, qu'à la rigueur intellectuelle et à l'originalité des objets étudiés. Car la science, y compris la plus *hard*, comporte son versant *soft*. Humain... trop humain disait Nietzsche (1878). Les réseaux, les renvois d'ascenseur, les bons coups sont souvent éloignés de la rigueur scientifique. Tout le monde le sait, nombreux s'en plaignent, beaucoup en pâtissent, peu osent l'écrire. La doxa est à l'omerta car la rhétorique l'emporte trop souvent sur le courage dans ce milieu. Dommage.

### **Adopter un esprit de plus grande responsabilité envers la société civile**

Nous avons une responsabilité vis-à-vis de la société civile qui, directement ou indirectement, finance les programmes de recherche. Nous avons aussi le devoir de contribuer à la transformation d'un monde éco-responsable et sani-responsable à plus forte raison que le contexte sanitaire nous y incite. Pour favoriser le dialogue entre scientifiques et praticiens, je propose ici d'ouvrir le débat par quelques pistes liminaires :

1. Ouvrir l'espace éditorial en limitant le nombre des positions occupées par une seule personne dans les comités de lecture. Limiter également les postes de réviseurs car les revues ne sont pas assez nombreuses. Un quota de non-académiques pourraient être intégrés pour diversifier les points de vue.

2. Valoriser un style de révision plus constructif et inclusif qui découragerait la tendance au rejet souvent réflexe. Responsabiliser les réviseurs en mettant fin à leur anonymat au terme du processus de révision pourrait favoriser la clarté et améliorer l'esprit de leurs commentaires.
3. Encourager le lien avec le monde non académique en faisant entrer des praticiens ouverts au débat dans les comités de lecture et leur laisser une part de jugement sur les articles. Développer la création de rubriques ou sections « implications pratiques » dans les articles de recherche. Ces rubriques pourraient être évaluées par des praticiens.
4. Repenser les critères de mesure des revues scientifiques dites « exigeantes ». La mesure du facteur d'impact pourrait s'affiner en distinguant « qui cite ? ». Une citation par des pairs serait distinguée d'une citation par des personnes « hors champ » scientifique afin de mettre en lumière la pénétration des idées au-delà la communauté scientifique et mieux mettre en lumière l'impact social.
5. Rémunérer les réviseurs afin d'encourager une meilleure qualité de révision et aussi parce qu'il n'est pas éthique que les revues fassent leur profit sur la gratuité des contributeurs. Les rémunérations des contributions encourageraient peut-être la participation d'experts non académiques.
6. Réduire les temps d'acceptation a fortiori pour les articles qui accepteraient de développer des rubriques/sections « implications pratiques ».

La discussion est ouverte... Les esprits le sont-ils ?

### **Références**

Bourdieu, P. (1993). *Contre-feux*. Raisons d'agir.

Brigaudeau, A. (2020). « Coronavirus: L'article à lire pour comprendre le débat sur la chloroquine (ou plutôt l'hydroxychloroquine ». *France Info Ressources En Ligne*. <https://www.francetvinfo.fr/sante/maladie/coronavirus/coronavirus-l-article-a-lire-pour->

[comprendre-le-debat-sur-la-chloroquine-ou-plutot-l-hydroxychloroquine\\_3914519.html](https://doi.org/10.3390/ijerph140503914)

Durkheim, É. (1893). *De la division du travail social*, Paris: Presses Universitaires de France. *Publié Pour La Première Fois En France*.

Dykes, B. J., Hugues-Morgan, M., Kolev, K. D., & Ferrier, W. J. (2020). Responding to Crises With Speed and Agility. *MIT Sloan Management Review*. <https://sloanreview.mit.edu/article/responding-to-crises-with-speed-and-agility/>

Jankélévitch, V. (1963). *L'Aventure, l'Ennui, le Sérieux-chapitre I-Prépas scientifiques 2017-2018*. Flammarion.

Joseph-Richard, P., Almpanis, T., Wu, Q., & Jamil, M. G. (2020). Does research-informed teaching transform academic practice? Revealing a RIT mindset through impact analysis. *British Educational Research Journal*, 47(1), 226–245.

Lewin, K. (1951). *Field theory in social science: Selected theoretical papers (Edited by Dorwin Cartwright.)*.

Mitrofanoff, K. (2019). Ecoles de commerce, le fabuleux succès français. *Challenges*. [https://www.challenges.fr/emploi/formation/ecoles-de-commerce-le-fabuleux-succes-francais\\_689088](https://www.challenges.fr/emploi/formation/ecoles-de-commerce-le-fabuleux-succes-francais_689088)

Nietzsche, F. (1878). *Humain, trop humain*. Gallimard.

Popper, K. R. (1953). *La logique de la découverte scientifique*. Editions Payot.

# Balance de situación de la pandemia COVID-19 en España: Las cuentas de una sociedad quebrada

## AUTORES:

Pablo Gómez-Carrasco,  
Carla Antonini,  
Mercedes Luque-Vílchez

## RESUMEN EN ESPAÑOL: BALANCE DE SITUACIÓN DE LA PANDEMIA COVID-19 EN ESPAÑA. LAS CUENTAS DE UNA SOCIEDAD QUEBRADA

A través de esta poesía buscamos explicar de una manera original el impacto que ha tenido la pandemia COVID-19 en España. Para ello, utilizamos a modo de alegoría un hipotético balance contable en cuyo activo situamos los principales recursos con los que el país se está enfrentando a la crisis y, por otro lado, en el pasivo señalamos los numerosos inconvenientes que lastran la recuperación. Continuando con el paralelismo contable, y dado que a nuestro juicio los pasivos exceden con creces a los activos, concluimos que la situación es de quiebra social. Nuestra intención es señalar las debilidades sobre las que trabajar para evitar impactos tan negativos en el futuro.

## ENGLISH ABSTRACT: THE BALANCE SHEET OF THE COVID-19 PANDEMIC IN SPAIN: THE ACCOUNTS OF A BROKEN SOCIETY

Through this poem we seek to explain in an original way the impact of the COVID-19 pandemic in Spain. To do so, we use as an allegory a hypothetical accounting balance sheet in whose assets we place the main resources with which the country is facing the crisis and, on the other hand, in the liabilities, we point out the numerous drawbacks that hinder recovery. Continuing with the accounting parallelism, and given that in our opinion the liabilities far exceed the assets, we conclude that the situation is one of social bankruptcy. Our intention is to point out the weaknesses to work on in order to avoid such negative impacts in the future.





# Balance de situación de la pandemia COVID-19 en España: Las cuentas de una sociedad quebrada

Recuerdo antes de la sacudida,  
esperando el milagro de los trenes  
que vuelven a llenar los andenes  
con viajeros llenos de vida

Teníamos ya un activo desgastado  
con partidas intangibles  
Que, aunque logran imposibles  
No compensan un pasivo desbocado

En cuanto al activo social,  
La dificultad para conciliar  
En el ámbito familiar  
No parece ser un tema crucial

La pasión de nuestros sanitarios entregados  
La vocación de maestros y profesores  
La entrega de maravillosos agricultores  
Y todos injustamente infravalorados...  
Analizando la relación de pasivos  
una preocupante dependencia del turismo  
cuando el mundo para es un seísmo  
Pero éste sólo es uno de los motivos

Montes, llanuras y mares olvidados  
Un medioambiente ajusticiado  
Por sus propios hijos multiplicados  
Que tenemos en cero valorado

En relación a la investigación,  
Encontramos algunas partidas  
necesarias para encontrar salidas  
a las que no prestamos atención

Con sectores públicos ya deteriorados  
Tras años de interminables recortes  
No hay pueblo que lo soporte  
Estos servicios deberían ser sagrados

La pandemia pronto será superada  
quizás lo recordaremos como un mal cuento  
Pero éstas son por el momento  
Las cuentas de una sociedad quebrada

# To lockdown or not to lockdown?

---

**AUTHOR:**

Paolo Quattrone

---

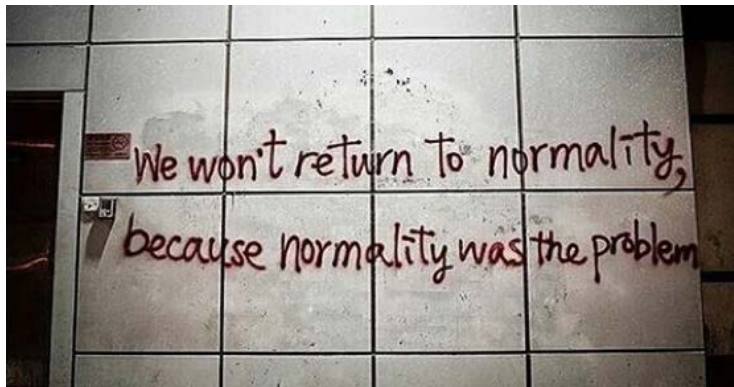
**TO LOCKDOWN OR NOT TO LOCKDOWN?**

This is a short reflection on why the world we live in is so little attractive that the lockdown looks like a relief for some.



# To lockdown or not to lockdown?

Among the various posts on Facebook during the COVID-19 crisis, this photo attracted my attention:



And while I know the lockdown is terrible for many, this photo made me think why it may be less of a problem for others. Because the normal that we left behind is not the normal we like and we want to go back to. We are almost scared of it. We are scared by the crowded trains and traffic jams on our daily commutes. We are afraid of the pollution that makes our white collar black when we take the tube in London. We hate our tasteless sandwiches eaten in front of a PC or alone during shorter and shorter lunch breaks. We are tired of work places where we do not feel we belong anymore, where a lack of sense of purpose at work has become a lack of sense of purpose in life. We tremble at the thought of the possibility of going back to a jungle of individualism now that we have rediscovered the importance of families and neighbours. We are horrified at the idea of travelling for the whole week, so tired on a Friday afternoon that when we get back home, we are so tired that we do not even want to speak to our children and, even worse, if we have the strength to do that, we do not even understand why what they are talking about is so important for them and so meaningless and futile for us. The lockdown has made us less scared by the league of gentlemen's famous 'local shop for local

people' line as we have realised how fragile this global and interconnected world is and how far more rewarding to have a meaningful interaction with our local supplier rather than a giant and anonymous supermarket is.

The lockdown has been a great opportunity for reflection. A great opportunity to assess which activities are necessary and which are not. How many useless meetings do we normally attend? And how big is the risk of going back to a new normality where this nonsense is repeated virtually? We should take this opportunity to think small and big at the same time. To think small as we want to reflect on what is really important for us in life, what is meaningful what is valuable and what is not. We should think big, as this is not a reflection that we can carry on our own, it requires a big change in the institutional arrangements that rule our lives. These include shopping habits (how many of us have realised we can live with much less but of a better quality?); our working routines (how many of us have realised that layers of bureaucracy are actually useless, alienating, demotivating and de-professionalising for both those who run and are run by such administrative procedures?); our definition of success (how many of us have reflected on whether the incentive systems we are subjugated to are actually directing us to very superficial and commodified values rather than toward those that have driven us to choose our jobs in the first place?). and possibly it is possibly from this idea of success that we should re-start from and think of the now already infamous 'new normal': success as in its Latin etymology of 'succession' of something that persists regardless and beyond its contingent, transient and material objectives to guarantee instead the persistence of the community that we want to live in, be this our village, our workplace or our own mother earth. It is not just a matter of scale. It is a matter of what kind of principles we want to have to rule the relationships between ourselves and with



nature, knowing that every self exists only in relation to the other, as Paul Ricoeur has taught us, and that, as Bruno Latour has reminded us, the distinction between humans and natural is artificial. It is very likely as artificial as the intelligence that will supposedly, and in someone's dreams, will take the toll away from us of the hard work needed to keep us together.

The lockdown has set us a challenge, that of not going back to that normal that now vividly seems so absurd and undesirable. The question is whether we will all and collectively be up to that challenge. If we are, then those thousands of lives will not be lost in vain. But this is already what we normally say in order to go back to our normal lives, and we should therefore find a new vocabulary and a new language to narrate the world to which we do not want to go back and we instead aspire.

# Entangled boundaries of health, politics, and class: Crisis American style as of August 2020

**AUTHOR:**

Louella J. Moore

**ENGLISH ABSTRACT: ENTANGLED BOUNDARIES OF HEALTH, POLITICS, AND CLASS: CRISIS AMERICAN STYLE AS OF AUGUST 2020**

A shared problem can encourage a spirit of unity or harden animosities between groups. In the United States, the health crisis polarized political rhetoric and highlighted latent problems in the social fabric.

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: FRONTIÈRES ENCHEVÊTRÉES AUTOUR DU TRIANGLE SANTÉ, POLITIQUE ET CLASSE SOCIALE : LA CRISE À L'AMÉRICAIN AU MOIS D'AOÛT 2020**

Un problème partagé en commun peut encourager un esprit d'unité ou durcir les animosités entre les groupes. Aux États-Unis, la crise de santé a polarisé la rhétorique politique et mis en évidence des problèmes latents dans le tissu social.

**RESUMO EM PORTUGUÊS: LIMITES EMARANHADOS DA SAÚDE, POLÍTICA E CLASSE: A CRISE AO ESTILO AMERICANO EM AGOSTO DE 2020**

Um problema comumente partilhado pode fomentar um espírito de unidade ou endurecer as animosidades entre grupos. Nos Estados Unidos, a crise dos cuidados de saúde polarizou a retórica política e ressaltou os problemas latentes no tecido social.

**RESUMEN EN ESPAÑOL: LÍMITES ENTRELAZADOS DE SALUD, POLÍTICA Y CLASE SOCIAL: LA CRISIS AL ESTILO AMERICANO A PARTIR DE AGOSTO DE 2020.**

Un problema compartido comúnmente puede fomentar un espíritu de unidad o endurecer las animosidades entre grupos. En Estados Unidos, la crisis de la salud ha polarizado la retórica política y ha dejado al descubierto problemas latentes en el tejido social.



# Entangled boundaries of health, politics, and class: Crisis American style as of August 2020

COVID-19 was first detected in the U.S. in February 2020. By mid-March the invisible virus had spread through all 50 states. Despite temporary business and personal lockdowns, the assailant was stealthy and relentless. By the second week of April, America had the world's highest number of deaths from the disease (Sachs, 2020). A shared problem can foster a spirit of unity, or harden the boundaries and animosities among groups. In America it has frequently been the latter with political rhetoric and popular movements highlighting problematic social boundaries.

Given that individualism is a core value in American culture, early in the crisis some interpreted the requirements to shelter in place and wear a mask as an assault on personal rights. Others claimed COVID-19 was a hoax. Because early casualties were highest among the elderly and those with pre-existing diseases, media personalities and even some scientists opined that the COVID-19 virus was no more serious than the common flu. At least one political pundit brazenly argued that those killed were probably 'on their last legs anyway' so the policy emphasis should be on protecting and opening up the economy (Spocchia, 2020). Soon it became apparent that poorer citizens, those living on Native American reservations, and persons of color were dying at much higher rates than white counterparts. In time, it became apparent this disease was very different from any previously experienced. With limited testing capacity, asymptomatic cases that functioned as super-spreaders made the virus extraordinarily difficult to contain.

In the U.S., every aspect of the COVID-19 crisis seemed to fuel ideological conflict. Science and politics worked at cross purposes. Prominent political leaders encouraged the public to try unproven medicines and berated staff in the Center for Disease control for using science as

an excuse to hold the American economy hostage. Notable political figures evoked the language and tactics of blame, referring to the virus as the '*Chinese disease*', threatening cuts in World Health Organization contributions, and making targeted changes in tariffs. Members of rival political parties filed motions to have mayors' and governors' restrictions on mass gatherings set aside as inappropriate interference with rights of church members to assemble at will. Some national and state leaders purposely went full speed ahead with mass political rallies with little social distancing and no requirement for face masks. Areas reluctant to reopen their schools were threatened with loss of federal funds. International students attending colleges that had adopted an online mode of education were initially told they would not be allowed to remain in the U.S. Wall-building and arrests of immigrants at the U.S./ Mexican border intensified. Persons incarcerated in state, local, and federal prisons along with immigrants held in detention centers were infected with the virus at alarming rates.

An economic stimulus check for approximately \$1,200 per adult was issued in April to those who filed a tax return the prior year. The federal government provided a supplement to unemployment funds even as some criticized this move as creating an incentive not-to-work. Others used the crisis to argue for a minimum social wage and a single-payer public health program. Workers in grocery stores and food service manufacturing facilities were exposed to significant health risks, expected to work with inadequate personal protection equipment and no additional compensation for hazardous conditions. Those too fearful to show up for work under these conditions were denied medical leave and unemployment benefits. A system of forgivable loans was put in place to help businesses survive the economic fallout. Some complained that the airlines



and other large companies received the lion's share of assistance, colloquially referred to as *corporate welfare*. With the loan program having been rolled out in all due haste, there was considerable uncertainty about what businesses had to do for their loan balances to be forgiven. Initial guidelines indicated the money could be kept only if spent primarily on salaries of existing employees. Rules were later revised to allow use on a broader range of essential expenses.

States, cities, hospitals, and nursing homes were left to compete against each other for scarce personal protective equipment as national leaders chose not to invoke their constitutional right to appropriate manufacturing capacity during a national emergency. Colleges were served with lawsuits requesting tuition refunds based on arguments that the rapid transition from face to face into online delivery did not provide students with an equivalent value. Going into the fall term, public school teachers and university staff alike have many concerns about safety issues related to in-person instruction. Some schools decided in spring 2020 that they would remain online for the coming year. For campuses planning on face to face instruction, some faculty with personal or family health issues were allowed to opt for teaching online. Others were told they had no option but to return to classrooms with social distancing. Teaching in masks, public school and college faculty will be expected to simultaneously meet the needs of students in a physical space and provide videos or other modes of instruction for those not choosing to be physically present. Accommodations are to be made with little additional support or, in some cases, with pay cuts. Given that some public school teachers died from COVID-19 over the summer and recreational camps became transmission hotspots, it is not surprising that talk of union boycotts is rumoured in the run up to the fall school term. Public schools that opened in early August had students and teachers testing positive on the first day of class, adding to the anxiety of students, teachers, and parents when schools open in other areas.

Campus administrators are subject to political and financial pressure to open dorms and hold face to face classes. Those choosing to open typically are modifying their academic calendar to allow all students to leave campus before Thanksgiving (the last week of November) and not return until January. Such decisions are impacted by the burden of fixed costs, how relief programs are structured, and predictions of a second wave of disease. The CARES (Coronavirus Aid, Relief, and Economic Security) Act provides colleges with funds to help offset increases in qualified expenses from the restructuring of instruction because of the pandemic. If dorms are opened but later have to re-close, relief funds can be used to cover proportionate refunds. The funds cannot be tapped for lost revenue from not opening dorms at all (see [here](#)).

As colleges and businesses move more of their operations online, inequities in the digital infrastructure are magnified. While the CARES Act allows colleges to buy computers and loan them to qualified students, dealing with low bandwidth or lack of wireless services has a disproportionate impact on low-income students, those living in rural areas, and students with children or other adults in the home working through shared bandwidth. Faculty are faced with the problem of re-thinking assessment strategies to match an environment where no amount of technology is adequate to make traditional fact-based tests completely secure from content leakage.

In the midst of genuine and manufactured controversy over how to handle health issues, economic relief, and school openings, the populous took to the streets to draw attention to social justice issues. The most visible activist marches occurred after a bystander captured a nine-minute video of a black man, George Floyd, crying that he 'could not breathe' before dying under police restraint. The image of Mr. Floyd's death evoked a collective recollection of other instances of racial injustice, erupting in *Black Lives Matter* (BLM) protests in cities across the U.S. and even around the world. Some protests have been peaceful. Others produced destruction of property and the forcible toppling of

statues connected with Civil War or racial themes. The U.S. constitution generally does not allow the use of federal troops to put down civil unrest unless a state requests assistance. Nevertheless, multiple states found that federal agents were dispatched to BLM protest sites without their governor's prior knowledge.

Some see the BLM movement's demands as simultaneously expansive and vague. Efforts to admit and root out systemic racism in America has received many statements of support on corporate websites and from white citizens who joined the marches. The movement has also been vilified by some as an anarchist movement backed by *Marxists*, a common trope used in the U.S. since the early twentieth century to silence those seeking social reform. It is uncertain whether the BLM movement will ultimately diminish or serve to intensify racial tensions in the U.S. While corporations have activated public relations campaigns in support of racial justice, corporate programs that require whites to admit their *racism* (Rufo, 2020) and social media memes that label white characters as deplorable *Karen's* or *Ken's* might further embolden behaviors that are uncondusive to social cohesion. I live in a small city with a population just over 100,000. In early August 2020 I was taken aback to witness a man in exaggerated black face driving a noisy trike up and down the boulevard in front of the town's largest, but barely hanging on, shopping center. I have no doubt this behavior was intended as an answer to the BLM movement, undertaken just to show he could get away with it.

While the disproportionate loss of life among what have traditionally been called *minority citizens* in the U.S. provides a recognizable link between ongoing health, political, and social justice issues, the COVID-19 disease has been not so much a cause for protests as an opportune opening for expression of repressed outrage over longstanding issues that cannot be addressed as isolated problems. The 2019 French *mouvement des gilet jaunes* (Yellow Jacket Movement) and the protests in Brazil and Hong Kong in recent months reflect a growing sentiment around the globe

that traditional corporate and government structures are not aligned with citizen concerns. Over the last two years, I have been looking at how it is that labor and collectivist perspectives in the U.S. came to be suppressed. The dominant educational narratives in accounting and business programs overwhelmingly rely on formulas and economic efficiency concepts that treat human beings as abstract *factors of production*. Overtime compensation schemes and standard cost methods are presented in accounting textbooks with no mention of the early conflicts and struggles in the development of these techniques. Few college students or faculty have taken American history classes and likely do not know that federal troops were also dispatched to labor protest sites in the late 1800s without state request just as they were during the 2020 BLM protests. In the run up to World War I, *Red Baiting*—labelling citizens as friendly to socialist causes—was used to silence those opposed to war. Modern business education upholds Frederick Taylor's (1911) rhetoric that there is only *one best way*, a system based on ever increasing efficiency to support shareholder value. Seemingly rooted in 'science', techniques that are not nearly as neutral as they seem are used to justify blue collar layoffs and continuous electronic surveillance of white-collar workers.

The disinformation and conflict surrounding the COVID-19 crisis mirrors conditions in the late nineteenth and early twentieth centuries, a time frame when income inequality levels were similar to those seen in modern advanced economies and laborers were actively resisting encroachment of Taylorism on worker autonomy. Eventually those unfairly referred to as *losers* in the prevailing system begin to recognize the *efficiency* story being told in the modern business academy implies that technology and capital are important while human beings are disposable, purchased at the lowest possible cost to run the tools and to create economies of scale that will ultimately leave only a handful of the most highly trained, socially connected, and competitive cogs in *winners'* seats. While there is some truth in the *laissez-faire* story that technological disruptions may lead to offshoot industries, little is said about the

other side of the coin—if the primary goal of every business is to reduce human labor, who will buy the company's products and services? Business schools' accrediting bodies establish seemingly objective criteria to be used in assessing the *quality* of their affiliates. Issues emphasized by accreditors change every few years, with a current focus on Data Analytics. Data Analytics is presented as a neutral technology that allows businesses to make *better decisions*. Still, less than transparent algorithms can also hide the rubrics that discriminate against those not living in the *right* neighborhood, hiding the invisible role pseudo-scientific rubrics play in social justice issues.

To break down a boundary, you first have to admit it is there and stop shoring up its foundations. The COVID-19 crisis has made social boundaries more apparent. Historically, accounting and business faculty have not been very adept at recognizing the role of legal boundaries in creating and upholding social inequities. The dominant accounting conceptual frameworks used in the U.S. and international community claim that entity boundaries are fixed by law and consequently *self-evident*. When accounting authorities and academics refuse to question the purposes behind conventional entity border lines, they implicitly legitimate tax and legal departments whose primary purpose is to exploit boundaries that minimize or eliminate the corporate tax burden.

Conventional political rhetoric paints America as the land of equality and opportunity. The lived experience is that opportunities are more open to some than to others. The American ideal is one of *free speech*, but managers have virtually unlimited discretion to fire those who make statements on social media that harm the corporate image. *Academic freedom* allows faculty the right to choose their own research projects. This freedom means very little when academic departments adopt journal lists that reward faculty for playing a highly competitive game of publishing in venues with narrowly defined boundaries for what is admissible to discourse. The majority of highly rated journals provide limited opportunities for normative or inter-disciplinary

conversations that would examine the foundational assumptions that underlie social practices. It is easy to issue a press release saying 'we value diversity', but it has a hollow sound as long as the prevailing culture views '*competition*' between individuals and groups as a cultural ideal and actively portrays '*cooperation*' as a betrayal of the '*American-Way*'.

## References

---

Rufo, C. (2020, July 9). *When 'diversity training' is all about feeding racism*. New York Post. <https://nypost.com/2020/07/09/when-diversity-training-is-all-about-feeding-racism/>

Sachs, J. (2020, April 12). *Why the US has the world's highest number of COVID-19 deaths*. CNN. <https://www.cnn.com/2020/04/12/opinions/coronavirus-us-death-toll-trump-sachs-opinion/index.html>

Spocchia, G. (2020, April 9). *Bill O'Reilly says coronavirus victims 'were on last legs anyway.'* The Independent. <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/coronavirus-deaths-bill-oreilly-cases-update-fox-news-covid-19-a9457481.html>

Taylor, F. W. (1911). *The principles of scientific management*. Harper & Brothers.



# Un effet paradoxal du confinement

---

**AUTEUR:**

Laurent Bibard

---

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: UN EFFET PARADOXAL DU CONFINEMENT**

Ceux pour qui le confinement a été une occasion de prise de distance ont vécu un surprenant paradoxe. Le retrait dans la vie familiale obligatoire a été l'occasion d'une réflexion fondamentale sur le bien commun, sur l'évolution du climat, sur le sens de la vie économique mondialisée, bref, sur la chose publique, sur la « res-publique » au sens original du terme. Nous examinons quelques enjeux essentiels de cette observation.

---

**ENGLISH ABSTRACT: A PARADOXICAL EFFECT OF CONTAINMENT**

Those for whom the lockdown has been an occasion for taking a step back experienced a paradox. Retiring in the private life has been an opportunity to question the notion of common good, to take care of the climate crisis, to question the economic life goals – in short, to wonder about the common goals, the “res-publica”. We dig more into this observation and some related stakes.



# Un effet paradoxal du confinement

Ceux pour qui le confinement a été une occasion de prise de distance ont vécu un surprenant paradoxe. Le retrait dans la vie familiale obligatoire a été l'occasion d'une réflexion fondamentale sur le bien commun, sur l'évolution du climat, sur le sens de la vie économique mondialisée, bref, sur la chose publique, sur la « res-publique » au sens originaire du terme.

Ce qui est encore plus frappant, est que la chose publique que l'on a dû quitter pendant le confinement, et dont on peut se demander quand nous la retrouverons telle quelle – peut-être fondamentalement changée, mais demeurant « chose publique » – cette chose ou vie publique qu'était celle de l'économie mondialisée avant la crise du coronavirus avait en fait, et pour certains contre toute attente tout d'une vie privée généralisée. L'on a bien plus fondamentalement que jusque-là pris conscience alors du caractère sauvage, effréné, de la recherche de biens privés ou de « profit » propre au monde capitaliste – technocapitaliste dirait Renaud Vignes – contemporain. Nombreux sont ceux qui ne veulent plus de ce monde, un monde indifférent au bien commun, au sens du travail et de la vie économique, un monde fait pour le profit et par la finance, un monde qui œuvre inconsciemment et en tout cas avec une relative indifférence à la destruction de la Terre où l'humanité est devenue possible.

Le paradoxe révélateur est ainsi qu'il a fallu que nous nous retirions dans nos pénates, dans nos vies privées, souvent familiales, pour nous apercevoir que la vie publique était devenue une vie inféodée au profit privé d'entreprises privées – quelle que soit leur taille, leur histoire, et la mission qu'elles se donnent.

Ceci est d'autant plus vrai, que la puissance publique comme telle – en règle générale représentée et exercée par les États – était devenue significativement plus

faible que celle de bien des entreprises en particulier multinationales, et en tout cas que la vie économique mondialisée tout court. Il suffit de songer aux paradis fiscaux pour se convaincre de l'inanité des actions publiques comme telles. Et là encore, car c'est du même phénomène qu'il s'agit, il a fallu le confinement consenti par des milliards de citoyens tous pays confondus, pour que la puissance publique comme telle, dûment représentée par la puissance policière si ce n'est militaire, reprenne ses droits. Autrement dit, parce qu'elle a été une crise sanitaire fulgurante, la crise du coronavirus a fait place à la réémergence d'une puissance publique qui disparaissait jusque là sous la déferlante mondialisée d'une idéologie libérale capitaliste jouissant d'un monopole total, à quelques exceptions près.

C'est au cœur de notre retrait mondial sur nos vies privées que nous avons été amenés à redécouvrir le caractère public de la vie en commun des femmes et des hommes. Que faut-il déduire de ce surprenant paradoxe ?

Pour y répondre, il faut retourner aux racines de la pensée politique moderne qui est la nôtre. Il faut retourner à la révolution de la pensée politique qui est le fait des humanistes européens de la Renaissance et après. L'on ne comprend bien notre situation, caractérisée depuis l'effondrement du bloc soviétique par le monopole idéologique du capitalisme néo-libéral financiarisé qu'est le nôtre (le cas de la Chine étant celui d'un communisme tout relatif), que si l'on retourne aux fondements de la science politique moderne, établis par le philosophe anglais Thomas Hobbes, immédiatement suivi par son compatriote John Locke.

Pour aller à l'essentiel, il faut retenir que pour des raisons méthodologiques, Hobbes suppose l'existence

d'une humanité pré-politique ou pré-étatique, qu'il appelle l'« état naturel » des humains. Cette existence pré-politique est constituée d'interactions tôt ou tard violentes, entre des individus tous égaux entre eux, libres, et calculateurs de leurs intérêts. Ceci, indépendamment de leur corps, c'est-à-dire de leur sexe, de leur âge, et de leur origine ethnique. Les interactions entre les humains pré-politiques sont violentes car elles sont motivées par les besoins et les désirs, par la peur de ne pouvoir y satisfaire, dans un contexte où les ressources sont structurellement rares eu égard aux besoins et aux désirs, et donc où la lutte pour l'appropriation des biens est constante. On se croirait en pleine mondialisation.

Hobbes établit sa nouvelle conception de l'humanité – qui est désormais le plus souvent à notre insu la nôtre, et qui revient si l'on y fait bien attention à strictement comprendre l'humain comme un agent économique – en vue de fonder définitivement la légitimité du pouvoir politique ou de la puissance publique, au travers de ce qu'il appelle le « contrat social ». En effet, les humains sont assez intelligents dit-il, pour se rendre compte que passer sa vie à lutter pour vivre voire survivre est assez peu intéressant et sans cesse source de crainte, et qu'il serait bien plus commode qu'il existe une entité dont la mission soit précisément d'assurer la paix et la sécurité civiles. Cette entité s'appelle l'État, créé du fait des vœux de tous. A partir de leur fondation par l'entremise d'un « contrat social » dit Hobbes, les États sont absolument légitimes car ils sont une émanation de ce que Rousseau appellera plus tard la « volonté générale ». Ils sont définitivement incontestables, ce qui interdit a priori dit Hobbes toute guerre civile car cela interdit le bien-fondé ou la légitimité de toute contestation. Hobbes pense, avec son artifice méthodologique, avoir solidement établi les bases de la sécurité et de la paix civiles que nous cherchons toutes et tous.

Le sort a cependant voulu qu'immédiatement après Hobbes, le grand John Locke vienne libérer les agents économiques de leur inféodation à l'État, car il dit – dans un horizon strictement « hobbesien »

certaines – que l'essentiel de la mission de l'État est de garantir que chacune et chacun puisse jouir de la manifestation objective de son irréductible individualité qu'est sa propriété privée. Mais il ajoute, et c'est une deuxième révolution dans la révolution de la pensée politique qu'opère Hobbes, que si l'État ne remplit pas correctement sa mission, alors les individus sont fondés à s'insurger contre lui et à le renverser. Car ce qui compte dans la vie collective n'est pas son caractère collectif, mais le fait que la puissance publique est au service des intérêts privés des citoyens du moment qu'ils ne sont pas des criminels.

A partir de Locke, la pensée politique moderne se « tend » entre deux pôles extrêmes qui vont faire perdre le bon sens à tout le monde. Soit l'on se tient dans un horizon disons « souverainiste » radical, qui accorde à la puissance publique tous les droits – dont celui d'user de la violence pour s'imposer soit l'on se tient dans l'horizon ultra-libéral voire anarchiste d'une haine de la puissance publique ou d'un mépris fondamental pour elle, qui fait que toute « valeur » est désormais le strict fait d'individus ou d'institutions à vocation exclusivement privée. Réduction de toute vie privée à son caractère « public » quitte à imposer cela par la violence d'un côté – justifiant tous les totalitarismes – ou de l'autre exaltation de la vie privée comme telle sans autre but qu'elle-même et son infinie maximisation de profit libre de toute contrainte ou limite. Hormis le cas particulier de certains des pays issus du bloc soviétique, l'économie mondialisée qu'est la nôtre depuis l'effondrement du mur de Berlin est le fait de l'ultra-libéralisme que nous avons connu.

Il est plus qu'intéressant, il est déterminant, d'observer que la pensée politique qui devient « classique » du fait de l'opposition de Hobbes, affirme que la première relation humaine à partir de laquelle se fonde toute vie collective ou « politique » au meilleur sens du terme, c'est-à-dire concernant le caractère commun du bien, tient de la vie familiale. Il est plus que suggestif qu'il ait fallu une crise sanitaire mondiale, pour que les consommateurs effrénés que nous sommes devenus reprennent conscience, en acceptant l'exercice d'une autorité imposée par la force, donc depuis notre



« confinement », de la nécessité d'une pensée politique comme telle, c'est-à-dire s'interrogeant à nouveau – parfois de manière angoissée tant cela semble intempestif eu égard à des questions aussi urgentes que celle du climat – sur le sens de toute vie collective et donc de la « chose publique » ou de la république comme telle. Pour celles et ceux qui ont eu la chance que le confinement soit un temps de prise de recul, le caractère familial ou privé de la vie a été l'occasion de redécouvrir le sens du lien, des relations, du bien commun de la vie des femmes et des hommes. Au fond, de reprendre contact avec certains aspects que la pensée classique, avec bon sens, avait mis en avant comme étant le fondement de toute vie collective.

Le paradoxe essentiel du confinement est bien que, en nous reléguant à nos affaires personnelles et privées, il nous ait fait redécouvrir le sens de la vie publique comme telle, au détriment d'une conception de l'humanité qui avait fait entre-temps de nous strictement des agents économiques en guerre les uns contre les autres.



**Charlotte, la Border Collie qui a apaisé nos cœurs  
emmurés!**

Soumis par : Anne-Emmanuelle Lejeune  
Crédit : André Ceulenaere

# There was a time in which...

---

**AUTHOR:**

Fábio Henrique Ferreira  
de Albuquerque

---

**ENGLISH ABSTRACT: THERE WAS A TIME IN WHICH...**

“There was a time in which” is basically a poem about this moment, with a skeptical view of humanity and the period we have been living lately.

---

**RESUMO EM PORTUGUÊS: HOUE UM TEMPO EM QUE...**

“Houve uma época em que” é basicamente um poema sobre este momento, com uma visão cética da humanidade e do tempo em que vivemos.





# There was a time in which...

There was a time in which  
Nature was getting sick  
People were full of rage  
Science to be unbelieved  
Philosophy a waste of time  
Differences to be ignored  
Stupidity in the spotlight

There was a time in which  
Everybody seemed to be lost  
Dreams seemed to be dead  
Humanity had no kindness  
Kindness sounded useless  
Future was full of uncertainties  
Nonsenses in everywhere

There was a time in which  
Speeches were hateful  
Opinions were extremes  
Voters were sceptical  
Democracies under threat  
Power above all  
Leaders a word to avoid

There was a time in which  
Poetries were a silly thing  
Books a thing to forget  
Realities the shows to watch  
Fakes the news to read  
Morality seemed false  
Artists to be diabolised

There was a time in which  
Companies had struggled  
Investors were afraid  
Revenues were reduced  
Assets were impaired  
Provisions were recognised  
Concerns about ongoing

There was a time in which  
Coronavirus had spread  
Cure didn't exist  
Medicine neither  
Vaccine the last hope  
Hope the one that resisted  
In that time we wished

# COVID-19 / Soutien

**AUTEURS:**

Maude Bouchard,  
Sylvie Pouliot

**RÉSUMÉ FRANÇAIS: COVID-19 / SOUTIEN**

Affiche expressive, de format imprimé 24 x 36 pouces, inspirée de l'action quelque peu controversée de La Prestation canadienne d'urgence (PCU). Cette aide financière de 2000\$ par mois pour une durée de 28 semaines a été versée par le gouvernement fédéral aux Canadiens qui ne pouvaient pas travailler à cause des restrictions engendrées par la pandémie de la COVID-19.

Le côté lumineux de l'affiche telle une lumière au bout du tunnel symbolise l'aspect positif pour les gens qui, sans cette prestation, ne pourraient subvenir à leurs besoins essentiels. La noirceur et l'accumulation de chiffres qui s'écoulent telle une matrice sans fin évoquent la crainte chez certaines personnes et politiciens des abus, du manque de contrôle et de l'endettement exponentiel du gouvernement fédéral canadien. Le masque porte une double signification. En premier lieu, il désigne de par sa luminosité un symbole de protection (financière) positive pour l'individu et la société en besoin. En deuxième lieu, un aspect négatif est pressenti puisque le masque semble dissimuler en arrière-plan certaines informations, chiffres et dépenses.

**ENGLISH ABSTRACT: COVID-19 / ASSISTANCE**

This expressive poster (printed format 24 x 36 in) was inspired by the somewhat controversial Canada Emergency Response Benefit (CERB). This financial assistance of \$2,000 per month for 28 weeks was provided by the federal government to Canadians who could not work because of the restrictions caused by the COVID-19 pandemic.

The bright side of the poster, like a light at the end of the tunnel, symbolizes the positive aspect for people who, without this benefit, would not be able to meet their basic needs. The darkness and the accumulation of numbers that flow like an endless matrix evoke the fear of some citizens and politicians of the abuses, the lack of control and the exponential debt of the Canadian federal government. The mask conveys a double meaning. First, its brightness is a positive symbol of protection for the individual and society. Secondly, a negative aspect is presumed since the mask seems to hide certain information and expenditures in the background.



# COVID-19 / Soutien

Cette affiche expressive, de format imprimé 24 x 36 pouces, a été conçue dans le cadre de l'appel à contributions Ouvrir les frontières. Les auteures Maude Bouchard et Sylvie Pouliot ont réalisé ce projet dans le cadre de leurs activités de recherche-crédation reliées à l'atelier Dir (design impliqué et responsable) de l'Université Laval, dont elles sont cofondatrices.

Leurs orientations étant le design graphique à caractère social, ce projet fut une opportunité d'exprimer par l'affiche et de garder une trace d'un aspect financier engendré par la pandémie de la COVID-19.

Cette affiche a été inspirée de l'action quelque peu controversée de La Prestation canadienne d'urgence (PCU). Cette aide financière de 2000\$ par mois pour une durée de 28 semaines, du 15 mars au 3 octobre 2020, a été versée par le gouvernement fédéral aux Canadiens qui ne pouvaient pas travailler à cause des restrictions engendrées par la pandémie de la COVID-19. Le concept de cette affiche se veut un témoignage du ressenti de la population face à cette aide financière.

Le côté lumineux de l'affiche telle une lumière au bout du tunnel symbolise l'aspect positif pour les gens qui, sans cette prestation, ne pourraient subvenir à leurs besoins essentiels. La noirceur et l'accumulation de chiffres qui s'écoulent telle une matrice sans fin évoquent la crainte chez certaines personnes et politiciens des abus, du manque de contrôle et de l'endettement exponentiel du gouvernement fédéral canadien. Le masque porte une double signification. En premier lieu, il désigne de par sa luminosité un symbole de protection (financière) positive pour l'individu et la société en besoin. En deuxième lieu, un aspect négatif est pressenti puisque le masque semble dissimuler en arrière-plan certaines informations, chiffres et dépenses.









Realizando actividades diferentes durante la pandemia

Presentado por: Ruth Alejandra Patiño Jacinto  
Crédito: Ruth Alejandra Patiño Jacinto





# Participantes

Fotos y biografías (en orden alfabético por primer nombre)

Photos and bios (in alphabetical order by first name)

Photos et biographies (présentées par ordre alphabétique)

Fotos e biografias (em ordem alfabética pelo primeiro nome)



# équipe éditorial rédaction équipe éditorial



**Cheryl Lehman**

## EDITOR

Cheryl R. Lehman, PhD is considered an innovator in her field, researching and teaching interdisciplinary accounting for over 4 decades. Exploring knowledge creation, global policy, class, race and diversity she remains on the forefront of unconventionality as part of the critical accounting project for thinking differently and aspiring for change.

Contact: [cheryl.r.lehman@hofstra.edu](mailto:cheryl.r.lehman@hofstra.edu)



**Diane-Laure Arjaliès**

## EDITOR

Diane-Laure Arjaliès is an Associate Professor at the Ivey Business School, Western University (Canada). She aims to push the boundaries of knowledge and practice by investigating how the fashioning of new devices and collective actions can help transform financial markets towards sustainability. She is currently working on a conservation impact bond that includes both Indigenous and Western forms of knowledge.

Contact: [darjalies@ivey.ca](mailto:darjalies@ivey.ca)



**Greg Stoner**

## EDITOR

Greg Stoner is an accounting educator and researcher who works with colleagues and students to make the world a better place through accounting research and education. Based at the Adam Smith Business School, University of Glasgow, Greg is currently the Chair of the BAFA Accounting Education SIG, editor of Accounting Education, and is hoping to return to visiting fellow academics worldwide.

Contact: [Greg.Stoner@glasgow.ac.uk](mailto:Greg.Stoner@glasgow.ac.uk)



**João Paulo Resende de Lima**

## EDITOR

João Paulo Resende de Lima, estudante de doutorado pelo PPGCC FEA/USP. Tem interesse em pesquisas acerca (des) igualdade, educação e identidade. Membro do Coletivo Contábil de Inclusão e Diversidade (COLID), da Rede Latino-Americana de Pesquisa Qualitativa e Crítica em Contabilidade e do Núcleo GENERAS de Pesquisa e Extensão.

Contato: [jprlima@usp.br](mailto:jprlima@usp.br)



**Julia Bevacqua**

## PROJECT MANAGER

Julia is a doer. She is passionate about sustainable development in all forms and gets excited about any project that promotes sustainability, diversity, and equity. She holds degrees in media studies and business administration from Western University and the Ivey Business School. She is currently completing her masters in planning at Ryerson University. After she graduates, Julia hopes to build communities, neighbourhoods, and cities that are good for people and the planet.

Contact: [juliabevac@gmail.com](mailto:juliabevac@gmail.com)



**Mary Analí Vera-Colina**

## EDITORA

Mary Vera-Colina. B.A. in Accounting. Ph.D. in Economics. Associate Professor Universidad Nacional de Colombia. Director of INTERGES Research Group. Her research focuses on accounting and management of SMEs, accounting and business education, and gender studies. She is actively engaged with joint international projects (North-South), promoting diversity and inclusion. Mother, wife, daughter, sister, friend, migrant, female mentor, world explorer...

Contact: [maaveraco@unal.edu.co](mailto:maaveraco@unal.edu.co)



**Paula Andrea Navarro Pérez**

## EDITORA

Public Accountant – National University of Colombia, Master of Business Administration – Purdue University, PhD student in Management – National University of Colombia. Her research areas of interest are Corporate Finance, Accounting Education, and Cultural and Creative Industries. Currently she is working on Financing Decisions for Colombian SMEs from a behavioral perspective.

Contact: [panavarrop@libertadores.edu.co](mailto:panavarrop@libertadores.edu.co)



**Silvia Pereira de Castro Casa Nova**

---

## EDITOR

Silvia Casa Nova é mãe, professora da USP e UFMS. Co-fundadora do GENERAS. Visiting researcher na Université Laval, University of Minnesota e ISCTE-IUL. Editora associada da Accounting Education, O&S, Prospectus, Activos, RAE e RAUSP. Membro do Colid e da QRCA. Apreciadora de cachaças. Um corpo dissidente.

Contato: [silvianova@usp.br](mailto:silvianova@usp.br)



**Yves Gendron**

---

## DIRECTEUR LITTÉRAIRE

Yves Gendron est professeur de comptabilité (Université Laval). Par l'entremise de maintes études qualitatives, Yves a examiné la vie quotidienne des comptables, les processus de légitimation entourant les revendications d'expertise en comptabilité, les processus de gouvernance d'entreprise au sein de sociétés cotées et plusieurs sujets d'ordre épistémologique. Yves est actuellement co-rédacteur en chef de la revue Critical Perspectives on Accounting – et rédacteur adjoint de la revue Contemporary Accounting Research.

Contact: [yves.gendron@ctb.ulaval.ca](mailto:yves.gendron@ctb.ulaval.ca)



# equipo de apoyo **équipe** de soutien **support team** equipedde apoio



**Andrew Newton**

## TRANSLATOR & REVIEWER

Andrew is an Ivey Business School MBA graduate where he worked as a Sustainable Finance case writer. After graduating, he worked as a Senior Case Writer for Audencia Business School's new Chief Value Officer Executive MBA program.



**José Rubens Kassai**

## VIDEO EDITOR

José tem 25 anos, mora em São Paulo e é formado em Produção de Música Eletrônica. Músico desde os 15, também é tradutor e sound designer, e, mais recentemente, está experimentando com edição de vídeo.



**Chris Hansen**

## GRAPHIC DESIGNER

Chris has a diploma in *Graphic Design and Multimedia Design & Production* from Fanshawe College and has been making things look nice for over 20 years. He loves movies, video games, comics and any piece of art that gives you goose bumps.



**Lisa Peter Ross**

## GRAPHIC DESIGNER

Lisa Peter Ross, RGD is the owner and Creative Director of Hill Street Ad & Design, a graphic design and marketing firm.



**Helen Schreyer**

## REVIEWER

Helen is a daughter, sister, student, and friend. She has studied psychology and business administration, with a focus in sustainable development, social impact, and anthropology. She loves the outdoors, cooking, potlucks, and movie nights with friends and family.

# contributors contributors colaboradores creadores



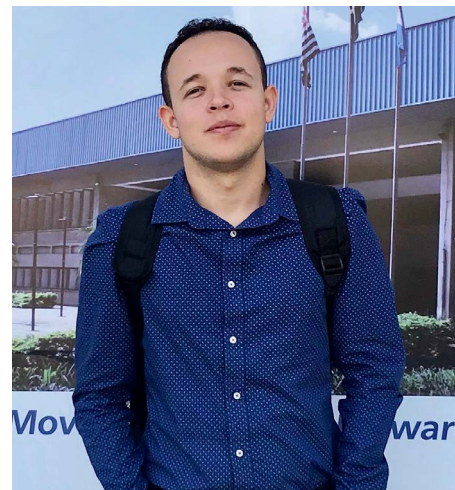
**Adebisi Adedokun**

My name is Adebisi Adedokun. I am a part-time Post Graduate Researcher in the Finance and Accounting department at University of Glasgow. My research interest is in financial innovation, specifically how to use blockchain to lower the barriers to entry into financial systems for unbanked and excluded populations around the world.



**Adrián Zicari**

Adrián Zicari es profesor en el Departamento de Contabilidad y Control de Gestión de ESSEC Business School, Paris. Su área de investigación es la medición de la sustentabilidad corporativa. Ha publicado en varias revistas académicas, entre otras: Journal of Business Ethics, Journal of Cleaner Production, Comptabilité-Contrôle-Audit.



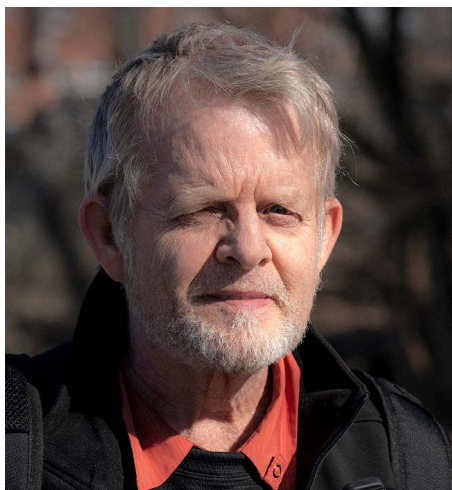
**Alann Inaldo Silva de Sá  
Bartoluzzio**

Um nordestino apaixonado por Pernambuco e pela sua cultura popular. Que acredita na luta coletiva, na participação social e no processo democrático. Também sou Doutorando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente desenvolvo pesquisas em Gestão e Finanças Públicas.



**Ameziane Ben Allak**

Doctorant chercheur de 28 ans spécialisé dans l'économie géographique à l'université de Tizi-Ouzou en Algérie, je suis passionné par l'économie, la philosophie et la littérature. Dans mes recherches se mêlent économie, géographie et plein d'autres disciplines en sciences sociales, qui donnent lieu à des analyses ainsi que des interprétations pluridisciplinaires.



**André Boucher**

André Boucher est originaire du Saguenay au Québec. Né en 1950, il vit et travaille à Montréal. Après des études en communications, il devient photographe au journal *Le Soleil* de 1974 à 1980. Il fonde le *Groupe Image*, galerie et agence de diffusion photographique sur la rue Petit-Champlain à Québec, qu'il dirige de 1978 à 1980. En octobre 2008, la publication d'un livre d'art, *Épreuves du Temps* s'accompagne d'une exposition éponyme au Centre des Arts Contemporains du Québec à Montréal. Ses œuvres ont fait l'objet d'expositions un peu partout au Québec. Elles se retrouvent parmi plusieurs collections privées et muséales.



**Anne Steinhoff**

Anne is a PhD candidate in Accounting at the University of Essex, UK. Her research concentrates on understanding and sharing the experiences of employees living with chronic illness in the workplace. To share experiences or to get in touch, please visit [www.annesteinhoff.com](http://www.annesteinhoff.com) or contact Anne via Twitter @ane\_ste.



**Anne-Emmanuelle Lejeune**

Après son agrégation obtenue en Belgique, Anne-Emmanuelle Lejeune a enseigné le français dans une école professionnelle de Molenbeek (Bruxelles) avant de devenir professeure de français langue étrangère dans des entreprises multinationales ainsi qu'à la CE. En 1999, elle immigre au Québec. C'est dans le monde de l'édition montréalaise qu'elle décroche ses premiers contrats avant de revenir à l'enseignement du français langue maternelle au secondaire dans le réseau public. Elle est aussi militante féministe.





**Annette Dutton**

Biography of Annette Dutton, B.A.,  
Gallery Founder and Artist

A visual artist of 30 years, Annette is founder/owner The Art Shak, 1992, Gallery 609, and Art Gypsies Collective 2017. She is former Visual Arts Juror, City of London Arts Council. Her biography is published in Who's Who Of American Women. She is currently continuing art studies out of Australia and the United States.



**APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil**

A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB foi criada pelo movimento indígena no Acampamento Terra Livre de 2005. A Apib é uma instância de referência nacional do movimento indígena no Brasil, criada de baixo pra cima. Ela aglutina nossas organizações regionais indígenas e nasceu com o propósito de fortalecer a união de nossos povos, a articulação entre as diferentes regiões e organizações indígenas do país, além de mobilizar os povos e organizações indígenas contra as ameaças e agressões aos direitos indígenas.



**Arezki Ait Yakoub**

Arezki AIT YAKOUB (né en 1988) doctorant chercheur en économie du développement et territoires durables à l'université de Tizi-Ouzou (Algérie). Titulaire en 2015 d'un diplôme de Master en Développement local, tourisme et valorisation du patrimoine et d'une licence monnaie, finance et banque en 2013.



**Camila Vasconcelos**

Auditora registrada no CNAI com mais de 8 anos de atuação em BigFour entre auditoria e consultoria para diagnóstico e implementação de IFRS. Doutoranda em Administração e Mestre em Controladoria e Finanças Empresariais pela Mackenzie. Bacharelado em Ciências Contábeis pela UFPE. Sócia da Andrade e Vasconcelos Consultoria Contábil e poetisa em tempo integral.



**Camilla Quental**

Camilla Quental, of Brazilian and Italian nationalities, is an Associate Professor and Researcher in Management at Audencia Business School, France. Her research involves gender, inclusion and feminism in organizations. She received a master's degree from Sciences Po Paris in 2004 and a Ph.D. in Management from HEC Paris in 2011. She has published a number of articles and chapters on these subjects, and is a member of the United Nations PRME Working Group on Gender Equality.



**Camilo Fabian Rojas Zapata**

Diseñador Gráfico, Especialista en Diseño Urbano, Magister en Territorio y Ciudad y Doctorando en Diseño. Actualmente se desempeña como profesor investigador en la Fundación Universitaria Los Libertadores, donde dirige proyectos de investigación centrados en el uso de tecnología para el diseño de productos interactivos.



**Carla Antonini**

Carla Antonini es profesora del departamento de contabilidad de la Universidad Autónoma de Madrid. Obtuvo su título de Doctor en Administración de Empresas en la Universidad de Barcelona, con la calificación de Sobresaliente Cum Laude. Antes de emprender la carrera académica, trabajo en contabilidad y auditoría en Argentina, España, China e India.



**Céline Louche**

Céline Louche is professor of Business & Society at Audencia Business School, France. Building from organizational, institutional and strategic perspectives, her research examines the interplay between business and society. It includes topics such as corporate responsibility, sustainable development, business models for sustainability and responsible finance.





**Chris Maric**

Chris Maric is musician based out of Calgary, Canada. With influences rooted in a wide variety of styles and eras, his performances are often unfiltered responses to whatever comes his way.



**Christian Vogtlin**

Christian Voegtlin is Professor of Managerial Responsibility at Audencia Business School. He received his Habilitation and his PhD in Business Administration from the University of Zurich. His main research interests are in responsible leadership and innovation, business ethics and neuroscience, and corporate social responsibility.



**Christine Marsal**

Christine Marsal, enseignante chercheuse en sciences de gestion (Université de Montpellier) Après une expérience de quelques années dans le secteur bancaire, j'ai orienté ma carrière vers l'enseignement. Mes domaines de recherche concernent la gouvernance des banques coopératives, les dispositifs de contrôle et les innovations pédagogiques. Mon principal hobby la peinture.



**Cintia Rodrigues de Oliveira**

Cintia Rodrigues. Doutorado e Pós-Doutorado em Administração pela EAESP/FGV. Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora DE 40 horas da Universidade Federal de Uberlândia. Professora Visitante da Open University, Milton Keynes, Reino Unidos. Bolsista Produtividade nível 1 do CNPQ. Interesses de pesquisa: gênero, poder, crimes corporativos em abordagens críticas de tradição pós, com metodologias qualitativas e recursos visuais.





**Claudine Bertrand**

Claudine Bertrand est une figure marquante de la poésie contemporaine. Une trentaine d'ouvrages poétiques ont été publiés au Québec et à l'étranger. Honorée de nombreux prix avec son recueil « Rouge assoiffée », elle a été nommée « Chevalière de l'Ordre de la Pléiade ». Elle anime une émission « Arts et lettres » à RVM.



**Daniel E. Martinez**

Daniel Martinez is an Associate Professor of accounting and management control at HEC Paris. His research examines accounting in international development NGOs and social movement organizations and markets for contested commodities, such as legal cannabis. He also plays guitar.



**Daniela de Oliveira**

Meu nome é Daniela de Oliveira, tenho 29 anos de idade, moro em Três de Maio, Rio Grande do Sul, Brasil. Sou funcionária pública atuando na Prefeitura Municipal de Três de Maio. Sou formada em Ciências Econômicas pela UNOPAR e também sou membro da Associação Tresmaiese de Escritores – ATMES.



**Donald MacKenzie**

Donald MacKenzie is an economic sociologist and sociologist of technology at the University of Edinburgh. His book, *Trading at the Speed of Light: How Ultrafast Algorithms are Transforming Financial Markets*, will be published by Princeton University Press in May. He is a frequent contributor to the *London Review of Books*.



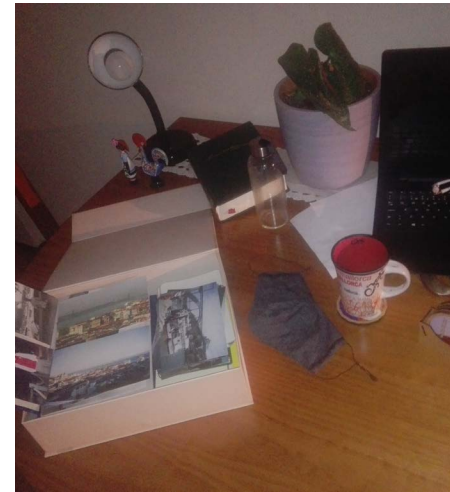
**Elisabete Pimentel**

Eu, Elisabete DR Pimentel, 57 anos, aos 45 me tornei mãe do Kauê que hoje está com 12 anos, meu maior sonho! Até lá foquei em minha clínica como neuropsicóloga, a arte sempre me acompanhou. Agora, em 2020, na pandemia, decidi me aventurar completamente nesta nova jornada da ARTE profissionalmente!



**Emma Avetisyan**

Emma Avetisyan is a full professor of Corporate Social Responsibility at Audencia Business School and Head of Pedagogy of Business and Society Department. Her research focuses on the emergence and evolution of ESG rating agencies and their role in the standardization and institutionalization of the CSR field. She has published in Journal of Business Ethics, British Journal of Management, European Management Journal and Business, Strategy & the Environment. Attuned to beauty of sunsets. Blues, yellows, greens, reds, oranges and purples.



**Fábio Henrique Ferreira de Albuquerque**

Doutorado em Ciências Económicas e Empresariais. Professor Coordenador no Lisbon Accounting and Business School (ISCAL), do Instituto Politécnico de Lisboa, onde atua como diretor do Mestrado em Contabilidade.



**Fátima Araújo**

Doutorada em Economia Financeira e Contabilidade; Professora na Universidade Lusíada Norte; Membro da Rede Portuguesa de Investigação em Contabilidade, Ordem dos Contabilistas Certificados e da Comissão da História da Contabilidade da OCC; Investigadora nos centros de investigação CEPESE da Universidade do Porto e COMEGI das Universidades Lusíada, Portugal.





**Felipe Bemol**

Compositor paulistano graduado em música popular pela UNICAMP. Já se apresentou na Argentina e por diversos cantos do Brasil tocando em Sesc's e Teatros do Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e outras tantas cidades no país. De sua discografia destacam-se os trabalhos UM SAMBA A MAIS, disco lançado em 2012 com Lê Coelho e os Urubus Malandros, disco este que contou com participações de Zeca Baleiro e Vânia Bastos, URUBUS MALANDROS, de 2017 e SANTA FE, disco solo autoral de 2016. Bemol é autor da trilha sonora original para a série de TV '13 canções', 'Para Falar de Samba' de 2019 e 'Para falar do Sertanejo' em produção.



**Francis Mapouka Mboungou**

Docteur en sciences de gestion de l'université de Nice, France. Enseignant-chercheur à l'université Marien Ngouabi à Brazzaville. De 2014 à 2015, il conduit, par un projet de la Banque Mondiale, la méthode des initiatives à résultats rapides au sein de quatre ministères au Congo.



**Geraldine S. Contreras**

Geraldine Stephania Contreras Cano, 19 años. Estudiante de Contaduría Pública de la Universidad Nacional de Colombia. Integrante Grupo de Estudios CONTOD@S. Interesada en temas de investigación acerca de educación contable y desarrollo sostenible. Participación en eventos nacionales de contaduría.



**Gilberto J. Miranda**

Gilberto José Miranda é Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (FEA/USP). É coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da UFU, editor associado da revista Education Policy Analysis Archives, bolsista do CNPq e pesquisador líder do NEPAC - Núcleo de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.





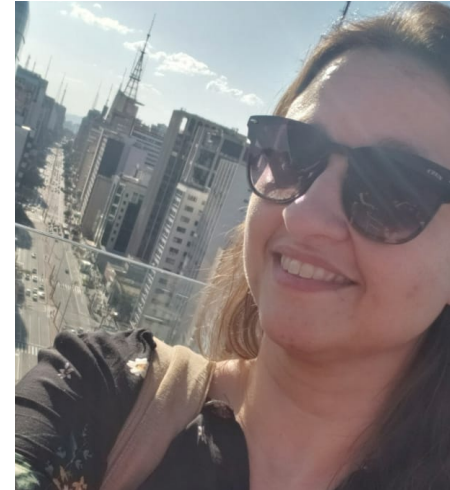
### **Guilherme Azevedo**

Gui, Associate Professor at Audencia, holds a PhD from McGill University and does research on culture, history, social innovation, and organizational nonsense. He has sailed on the Atlantic and Pacific for a few years. His first book, 'The Imaginary Empire,' proposes a cultural interpretation of Portugal as a country existing between two globalizations.



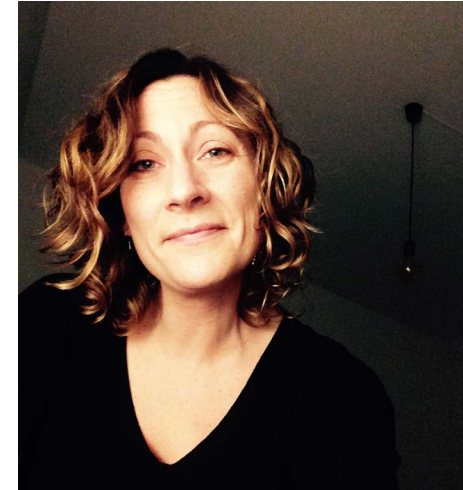
### **Iñigo Echeveste**

Ingeniero de la Universidad de Navarra y titular de un doctorado en estrategia de ESSEC Business School, Paris, donde es senior lecturer. Co-autor del libro "Les transformations digitales de l'immobilier d'entreprise" (2018).



### **Janaína Rute da Silva Dourado**

Janaína Rute da Silva Dourado é doutora e mestra em Administração focada em Finanças, Sustentabilidade e Competências pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde cursou bacharelado em Ciências Contábeis. É gestora e coordenadora de projetos-ensino superior do Centro Paula Souza. É docente, contadora, pesquisadora, palestrante. Realiza consultoria contábil e financeira. E-mail: [janaina.dourado01@etec.sp.gov.br](mailto:janaina.dourado01@etec.sp.gov.br).



### **Jennifer Goodman**

Jennifer Goodman is Associate Professor of Business and Society at Audencia Business School. Her interests lie broadly in the relationship between business, government and society, sustainability and CSR. More specifically her research projects currently focus on deliberative democracy and governance, collaborative and sustainability-oriented innovation and stigma and response strategies to plastic pollution. These and previous projects have led to publications in academic journals such as Business Ethics Quarterly, Journal of Business Ethics, Business Strategy and the Environment, and Society & Business Review.

Frustrated creative. Plant lover. Most at home in the great outdoors.



**Joice Silva Gois**

Joice Silva Gois é professora graduada em Letras – Português e Inglês pela Universidade Camilo Castelo Branco, cursou especialização em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, pós graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atuou como coordenadora do Ensino Médio na ETEC, é professora e ama seu trabalho.  
E-mail: [joice.gois@etec.sp.gov.br](mailto:joice.gois@etec.sp.gov.br)



**Jonathan E. Torres Saavedra**

Comunicador social - Periodista



**Jorge Fernández Barrera**

Artista Colombiano nacido en Bogotá el 30 de septiembre de 1993.

Desde muy pequeño Incursiono en el mundo del arte y lo cual lo ha llevado a trabajar como gestor cultural independiente. Es músico, cantante, diseñador gráfico, productor musical, ilustrador, animador y amante de la vida.



**Julián F. Sánchez-Gunturiz**

Estudiante de Contaduría Pública y Administración de Empresas en la Universidad Nacional de Colombia. Coordinador Grupo de estudio UNitarum, miembro grupos de estudio CONTOD@S y Control+Ge. Investigador junior enfocado en contabilidad estratégica, ambiental, de género, organismos de control y educación. Participación en eventos nacionales e internacionales sobre contabilidad.





### Julian Udine

Julian Udine is a visual artist based in Manila, Philippines. She is currently living through the longest government-mandated quarantine in the world. Julian uses art to process her ever-shifting understanding of human connection, disconnection, and the natural world.



### Julien Forbat

Julien Forbat possède un doctorat en interdisciplinarité de l'Université de Genève. Après un séjour postdoctoral à l'Université de Californie Irvine terminé en 2016, il a commencé à enseigner dans le domaine du développement durable. Ses domaines de recherche portent notamment sur les politiques publiques de santé environnementale en Europe et l'impact de la technologie sur le bien-être.



### Koray Caliskan

Koray Caliskan is associate professor of strategic design and management at Parsons, The New School and Associate Editor of the Journal of Cultural Economy. He received his Ph.D. with distinction from NYU, with which he won the Malcolm Kerr Social Science Award from MESA. Currently, he works on digital advertisements, and revising his book, Data Money, coming out from Columbia UP.



### Laura Dirk

Laura Dirk is a graduate of the University of Guelph Bachelor of Arts Degree with a Fine Arts major. Laura recently retired from 25 years in the Information Technology field and reconnected with her love of art. Her expressive abstract style uses vibrant colour and line incorporating figure, landscape and floral themes capturing the energy of life. Laura is interested in the juxtaposition of relational and abstract concepts with emphasis on the emergence of light. Laura's art practice includes studio painting, life drawing and en peine aire. Follow Laura on Instagram at [ldirkartist](#), Facebook at [Laura Dirk](#) and on her website at [www.ldirkartist.wordpress.com](http://www.ldirkartist.wordpress.com). Contact her at [ldirkartist@gmail.com](mailto:ldirkartist@gmail.com).





**Laurence D. Dubuc**

Laurence D. Dubuc is a Ph.D candidate and lecturer at the School of Industrial Relations of the University of Montreal. Her work focuses on precarity on the arts labour market and individual/collective/institutional strategies dedicated to the improvement of artists' working conditions.



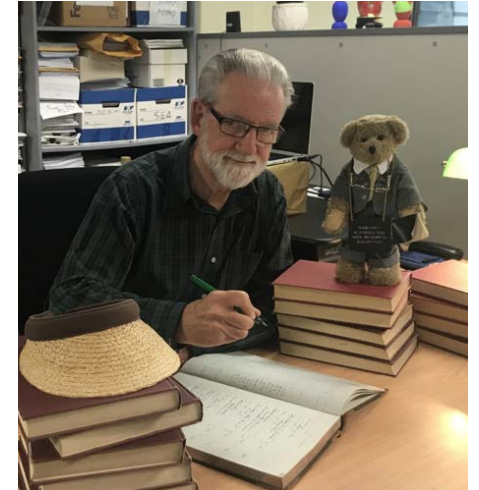
**Laurent Bibard**

Laurent Bibard est professeur à l'ESSEC, où il dirige la filière Management et philosophie. Il y enseigne la philosophie politique, la sociologie, et l'économie. Il travaille en particulier sur les dynamiques de vigilance en situation de crise. Après Complexité et organisations, Faire face aux défis de demain publié en collaboration avec Edgar Morin (2018), son dernier ouvrage s'intitule Phénoménologie des sexualités, La modernité et la question du sens (janvier 2020).



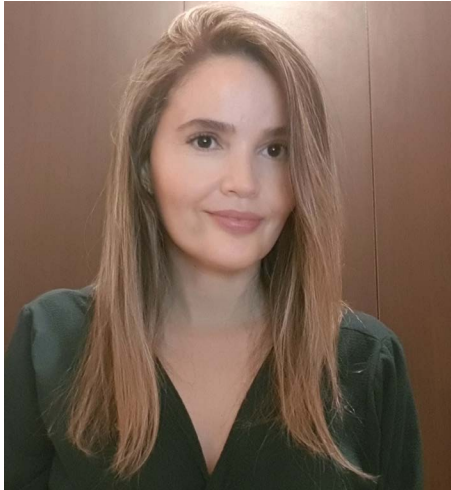
**Leanne J. Morrison**

Dr Leanne J Morrison (RMIT University, Australia) is an academic who loves thinking and writing about the connections between business, nature and people. She uses storytelling, dialogics and art to help explore these relationships in an attempt to circumvent the seemingly inevitable.



**Lee D. Parker**

Lee Parker is Distinguished Professor of Accounting at RMIT University Melbourne, and Research Professor of Accounting at Glasgow University, Scotland. His over 200 accounting and management publications have attracted over 18,000 citations. Lee is joint founding editor of the interdisciplinary Accounting Auditing & Accountability Journal.



**Letícia Gracielle Vieira Ferreira**

Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Faculdade de Gestão e Negócios FAGEN da Universidade Federal de Uberlândia UFU. Técnica-administrativa em Educação 40h da Universidade Federal do Triângulo Mineiro UFTM. Interesses de pesquisa: gênero, poder, sustentabilidade organizacional, cultura e diversidade, gestão social.



**Lisa Powell**

Dr Lisa Powell is an educator and researcher in the Department of Accounting at Monash Business School. Lisa is an innovative accounting educator who draws upon her further studies in psychology and education to incorporate interdisciplinary aspects, creativity, and design thinking into her accounting and audit courses. Lisa's research interests include equity and diversity in accounting, psychology in accounting, social and environmental justice issues, and accountability.



**Lorenzo Gelmini**

Lorenzo Gelmini was born in Novara in 1978. After studying arts and humanities, since 2007 he has been a lecturer in the field of Financial Reporting and Accounting. Currently, his elective fields of research are related to corporate social responsibility, the measurement of the (not only) economic value of companies and the definition of a model of value creation inclusive, sustainable, open, against inequalities.



**Louella J. Moore**

Dr. Louella Moore received a 2020 American Accounting Association section award for Innovation in Accounting History Education. Designated as Outstanding Accounting Educator by the Arkansas (state level) CPA society in 2009, she currently teaches at Washburn University-Topeka, Kansas USA and serves as associate editor for *Accounting Education* (Taylor & Francis).





**Ludmila Zamboni de Sá Vasconcellos**

Graduada em engenharia química, tive meu primeiro apaixonado encontro com a contabilidade em 2013 enquanto cursava pós-graduação de engenharia econômica. Decide então por um mestrado contábil em que abordei aspectos interdisciplinares de custos. Convicta do meu amor, graduei-me contadora em 2018 e hoje atuo como profissional liberal contábil e curso doutorado no PPGCC da UFRJ.



**Madeleine Navarro Mena**

Madeleine Navarro Mena, nacida en Cuba en 1968 es Licenciada en Historia del Arte por la Universidad de la Habana (1986-1991). Ha trabajado como docente de Historia del Arte Latinoamericano en el Centro de Estudios Latinoamericanos de la Universidad de Varsovia. Ha colaborado también como redactora de la Wielka encyklopedia (Grand Enciclopedia) PWN de 30 tomos en Polonia (2001-2005), asimismo ha participado como curador de dos muestras de cine documental de Cuba y Colombia en el Centrum Sztuki Współczesnej “Łaźnia” (Contemporary Art Centre Łaźnia) en Gdansk. Actualmente reside en Francia.



**Manjiri Ketkar-Maslekar**

Alumnus from TISS, India holding a MSW (MA -Social Work) with twenty five plus years of experience with NGOs, corporates, academic & international institutions. Senior soft skill faculty and “People skills trainer” for the corporate. Voice over artist, content developer, and anchored radio programmes for social causes as well as being a theatre artist.



**Marco Aurélio Batista de Sousa**

Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Maringá e em Administração pelo Centro Universitário da Grande Dourados; Mestre em Administração e Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doutor em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil.





**María Victoria Vega Montes**

María Victoria Vega Montes, 20 años. Estudiante de Contaduría Pública en Universidad Nacional de Colombia. Coordinadora Grupo de estudios CONTOD@S y miembro Grupo de estudios INTERGES. Investigadora junior en temas relacionados con contabilidad ambiental, de género y del sector público. Participación activa en varios eventos nacionales e internacionales sobre contabilidad.

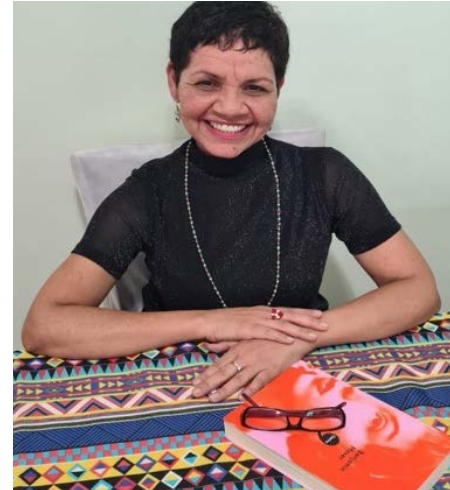


**Marie-Chloe Duval**

Originaire du Québec, Marie-Chloé Duval poursuit un cheminement aussi contrasté et audacieux que ses oeuvres. Duval découvre son intérêt pour l'art au moment où ses études supérieures en criminologie se terminent.

Avide de savoir, l'artiste participera à sa première résidence artistique à Haihatus en Finlande lors de l'hiver 2019 et à une mission de développement culturel à Paris au printemps 2019. Avec de nombreuses expositions à Montréal, Chicago, Palm Spring, San Francisco et au Québec, Duval connaît une évolution notable.

Photo crédit : Jonathan Rose



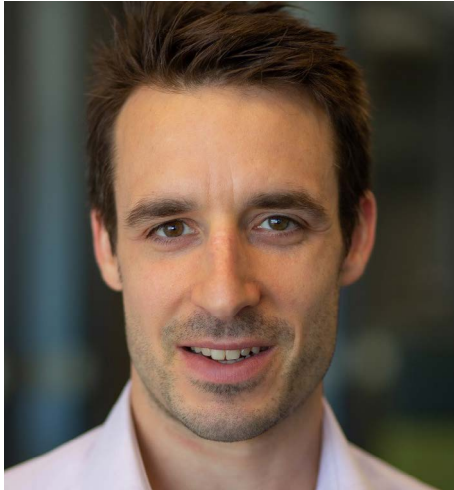
**Marilene Alves Viana**

Marilene Alves Viana nasceu no sul da Bahia, mas mora em São Paulo desde 1982. Iniciou na docência em 2001, na rede particular. Atua no Centro Paula Souza. É bacharel e licenciada em Letras-Tradutor/Intérprete-Português/Espanhol e especialista no Ensino de Espanhol para Brasileiros- PUC/SP. Realiza projetos na área da linguagem. Contato: [makviana@uol.com.br](mailto:makviana@uol.com.br).



**Matías Rojas Rodríguez**

Nace el 2 de julio de 2013 en Bogotá es el menor de 4 hermanos; es un niño alegre y curioso que le encanta la música y hacer experimentos, actualmente cursa grado primero y se destaca por sus valores e inteligencia y sobresale como el mejor estudiante de su curso.



**Mattia Anesa**

Mattia Anesa is a Lecturer in Ethics at the University of Sydney Business School. His research adopts a sociological lens to understand ethical dilemmas within organizational settings. He employs qualitative research methods to investigate the legitimization process of highly contested institutionalized practices with a particular focus on the tax domain.



**Maude Bouchard**

Maude Bouchard est professeure à l'École de design ULaval et cofondatrice de l'Atelier DIR (design impliqué et responsable). Processus de création, enjeux relatifs à l'implication, à l'impact des conceptions et responsabilité du designer graphique dans la société sont au cœur de sa pratique et de son enseignement en design graphique et design social.

Website: <https://www.design.ulaval.ca/personnel/professeurs/maude-bouchard>

E-mail: [maude.bouchard@design.ulaval.ca](mailto:maude.bouchard@design.ulaval.ca)



**Mercedes Luque-Vílchez**

Mercedes Luque Vílchez es Doctora en Ciencias Jurídicas, Económicas y Empresariales (2018, Universidad de Burgos). Actualmente trabaja como profesora Ayudante Doctora en el Área de Economía Financiera y Contabilidad de la Universidad de Córdoba. Sus intereses de investigación se centran en la divulgación de información no financiera por parte de las empresas. Ha publicado su investigación en revistas internacionales y participado en diferentes proyectos de investigación nacionales e internacionales.



**Muhammad Al Mahameed**

Muhammad Al Mahameed is an Assistant Professor in Managerial Economics and Management Accounting at Copenhagen Business School, having previously been a lecturer in Accounting, Sustainability and Refugee Entrepreneurship in the Department of Accounting at Aston University, UK. Before that he worked in investment banking, auditing and accounting firms in the UK and Syria. Muhammad is currently leading the 'RWAD' project, which is primarily designed to supply the disadvantaged Entrepreneurs (refugees) with financial and analytical skills.





**Nathalie Ruffin**

Nat has worked as an architect for over a decade. She practices naturopathic medicine, inquires about the meaning of all things, and loves watercolor drawing. She is permanently in awe of nature's beauty.



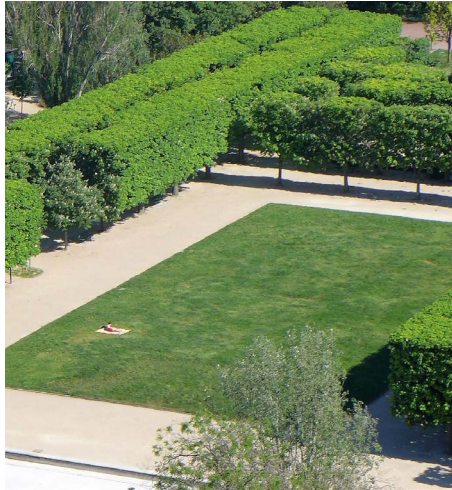
**Nicholas McGuigan**

Monash University and Co-Founder of The Accountability Institute. Nick is an award-winning educator who works as an innovator, instigator and disruptor to create future-oriented business education programs that focus on innovation, creativity and design thinking. He is the recipient of the prestigious 2019 Aspen Institute Global 'Ideas Worth Teaching' Award. Nick researches in the areas of integrated reporting, integrated thinking, diversity and social justice, learning technologies, design, systems networks and regenerative accounting, where he is a sought-after international speaker and publishes widely in top journals across the field.



**Nidia Raquel Gualdrón Cantor**

Diseñadora gráfica, profesora e investigadora, con un especial interés en la calidad de los procesos académicos relacionados con el Diseño, desde la perspectiva de su capacidad de acción y transformación para el bienestar de las personas, así como la relación de ellas con el entorno natural y artificial.



**Olivier Vidal**

Olivier Vidal est maître de conférences au CNAM (Conservatoire National des Métiers) de Paris . Il enseigne le contrôle de gestion aux étudiants qui préparent le diplôme d'expertise comptable.





**Oscar Rojas Ramirez**

Diseñador gráfico y publicista, candidato a Doctor en Diseño y creación, con estudios de especialización y maestría, con experiencia en investigación y docencia, en procesos creativos, interactivos, transmediales e hipermediales, con énfasis en procesos digitales y animación, consultor en proyectos multimedia y de e-learning.



**Pablo Gómez-Carrasco**

Pablo Gómez Carrasco es Profesor Ayudante Doctor del Departamento de Contabilidad de la Universidad Autónoma de Madrid. Su tesis doctoral obtuvo el Premio Extraordinario de Doctorado en Economía de la Empresa en el año 2016. Su investigación gira en torno a la Responsabilidad Social Corporativa, la teoría de los stakeholders y las redes sociales.



**Paolo Quattrone**

Paolo Quattrone is Professor of Accounting, Governance and Society at the Alliance Manchester Business School. Before joining AMBS, he has held chairs at the University of Edinburgh Business School and IE Business School, Madrid, and was Reader in Accounting at Saïd Business School and Official Student (Fellow) of Christ Church.



**Preethi John**

Dr Preethi John has 25 years of healthcare and development sector leadership experience. Currently Director of Chitkara Global Health Institute and also Co-Founder of Women in Global Health India and a Harvard LEAD fellowship recipient, cohort 2021. She also won the Global Change Agent of the year award from the Institute of Healthcare Improvement, USA in 2019.



**Rania Kamla**

Rania Kamla's (Professor of Accounting, Heriot-Watt University, Edinburgh) experience as a Palestinian refugee born in Syria, living and working in the UK, informs her research into alternative theoretical and empirical perspectives on accounting. By studying everyday experiences of accountants in the Middle East, she gives thought provoking perspectives on modern colonialism.



**Ruth Alejandra Patiño-Jacinto**

Ruth Alejandra Patiño Jacinto: Nació en Bogotá, es la cuarta de cuatro hermanas. Es contadora y profesora. Ama la música y la literatura, en especial la Latinoamericana, su escritora favorita es una mujer atea chilena.



**Ruth Do Carmo**

Ruth do Carmo nasceu e mora na cidade de São Paulo. É professora, psicóloga, poeta e consultora na área de linguagem. Tem quatro livros publicados entre 1981 e 2007. É bacharel e licenciada em Letras e Psicologia Clínica, especialista em Literatura Brasileira. Há 35 anos, atua no Centro Paula Souza.



**Sarah M. Hart**

Sarah M. Hart is an Assistant Professor of Special Education at the University of Hartford, Connecticut. She is a former special educator in the US and New Zealand. Her current research investigates the transition to young adulthood for individuals with significant support needs from a social justice perspective.



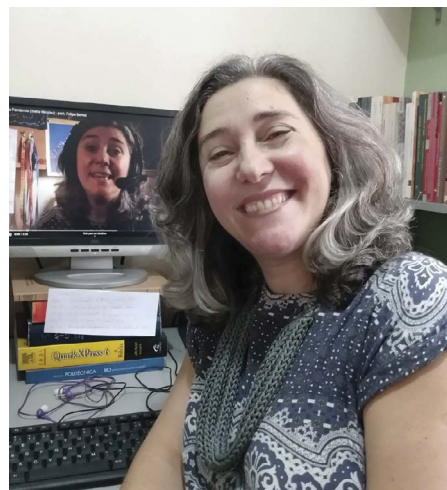
**Simon Grenier**

Après une dizaine d'années passées en consultation, Simon Grenier, Ph.D., psychologue I/O agit à titre de professeur adjoint au département de psychologie de l'Université de Montréal. Sa pratique et ses recherches portent sur le développement du leadership, la résilience, la motivation et le fonctionnement optimal des individus et des entreprises.



**Sonya Rankine**

Sonya Rankine is a Ngarrindjeri, Ngadjuri & Narungga First Nation poet from Moonta Bay, South Australia. In 2020, Sonya was accepted into the First Nation Poetry and Short Story Writing Mentoring Program with Country Arts SA and mentored by Ali Cobby Eckermann. The mentoring program reignited and inspired Sonya to continue to pursue her life as a writer.



**Stella Maris Nicolau**

Stella Maris Nicolau, terapeuta ocupacional e professora na Universidade Federal de São Paulo em Santos, São Paulo, Brasil. O distanciamento social nos obrigou a assimilar novas tecnologias e a reinventar novas formas de ensinar. Esse samba, ritmo brasileiro, aborda com bom humor o sofrimento dos professores na pandemia da COVID.



**Sylvie Pouliot**

Sylvie Pouliot est professeure retraitée depuis 2019 après 30 années d'enseignement, dont 24 ans à l'École de design de l'ULaval. Passionnée par le design graphique et les questions environnementales et sociales, elle continue ses recherches créations comme professeure associée au sein de l'atelier DIR (design impliqué et responsable) qu'elle cofonda en 2006.

Website: <https://www.design.ulaval.ca/personnel/professeurs/sylvie-pouliot>

E-mail: [sylvie.pouliot@design.ulaval.ca](mailto:sylvie.pouliot@design.ulaval.ca)





**Thainá Soares Silva**

Nascida em São Paulo – SP (Brasil), possui 19 (dezenove) anos e é técnica em contabilidade. Escreve – somente para si – desde os 12 (doze) anos e toca violão desde os 08 (oito). Se considera uma amante de leituras gerais, trocadilhos e música brasileira.



**Thierry Viale**

Thierry VIALE, 52 ans et père de quatre enfants, est professeur associé à l'ESSCA-School of Management (France). Son parcours mêle expérience académique et vie en entreprise. Il a également passé dix ans à l'étranger (Canada et Royaume Uni). Ses travaux portent sur les aspects biographiques que les individus engagent consciemment ou non dans leurs parcours professionnels notamment en situation de crise.



**Virginie Francoeur**

Virginie Francoeur mène de front un double engagement: artistique et scientifique. Poète, romancière et essayiste, elle défend avec ferveur l'importance des arts dans le milieu de la gestion. Elle détient un Ph.D en sciences de l'administration et est professeure adjointe en changement organisationnel au département de mathématiques et de génie industriel de Polytechnique Montréal.



**Yanru Zou**

Yanru Zou (邹颜孺) is a Lecturer in Accounting at University of Glasgow. Yanru is passionate about taking an anthropology approach into accounting education and accounting research. She is an art (painting and woodcut prints) amateur and a Sagittarius lady.



**Yuliya Shymko**

---

Yuliya Shymko is a full professor of Management at Audencia Business School, France and a visiting professor of Sociology at IE University, Spain. Her work has been published in various international academic journals such as Academy of Management Journal, Gender, Work & Organization, Journal of Management Education and Journal of Applied Psychology among others. Her current academic interests include relational ethics, vulnerability, alternative forms of organizing, and corporate philanthropy in cultural industries. A strong believer in existential versatility, she enjoys being a non-exemplary academic in her pursuits of meaning and fulfillment.



Registro que ilustra GRATIDÃO e ESPERANÇA em momento de DOR e RESIGNIFICAÇÃO DA VIDA

Apresentado por: Elisabete Pimentel

Crédito: Foto tirada a pedido de Elisabete Pimentel. Rostos borrados para preservar a privacidade das pessoas retratadas.





Ma bibliothèque. Se réfugier dans la littérature pour échapper à la Covid (mars 2021)

Soumis par : Virginie Francoeur  
Crédit : Virginie Francoeur





When it was possible to share and learn in the place: Yves Gendron lecturing in Bogota for the QRCA conference in October 2019, before COVID-19.

Submitted by: Mary Vera-Colina  
Credit: Mary Vera-Colina

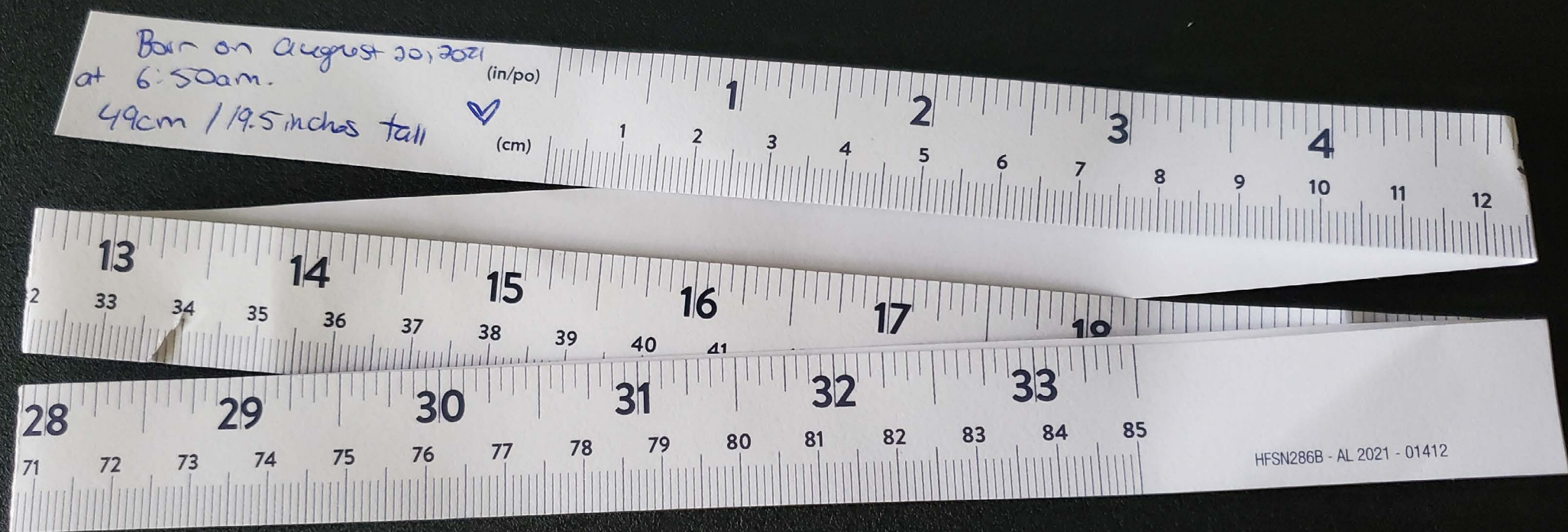




**Le Rocher-Percé me fait oublier la pandémie  
(août 2021)**

Soumis par : Virginie Francoeur  
Crédit : Virginie Francoeur





Amidst the pandemic... life arose.

Submitted by: Diane-Laure Arjaliès  
Credit: Diane-Laure Arjaliès

